6º Encontro de Extensão da UFMG

Belo Horizonte, 9 a 12 de dezembro de 2003

ANAIS

Pró-Reitoria de Extensão

Universidade Federal de Minas Gerais

Pró-Reitor de Extensão da UFMG: Edison José Corrêa
Pró-Reitora Adjunta: Maria das Dores Pimentel Nogueira Gonçalves

ANAIS DO 6º ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UFMG

Equipe:
Rosemaire Márcia Moreira Pinheiro e Neide Viana de Oliveira Araújo (Secretaria)
Patrícia Ferreira da Silva (Assessoria Administrativa)
Maria de Lourdes Brito Melo (Assessoria Acadêmica)
Alysson Massote Carvalho, Marília Barcellos Guimarães e Fátima Regina Teixeira Salles Dias (Coordenadoria de Assessoria Técnica a Programas e Projetos de Saúde e Educação)
Maria das Dores Pimentel Nogueira Gonçalves, Genilson Ribeiro Zeferino e Maria da Ajuda Barroso (Coordenadoria de Assessoria Técnica a Programas e Projetos de Meio Ambiente e Comunicação)
Edite da Penha Cunha e Eleonora Schettini Martins Cunha (Coordenadoria de Assessoria Técnica a Programas e Projetos de Trabalho, Direitos Humanos e Tecnologia)
Márcia Fonseca Rocha e Rossilene Azevedo Rossi Diana (Diretoria de Ação Cultural da UFMG)
Edição final e editoração eletrônica: Otávio Ramos (Assessoria de Comunicação)

Apoio:
Centros de Extensão de Unidades/Órgãos da UFMG

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal de Minas Gerais. 6º Encontro de Extensão (6. : 2003 :

U58a Belo Horizonte, MG).

Anais/Pró-Reitoria de Extensão, Universidade Federal de Minas Gerais . - Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2003

338 p.

1. Ensino Superior - Congressos. 1. Universidade Federal de Minas Gerais. Pró-Reitoria de Extensão. II. Título

CDD: 378
CDU: 378(063)

Elaborada pela Biblioteca Universitária da UFMG

Apresentação

O 6º Encontro de Extensão da UFMG, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão e Centros de Extensão das Unidades Acadêmicas, ocorreu no período de 9 a 12 de dezembro de 2003, no campus da Pampulha. O evento contou com seminários temáticos em saúde da família, educação infantil e empresas juniores, e mostra de pôsteres de 25 programas/projetos.

Para a composição destes Anais foram selecionados 85 trabalhos, enfeixados nas áreas temáticas de Comunicação, Cultura, Direitos Humanos, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia, e Trabalho, segundo orientação do Plano Nacional de Extensão Universitária.

Para nortear a seleção dos artigos aqui publicados, procurou-se estabelecer como eixo as diretrizes conceituais, interdependentes, de:

impacto social - ação transformadora sobre problemas sociais, contribuição à inclusão de grupos sociais, ao desenvolvimento de meios e processos de produção, inovação e transferência de conhecimento; ampliação de oportunidades educacionais e do acesso a processos formais de formação e qualificação; contribuição na formulação, implementação, acompanhamento das políticas públicas prioritárias ao desenvolvimento regional e nacional;

relação bilateral com a sociedade - interação dialógica da universidade e organizações da sociedade; desenvolvimento de parcerias institucionais;

interdisciplinaridade - caracterizada pela interação de modelos e conceitos complementares, de material analítico e de metodologia, com ações interprofissionais e interinstitucionais, buscando consistência teórica e operacional que permita a estruturação das diversas ações de extensão propostas em um programa abrangente; e

indissociabilidade ensino/pesquisa/extensão - integração da ação desenvolvida à formação técnica e cidadã do estudante e pela produção e à difusão de novo conhecimento e novas metodologias.

Operacionalmente, foi solicitada a elaboração de trabalhos completos com o mínimo de quatro e o máximo de oito laudas, ao invés de simples resumos. Os 85 artigos a seguir refletem, em parte, a multiplicidade da produção da extensão universitária na Universidade Federal de Minas Gerais.

Pró-Reitoria de Extensão

ÍNDICE

Área Temática: Comunicação

Área Temática: Cultura

Área Temática: Direitos Humanos

Área Temática: Educação

Área Temática: Meio Ambiente

Área Temática: Saúde

Área Temática: Tecnologia

Área Temática: Trabalho

PROJETO DE COMUNICAÇÃO

Marcos Antonio Nicacio, José Eduardo Borges Moreira e Adson Eduardo Resende[1], Valdir de Castro Oliveira[2], Gilberto Corrêa[3], Simone Ribeiro de Melo e Alma Elsy Orbelina Meléndez Coreas[4].

Introdução

O Programa de Educação Ambiental em Caparaó, iniciado em 1985, obteve o apoio da Fundação W.K. Kellogg para o Projeto Educação Ambiental em Caparaó – proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem, no período de 1999 a 2003, visando propiciar ações na Área da Comunicação, interagindo com as outras áreas do Projeto - educação, saúde, meio ambiente, trabalho, cultura - em um trabalho social.

Objetivos

O desenvolvimento de uma mídia comunitária em Caparaó/MG e Alto Caparaó/MG nasceu da visita técnica dos professores Adson Eduardo Resende e José Eduardo Borges Moreira ao Projeto Esmeraldas - Equador, participante da Iniciativa Comunidade de Aprendizagem.

Metodologia

A construção da mídia comunitária deu-se primeiramente através do Jornal Comunidade de Aprendizagem, ao procurar: estabelecer conexões internas aos municípios de Caparaó e Alto Caparaó, através de uma rede de comunicação e cooperação comunitária; contribuir para a melhoria da compreensão das questões e/ou problemáticas presentes nas comunidades, como a contaminação das águas, memória-histórica, Museu Território: estabelecer um canal democrático de discussão que mantenha a motivação e interesse das comunidades nas áreas de saúde, educação, meio ambiente, cultura, trabalho para que levem adiante uma proposta de desenvolvimento comunitário e de construção de uma comunidade de aprendizagem; apoiar e divulgar ações que envolvam questões de educação, lazer e cidadania; divulgar informações para a construção de conhecimento, estabelecendo uma comunicação orientada e freqüente com as comunidades; promover uma maior proximidade entre os indivíduos e possibilitando ações coesas e eficientes; registrar e divulgar as ações e resultados dos projetos desenvolvidos; atuar na construção de uma identidade do projeto; gerar conhecimentos e referências para ações e mudanças de atitudes e mentalidades; auxiliar as comunidades no estabelecimento de relações e interações através do diálogo livre entre os sujeitos, através do qual o conhecimento será construído e reelaborado nos próprios contextos da comunidade; gerar e manter vínculos entre os movimentos e seus públicos, por meio do reconhecimento da existência e importância de cada um, bem como do compartilhamento de sentidos e valores. Nessa perspectiva foi fundamental estabelecer uma convivência intensa com a comunidade, estabelecendo canais de comunicação para conhecer suas verdadeiras necessidades e enfatizar a importância da interação entre ambas as partes. Isto é, integrar-se totalmente a seu cotidiano por meio da observação participativa; e assim apreender o modo como a comunidade fazia a leitura das informações e mensagens a que tinham acesso. Foram realizadas entrevistas com pessoas de segmentos diversos nos municípios, tais como educação, saúde, comércio e igrejas para estabelecer o perfil dos futuros leitores do jornal; identificação de futuros colaboradores; estabelecimento de parcerias com escolas, órgãos públicos municipais e federais e associações; realização de pesquisa junto à população para a determinação do conteúdo da publicação e na forma como a questão da comunicação seria trabalhada nos municípios: realização de estudos sobre a comunicação comunitária, bem como dos veículos impressos a que a população tinha acesso; a partir da compreensão destas questões, desenvolveu-se a mídia comunitária como forma de expressão, melhoria de relacionamentos e mobilização social, através do acesso democrático ao meio, abrindo a possibilidade de reafirmação de identidades e a construção de um espaço público local.

---

[1]Coordenadores, [2]docente, [3]técncio e [4]bolsistas (Programa de Bolsas de Extensão/PROEX)
Programa de Educação Ambiental em Caparaó e a proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem
Número de Registro SiexBrasil: 4208
Área Temática: Comunicação
Colégio Técnico do Centro Pedagógico e Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Contatos: proj-caparao@coltec.ufmg e (31) 3499-4962

A implantação da área de comunicação comunitária nos municípios por meio de um veículo impresso (jornal), apesar da existência das rádios comunitárias, envolveu ainda um sistemático trabalho de conscientização para o reconhecimento por parte das comunidades envolvidas da importância dos meios de comunicação na contribuição do desenvolvimento social cultural e político da região. Fomentou-se então um grupo de jovens, no caso revelaram-se os mesmos que formam hoje o Grupo IGAPARA, e foram então desenvolvidas ações de capacitação para que pudessem se tornar "comunicadores" locais; oferecendo: oficinas de capacitação (que envolveram profissionais locais e do entorno) visitas técnicas; elaboração do projeto gráfico e editorial do Jornal Comunidade de Aprendizagem; entre outras.

Resultados e Discussão

Os municípios de Caparaó e Alto Caparaó apresentam uma característica peculiar aos municípios de pequeno porte: não possuem bancas de jornal e as interações comunicativas processam-se por meio dos alto-falantes, das rádios, do boca a boca e dos carros de som, que neste caso se configuram como instâncias primárias de comunicação. O termo comunicação tem origem no latim: communicare, que significa "pôr em comum", e como um processo social, está associada à idéia de interação; é um processo dinâmico. Nesses municípios observa-se um padrão de comunicação "rural", que, segundo Bordenave (1988), se relaciona com o fato de "a população rural concentrar suas atividades e seu comportamento ao redor de uma atividade toda especial, complexa e marcante que é a agricultura. As comunidades resultantes da ocupação agrícola e do hábitat rural pensam, sentem e agem de maneira diferente da dos habitantes das cidades, comunicando-se também através de códigos e meios próprios". Portanto, optou-se por trabalhar a área de comunicação de forma gradativa e levando em consideração o "ritmo" da comunidade.

Produtos Gerados

Jornal Comunidade de Aprendizagem, ano 0, nº 01, 08 páginas, setembro 2001; Belo Horizonte/MG. - Jornal Comunidade de Aprendizagem, ano 0, nº 02, 12 páginas, novembro 2001; Belo Horizonte/MG. - Jornal Comunidade de Aprendizagem, ano 0, edição especial "Biblioteca Pública Municipal de Caparaó", 04 páginas, dezembro 2001; Belo Horizonte/MG. - Jornal Comunidade de Aprendizagem, ano 0, edição especial "Biblioteca Pública Municipal de Alto Caparaó", 04 páginas, dezembro 2001; Belo Horizonte/MG. - Jornal Comunidade de Aprendizagem, ano 1, nº 03, 12 páginas, Maio 2002; Belo Horizonte/MG. - Jornal Comunidade de Aprendizagem, ano 1, nº 4, 12 páginas, julho 2002; Belo Horizonte/MG. - Jornal Comunidade de Aprendizagem, ano 1, edição especial "III Módulo do Curso de Aperfeiçoamento em Caparaó", 12 páginas, outubro 2002; Belo Horizonte/MG. - Jornal Comunidade de Aprendizagem, ano 1, edição especial "III Módulo do Curso de Aperfeiçoamento em Caparaó", 12 páginas, outubro 2002; Belo Horizonte/MG. - Trabalho completo: "Jornal Comunidade de Aprendizagem: implementação de uma mídia comunitária nos municípios de Caparaó e Alto Caparaó", MOREIRA, J.E., OLIVEIRA, V.C., MELENDEZ, A.E.O., MELO, S.R., CD-Room do 1º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária; João Pessoa/PB, novembro 2002. - Apostila: "Oficina de Rádio Comunitária", Fafich/UFMG, fevereiro 2003, 46 páginas; Belo Horizonte/MG, 2003 - Painel: "Jornal Comunidade de Aprendizagem: implementação de uma mídia comunitária nos municípios de Caparaó e Alto Caparaó", 1º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária; João Pessoa/PB, novembro 2002. - Oficina: "Introdução às Práticas de Jornalismo Comunitário", 31/07 e de 07 a 08/08/2001, 20 horas aula, professoras Alma Elsy Meléndez e Simone Ribeiro de Melo, 20 alunos. Oficina: "Formação e Capacitação em Jornalismo Comunitário", janeiro 2002, Belo Horizonte/MG, professores Valdir de Castro Oliveira, Adriana Horta Machado, Alma Elsy Meléndez Coreas e Simone Ribeiro de Melo, 12 horas/aula; 10 alunos. - Oficina: "Radiojornalismo Comunitário", Caparaó/MG, 15 e 16/02/2003, 09 horas/aula; 22 alunos, professores Valdir de Castro Oliveira e Gilberto Corrêa. - COREAS, A.E.M.; "O espaço público nas ondas do rádio em contextos locais: a experiência dos municípios de Caparaó e Alto Caparaó", monografia de conclusão do curso de graduação em Comunicação Social/ Jornalismo; FAFICH/UFMG, Belo Horizonte/MG, março 2003, 70 páginas. - MELO, S.R.; "Jornal Comunidade de Aprendizagem: possibilidade de construção dos espaços públicos locais dos municípios de Caparaó e Alto Caparaó", monografia de conclusão do curso de graduação em Comunicação Social/ Jornalismo; FAFICH/UFMG, Belo Horizonte/MG, março 2003, 63 páginas.

Conclusão

A iniciativa da área de comunicação provocou um impacto nos municípios de Caparaó e Alto Caparaó, uma vez que o jornal passou a funcionar como uma segunda instância de interação na sociedade, já que nestes municípios, como já relatado, os alto-falantes, as rádios, boca a boca e os carros de som configuram-se como as instâncias primárias de comunicação. As duas instâncias são complementares no processo de instituição dos espaços públicos de discussão, motivando a integração das pessoas entre si e a discussão das ações desenvolvidas nos municípios, o resgate de valores e da cultura local. Assim, o jornal comunitário assumiu um papel importante na região do Caparaó por ser praticamente o único em sua espécie e sua principal função sempre foi a divulgação e promoção de informações que ajudassem a comunidade a tomar conhecimento do entorno e de tudo aquilo que possa afetá-la. Funcionou ainda como catalisador das discussões no espaço público da sociedade, ao trazer as questões da esfera privada para a pública, fazendo com que a comunidade tomasse ciência dos acontecimentos e suscitou a percepção da necessidade de um veículo local de informações. Merece destaque o papel dos jovens dos municípios no processo de formação e consolidação do jornal comunitário, ao formarem uma rede de comunicação local e por abrir a possibilidade de construção de uma comunicação comunitária como uma criação coletiva com a participação do grupo na elaboração das mensagens e sensibilização das comunidades. Ainda é cedo para uma avaliação mais concreta dos impactos da mídia comunitária nos municípios e também para fazer previsões sobre os rumos que as mudanças já percebidas, como a possibilidade de um espaço público local e a explicitação das identidades locais, irão tomar. O certo é que a mídia comunitária e as ações do projeto provocaram uma reorganização das instâncias comunicativas da sociedade, gerando mudanças na qualidade de vida e maior consciência na conduta pessoal e comunitária.

Parcerias
Fundação W.K. KELLOGG.

Referências

CAMACHO, G.K.; Bolívia: a experiência autogestionária das rádios mineiras; In: A comunicação alternativa na América Latina, Máximo Simpson Grinberg (org), Editora Vozes, 1987, páginas 113-128.
CARDOSO, A.M.L.; As rádios comunitárias e a cidadania – democratizando a palavra para democratizar a sociedade; Vozes/Diálogo (Revista do Laboratório de Mídia e Conhecimento CECHCOM/Unival); São Paulo, ano 5, 2001, páginas 07 a 12.
COGO, D.M.; No ar ... uma rádio comunitária; São Paulo, Paulinas, 1998.
COSTA, S.; As cores de Ercília: esfera pública, democrática, configurações pós-nacionais; Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.
COSTA, S.; Movimentos sociais, democratização e a construção de esferas públicas locais; Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 12, nº 35, outubro 97, páginas 121-133.
COSTA, S.; Esfera pública, redescoberta da sociedade civil e movimentos sociais no Brasil; Revista Novos Estudos, nº 38, 1994, páginas 38-52.
FERNANDES, A.B.; O papel reflexivo da mídia na construção da cidadania – o caso do movimento antimaniconial – 1987 a 1997; Belo Horizonte, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 1999; dissertação mestrado em Comunicação Social.
FERNANDEZ, A.J.P.; Comunicação e cidadania na virada do século: movimentos sociais e espaço público em freqüência modulada – FM; In: Ladislaw, D.; TANNI, O. et al; Desafios da comunicação; Petrópolis, Vozes, 2001.
GOMES, W.; Esfera pública e média: com Habermas, contra Habermas; In: RUBIM, A.C.; BENTZ, I.M.G.; PINTO, M.J.(orgs.); Produção e recepção dos sentidos midiáticos, Petrópolis, Vozes, 1998, páginas 155-186.
LIMA, V.A. de; Mídia: teoria e política; São Paulo, Editora Perseu Abramo, 2001.
MAIA, R.C.M.; A mídia e o novo espaço público: a reabilitação da sociabilidade e a formação discursiva da opinião; Revista Comunicação e Política, 1998.
MELO, J.M.M.; Imprensa Comunitária no Brasil: discussão conceitual e alternativas para ação; In: Comunicação e sociedade – Revista Semestral de Estudos de Comunicação; São Paulo, Cortez e Moraes Ltda, ano 01, nº 02, dez. 1999.

OLIVEIRA, V.C.; A reconfiguração do espaço público nas ondas das rádios comunitárias; I Simpósio de Rádio e Cidadania na América Latina; São Paulo, outubro 2000.
OLIVEIRA, V.C.; Comunicação, identidade e mobilização social na era da informação; VIII Simpósio da Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste, Vitória, março 2001.
PALÁCIOS, M.; Sete Teses equivocadas sobre comunidade e comunicação comunitária; In: Comunicação, Cultura, Cidadania e Mobilização Social; Série Mobilização Social; vol. II, UNB, 1997.
PERRUZO, C.M.K.; Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania; Petrópolis, Vozes, 1997.
THOMPSON, J.B.; A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, Vozes, 1998

PROJETO DE APOIO, CAPACITAÇÃO E MELHORIA DAS MÍDIAS COMUNITÁRIAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE – PROMIC

Valdir de Castro Oliveira[1], Wemerson Amorim, Fábio Martins[2], Gilberto Corrêa, Gilson Ferreira, Lúcio Mello[3], Caroline Urzêdo Delmazo, Luiz Flávio Lima, Reginaldo Soares Barbosa, Rosângela Moura Del Gesse[4,] Augusto do Carmo Amaral, Fernanda Rubinger, Júlia Parizzi, Yara Gomes Castanheira[5], Ana Bizzotto Mello, Ana Carolina Silveira Fonseca, Danilo Barros, Ernesto Magalhães, Fernanda Aguilar, Gésio Passos, Izabela Moreira, Lívia Bergo, Mariana Pontual, Michel Brasil, Miguel Arcanjo Prado, Priscila Barbosa Machado, Rodrigo Campanella, Rodrigo Moreira, Simone Ribeiro de Melo, Tatiane Fontes, Thaís Maia e Zuza Nacif[6].

Introdução

A mídia comunitária faz parte de um fenômeno recente no panorama da comunicação no Brasil, funciona com um baixo custo financeiro e permite que diferentes cidadãos e organizações sociais tenham acesso rápido e fácil ao espaço público para divulgar mensagens de seu interesse. Além disso, oferece uma programação mais centrada e identificada com os problemas e referências culturais das comunidades para onde transmite. Isso é possível, uma vez que não depende exclusivamente da publicidade que, direta ou indiretamente, torna-se responsável por condicionar a programação aos interesses dos anunciantes. Entretanto, nem sempre estas qualidades e potencialidades são satisfatoriamente desenvolvidas. A falta de uma formação técnica e específica da maioria das pessoas que atua nas mídias comunitárias contribui para exacerbar esse quadro negativo impedindo o estabelecimento de um espaço comunicativo criador e verdadeiramente democrático onde estejam presentes a pluralidade de opiniões, de informações e de transparentes compromissos comunitários e coletivos. Contribuir para superar esse quadro é o principal objetivo do Projeto, que trabalha com base em três premissas. A primeira é que as mídias comunitárias constituem uma instância fundamental para a democratização da comunicação. A segunda é que elas têm um grande potencial educativo e de prestação de serviços comunitários. A terceira é que não pretendem ser comerciais ou atuar em função de lucro e, exatamente por isso, na maioria das vezes, funcionam precariamente sem condições financeiras e sem possibilidades de investimentos na formação técnica, cognitiva e cidadã por parte de seus membros e do próprio público, o que compromete a qualidade e o alcance de suas programações. Nesse contexto é que são desenvolvidas as atividades do Promic, buscando superar os problemas e capacitando melhor as pessoas e as organizações populares no campo das mídias comunitárias que envolvem diferentes processos comunicacionais e veículos de comunicação, como jornais impressos, rádios comunitárias e televisão comunitária. Além disso o Promic desenvolve, articuladamente, projetos de pesquisas e participa de disciplinas do mesmo tema.

Objetivos

Contribuir para a capacitação de agentes sociais no campo da mídia eletrônica e, simultaneamente, promover e contribuir para a elaboração de práticas comunicativas que signifiquem a reconfiguração do espaço público na perspectiva democrática; contribuir para a constituição e consolidação de experiências midiáticas eletrônicas voltadas para o interesse coletivo e a construção da cidadania; contribuir para a formação do aluno de comunicação através da articulação entre Ensino, Pesquisa e Extensão; produzir programas televisivos e radiofônicos para a veiculação nas mídias comunitárias; produzir pesquisas no campo das mídias comunitárias de forma a garantir um suporte teórico para o melhor desenvolvimento das práticas; organizar oficinas radiofônicas para conscientização das comunidades a respeito da importância das rádios comunitárias e para capacitação técnica dos envolvidos com a produção para essas mídias; apoiar a organização e a realização de encontros para troca de experiências entre as rádios e TVs comunitárias; organizar e difundir resultados de estudos sobre a mídia comunitária através de publicações, participação em congressos e seminários.

---

[1]Coordenador, [2]docentes, [3]técnicos-administrativos, [4]bolsistas (Programa de Bolsas de Extensão/PROEX), [5]outros bolsistas, [6]voluntários.
Número de Registro SiexBrasil: 407
Área Temática: Comunicação
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Contatos: valdir@fafich.ufmg.br e 9633-1840

Metodologia
Todas as ações são desenvolvidas por alunos do curso de Comunicação Social da UFMG: bolsistas do projeto, alunos regularmente matriculados no Laboratório de Mídias Comunitárias e alunos voluntários que manifestam interesse em desenvolver atividades nessa área. As atividades são acompanhadas pelos professores que integram o Promic que orientam e avaliam o planejamento e cumprimento das tarefas. Apesar de terem objetivos específicos e metodologias próprias, os núcleos “Mídia em Pauta”, “Produção Radiofônica”, “Pesquisa sobre as mídias comunitárias” estão articulados pelo trabalho comum, tanto de capacitação de agentes externos e internos no campo da mídia eletrônica, quanto no de produzir peças comunicacionais para o público externo na perspectiva da construção da cidadania no campo midiático. Seguem as especificidades de cada núcleo:
Núcleo Televisivo “Mídia em Pauta” - Programa de crítica de mídia gravado e veiculado semanalmente pela TV Comunitária, dede setembro de 2002. É produzido por alunos do curso de Comunicação Social e coordenado pelo professor Valdir de Castro Oliveira. Os temas discutidos são os mais variados dentro do universo da mídia – impressos, rádio, TV e internet – assim como o relacionamento desta com a sociedade Com duração de 30 minutos, “Mídia em Pauta” configura-se como um espaço de debate entre especialistas, profissionais da área e estudantes acerca de um recorte temático.A equipe de produção atual é formada por 2 bolsistas, 5 alunos matriculados no laboratório de Mídias Comunitárias e alunos voluntários. Cronologicamente, as atividades foram desenvolvidas da seguinte forma: Março/2003. Responsáveis: bolsistas do “Mídia em Pauta”. Atividades desenvolvidas: 1) Criação do mailing do programa, através da pesquisa e catalogação dos contatos (fontes). 2) Recuperação das informações acerca dos programas até então produzidos (de setembro a março de 2003): temas, pautas, nome dos alunos envolvidos na produção, dos convidados, data e horário das gravações. Abril/ 2003. Responsáveis: bolsistas e alunos matriculados no Laboratório de Mídias Comunitárias. Atividades desenvolvidas: 1)Reformulação do programa “Mídia em Pauta”, possibilitada pela obtenção de recursos através do apoio cultural do Labmídia e do Centro Acadêmico de Comunicação Social da UFMG. 1.1) Planejamento e criação de um cenário, com a contratação do cenógrafo Tadeu Starling. 1.2) Alterações no formato e na linguagem do programa, de forma a deixá-lo dinâmico e mais “jovem”. Diminuição de uma hora para meia-hora, exibição de externas, mudança do mediador – o programa passa a ser apresentado por um dos alunos bolsistas e não mais pelo coordenador do Promic, que passa a ser o comentarista do programa. Presença obrigatória, no debate, de pelo menos um aluno da produção. 2) Divulgação do programa no âmbito interno do curso, para livre participação dos alunos como voluntários. Maio/2003 a Dezembro/2003. Responsáveis: bolsistas, alunos do Laboratório e alunos voluntários. Atividades desenvolvidas: 1) Criação do “Arquivo Impresso”, que contém as informações, pautas e roteiros de cada programa , e do “Arquivo Imagem”, contendo as gravações em VHS de todos os programas exibidos após a reformulação. 2) Criação do esquema de produção a ser seguido até o final do ano, tendo como base a gravação de um programa a cada terça-feira do ano. Esse esquema pode ser explicado da seguinte forma: Reunião de Pauta - Discussão dos assuntos mais relevantes da semana. Recolhimento de clipping de material jornalístico. Definição dos temas e dos alunos voluntários responsáveis pela produção do próximo programa. Definição da “equipe de externa”, responsável pela criação de uma matéria jornalística a ser exibida no “Mídia em Pauta”, sob a coordenação dos bolsistas. Levantamento de possíveis convidados para o programa - II Realização dos contatos para a participação de 2 convidados para o próximo programa. Envio de e-mail e um telefonema posterior para a confirmação das presenças. III Gravação da externa – com o uso dos equipamentos do Departamento de Comunicação Social da UFMG. Edição do material gravado. IV Entrega da pauta, seguida de avaliação da mesma pelos bolsistas, juntamente com os alunos que a produziram.V Criação do roteiro do programa, com base na pauta, pelos bolsistas e alunos do laboratório de Mídias Comunitárias. VI Gravação e direção do programa, com os recursos técnicos e o espaço cedido pela TV Comunitária, com a participação de uma “equipe de estúdio” formada pelos alunos envolvidos na produção, do coordenador, dos bolsistas e dos convidados. VII Divulgação do programa através de releases eletrônicos.
Núcleo Radiofônico - A produção radiofônica é dividida em Oficinas, “UFMG Repórter” e Radionovelas. O programa “UFMG Notícias”, era um programa semanal, veiculado em rádios comunitárias, que se iniciou em novembro de 2002. O programa acabou em julho de 2003, quando foi remodelado e transformou-se no “UFMG Repórter”. O objetivo do “UFMG Repórter” é informar às comunidades ouvintes sobre assuntos de interesse social e serviços que, de alguma forma, possam interessar e melhorar as suas vidas e aprimorar seus valores de

cidadania. Nesse sentido, os projetos de Extensão da UFMG são pauta constante, pois a universidade é notoriamente conhecida por prestar serviços de grande relevância para a sociedade.
As Oficinas e o “UFMG Repórter” - Março/2003 a Abril/2003. Responsáveis: bolsistas do rádio. Atividades desenvolvidas: 1) Preparação de material para as oficinas 2) Confecção do site do Promic - www.fafich.ufmg.br/~Promic. 3)Transcrições de fitas. 22 de Abril/2003 a Junho/2003. Responsáveis: bolsistas do rádio, alunos do Laboratório de Mídias Comunitárias e alunos voluntários. Atividades desenvolvidas: O Departamento de Comunicação Social da UFMG recebeu, no final do ano de 2002, novos equipamentos do MEC. Entre eles, incluía-se o novo estúdio de rádio. Devido dificuldades técnicas encontradas para instalar a aparelhagem, não houve produção radifônica até o dia 10 de junho. 1)O laboratório promoveu seminários semanais do livro Mídia Radical para os alunos matriculados e voluntários. 2)Os bolsistas, além de participarem dos seminários, elaboravam o projeto do “UFMG Notícias”, a partir da nova estrutura. 3)Os seminários do livro continuaram até o fim do semestre. 4) No dia 10 de junho, começaram as gravações do “UFMG Notícias”. 5) A partir de 21 de maio, o Promic começou a ajudar a Abraço na organização e nos contatos para a realização do 1º Congresso Estadual da Abraço. 6)Dois bolsistas participaram como delegados no congresso que aconteceu nos dias 6 a 8 de junho. Julho/2003. Responsáveis: bolsistas, alunos matriculados no Laboratório de Mídias Comunitárias e voluntários. Atividades desenvolvidas: 1) Gravação semanal do programa “UFMG Notícias” e distribuição para as rádios parceiras. 2) Reformulação do programa “UFMG Notícias”, que mudaria para “UFMG Repórter”. O programa “UFMG Notícias” era um programa semanal, que se iniciou em novembro de 2002 e, com a reformulação, transformou-se no “UFMG Repórter”, também semanal. Essa remodelação ocorreu por questões técnicas e estruturais. Do ponto de vista técnico o programa que era composto por seis reportagens, era extremamente extenso para o público ouvinte, o tempo de duração do programa era, em média, 15 minutos. Isso tornava o programa cansativo, haja visto que a dinâmica e a rapidez são condição sine qua non para o bom uso e funcionamento do rádio. Em relação às questões estruturais, a falta de gravadores, fitas, mini DVs e CDs, tornaram impossível fazer um programa com muitas matérias. Mesmo num programa menor, como o “UFMG Repórter” a falta de estrutura tem se colocado como a maior dificuldade de produção. 3)Preparação da oficina no Conjunto Felicidade, uma parceria entre o Promic e o projeto Manuelzão. 4) Dia 1o/7: Gravações de radionovelas: adaptação da obra “O Cortiço”, de Aloiso de Azevedo. Agosto/2003 a Setembro/2003. Responsáveis: bolsistas, alunos do Laboratório e alunos voluntários. Atividades desenvolvidas: 1)Gravação do primeiro “UFMG Repórter”. 2)Oficina no Conjunto Felicidade (dias 2 e 3 de agosto). Outubro/2003. Responsáveis: bolsistas, alunos do Laboratório e alunos voluntários. Atividades desenvolvidas: 1) Gravação do “UFMG Repórter”. 2) Gravação de adaptações literárias para o rádio: crônicas de Luis Fernando Veríssimo e Olavo Romando (“Casos de Minas”). 3)Oficina para capacitação de produção dos voluntários no programa de rádio (15 de outubro), nessa oficina os alunos foram capacitados a produzir da seguinte forma: I Na reunião de pauta, são definidos o que cada aluno vai cobrir e também a data de entrega da pauta e da matéria. Essas reuniões são sempre mensais, pois, dessa forma, os alunos têm acesso às pautas antecipadamente e podem se organizar melhor, além de iniciar o trabalho de apuração mais rápido. Na reunião, estabelece-se quais serão as duas matérias veiculadas na semana. II Correção da pauta, pelos bolsistas e orientação para a produção da reportagem. III Produção de reportagens pelos alunos, que duram em média 3 minutos, em que são trabalhados os gêneros da apuração, entrevista e texto. IV Depois que a reportagem é entregue, ela é corrigida em conjunto com o resto da equipe. Esse exercício é sobremodo interessante, do ponto de vista didático-pedagógico, pois faz com que os alunos aprendam não apenas com os seus erros, mas também com os dos colegas. V Após a correção, os alunos vão ao estúdio gravar as matérias. Lá eles têm oportunidade de exercitar o gênero radiojornalístico da locução. VI Distribuição para as rádios comunitárias.
Radionovelas - O núcleo de Radionovelas tem como finalidade discutir e analisar o processo de criação e adaptação de livros, contos e crônicas para o rádio; explorar as possibilidades oferecidas pelo rádio como abrangência e mobilização do público para estimular o hábito da leitura. Além disso, busca incentivar a criação de uma programação cultural nas rádios comunitárias. As atividades são desenvolvidas por meio de encontros semanais para pesquisa de obras literárias, discussão de textos relativos a radionovelas, escolha das obras a serem adaptadas e a construção coletiva das peças. As atividades do núcleo são desenvolvidas com um grupo de alunos voluntários, sob coordenação da aluna do Laboratório de Mídias Comunitárias, Simone Ribeiro de Melo, e com o apoio de Fernanda Rubinger (bolsista do laboratório de rádio). Foi produzida a novela radiofônica baseada na obra "O cortiço" de Aloiso

Azevedo (com duração de uma hora) com o objetivo de despertar do interesse dos alunos por radionovelas e estimular a leitura desse tipo de obra pelo público das rádios comunitárias.
Núcleo de Pesquisa sobre as mídias comunitárias - Os estudos brasileiros sobre as mídias comunitárias são poucos e a maioria dos pesquisadores se mantém distante do contexto de tais mídias. Em contrapartida, o Promic se propõe a desenvolver pesquisas que analisem os conceitos relacionados a esse tipo de mídia, seu papel na democratização da comunicação, bem como sua importância na vida das comunidades. A sistematização conceitual do campo teórico sobre mídias comunitárias, o cadastramento de 50 rádios comunitárias e o recente processo de formação e implantação dos canais de controle comunitários nas TVs a cabo norteiam o universo pesquisado. Por meio da coleta de dados (nome, endereço, telefone, e-mail, freqüência e data de inauguração) de emissoras radiofônicas comunitárias, de depoimentos e entrevistas com os envolvidos na criação e na produção desse tipo de mídia e da reflexão sobre a bibliografia já existente, o sub-projeto de “Pesquisas sobre as mídias comunitárias” torna-se o suporte necessário para que a atividade de Extensão não se limite ao simples exercício prático, sem uma fundamentação teórica e o exercício reflexivo acerca das contribuições provenientes da Pesquisa.

Resultados e Discussão
Mais do que uma oportunidade de experimentação, o Promic é um espaço de envolvimento com a sociedade e com as entidades e pessoas direta ou indiretamente ligadas às mídias comunitárias, possibilitando, em consequência, a compreensão desse fenómeno midiático emergente na sociedade brasileira por parte dos estudantes e da própria sociedade. Também o processo de apoio e capacitação dos envolvidos com as mídias comunitárias tem contribuído para melhorar a qualidade da oferta de suas mensagens midiáticas. Em relação às pesquisas, os relatórios parciais indicam a necessidade de se aprofundar e ampliar o campo de estudo das mídias comunitárias, pois é um fenômeno altamente complexo e fundamental para a reconfiguração democrática do espaço público e do próprio papel exercido pela mídia, principalmente em relação às comunidades carentes ou com pouco espaço para se manifestar nas diferentes cenas públicas. O Promic se mostra como um canal fundamental de desenvolvimento das habilidades técnicas, estéticas e cognitivas para os estudantes de jornalismo e apontando para as diferentes responsabilidades éticas que deve ter o comunicador perante o público e perante a sociedade.

Produtos Gerados
Até o final de outubro, foi produzido um “Mídia em Pauta” toda terça-feira desde o mês de maio, totalizando 26 programas. Ainda serão produzidos, até dezembro, mais 9 programas. Na tabela abaixo, consta um detalhamento das temáticas discutidas nos 26 programas já veiculados:

MÊS	TEMÁTICAS DISCUTIDAS NOS PROGRAMAS VEICULADOS
Maio	Assessoria de Imprensa, Internet e Democratização, Telenovela e Cotidiano social, e Rádios Comunitárias
Junho	Ombudsman, Cinema Brasileiro na TV, TV Pública, Sexualidade na mídia
Julho	Como a mídia cria Personagens, Cobertura da Reforma da Previdência, Midas Religiosas, Propagandas de Tabaco e Álcool, e Impactos da TV Digital no Brasil
Agosto	O jornalista e a fonte, Situação do Jornalismo Impresso, Cobertura Esportiva no Brasil e Merchandising
Setembro	Regionalização da programação de TV, Como o cinema retrata a realidade brasileira, Crítica de Mídia –especial 1 ano de Mídia em Pauta, Livro-reportagem e Caso Gugu (responsabilidadeXaudiência)
Outubro	Marketing e Política, Caso CFM, Concessões de rádios comunitárias e Política Audiovisual do governo

Já o Núcleo Radiofônico teve os seguintes produtos:

Mês	Produtos Gerados
Março	Produção do material para as oficinas
Abril	Produção do Site www.fafich.ufmg.br
Maio	Participação na organização do Congresso da Abraço (Associação Brasileira de Rádios Comunitárias)
Junho	3 programas “ UFMG Notícias”, para o Congresso da Abraço
Julho	3 programas “ UFMG Notícias”/ Início de gravação de radionovelas e adaptações literárias para o rádio
Agosto	3 programas “ UFMG Repórter”, oficina no Conjunto Felicidade/gravação de radionovelas
Setembro	4 programas “ UFMG Repórter”/gravação de radionovelas
Outubro	4 programas “ UFMG Repórter”, oficina para voluntários/gravação de radionovelas

Conclusão

O Promic apresenta-se como um importante projeto social voltado para a ampliação das ações populares junto aos meios de comunicação. Suas atividades e programas realizam um diálogo prático e constante, entre o público e os produtos de mídia eletrônica. Além disso, amplia na sociedade o importante papel exercido pela UFMG com relação às mudanças nas relações entre as mídias, o poder público, a comunidade e as entidades educacionais.
As mídias comunitárias caracterizam-se como o espaço público genuíno. Nela, as comunidades têm possibilidade de assimilar valores de cidadania, seja em relação ao poder público ou nas relações com os próprios membros da comunidade. Tão importante quanto capacitar as comunidades para se inserirem no mundo das informações é fazer uma ligação entre a sociedade e os meios de comunicação, através da discussão de temas relacionados à mídia, à própria comunidade e a novas propostas de inserção midiática da sociedade em uma época em que cada vez mais informação se torna sinônimo de poder.

Parcerias

Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, TV Comunitária, Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais (SJPMG), LabMídia, Abraço (Associação Brasileira de Rádios Comunitárias), Projeto Manuelzão, Comitê Tamboril/ Fazenda Velha, Rádio Felicidade FM, Rádio Inter FM de Brumadinho, Rádio Constelação, Rádio Santê, RBC (Rede Brasil de Comunicação Cidadã), Jornal Circuito de Brumadinho e Pró-Reitoria de Extensão.

Referências

BATELLO, Norval. “A Cultura do Ouvir”. In Radio Nova, constelações da radiofonia contemporânea (ZAREMBA, Lilian, BENTES, Ivana, org.). Rio de Janeiro, UFRJ, ECO, Editora Publique, 1999, págs. 53-69.
CHARA, Érica Dutra. “Rádio Constelação: espaço comunitário em prol do portador de necessidades especiais”. Relatóriode Pesquisa/Promic – Programa de Apoio e Melhoria das Rádios Comunitárias da Região Metropolitana de Belo Horizonte/Departamento de Comunicação Social da UFMG. Dezembro de 2002.
COGO, Denise Maria. No ar... uma rádio comunitária. São Paulo, Edit. Paulinas, 1998.
DO John D.H. Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. Tradução de Silvana Vieira. São Paulo, Ed. Senac, 2002.
FAUSTO NETO, Antônio. Ensinando à televisão: estratégias de recepção da TV Escola.João Pessoa, Imprensa Universitária, 2001.
FERREIRA, Maria Nazareth (org.). Cultura, comunicação e movimentos sociais. Prefácio de Othon Jambeiro. São Paulo, CELAC-ECA/USP, 1999.
MATTELART, Armand. Comunicação-Mundo: história das idéias e das estratégias. Petropólis, Vozes, 1994.
MONTORO, Tânia Siqueira (org.). Comunicação, cultura, cidadania e mobilização social. Brasília/Salvador: UnB, 1997. Série Mobilização Social, vol. 2.
MORAES, Dênis de. “Comunicação Virtual e Cidadania: Movimentos sociais e Políticos na Internet”. OLIVEIRA, Valdir de Castro. “A Reconfiguração do Espaço Público nas Ondas das Rádios Comunitárias. In Simpósio de Rádio e Cidadania na América Latina. Congresso realizado pela Felafacs no Memorial da América Latina, São Paulo, 2000. .
PALÁCIOS, Marcos. “Sete Teses Equivocadas sobre Comunidade e Comunicação Comunitária”. In MONTORO, Tânia Siqueira (org.). Comunicação, cultura, cidadania e mobilização social. Brasília/Salvador: UnB, 1997. Série Mobilização Social, vol. 2. Págs. 32-41.
MONTORO, Tânia Siqueira (org.). Comunicação, cultura, cidadania e mobilização social. Brasília/Salvador: UnB, 1997. Série Mobilização Social, vol. 2. Págs. 32-41.
PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania. Petrópolis, Vozes, 1998.

CAMPANHA DE COMUNICAÇÃO PARA A EXPEDIÇÃO MANUELZÃO DESCE O RIO DAS VELHAS

Elton Antunes[1], Márcio Simeone[2], Marina Torres[3], Carolina Silveira, Jonas Rodrigues, Louraidan Larsen, Sílvia Araújo[4], Frederico Vieira, Marco Antônio Pessoa e Rúbia Piancastelli[5].

Introdução

Há seis anos o Projeto Manuelzão, da Universidade Federal de Minas Gerais, vem se distinguindo pelo seu trabalho na Bacia do Rio das Velhas, mormente nas áreas de Educação Ambiental, Saúde, Meio Ambiente e Cidadania, conquistando ampla respeitabilidade acadêmica e social não só em Minas Gerais, como em toda a bacia do Rio São Francisco. Dando continuidade às suas ações, tomou corpo a iniciativa intitulada "Expedição Manuelzão Desce o Rio das Velhas". Tratou-se de se percorrer, de caiaque, o inteiro trecho navegável do Rio das Velhas, numa extensão de aproximadamente 770 km. O ponto de partida foi a Cachoeira das Andorinhas, na Serra do Veloso, localizada no perímetro urbano de Ouro Preto, próxima ao Morro de São Sebastião. A Expedição alcançou, ao seu final, a Vila de Barra do Guaicuí, no Município de Várzea da Palma, a 37 Km de Pirapora, onde o Velhas deságua no São Francisco. O mais possível, a expedição se dispôs a refazer o trajeto empreendido pelo viajante inglês e escritor Richard Burton, em 1867, resgatando neste movimento uma dimensão comparativa entre as condições ambientais do Rio das Velhas nos meados do século XIX e na atualidade. Para essa Expedição as ações da equipe de Comunicação buscaram construir um tipo de visibilidade, estimulando novas ações coletivas e organizando a reflexão a respeito destas. Ela foi responsável por informar a todos os públicos envolvidos no evento, além de registrar os fatos ocorridos no período de sua realização.

Objetivos

Para o trabalho da Expedição, a equipe de Comunicação formulou as seguintes diretrizes de ação (as ações de Comunicação são locais, mas tributárias de uma realidade global). Todas as atividades desenvolvidas pela Campanha, antes, durante e depois da Expedição visaram a estabelecer, sistematicamente, um elo do factual local com o impacto regional e global que as ações da Expedição promovem. Assim, releases, matérias, entrevistas e outros produtos mantiveram este enfoque, da visão do todo da Expedição e de suas intervenções. Quaisquer ações pela revitalização do Velhas são consideradas, num âmbito maior, ações concretas para o a revitalização do São Francisco. Os registros da Expedição são multidisciplinares e constituem parte da memória do Projeto; os produtos de Comunicação foram arquivados e avaliados ao longo da Campanha, prezando a unidade de informações coletadas e processadas e sua identidade textual. Buscou-se que tudo convergisse para um registro histórico preciso, sem perder de vista a visão crítica diante dos fatos. A equipe de Comunicação agrega as mais variadas habilidades. A Comunicação trabalhou com profissionais e estagiários de variadas habilitações (jornalistas, fotógrafa, cinegrafistas) visando à cobertura mais eficiente do evento e uma otimização de tarefas entre os componentes da equipe. Com base em tais princípios, foram definidos os seguintes objetivos gerais: a) Divulgar: a divulgação dos fatos relacionados à Expedição, de sua programação, resultados e avaliação, dentre outros, foi alicerçada numa integração entre as ações locais e regionais. Portanto, foi importante dar visibilidade ao evento através de produtos e veículos estratégicos, como anúncios publicitários. b) Mobilizar: A mobilização foi um dos objetivos fundamentais para o sucesso da Expedição. Através de um trabalho anterior ao período do percurso dos expedicionários, junto às localidades e comitês, se alcançou a legitimidade pública das ações e o seu reconhecimento pelos moradores que vivem mais proximamente da realidade do Velhas (comunidades e municípios ribeirinhos).c) Informar: Buscou-se dirigir a informação de maneira qualificada aos públicos, tornando a ação comunicativa mais eficaz e eficiente. Isso implicou na retomada do conceito de público que atualmente dirige as ações de comunicação do projeto.

---

[1]Coordenador, [2]subcoordenador, [3]docente, [4]bolsistas, [5]voluntários
Programa Manuelzão Dá o Recado
Número de Registro SiexBrasil: 404
Área Temática: Comunicação
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e Faculdade de Medicina
Contatos: eantunes@fafich.ufmg.br e (31) 3499-5047

Para a Expedição, os públicos envolvidos foram relacionados segundo o modelo de análise proposto no "Diagnóstico de Comunicação para Projeto Manuelzão" (BRAGA & MAFRA, 2000). Abaixo seguem as definições iniciais dos blocos de públicos dadas pelos autores segundo os vínculos que estabelecem com o Projeto: "Beneficiados: o Projeto Manuelzão é um projeto ambiental que busca interferir na revitalização de um determinado ecossistema. Qualquer interferência neste ecossistema levará a uma interferência, mais ou menos direta, na vida dos indivíduos que nele habitam. Assim, pode-se assumir que se o projeto trouxer um benefício para a Bacia do Rio das Velhas, todas as pessoas que nela habitam serão beneficiadas, mesmo que não tenham ciência disso". Dessa forma, o único critério necessário para que um grupo de pessoas seja público beneficiado do Projeto Manuelzão é **o** critério da localização geográfica - como o Projeto tem interesse imediato na Bacia do Rio das Velhas, direcionando o foco sobre esta região, serão público do Projeto todas as pessoas que nela habitam - e, no momento, somente elas. Legitimadores: por definição, legitimar significa tornar legítimo, justificar, reconhecer como autêntico. O que faz os públicos beneficiados se tornarem legitimadores é um tipo de informação que gere um juízo de valor positivo em relação ao Projeto, levando à aprovação, e/ou à defesa, pública ou não, dos objetivos e das ações do mesmo. Geradores: bloco formado pelos segmentos de públicos que geram *bens* para o Projeto Manuelzão, entendendo *bens* como produtos, serviços, idéias, estudos e demais contribuições. Qualquer ação que contribua para o Projeto, inclusive as mais efêmeras e pontuais, caracteriza os seus atores como geradores. Entretanto, após a ação, estes atores podem, a qualquer momento voltar a ser legitimadores ou simples beneficiados. Nota-se (...) quando os públicos do Projeto Manuelzão passam a ser legitimadores, eles não perdem a condição de beneficiados, e quando passam a ser geradores eles também não deixam de ser legitimadores e beneficiados." Foram elencados, como públicos específicos da Expedição: Beneficiados - População da bacia, principalmente das comunidades, localidades e municípios ribeirinhos por onde passou a Expedição. Legitimadores - População das comunidades, localidades e municípios da bacia do rio das Velhas que, de alguma forma, realizaram algum julgamento a respeito da iniciativa da Expedição. Geradores - Todos aqueles que participaram, direta ou indiretamente dos eventos da Expedição.

Metodologia

a) Ações de Comunicação - Veículos de Massa - Objetivo Específico: Dar visibilidade regional à Expedição e fornecer informações de caráter noticioso. Público-alvo: Beneficiados de toda a bacia que nada sabem sobre a Expedição, ou caso saibam, não formaram opinião ou julgamento sobre o evento.

Onde?	O quê?	Quem?
TVs	Entrevistas nos jornais locais Globo Rural Noticiário	TV Globo, Rede Minas, TV UFMG, Band, TV Comunitária, RedeTV.
Rádios comerciais	Entrevistas em programas Noticiário Spot	Inconfidência FM Itatiaia CBN
Jornais e Revistas	Entrevistas Noticiário	Estado de Minas (entrevistas) Diário da Tarde, Hoje em Dia, O Tempo (caderno ecológico)

b) Informações Qualificadas - Objetivo Específico: Informar sobre a proposta da Expedição e seus eventos, sobretudo de forma explicativa. Dessa forma, os públicos puderam participar e também se vincular ou reforçar vínculos com o Projeto Manuelzão. Público-alvo: Legitimadores do Projeto que ainda não passaram do nível de julgamento para o nível da ação.

Onde?	O quê?	Quem?
Publicação	Guia Expedição	Equipe Manuelzão dá o Recado
Site	Página específica, contendo apresentação da expedição, da equipe, dos objetivos, do livro, reportagens, fotos, mapas, diários de bordo, releases, boletins de sub-bacias.	Equipe Manuelzão dá o Recado
Rádios Locais	Sensibilização da mídia local com pautas factuais da passagem dos expedicionários.	Vanguarda

c) Eventos - Objetivo específico: Reunir os públicos em ocasiões que reforçam o imaginário do Projeto Manuelzão (sentimento de pertença à bacia hidrográfica e mobilização pela revitalização da bacia). Público-alvo: Beneficiados, legitimadores e geradores das localidades onde acontecerem os eventos (destaque para participação dos comitês, público gerador, na execução das atividades). Durante a Expedição, aconteceram mais de 50 eventos culturais e esportivos, como palestras, apresentações musicais, folclóricas, teatros, caminhadas e cavalgadas, com destaque para a participação das escolas da bacia.
d) Apoio - Objetivo Específico: Promover uma unidade visual ao conjunto de ações da Expedição, gerando uma identificação coesa dos públicos com as atividades realizadas. Público-alvo: Beneficiados, legitimadores e geradores (destaque para equipe de realização do evento, geradores institucionais, que deverão conhecer, utilizar e zelar pela identidade visual da Expedição).

O quê?	Onde?	Tiragem
Banners	Locais onde ocorrerem eventos.	4
Camisetas	Expedicionários, comissão organizadora e venda para público interessado.	3.000
Adesivos	Barcos e carros	12

Para a operacionalização de tais atividades a estrutura foi constituída por uma assessoria de Comunicação, composta por jornalista profissional, estagiários e voluntários, assim agrupados: I- Vanguarda - Equipe de Comunicação e Organização que percorreu os pontos de passagem, chegando antes da equipe da Expedição para executar a mobilização local em torno do evento. Teve como função: fazer contato com a mídia local, organizar eventos, identificar o ambiente local com as peças publicitárias do Projeto Manuelzão. II- Expedição - Grupo composto por navegadores+cinegrafistas+fotógrafa+ repórter+ motoristas de carros de apoio. Teve como função realizar e registrar a experiência, fazer diário de bordo, anotar pontos filmados e fotografados. III- Retaguarda - Assessor de comunicação+estagiários. Teve como função dar o suporte necessário às atividades da Expedição que exigiram visibilidade regional; centralizar as informações e repassar para a mídia; atualizar o site, atender a imprensa. Além dessas equipes, participaram do planejamento estudantes do Laboratório de Mobilização Social, do Curso de Comunicação Social da UFMG..

Resultados e Discussão
A Expedição Manuelzão Desce o Rio das Velhas alcançou sua meta de mobilizar a sociedade em prol da revitalização da bacia hidrográfica. Estimativas do Projeto Manuelzão indicam que cerca de 70 mil pessoas tiveram contato direto com a Expedição, em saudações nas margens dos rios, pontes e nos eventos organizados por escolas, comitês locais e prefeituras. Ainda mais pessoas souberam da viagem através dos meios de comunicação. Foram divulgadas matérias na televisão, rádio, jornais, internet. A repercussão na mídia foi grande, o que indica o reconhecimento da importância da Expedição e uma boa aceitação de sua causa. Em todo o processo, a equipe do “Manuelzão dá o recado”, seguindo o planejamento antes elaborado, promoveu a divulgação da Expedição em meios próprios (Guia, site, releases, boletins) e na mídia, subsidiando jornalistas com imagens, relatos do trajeto e dados técnicos

sobre a bacia do Rio das Velhas. Há todo momento, foi feita a ligação entre os acontecimentos da viagem e a proposta de melhorar o meio ambiente em que vivemos e, conseqüentemente, a qualidade de vida da população. As informações produzidas abrangeram diferentes gêneros informativos tais como descrições impressionistas, dados sobre saneamento, saúde e condições ambientais, sempre explicitando o objetivo do Projeto Manuelzão: *revitalizar a bacia do Rio das Velhas*. Esse objetivo foi reforçado nas várias paradas da viagem, quando os expedicionários falavam sobre a importância de promover ações, como tratamento de esgoto, recomposição de matas ciliares, preservação de nascentes. As informações sobre a Expedição publicadas no site do Projeto, no Guia Expedição, em número especial do Jornal Manuelzão e divulgadas também por veículos da grande imprensa permitiram que muitas pessoas participassem dos eventos ocorridos ao longo do percurso. Além disso, ao propagar as metas de despoluir o rio, ter o peixe de volta em suas águas, permitiu-se aos moradores da bacia a reflexão sobre a possibilidade de conviver com o Velhas em boas condições, como no passado. O despertar desse imaginário é de grande importância para a mudança de mentalidade da população e a busca por um novo modelo de desenvolvimento, que pressuponha sustentabilidade social e ambiental.

Produtos Gerados

Antes da viagem, a equipe de comunicação produziu o Guia Expedição Manuelzão Desce o Rio das Velhas. A publicação, de formato *standart* com duas dobras, trouxe matérias sobre os preparativos da Expedição, os navegadores, o trabalho de mobilização em escolas e comitês Manuelzão, além de cronograma da viagem e um mapa do trajeto, com indicação dos pontos de parada. O Guia teve uma tiragem de 50 mil exemplares, que foram enviados para comitês Manuelzão na primeira semana de setembro, e distribuídos durante o percurso. Ainda na fase preparatória, foram produzidos três spots de divulgação da Expedição no Departamento de Comunicação Social da UFMG. Bolsistas do "Manuelzão dá o recado" fizeram contatos com emissoras de rádio de toda a bacia, averiguando a possibilidade de inserção gratuita dos spots. Ao todo, 47 cds foram enviados para emissoras que apoiaram a iniciativa da Expedição e divulgaram os spots sem custo para o Projeto. Também antecedeu a viagem, a criação de uma página para a Expedição dentro do site do Projeto Manuelzão. Inicialmente, foram disponibilizadas informações gerais, como apresentação da Expedição, objetivos, estrutura da equipe, mapas da bacia, dados sobre os navegadores e sobre o livro que está sendo escrito "Navegando o Rio das Velhas das Minas aos Gerais". Durante a viagem, a página foi alimentada com textos e fotos. Ao final, chegou-se a um total de 40 reportagens, 29 diários de bordo, 16 boletins de sub-bacias do Rio das Velhas, 9 releases e 549 fotos. Os boletins de sub-bacias do Velhas, produzidos com dados de diagnósticos ambientais, sociais e de saúde, foram enviados para a mídia e parceiros do Projeto Manuelzão, na medida em que os navegadores passavam pelos encontros dos afluentes com o Velhas. Releases acerca das diferentes etapas da viagem também foram mandados para a imprensa. Outro importante trabalho da equipe de comunicação foi o de repassar imagens para a imprensa. Vários veículos utilizaram filmagens e fotos do Projeto em matérias jornalísticas. Semanalmente, a produtora de vídeo contratada para acompanhar a Expedição, editava um resumo dos principais fatos. Os estagiários do "Manuelzão dá o recado" produziam relatórios das imagens. Esse material foi utilizado por várias emissoras, como Globo Minas, TV UFMG, Rede Minas, Band e TV Comunitária. As fotos tiradas pelos estagiários, utilizando máquina digital, eram enviadas com agilidade para a sede do Projeto e, além de serem colocadas na internet, foram também cedidas para inúmeros jornais. A disponibilidade de muitas imagens assegurou uma maior e melhor cobertura da Expedição pela mídia.

Conclusão

A Campanha de Comunicação para a "Expedição Manuelzão Desce o Rio das Velhas" permitiu ampliar a visibilidade do Projeto Manuelzão e da UFMG, estimulando a construção de uma identidade pública dessas instituições. Além disso, manteve a comunidade informada sobre as ações do projeto, disseminando idéias acerca da revitalização do Rio das Velhas para que a comunidade adquira um sentimento de pertencer a uma bacia hidrográfica, objetivo estratégico perseguido pelo programa. O trabalho desenvolvido alcançou, assim, um resultado plenamente satisfatório, reforçando os princípios estratégicos da proposta: informar acerca das ações para revitalização da bacia do Rio das Velhas; divulgar apoios e parcerias; promover a imagem do Projeto e da UFMG junto a autoridades públicas; informar sobre eventos; fornecer material de consulta para trabalho de educação ambiental; ser um instrumento de debate sobre as questões relativas à área de atuação do Projeto. A Campanha de Comunicação da

Expedição permitiu aos estudantes participantes, sobretudo, um grande aprendizado extra-classe, convivendo com diferentes situações de alta complexidade. E, pela sua própria dinâmica, permitiu aos alunos a realização de um conjunto diferenciado de atividades relativas à comunicação, reafirmando um princípio que orienta todo o Projeto, o da pedagogia do aprendizado no trabalho, que possibilita superar a dicotomia entre disciplina de graduação e atividade de extensão. Na situação desse trabalho, os estudantes puderam atuar com grande margem de autonomia, pesquisar e propor entendimentos, interpretações e ações inovadoras para a solução das questões apresentadas pela realidade social.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão, Casca Grossa Vídeo, Secretaria de Estado da Agricultura/IMA, Emater, Ruralminas, Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável/Feam, Igam, IEF, Polícia Militar de Minas Gerais, Copasa (Companhia de Saneamento de Minas Gerais), MBR – Minerações Brasileiras Reunidas, Belgo/Grupo Arcelor, Secretaria de Estado da Educação, Universidade Federal de Ouro Preto, CBH Rio das Velhas, Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia-MG e 51 Municípios da Bacia do Rio das Velhas.

Referências
BRAGA, Clara S. & MAFRA, Rennan L.M. Diagnóstico de Comunicação para Projeto Manuelzão. Anais da Primeira Semana de Relações Públicas de Santa Catarina. Itajaí / SC: Primeira Semana de Relações Públicas de Santa Catarina, 2000.
HENRIQUES, Márcio S. (org.) Comunicação e Estratégias de Mobilização Social. Pará de Minas/MG: Gênesis, 2000.

R.U.A - REGISTRO URBANO AUDIOVISUAL

Regina Helena Alves da Silva[1], Ana Catarina Parisi Pinheiro, Cristiano Brant Trindade e Mateus Guerra de Almeida[2].

Introdução

Na sociedade brasileira contemporânea, grande parte do conhecimento e informação é gerada através das mídias eletrônicas, como a televisão e o rádio. O discurso preponderante é o produzido pela grande mídia, que cria uma perspectiva hegemônica sobre a realidade. O cinema é também um discurso difundido e formador do imaginário, apesar de pouco acessível às camadas menos favorecidas da população, devido ao seu alto custo. Como produtora e transmissora de conhecimento, a universidade pública possui o papel de ampliar o espaço de produção de discursos e o acesso a diferentes perspectivas sobre a realidade. Nesse sentido, o Centro Cultural UFMG possui o programa Laboratório de Imagem e Som, que trabalha sobre diversas manifestações e formatos audiovisuais e sonoros. O programa pretende disponibilizar e gerar produtos audiovisuais e sonoros para o público de Belo Horizonte. Nesse sentido, o Laboratório de Imagem e de Som abriga três projetos. O Cineclube UFMG oferece cinema de graça e de qualidade para o público do hipercentro a cidade, como uma alternativa ao grande circuito. O concreto sonoro é programa de rádio com duração média de três minutos sobre temas culturais ligados a Belo Horizonte. O R.U.A – Registro Urbano Audiovisual – é um projeto de produção audiovisual. O R.U.A visa refletir sobre as formas de percepção e representação da cidade através da produção de imagens em vários formatos. O projeto tem como objetivo a pesquisa sobre a linguagem audiovisual e suas possibilidades de representação da realidade urbana. O resultado é a produção de vídeos elaborados pelo núcleo permanente do projeto, constituído por alunos bolsistas dos cursos de Belas Artes e História. O R.U.A também elabora vídeos originários da cidade e do olhar de seus habitantes, a partir de oficinas realizadas com a população, tratada como interlocutora da universidade no processo de produção de conhecimento. Nesse sentido, o projeto busca proporcionar o acesso público às formas de produção audiovisual, seguindo os princípios de democratização da comunicação e de apropriação da universidade pela sociedade. Com as oficinas, o projeto também busca formar uma percepção crítica sobre a linguagem audiovisual, ao explicitar e explorar todas as etapas do processo de produção. Portanto, o R.U.A contribui também para um maior domínio da realidade contemporânea, amplamente compreendida pela produção audiovisual, principalmente da grande mídia eletrônica.

Objetivos

A cidade é o objeto do R.U.A, considerada um mosaico de percepções, uma explosão de fluxos e sensações, vivida de forma singular por cada indivíduo. Sobre o urbano, emergem representações e é construído o imaginário da pós-modernidade. A cidade é dada a ler em uma profusão de imagens oriundas dos discursos sobrepostos sobre seus lugares, da memória coletiva, das identidades históricas construídas, da diversidade cultural e social, da materialidade significada na arquitetura e nas intervenções físicas no espaço urbano. Cada grupo cultural da cidade se apropria de aspectos, recursos e lugares de forma singular, constituindo identidades e memórias coletivas. Como espaço público, a cidade abarca a diversidade. A exemplo das grandes metrópoles do país, Belo Horizonte produz diversos olhares, que podem ser transmitidos através da produção audiovisual. O R.U.A tem como objetivo principal refletir sobre as formas de representar a cidade, considerando sua diversidade de manifestações culturais, sociais, histórias e estáticas. O projeto busca experimentar diferentes formatos audiovisuais, em diálogo com linguagens típicas da contemporaneidade, como a internet e a edição ao vivo, típica da televisão. Dentro desta proposta, o R.U.A busca integrar a população de Belo Horizonte na elaboração dos vídeos, com o intuito de produzir representações da cidade a partir da perspectiva dos mais variados grupos culturais, portadores das mais diversas. Essa integração se da através de oficinas nas quais os cidadãos co-produzem os vídeos, incorporando na elaboração audiovisual seu conhecimento e perspectiva sobre a cidade. O diálogo com a população de Belo Horizonte

[1]Coordenadora, [2]bolsistas
Número de Registro SiexBrasil: 167
Área Temática: Comunicação
Centro Cultural UFMG
Contatos: ccult-dir@proex.ufmg.br e (31) 3238-1078

também é efetivado na abordagem de temas de culturas urbanas pouco contempladas pela grande mídia, proporcionando um espaço para a manifestação de discursos pouco difundidos. Aliado a essa proposta inclusiva, o R.U.A pretende explorar as possibilidades da linguagem audiovisual. Utilizando as novas mídias o projeto concilia animações e grafismos produzidos a partir de recursos de informática com imagens geradas por câmeras digitais. O R.U.A busca pesquisar e mesclar as linguagens do vídeo, do documentário, da televisão, da internet e da leitura da cidade, a exemplo do grafitti, sinalização de trânsito, arquitetura e todos os signos que compõe a identidade do meio urbano. Nesse sentido, o R.U.A visa produzir representações audiovisuais do meio urbano explorando as formas híbridas das mídias contemporâneas e buscando elaborar produtos que apresentem diferente discursos e perspectivas sobre a cidade.

Metodologia

Os integrantes do R.U.A são alunos dos cursos de Belas Artes e História, o que conduz a uma discussão metodológica que associa lógicas diversas e abarca preocupações diferentes. Essa hibridez é perfeitamente compreendida pela linguagem do audiovisual que concilia textos, som, imagens, grafismos em um único conceto. O R.U.A tem como metodologia principal a discussão conceitual e teórica concomitante à produção. A percepção da cidade e das possibilidades de registro da realidade urbana são constituídas através do uso dos equipamentos digitais, explorando seus recursos de linguagens. Os vídeos produzidos pelos integrantes do projeto passam por uma discussão e definição do objeto a ser abordado. Em seguida um roteiro de trabalho é elaborado com as possíveis fontes a serem entrevistadas ou pesquisadas. Em seguida, são feitas entrevistas e capturadas as imagens. A edição é preparada a partir do material disponível e considerando as possíveis intervenções gráficas, criadas e manipuladas com recursos de informática, e sonoras, como trilha sonora e samplers. As oficinas seguem o mesmo princípio do núcleo permanente: os vídeos são pensados durante a produção, com as discussões conceituais exemplificadas pelo trabalho realizado. Apesar de amplamente difundida como fonte de informação, os produtos audiovisuais são pouco conhecidos no que concerne a suas possibilidades e formas de criação. As vinhetas e vídeos institucionais são elaborados em conjunto com os integrantes dos demais projetos. O conceito é discutido considerando a estética do R.U.A, a identidade visual do Centro Cultural e as características do produto a ser divulgado.

Resultados e Discussão

Através do trabalho elaborado no R.U.A, mostrou-se fecunda a interdisciplinaridade da história com as artes plásticas, na criação audiovisual. Os produtos gerados refletem, tanto estética quanto discursivamente, as questões conceituais relativas à percepção da cidade, sua significação historicamente construída, as leituras possíveis de sua realidade. A cidade é representada pela carga de memória, identidade, entrelaçamento e choque de linguagens e interesses diversos. É essa diversidade e profundidade simbólica que o R.U.A busca explicitar em sua produção, ao disponibilizar os recursos audiovisuais para possíveis leituras e olhares da cidade.

Produtos Gerados

Na produção do R.U.A, existem desde vídeos gerados através da interação com outros projetos do Centro Cultural, até oficinas abertas à população e experimentações de linguagem audiovisual. Nesse sentido, o R.U.A produziu desde vinhetas e vídeos institucionais sobre projetos abrigados pelo Centro Cultural UFMG, até mini documentários para TV com linguagem de Internet e performances de edição ao vivo em diálogo com a música eletrônica. O d.ver.cidade é o primeiro vídeo do R.U.A, elaborado em março de 2003. O vídeo foi produzido em ocasião do lançamento do D-ver.Cidade Cultural: rede de agentes culturais juvenis, que constitui o resultado e a continuação do projeto de Formação de Agentes Culturais Juvenis, realizado pela Faculdade de Educação em parceria com o Centro Cultural UFMG. O vídeo apresenta as possibilidades culturais da periferia de Belo Horizonte, através da perspectiva dos jovens integrantes do projeto e de membros das comunidades em que atuam como agentes culturais. O vídeo apresenta também o impacto do projeto na vida dos agentes e o potencial social de atividades culturais em comunidades de baixa renda. O d.ver.cidade possui cerca de dez minutos de duração. O vídeo já foi exibido para divulgar o projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis, assim como em cursos e palestras para discutir o papel e potencial do jovem em comunidades de baixa renda. Em maio de 2003, o R.U.A elaborou relé, uma instalação de vídeo durante o 10º Encontro Nacional da ANPUR – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em

Planejamento Urbano e Regional. O conceito da instalação foi a tensão e as fronteiras entre o racional e o irracional, o previsível e o imprevisível, o que é planejado para a cidade e os infinitos possíveis da realidade urbana. Para refletir sobre as formas de perceber e atuar no meio urbano em relé, Belo Horizonte foi tomada como objeto do vídeo e de fotografias, assim como ponto de partida para as reflexões textuais acerca do planejamento urbano.
O R.U.A produziu uma vinheta com a agenda do Centro Cultural para ser veiculada antes da exibição dos filmes no Cineclube UFMG, com o intuito de divulgar os projetos desenvolvidos no Centro Cultural. O R.U.A produziu também um vídeo publicitário sobre o projeto Escambo, um enasaio aula com o bloco oficina Tambolelê, que acontece todos os domingos no Centro Cultural UFMG. O comercial é veiculado no Cineclube UFMG e nas salas Unibanco Belas Artes de cinema, em Belo Horizonte. Ainda em diálogo com os demais projetos desenvolvidos no Centro Cultural UFMG, o R.U.A elaborou vinheta de divulgação da *Rede de letramento digital e comunicação*. A *Rede Lê* ainda está em fase de implementação e a vinheta serve como apresentação. Em parceria com a prefeitura de Belo Horizonte, o R.U.A ministrou oficina para estudantes e professores de escolas públicas da cidade, com objetivo de elaborar o vídeo institucional da 8ª Mostra Plural. A Mostra, realizada em outubro de 2003, é um evento anual que reúne cerca de 12 mil pessoas e 80 escolas municipais, que apresentam o trabalho realizado ao longo do ano. O vídeo institucional do evento, com duração de cerca de 8 minutos, foi produzido por sete alunos da oficina com a supervisão e edição dos integrantes do R.U.A. Em seu viés experimental, o R.U.A fez uma apresentação de Live Images na calourada Gabe-se, da Escola de Belas Artes e das Faculdades de Letras, Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, que aconteceu em 24 de outubro de 2003. O Live Images é o formato mais moderno da produção audiovisual contemporânea. Consiste em uma vídeo-performance com manipulação de imagens ao vivo em diálogo com a música eletrônica. Os Djs convidados para a calourada foram Roger Moore e Fog. A edição foi feita ao vivo pelos integrantes do R.U.A, a partir de uma banco de imagens e grafismos relacionados com Belo Horizonte e com os elemenos típicos do meio urbano. Atualmente, o R.U.A vem produzindo o *mudo*: séries de programas experimentais de TV, que trabalham sobre temáticas urbanas. Os programas, com duração de 3 minutos, exploram imagens e ruídos da cidade, além de depoimentos. O *mud*o apresenta formato que trabalha a linguagem do documentário associada à estética da internet. Além da veiculação na TV, as séries do *mudo* servirão de substrato para vídeo performance, no formato de Live Images. A primeira série do *Mudo*, com 6 programas, tem como tema o hipercentro de Belo Horizonte. Os programas trabalham sobre elementos característicos dessa área: camelôs, taxistas, grupos de dança de rua, o skate, o lixo, os cinemas de rua que deixaram de existir no centro. A segunda série do Mudo, com 3 programas, é o resultado de oficinas ministradas pelo R.U.A a grupos de professores da rede municipal de ensino de Belo Horizonte, integrantes do projeto Horizontes da Cidadania. Os programas têm a seleção de temas e direção dos professores com o apoio técnico da equipe do R.U.A. Tratam sobre: o idoso cidadão, a revitalização da Praça 7 de Setembro e a prostituição.

Conclusão
O R.U.A trouxe uma fecunda experiência interdisciplinar que conduziu a resultados de pesquisa e relações da Universidade com a sociedade que sintonizam com o objetivo de democratização de conhecimento.

LABORATÓRIO DE HIPERMÍDIA

Regina Helena Alves da Silva[1], Luiz Fernando de Souza[2], Ana Catarina Parisi Pinheiro, André França Braga, Cristiano Brant Trindade, Mateus Guerra de Almeida, Pedro Silva Marra e Renata Ornellas[3].

Introdução

O reconhecimento e inserção social dão-se de forma política, através da prática da cidadania: o exercício dos deveres e dos direitos de um indivíduo perante a sociedade em que ele vive. Dentre esses direitos estão os culturais, a partir dos quais pode-se interferir no processo dinâmico da cultura, através do acesso pleno, legítimo e reconhecido aos bens culturais, a sua criação e transformação. A universidade pública possui o papel de ampliar o acesso e a criação de discursos e conhecimento, promovendo a inclusão social no âmbito da produção simbólica. Nesse sentido, o Centro Cultural UFMG possui o programa Cidadania Cultural, baseado no pressuposto de que o exercício da plena cidadania passa, necessariamente, pela inserção consciente e deliberada no processo cultural. O programa desenvolve e trabalha propostas inclusivo-educativas, visando a interação de diferentes públicos e a ampliação do conceito de cidadania pelo viés da cultura. Ao mesmo tempo, consolida o Centro Cultural UFMG como espaço de discussão e produção de bens simbólicos, o que possibilita a democratização do conhecimento para a população em geral e amplia o diálogo entre universidade e sociedade. O Cidadania Cultural desenvolve atividades que buscam o acesso às novas tecnologias, a disponibilização de informações gratuitas (através da leitura de veículos impressos), o aprimoramento da formação de professores da rede pública de ensino, a ampliação do acesso aos meios de produção cultural e a formação de um público produtor e multiplicador de cultura. O programa engloba projetos como: Laboratório de Hipermídia, Formação de Agentes Culturais Juvenis, Horizontes da Cidadania, Guernica e Projeto Leitura. O Laboratório de Hipermídia integra o programa Cidadania Cultural e busca a inclusão social através do letramento digital. O projeto é desenvolvido através de oficinas oferecidas por alunos bolsistas e por profissionais parceiros do Centro Cultural UFMG, a exemplo da ong Associação Imagem Comunitária. O Laboratório de Hipermídia utiliza os recursos e explora a linguagem das novas tecnologias em um espaço multimídia com computadores ligados à internet e com programas de edição de imagem e som, além de equipamentos de vídeo, áudio e fotografia. A aquisição de equipamentos para o projeto foi pensada para abrir novas possibilidades de atender e ampliar nosso público e, acima disso, viabilizar o contato e o manuseio de softwares que, atrelados a informação qualificada, possibilitem a criação de bens simbólicos. Integrado a outros projetos, o Laboratório de Hipermídia funciona como espaço para a inserção e reflexão sobre as possibilidades das novas mídias na produção cultural. Nesse contexto, o letramento digital visado pelo projeto remete a um processo de aprendizagem concomitante à criação. Durante os trabalhos do Laboratório de Hipermídia o conhecimento é produzido de forma coletiva, em um diálogo estreito entre a universidade e a sociedade que se apropria dos recursos acadêmicos de maneiras singulares. Portanto, o benefício da aprendizagem é dos alunos bolsistas e parceiros, assim como dos cidadãos que participam das oficinas.

Objetivos

Potencializar o exercício da cidadania através da participação social e cultural. Nesse sentido, busca ampliar o acesso às novas tecnologias, estimulando os usuários a se apropriarem dos recursos midiáticos para produzir seus próprios bens culturais. Com isso, o projeto visa possibilitar a expressão do sujeito através das mídias eletrônicas, ampliando a gama de discursos criados sobre a realidade. Em uma sociedade dominada pela perspectiva da grande mídia, o projeto permite a democratização da produção simbólica ao ampliar o acesso à criação e à comunicação de diversos olhares sobre a realidade cotidiana. Por outro lado, ao fornecer informação e construir conhecimento sobre o discurso midiático, contribui para a formação de um espírito crítico sobre a cultura e a comunicação de massa. Portanto, o projeto visa a combater o analfabetismo digital, tanto ao possibilitar a manipulação consciente

---

[1]Coordenadora, [2]técnico-administrativo, [3]bolsistas
Número de Registro SiexBrasil: 162
Área Temática: Comunicação
Centro Cultural UFMG e Faculdade de Educação/Observatório da Juventude.
Contatos: ccult-dir@proex.ufmg.br e (31) 3238-1078

das novas tecnologias para a produção de cultura e comunicação, quanto ao permitir o domínio crítico da linguagem midiática, cujo poder simbólico é hegemônico no Brasil, principalmente no caso da televisão. O Laboratório é aberto à comunidade e, a princípio, atende a uma demanda que já existe no Centro Cultural UFMG: os professores integrantes do projeto Horizontes da Cidadania, os jovens do Projeto Formação de Agentes Culturais, da Rede Jovem de Cidadania e Projeto Guernica. Entretanto, a proposta é abranger outros projetos sociais, alunos da UFMG, estudantes da rede pública e a sociedade em geral, tendo em vista que a inclusão e o letramento digital são medidas imprescindíveis para a conquista da cidadania na contemporaneidade.

Metodologia

O Laboratório de Hipermídia tem como principal parâmetro metodológico o estímulo e a sensibilização para a importância e utilidade das novas tecnologias na vida contemporânea. Sem que haja esse incentivo, as tentativas de possibilitar um domínio das novas mídias se mostram inócuas. A sensibilização é alcançada quando se cria a noção de que o domínio das novas tecnologias não é um objetivo final, mas apenas um meio – *media* – para se adquirir e transmitir conhecimento. Nesse sentido, os recursos midiáticos, a exemplo dos computadores com softwares de edição e criação, da internet, das câmeras digitais de vídeo e de fotografia, dos gravadores digitais de áudio, funcionam como instrumentos de comunicação e produção de conhecimento. Nesse sentido, o projeto apresenta a necessidade de se diagnosticar as demandas de seus usuários. Nesse ponto, reside a importância crucial de monitores que possam estabelecer um diálogo com o público, antes que se inicie o contato com as máquinas. Em um primeiro momento, é necessário apresentar as possibilidades de comunicação e de criação das novas tecnologias diante dos interesses apresentados pelos usuários. È imprescindível apontar as vantagens e as soluções das novas mídias ante aos problemas e necessidades do cotidiano de cada grupo de trabalho. Portanto, é metodologicamente interessante que se trabalhe em pequenos grupos, nos quais o diálogo é mais fecundo. As parcerias também se mostram profícuas já que trazem usuários com objetivos e interesses pré-avaliados. Um bom exemplo é o caso do projeto parceiro Rede Jovem de Cidadania, da ONG Associação Imagem Comunitária (AIC), que abriga jovens de todas as regionais de Belo Horizonte com o objetivo claro de produzir comunicação comunitária. A parceria com a AIC foi preparada e discutida dentro do conceito de letramento digital do Laboratório de Hipermídia, através de uma discussão sobra a sensibilização e a importância do domínio das novas mídias para o exercício da cidadania. Após o diagnóstico das necessidades dos grupos de usuários, o contato com as máquinas é direcionado para explorar suas possibilidades em suprir essas demandas. Podem ser produzidos jornais na web, a internet pode servir como fonte de pesquisa e contato interinstitucional, pode-se filmar e editar vídeos para comunicação comunitária ou fins didáticos, gerar programas de rádio pela internet, dentre diversas outras demandas.

Resultados e Discussão

Como resultado das discussões sobre o Laboratório de Hipermídia, seu conceito, seus objetivos e sua metodologia, foi estruturado um projeto mais abrangente: *Rede Lê de Letramento Digital e Comunicação*. A *Rede Lê* é um projeto que busca a inclusão social e o exercício da cidadania, através da produção coletiva de conhecimento. O fundamento da Rede é a interação de realidades diversas em torno de planos culturais que permitam a inserção de novos discursos e expressões na cena pública. Ao se organizar em prol de planos comuns, os grupos integrantes do projeto compartilham não só o mesmo território, mas interesses, necessidades, experiências e desejos coletivos, constituindo uma comunidade física e virtual. A Rede Lê será constituída por 18 telecentros, com computadores equipados com softwares de criação e edição audiovisual, ligados por internet via satélite com acesso gratuito 24 horas. Em cada núcleo haverá oficinas de letramento digital. Noventa monitores já formados pelo Centro Cultural UFMG, Associação Imagem Comunitária e Observatório da Juventude, projeto da Faculdade de Educação, serão responsáveis pelo treinamento de outros monitores nas comunidades. A idéia é que o projeto se torne auto-sustentável e que as comunidades possam conduzi-lo por conta própria. Para isso, é fundamental desmistificar o aparato técnico e familiarizar o usuário com a lógica da organização das informações no computador. Dessa forma ele será capaz de se apropriar de ferramentas como a Internet e dos softwares que possibilitam a criação e produção de artefatos culturais. Além das oficinas de letramento, serão desenvolvidas as oficinas de mobilização cultural e comunicação comunitárias. Os grupos envolvidos na oficina de comunicação terão liberdade para definir os projetos que irão implementar, as informações que querem divulgar e as mídias que serão criadas sejam programas de rádio

ou TV, CD ROM, sites, jornais impressos e on-line, revistas, livros e outros. Os grupos também podem escolher o equipamento a ser usado de acordo com a disponibilidade de cada núcleo. Os agentes culturais irão promover a mobilização cultural a partir da integração comunidade/escola/rede com o mapeamento, contato e articulação dos grupos culturais das regiões do entorno dos núcleos. Para isso serão realizados laboratórios, oficinas, ruas de lazer, shows, debates, seminários de sensibilização. A Rede Lê está em fase de implantação a partir de núcleos na região metropolitana de Belo Horizonte, Montes Claros, Diamantina, Serra do Cipó e São João das Missões. Nas escolas, todas públicas, assim como nos demais telecentros, a rede vai proporcionar a produção de conteúdos de acordo com as necessidades de alunos, professores, funcionários, pais e da comunidade do entorno. A rede também permitirá a interdisciplinaridade, através da troca de experiências desenvolvidas em sala de aula através da internet e de trabalhos conjuntos. Esses grupos que se entrelaçam na Rede são heterogêneos: jovens de periferia, alunos e professores da UFMG, professores e estudantes de escolas públicas, comunidades indígenas, representantes da terceira idade, monitores juvenis de mídias comunitárias e agentes culturais juvenis. Todos estão envolvidos em um mesmo sentimento de pertencimento e se reconhecem como parte ativa de uma identidade construída em função do acesso, produção e expressão cultural através da utilização de novas tecnologias e do letramento digital. De acordo com o conceito e metodologia de letramento digital já expostos, as comunidades envolvidas pela Rede Lê terão autonomia para propor temas para discussão e criação de produtos a serem propagados, de acordo com seus interesses e necessidades. Cada comunidade terá a possibilidade de dizer, à sua maneira, sobre sua própria realidade, através dos produtos simbólicos que produzirão a partir do letramento digital. Assim, o projeto é uma oportunidade para que os grupos construam uma imagem positiva de si mesmos, modificando a visão da sociedade. O letramento digital é uma experiência recente no país, o que abre a possibilidade para novos horizontes na área da pesquisa acadêmica. O grupo responsável pela criação e implantação da Rede reúne professores, pesquisadores, alunos, profissionais do mercado e interessados na implantação de políticas que promovam a cidadania, a inclusão social e o desenvolvimento tecnológico. Nesse contexto, o Ministério das Comunicações é responsável pela instalação das antenas digitais que possibilitam o acesso via satélite à Internet, através de convênio firmado com o Centro Cultural UFMG.. Para que a Rede de Letramento Digital efetive sua proposta junto às escolas é necessária a instalação da estrutura física de telecentros que terão como referência o modelo já instalado no Centro Cultural UFMG, o Laboratório de Hipermídia.

Produtos Gerados

O Laboratório gerou produtos através de oficinas de vídeo, rádio e internet ministradas pelos alunos bolsistas do Centro Cultural UFMG e professores convidados a educadores de rede municipal de ensino, em uma parceria com o Horizontes da Cidadania, projeto da Prefeitura de Belo Horizonte abrigado pelo Centro Cultural UFMG.. Da oficina de vídeo, ministrada pelos integrantes do projeto R.U.A – Registro Urbano Audiovisual – do Centro Cultural UFMG participaram três grupos de professores de escolas municipais. O objetivo da oficina foi apresentar o processo da produção em vídeo em todas as suas etapas, desde a escolha do tema a ser abordado até a finalização gráfica, passando pelo roteiro, filmagem e entrevistas, decupagem, montagem e edição. O resultado foi a produção de três programas para TV com duração de cerca de 3 minutos. Foram debatidas, durante a produção, as questões teóricas e as possibilidades de construção do discurso utilizando os recursos audiovisuais, como textos, sons, imagens e efeitos gráficos. Foi discutida ainda, a importância desses recursos e do domínio da linguagem audiovisual para fins didáticos. Na oficina de rádio, os três grupo de professores participantes aprenderam o processo de produção, desenvolveram a sensibilidade auditiva, discutiram as experiências comunitárias e elaboraram uma pauta. Foi realizado um trabalho de campo para captar os sons e explorar os temas pautados. O resultado foi a elaboração de uma série de programas que mesclam sons urbanos, depoimentos e linguagem coloquial, sempre com a perspectiva da liberdade de expressão e de informação. Todo o material foi editado em computador, através de programas de tratamento digital de áudio. O objetivo da oficina de Internet, da qual participaram também três grupos de professores, foi visualizar alternativas de trabalho cooperativo em rede e de construção da inteligência coletiva. Os participantes foram convidados a perceber o ciberespaço através de analogias com o espaço urbano, lugares, equipamentos e serviços localizados nas duas dimensões. Ao final elaboraram um produto para a web. O trabalho foi conduzido a partir das experiências individuais acerca do uso de computadores e da Internet, o que possibilitou o debate sobre como os jovens lidam com a tecnologia digital, problematizando a relação professor-

aluno. Além das oficinas de Vídeo, Rádio e Internet, O Laboratório de Hipermídia produz, ainda, peças de comunicação comunitária em parceria com o projeto Rede Jovem de Cidadania da AIC. A oficina de rádio comunitária envolve a utilização de documentos sonoros e audiovisuais, discussões e dinâmicas em grupo, audição e análise de programas, apresentação de técnicas de locução e entrevista, exercícios práticos – culminando com a criação, pelo grupo, de programas de rádio para veiculação semanal em emissoras educativas e comunitárias. Atualmente os programas são transmitidos pela Rádio Favela todas as quartas-feiras. O objetivo é que, ao longo do curso, a mídia radiofônica seja apropriada pela comunidade para a expressão e a troca de informações. Na perspectiva da comunicação comunitária, entendemos esta mídia como um meio de sensibilização, interação e motivação do grupo envolvido para um redimensionamento de suas relações e seu agir cotidiano. A oficina de TV comunitária se dá na forma de um vídeo-processo: os participantes pautam, roteirizam, dirigem, produzem e atuam em programas de vídeo (com veiculação televisiva) sobre a comunidade. Ao longo deste processo, conhecem a estrutura de produção, técnicas e conceitos básicos do alfabeto e gramática do vídeo e TV - ou seja, os elementos formais e de linguagem que se combinam na construção do texto videográfico e televisivo. A metodologia envolve ainda dinâmicas de grupo que promovem o desenvolvimento da noção de organização, cooperação, participação, aliado à pesquisa de elementos de imagem e som. Na medida em que conhecem as possibilidades da TV, os participantes vão elaborando novas formas de expressão televisiva. A oficina de jornal comunitário propõe a mobilização local para dar forma nas mais variadas linguagens, envolvendo da charge à reportagem às informações sobre as iniciativas comunitárias nos campos da cultura e da cidadania. Os participantes atuam em todo o processo de criação: linha editorial, definição de pautas, reportagens e entrevistas; redação e edição. São trabalhados: o jornal como espaço de visibilidade; o conceito de visibilidade; linguagem, representação; o caráter plástico e estético das letras; a entrevista como diálogo; o produto como processo; ética; noções de gramática; o fazer jornalístico; gêneros jornalísticos; a construção gráfica do jornal. A agência de notícias tem o objetivo de intervir no espaço da grande mídia, propondo novas pautas e promovendo visibilidade de iniciativas que tradicionalmente não são percebidas pelos veículos: os pequenos projetos comunitários que promovem a cultura e a cidadania. Os participantes fazem visitas de sensibilização e levantamento de informações sobre instituições e grupos que realizam projetos sociais e culturais que contribuem com a melhoria da qualidade de vida das comunidades. As informações são enviadas semanalmente para a imprensa (jornais, TVs, rádios), na forma de boletins com sugestões de pauta para os veículos.

Parcerias
Associação Imagem Comunitária e Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

O MITO COMO PEDAGOGIA

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa[1], Sônia Queiroz[2], Matheus de Sant'Ana Horta[3].

Introdução

A prioridade a práticas voltadas para a inserção de uma área de estudo com dificuldades específicas e distantes da realidade do brasileiro comum é a meta de dois projetos integrantes do Programa Letras e Textos em Ação da Faculdade de Letras da UFMG: o projeto Contos de Mitologia e o Curso de Atualização em Civilizações Antigas. Em andamento desde 1998 e criados pelo antigo Departamento de Letras Clássicas, os projetos citados fazem parte de uma área de conhecimento que é compreendida a partir de algumas perspectivas as quais poderíamos limitar, grosso modo, a três abordagens que não correspondem à verdade: a) um saber inacessível, trabalhoso, lento em seus resultados e quiçá antiquado e inútil dentro de um país em construção de sua identidade nacional e ansioso por libertar-se do colonialismo intelectual europeu; b) um saber restrito de eruditos para eruditos e c) um saber difuso e romanticamente estabelecido a partir de um imaginário construído com fantasias acerca de um mundo perdido.

Objetivos

Sem dúvida alguma, trata-se de uma opção radical estudar grego e latim no Brasil atual. Existem dificuldades que vão desde a aquisição de bibliografia e impossibilidade de consulta a manuscritos e inscrições parietais, visitas a museus etc, até o longo tempo de dedicação necessário para se adquirir um conhecimento que realmente contribua para o panorama dos estudos clássicos no mundo. Portanto, não se pode deixar de admitir que estudar tais coisas é uma aventura intelectual ousada, quase épica no Brasil. Contudo, nossas pesquisas nessa área avançam e a UFMG vem se tornando referência com um diferencial importante: assegura a relação bidirecional entre a universidade e a sociedade. Estabelece-se como centro de excelência nas pesquisas acadêmicas sem perder com isso a noção do seu papel social no quadro intelectual do país. Docentes e discentes têm trabalhado em projetos que exigem pessoal altamente qualificado, como por exemplo, o estudo de manuscritos e, simultaneamente, em projetos extensionistas voltados para a educação do ensino fundamental e médio. Os objetivos dos dois projetos mencionados são convergentes; ambos pretendem manter e ampliar os esforços para a difusão da cultura clássica.

Metodologia

O mito como uma forma de saber. Aproveitando construções de um imaginário sedutor, os projetos Contos de Mitologia e Curso de Atualização em Civilizações Antigas vêm permanentemente criando oportunidades de aprendizagem sem destruir fantasias ou motivações românticas de iniciantes na área. O suporte básico desse dois projetos está na utilização de um imaginário favorável, às vezes um pouco extravagante, construído em torno dos estudos clássicos. Imaginário eficaz e presente no mundo infantil com as histórias de mitologia genuína e mesmo aquelas já bem descaracterizadas nos programas e seriados de TV. Imaginário que também atrai jovens e adultos na perspectiva de uma viagem no tempo, no espaço e na cultura. Tendo em vista esse imaginário, consideramos que os mitos criados em torno de um saber podem vir a ser instrumentos úteis no processo de iniciação a uma determinada área.

Resultados e Discussão

Ora, se falamos de mitos – para que não haja mal entendidos – é preciso definir o que seja um mito para nós. Definimo-lo, metaforicamente, como 'um dia de sol em meio à chuva', uma mistura de saber intuitivo e saber racional e sistematizado. Sob o amparo de uma metáfora e sob a guarda do cineasta japonês Akira Kurosawa re-

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenadora, [3]bolsista
Programa Letras e Textos em Ação
Número de Registro SiexBrasil: 84
Área Temática: Cultura
Faculdade de Letras
Contatos: virginiarb@yahoo.com.br e (31) 3412-1032

corremos ao primeiro episódio do filme Sonhos, cujo título utilizamos para definir mito: Sol em meio à chuva. Sol em meio à chuva articula-se, em quinze minutos, através de uma série de atitudes assim constituída: advertência, escolha, caminho a percorrer e provável castigo por erros cometidos. Esse tipo de seqüência narrativa aproxima-se muito do modelo dos Mitos. Na primeira cena do filme, uma figura feminina - de autoridade suficiente para que possamos nomeá-la 'mãe'- proíbe uma criança de sair de casa. A argumentação oferecida para o menino pela mãe consiste principalmente na declaração de que naquele dia há sol e chuva e que dias assim são propícios para o acasalamento das raposas. Logo em seguida, ela avisa sobre um perigo iminente: as raposas não gostam de serem vistas durante o acasalamento, portanto, é proibido sair de casa. A situação criada traz um problema e uma advertência para evitá-lo. Porém, frente à lei promulgada pela mãe, a criança escolhe transgredir. Depois da transgressão, deverá percorrer solitariamente um caminho em busca da indulgência da raposa para obter sua reintegração. Tal como é narrado por Akira Kurosawa o mundo apresentado distancia-se - em imagem, sons e intenções – de um universo simples e transparente. A construção poética de Kurosawa é mimesis[1] da vida real de uma criança, na qual, convenhamos, a simplicidade não é natural. No comum do existir – de crianças, jovens e velhos - as facilidades e dificuldades estão misturadas como dias de sol e chuva. Concebida como um grande edifício simbólico, a narrativa visual e sonora de Kurosawa manifesta entidades sensíveis que conduzem a sentidos pouco evidentes e até mesmo ocultos. Vários aspectos simbólicos constroem, por exemplo, o relacionamento mãe-filho-cosmo e o processo educativo imposto à criança. O primeiro símbolo[2] que nos chama a atenção é o da conjunção entre sol e chuva – elementos em princípio opostos e que no filme são complementares. O sol é o elemento seco, fonte de calor, luz e energia, princípio vital. A chuva elemento úmido, por oposição ao sol, carrega em si a influência do céu sobre a terra. Misturadas essas duas espécies de polaridades, o conhecimento/sol deverá acontecer em meio ao obscuro e indefinido representado pela chuva. A ausência de clareza na fala de exortação da mãe é um exemplo do encoberto em contraposição ao claro e visível. Ela, referindo-se ao perigo, diz: "... quando se sai..." "Coisas que dão medo acontecem..." A proibição da mãe não é tirânica; há nela, como aludimos antes, uma explicação lógico-mítica: em dias em que há sol e chuva as raposas não querem ser vistas porque estão acasalando. A afirmação não só desperta a curiosidade da criança como também instaura a apreensão na narrativa e, por causa dos vazios, elementos adequados para uma narrativa mítica, afirmamos que o cineasta, ao estruturar sua película, tem para com a história narrada uma atitude mítica. Uma outra forma de demonstrar a falta de transparência criada por Kurosawa no filme é através do cenário que envolve as ações e decisões das personagens. As imagens criadas conduzem o espectador para a consciência da indefinição de instâncias que incitam uma tomada de posição. A cena é construída inicialmente no átrio de uma casa japonesa iluminada pelo sol e obscurecida pela chuva. A falta de clareza do olhar é produzida: - pela imagem da chuva que cai e impede a nitidez na visão das personagens; - pela névoa que se sobrepõe à visão da floresta e pelas árvores que obstruem a contemplação do acasalamento das raposas. A falta de clareza no ouvir é obtida: pela superposição de sons (fala + chuva; passos + chuva) que provocam a sensação de ruídos. Em Sol em meio à chuva, a música[3] tem uma utilização bem definida, pois aparece em apenas dois momentos: durante a contemplação do acasalamento das raposas e no encerramento do episódio, travessia de um campo florido rumo ao arco-íris. Observando cuidadosamente as cenas pode-se constatar que a música é prerrogativa do sagrado e exclusividade da vivência individual da criança que se coloca frente ao mistério. Por outro lado, a sonorização – ranger de portas, passos, gotejar da chuva, desembainhar do punhal, etc – em momentos distintos daqueles musicados, transmite naturalidade[4] e sua presença possibilita a assimilação do real de forma mais imediata. Dessa maneira, quando a vivência do mistério sobrepuja a do cotidiano, o ruído ordinário desaparece. Isso pode ser percebido facilmente durante o ritual do acasalamento das raposas: a chuva continua (podemos vê-la e senti-la), mas, por um átimo, em estado contemplativo, já não ouvimos seu ruído. Música e imagem-movimento tornam-se indissociáveis, são dança, são acasalamento de raposas. Os movimentos fazem-se pela música, a música faz-se pelos movimentos. Para a cena, Shinichiro Ikebe compôs uma música de caráter inequivocamente oriental. A impressão de estabilidade e instabilidade alterna-se através da movimentação da linha melódica que, apesar da unidade, é fragmentada, e que, embora cíclica, sempre se renova. Os microtons, tons e intervalos colocados lado a lado sugerem que a experiência do mito é algo único, solitário e absolutamente pessoal. O segundo momento em que a música existe, quando o menino inicia a sua jornada, tem um caráter bem diferente daquele da cena na floresta. Trata-se de uma linguagem eminentemente ocidental, a começar pelo emprego da orquestra contraposta à "melodia acompanhada"[5] da fase anterior. Adotou-se para esse segundo momento

musical a peça musical do russo Mikhail Mikhailovich Ippolitov-Ivanov, nomeadamente, Esboço Caucasiano n. 1, op. 10[6]. A linha melódica, agora, propõe movimentos melódicos ascendentes e descendentes intercalados (isto é, a um grupo ou figura ascendente corresponde um desenho similar descendente). O resultado é a construção de uma metáfora sonora da montanha que está diante da criança. Já que dois pontos, quaisquer que sejam, estabelecem uma reta, esses dois aspectos – a música ocidental e a oriental – criam uma travessia a qual não importa nem o ponto de chegada nem o de saída, mas o percurso. Como vê-se, o jogo de opacidades e sons que se inicia na comunicação da mãe com a criança no átrio da casa, que passa pelos batuques de percussão e melodias criadas pela flauta na floresta e que termina com a melodia de Mikhailovich constrói a sensação de mistério presente nos mitos. Resta comentar acerca da simplicidade. É também a partir da fala inicial da mãe que percebermos o estabelecimento de um conflito interno da criança - demonstrado pelo olhar que se dirige para dentro e para fora do átrio. No caminho percorrido até a floresta, aos poucos, a imagem das grandes árvores reproduz a imagem da mãe[7] e de sua proibição. A desproporcionalidade da criança em relação à árvore em que ela se esconde chama a atenção, fica evidente, nesta imagem, o arquétipo da grande-mãe. É primorosa a construção em que percebemos a figura da mãe-árvore como sendo aquela que protege e ao mesmo tempo impede a visão. A cena em que a criança vê a dança do acasalamento das raposas tem, pelas cores e movimentos musicais, o erotismo do não permitido. Instaurado, na película, o mistério e o conflito, mais uma vez, a narrativa distancia-se - em antítese – das situações simples e transparentes dos contos de fadas para se aproximarem da abordagem existencial, embora fantasiosa, dos mitos.
Os vazios e a atmosfera de mistério que levaram o iniciante, no filme a buscar e descobrir verdades serviram de exemplo para nossa prática pedagógica. As velhas questões existenciais das narrativas mitológicas, a possibilidade da transgressão, a assunção das conseqüências da transgressão e a reintegração após o rompimento com a ordem estabelecida são questões diárias presentes na vida de todo e cada brasileiro. Embora apresentando decisões e atos graves, a narrativa de Kurosawa aqui tomada como exemplo de narrativa mítica, cumpre a função de entretenimento. Constata-se, a partir do detalhamento das partes do filme de Kurosawa que os mitos ensinam e divertem. Como a criança de Kurosawa, somos educados por mitos. Bons ou maus eles dirigem nossa vida. Crescemos dirigidos por histórias aparentemente sem pé nem cabeça, vindas de lugar nenhum, anônimas, cercadas pelas sombras do "não sei bem como". Libertamo-nos de algumas, sucumbimos a outras. Platão, na República[8], adverte acerca das histórias que são mantidas em nossas memórias pelo fascínio ou pelo espanto. O mito do acasalamento das raposas proposto pela mãe no processo educativo do filho foi uma provável mentira que se constituiu como verdade pela habilidade materna. De fato, depois de sair em dia de sol e chuva, 'coisas que dão medo' aconteceram para a criança. Ela ultrapassou o limite imposto, aproximou-se do desconhecido, do velado e viu o acasalamento. Sua ousadia levou-a a um caminho sem volta: pela punição da mãe/raposa, não podia retornar sem sanção: deveria continuar o caminho a fim de que fosse transposto o portal – arco-íris – que é a confluência do duplo antitético 'sol-chuva' com toda sua simbologia. Ela deveria atravessar o limite do mistério e sua travessia é uma incógnita: pode levar à perdição ou à libertação.

Produtos Gerados
O projeto Contos de Mitologia visita semanalmente as escolas da rede pública de Belo Horizonte. O Curso de Atualização em Civilizações Antigas oferece, anualmente, curso preparatório para viagens a sítios arqueológicos e, paralelamente, viagem de estudos com professores especializados.

Conclusão
Conclui-se que, escandaloso ou não, o mito é fonte de ensinamento se utilizado habilmente. *Em Sol em meio à chuva*, o mito do acasalamento das raposas contribuiu efetivamente para o movimento de crescimento da criança-personagem. "O mito é (...) a mais antiga forma pela qual o homem chegou a ilustrar ou esclarecer o mistério, a incógnita de sua própria natureza no mundo por meio do conteúdo de narração, histórias, relatos e lendas legendárias que oram sendo transmitidas coletivamente de geração em geração. ... é síntese poderosa, uma manifestação sagrada intensa, que abre seus braços ao homem íntegro como refúgio seguro e provocador existencial diante da ameaça persistente e depredadora do profano que o torna impuro, lhe tira o brilho e procura devorá-lo nas diversas formas de sua expressão."[9] Como a mãe que avisa o filho para não sair em dias de acasalamento das raposas, o episódio Sol em meio à chuva nos chama a desvendarmos os limites da realidade, pois, sendo o primeiro episódio

da série, nos inicia e prepara para o mundo dos Sonhos.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão

Referências
AUMONT, J., A Imagem, trad. Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 7. ed. Campinas: Papirus, 1993.
BAZÁN, F. G., Aspectos Incomuns do Sagrado, trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2002.
BETTELHEIM, B., Na terra das Fadas, trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1997.
BRUNEL, P., Dicionário de Mitos Literários, trad. Carlos Sussekind et al. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
BURKERT, W., Mito e Mitologia, trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Edições 70, 1991.
ELIADE, M., Mito e Realidade, trad. Pola Civelli. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
GRIMAL, P., A Mitologia Grega, trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1953.
HOWATSON, M. C., Dictionnaire de l'Antiquité, trad. Carlier, J. et al. Paris: Robert Laffont, 1993.
MARQUES, M. P., BARRETO, M. H., VIEGAS, S., VIEGAS, A. M., Mito. Caderno de Texto n. 2, Setembro de 1994.
MÉNARD, R., Mitologia Greco-Romana, trad. Aldo Della Nina. 2. ed. São Paulo: Opus, 1991.
PLATÃO, A República, trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 4. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.
FORUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Plano Nacional de Extensão Universitária. Ilhéus: Editus, 2001. vol. 1.

Notas
[1] Mimesis é uma palavra grega de uso muito difundido, mas muito complexo. Aqui, pretendemos, com ela, designar uma forma de narrativa que tende para o verossímil no sentido em que busca 're'apresentar, em película, a atitude existencial de uma criança frente ao mundo que se lhe apresenta. Quase como sinônimo de analogia, mimesis – nessa nossa menção – designa, portanto, a busca de uma semelhança quase absoluta na representação do real. Cf. Aumont, Imagem. pp. 200-201.
[2] Adotamos a definição de símbolo de Francisco Bazán, Aspectos Incomuns do Sagrado, p. 16: O símbolo é uma entidade sensível ou um suporte psíquico (um veículo material, verbal, gestual ou mental) que manifesta um sentimento não evidente, mas oculto. Ou seja, o símbolo possui necessariamente um duplo nível significativo, já que aponta para um significado que é real e que é diferente daquilo que sua estrutura imediata comunica ao conhecimento empírico e habitual. O símbolo é, deste modo, uma linguagem simultaneamente encobridora e descobridora de sentidos à primeira vista escondidos. Sugere e aproxima conaturalmente daquilo que não diz e, deste modo, avizinha-se da família dos velhos termos da cultura ocidental que são seus parentes: hypnóia (o sentido subentendido), alegoría (dito que afirma uma coisa, mas que significa outra) e metáfora (rodeio da língua).
[3] Música entendida como sons organizados.
[4] A sonorização promove a impressão de cotidiano e de fluidez no filme.
[5] Utilizamos a expressão para descrever a melodia solista acompanhada de percussão.
[6] A título de analogia, o Cáucaso é o lugar onde, mitologicamente, Prometeu foi agrilhoado por causa de uma afronta a Zeus.
[7] As árvores são freqüentemente identificadas como geradoras de frutos, mãe. Em muitos mitos elas geram deuses e homens, por exemplo, Osíris gerado por Érica; Adônis por Mirra.
[8] 376 e; 381e.
[9] Bazán, op. cit. p. 13 e 24.

TRADIÇÕES E TRADUÇÕES, NA ALDEIA E NA UNIVERSIDADE

Maria Inês de Almeida[1], Rosângela Pereira de Tugny[2], Sônia Maria de Melo Queiroz, André Pierre Prous, Rubem Queiroz Caixeta, Daisy Turrer, Jean-Michel Baudet[3], João Rocha, Izabela D'Urço[4], Beatriz de Almeida Matos, Morena Tomich dos Santos, Pedro Guimarães, Alice Bicalho, Luana Lazzeri Arantes, Leonardo Rossi, Adriana Monteiro, Ana Carolina Soares e Rafael Fares[5].

Introdução

O Programa Culturas Indígenas na UFMG, tem trabalhado para facilitar o desenvolvimento de diálogos e trocas entre o pensamento acadêmico e o indígena. Em 2002, o Programa realizou parte de seus projetos, cuja atividade principal consistiu no 1º Laboratório Intercultural – série de 11 oficinas para 65 professores indígenas de MG, como formação continuada e etapa para a graduação – produzindo farto material e informações que constituem ponto de partida para reflexão sobre trocas e produção de novos conhecimentos em diversas áreas. Tivemos uma experiência bastante rica e complexa, no exercício de 2002, que envolveu intensamente alunos e professores das unidades participantes, além dos 65 representantes das etnias pataxó, krenak, maxakali e xacriabá, que conviveram durante duas semanas com a comunidade universitária, no campus da UFMG. Foram realizadas oficinas de Antropologia, Sustentabilidade, Arqueologia, Literatura, Edição, Produção de Material Didático e Alfabetização, Ilustração e Gravura, Lingüística, Gestão Escolar, Música e Educação Intercultural; houve ainda programação cultural paralela (noites e fins-de-semana) e visitas a várias unidades, laboratórios e setores da UFMG (tais como bibliotecas, imprensa, editora, museus, etc.). Todas as atividades foram registradas e avaliadas pela equipe (incluindo os estudantes indígenas), o que resultou em horas de filmagens, gravações em audio, fotografias e textos escritos. As sistemáticas reuniões entre professores, indígenas, bolsistas e voluntários da UFMG geraram um acúmulo de questões, reflexões, idéias, que, aliadas às viagens preparatórias e posteriores nas aldeias (áreas krenak, xacriabá, maxakali e pataxó) por parte da equipe (coordenadora, subcoordenadora, monitores de Música, Belas Artes, Antropologia, Arqueologia e Letras), forneceram também um volume considerável de informações. A memória desta experiência está sendo processada, em 2003; e sobre ela produzimos textos (verbais, audiovisuais e sonoros), que estão em fase de finalização. A partir de contatos com a Gerência de Projetos Institucionais (GPI) da Assembléia Legislativa de Minas Gerais e com o Setor de Comunicação da UFMG, vislumbrou-se a possibilidade de publicar os resultados deste trabalho, tanto por via eletrônica (web), quanto por impressa, com o intuito de subsidiar o debate sobre a importância de se tentar, no âmbito da universidade pública, um diálogo qualificado com as sociedades indígenas envolvidas.

Objetivos

Promover ações de extensão, ensino e pesquisa, relacionando comunidades indígenas e comunidade universitária, no processo de produção de saber sobre educação intercultural e plurilíngüe; dar continuidade e/ou seqüência às atividades do Programa Culturas Indígenas na UFMG realizadas em 2002; organizar, editar e tornar pública a experiência de relações interculturais entre universidade e comunidades indígenas, promovidas pelo Programa; desenvolver os projetos: Arquivos sonoros e músicas indígenas na UFMG e Artes do coração do Brasil - processamento, organização e edição de uma experiência de interculturalidade; desenvolver com os alunos bolsistas, voluntários e professores das unidades envolvidas no Programa, bem como com os 65 professores indígenas que participaram do Programa, reflexão sistemática sobre as produções literárias e artísticas, levando-se em conta a interculturalidade e o plurilingüismo; propiciar aos alunos envolvidos, bolsistas e voluntários, a oportunidade de processar e elaborar a experiência das oficinas com os indígenas, realizadas em 2002; editar e publicar os registros, as reflexões e as avaliações produzidas pelo programa; realizar exposição de acervo de arte indígena e do Vale do

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenadora, [3]docentes, [4]bolsistas, [5]monitores
Programa Culturas Indígenas na UFMG
Número de Registro SiexBrasil: 876
Área Temática: Cultura
Faculdade de Letras, Escola de Música, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e Escola de Belas-Artes
Contatos: crenac@uai.com.br e (31) 3718-7271

Jequitinhonha existentes no Museu de História Natural da UFMG, visando sobretudo à capacitação de estudantes na organização e exposição de acervo etnográfico e artístico; e contribuir para as discussões sobre as relações entre a universidade brasileira e as populações indígenas, subsidiando a criação de programa institucional da UFMG voltado para suas comunidades.

Metodologia

São as seguintes as atividades em desenvolvimento, sendo que cada uma desenvolve metodologia própria, criada ou apropriada no processo, em conjunto com os indígenas e os estudantes da UFMG envolvidos: - reuniões entre docentes e estudantes para discussões sobre o caráter teórico e metodológico dos trabalhos desenvolvidos; - processamento, no Laboratório de Etnomusicologia da UFMG, do material produzido nas viagens realizadas em 2002 e em 2003 nas aldeias maxakalis de Pradinho e Água Boa (Santa Helena de Minas) e nas oficinas realizadas na Escola de Música, com 11 participantes dessa etnia; - processamento e edição dos relatórios, textos teóricos e literários produzidos por ocasião das oficinas do Laboratório Intercultural, em forma de revista (versões eletrônica e impressa); - edição de dois videos documentários sobre as oficinas do Laboratorio Intercultural; - reuniões preparatórias e reforma do espaço, visando à organização e montagem de exposição permanente sobre culturas indígenas e de outras comunidades tradicionais do interior de Minas Gerais, no espaço do antigo biotério, no Museu de História Natural da UFMG.; - edição de dois livros de literatura ilustrados com xilogravuras produzidas e dois CDs sonoros, contendo histórias Xacriabá e Pataxó, produzidos pelos indígenas durante as oficinas na FALE e na EBA (2002).

Resultados e Discussão

O Programa Culturas Indígenas na UFMG surgiu como tentativa concreta de se iniciar diálogo entre alguns docentes e estudantes da UFMG e os indígenas candidatos ao ensino superior. Sua construção partiu da demanda explícita de representantes das comunidades indígenas para que a universidade dê oportunidade a esses povos de participar da produção dos saberes necessários, para que possam - sem deixar seus territórios, suas linguagens, suas religiões, enfim, suas tradições etno-culturais - exercer plenamente a cidadania brasileira. Uma das atividades centrais do Programa foi um "laboratório intercultural" - duas semanas de oficinas, organizado em duas grandes áreas temáticas: territórios e linguagens, sob responsabilidade respectivamente dos professores André Prous e Sônia Queiroz. Dessa experiência, alguns princípios foram extraídos para a criação de um grupo de pesquisa, o Literaterras: escrita, leitura, traduções, que ora inicia seu trabalho com comunidades indígenas da Amazônia (Kaiapó (Mebengnokre, Tapayuna, Panará) - MT; Ticuna – AM; Tariano – Am; Wanano – AM). As oficinas foram organizadas em sub-áreas, trabalhadas sempre de forma interdisciplinar: Arqueologia (a cargo de André Prous), Antropologia (Ruben Caixeta), Sustentabilidade (Allaoua Saadi), Gestão Escolar (a cargo da professora Eloisa Santos e da doutoranda Lúcia Bernardes); e Lingüística (a cargo de Cristina Magro), História e Literatura Oral (Sônia Queiroz), Música (Rosângela Tugny), Gravura (Daisy Turrer), Pedagogia (Ana Gomes). Além dos referidos docentes, o projeto contou com dois bolsistas de extensão e com o trabalho voluntário de cerca de 20 estudantes de diversos cursos da UFMG que demonstraram que a renovação e o fortalecimento de uma instituição de ensino dependem muito do entusiasmo e da coragem de aprender dos mais novos. Em algumas disciplinas de graduação, ministradas por docentes aqui citados, foram criados pontos de interseção com atividades do Programa (as oficinas do Laboratório Intercultural, por exemplo), que têm gerado estudos e pesquisas financiadas pelo CNPq (iniciação científica, produtividade em pesquisa, edital universal). A realização das oficinas e, em 2003, a edição criativa de seus registros, tem sido uma experiência bastante rica para seus participantes, tanto da UFMG, quanto das comunidades indígenas. A equipe, além de se reestruturar em grupo de pesquisa, tem como meta a criação de linha de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da FALE, já que muitos alunos de graduação envolvidos pretendem continuar o trabalho de construção de mecanismos que mantenham e estreitem as relações com estudantes, lideranças e comunidades indígenas em geral, sempre no sentido de vir-se a sedimentar caminho de mão dupla para os saberes que nos constituem, na universidade e na aldeia. Uma outra discussão gerada pela realização do Programa tem sido sobre as relações entre oralidade e escrita, entre sociedades tradicionais e modernas, entre arte e artesanato, entre conhecimentos científicos, técnicas artísticas, modos de transmissão, saberes diversos que se enriqueceriam uns aos outros, desde que trazidos à luz em espaços de legitimação e democraticamente participassem

do acervo cultural da sociedade brasileira.

Produtos Gerados
(Em 2002 e 2003): 2 cds sonoros contendo narrativas Xacriabá e Pataxó; 2 livros contendo narrativas e xilogravuras; 2 vídeos documentários (Martim Pescador e *Para Sempre também nunca*); 1 número de revista (BAY 2) sobre a realação entre os índios e a UFMG durante o Laboratório Intercultural de 2002.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão, Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais e Fundação Nacional do Índio.

Referências
ALBÁN, Maria del Rosário S. A transcrição do Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular – peplp. In: ENCONTRO Nacional da anpoll – Lingüística, 9, [s.l.,s.d.] Anais... [s.n.t.] v. 2, p. 1403-1405.
ALBÁN, Maria del Rosário S. Um velho tema em debate: isenção e fidelidade na transcrição grafemática de textos orais. In: SIMPÓSIO Nacional de Ensino e Pesquisa de Folclore. São José dos Campos, 22 a 25 jul. 1992. Anais. São José dos Campos: Fund. Cult. Cassiano Ricardo, cnf/ibecc/unesco, cmsf, 1992. p. 165-174.
ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. A pesquisa e o ensino da literatura popular. In: SIMPÓSIO Nacional de Ensino e Pesquisa de Folclore. São José dos Campos, 22 a 25 jul. 1992. Anais. São José dos Campos: Fund. Cult. Cassiano Ricardo, cnf/ibecc/unesco, cmsf, 1992. p. 70-76.
ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. A pesquisa em literatura oral. In: ENCONTRO Nacional do gt de Literatura Oral e Popular da anpoll, 1995, Belém. Exposição apresentada na mesa-redonda “Problemas e questões das pesquisas em literatura oral”.
ALEGRE, Juan Godenzzi. Educación y interculturalidad en los Andes y en la Amazonía. Cuzco: Centro de Estudios Regionales Andinos Bartolomé de Las Casas, 1996.
ALEXANDER, Hartley Burr. L'art et la philosophie des indiens de l'Amerique du Nord. Paris: Ed. Ernest Leroux, 1926.
ALMEIDA, Lilian Pestre de. A escritura da oralidade na América Latina. In: CONGRESSO abralic, 1, 1988, Porto Alegre. Temas: Intertextualidade e interdisciplinaridade. Anais... Porto Alegre: ufrgs, abralic, [1988?] v. 2, p. 137-d140.
ALMEIDA, Maria Inês de (Coord.) Bay – Educação Escolar Indígena em Minas Gerais. Belo Horizonte:SEEMG, abril de 1998.
AMARAL, L. As américas antes dos europeus. Biblioteca do Espirito Moderno. Série 3, XVIII, 1946
AMORIM, A.B. de. Lendas em Nheêngatu e em Português. Rio de Janeiro: HG, CLIV, 3-475, 1928.
ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Biblioteca da vida rural brasileira: uma opção em educação comunitária. João Pessoa: ufpb, 1982.
AUBERT, Francis Henrik. As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor. Campinas: Editora da unicamp, 1993.
BALDUS, Herbert. Bibliografia crítica da etnologia brasileira. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.
BALDUS, Herbert. Ensaios de Etnologia Brasileira. Vol 101 da Col. Brasiliana. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1937.
BARTHES, Roland. O grão da voz. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 9-13: Da fala à escritura.
BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [19??.] p. 93-96: O espírito da letra. p. 237-245: O grão da voz.
BENJAMIN, Roberto E. C., CONTAGEM, Raul Álvares da Silva. O uso da técnica do video-tape no registro da informação viva: os contadores de estória de São Severino dos Macacos. In: SIMPÓSIO Nacional de Ensino e Pesquisa de Folclore. São José dos Campos, 22 a 25 jul. 1992. Anais. São José dos Campos: Fund. Cult. Cassiano Ricardo, cnf/ibecc/unesco, cmsf, 1992. p. 218-226.
BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Trad. Karlheinz Barck e outros. Rio de Janeiro: uerj, [1993?].

BOLLÈME, Geneviève. O povo por escrito. São Paulo: Martins Fontes, 1988. Cap. 2: Uma teatralidade da língua, p. 157-176; cap. 5: O povo escrito, o povo escrevendo, p. 197-213.
BONVINI, Emilio. Textes oraux et texture orale dans Uanga (Feitiço) de Oscar Ribas. In: COLLOQUE Les littératures africaines de langue portugaise: à la recherche de l'identité individuelle et nationale. Paris, 28-30 nov., 1 déc. 1984. Actes... Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1985.
BONVINI, Emilio. Tradition orale en Angola: des mots pour le dire. Notre Librarie; revue du livre: Afrique, Caraïbes, Océan Indien. Littérature d'Angola. Paris, CLEF, n. 115, p. 8-17, oct.-déc. 1993.
BORDONI-RICARDO, Stella Maris. Problemas de comunicação interdialetal. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 78-79, p. 9-32, jul.-dez. 1984.
BOUDREAU, Diane. Histoire de la littérature amérindiènne au Québec. Oralité et écriture. Montréal: L'Hexagone, 1993
BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. O Projeto APERJ e a transposição de dialetos populares para a modalidade escrita. In: ENCONTRO Nacional da anpoll, 9, 1994, Caxambu. Anais... Lingüística. João Pessoa: Editora Universitária ufpb, 1995. v. 2, p. 1438-1444.
CALDAS-COULTHARD, Carmen R. Interação recriada: a representação da fala no discurso narrativo e a tradução. In: COULTHARD, M. & CALDAS-COULTHARD, C. R., org. Tradução: teoria e prática. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991. p. 79-88.
CALVET, Jean-Louis. La tradition orale. Paris: Presses Universitaires de France, 1984. (Que Sais-Je?)
CÂMARA JR., Joaquim M. Dicionário de lingüística e gramática. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
CAPACLA, Marta Valéria. O debate sobre a educação indígena no Brasil (1975-1995). Resenhas de teses e livros. São Paulo: MARI / MEC, 1995.
CARDIM, Fernão. Do princípio e origem dos Índios do Brazil. Rio de Janeiro, 1881
CASCUDO, Luís da Câmara. Literatura oral no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952. (História da Literatura Brasileira, 6) [2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: inl, 1978. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: edusp, 1984. (Reconquista do Brasil, nova série, v. 84.)]
CLASTRES, Pierre. Le Grand Parler. Paris: Seuil, 1974.
CUNHA, Manuela Carneiro da. (Org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, SMC, FAPESP, 1992.
DERIVE, Jean. Le fonctionnement sociologique de la littérature orale; l'exemple des dioula de Kong (Côte d'Ivoire). Paris: Université de la Sorbonne-Nouvelle (Paris III), 1986. T 1: Analyse. (Tese de Doutoramento)
DERRIDA, Jacques. A escritura e a diferença. São Paulo: Perspectiva, 1971.
DERRIDA, Jacques. Gramatologia. São Paulo: Perspectiva, 1973.
DUNDES, Alan. Morfologia e estrutura do conto folclórico. São Paulo: Perspectiva, 1996.
DUPONT, Florence. Homère et Dallas. Introduction à une critique anthropologique. Paris: Hachette, 1991. (Coll. Les essais du XX siècle).
FERNANDES, Florestan. Investigação etnológica no Brasil e outros ensaios. Petrópolis: Vozes, 1975.
FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. A cidade dos Encantados. Pajelanças, feitiçarias e religiosos afro-brasileiros na Amazonia. A constituição de um campo de estudos, 1870-1950. (Dissertação inédita) Campinas, 1996.
GALICH, Manuel (dir.) El libro precolombiano. Recompilacion de textos. Comentarios y testimonios. La Habana, Casa de las Americas, 1974.
GASHÉ, Jurg (1998). Rapports interculturels entre les peuples indiens et la société nationale: portée politique et pédagogique des variétés de discour. DiversCité Langues. En ligne. Vol.III. Disponível em http://www. Uquebec.ca/diverscite.
GLISSANT, Edouard. Le discours antillais. Paris: Gallimard,1997.
GNERRE, Maurizzio. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
GOMEZ, Thomas. Droit de conquête et droits des indiens. Paris: Armand Colin, 1996.
HALAOUI, Natam. La littérature orale: des préalables à la traduction. C.I.R.L. Univ. Abidjan, n. 18, p. 5-31, oct. 1985.
HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil (sua história). Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira, rev. e atual. pelo autor. São Paulo: T. A. Queiroz, edusp, 1985.

HAVELOCK, Eric. A equação oralidade-cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna. In: OLSON, David R., TORRANCE, Nancy (org.) Cultura escrita e oralidade. Trad. Válter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1995. p. 17-34.
HOBSBAWN, Eric. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979
HOLANDA, Sérgio Buarque de. Visão do Paraíso. São Paulo: Brasiliense, 1994.
KRENAK, Ailton. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Brasília: MEC, 1998. p.23
laplantine, François. La description ethnographique. Paris: Éditions Nathan, 1996.
LE QUELLEC, Jean-Loïc. Collecter la mémoire de l'autre. Vouillé: Geste Editeur, 1991.
LEÓN-PORTILLA, Miguel. Literaturas indígenas de México. México; Fondo de Cultura Econômica, s/d.
LEROI-GOURHAN, André. Le geste et la parole. La mémoire et les rythmes. Paris: Editions Albin Michel, 1965.
LÉRY, Jean de. Viagem à terra do Brasil. Trad. Sérgio Milliet. Belo Horizonte:Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.
LÉVI-STRAUSS, Claude. Anthropologie structurale deux. Paris: Plon, 1973
LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia Estrutural. Trad. Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
LÉVI-STRAUSS, Claude. Paris, 23 de junho de 1998. Correspondência inédita
LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
LIENHARD, Martin. La voz y su huella. La Habana: Casa de las Americas, 1989.
MAGALHÃES, Couto de. O Selvagem; edição comemorativa do centenário da 1ª edição (com fac-símile da 1ª ed.)
MATO, Daniel. El arte de narrar y la notion de literatura oral. Protopanorama intercultural y problemas epistemologicos. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1990.
MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, [1998?].
MEANS, Russel. Marxismo e as tradições indígenas. Religião e Sociedade, São Paulo, Cortez, n. 7, p. 49, jul. 1981.
MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Canto de morte kaiowá: história oral de vida. São Paulo, Loyola, 1991. p. 27-33: Transcrever, textualizar, transcriar.
MELIÁ, Bartomeu. Bilingüismo e escrita. D'ANGELIS, Wilmar; VEIGA, Juracilda (orgs.) Leitura e escrita em escolas indígenas. Campinas: ALB, Mercado de Letras, 1997. P.89-104.
MELIÁ, Bartomeu. Desafios e tendências na alfabetização em língua indígena. In MONTSERRAT, EmiriI (org.). A conquista da escrita. Encontros de educação indígena. São Paulo: OPAN, 1983. p.14.
MONTE, Nietta. As escolas da Floresta. Entre o passado oral e o presente escrito. Rio de Janeiro: Multiletra, 1997.
MONTE, Nietta. Uma experiência de autoria. Shenipabu Myui. Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-AC), 1997.
NIMUENDAJU, Curt. Mapa Etno-histórico do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.
ORLANDI, Eni. Terra à vista. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
PAIVA, T. de B. Bibliografia ethno-lingüistica brasiliana. ICA, 1932.
PAPPIANI, Angela e FLÓRIA, Cristina M. Simões. Primeiras Palavras. In: SEREBURÃ et alii. Wamrêmé Za'ra. Nossa palavra. Mito e história do povo xavante. São Paulo: Ed. Senac, 1998.
PIZARRO, Ana (Org.). América Latina. Palavra, literatura e identidade. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.
RANCIÈRE, Jacques. Políticas da escrita. Trad. Raquel Ramalhete. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
REIS, César. Oralidade e Prosódia. In: DELL'ISOLA, Regina Lúcia, MENDES, Eliana Amarante de Mendonça (Org.). Reflexões sobre a língua portuguesa: ensino e pesquisa. Campinas: Pontes, 1997. p. 43-52.
Relatório do II Encontro Nacional de Coordenadores de Projetos na Área de Educação Indígena. Brasília: MEC – Coordenação Geral de Apoio ás Escolas Indígenas, p 57-58. Brasília, de 24 a 27 de novembro de 1998. Texto inédito fotocopiado.
REVEL, Nicole (dir.). Pour une anthropologie des voix. Paris: L'Harmattan, 1993.
RIBEIRO, Berta. Os índios das águas pretas. Apud Introdução a Antes o mundo não existia. 2ª ed. São João Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995. P. 9-10

ROSTKOWISKI, JOËLLE. Le renouveau indien aux États-Unis. Paris: L'Harmattan, 1986.
SCHADEN, E. Aculturação no Brasil (Problemas de). In: Verbum, XIII, 257-70. Rio de Janeiro, 1956.
SCHADEN, Egon. A mitologia heróica de tribos indígenas do Brasil. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 1989. (1ª edição: 1945)
SCHULER, Evelyn. Pelos olhos de Kasiripinã: revisitando a experiência waiãpi do "Vídeo nas aldeias". Sexta feira. Revista do Curso de Pós-Graduação em Sociologia da USP. São Paulo: Edusp, 1999.
SOUZA, Lynn-Mário. Voices on paper: literacy discourse in indigenous education in Brazil. Texto inédito fotocopiado.
VAN GENNEP, Arnold. Etudes d'ethnographie sud-américaine. Journal de la societé des americanistes de Paris. T. XI, 1914.
VANSINA, Jan. La tradición oral. Barcelona: Editorial Labor, 1966.
ZUMTHOR, Paul. A permanência da voz. Trad. Maria Inês Rolim. O Correio da UNESCO, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/unesco, v. 13, n. 10, p. 4-8, out. 1985.
ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Inês de Almeida e Maria Lucia Diniz Pochat. São Paulo: Hucitec, 1997.
ZUMTHOR, Paul. Tradição e esquecimento. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.

A SONORIDADE PARTICULAR DO ÓRGÃO DE TUBOS ARP SCHNITGER DA CATEDRAL DA SÉ DE MARIANA COMO PARÂMETRO DE AFINAÇÃO E DE CONSTRUÇÃO DA SONORIDADE VOCAL

Iara Fricke Matte, Cecília Nazaré de Lima[1], Helena Freire, Gilberto de Carvalho, André Cavazotti[2], Daniel Fonseca, Antonino Coutinho, Débora Andrade, Willsterman Sottani, Claúdio Lage, Grayce Cordeiro, Riane Menezes, Carlos Átila Souza, Bruno Barcelos, Francis Vilela, Marcelle Chagas, Fabrício Alves, Giancarlos de Souza, Heloisa Kenia Teixeira, Hugo Pieri, Isabela Santos, Aline Araújo, Maria das Dores Lage, Patrícia Chow, Rosali Monteiro, Theófilo Almeida, Waldir Gomes[3], Alexandre Fernandes, Rodrigo Garcia, Gustavo Amaral, Felipe Magalhães, Manuel Castilla, Fabíola Protzner, Giovanni Porto, Eduardo Rossi e Fernando Braga[4].

Introdução

O projeto Coro de Câmara da Escola de Música da UFMG, fundado em 1985 e então denominado Corpo Coral Estável da EMUFMG, integra o Programa Núcleo de Música Coral da UFMG, desde a sua criação em 2000. O Programa tem o intuito de aliar vários projetos da área de música coral existentes na UFMG e visa principalmente otimizar os esforços através de uma estrutura que, além de integrar os projetos, resguarde as características específicas de cada um e proporcione uma melhora qualitativa nos trabalhos. O Coro de Câmara é parte fundamental desta estrutura, pois a maioria dos bolsistas participa deste coro como cantor e desempenha uma função complementar no projeto Corais no Campus, então a experiência adquirida na atuação no Coro de Câmara é diretamente transmitida ao trabalho desenvolvido nos outros grupos. Além disto, este coro representa um importante instrumento de trabalho da Arte Coral no cenário cultural mineiro e atua fomentando e executando as atividades culturais e pedagógicas da Escola de Música. É um coro de vozes mistas, que ensaia regularmente sete horas semanais, sendo integrado por alunos selecionados da extensão, graduação e pós-graduação da UFMG.. O trabalho desenvolvido neste coro, além de incluir atividades de rotina de um trabalho coral - aquecimento, ensaio de repertório e concerto público – é enriquecido pela sua inserção em uma universidade pública, onde as atividades de pesquisa e ações interdisciplinares propiciam um suporte teórico e expandem as possibilidades expressivas do grupo. Este grupo tem uma produção musical bastante acentuada, em média vinte concertos por ano, que primam pela divulgação do repertório coral nacional e internacional de qualidade. Os projetos de grande porte promovidos pelo grupo, reúnem sempre as características de pesquisa, ensino e extensão, além de um alto grau de interdisciplinariedade, onde destacamos os seguintes projetos: em 2002, organizou-se o Festival Bach, homenagem aos 250 anos da morte do famoso compositor barroco. O Festival reuniu personalidades nacionais e internacionais da área de música antiga, que participaram como professores de oficinas, palestrantes e como instrumentistas na montagem da obra *Paixão Segundo São João*, sob regência da maestrina Iara Fricke Matte. Cabe ressaltar a importância dessa montagem para o cenário musical mineiro, uma vez qaue inaugurou o movimento de interpretação histórica no Estado, propiciou a troca de experiências, informações e divulgação de pesquisas recentes nesta área, tendo contado com a participação de diversos especialistas: Edmundo Hora (UNICAMP), Marcelo Fagerlande (UFRJ), Esdras Rodrigues (UNICAMP), Marcos Tadeu (BH), Jans Joachim Fuss (Alemanha), Natália Chahin (Holanda), Richard Prada (Holanda) e Pedro Lopes e Castro (Portugal).

---

[1]Coordenadoras, [2]docentes, [3]bolsistas (Programa de Bolsas de Extensão/PROEX), [4]voluntários
Programa: Núcleo de Música Coral da UFMG
Número de Registro SiexBrasil: 84
Área Temática: Cultura
Escola de Música, Instituto de Ciências Biológicas, Escola de Engenharia, Faculdade de Letras, Biblioteca Universitária, CNEN e Centro Pedagógico.
Contatos: cecilianl@ufmg.br e (31) 3499-4707

Em 2002, o coro dedicou-se, juntamente com professores, alunos de canto e de instrumentos da Escola de Música, à montagem da ópera *Orfeo*, de Claudio Monteverdi, encenada na íntegra e apresentada na Escola de Música, no Teatro Elisabethano de Sabará e Festival de Inverno de Diamantina, com grande aceitação de público. Esse projeto incluiu promoção de mesa-redonda com os professores convidados Tereza Virgínia Barbosa, FALE/UFMG, Jacyntho Lins Brandão, FALE/UFMG, Stéphane Huchet (Escola de Arquiterura/UFMG) e o cenógrafo Augustin de Tugny, que culminou na publicação do livro *Trilhas de Orfeo* (Festival de Inverno 2002), que inclui, além de trabalhos dos professores citados, artigos das coordenadoras Rosângela Tugny e Iara Fricke Matte e da aluna Renata Otto, também responsável pela produção do vídeo *Ensaios de Orfeo*.

O projeto Ciclo de Estudos e Concertos: A Sonoridade Particular do Órgão de Tubos Arp Schnitger da Catedral da Sé de Mariana como Parâmetro de Afinação e de Construção da Sonoridade Vocal, desenvolvido no primeiro semestre de 2003, é resultado da interseção das pesquisas das coordenadoras, nas áreas coral/vocal e de educação musical. A intensa atividade na área coral da professora Iara Fricke Matte resultou em pesquisa intitulada “Construção da Sonoridade Coral”, dedicada aos regentes, que visou a elaborar material sobre o aprimoramento vocal dos coristas, tratando especificamente de técnica vocal em grupo e do desenvolvimento da sonoridade coral. A pesquisa abordou diversos fatores que atuam na formação da sonoridade coral, entre eles: a textura da obra, o número de integrantes do agrupamento vocal, questões relativas à acústica ideal para a qual a obra foi originalmente pensada, padrões de sonoridade vocal vigentes na época de sua composição ou pertinentes àquele estilo musical, sonoridade dos instrumentos que acompanham o coro, questões culturais e a definição do “belo”. A interpretação de uma obra extrapola então o gosto pessoal do regente e passa a revelar sua verdadeira identidade sonora. A voz humana é capaz de produzir uma grande variedade de timbres, nuances e efeitos. Sob a influência de fontes sonoras ou até acústicas diferentes, ela é capaz de adequar sua sonoridade ao timbre do instrumento acompanhante. Por exemplo, um coro acompanhado por instrumentos de metais tenderá a produzir uma sonoridade mais cheia, rica em harmônicos e a utilizar um vibrato natural. Se acompanhado por uma orquestra barroca, com instrumentos antigos (cujo som é mais doce e mais suave),

aproximará sua sonoridade ao padrão ouvido.

Essa adequação tende a ser um processo natural do cantor, porém o trabalho desenvolvido pode realçar a percepção auditiva do cantor no sentido de conscientizá-lo deste processo. Neste projeto, que inclui a adequação vocal do coro ao órgão Arp Schnitger de Mariana, a questão dos parâmetros de afinação é fundamental, uma vez que o grupo teve de adequar sua afinação à afinação mesotônica modificada que, por ser uma afinação muito antiga e nosso ouvido não estar acostumado a ela, necessitou de trabalho específico. A participação da professora Cecília Nazaré esteve relacionada ao estudo de afinações antigas e ao desenvolvimento da percepção auditiva dos intérpretes que compõem o coro. Desde 1993, a professora tem trabalhado com alunos da EMUFMG disciplinas como Contraponto, Harmonia e sobretudo Percepção Musical. Essa última tem influência muito grande nas demais, pois se sabemos que perceber é discernir, distinguir, comparar e entender, podemos concluir que o desenvolvimento da percepção auditiva resultará no aprimoramento da compreensão musical como um todo. Um dos aspectos trabalhados nessa disciplina é a afinação vocal no sistema temperado – afinação temperada, que é o padrão mais comum da música ocidental hoje em dia. O desenvolvimento dessa acuidade motiva qualquer intérprete na busca de uma afinação mais precisa do seu instrumento, principalmente aqueles instrumentos que não têm um ponto claramente definido para cada som, como os instrumentos de metal ou a voz. A afinação mesotônica, no entanto, é uma experiência distante da maioria dos músicos por ser mais utilizada entre os especialistas em música antiga. A oportunidade do aprendizado de novos parâmetros de afinação necessita de acompanhamento técnico intenso e específico. É importante ressaltar mais uma vez, que o aperfeiçoamento desta afinação busca a construção de interpretações mais adequadas às composições concebidas nesta sonoridade. Além disto, a restauração do órgão Arp Schnitger, importante patrimônio cultural mineiro, concluída em 2002 e classificada como histórica, incentivou sobremaneira a apresentação deste projeto, uma vez que visou principalmente à recuperação do formato original construído por Arp Schnitger, e por isso, além de se preocupar com materiais e procedimentos utilizados pelo construtor, buscou também sua sonoridade original. Para tanto, a afinação, que estava um tom acima desde a reforma feita no séc. XIX, onde os tubos foram cortados, retornou a 440 H, como utilizada em Portugal no período. “Este órgão foi construído na Alemanha, provavelmente em 1701, passou um período em Portugal e, tendo sido colocado à venda em 1747, foi adquirido das mãos do organeiro João da Cunha pelo Rei D. João V que pretendeu enviá-lo a Mariana, mas que faleceu antes disso acontecer. Assim, seu filho D..José I fez do órgão um presente à recém criada Diocese de Mariana, que, já em 1748 mantinha em sua Sé um organista, Pe. Manuel da Costa Dantas e um mestre de capela, Pe. Gregório dos Reis Melo. Despachado na frota que saiu de Lisboa

em abril de 1752 e instalado em 1753 na varanda construída por Manuel Francisco Lisboa, pai do Aleijadinho, no lado esquerdo da nave central da Catedral da Sé de Mariana."[1] Como não existem registros de qual afinação Schnitger teria utilizado em seus órgãos - o que provavelmente variava de acordo com cada encomenda - optou-se, após longa discussão entre organeiros, organistas e músicos especialistas em música antiga, pela afinação mesotônica modificada. Essa afinação e a sonoridade específica do instrumento constituíram rica fonte de estudo, cujo produto final foi apresentado em forma de concerto, ampliando sobremaneira o alcance do resultado dos trabalhos.

Objetivos

Possibilitar a adequação da produção vocal do coro ao órgão Arp Schnitger localizado em Mariana, tanto no que diz respeito à afinação (treinamento auditivo) quanto ao timbre vocal. Inclui o estudo dos afetos na música barroca, ssitemas de afinações antigas, afinação mesotônica, sistema de funcionamento dos órgãos de tubos e questões históricas relacionadas tanto ao órgão Arp Schnitger instalado em Mariana, quanto ao repertório apresentado nesta ocasião, em dois concertos abertos à comunidade em geral.

Metodologia

Este ciclo de estudos foi realizado de 15 de maio a 15 de junho de 2003 e contou com a participação das coordenadoras, da organista Elisa Freixo, do professor Edmundo Hora e do Coro de Câmara da UFMG, além de outros alunos da EMUFMG e público interessado. Os trabalhos foram desenvolvidos em duas etapas: Belo Horizonte e Mariana. A primeira etapa incluiu discussão de textos selecionados sobre afinações antigas, afeto em música, atividades práticas de percepção auditiva e afinação vocal, ensaios de repertório e três palestras que buscaram discutir os fundamentos teóricos sobre sistemas de afinações musicais, afinação mesotônica e outras afinações antigas: Sistemas de afinações e temperamentos antigos: Noções fundamentais (Profa. Cecília Nazaré - UFMG); Afinação Mesotônica utilizada no Órgão Arp Schnitger da Sé de Mariana (Profa Iara Fricke Matte – UFMG); A afinação desigual e a percepção dos afetos (Prof. Edmundo Hora -UNICAMP). A segunda etapa foi desenvolvida durante cinco visitas ao órgão de Mariana – com a participação dos coristas do Coro de Câmara, coordenadoras, professores convidados e alunos da graduação - onde foi proferida, pela organista Elisa Freixo, a palestra Percurso Histórico do órgão Arp Schnitger da Catedral da Sé de Mariana e estruturação mecânica e musical dos órgãos de tubos e desenvolvidas atividades práticas (exercícios vocais e percepção musical), analíticas e ensaio das obras, com a participação fundamental da referida organista, ao órgão.

Resultados e Discussão

O trabalho culminou com a apresentação de dois concertos abertos ao público, ambos realizados na Catedral da Sé de Mariana, sendo que o segundo fez parte da tradicional Série de Concertos realizado todo domingo às 12h. As das obras e suas tonalidades fez parte do estudo e visou a demonstrar a interação sonora entre instrumento e coro, e ao mesmo tempo proporcionar ao ouvinte uma escuta musical próxima aos padrões de uma época antiga. As peças interpretadas no concerto pertencem ao repertório do barroco europeu e colonial brasileiro, para órgão e coro, e auxiliaram na demonstração do trabalho efetuado: *Moteto Singet dem Herrn ein Neues Lied,* de J. S. Bach e *Missa em Do Maior para Quatro Vozes Concertatas e Órgão,* de André da Silva Gomes. É importante ressaltar que esse foi o primeiro encontro oficialmente estabelecido entre a Catedral da Sé de Mariana e a Escola de Música da UFMG e que os estudos desenvolvidos e os resultados gerados e que ainda estão por vir, produção de artigos e edição das gravações, servirão de importantes fontes para novos projetos nesta área.

Produtos Gerados

Registro em áudio e vídeo dos concertos realizados nos dias 14 e 15/06, com formatação de um CD dos concertos. Gravação em áudio dos trabalhos de percepção auditiva, adequação vocal ao órgão e ensaio de repertório, realizados durante as visitas ao órgão. Cabe ressaltar que este material subsidiará uma análise detalhada do processo de montagem das obras e de adequação vocal do coro ao órgão, e que as coordenadoras do projeto pretendem organizá-lo para futura publicação.

Conclusão

No trabalho desenvolvido durante esse Ciclo de Estudos e Concertos, constataram-se várias questões relativas à condição atual do órgão Arp Schnitger da Sé de Mariana e sua importância no cenário musical brasileiro e mundial. Verificou-se que o mesmo apresenta afinação mesotônica modificada, que privilegia as terças puras nas tonalidade de Do Maior, Fa Maior e Sol Maior e Re Maior quase puras (diferença de afinação muito pequena, podendo estar relacionada ao ajuste do instrumento à última reforma). O mais importante é que esse é um dos poucos órgãos da atualidade que apresentam tal afinação, o que o torna fonte inesgotável de estudo para a área musical, englobando o trabalho de afinação com coro e instrumentos de famílias diversas. Por apresentar organização de escala desigual, possibilita ao intérprete refinamento auditivo do mais alto grau, além de remeter aos afetos da música barroca, onde cada tonalidade possui não somente uma "cor" diferente, mas também desperta um sentimento diferente no ouvinte. Estas características particulares podem incentivar também os compositores, desejosos de buscar novos meios de expressão e também teóricos da música e da física (acústica). A adequação vocal do Coro de Câmara da UFMG ao instrumento e sua afinação particular, demonstrada em concerto, comprova a eficiência do trabalho de treinamento auditivo efetuado e também a importância do embasamento teórico desenvolvido a priori, que serviu de parâmetro para indiretamente orientar a percepção dos s acadêmicas, servindo ao mesmo tempo de laboratório para pesquisas diversas e para formação de futuros profissionais.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão, Prefeitura Municipal de Mariana, Pousada da Chácara/Mariana, Arquidiocese de Mariana e Casa de Cultura de Mariana

Referências

KAWA, Hidetoshi. Afinação e Temperamento: teoria e prática. Campinas, SP: ICEA Gráfica e Editora Ltda, 1995.
FREIXO, Elisa. O órgão Arp Schnitger – Sé de Mariana, Minas Gerais: Aspectos Históricos e Técnicos. Petrobrás. Arquidiocese de Mariana, Studium Chorale Associação de Arte e Cultura, 2002.
SADIE, Stanley (Ed.) The New Grove Dictionary of Music and Musicians London: Macmillan, 1980.

Nota

[1]Freixo, Elisa. O órgão Arp Schnitger – Sé de Mariana, Minas Gerais: Aspectos Históricos e Técnicos. Petrobrás. Arquidiocese de Mariana, Studium Chorale Associação de Arte e Cultura, 2002.

PANDALELÊ– LABORATÓRIO DE BRINCADEIRAS

Eugenio Tadeu Pereira[1], Juliana Almeida Nahas, Fabiana da Silva Silveira, Cristiane da Silveira Lima e Rachel Soares Tôrres Costa[2], Nathália de Carvalho Tolentino, Natália Gabriela de Almeida Fernandes, Sílvia de Souza Lima, Fabrício Ferreira Apolinário, Isadora Teixeira Vilela, Raphael Augusto Costa, Gabriel Belo Barbosa, Octávio Marques Lisboa Lopes, Django Mendonça da Silva e Philipe Ávila Teixeira dos Santos[3].

Introdução

O Pandalelê é um projeto de ensino/extensão, apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão e presente na Escola Fundamental do Centro Pedagógico/UFMG, desde março de 1993. Nesses dez anos de atividades, ele tem se caracterizado como um projeto produtor e gerador da prática e da discussão sobre as brincadeiras na formação humana e sua inserção no espaço escolar. Nessa perspectiva, ele vem ao encontro da proposta político pedagógica da Escola Fundamental do Centro Pedagógico que visa a formação integral do aluno em seus aspectos físico, emocional e intelectual. Dessa maneira a escola aponta para caminhos que devem ser de sua natureza: fomentar a relação cultura-sociedade; dar oportunidade aos alunos de se envolverem com a produção cultural, educativa e lúdica, compartilhando e reinventando os bens culturais apreendidos, e oferecer atividades em que os alunos possam aderir por livre escolha. Desde seu início, o Pandalelê tem se comprometido com as reflexões e as práticas sobre o brincar na escola e proporcionado, aos alunos monitores, uma iniciação à investigação cultural relacionada ao lúdico. O Pandalelê tem contribuído na formação da identidade de muitos adolescentes que, apostando no projeto, ingressam nele com o desejo de dar continuidade em sua experiência lúdica. No trabalho desenvolvido pelos grupos, os adolescentes, além de vivenciarem e compartilharem brincadeiras, participam da observação, análise, registro e discussão da prática lúdica, tornando-se agentes brincantes, perpetuadores, transformadores, criadores e multiplicadores dos jogos, brinquedos e brincadeiras populares, formando monitores capacitados na condução de atividades lúdicas em grupos de qualquer idade. A inserção do Pandalelê na comunidade tem sido muito bem recebida e incentivada no CP/UFMG, no âmbito geral da Universidade, nas escolas, e nos eventos em que tem participado. Nesses lugares, o projeto é visto como uma referência no plano cultural e no aspecto de formação e educação do adolescente que deseja estar em contato com outras pessoas. Numa perspectiva, embora o projeto atue numa dimensão bem modesta do que é necessário atuar socialmente, o Pandalelê tem contribuído para a difusão de brinquedos e brincadeiras da tradição popular pouco inseridas nos meios de comunicação e na cultura escolar, embora seja fato de que muitas escolas têm acordado para a importância das brincadeiras, não só como instrumento pedagógico, mas como instrumento de cultura capaz de mobilizar qualquer criança ou adolescente, mesmo aqueles que se encontram bem influenciados pelos jogos eletrônicos e a cultura massificada. A aceitação dos brinquedos e brincadeiras no público em geral é um sinal de que há, em todo ser humano, um lado de brincante, um lado de alguém que está disposto a correr o risco de ir ao encontro da cultura e, inevitavelmente, ao encontro com o outro.

Objetivos

Formação de grupos de brincantes adolescentes na pesquisa, registro e reinvenção dos jogos, brinquedos e brincadeiras da tradição popular, compartilhando-os com a comunidade do Centro Pedagógico e de outras instituições; experimentar um quadro amplo de brincadeiras; iniciar uma experiência musical a partir dos brinquedos cantados, abrindo uma perspectiva diferenciada na proposta;montar uma exposição de fotos e um “evento relâmpago” sobre os 10 anos do Pandalelê (acontecido em maio); participar da organização do 6º Encontro da Canção Infantil Latino-americana e Caribenha e apresentou sua oficina no evento, em agosto; coletar informações sobre os brinquedos cantados do CD gravado pelo Grupo de Percussão da UFMG, com obras de Villa-Lobos recolhidas da tradição musical de brincadeiras. Essas informações estão no encarte do CD, lançado em agosto e com lançamento comercial para março de 2004.

---

[1]Coordenador, [2]bolsistas, [3]voluntários
Número de Registro SiexBrasil: 434
Área Temática: Cultura
Faculdade de Educação/Escola Fundamental do Centro Pedagógico/Núcleo de Artes
Contatos: etadeu@ufmg.br e (31) 3499-5180/ 5199 e 3491-6083

Metodologia

O projeto tem três eixos principais de ação: um que visa a continuidade da pesquisa, a experimentação e o compartilhamento de brincadeiras; outro a iniciação ao aprofundamento na linguagem musical, norteada pelos brinquedos cantados e pela pesquisa de sons e, um terceiro, no trabalho de organização de eventos. As ações pedagógicas baseiam-se nas próprias experiências do Pandalelê, aliada às experiências dos integrantes e do coordenador na pesquisa de brinquedos e brincadeiras. Essas ações também têm fundamentos na obra de Murray Shaffer, nos trabalhos de Judith Akoschky, Marco Antônio Guimarães e Ilan Sebastian Grabe, dentre outros profissionais com os quais o coordenador trabalha / trabalhou nos últimos 20 anos. A base para a reflexão, nas questões do brincar, se fundam nas experiências com o Pandalelê e nos autores: Johan Huizinga, Roger Callois, Elisa Santa Roza, Bruno Bettelheim, Lydia Hortélio, Maria Amélia Pereira, dentre outros. São os destinatários do projeto: 1) alunos – na formação do grupo; 2) o público de escolas, principalmente crianças, e, 3), o de eventos nas áreas de Arte, Cultura e Educação. Em 2003, outros participantes vindos do ensino fundamental, do médio e da graduação foram incorporados ao grupo já existente, na perspectiva de ampliar o número de integrantes e de criar condições para uma relação de grupo com diferentes idades. O projeto é realizado nas dependências do Centro Pedagógico, em uma sala adequada para as experimentações de som, movimento e brincadeiras. Os encontros são semanais com 3h/a, no horário de 13h30 às 16h30, às sextas-feiras. O total de C/H foi de, aproximadamente, 130 h/a. Os encontros se constituem em: brincadeiras cantadas e não cantadas, experiência sonora, arranjos musicais para os brinquedos cantados, ensaios, aprendizado de brincadeiras novas, conversas, audições musicais, saídas para concertos, oficinas com convidados, etc. A idéia de se fazer um aprofundamento musical nas atividades do grupo não pôde ser efetivamente concretizada, devido aos encargos decorrentes do 6º Encontro da Canção Infantil Latino-americana e Caribenha; as iniciativas com essa finalidade tiveram mais um caráter experimental, e estão sendo retomadas neste final de ano (outubro/novembro). A partir dessa experiência, o grupo formado compartilhou brincadeiras em escolas e eventos de caráter cultural, artístico e educativo. Durante o ano de 2003, o projeto se limitou a poucas saídas durante o primeiro semestre pois, desde 2000, o coordenador do Pandalelê esteve envolvido na coordenação geral e produção do 6º Encontro da Canção Infantil Latino-americana e Caribenha. Após o Encontro, o grupo retomou suas atividades normais, realizando saídas quase todas as semanas, às sextas-feiras. Para a elaboração do encarte do CD "Villa-lobos e os brinquedos de Roda", as bolsistas pesquisaram as brincadeiras em livros, Internet e em grupos de pessoas ligadas aos brinquedos cantados.

Resultados e Discussão

Os monitores voluntários participam dos encontros nas sextas-feiras, experimentando brincadeiras, transformando e (re)inventando outras. Paralelamente cada integrante está experimentando o tocar um instrumento convencional ou não, na intenção de fortalecer o canto e o apoio sonoro no momento em que acontecem as brincadeiras, levando o integrante a participar do fazer musical. Os participantes também são atuantes na formação do grupo, opinando, questionando e dando sugestões para o projeto crescer e melhorar sua atuação. A partir dessa formação interna no grupo, os integrantes constróem uma melhor capacidade de trabalhar em equipe e de lidar com o público. Trabalharam também na idealização e execução de uma oficina especial para o 6º Encontro da Canção Infantil Latino-americana e Caribenha, sendo que, alguns deles, participaram ativamente na organização geral do evento e durante sua realização. As bolsistas, além de participarem dessa formação no grupo de sexta-feira, participaram: da organização dos registros e na montagem da exposição sobre os 10 anos do Pandalelê; no atendimento ao público; na condução da proposta junto aos outros integrantes; na secretaria e na atualização da página do 6º Encontro da Canção Infantil; em estudos sobre o brincar, nas avaliações das atividades e suas repercussões; na pesquisa dos brinquedos cantados que fazem parte do CD "Villa-Lobos e os brinquedos de roda"; na colaboração em eventos do Pandalelê na UFMG e fora dela, bem como na representação do projeto, na impossibilidade de participação do coordenador e, por fim, na atualização da página do projeto. O Pandalelê tem buscado uma inserção ativa de seus integrantes na proposta, pois acreditamos que, somente com uma identificação em relação a um tema e sua prática é que conseguimos uma participação mais intensa daqueles que integram um projeto. O Pandalelê, então, propõe, a partir da experiência do brincar, reflexões que vão atuar na formação desses alunos em relação às suas escolhas e em relação ao contato com o público.

Produtos Gerados
Cartilha nº 11 - “Pandalelê - arquivo lúdico”, Coleção “Quem Sabe Faz”, da Pró-Reitoria de Extensão e Editora UFMG (1997); relato de experiência: Pandalelê é depan depi – Coletânea IX ENAREL – Encontro Nacional de Recreação e Lazer, Belo Horizonte, UFMG/PBH, dezembro/97; organização, em parceria, do I Encontro de Brincantes – julho de 2000; referência prática/teórica em dos capítulos da dissertação de Mestrado “Brincar na adolescência: uma leitura no espaço escolar”- FaE/2000; artigo: “Brincar na adolescência”, Revista Presença Pedagógica, Nov./Dez/ 2000. Ed. Dimensão; artigo: “Brincar, brinquedo, brincadeira, jogos, lúdico”, Revista Presença Pedagógica nº 38, Mar./Abr/ 2001. Ed. Dimensão; site do Pandalelê www.cp.ufmg.br/pandalele.htm; livro CD “Pandalelê! Brinquedos Cantados” – Selo Palavra Cantada (2001); capítulo “Brincar e adolescência” - livro “Adolescência”, da Coleção “Infância e Adolescência”– Editora UFMG e Pro-Reitoria de Extensão- 2002; organização do 6 º Encontro da Canção Infantil Latino-americana e Caribenha – agosto 2003; produção do CD “Villa Lobos e os Brinquedos de Roda”- 2003; montagem, em parceria, da exposição “Fabrincantes: breve inventário do brinquedo em Belo Horizonte”, agosto 2003; exposição 10 anos de Pandalelê, maio 2003.

Conclusão
Como Projeto de Ensino, o Pandalelê tem atuado na educação de adolescentes brincantes, contribuindo na formação de sua identidade e, muitas vezes, como reinventores e criadores de jogos e brinquedos e, como Projeto de Extensão, o Pandalelê tem formado agentes perpetuadores e multiplicadores dos jogos, brinquedos e brincadeiras da tradição popular, tornando-se monitores, dos Ensinos Fundamentais, Médio e Graduação, capacitados na condução de atividades lúdicas em grupos, compartilhando esse patrimônio cultural com a comunidade. Além disso temos participado ativamente de importantes eventos nacionais e internacionais de Arte, Educação e Cultura; produzindo materiais (Cartilha e Livro CD); coordenado eventos na área das brincadeiras e participado de movimentos de música e educação. O Pandalelê teve contato, em 2003, com uma média de público de 8.000 pessoas.

Parcerias
Pro-Reitoria de Extensão.

Referências:
A Arca de Noé – Vinícius de Morais
Abre a roda tin do lê lê – Lydia Hortélio – Brincante Produções
A Mulher Gigante – Cuidado que Mancha –
Bia Bedran – várias gravações de estórias e canções. Ângelus.
Brincadeiras de Roda, histórias e canções de ninar– Obras do folclore recolhidas por Dona Esther Pedreira de Cerqueira. Estúdio Eldorado.
Brincante – Rodrigo Libânio - Independente
Brincando de Roda – Solange Maria e Coral – Estúdio Eldorado
Canções Curiosas – Paulo Tatit e Sandra Peres – Palavra Cantada
Canções de Brincar – Paulo Tatit e Sandra Peres – Palavra Cantada
Canções do Brasil – Paulo Tatit e Sandra Peres – Palavra Cantada
Canções de Ninar – Produção– Sandra Perez e Paulo Tatit – Palavra Cantada
Cantigas de Roda– Carequinha, Altamiro Carrilho, sua bandinha e coro infantil. Beverly.
Cantigas de Roda – Paulo Tatit e Sandra Peres – Palavra Cantada
Castelo Ratimbum – Velas
Contos, Cantos e Acalantos– José Mauro Brant - Pianíssimo
Clave de Lua – Leo Cunha/ Eliardo França/ Renato Lemos – Paulinas
Coleção "Le chant des enfants du munde" – dirigida por Francis Corpataux – França/Canadá Arion– 5 volumes
Dois a Dois – Grupo Rodapião – Palavra Cantada
Enrola Bola – Rubinho do Vale e Francisco Marques – Independente/ ABA
Estórias Gudórias... Chico dos Bonecos – Palavra Cantada
Meu Pé, Meu Querido Pé – Hélio Ziskind

Mil Pássaros – 7 histórias de Ruth Rocha – Músicas de Paulo Tatit e Sandra Peres – Palavra Cantada
Murucututu – Rodapião, Palavra Cantada
Garranchos– Francisco Marques/ Eliardo França/Renato Lemos – Paulinas
Grande Circo Místico – Edu Lobo e Chico Buarque – Som Livre
Menino poeta– poemas musicados por Antônio Madureira. Estúdio Eldorado.
Os Saltimbancos – Chico Buarque e outros.
Baile do Menino Deus– Antônio Madureira. Estúdio Eldorado.
Pandalelê! Brinquedos Cantados. Pandalelê e Rodapião – Palavra Cantada
Quem canta seus males espanta – Caramelo
Quero Passear– Grupo Rumo. Palavra Cantada.
Roda Gigante – Gustavo Kurlat – Escola Viva e Palavra Cantada.
Roda que rola – Ponto de Partida e Meninos de Araçuaí.
Saguaco, Leleu e Eu... Paulo Santos, Décio Ramos, Catarina Beleza, CLIC Centro Lúdico de Interação e Cultura
Villa-Lobos para Crianças – FUNARTE e Instituto Cultural Itaú
Villa-Lobos e os brinquedos de roda – Grupo de Percussão da UFMG e Coral Infantil da Fundação Clóvis Salgado– FUNDEP/ UFMG
BETTELHEIM, Bruno. Uma vida para seu filho – Pais bons o bastante–, Rio de Janeiro: Campus, 1988. Cap. 14 – Brincadeira: Ponte para a realidade.
BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Cultura. São Paulo: Cortez, 1995.– (Coleção Questões de Nossa Época; v. 43).
BRUNELLE, Lucien e LEIF, Joseph. O jogo pelo jogo: a atividade lúdica na educação de crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
CALLOIS, Roger. Os Jogos e os Homens: a máscara e a vertigem. Lisboa: Cotovia, 1990.
CASCUDO, Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia, 5ª ed., 1984.
CHAMBOREDON, J.C, e PREVOT, J. Ofício de Criança. In. GRÁCIO, Sérgio e STOER, Stephan. Sociologia da Educação II– Antologia: A Construção Social das práticas Educativas. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.
COUTINHO, Laura Maria (org). Educação da Sensibilidade: encontro com a professora Maria Amélia Pereira. Brasília: Ed. UnB, 1984.
FILHO, Adelson Fernandes Murta. Oficina de Brinquedos. Minas Novas: XIV Festivale, 1993.
____________________________. Barangandão arco-íris: 36 brinquedos inventados por meninos. Belo Horizonte: Lapa/ Adelsin, 1997.
GARCIA, Rose Marie e MARQUES, Lilian Argentina.Jogos e Passeios Infantis. Porto Alegre: Kuarup, 1989.
__________________. Brincadeiras Cantadas. Porto Alegre. Kuarup, 1988.
HORTÉLIO, Lydia. História de uma manhã. São Paulo: Massao Ohno, 1987.
HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 1993. 1– Natureza e Significado do Jogo como Fenômeno Cultural.
KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogos Tradicionais Infantis. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
MARQUES, Francisco. Carretel de Invenções. Belo Horizonte: AMEPPE, 1993.
MELO, Veríssimo de. Folclore Infantil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.
MIRANDA, Nicanor. 210 jogos infantis. Belo Horizonte: Itatiaia, 1992.
NACHMANOVITCH, Stephen. Ser Criativo– o poder da improvisação na vida e na arte; [tradução de Eliana Rocha].–São Paulo: Summus,1993.
NOVAES, Iris Costa. Brincando de Roda. Agir, 1983.
OLIVEIRA, Paulo de Sales. O que é Brinquedo. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1984.
PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança– imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Trad. Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1990.
PIMENTA, Arlindo. Sonhar, brincar, criar, interpretar. São Paulo: Ática, 1986.
PIMENTEL, Figueiredo.268 Jogos Infantis. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.
PEREIRA, E. Tadeu [Et. Al.]. Pandalelê: Arquivo Lúdico. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997. (N.º 11, Coleção ‘Quem Sabe Faz’– Pró Reitoria de Extensão).
________________________. Pandalelê! Brinquedos Cantados. São Paulo: Palavra Cantada, 2001.

PESCETTI, Luis Maria. Taller de animación musical y juegos. México: SEP, 1996.
SANTOS, Deolinda Alice dos. Brinquedos e brincadeiras populares no Brasil. Belo Horizonte: Senac,1984.
VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente. Trad. José Cipolla Neto [et al].– São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MEMÓRIA E CULTURA MÉDICA EM MINAS GERAIS

Sebastião Nataniel Silva Gusmão, Rita de Cássia Marques, Anny Jackeline Torres Silveira[1], Fernanda Borges Moraes, Luiz Carlos Villalta[2], Leila da Piedade Lobo de Faria[3], André Viera Guimarães, Emmeline Salume Mati, Lizziane Melo Barros[4], Alex Alvarez Silva, Maria Cecília de Carvalho Alvarenga, Sérgio Munir Colina Mitre[5].

Introdução

O Memória e Cultura Médica em Minas Gerais, vem-se dedicando a organizar o acervo e difundir o patrimônio cultural, científico e tecnológico da medicina em Minas Gerais, especialmente presente no Centro de Memória da Medicina da Faculdade de Medicina da UFMG (CEMEMOR). O Centro de Memória, nos seus 26 anos de vida, atendia preferencialmente público de alunos e profissionais da área de saúde, facilitando o acesso de pesquisadores de história da medicina ao seu acervo de material bibliográfico, museológico e arquivistico. Em 2003, o objetivo do projeto foi a reestruturação da exposição do museu do CEMEMOR visando a atingir público maior, principalmente estudantes do ensino fundamental e médio, possibilitando assim, a adequação do espaço aos princípios propostos pela Rede de Museus da UFMG. Para que a incorporação à Rede fosse efetuada, foi necessário repensar todo o acervo museológico procedendo a redefinição da ocupação do espaço, identificação das peças e planejamento de uma exposição que permitisse ao visitante ter acesso a um acervo melhor apresentado e que possibilitasse melhores condições de aprendizagem. A partir desse projeto, o museu do Centro de Memória da Medicina foi repensado como um espaço de estrutura dinâmica e flexível que viabilize as constantes mudanças, adequando-o às novas reflexões museológicas. A exposição “História e Medicina”, aberta oficialmente ao público no dia 7 de novembro, buscou possibilitar novos olhares sobre as práticas médicas desde os primórdios da civilização até o desenvolvimento de uma medicina científica e suas especialidades.

Objetivos

Preservar a memória e o patrimônio da História e da Cultura Médica de Minas Gerais; ampliar o atendimento ao público externo à UFMG, principalmente, aos alunos do Ensino Fundamental e Médio; integrar o CEMEMOR à Rede de Museus e Espaços de Ciência da UFMG; organizar o espaço disponível para integrar mais efetivamente o CEMEMOR nas ações extensionistas da UFMG; reformular as exposições permanentes nas áreas do museu abertas ao público e organizar mostras com o material do acervo em exposições provisórias e itinerantes; acompanhamento de grupos de estudantes na visita à exposição; pesquisa e elaboração de materiais de caráter pedagógico que possibilitem esclarecimento e aprofundem as discussões sobre os temas suscitados pelo acervo em exposição; pesquisa seleção e identificação de objetos para exposição; elaboração e apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos; e elaboração de textos para divulgação impressa e eletrônica.

Metodologia

Para preservar a memória e o acervo do CEMEMOR, que se compõe de material arquivístico, museológico e bibliográfico é necessário manter várias frentes de trabalho para que fases anteriores do projeto continuem atendendo seus objetivos. A abertura da biblioteca histórica para pesquisadores, em 2001, exige manutenção com a continua alimentação do banco de dados referente às teses. O atendimento do público de pesquisadores que freqüenta o Centro é tarefa diária. É preciso atender e registrar todas as consultas feitas por pesquisadores. Embora o CEMEMOR conte com um acervo bibliográfico de cerca de vinte mil livros, apenas três mil encontram-se disponíveis na biblioteca. Outra tarefa é a relacionada com as aulas da disciplina História da Medicina: como providenciar os materiais necessários à pesquisa e execução das aulas pelos palestrantes, além de atendimento aos alunos interessados em elaborar os trabalhos de final de curso. Nos anos de 2002-2003, a maior parte das atividades, executadas pelos

---

[1]Coordenadores, [2]docentes, [3]técnico-administrativo, [4]bolsistas, [5]estagiários
Número de Registro SiexBrasil: 5244
Área Temática: Cultura
Faculdade de Medicina, Escola de Enfermagem, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Colégio Técnico e Escola de Arquitetura
Contatos: gusmão@medicina.ufmg.com.br e (31) 3248-9672

bolsistas e estagiários, estava relacionada com o planejamento, organização e montagem de três exposições e, especificamente, para a exposição Medicina e História: Um olhar sobre o acervo do CEMEMOR. Foram desenvolvidas as seguintes atividades pela equipe do projeto: definição do circuito da exposição, pela coordenação e bolsistas; seleção do material a ser exposto feita pelos coordenadores, bolsistas e estagiários; elaboração do lay-out da exposição pela professora Fernanda Borges de Moraes, do Departamento de Urbanismo e por alunos da Escola de Arquitetura da UFMG; higienização, identificação e registro de 1.032 livros que estão expostos no módulo "Gabinete de Estudo", executada pelos bolsistas; identificação e pesquisa histórica dos objetos constituintes da exposição permanente. Essa pesquisa foi realizada pelos bolsistas e estagiários, sob supervisão dos coordenadores, em catálogos de equipamentos e instrumentos, levantamento em internet e entrevistas com antigos profissionais da área, visando a registrar a origem, fabricação e utilização de cada peça mostrada na exposição. Pesquisa sobre os módulos da exposição: história da medicina, anatomia, bacteriologia, cirurgia, radiologia, gabinete de estudos, oftalmologia e odontologia. Os textos produzidos por bolsistas e estagiários serviram de base para elaboração dos textos finais, pelos coordenadores e colaboradores, que estão expostos nos banners; Pesquisa de imagens pelos bolsistas e estagiários que foram selecionadas pelos coordenadores e utilizadas na produção dos banners, folder e cartaz da exposição, executada pela professora e alunos da Escola de Arquitetura; preparação dos bolsistas e estagiários para receber o público visitante, a partir do material pesquisado e da colaboração do Prof. Luiz Carlos Villalta; montagem dos módulos: organização e execução do projeto; e disposição dos móveis, equipamentos e objetos devidamente identificados.

Resultados e Discussão
Além da montagem da exposição diversas outras atividades paralelas foram executadas. Como: montagem da exposição comemorativa dos cem anos de Juscelino Kubitschek, ex-aluno da Faculdade de Medicina da UFMG; montagem da exposição dos 25 anos do CEMEMOR e 75 anos da UFMG; pesquisa sobre os escritores médicos (Guimarães Rosa, Pedro Nava e Silva Melo) para elaboração de exposição de curta duração na galeria de exposição; organização da exposição comemorativa do centenário do médico e memorialista Pedro Nava; monitoria aos alunos do curso de História da Medicina para confecção de monografia individual; manutenção do acervo bibliográfico, organizado e higienizado; atendimento diário ao público ou a pesquisadores da História da Medicina.

Produtos Gerados
Exposição "Medicina e História: um olhar sobre o acervo do Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais" e conseqüente produção de material de divulgação, como folder e cartaz; produção de relatório a ser apresentado no 5º. Encontro de Extensão da UFMG; trabalho apresentado: O Centro de Memória da Medicina.- II Seminário Patrimônio Cultural: memória social e obras raras. UFMG/Escola de Biblioteconomia, 2003; artigo científico: MARQUES, R. C. SILVEIRA, A.J.T., GUSMAO, S.N.S. Projeto Memória e Cultura Médica em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Coletiva (aceito para publicação); MARQUES, Rita de Cássia - É preciso ser piedoso: a imagem social do médico de senhoras. Belo Horizonte 1907-1939. Niterói: UFF/Dep. de História, 2003 (tese de doutorado); MITRE, Sergio Munir Colina. Bócio endêmico em Minas Gerais: mito, política e verdade. Belo Horizonte: UFMG/Dep. História, 2003. (monografia de graduação)

Conclusão
Com a inauguração da exposição e a conseqüente abertura do espaço a um público maior, o CEMEMOR atinge etapa importante na organização e disponibilização de um patrimônio cultural, cientifico e tecnológico que estava sendo guardado na Faculdade de Medicina.

Parcerias:
Pró-Reitoria de Extensão, Fundação de Apoio à Pesquisa de Minas Gerais

Referências
CRESTANA, Silverio (coord.) Educação para a Ciência: Curso para Treinamento em Centros e Museus de Ciência. Estação Ciência São Paulo, 2002.

D'ALAMBERT, Clara Correia. Exposição: Materiais e Técnicas de Montagem. Secretaria de Estado da Cultura. São Paulo, 1990.
GODOY, Cristina. Historiografía y Memoria Colectiva. Miño, Dávila. Madrid. Buenos Aires, 2002.
INTEGRAR: Anais do 1º Congresso Internacional de arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2202.
SANTOS, Marília Célia T. Moura. Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus. 2 ed. Centro Editorial e Didático da UFBA. Salvador, 1993.

BIBLIOTECAS PÚBLICAS MUNICIPAIS

Marcos Antonio Nicacio, José Eduardo Borges Moreira, Adson Eduardo Resende Oziel Mendes de Paiva Junior, Silésia Dias dos Santos[1], Frederico de Paula Tofani[2], Marlene Edite Pereira Resende[3], André Luis Crispin Costa, Joseana Costa Pereira, Luciana Ferreira Morais Carneiro, Paola de Macedo Gomes Dias e Valéria Andrade Bertollini[4].

Introdução

O Programa de Educação Ambiental em Caparaó, iniciado em 1985, obteve o apoio da Fundação W.K. Kellogg para o Projeto Educação Ambiental em Caparaó – proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem, no período de 1999 a 2003, visando propiciar ações na Área da Cultura, interagindo com as outras áreas do Projeto - educação, saúde, meio ambiente, trabalho, comunicação - em um trabalho social.

Objetivos

Apoio técnico para a implementação das Bibliotecas Públicas Municipais de Caparaó e Alto Caparaó.

Metodologia

A construção das duas Bibliotecas Públicas, que visava à criação de espaços de leitura, reflexão e troca, envolveu as seguintes atividades: definição legal de criação; inscrição no sistema de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais e Biblioteca Nacional; definição de imóveis para a instalação; desenho das plantas arquitetônicas originais; elaboração das propostas de reforma arquitetônica dos imóveis; definição e compra de mobiliário e equipamentos; indicação dos profissionais que trabalharão nas Bibliotecas; avaliação do acervo antigo; levantamento de indicações de acervo em editoras e livrarias; elaboração das listas de livros, CDs, CD - rooms, vídeos, brinquedos pedagógicos e outros, com preço, editora, autor(es); fomento na definição de prioridades para os serviços da Biblioteca; estudo através de questionário estruturado da demanda por leitura das comunidades locais; vistas técnicas a bibliotecas e museus; realização das Jornada Culturais UFMG contemplou algumas oficinas que darão suporte às atividades nas bibliotecas; definição do programa de computador para organização das bibliotecas, com impressão de etiquetas de controle, carteira de usuário e outros; oferta de cursos “Biblioteca Viva”, “Contação de Histórias” (para a formação de um grupo de jovens contadores de histórias, integrando-os com os contadores de contos populares da região), “Uso do Sistema Library”, “Informática Básica”, “Conservação de Livros”; “A (Possível) Pedagogia da Poesia na Escola”; processamento técnico e preparo do acervo; montagem da biblioteca; acompanhamento no primeiro mês de atendimento ao público e avaliações periódicas até encerramento dos trabalhos. Foram estratégias: o fomento a encontros de trabalho com as Prefeituras Municipais de Caparaó e Alto Caparaó, com as Escolas Municipais e Estaduais, com a EMATER e o IBAMA/Parque Nacional do Caparaó; o incentivo à indicação local de acervo; o uso das indicações de acervo da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (Projetos Cantinho da Leitura e Bibliotecas Escolares), do PROLER, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, indicações de especialistas e de revistas especializadas, outros; a inclusão de acervo referente aos aspectos econômicos da região (café principalmente através do 3º módulo do Curso de Aperfeiçoamento); a participação de estagiários do COLTEC/UFMG e alunos do ensino médio locais no levantamento de dados por questionário estruturado; a participação de alunos de graduação do curso de Arquitetura/UFMG no desenho de plantas arquitetônicas para as Bibliotecas; o respeito ao ritmo de trabalho local e ao tempo para o amadurecimento das discussões locais para a efetiva participação e construção das bibliotecas em razão das especificidades das duas comunidades quanto às discussões, ao envolvimento e à realização de determinadas tarefas. Foram iniciativas locais: reforma dos imóveis para a instalação das Biblioteca Públicas Municipais; concurso público para os profissionais que trabalharão nas Bibliotecas; comemorações do Dia do Livro Infantil (18/04/2001); produção de livro e Sarau de Poesias de alunos do Ensino

---

[1]Coordenadores, [2]pesquisador, [3]consultora, [4]bolsistas
Programa de Educação Ambiental em Caparaó e a proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem
Número de Registro SiexBrasil: 4208
Área Temática: Cultura
Colégio Técnico do Centro Pedagógico, Escola de Arquitetura, Prefeitura Municipal de Caparaó e Prefeitura Municipal de Alto Caparaó
Contatos: proj-caparao@coltec.ufmg.br e (31) 3499-4962

Médio/E.E. Américo Vespúcio de Carvalho; organização da Sociedade Amigos da Biblioteca Pública Municipal de Alto Caparaó, 24/03/2003; a Prefeitura Municipal de Alto Caparaó adquiriu equipamentos de mesma marca e modelo ou similares para substituir os equipamentos furtados (que estavam sob a sua guarda e responsabilidade na Biblioteca Pública Municipal de Alto Caparaó).

Resultados e Discussão

A inauguração das Bibliotecas Públicas Municipais de Caparaó “Prefeito Antonio Xavier da Costa” em 01/12/2001 e de Alto Caparaó “Rejane Araújo de Araújo” em 21/12/2001 contemplaram um grande período de intenso trabalho para a adequação de cada um dos imóveis, bem como da escolha do acervo, móveis e equipamentos; e da formação do pessoal que iria trabalhar nelas. São inúmeros os fatos que evidenciam o quanto as bibliotecas vêm contribuindo para o crescimento de pessoas enquanto profissionais ou cidadãos. Os grupos formados a partir do Curso de Aperfeiçoamento são exemplo claro dessa avaliação como: a organização dos grupos dos projetos sociais “Baú de Sonhos”, “Trilha do Saber”, “Brinquedoteca”, e a formação da Sociedade Amigos da Biblioteca em Alto Caparaó para dar apoio aos projetos da Biblioteca Pública. Também a iniciativa da Diretoria Municipal de Educação de Alto Caparaó que apresentou um projeto de emenda, aprovado pela Câmara de Vereadores, que trata da indicação de um profissional da educação para atuar na coordenação de ações de incentivo à leitura junto às bibliotecas escolares e também à Biblioteca Pública. O número de usuários inscritos, em Caparaó, até o mês de agosto de 2003, foi de 636 usuários, o que equivale a cerca de 13% da população local. Destes, 416 estão na faixa de 6 a 14 anos e 93 deles acima de 14. A média mensal de empréstimo domiciliar é de 270. Em Alto Caparaó, os dados atingiram um total de 650 usuários inscritos e com média mensal de 332 empréstimos domiciliares. Apurou-se um total de 186 usuários na faixa até 10 anos, sendo que 342 são adolescentes e jovens e 47 adultos. Alguns problemas foram destacados, a saber: o desafio no enfoque de participar para aprender e não apenas para decidir; a visão da biblioteca como de pouca influência educativa; a percepção da necessidade da instalação de uma Biblioteca Pública, mas a falta de clareza de sua importância enquanto espaço promotor de cultura, de acesso à informação e de construção do conhecimento; a tênue percepção do que seja uma “Biblioteca Pública”; o conceito equivocado sobre Biblioteca Escolar; a pouca visão da comunidade sobre a importância da Biblioteca enquanto espaço de construção e ampliação do conhecimento, da leitura enquanto forma de lazer e seu reflexo para o pleno exercício da cidadania; a indefinição do IBAMA/Parque Nacional do Caparaó quanto ao conflito entre a dualidade de uma Biblioteca com sala de leitura ou de um Centro de Documentação; a definição de prioridades com relação à composição do acervo (priorizando o aspecto técnico e didático em detrimento do aspecto cultural e literário); a dificuldade de se planejarem reuniões com os professores de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental e do Ensino Médio; o desconhecimento do material publicado por várias editoras pelos professores locais (ausência de divulgação no interior; de livrarias nos municípios e cidades mais próximas); a falta de lugar adequado para a montagem das bibliotecas; a carência de recursos próprios para as obras das Bibliotecas; a deficiência de pessoal qualificado nos municípios; a visão da biblioteca como local apenas de pesquisa escolar; mais professores queriam participar do curso; realização de concurso público para auxiliar de biblioteca pela Prefeitura Municipal de Alto Caparaó, mas não valorizando a qualificação dos profissionais já capacitados pelo projeto; não organização, pela Prefeitura Municipal de Alto Caparaó, de capacitação para os novos funcionários nomeados para a Biblioteca Pública Municipal através de concurso público em 2002; do furto de televisão, videocassete e som, em janeiro de 2003, da Biblioteca Pública Municipal de Alto Caparaó.

Produtos Gerados

Curso: “Biblioteca Viva”, professoras Auri Maria Santos Vale do Amaral; Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais; 19 a 21/06/2000; 24 horas/aula; 20 alunos; Caparaó/MG.; Oficina: “Contação de Histórias”, Caparaó/MG; 2000; Profa. Marlene Edite Pereira de Rezende; 21 alunos; Curso: “Uso do Sistema Library”, Caparaó/MG, 01 a 12/10/2001, professora. Lana Cristina da Silva Pacheco, 40 horas/aula, 4 alunos; Curso: “Uso do Sistema Library”, Alto Caparaó/MG, 08 a 20/11/2001, professora Lana Cristina da Silva Pacheco, 40 horas/aula, 4 alunos; Trabalho: “A literatura para crianças numa proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem”, RESENDE, M.E.P., Mesa redonda sobre Democratização da leitura literária; Seminário “O Jogo do Livro IV – Letramento literário: ensino, pesquisa e políticas públicas de leitura”; CEALE/FAE/UFMG, 25/10/2001; Resumo: “Espaços e ações: caminhos estratégicos na formação de leitores”; REZENDE, M.E.P.; MOREIRA, J.E.B.; Anais do 1º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária; João Pessoa/PB, novembro 2002; Curso: “Informática Básica”,

Caparaó/MG, 28/01 a 25/02/2002, 40 horas/aula, 4 alunos; Curso: “Informática Básica”, Alto Caparaó/MG, 04 a 11/03/2002, 40 horas/aula, 4 alunos; Oficina: “Conservação de Livros”, Caparaó e Alto Caparaó/MG, 06 a 14/05/2002, professora Cleide Aparecida Fernandes, 32 horas/aula, 7alunos; Curso: “Literatura, leitura”, professoras Mariângela Andrade Paraizo e Lyslei de Souza Nascimento, 16 a 18/10/2002, Alto Caparaó/MG, 24 alunos; Oficina: “A (possível) Pedagogia da Poesia na Escola”, Alto Caparaó/MG, professora Graça Rios, 21 a 22/10/2002, 21 alunos; Painel: “Espaços e ações: caminhos estratégicos na formação de leitores”; 1º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária; João Pessoa/PB, novembro 2002; “Projeto Biblioteca Pública Municipal de Caparaó”; COSTA, A.L.C.; DIAS, P.M.G.; COSTA, J.; CARNEIRO, L.F.; BERTOLINI, V.A.; NICÁCIO, M.A. (COLTEC/UFMG); TÓFANI, F.P. (EA/UFMG); REZENDE, M.E.P; setembro 2003, 20 páginas; “Projeto Biblioteca Pública Municipal de Alto Caparaó”; COSTA, A.L.C.; DIAS, P.M.G.; COSTA, J.; NICÁCIO, M.A. (COLTEC/UFMG); TÓFANI, F.P. (EA/UFMG); REZENDE, M.E.P.; setembro 2003, 11 páginas.

Conclusão

A professora Marlene Edite Pereira Resende apresentou duas reflexões: “A primeira etapa ocorreu em 1999, com uma pesquisa sobre as necessidades de informação entre os moradores, seus hábitos de leitura e a forma utilizada para responder a tais necessidades. Os dados revelaram que a falta de uma biblioteca restringia o acesso ao conhecimento e bens culturais, tão necessários ao desenvolvimento econômico, político e sociocultural de sua população urbana e rural. A grande maioria dos entrevistados recorria aos vizinhos e parentes para realizar estudos e pesquisas. Segundo os entrevistados, em sua quase totalidade, as leituras ficavam restritas a textos bíblicos, já que o fator religioso é predominante dentre os moradores. Fator que contribui também na restrição da leitura é a inexistência nos municípios de uma banca de revistas, jornais e livraria. Estes serviços estão a cerca de 14 km do município. Portanto, a primeira condição para que um cidadão se torne leitor é permitir-lhe o acesso a livros, jornais, revistas e outros suportes.”. “Cada município teve oportunidade de escolher seu próprio acervo. Esse momento possibilitou ricas experiências aos participante pelo envolvimento com a produção editorial para crianças, jovens e adultos. Feita a aquisição, a comissão percebeu que as sugestões enviadas foram diferenciadas. No município de Alto Caparaó, ficou evidenciado um suporte de apoio mais didático, enquanto em Caparaó o predomínio foi na área da literatura tanto infanto-juvenil quanto para adulto, o que foi avaliado como positivo neste momento. Já o mobiliário e equipamentos foram adquiridos de igual aspecto para as duas bibliotecas.” Citamos a aluna Yolanda da 7ª série da Escola Estadual Francisco Lentz/Caparaó/MG que refletiu: “A biblioteca é uma segunda escola para a gente, porque lá nós aprendemos muitas coisas. Na biblioteca a gente lê, faz pesquisas e viajamos pelo mundo dos livros. Lá tem vários tipos de livros e diversos assuntos. Têm também vários tamanhos de livros. Na biblioteca tem a brinquedoteca que é a onde crianças brincam e assistem fitas de video, filmes etc. O ambiente é muito gostoso. Na parte de fora da biblioteca tem um palco, em volta tem várias mesinhas, e um belo jardim. Foi uma excelente idéia fazer a biblioteca. Temos que preservar a biblioteca para que nossos filhos e netos possam desfrutar desse lugar que é o nosso segundo lar, porque lá nós passamos horas e horas a nos alegrar.” A aluna Mara da 8ª série da Escola Estadual Francisco Lentz/Caparaó/MG escreveu: “Visita ao conhecimento. Ao entrarmos na Biblioteca temos a oportunidade de aprofundarmos nosso conhecimento. Quando entro na biblioteca vejo imensas chances de aprimorar meus conhecimentos. Basta ler minúsculas letras para descobrir o imenso paraíso encantado. Livros, Revistas, Jornais, Computadores, tudo isso aprimora e encanta nossa mente. Português, Inglês, Francês, não interessa a língua, o importante é conhecer cada detalhe do que se fala. Quando o professor de português nos convida a ir até a biblioteca ele nos chama para um mundo de conhecimento. Junior, obrigado pela oportunidade de nos conhecermos melhor, obrigado por não nos privar de um mundo tão mágico e encantante que está dentro de cada livro.” No Relatório da E.M. José Emerich, Alto Caparaó/MG, está registrado: “A implementação da Biblioteca, um espaço que auxilia a escola com várias atividades, tem ajudado muito no desenvolvimento de nossa escola, como também da comunidade. Realizamos um trabalho junto com a Biblioteca - de leituras, vídeos, peças, etc ... possibilitando a criação de projetos pedagógicos considerados de interesse do aluno e da realidade em que ele vive. A Biblioteca tem sido uma grande aliada, capaz de ajudar o professor nessa nova perspectiva. O professor tem como objetivo fazer que a leitura entre na vida das crianças, porque um bom livro é o maior aliado do ensino e da aprendizagem.” Em outra parte do mesmo relatório, coletamos: “A Jornada Cultural trouxe grandes benefícios para os funcionários da escola; estes foram observados quando a superintendência, ao pedir que fossem feitas

atividades sobre o Cantinho da Leitura, elas foram feitas aproveitando as técnicas ensinadas na Jornada Cultural, tais quais: Ilustração Tridimensional, Intervindo no Espaço e Produção de Livros de Histórias.” A E.M. Eugênio Tavares da Silva, de Alto Caparaó/MG registra: “No cotidiano da escola as professoras já incentivam a leitura de seus alunos, mas neste dia em especial montamos no pátio da escola vários setores, assim distribuídos: no centro do pátio uma grande mesa com livros de todos os níveis e gostos espalhados, em volta mesas e cadeiras com lápis de cor e folhas; de um lado histórias de fantoches sendo contadas por professores e do outro lado uma professora contando histórias de livros.” A professora Ana Maria Batista Brinati expressou: “O que podemos observar durante a participação e vivência neste projeto é que somos cada vez mais responsáveis uns pelos outros, que precisamos construir juntos um mundo melhor para nós e para nossos sucessores. Refletimos sobre valores adormecidos, aprendemos a ouvir mais, trabalhar no coletivo, a observar o entorno. Dificuldades, desafios existem em tudo na vida ... e é isto que faz a gente crescer. Sentimos a cada momento a necessidade de ainda envolvermos e trabalharmos no envolvimento de outros na construção de uma comunidade de aprendizagem. A cada dia aprendemos mais e temos necessidade desse aprendizado para termos qualidade de vida. Felicidade. Família, mutirão, 3ª idade, contadores de historias, horta, plantas medicinais, creche, biblioteca etc.” Outra professora expressou-se assim: “Obtivemos um aumento considerável do interesse pelos livros de literatura da biblioteca da escola. Posteriormente, com a inauguração da Biblioteca Pública Municipal, observamos também que a grande maioria de nossos alunos tornou-se usuária da mesma. A atividade proporcionou-nos a oportunidade de identificarmos o foco de interesse de alguns alunos que apresentam indisciplina e desinteresse na escola para, a partir dele, desenvolvermos um trabalho específico com estes alunos. Alguns de nós que participamos desta ação na escola, posteriormente nos reunimos através do interesse pela leitura e contação de histórias e formamos o grupo “Baú dos Sonhos”, Projeto social de incentivo à leitura e de promoção do uso da Biblioteca Pública Municipal. Por se constituir em uma atividade de fácil organização e excelente aceitação por ser muito prazerosa, é perfeitamente possível sua multiplicação para outros espaços da comunidade: Igrejas, Biblioteca, creche, asilo, praça, posto de saúde...” Uma funcionária da Biblioteca relatou: “Cremos que os efeitos dessa ação sejam a divulgação da biblioteca e o estímulo à leitura, até mesmo dos familiares das crianças, já que elas passam a pedir aos pais que leiam histórias para elas e, consequentemente, os pais as trazem a biblioteca para pegar livros e acabam vendo alguns livros que lhes interessam e também acabam por levar livros para lerem também. Gostaríamos de que a biblioteca voltasse a funcionar aos sábados, pois assim poderíamos atrair mais crianças e os pais, já que aos sábados é folga da grande maioria da população. Mas como não depende apenas dos funcionários e sim da prefeitura estamos com as mãos atadas para estender essa atividade ao restante da comunidade que ainda não se beneficia desse serviço”. O professor Valter Martins da Silva registrou: “Estes projetos embalam muitos sonhos... E nos colocam frente a um futuro que podemos construir, se quisermos neste momento, acredito que somos capazes e de que ninguém poderá fazê-lo por nós. Em nossa comunidade está plantada a raiz de uma árvore cujos frutos necessitam ser estimulados a aparecerem”. A professora Patrícia dos Santos Oliveira assim se colocou: “Foi e está sendo uma experiência riquíssima participar da comunidade de aprendizagem. Nesta comunidade transformamo-nos em pessoas mais críticas e capazes de realizar um bom trabalho na escola e na comunidade em que moramos e onde trabalhamos. Todos temos sonhos e é preciso ir em busca deles para construirmos nossos valores e crenças. É através dos grupos que formamos, que aprendemos a crescer e a ver as pessoas de uma outra forma. Penso que os nossos trabalhos nos fizeram crescer como pessoas e como profissionais enquanto agentes e construtores dos saberes.”

Parcerias
Diretoria Municipal de Educação/Biblioteca Pública Municipal de Caparaó, Diretoria Municipal de Educação/ Biblioteca Pública Municipal de Alto Caparaó, Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, Fundação W.K. KELLOGG.

Referências
MILANESI, L.; Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas; São Paulo, Brasiliense, 1989.
SUAIDEN, E.J.; Biblioteca Pública e informação à comunidade; São Paulo, Global, 1995.
Manifesto da UNESCO sobre bibliotecas públicas, Paris, 1994.

MEMÓRIA HISTÓRICA

Marcos Antonio Nicacio, José Eduardo Borges Moreira, Adson Eduardo Resende, Oziel Mendes de Paiva Junior, Silésia Dias dos Santos, Estevão José Marchesini da Fonseca[1], Frederico de Paula Tofani, Luiz Arnaudt[2], Alexandre Borim Codo Dias, André Bueno Belo, André Luis Crispin Costa, Elisangela Maria Barbosa, Joseana Costa Pereira, Luciana Ferreira Morais Carneiro, Paola de Macedo Gomes Dias, Sara Villas, Valéria Andrade Bertollini[3].

Introdução

O Programa de Educação Ambiental em Caparaó, iniciado em 1985, obteve o apoio da Fundação W.K. Kellogg para o Projeto Educação Ambiental em Caparaó – proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem, no período de 1999 a 2003, visando propiciar ações na Área da Cultura II (memória histórica), interagindo com as outras áreas do Projeto - educação, saúde, meio ambiente, trabalho, comunicação - em um trabalho social.

Objetivos

Apoio técnico para a implementação do apoio técnico à implementação da “Zona Histórica do Parque Nacional do Caparaó” e às “Casas de Cultura Municipais de Caparaó e Alto Caparaó”; da produção do “Livro-Memória” sobre cada município.

Metodologia

O apoio técnico à implementação da Zona Histórica do Parque Nacional do Caparaó que visava a participação das comunidades na formatação e construção deste espaço pedagógico e da memória local e regional, envolveu as seguintes atividades: levantamento métrico e fotográfico das edificações existentes; entrevista com o antigo proprietário; análise de documentação referente ao imóvel; elaboração da proposta de Projeto de Implantação. As estratégias foram: o fomento da participação dos diversos segmentos das comunidades na sua implantação; a garantia da manutenção das características arquitetônicas do imóvel; a oferta ao turista de informações sobre a história local e regional e da criação do Parque Nacional do Caparaó. Foram iniciativas locais: projetos e construções da Oficina Mecânica, Alojamento e Depósito para a Brigada de Incêndio que atualmente ocupam espaço na área da Zona Histórica proposta do Parque Nacional do Caparaó pelo IBAMA. O apoio técnico à implementação das Casas de Cultura Municipais de Caparaó e Alto Caparaó, que visava envolver professores e comunidades para a construção destes espaços de leitura, reflexão e troca, constituindo-se agora num Circuito Cultural e Natural que abranja toda a extensão territorial dos municípios de Caparaó e Alto Caparaó (onde as pessoas possam participar ou ter contato de forma interativa e orientada com a história e a cultura da região ou com sua riqueza natural, que vai além da visita ao Parque Nacional do Caparaó; inteirando-se das tecnologias rurais antigas e atuais na produção de doces, café, fubá de milho, produtos do ferro e outros, bem como do conhecimento da riqueza cultural ligada às histórias dos antigos, seus modos de vida, seus sentimentos), envolveu as seguintes atividades: estudo da definição dos imóveis (estação de trem e antiga sede de fazenda); desenho das plantas arquitetônicas; a construção dos pré-projetos; a visita técnica a casas de cultura, museus e circuito de turismo rural no Espírito Santo; Sete Lagoas/MG; a participação nas reuniões do Grupo Ecoturismo do Parna Caparaó em Una/ES e Alto Caparaó/MG; os trabalhos em maquete e miniatura do Sr. Victor Mariano – Espera Feliz/MG; finalização do projeto arquitetônico da Casa de Cultura e Museu de Caparaó, envolvendo o antigo prédio, a praça vizinha e um anexo novo. As estratégias foram: desenvolver atividades para a formação do pessoal direta e indiretamente vinculado, para que a revitalização destes Patrimônios Históricos Municipais em museus urbanos possa contribuir para relacionar a memória do indivíduo com a história e a sociedade, instigando a memória social; reforçar o testemunho da história local ao patrimônio cultural, para o trabalho em diferentes áreas do conhecimento; realizar trabalhos como cursos, oficinas, seminários, filmes, debates, narração

---

[1]Coordenadores, [2]pesquisadores, [3]bolsistas
Programa de Educação Ambiental em Caparaó e a proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem
Número de Registro SiexBrasil: 4208
Área Temática: Cultura
Colégio Técnico do Centro Pedagógico, Escola de Arquitetura e Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Contatos: proj-caparao@coltec.ufmg.br e (31) 3499-4962

oral, teatro, outros, neste resgate da memória local e regional; revalorizar o pequeno produtor na sua atividade do dia-a-dia, reconhecendo-o como sujeito significativo na história local e regional, recuperando seus antigos hábitos, atividades, habilidades em fazer coisas, construindo momentos, recuperando objetos e espaços já esquecidos e nos contando suas histórias. Foram iniciativas locais: a formalização de um contrato de compra e venda da Estação Ferroviária de Caparaó pela Prefeitura Municipal de Caparaó e a Rede Ferroviária Federal S.A.; a Prefeitura, após inaugurar a Policlínica Municipal de Caparaó, reformou o antigo imóvel do Centro de Saúde para alocar a Delegacia de Polícia e o Posto de Polícia Militar, que ocupavam o imóvel da Estação de Trem, já transferidos; planejamento das novas instalações do Depósito Municipal para que toda a área da antiga estação de trem esteja desocupada para o início de sua restauração; a criação da ASSOTUSC – Associação dos Operadores de Turismo da Serra do Caparaó; construção do Posto Municipal de Distribuição de Leite, junto ao Centro Municipal de Saúde de Caparaó, que também ocupava espaço na antiga Estação de Trem de Caparaó. A produção do subprojeto “Livro-Memória” sobre cada município visava a sua utilização nas escolas e nas comunidades, e baseia-se em pesquisa da memória histórica da região (envolvendo professores, alunos, funcionários, comunidades). Para tal, fez-se necessário o desenvolvimento das seguintes atividades: estabelecimento de um grupo de trabalho para a pesquisa documental sistemática em arquivos, bibliotecas, museus, universidades, instituições públicas e privadas; a pesquisa de história oral; a catalogação de documentos escritos, orais, iconográficos, fotográficos, cartográficos já coletados; a leitura e fichamento de livros e teses; a montagem de um banco de dados; montagem de um banco de história oral; os encontros para a discussão da memória histórica (levantamento de temas, atividades, trabalhos, pesquisas, estudos com justificativa); formação de um grupo de entrevistadores nas próprias comunidades que possam atuar nas entrevistas exploratórias, objetivando a identificação das pessoas que reúnem elementos significativos da história da região; organização dos encontros “Café com Lembranças” reunindo idosos e jovens; oferta de curso de Educação Patrimonial em Caparaó; gravação de CD com músicas regionais que tragam a memória do campo, das tecnologias rurais, do cafezal, visando um trabalho nas escolas, rádio e encontros de história locais. Nas atividades específicas para o estudo do livro memória tivemos os seguintes trabalhos: Evolução e caracterização arquitetônica dos assentamentos urbanos e rurais em Caparaó - desenvolveu o estudo das 190 casas inventariadas nos dois municípios; documentação fotográfica das casas; desenvolvimento do Banco de Dados Access do Inventário de Bens Imóveis de Alto Caparaó e Caparaó/MG; análise das informações contidas no Banco de Dados; sobre o Mapeamento Urbano de Caparaó e Alto Caparaó” - a digitalização de mapas urbanos antigos de Alto Caparaó e Caparaó, preparação para o mapeamento 2000 dos assentamentos urbanos locais; a realização dos perfis e inventários em Caparaó e Alto Caparaó; a aplicação de um questionário sobre a ocupação que nos dará a possibilidade de recompor o mapa em grandes períodos viabilizando a recuperação da história da evolução urbana das cidades de Caparaó e Alto Caparaó; digitalização dos mapas em Auto CAD; sobreposição dos mapas das cidades de Alto Caparaó e Caparaó para fins de mostra da evolução urbana das mesmas; sobre a Poaia e outras plantas medicinais da região do Caparaó - levantamento etnofarmacobotânico da espécie da verdadeira poaia e sua importância tanto no passado como atualmente para a região do Caparaó; levantamento bibliográfico; a busca de informações em instituições de pesquisa e orgãos públicos; visita a herbários relacionados; entrevistas com a população local; visitas aos raizeiros e hortas medicinais locais; busca por indivíduos vivos da espécie verdadeira na região; projeto para formação de viveiro local; construção de projeto para clonagem da poaia, preparação de mudas, viveiro e comercialização, através de indivíduo da espécie que tenha potência medicamentosa reconhecida laboratorialmente, FF/UFMG; sobre o Museu Território de Caparaó e Alto Caparaó – estudo de literatura técnica; participação no estande do Circuito Zona da Mata, no “MULTIMINAS”; participação no Prêmio SESC/UNA de Turismo com responsabilidade social – 2002. As estratégias utilizadas foram: o contato permanente de intercâmbio com as pessoas; o uso sistemático do testemunho oral como ferramenta essencial e em muitos casos a única para esclarecer trajetórias individuais e coletivas, eventos e processos; o contato com a comunidade repercutirá na procura desta por mais informações sobre a sua história; o contato com os professores de história da região para estabelecer trabalhos em conjunto; o fomento à demanda da própria sociedade local, o desenvolvimento de estudos sobre a ocupação do território dos municípios; o desenvolvimento nas comunidades de uma valorização e um conhecimento da memória histórica; fomento da participação dos diversos segmentos das comunidades na implantação das Casas de Cultura; a garantia da manutenção das características arquitetônicas do imóvel; a oferta ao turista de informações sobre a história local e regional e da criação do Parque Nacional do Caparaó; desocupação da Zona Histórica, com a construção de

imóveis específicos. Foram iniciativas locais no período: solicitação de curso de Educação Patrimonial pelo Grupo IGAPARA; troca de lote de propriedade da Prefeitura Municipal de Caparaó pelo antigo prédio do Hotel Caparaó em Caparaó/MG, de propriedade da Câmara dos Vereadores de Caparaó/MG, com vistas à preservação da memória histórica local; preservação, restauração, reforma e ampliação de antiga casa na zona rural das Missões, Caparaó/ MG, para ser utilizada como Sede Administrativa e Centro Educativo da Área de Proteção Ambiental Municipal de Caparaó.

Resultados e Discussão

A proposta de Projeto de Implantação da Zona Histórica do Parque Nacional do Caparaó, encaminhada ao IBAMA em 03/2001, a partir de uma solicitação oficial (02 e 08/03/2001) foi aprovada em 15/05/2001 pelo mesmo.
Os principais problemas foram: o conflito a ser resolvido pelo IBAMA sobre o uso da sede da fazenda da Zona Histórica proposta, a saber: no relatório do projeto Planave está indicada a função de comércio “... a sede deve abrigar uma exposição permanente, tendo a vida rural como tema e locais para venda de artesanatos regionais” e não a de um museu interativo sobre a história de ocupação da região do parque nacional (proposta do Projeto) e a proposta pelo projeto da Planave de descaracterização do imóvel sede, o que conflitua com a proposta do Projeto, impedindo os estudos para a construção do pré projeto e do projeto de financiamento para o FNMA/MMA, bem como a participação das equipes técnicas e comunidades neste estudo; os estudos para a construção do pré projeto e do projeto de financiamento dependem de tempo e da participação de equipes técnicas do IBAMA, do Projeto e da comunidade neste estudo; o financiamento, pelo IBAMA, para a implementação da Zona Histórica depende do projeto final a ser aprovado pelo mesmo. Os pré-projetos das Casas de Cultura Municipais de Caparaó e Alto Caparaó foram estabelecidos e a Prefeitura Municipal de Caparaó deu encaminhamento ao projeto final da “Casa de Cultura e Museu de Caparaó” ao Ministério da Cultura. A Prefeitura Municipal de Alto Caparaó não comprou ou recebeu em doação imóvel para instalação, mas alugou antiga casa e implementou uma Casa de Cultura/Museu sem um projeto museológico, abrigando também a Diretoria Municipal de Turismo e Meio Ambiente e o setor de recepção ao turista. São problemas a serem superados: a dificuldade de percepção do que seja uma Casa Municipal de Cultura; a falta de conscientização dos proprietários de imóveis antigos para a conservação, preservação e possível doação para a constituição da casa de cultura; a falta de recursos para a aquisição proposta; a dificuldade da comunidade local, lideranças, produtores, prestadores de serviço e autoridades na percepção do que seja um Museu Território; a falta de recursos particulares para as obras de conservação e preservação de bens imóveis, móveis e naturais. A produção da “boneca” do Livro-Memória sobre cada município ainda não se completou, mas a formatação do livro deve se basear nos “modos de vida” da região, respeitando assim uma história que é autenticada pelo saber popular, pelo saber compartilhado e estabelecido ao longo de um cotidiano simples e referenciado em experiências diárias, familiares, comunitárias, religiosas, políticas, enfim na trajetória de construção de um grupo social dentro de suas próprias características particulares. Foram apontados alguns problemas, dentre outros: a ocupação recente da região estudada; a quantidade muito pequena de documentação escrita sobre a Zona da Mata Mineira; a falta de pesquisadores que possam auxiliar com bibliografia ou outro tipo de orientação na pesquisa; a ausência de arquivos; a existência de alguns arquivos, mas pouco organizados; a ausência de pesquisas anteriores sobre a história da Zona da Mata; complicações na elaboração da base de dados; as dificuldades de calendário para deslocamento e trabalho na região; a construção de grupos de trabalho local, que envolva os alunos; a ausência, dispersão e desorganização de fontes documentais.

Produtos Gerados

Na sub-área da Zona Histórica:

Relatório Técnico: “Proposta para Elaboração de Projeto de Implementação da Zona Histórica do Parque Nacional do Caparaó”, 18 páginas; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2001. Na sub-área das Casas de Cultura: “Projeto Casa de Cultura – Alto Caparaó/MG- antiga Casa de Fazenda”, COSTA, A.L.C.; CARNEIRO, L.F.; BERTOLINI, V.A.; NICÁCIO, M.A. (COLTEC/UFMG); TÓFANI, F.P. (EA/UFMG); setembro 2003, 16 páginas. “Projeto Casa de Cultura- Caparaó/MG – Antiga Estação de Trem”, COSTA, A.L.C.; DIAS, P.M.G.; COSTA, J.; CARNEIRO, L.F.; BERTOLINI, V.A.; BARBOSA, E.M.; NICÁCIO, M.A. (COLTEC/UFMG); TÓFANI, F.P. (EA/UFMG); setembro 2003, 27 páginas. Na sub-área do Museu Território: · Painel: “Proposta Museu Território”; Grupo

Ecoturismo (Parna Caparaó); Iúna/ES, 23/11/2000. · Painel: "Inventário dos bens imóveis dos municípios de Caparaó e Alto Caparaó", Oficina do Programa de Nacionalização do Turismo na Zona da Mata – Circuito Caparaó , 04 e 05/06/2001, Alto Caparaó/MG. · Painel "Memória Histórica de Caparaó e Alto Caparaó", Oficina do Programa de Nacionalização do Turismo na Zona da Mata – Circuito Caparaó, 04 e 05/06/2001, Alto Caparaó/MG. · Painel: "Proposta Museu Território", Oficina do Programa de Nacionalização do Turismo na Zona da Mata – Circuito Caparaó, 04 e 05/06/2001, Alto Caparaó/MG. · Estande: "Oficina do Programa de Nacionalização do Turismo na Zona da Mata – Circuito Caparaó", 04 e 05/07/2001, Alto Caparaó/MG com apresentação ao vivo da fabricação de derivados da cana de açúcar, mandioca, milho e fumo, contando com a participação de produtores locais. · Painel: "Museu Território de Caparaó e Alto Caparaó", MULTIMINAS – III Feira Nacional de Turismo - 30/08 a 06/09/2001; Expominas; Belo Horizonte/MG. · Resumo: "Museu Território de Caparaó e Alto Caparaó", participação de André Luis Crispim Costa; Prêmio SESC/UNA de Turismo com responsabilidade social – 2002. · COSTA, A.L.C.; "Hotel-fazenda e Museu Território em Caparaó"; monografia de conclusão do curso de graduação em Arquitetura; EA/UFMG, Belo Horizonte/ MG, 2000. · COSTA, A.L.C.; "Museu Território em Caparaó", Monografia de Especialização em Tecnologia e Produtividade das Construções; EE/UFMG, Belo Horizonte/MG, novembro 2001, 16 páginas. · Curso: "Educação Patrimonial", Caparaó/MG, 06 e 07/12/2002.
Na sub-área do Livro Memória: · Resumo: "Memória Histórica de Caparaó", Caderno de Programação e Resumos do 3º Encontro Regional de História da ANPUH (Associação Nacional de História) – Núcleo Regional do Espírito Santo, de 04 a 07/12/2000; Vitória/ES; página 24. · Resumo: "Memória Histórica de Caparaó", V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes; Mariana, Ouro Preto/MG, 28 a 31/08/2001. · Relatório técnico: "Mapeamento Urbano de Caparaó e Alto Caparaó", COSTA, A.L.C.; DIAS, P.M.G.; COSTA, J.; CARNEIRO, L.F.; NICÁCIO, M.A. (COLTEC/UFMG); TÓFANI, F.P.(EA/UFMG); setembro 2003, 13 páginas. · Relatório técnico: "Inventário dos Bens imóveis dos Sítios Urbanos e Rurais de Caparaó e Alto Caparaó/MG", COSTA, A.L.C.; DIAS, P.M.G.; COSTA, J.; CARNEIRO, L.F.; NICÁCIO, M.A. (COLTEC/UFMG); TÓFANI, F.P.(EA/UFMG); setembro 2003, 12 páginas.

Conclusão

Citamos na íntegra carta do Grupo IGAPARA à coordenação do projeto: "Estamos lhe escrevendo, esta carta em nome de nossa comunidade e também do grupo Igapara devido a necessidade que estamos notando, precisamos encarecidamente de uma ajuda, pois estamos vendo que o patrimônio de nossa cidade aos poucos estão se acabando, e queríamos lhe pedir que enviasse ou mandasse para o Caparaó um curso sobre Patrimônio-histórico Para que nossa comunidade passe a preservar, o que é nosso". As escolas locais aproximaram-se da comunidade e estabeleceram trabalhos entre seus alunos e pessoas idosas em trabalhos da memória histórica, como: "Antigamente as coleitas eram feitas por tropas de burro por cangaia, os produtos como café, milho era puxado por carro de boi para o engenho pois para fazer garapa, fervia a garapa e fazia melado, da melada fazia a rapadura e também existia o trem de ferra que carregava os cereais e também tinha as classes que carregava os passageiros por que não usavam caminho. Na cidade fazia o transporte com carroça de burros, onde os doentes eram transportados. Antigamente não existia chuveiro, tomava banho na bacia ou banho de cavalo, meu avô quando estudava ele usava pedação de pneu para desmanchar os erros." (Sr. Joaquim em entrevista do aluno Rodrigo); ou "Casa de tábua, de barro. Carro de boi, tropa. Hoje tudo é conduzido sobre os caminhões. As casas são de tijolo. Os costumes são diferentes. As pessoas não se respeitam mais. E o povo não se respeitam a natureza e nem seu irmão. Causando guerra, mas os costumes antigamente não se acabarão" (aluna Samara, 3ª série E.M. Calixto Valério, após entrevista com o Sr. Osvaldo). A Diretora Municipal de Educação de Alto Caparaó relatava: "E quanto a "Casa da Cultura", o que podemos observar é que falta conscientização dos proprietários de imóveis antigos para este fim. Falta de recurso para aquisição de terreno para construção do espaço a Casa da Cultura. E como ponto positivo, podemos descrever que a partir da realização do curso de capacitação e visita técnica às Bibliotecas em Belo Horizonte é uma visão diferente da importância e objetivo da Biblioteca em uma cidade e escola e não somente em espaço para amontoados de livros. E as visitas aos Museus, e a importância de resguardar nossa história."

Parcerias

Prefeitura Municipal de Caparaó/Diretoria Municipal de Educação/Diretoria Municipal de Meio Ambiente, Prefeitura Municipal de Alto Caparaó/Diretoria Municipal de Educação/Diretoria Municipal de Turismo e Meio

Ambiente; IBAMA, Parque Nacional do Caparaó, FUNDEP, Fundação W.K. KELLOGG.

Referências

AMALVI, C.; Construindo a História - em busca do passado, O correio da UNESCO, junho de 1990, pags. 16/17.
AZANHA, J.M.P.; Educação: alguns escritos, São Paulo, Melhoramentos, 1987.
BENJAMIN, W.; Sobre o conceito de história, Coleção Magia e técnica, arte e política, São Paulo, Brasilense, 1986.
FENELON, D.; Pesquisa em história - perspectivas e abordagens/Cap 8, Metodologia da pesquisa educacional, Ivani Fazenda (org), São Paulo, Cortez, 1989.
FONTES, I.H. et ali, Preservação e desenvolvimento- as duas faces de uma moeda urbana, Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, número 11 ano 1986 páginas 51 a 55.
FRANCASTEL, P.; A realidade figurativa, São Paulo, Perspectiva, 1982 - Coleção Primeiros Vôos.
KOSSOY, B.; Fotografia e História, São Paulo, Atica, 1989.
MACHADO, M.B.P.; A noção de tempo em estudos sociais, Educação e Sociedade número 39, , São Paulo, Papirus, 1991.
NUNES, C. (org); O passado sempre presente, São Paulo, Cortez, 1992.
RAABE, J.; “Os jogos e a sociedade”, O Correio da UNESCO, março de 1980.
RICOEUR, P.; “O tempo relatado”, O correio da UNESCO, Junho 1991, pags 4 a 9.
SILVA, M.A.S.S. et ali; Memórias e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, São Paulo, Cortez/CENPEC, 1989.
TOLEDO, B. L.; Bem cultural e identidade cultural, Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Número 20 ano 1984 páginas 29 a 32.
VARINE-BOHAN, H.; Experiência internacional: notas de aula, 12/09/1974, São Paulo, FAUUSP/IPHAN, 28 p.
VASQUEZ, P.; Fotografia - Reflexos e Reflexões, Porto Alegre, LPM, 1986.
VIEIRA, M.P. A. et ali; A pesquisa em história, São Paulo, Atica, 1991.
WINNICOTT, D.W.; O brincar e a realidade, Rio de janeiro, Imago, 1975, Coleção Psicologia Psicanalítica.
Cadernos de formação número 02; Estudo preliminar da realidade local - resgatando o passado, PMSP/SME, 1990.
Patrimônio Cultural segundo a Pastoral de Cultura, Governo de Estado de Minas Gerais, Coordenadoria de Cultura, Imprensa Oficial, 1982.
Congresso Internacional “Patrimônio Histórico e Cidadania - o direito à memória”, Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1992.

JORNADAS CULTURAIS UFMG, GRUPO IGAPARA E GRUPO DE ESTUDOS ASTRONÔMICOS DA SERRA DO CAPARAÓ

Marcos Antonio Nicacio, Lúcia Gouvêa Pimentel, José Eduardo Borges Moreira, Adson Eduardo Resende, Oziel Mendes de Paiva Junior, Silésia Dias dos Santos[1], Geozelli Tássia de Pinho Camargos, Lidiane Rezende Pereira[2].

Introdução

O Programa de Educação Ambiental em Caparaó, iniciado em 1985, obteve o apoio da Fundação W.K. Kellogg para o Projeto Educação Ambiental em Caparaó – proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem, no período de 1999 a 2003, visando propiciar ações na Área da Cultura, interagindo com as outras áreas do Projeto - educação, saúde, meio ambiente, trabalho, comunicação - em um trabalho social.

Objetivos

Desenvolvimento de Jornadas Culturais UFMG nas comunidades rurais e urbanas; e fortalecimento de Grupos Culturais locais. Cabe destacar o encontro de proposta do Pró-Reitor de Extensão da UFMG, prof. Edison Côrrea com a proposta original do Projeto em relação ao desenvolvimento das Jornadas Culturais UFMG.

Metodologia

O desenvolvimento das Jornadas Culturais UFMG que visava o fortalecimento e a formação de grupos de cultura locais nas áreas de recreação, expressão e comunicação (envolvendo música, artes plásticas, teatro, recreação, educação física, filmes, etc). Foram estratégias: a promoção de intercâmbio entre a Universidade e as comunidades locais, propiciando meios para que esses conhecimentos sirvam de subsídio para o desenvolvimento de novas metodologias de ensino; o resgate de tradições e conhecimentos culturais locais, oferta de oficinas em apoio às Bibliotecas Públicas, Casas Municipais de Cultura e às escolas; abertura de espaço de reflexão, de fazer cultural com interação na vida cotidiana; o atendimento a todas as faixas etárias, bem como a integração e interação entre as diversas áreas do Projeto. O fortalecimento dos Grupos de Cultura locais teve início, no caso do Grupo IGAPARA, na oferta de uma oficina de Contação de Histórias para a formação de um grupo de jovens contadores de histórias, integrando-os com os contadores de contos populares da região. O Grupo desenvolveu as seguintes atividades: apresentações teatrais na inauguração da Biblioteca Pública Municipal de Caparaó “Prefeito Antonio Xavier da Costa” (01/12/2001); na inauguração da Biblioteca Pública Municipal de Alto Caparaó “Rejane Araújo e Araújo” (21/12/2001); na Semana de Leitura promovida pelas escolas estadual e municipais de Caparaó (07/2001); nas atividades sobre histórias realizadas pela Diretoria Municipal de Cultura de Caparaó nas escolas da zona rural (2001); na E.E. Altivo Leopoldino de Souza, Espera Feliz/MG (04/2002); na confraternização pelo término da 1ª etapa do estudo da leishmaniose em Caparaó e Alto Caparaó, 19/01/2002; para o grupo de professores do Projeto VEREDAS/Caparaó (01/2002); no Seminário do Projeto Comunidade de Aprendizagem, Belo Horizonte (01/2002); no 3º módulo do Curso de Aperfeiçoamento em Caparaó - tema Cora Coralina (24 a 28/06/2002); no encerramento do 3º módulo do Curso de Aperfeiçoamento em Caparaó (28/06/2002); no encerramento do 4º módulo do Curso de Aperfeiçoamento em Caparaó (28/03/2003); em todas as turmas da E.E. Francisco Lentz (04 e 05/2002) nas aulas de português; na posse do Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável de Caparaó (07/2002); na Feira Cultural da E.E. Francisco Lentz, na Praça Dois Poderes, Caparaó/MG; no Dia das Crianças, na Praça Dois Poderes, Caparaó/MG (10/2002); na formatura dos alunos da E.E. Padre Antonio Filizolla, em Espera Feliz/MG (12/2002); na visita da E.E. Padre Antonio Filizolla, Espera Feliz/MG à Biblioteca Pública Municipal de Caparaó; no encerramento do Encontro do RENAGESTE, Carangola/MG (11/2002); nas reuniões do Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável de Caparaó (06/2003); na E.E. Erênio de Souza Castro,

---

[1]Coordenadores, [2]bolsistas
Programa de Educação Ambiental em Caparaó e a proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem
Número de Registro SiexBrasil: 4208
Área Temática: Cultura
Colégio Técnico do Centro Pedagógico e Escola de Belas Artes
Contatos: proj-caparao@coltec.ufmg.bre (31) 3499-4962

Espera Feliz/MG (07/2003); no Município de Pedra Dourada para os alunos das escolas estadual e municipal (07/2003); na Oficina de Contadores de Histórias da E.E. Francisco Lentz (07/2003). visita técnica a profissionais e peças de teatro durante o Festival Internacional de Teatro em Belo Horizonte/MG e ao Grupo de Contadores de História em Cordisburgo/MG, 22 a 27/08/2002. Já o Grupo de Estudos Astronômicos da Serra do Caparaó – GEASC, formou-se no transcorrer do curso de Astronomia Básica, que envolveu também a inauguração do Observatório Astronômico Hodias Miranda em Alto Caparaó/MG (17/02/2001). O Grupo desenvolveu as seguintes atividades: visita técnica ao Observatório Astronômico da Serra da Piedade/UFMG pelo grupo de alunos do Curso de Astronomia Básica; criado oficialmente o Grupo (26/05/2001); organização da 1ª Semana de Estudos Astronômicos da Serra do Caparaó, 08 a 15/06/2001, dentro do período da maior aproximação da Terra/Marte; preparação das comunidades escolares para a observação do eclipse solar (66% de encobertamento no dia 20/06/2001); por solicitação da Prefeitura Municipal de Caparaó e do Grupo foi construído o Projeto de uma Praça de Astronomia; oferta de aulas de Astronomia Básica pelo GEASC em escolas estaduais de Caparaó/MG e de São José da Pedra Menina/Distrito de Dores do Rio Preto/ES; observações astronômicas na Praça Central “Dois Poderes” da cidade de Caparaó e na Biblioteca Pública Municipal “Antonio Xavier da Costa”; participação na audiência pública sobre a criação do Planetário de Belo Horizonte – Centro de Ensino e Divulgação da Astronomia e Ciências Afins, Assembléia Legislativa de Minas Gerais; participações no Seminário do Managé em Espera Feliz/MG, no V Encontro Nacional de Astronomia em Ouro Preto/MG (15 a 17/11/2002), no Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável de Caparaó, na Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Caparaó – ACIAC; realização do “Fim de Semana da Astronomia” pelo GEASC (14/06/2003) em Caparaó; participação do GEASC no VI Encontro Nacional de Astronomia, Campos dos Goytacazes/RJ (19 a 22/06/2003); organização do 3º Encontro da Liga de Astronomia Amadora em Caparaó, pela Sociedade de Estudos Astronômicos de Ouro Preto (SEAOP), pelo Grupo de Astronomia Louis Cruis (CALC), pelo Clube de Astronomia de Niterói Mário Schenberg (CANMS) e pelo GEASC, em 09/2003.

Resultados e Discussão

A Jornada Cultural UFMG em Alto Caparaó/MG foi ofertada no período de 11 a 16/06/2000, quando foram oferecidas 13 oficinas na parte da manhã, destinadas a professores, adultos, jovens e crianças, nas mais diversas áreas. Ao todo, foram 250 participantes nas oficinas, tendo como monitores 24 alunos do Ensino Médio de Alto Caparaó e do COLTEC/UFMG, com o objetivo de se criar um maior intercâmbio e aprendizado. Na parte da tarde, oficinas foram abertas ao público infantil, com ampla participação de professores e alunos locais também como monitores. À noite, em praça pública, houve apresentações culturais diárias nas áreas de música folclórica – “Grupo Encaixa Couro”; música – Orquestra de metais/”Grupo Itarranan”; teatro – “Teatro de Bonecos”; mágica – “Marcus mágico”; música – “Quarteto de Cordas da EM/UFMG”; teatro – “Oficina de teatro” pelo grupo local; vídeo – “Relatório da Jornada” pela oficina de vídeo. A Jornada Cultural UFMG em Caparaó/MG foi realizada no período de 06 a 11/05/2001, tendo sido ofertadas nove oficinas de 40 horas/aula na parte da manhã e da tarde, destinadas a professores, adultos, jovens e crianças, nas mais diversas áreas. Ao todo, foram 150 participantes nas oficinas, tendo como monitores 15 alunos do COLTEC/UFMG, com o objetivo de se criar um maior intercâmbio e aprendizado Na parte da tarde, oficinas foram abertas ao público infantil, com ampla participação de professores e alunos locais também como monitores; a “Rua de Lazer” foi oferecida na zona urbana e em dois pontos da zona rural (Galiléia e Capim Roxo); à noite, em praça pública, houve apresentações culturais diárias nas áreas de música folclórica – “Grupo Encaixa Couro” e “Demdalei”; música – Grupo de percussão da EM/UFMG, teatro – “Teatro de Bonecos”; mágica – “Marcus mágico”; dança – “Grupo Sarandeiros – COLTEC, música – “Marku Ribas”; teatro – “Oficina de teatro” e “Atividades teatrais” pelos grupos locais, bem como da Banda Municipal de Caparaó “José Pinheiro”. Cabe destacar algumas ações resultantes das Jornadas, como a produção inédita durante a oficina de Papel Artesanal, de papéis produzidos com cascas de café; o incentivo à produção local de vídeos a parti da mesma oficina; a revitalização do Grupo de Mulheres da Galiléia após a oficina de Expressão Corporal; a formação do Grupo de Teatro de Caparaó com cerca de 50 pessoas de 10 a 40 anos após a oficina de Teatro e a produção local de programas de rádio, a partir da oficina de Texto e Voz. Destacam-se também alguns problemas, a saber: acertos no calendário (eventos e oficinas); busca de patrocinadores para custos não cobertos pelo Projeto e/ou Prefeitura; a dificuldade na liberação dos professores da Escola Estadual de Alto Caparaó para participarem

da Jornada; mais vagas para a comunidade nos cursos; dificuldade em encontrar alguns materiais solicitados pelos professores das oficinas em nossa cidade; pouco recurso da Prefeitura Municipal de Alto Caparaó para determinadas atividades (som, hospedagem); local não muito adequado para os eventos noturnos; falta de conscientização e interesse por parte da comunidade, por nunca ter acontecido esses tipos de eventos. Atualmente o Grupo IGAPARA tem sua sede própria à Rua Oscar Pinheiro nº 250/fundos; com sala para ensaios, camarim, depósito e banheiro; estando estruturado com equipamento de som. O Grupo de Estudos Astronômicos da Serra do Caparaó – GEASC possui atualmente sede própria à Rua Oscar Pinheiro nº 250, Caparaó/MG, possuindo um Telescópio Amador Newtoniano de 2,0 metros de distância focal e 185 mm de abertura (doação).

Produtos Gerados
Na sub-área das Jornadas Culturais UFMG: Curso: "Fotografia Alternativa - Pin Hole", Jornada Cultural UFMG/ Alto Caparaó, 11 a 16/06/ 2000; professor Cléber Augusto F. Falieri, Curso: "Papel Artesanal", Jornada Cultural Alto Caparaó, 11 a 16/06/2000, professora Patrícia Figueiredo Moreira, Curso: "Teatro", Jornada Cultural UFMG/ Alto Caparaó, 11 a 16/06/2000;professor Fernando Antônio de Melo (Limoeiro). Curso: "Técnicas Artísticas", Jornada Cultural UFMG/Alto Caparaó, 11 a 16/06/2000. Curso: "Jornal Comunitário", Jornada Cultural UFMG/ Alto Caparaó, 11 a 16/06/2000, professora Lúcia Gouvea Pimentel. Curso: "Vídeo", Jornada Cultural UFMG/ Alto Caparaó, 11 a 16/06/2000, professores Éber Faioli e Magro. Curso: "História em Quadrinhos", Jornada Cultural UFMG/Alto Caparaó, 11 a 16/06/2000, professor João Marcos Parreira Mendonça. Curso: "Ilustração em Tri-dimensão", Jornada Cultural UFMG/Alto Caparaó, 11 a 16/06/2000. Curso: "Trilhas e Caminhadas", Jornada Cultural UFMG/ Alto Caparaó, 11 a 16/06/2000; professor Ricardo Nascimento Alves. Curso: "Técnicas Teatrais", Jornada Cultural UFMG/Alto Caparaó, 11 a 16/06/2000, professores Maria Tereza Moura e André Salles Coelho. Oficina: "Rua do Lazer", Jornada Cultural UFMG/Alto Caparaó, 11 a 16/06/2000; professor Ricardo Nascimento Alves. Oficina: "Artes", Jornada Cultural UFMG/Alto Caparaó, 11 a 16/06/2000. Oficina: "Prática Esportiva (futebol, voleibol, queimada)", Jornada Cultural UFMG/Alto Caparaó, 11 a 16/06/2000; professor Ricardo Nascimento Alves. Oficina: "Montagem de bonecos", Jornada Cultural UFMG/Alto Caparaó, 11 a 16/06/2000; professor Marcos Antônio Ferreira. Painel: "Jornada Cultural UFMG em Alto Caparaó/MG", 9ª Semana de Iniciação Científica; Semana do Conhecimento da UFMG; 2000; Belo Horizonte/MG.. Curso: "Fotografia Alternativa - Pin Hole", Jornada Cultural UFMG/Caparaó, 06 a 11/05/2001; 17 alunos, professor Cléber Augusto F. Falieri. Curso: "Teatro na Escola – Esquetes em Campanhas Educativas", Jornada Cultural UFMG/Caparaó, 06 a 11/05/2001, 18 alunos, professor Fernando Antônio de Melo (Limoeiro). Curso: "Papel Artesanal", Jornada Cultural UFMG/Caparaó, 06 a 11/05/2001; 13 alunos, professora Thaís Alexandrina Caldeira. Curso: "História em Quadrinhos", Jornada Cultural UFMG/Caparaó, 06 a 11/05/2001; 15 alunos, professor João Marcos Parreira Mendonça. Curso: "Bonecos de Sucatas – Técnica Luva", Jornada Cultural UFMG/Caparaó, 06 a 11/05/2001; 13 alunos, professora Sheila Alves Figueiredo. Curso: "Atividades Teatrais (literatura, música, artes plásticas e cênicas)", Jornada Cultural UFMG/Caparaó, 06 a 11/05/2001; 18 alunos, professores Maria Tereza Moura e André Salles Coelho. Curso: "Oficina de Rádio – Texto e Voz", Jornada Cultural UFMG/Caparaó, 06 a 11/05/2001; 15 alunos, professores Fábio Martins e Rosane Moreira Magalhães. Curso: "Artes Plásticas", Jornada Cultural UFMG/Caparaó, 06 a 11/05/2001; 19 alunos, professora Maria José Fantauzzi. Curso: "Expressão Corporal – preparação e consciência", Jornada Cultural UFMG/Caparaó, 06 a 11/05/2001; 23 alunos, professora Myrian Tavares. Oficina: "Leitura", Jornada Cultural UFMG/Caparaó, 06 a 11/05/2001; professora Marlene Edite Pereira de Resende. Oficina: "Fantoches", Jornada Cultural UFMG/Caparaó, 06 a 11/05/2001; professor Marcos Antônio Ferreira. Oficina: "Rua do Lazer", Jornada Cultural Caparaó, 06 a 11/05/2001; professor Ricardo Nascimento Alves. Na sub-área do Grupo IGAPARA: Curso: "Teatro", Caparaó/MG; 10/2001, profa. Jaqueline Calazans, 40 horas/aula. Na sub-área do Grupo de Estudos Astronômicos da Serra do Caparaó – GEASC: Curso: "Astronomia Básica", professores Renato Las Casas, Túlio Jorge dos Santos, 07 a 17/02/2001, Alto Caparaó/MG, professor Renato Las Casas, 60 horas/aula. Apostila: "Curso de Astronomia Básica"; 95 páginas; Departamento de Física/ICEX/ Observatório da Serra da Piedade/UFMG; Belo Horizonte/MG; 2001.Projeto Técnico: "Praça da Astronomia de Caparaó/MG"; 19 páginas; NUNES, G.A.; PRADO, F.B.L.; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, abril 2003. Curso: "Estudo de estrelas duplas e variáveis – asterismos ou constelações", Caparaó/Alto Caparaó, 2003, professor Fernando Barbosa Pena, 08 horas/aula. Apostila: "Curso Estudo de estrelas duplas e variáveis – asterismo ou constelações", PENA,

F.B.; 10 páginas, COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2003. Curso: "Montagem e Manutenção de Telescópio Newtoniano", 13 e 14/06/2003, Caparaó/MG; professor Fernando Barbosa Pena, 04 horas/aula.

Conclusão
Sobre a Jornada Cultural UFMG citamos texto de relatório da Escola Municipal Eugênio Tavares da Silva/Alto Caparaó/MG: "Foi uma semana inesquecível! A comunidade em geral participou de oficinas durante o dia e à noite, na praça da igreja Católica, aconteciam apresentações artísticas (Ciranda, Teatro de Bonecos, Instrumentos de Percussão e de Corda e Teatro). Dentre as oficinas para os adultos contavam-se as de artes plástica, papel artesanal, fotografia, vídeo, jornal, teatro, quadrinhos e muitas outras. Para os alunos, todas as tardes podiam participar das oficinas de artes plásticas, tridimensão e confecção de bonecos e da Rua do lazer que, entre outras atrações, contava com uma deliciosa cama elástica. A Jornada Cultural transformou-se em um momento histórico no Município de Alto Caparaó, tamanha sua grandiosidade, aceitação e produtividade para nossa comunidade."
Já a Comunidade de Galiléia/Caparaó/MG registrou: "Através da participação na Oficina Expressão Corporal foi despertado a necessidade de partilhar com outras mulheres de nossa comunidade o potencial que existe em cada uma de nós, mobilizando-nos então para a importância de reativar o Grupo de Mulheres para compartilharmos as experiências e busca de novas alternativas.". Já o professor Oziel M. de Paiva Jr., Diretor Municipal de Educação de Caparaó expressou: "A Jornada leva à reflexão, nela a população tem a oportunidade de repensar sobre o que faz e o que pode fazer pela comunidade." Wellington de Souza Silveira, aluno do ensino médio e membro do Grupo IGAPARA relata: "Quando eu entrei no projeto, isso há uns três anos atrás, foi tudo meio que por acaso, uma menina Lara que atua na parte de saúde estava precisando de pessoas que fossem participar das reuniões de sua turma. Por motivo de erro fui parar na reunião de projetos sociais onde eu ouvi as palavras de Geozeli e Lidiane. Só fui entender que estava ali, quando no final da reunião eu perguntei para uma delas a respeito da área de saúde, a partir daí aprendi a me interessar mais, e o projeto me ensinou a respeitar mais a sociedade, respeitar mais aqueles que convivem comigo no meu dia a dia. Adorei ter participado da área de memória histórica onde aprendi a dar mais valor as coisas do meu município, aprendi a ouvir os mais idosos, coisa que antes não fazia. Gostei muito de atuar na área do jornalismo, onde aprendi a diagramar jornal, onde aprendi a fazer textos jornalísticos, coisas que são de maior importância para o meu dia-a-dia profissional. No curso de Contação de Histórias que fizemos, vimos o quanto temos talento e o quanto podemos mostrar a sociedade do que somos capazes de fazer; nos módulos que participei aprendi a dar mais valor aos professores e conviver melhor com a escola." O professor Valter Martins da Silva, também membro do Grupo, relata: "O Grupo IGAPARA apresenta um trabalho com os jovens da comunidade, a partir de estudos de poesias, histórias, poemas e peças de teatro e sua apresentação nas escolas, na biblioteca pública, na comunidade e em outros municípios. É um trabalho que busca integrar as atividades da escola com a biblioteca e a comunidade, despertando o interesse pela leitura. A escola é muito próxima da biblioteca e do pavilhão de festas, onde acontecem muitas apresentações. Os jovens que participam do grupo estudam na mesma escola. Os coordenadores do grupo são professores da mesma escola e os jovens gostam do que fazem. Infelizmente, o município conta com diversas comunidades na zona rural e não é possível levar o grupo a todas elas, sempre, o que limita a sua ação à zona urbana. Acreditamos que o grupo possa colaborar para o resgate da memória do lugar, suas histórias e lendas, fortalecendo os laços dos mais novos com as pessoas mais experientes. O grupo existe há pouco mais de um ano. Neste período foram muitas as atividades realizadas para sua consolidação: reuniões para avaliação, reuniões do conselho de desenvolvimento social e outros. Estamos numa fase de aperfeiçoamento dos integrantes e abertos para novos participantes. Falta um trabalho mais integrado com a creche municipal, com visitas permanentes para contar e ouvir histórias. Em cada apresentação fora do município, percebemos que o ideal é criar outros grupos de contadores de história. Os alunos do ensino fundamental demonstram interesse em criar um outro grupo de histórias. A partir das apresentações de obras literárias pelo grupo, os alunos manifestam também interesse em procurar a obra na biblioteca pública para leitura.". O bolsista do projeto, André Luis Crispim Costa, relatou sobre o Grupo IGAPARA: "Emocionei-me várias vezes com o grupo de teatro, composto por jovens, em Caparaó; quanta sensibilidade! Como se não bastasse, estavam sempre presentes em outras atividades com extrema dedicação e boa vontade.". Sobre o GEASC, assim escreveu o professor Aluísio Pimenta (Edição do Brasil, 03 a 10/02/2002): "(...) Participei, como convidado, de uma importante audiência pública na Assembléia Legislativa de Minas Gerais sobre a criação do Planetário de Belo Horizonte. (...) Minas

Gerais é um estado privilegiado, pois ostenta as mais belas montanhas do país. A Serra do Caparaó, com o notável Pico da Bandeira, é um monumento da geografia brasileira e merece o recém criado Grupo de Estudos Astronômicos da Serra do Caparaó. Segundo o coordenador André Luiz, a idéia do GEASC surgiu através de curso de astronomia promovido pela UFMG em parceria com a Fundação W.K. Kellogg e a Prefeitura de Caparaó.(...). Inserido no Projeto Comunidade de Aprendizagem, o curso atingiu as cidades de Caparaó e Alto Caparaó. Não poderia deixar de abrir um parêntese para enfatizar a importância deste curso para a sociedade e os bons resultados como o GEASC, que advêm deste programa de educação continuada contrariamente a uma série de cursos oferecidos a alto custo e qualidade duvidosa. O GEASC está se desenvolvendo muito bem, já possui estatuto e as atas das reuniões quinzenais são registradas em cartório. Além disso, vem oferecendo algumas aulas de introdução à astronomia básica nos colégios da região. O grande sonho do grupo é construir a "Praça da Astronomia" na exuberante vista do Pico da Bandeira. (...) Vamos adiante. É assim que se constrói o Brasil." O coordenador do GEASC Ricardo de Souza Ferreira relata; "Aliás percebi o quanto Caparaó tem mudado e diversificado em sua cultura. Além da astronomia, a turma do teatro tem revelado muitos talentos. A poesia, o meio ambiente, etc. Sentimo-nos mais orgulhosos ainda de ser caparoense. A viagem do Grupo até a Assembléia Legislativa fez com que jovens de 14, 15 e 16 anos sentissem prazer pelo ato de cidadania realizado em prol da cultura do Estado inteiro."

Parcerias
Prefeitura Municipal de Caparaó/Diretoria Municipal de Educação, Prefeitura Municipal de Alto Caparaó/Diretoria Municipal de Educação, Grupo IGAPARA, Grupo de Estudos Astronômicos da Serra do Caparaó – GEASC, FUNDEP, Fundação W.K. KELLOGG.

Referências

Trabalhos em coordenação e oficinas nas Jornadas Culturais UFMG anteriores (Itamarandiba, Cataguases, Peçanha, Metropolitanas, entre outras).

ORQUESTRA SINFÔNICA DA ESCOLA DE MÚSICA DA UFMG

Eduardo de Carvalho Ribeiro, Silvio César Lemos Viegas[1], Elias Martins de Barros, Leonardo Lacerda, Eliseu Martins de Barros, Luiza Chequer, Moisés Guimarães, Abel Moraes, Valdir Claudino, Antonio Carlos Guimarães, Cristiano Lages Duarte, Hermínio Almeida, Cristiano Carvalho e Ronaldo Araújo[2].

Introdução

A Orquestra Sinfônica da Escola de Música da UFMG, fundada na administração da Professora Iolanda Lodi em 19-06-68 — e que teve à sua frente músicos do quilate dos mestres Sérgio Magnani, David Machado, Guerra-Peixe, Arthur Bosmans e Roberto Duarte — funciona como veículo de difusão de cultura para a sociedade e como laboratório de estudo para os alunos da Universidade. Centro aglutinador dos objetivos primordiais da Escola de Música, por ser o único projeto que gera oportunidades de participação aos alunos de todas as habilitações (Regência, Composição, Instrumentos, Canto e Licenciatura), a Sinfônica da EM-UFMG promove a cultura por meio de concertos para a comunidade acadêmica dentro das dependências físicas da Universidade, e fora dela, para as comunidades carentes e jovens, realizando apresentações didáticas em escolas públicas e privadas. Mais que isso, a Orquestra vai à sociedade mineira, através de eventos em teatros de Belo Horizonte e outras cidades, como o Klauss Vianna, o Francisco Nunes e o Teatro da Ópera de Ouro Preto; enseja oportunidade ímpar para os alunos, dando-lhes vivência e experiência, promovendo seu crescimento profissional. A Orquestra Sinfônica da Escola de Música da UFMG realiza uma média de vinte concertos anuais, trabalhando um repertório novo a cada concerto. Com duração média de 1 hora e 30 minutos em cada apresentação (fora a ópera, cuja duração ultrapassa duas horas), a nossa Sinfônica trabalha uma média anual de trinta horas de música sem repetição, executando obras que vão desde o período barroco até a música contemporânea. Em seu repertório figuram obras dos grandes mestres, tais como Bach, Vivaldi, Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Schumann, Brahms, Wagner, Debussy, Faurè, Ravel e Stravinsky, entre outros, além de especial atenção às composições sinfônicas brasileiras. É, possivelmente, o maior volume de produção artística dentro da Universidade. A Orquestra Sinfônica da Escola de Música tem em seu calendário anual a realização e coordenação de várias atividades, são elas: Concertos Didáticos, Concertos Regulares, Concertos Oficiais, Concurso “Jovens Solistas da Orquestra Sinfônica da EMUFMG” Concertos com convidados, Atividades acadêmicas da Orquestra e Projeto de Bolsas de Extensão.

Objetivos

O objetivo do Projeto Orquestra Sinfônica da Escola de Música é divulgar a cultura artística, levando a música a todas as camadas da sociedade, ampliando horizontes tanto do ponto de vista didático, quanto de seu alcance social e sobretudo, formar profissionais aptos e talentosos, dando continuidade ao trabalho que vem sendo desenvolvido desde sua fundação no ano de 1968. Para a realização desses objetivos, várias atividades são desenvolvidas continuamente no âmbito da orquestra. Concertos regulares e “Série Viva Música” - a comunidade acadêmica e a sociedade em geral têm livre acesso aos concertos da Orquestra, que se apresenta regularmente no auditório Fernando Mello Vianna, na Escola de Música; a Orquestra se apresenta também em outros espaços culturais oferecidos pela Universidade (Conservatório da UFMG, Auditório da Reitoria, Biblioteca Universitária), pela cidade de Belo Horizonte e outros centros culturais (Teatro Francisco Nunes, Klauss Vianna, Teatro da Ópera de Ouro Preto e o Grande Teatro do Palácio das Artes etc.). “Concertos Didáticos” - são concertos destinados às camadas com menor acesso à música dita erudita, tais como Escolas Públicas Municipais e Estaduais, e comunidades carentes. Esses concertos envolvem no mínimo 20% das apresentações anuais. Neles, a orquestra apresenta seus instrumentos individualmente, demonstrando a estrutura da orquestra e os músicos respondem às perguntas do público e são feitos comentários relevantes sobre as obras interpretadas. Concertos Oficiais - a Orquestra Sinfônica

---

[1]Coordenadores, [2]músicos
Programa Grandes Grupos Instrumentais
Número de Registro SiexBrasil: 3271
Área Temática: Cultura
Escola de Música
Contatos: ecribeiro@pib.com.br e (31) 3464-6225 e 3499-4700

da EMUFMG é ocasionalmente convidada a participar de atividades oficiais tanto da Universidade quanto da cidade de Belo Horizonte: como exemplos, a Semana do Conhecimento da UFMG e o Projeto “Música de Domingo” da Prefeitura Municipal da Capital, entre outros. Concurso “Jovens Solistas da Orquestra Sinfônica da EMUFMG” - já com treze anos de história, o concurso dá oportunidade à revelação de novos talentos. São premiados, a cada ano, oito alunos da Escola de Música envolvendo todas as áreas: teclado, cordas dedilhadas, cordas friccionadas, madeiras, metais, percussão e canto. A cada um dos vencedores é reservada a oportunidade de realizar um concerto como solista junto à Orquestra. O concurso movimenta a Escola de Música - prova disso é o número de inscritos nos últimos concursos: aproximadamente trinta alunos por ano; incita os alunos a se aplicarem mais ainda em seus estudos; dá oportunidade ao aluno de experimentar o que é participar de um concurso e serve de inspiração para outros concursos como o “Jovem Camerista” e o “Jovem Solista da Banda Sinfônica”. Concertos com convidados: além dos concertos com jovens solistas, a Orquestra dá oportunidade para que professores da Escola de Música e músicos convidados realizem concertos solistas em sua programação. No último biênio mais de 100 alunos e 20 professores, além de vários solistas com renome nacional e internacional, se apresentaram junto à Orquestra Sinfônica da EMUFMG. Essa integração tem alto significado para a nossa comunidade acadêmica, pois o desafio de se apresentar com uma Orquestra Sinfônica estabelece novos limites a serem superados pelos alunos e uma inevitável, e muito bem vinda melhoria técnica e musical. Os concertos com professores e solistas convidados proporcionam aos alunos vivência artística de grande valor, pois vê-los participar e ouvi-los tocar é como aula prática para todos. Atividades acadêmicas da Orquestra: a Orquestra Sinfônica funciona também como laboratório para os alunos de todas as disciplinas da Escola – Instrumentos, Canto, Regência, Composição e Licenciatura. Projeto de Bolsas de Extensão - visa a dar aos alunos bolsistas amplo conhecimento do funcionamento e composição de uma orquestra: sua infra-estrutura, aspectos técnicos, organização dos ensaios, escolha de repertório, estudo histórico das obras, criação e confecção de programas e montagem do cronograma de ensaios para cada repertório trabalhado.

Metodologia

Através de ensaios e apresentações regulares, a Orquestra Sinfônica da EMUFMG trabalha com um repertório que abrange quase 400 anos de música, passando por vários períodos da história. O aluno aprofunda-se no estilo de cada obra, nas suas características de execução, nas formas e tradições, fazendo do ensaio um momento artístico de performance e capacitação individual. O trabalho da orquestra baseia-se na pesquisa, no estudo e no desenvolvimento técnico do repertório sinfônico orquestral e operístico. Essas informações são regularmente transmitidas pelo maestro responsável e pelos técnicos da orquestra, vários deles com mestrado e doutorado em renomadas escolas nacionais e internacionais. O produto deste trabalho é exposto ao público em forma de concerto. Os alunos são orientados e avaliados durante os ensaios pelo maestro responsável, pelos técnicos-músicos e pelo coordenador do projeto. As dificuldades técnicas que se apresentam durante os ensaios são levadas para a sala de aula, discutidas e trabalhadas diretamente com o professor do instrumento. Dessa maneira os ensaios com a Orquestra promovem o desenvolvimento individual e técnico do aluno. O Plano de Trabalho da Orquestra Sinfônica da EMUFMG é compartilhado pelos técnicos-músicos, alunos regulares e alunos bolsistas com os seguintes procedimentos: três ensaios semanais, com três horas de duração cada, um ensaio de naipe por programa realizado, dois concertos realizados por programa. Cada programa se desenvolve com uma média de 7 ensaios. A Orquestra realiza em média 14 concertos com 7 programas diferentes por semestre. Estudo semanal do repertório orquestral com o professor do instrumento. Estudo semanal individual do repertório da orquestra. Além das atribuições acima descritas, aos bolsistas ainda competirá: pesquisa de repertório, provimento do material de ensaio – partituras e fotocópias (1 hora por semana), montagem e organização dos programas de concertos, a serem submetidos ao CENEX, participação de reuniões com o Coordenador do projeto, a cada programa preparado, para esquematizar o cronograma de ensaios, realização de contatos com as escolas públicas, privadas e entidades carentes, viabilizando a realização de concertos didáticos, atendimento aos demais grupos da Escola de Música: Banda Sinfônica, Gerais Big Band e Coro de Câmara em ensaios e apresentações.

Resultados e Discussão

A Orquestra Sinfônica da EMUFMG realizou, desde o início do ano de 2002 até o momento, aproximadamente

50 concertos, totalizando cerca de 75 obras diferentes. Apresentaram-se com a Orquestra 30 solistas entre alunos vencedores do “Concurso Jovens Solistas” , professores, técnicos e músicos convidados. Segunda a linha programática da Orquestra Sinfônica da Escola de Música da UFMG, seu repertório é composto de obras que cobrem aproximadamente quatrocentos anos da história da música. Os alunos, técnicos e professores envolvidos no projeto tem contato com obras de diversos períodos, desde meados do século XVI até os dias de hoje. Com este trabalho, os alunos se tornam aptos a distinguirem características estilísticas, formais e peculiaridades das obras executadas. Ao mesmo tempo, recebem acompanhamento constante por parte do maestro responsável, dos técnicos e do coordenador da orquestra, e durante o ano mantém contato com a chamada “Tradição da Ópera”. Além da parte musical, o aluno aprende o que é o dia-a-dia de uma orquestra, suas regras e hierarquias, sua estrutura e forma organizacional. Desenvolve a postura de um músico de orquestra, sua disciplina e ordem adequadas a esse tipo de conjunto. É importante ressaltar que a Escola de Música da UFMG é a única no gênero em nosso país que mantém uma Orquestra Sinfônica com tais características, servindo de laboratório a todas as disciplinas oferecidas pela unidade.

Produtos Gerados

O principal produto gerado pela atividade da Orquestra é o momento privilegiado do concerto no qual o público é transportado à dimensão estética musical. A maior parte dos concertos é registrada em vídeo e CD estando este material no Arquivo da Orquestra à disposição dos interessados.

Conclusão

A Orquestra Sinfônica da Escola de Música da UFMG atende de diversas formas a um grande e diversificado público: alunos de graduação e pós-graduação da UFMG, alunos dos cursos de extensão, alunos de outras escolas, comunidade acadêmica e comunidade em geral. Os alunos participam como bolsistas ou alunos curricularmente envolvidos, tanto da graduação quanto da pós-graduação. A Orquestra Sinfônica é basicamente composta por cordas, madeiras, metais e percussão, o que significa que participam dela alunos das classes de violino, viola, violoncelo, contrabaixo, flauta, oboé, clarineta, fagote, trompa, trompete, trombone e percussão. No entanto, dependendo do repertório trabalhado, juntam-se a esses instrumentistas de saxofone, tuba, harpa, piano, violão e canto. Os alunos de graduação ou de pós-graduação podem também participar da Orquestra como solistas por meio do concurso “Jovens Solistas” ou como convidados pela comissão e pelo maestro da Orquestra. Alunos de cursos de extensão e de outras escolas podem também participar como alunos não curricularmente matriculados, devendo para tanto ter o aceite do coordenador e da Comissão da Orquestra. Os alunos dos cursos de extensão têm as mesmas oportunidades de participação que os alunos de graduação e pós-graduação no concurso “Jovens Solistas”. Todos podem participar como convidados pela comissão e pelo maestro da Orquestra. A Orquestra Sinfônica da EMUFMG atende a comunidade em geral, realizando concertos em teatros e escolas; atende a comunidade acadêmica realizando mensalmente concertos nas dependências da Universidade; e atende a camada jovem e comunidades carentes, realizando concertos didáticos. A atuação da Orquestra no âmbito acadêmico e para a comunidade em geral vem se estabelecendo firmemente no cenário da cidade de Belo Horizonte como um dos mais atuantes centros de divulgação da cultura, dando oportunidade para o crescimento profissional e cultural de um grande número de estudantes e membros da comunidade. As apresentações da Orquestra Sinfônica da EMUFMG em escolas públicas e/ou privadas são gratuitas, cabendo à escola em questão arcar com as despesas de transporte dos instrumentos, e, se necessário, dos músicos.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão, Corais de Belo Horizonte, Fundação Clóvis Salgado - Palácio das Artes, Orquestra de Câmara do Sesiminas – Musicoop e Orquestra Sinfônica da Polícia Militar.

Referências

LAGO JR., Sylvio – A Arte da Regência: História, Técnica e Maestros. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2002
HERZFELD, Friedrich – La Magia de la Batuta. Barcelona: Editorial Labor SA, 19??
GREEN, Elizabeth A. H. - The Modern Conductor. New Jersey: Prentice -Hall Inc., 1987

DANÇA EXPERIMENTAL NA UFMG

Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz[1], Túlio Max Leite[2], Vanda Proença, Sonia Cândido Domingos[3], Diná Marques Pereira, Fernanda Rabelo Lemos[4], Carolina Sophie Leão[5], Karina da Silva Maciel, Claudia Meira Alves Simão[6].

Introdução

Historicamente é comprovado que a dança, como um dos conteúdos da cultura corporal de movimentos do ser humano, tem um papel fundamental na produção de cultura do mesmo, pois sempre foi e ainda é uma maneira de expressão humana. Assim podemos dizer que cada ser possui em suas malhas, características próprias de se manifestar e a dança é uma dessas possibilidades de desvelar emoções, impressões, vivências e experiências acumuladas culturalmente. Diante de uma crescente interrogação dos significados da dança no mundo contemporâneo, esta é desenvolvida hoje, sob inúmeras lentes, apresentando textos, métodos próprios, trabalhos/ estudos diferenciados e influenciados por diversos braços da escola de arte moderna e pós-moderna. No intuito de estudar, experimentar e buscar uma dança própria – construída pelo sujeito dançante a partir de problematizações motoras de movimentos corporais – nossa proposta de trabalho tem como ponto de partida a dança caracterizada pela necessidade de dizer o indizível e de conhecer o desconhecido independente do estilo ou do aporte técnico que o indivíduo possui no momento histórico vivido. Nosso foco está na experiência de movimentos corporais em dança, em projetos de construção de movimentos aprendidos, criados, recriados e transformados de acordo com os caminhos trilhados no processo de experimentação, tendo em vista a problematização e a construção de textos e conhecimentos dançados. O Programa de Dança Experimental faz parte da Extensão Universitária da EEFFTO/ UFMG e desenvolve os seguintes projetos: Grupo de Estudos, Grupo Experimental Dança 1, Dançando na Escola e Seminário de Dança Contemporânea, evento anual. O Grupo de Estudos em Dança Experimental é caracterizado por estudos e reflexões sistematizadas sobre a dança numa perspectiva transdisciplinar, utilizando textos técnicos científicos, textos literários e imagéticos (vídeos, espetáculos e fotos de dança). O Grupo Experimental “Dança 1” busca estudar, experimentar e compreender a dança em suas inúmeras possibilidades vivenciando-a na forma de textos e subtextos, construindo nesse processo como autores e leitores do texto em performance corporal, uma corporeidade própria, em que o movimentar em dança gera formas e sonoridades poéticas. É um trabalho em constante processo de construção. O Projeto Dança na Escola tem como objetivo entender as discussões, problematizações e experiências vividas no Grupo de Estudos e no Grupo Experimental “Dança 1”- da Universidade às escolas públicas de ensino fundamental e médio de Belo Horizonte. Dessa maneira, o Programa além de criar um vínculo entre a academia e a escola, proporciona outro olhar sobre a Educação a partir da dança. Assim, desenvolve elos entre as comunidades onde as escolas estão inseridas. Os Seminários Anuais de Dança Contemporânea são frutos de uma tradição de 14 festivais de dança realizados na EEFFTO/UFMG desde 1988. É oportuno dizer que diante da crescente interrogação dos significados da dança diante do mundo contemporâneo e com a criação do Programa de Dança Experimental da EEFFTO/UFMG, a partir do ano 2000, os tradicionais festivais de dança foram se transformando em espaços para o estudo da dança numa perspectiva transdisciplinar através de oficinas, palestras, mesas redondas e apresentação de temas livres. Enfim, nossa expectativa é incentivar a criação de possibilidades corporais expressivas no sentido da apreensão de várias habilidades de execução de movimentos, de ritmos, de contato com formas e símbolos próprios, ampliando essas experiências para o novo e a dança própria, disponibilizando situações geradoras de valores que fazem parte da construção e da experiência sociocultural do ser humano, nas suas relações sociais e de estilos de vida próprios.

Assim, nesse processo, o Programa é composto por uma coordenadora, um subcoordenador, duas monitoras de extensão e uma monitora de graduação. Já passaram pelo Programa alunos de algumas unidades da UFMG como

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenador, [3]técnicos-administrativos, [4]bolsitas (Programa de Bolsas de Extensão/PROEX), [5]outros bolsistas, [6]voluntários

Programa de Dança Experimental: Um Diálogo entre a Dança e a Educação

Número de Registro SiexBrasil: 3269

Área Temátical: Cultura

Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional e Escola de Ciências da Informação

da Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Educação, Artes Cênicas, ICEx e outras. Atualmente, além da comunidade universitária, também participam do Programa o Centro de Formação Carisma, com alunos de vários Estados brasileiros, uma aluna da Escola Guignard, de Belo Horizonte, bem como outras pessoas interessadas em estudar e experimentar a proposta em dança dos projetos desenvolvidos.

Objetivos.

Intensificar e instalar parcerias com outras Unidades da UFMG – essa parceria se configura a princípio com a participação de professores e alunos da graduação como voluntários para os trabalhos desenvolvidos pelo Programa. Levar os experimentos e as idéias desenvolvidas no Programa para instituições de ensino fundamental e médio, às escolas da rede pública municipal e estadual de Belo Horizonte. Desenvolver pesquisas, considerando que estas ainda são mínimas, pouco difundidas e de acesso reduzido a um número particular de pessoas. A idéia é abrir espaço tanto para os "iniciados" quanto para educadores de vários segmentos culturais e/ou educacionais, bem como para toda e qualquer pessoa interessada.

Metodologia

A metodologia proposta tem como base um grupo de estudos permanente em que a discussão de textos escritos e dançados buscam a leitura, inclusive, dos "sub-textos" desenvolvidos no Programa. A idéia é disponibilizar situações geradoras de experiências variadas em dança. Os caminhos percorridos transitam entre a leitura e a análise de imagens de dança, que discorrem desde fotos a vídeos. Além disso, estudamos uma bibliografia multidisciplinar que trata de temas como história da arte e da dança, filosofia, lingüística, semiótica, literatura, biomecânica, antropologia, cinesiologia e educação. Para a escrita corporal, são desenvolvidas vivências e oficinas em que todos são integrantes do grupo, sujeitos ativos de uma dança que será sempre construída. Neste contexto a dança pode ser uma fonte de vivência lúdica, de aprendizagem, mas também de transcendência sociocultural. Assim, a dança experimental que desenvolvemos é entendida como uma experimentação e criação de movimentos que surgem a partir do estímulo do expressar sentimentos, idéias e valores nas relações com o outro e consigo mesmo, tendo como princípio de ação a pesquisa e a descoberta de movimentos corporais; a experiência; o aprendizado e a construção da dança no corpo, no espaço e no tempo. A linha pedagógica inclui a discussão destes textos escritos e dançados produzidos nos projetos buscando a leitura inclusive das entrelinhas. Para a escrita corporal, são desenvolvidas vivências em que todos os participantes são autores e leitores, que apresentam propostas de dança únicas e particulares ao tempo e à experiência vivida. Este trabalho é a referencia para o desenvolvimento dos bolsistas no campo de atuação do projeto extramuros desenvolvidos na Escola Municipal Belo Horizonte (São Cristóvão) e a Escola Estadual Britaldo Soares.

Resultados e Discussão

Como fruto das discussões e reflexões geradas pelo grupo de estudos, a proposta do projeto iniciado em agosto de 2000 é ampliada para abordagem comprometida com a extensão extra-muros da UFMG, principalmente aquela voltada para escolas públicas interessadas no desenvolvimento do Programa em suas dependências. Em dois anos de atividades, o Programa vem desenvolvendo e ampliando seus projetos com sucesso. Hoje, estamos atuando na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG e em duas escolas públicas de ensino fundamental e médio alcançando, por enquanto, diretamente o número de 200 pessoas entre alunos da UFMG, das escolas contempladas pelos projetos e da comunidade em geral. Além disso, o Programa tem desenvolvido eventos como mesas redondas, palestras, oficinas, mostras de dança e participado de eventos artísticos-culturais na UFMG e na grande Belo Horizonte. Nestas ações temos tido a oportunidade de experiências interdisciplinares diretas com alunos de várias unidades da UFMG, com profissionais convidados de áreas como a Psicologia, Terapia Ocupacional e Música, Comunicação Social, além de professores do Curso de Letras e do Curso de Artes Cênicas e outros desta Universidade. Temos participado de vários eventos artísticos e científicos nacionais, estaduais e regionais, através de apresentações de dança, oferta de oficinas, palestras e publicações de artigos em comunicações orais e pôsteres. Participamos ainda de entrevistas na mídia sobre os temas estudados e desenvolvidos. Também temos participado de grupos de discussões como, o Fórum Internacional de Dança (FID) em Belo Horizonte e o Ensinando Arte na UFMG. Promovemos projetos de dança em parceria com a graduação do Curso de Educação Física e do Curso de

Artes Cênicas da UFMG, mesas redondas com a participação de professores desta Universidade, como também professores convidados de outras instituições como, por exemplo, a Fundação Clóvis Salgado de Belo Horizonte. Em 2002, celebramos o XIV Festival de Dança e II Seminário de Dança Contemporânea, um evento de perspectivas nacionais, inclusive com a nossa primeira publicação em coletânea de artigos dos palestrantes convidados bem como dos temas livres apresentados no evento. Apresentamos e produzimos nosso primeiro projeto – Movimento que gera som, que gera movimento, que gera dança – concluído e publicado em VHS, com patrocínio da FUMP/ UFMG.. O Programa também tem apoiado projetos da EEFFTO como o da 3ª Idade e inúmeros eventos realizados pela UFMG como Semana de Recepção aos Calouros e UFMG-Jovem.

Conclusão
De acordo com Maurice Bejart, citado por Garaudy (1980:8.), a dança nasce de uma necessidade de dizer o indizível, de conhecer o desconhecido, de estar em relação com o outro. A representação do corpo dançante revela emoções, impressões e experiências vividas e acumuladas que precisam ser expressas e compartilhadas. Nesse sentido os sujeitos que dançam podem questionar os significados e as intenções dos seus movimentos. Com isso surge a satisfação da criação do gesto dançante como consenso de uma nova forma de percepção, sentimentos e vivência do próprio corpo, do corpo do outro e do mundo, ampliando e elaborando, também, o universo gestual. Nesse contexto, a dança pode ser uma fonte de vivência lúdica, de aprendizagem e também de transcendência sociocultural, considerando as características culturais e históricas particulares de cada grupo social, compreendendo esse fato como um fenômeno social. Partindo desse pressuposto, a nossa vivência com a dança experimental tem sido uma experimentação e criação de movimentos que surgem a partir do estímulo do expressar sentimentos, idéias e valores nas relações com o outro e consigo mesmo, tendo como princípio a pesquisa e a descoberta de movimentos corporais; a experiência; o aprendizado e a construção da dança no corpo, no espaço e no tempo. (Diniz et all, 2002.). Nesse sentido, a idéia não é simplesmente gerar prazer em sua prática e muito menos reproduzir coreografias, mas incentivar a criação de possibilidades corporais expressivas no sentido da apreensão de várias habilidades de execução de movimentos, de ritmos, de contato com formas e símbolos próprios, ampliando essas experiências para o novo e a dança própria. A dança pode representar um lugar e tempo da vivência do ser humano, possibilitando o diálogo e a expressão através do gesto. Segundo Garaudy (1980:13.), a dança foi em todos os tempos e para todos os povos "a expressão, através de movimentos do corpo organizados em seqüências significativas, de experiências que transcendem o poder das palavras e da mímica". Nessa perspectiva, o Programa de Dança Experimental visa a possibilitar uma prática que desvela o ser através da expressão do gesto corporal e também da superação de conceitos. Além disso, vislumbrar outras possibilidades de gestos em dança e sua influência no dia-a-dia de seus atores sociais. Se a dança experimental pode ser uma possibilidade de superação, esse é o nosso desafio: continuar experimentando; buscando compreender os limites e possibilidades da dança como uma forma de se descobrir e descobrir sua inserção e participação no mundo em seu tempo.

Parcerias
Pro-Reitoria de Extensão

Referências
ABBAGNANO, Nícola. Dicionário de filosofia. 2ªed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
BARBA, Eugenio & SAVARESE, Nicola. A arte s ecreta do ator. São Paulo: Hucitec UNICAMP,1995
BARTHES, Roland. Novos ensaios críticos de o grau zero da escritura. São Paulo: Cultrix, 1972.
____________. Elementos de semiologia. São Paulo: Cultrix, 1977.
BENJAMIM, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense,1985.
COHEN,Mashal; COPELAND, Roger. What is dance? readings in teory and criticism NewYork:Oxford University Press, 1983
DANTAS, Mônica Fagundes. Dança: forma, técnica e poesia do movimento- na perspectiva de construção de sentidos coreográficos. UFRS/EEF,1996. (tese de mestrado)

____________.Dança e linguagem: a construção de sentidos coreográficos. Revista Perfil .ESEF/UFRGS, ano 1, n° 1, 1997. P.52-66
DINIZ, Isabel Cristina Vieira Coimbra. Linguagem: corpo que fala, corpo que conta sua história. COLETÂNEA. IV Encontro Nacional de História do Esporte Lazer e Educação Física. Belo Horizonte: UFMG/EEF,1996 pag.671-677
___________. O corpo lúdico e a dança. Anais do 12º Encontro Nacional de Recreação e Lazer/ ENAREL. Camboriú: UFSC, 2000. pg. 162-169.
DUARTE, João Francisco. Porque arte- educação? Campinas: Papirus,1988
ECO, Humberto. Obra aberta. São Paulo: Perspectiva,1971
ECO, Humberto. Semiótica e filosofia da linguagem. São Paulo: Ática,1991.
FONTANELLA, Francisco Cock. O corpo no limiar da subjetividade. São Paulo: UNIMEP,1995.
FOX, E. & MATHEW,D. Bases fisiológicas da educação física e dos desportos. Rio de Janeiro:Guanabara,1986.
FUX, María. Dança, experiência de vida São Paulo: Summus. 1983.
GARAUDY, Roger. Dançar a vida . Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1980.
GUINSBURG, J; TEIXEIRA COELHO NETO, J; CHAVES CARDOSO, R. Semiologia do teatro. São Paulo: Perspectiva,1998 .
GREIMAS,A.J. Sobre o sentido: ensaios semióticos. Rio de Janeiro: Vozes,1975
HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes. 1995.
JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. São Paulo: Papirus,1994
LABAN, Rudolf. O domínio do movimento. São Paulo: Summus,1971.
LÜDKE, Menga e ANDRÉ , Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo:EPU,1986.
QUES, Isabel A. A dança no contexto: uma proposta para a educação contemporânea. São Paulo: Faculdade de Educação- USP,1996
MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: EDUSP,1974. pag.209-233
MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971
OLIVEIRA, Ana Cláudia. Fala gestual. São Paulo: Perspectiva,1992.
ORLANDI, Eni. Discurso e leitura. São Paulo: Cortez,1993.
OSTROWER, Fayga. Universos da arte. Rio da Janeiro : Campus,1987
________________.Acasos e criação artística. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
OSSONA, Paulina. A educação pela dança. São Paulo: Summus,1988.
PORTINARI, Maribel. História da dança. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1989.
RETORE, Paula. Anjo da dança. Belo Horizonte: Dimensão,1998.
SANTIN, Silvino. Visão lúdica do corpo. In: DANTAS, Estélio (org.) Pensando o corpo e o movimento. Rio de Janeiro: Shape,1994. p. 159-168.
TRIVIÑOS, Augusto Muniz de. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas,1992.
VALÉRY, Paul. A alma e a dança. Rio de Janeiro: Imago,1994.
DINIZ, Isabel Cristina Vieira Coimbra. Programa de dança moderna experimental. Anais do 3º Encontro de Extensão da Semana do Conhecimento. Belo Horizonte: UFMG, 2000. pg.
___________. Dança: uma possibilidade lúdica. In: Coletânea II Seminário o lazer em debate. Belo Horizonte: EEF/UFMG, 2001. P225- 230
___________. A dança na escola. In: GT Escola do Colégio Brasileiro das Ciências do Esporte. Belo Horizonte: EEF/UFMG, 2001.
___________. Lazer, educação e ludicidade: a dança no contexto. Anais: Encontro Nacional de Recreação e Lazer/ENAREl. Natal: CEFET/RN, 2001. p 170-176
___________ et all. Terceira idade, ludicidade e dança: algumas considerações. In: Anais do III Seminário “O lazer em debate”. Belo Horizonte: EEFFTO/UFMG, 2002. p.173-181

___________ et all. Dança experimental e terceira idade: aceitação e possibilidades de aprendizado para o lazer. In: Anais: Encontro Nacional de Recreação e Lazer/ ENAREL. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2002
___________. Dança e estilo de vida: o corpo lúdico no contexto. In: Anais: Encontro Nacional de Recreação e Lazer/ ENAREL. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2002
___________ (Org). Coletânea do XIV Festival de Dança e II Seminário de Dança Contemporânea da EEFFTO/ UFMG. Belo Horizonte: EEFFTO, 2002. ed. cd-room
___________. Algumas considerações sobre o sagrado e o profano na dança: o corpo lúdico como ponto de partida. In.: Anais IV Seminário lazer em debate. Belo Horizonte: EEFFTO-CELAR/UFMG, 2003. p315-324
Publicação em Vídeo
DINIZ, Isabel Cristina Vieira Coimbra (org). Movimento que gera som que gera movimento que gera dança... Belo Horizonte: PRODAEx/ EEFFTO/UFMG. 2002. VHS 60 min

NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE A UTILIZAÇÃO DAS MANIFESTAÇÕES DO FOLCLORE E DA CULTURA POPULAR BRASILEIRA

Gustavo Pereira Côrtes[1], Maria Aparecida Gerken[2], Alex Fernandes Magalhães, Ana Paula Silva, Christian Dennis Araújo Sousa, Gustavo Fraga Costa, Letícia Barbosa Silvério, Mariana Camilo de Oliveira, Marcos Antônio Almeida Campos, Rodrigo Gavioli, Sarah Nogueira Lage[3], Alexandre Liparini, Bruno Silva Nigri, Gustavo Marcolino Saporetti, Juliana Marquez, Luís Anselmo Magalhães, Nadja Kolb, Renan Cirino Mansur, Vagner Miranda, Estevão dos Reis[5]

Introdução:
O projeto de extensão Escola de Dança e Ritmo Sarandeiros atinge diretamente 250 pessoas nos cursos de dança popular brasileira e dança de salão, oferecidos no COLTEC e na EEFFTO, em dois níveis, iniciante e avançado, oferecendo, gratuitamente e com caráter social, o ensino e o reconhecimento das manifestações populares brasileiras através da dança e da música, o que proporciona aos discentes e demais interessados a oportunidade de uma prática sistemática dessa arte. Dessa forma, o projeto tem trabalhado com a diversidade de ritmos existentes no Brasil, incluindo as danças populares de salão, visando ao ensino e à produção de conhecimento nessa área. Tal trabalho acadêmico busca ainda polarizar o desenvolvimento de atividades existentes com o ensino e a pesquisa em dança dentro da UFMG, seguindo a tendência e a recomendação da PROEX em agrupar projetos afins em um só. A institucionalização deste projeto também está sendo efetivada, uma vez que participam deste trabalho professores de diferentes departamentos e unidades da UFMG, dentre as quais destacam-se a Escola de Educação Física e o COLTEC. Através do projeto Escola de Dança e Ritmo Sarandeiros, os monitores têm ainda a possibilidade de desenvolver pesquisas diversas, conforme sua área de interesse e formação profissional. Ressalta-se a participação de alunos de diversos cursos e unidades da UFMG, interessados também na pesquisa do folclore que acontece de forma interdisciplinar, uma vez que o objeto de estudo deste projeto perpassa por diversas ciências, como a Sociologia, a Psicologia, o Turismo, as Artes Cênicas, a Pedagogia e a Educação, entre outros. Mais que um projeto de extensão, a Escola de Dança e Ritmo Sarandeiros tem-se constituído como local de aprendizagem, de trocas e de construção de novos conhecimentos, o que demonstra o caráter interdisciplinar do projeto.

Objetivos
Difundir o folclore e a cultura popular brasileira; discutir o uso do folclore e da cultura popular na escola e a questão da inclusão da diversidade cultural brasileira no contexto educacional, como salientam os Parâmetros Curriculares Nacionais; analisar a importância da utilização do folclore e da cultura popular na educação como forma de valorização da identidade cultural brasileira; analisar os valores educativos das danças e festas folclóricas como propostas pedagógicas; instrumentalizar professores, através de conteúdos do folclore (dentre danças, cantigas, brincadeiras, lendas, etc.) como forma de auxiliar no processo de transmissão desses saberes na escola; e possibilitar à comunidade escolar o questionamento sobre cultura popular e identidade, através do reconhecimento de nossa diversidade, produzindo, assim, sujeitos participativos e engajados na busca da cidadania.

Metodologia
Pesquisas bibliográficas sobre o contexto educacional no Brasil e a inclusão da diversidade cultural brasileira no espaço escolar, assim como a importância do folclore e da cultura popular para a formação da identidade cultural do país; aulas, palestras e oficinas com alunos do COLTEC e EEFFTO, assim como com estudantes e profissionais em Educação de diversas localidades; apresentações artísticas do Grupo de Projeções Folclóricas Sarandeiros por várias cidades do Brasil e do mundo.

---

[1]Coordenador, [2]subcoordenadora, [3]bolsistas, [4]voluntários
Projeto de Extensão Escola de Dança e Ritmo Sarandeiros
Número de Registro SiexBrasil: 502
Área Temática: Cultura
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional e Colégio Técnico
Contatos: gustavo@sarandeiros.com.br e (31) 3498-4522

Resultados e Discussão

As atividades desenvolvidas no projeto de extensão Escola de Dança e Ritmo Sarandeiros possibilitaram os questionamentos de vários aspectos relevantes para a compreensão da importância do estudo e valorização do folclore e da cultura popular brasileira nas diversas áreas de interesse. Vários são os resultados e boa parte deles demonstra a necessidade de estabelecer, portanto, um trabalho contínuo, integrado e interdisciplinar, uma vez que novas questões emergem a partir das variadas atividades existentes no projeto. A seguir, faremos algumas considerações relevantes sobre o estudo do folclore e da cultura popular através da arte e da educação, assim como sua correlação com outras áreas de conhecimento. Tais considerações foram desenvolvidas através de estudos, pesquisas e atividades do projeto Escola de Dança e Ritmo Sarandeiros: – Novas perspectivas sobre o ensino do folclore e da cultura popular: a fundamentação teórica que serve de base à nossa pesquisa resulta do processo de geração, organização intelectual e social, e difusão do conhecimento mediante enfoque universalizado, que repousa aqui sobre a análise contextualizada do conhecimento, e essa análise emerge de nossa tradição disciplinar. Apoiamo-nos, portanto, em instrumentos que são, na melhor das hipóteses, intra e interdisciplinares, abarcando o que constitui o domínio das chamadas ciências da cognição, da epistemologia, da história, da sociologia, da transmissão do conhecimento e da educação. Metodologicamente, esse enfoque parte do reconhecimento de que o homem tem seu comportamento alimentado pela aquisição de conhecimento, através da construção e reconstrução de fazer(es) e saber(es) que lhes permite sobreviver e transcender. Ao se falar em educação, fala-se da intervenção da sociedade no processo de desenvolvimento do indivíduo durante sua existência. Esta intervenção deve necessariamente permitir que esse processo tenha desenvolvimento pleno, estimulando a criatividade individual e coletiva. Cada indivíduo deve receber da educação elementos e estímulos para levar ao máximo sua criatividade e ao mesmo tempo integrar-se numa ação comum, subordinada aos preceitos e normas criados e aprimorados ao longo da história do grupo cultural (família, comunidade, tribo, nação) ao qual ele pertence. Cabe à educação, pois, a conciliação entre esses dois aspectos: o individual e o social. Essa integração é por nós denominada cidadania e representa o reconhecimento de si, o respeito e a tolerância pelas particularidades e diferenças culturais, através da solidariedade e cooperação. Abrimos, assim, o espaço para a revisão do conhecimento e das propostas curriculares. Como é sabido, o currículo é uma estratégia para a ação educativa e como tal deve reconhecer que nas sociedades modernas as experiências e os interesses dos indivíduos são distintos e, portanto, heterogêneos, tendo alunos de interesses variados e detentores de uma enorme gama de conhecimentos prévios. Quando a escola se preocupa em desenvolver competências, os conteúdos deixam de ser um fim em si mesmos; o professor passa de transmissor do conhecimento a facilitador da aprendizagem. A avaliação, de classificatória e excludente, se transforma em instrumento para guiar intervenções pedagógicas; e o aluno, antes passivo, torna-se participante ativo na construção do próprio conhecimento. A boa proposta pedagógica requer um verdadeiro diagnóstico da realidade da escola — como são suas práticas, de que forma é organizada, quais são os recursos de que dispõe — e, igualmente importante, da comunidade. Para determinar as necessidades dos alunos, o primeiro passo é avaliar o que eles já sabem. Uma análise criteriosa dos resultados obtidos ao longo do ano. Nossa proposta se fundamenta, assim, na elaboração de novo conhecimento através de trocas, construção e reconstrução de outros conhecimentos, da socialização, da motivação resultado de condições emocionais e da interface passado/futuro, além do reconhecimento da identidade cultural de cada um, possibilitando, por fim, o exercício da cidadania, para conservação e aprimoramento da nacionalidade. A dança como expressão folclórica: meio de expressão natural e espontânea em que o corpo, integrando o ritmo e a música, ocupa a dimensão espaço-tempo. Na criança, a dança aparece muito cedo, logo que ela domina a marcha. Na dança livre, a mobilidade do corpo, os gestos, as posturas, as evoluções no espaço traduzem os pensamentos do indivíduo, sua afetividade, o conteúdo emocional de sua imaginação. É uma linguagem pela qual se comunicam idéias não expressas verbalmente. O homem da pré-história já dançava para celebrar certos ritos. O homem moderno dança nos momentos de lazer, pelo prazer de doar seu corpo ao mundo e o de sentir-se próximo de outrem. A dança, sobretudo quando codificada, é, com efeito, profundamente social: constitui meio de integrar-se a uma comunidade. A dança folclórica é um baile cerimonial ou recreativo, com passos simples e repetitivos executados por membros de uma comunidade com laços culturais em comum, resultantes de um longo convívio (transmitidos de geração a geração), e troca de experiências. Não requerem a presença de público; funciona como fator de integração celebrando eventos de relevo ou como simples manifestações de vitalidade e regozijo. Por participarem integralmente da vida comunitária, as danças folclóricas estão geralmente associadas a

ocasiões específicas e a determinados grupos de pessoas. Há danças para as mais diversas atividades e ocasiões: plantio, colheita, pastoreio, pesca, tecelagem, nascimento, matrimônio, guerra, funeral. Carências e necessidades podem motivar danças. Elas podem ser religiosas ou profanas, embora quase todas as danças ritualísticas possuam um elemento social. Danças que antigamente eram realizadas por motivos cerimoniais, hoje são dançadas com fins recreativos, de caráter profano.Muitas danças estão intimamente relacionadas com formas musicais, particularmente com o ritmo e com o tempo do compasso. Ainda que nem todas as danças folclóricas exijam acompanhamento musical, a música é quase sempre de extrema relevância. Um dos mais significativos aspectos da dança folclórica está em favorecer a aproximação entre homem e mulher, um resquício dos rituais de fertilidade que se poliu conforme a evolução dos costumes. A dança e o folclore como perspectivas pedagógicas e educacionais: não vai longe o tempo em que os problemas educacionais eram considerados quase que, exclusivamente, pelo lado intelectual. E isso, evidentemente, constituía uma falha. A educação compreende aprimoramento físico, intelectual e moral, a um só tempo. Além de conseguir-se pela dança o aperfeiçoamento das qualidades físicas e funções correlatas, obtém-se por ela o desenvolvimento de atributos sociais e morais. Desse modo, sua contribuição é precisa e por certos aspectos, insubstituível. Não será exagero dizer que a dança, entre as atividades físicas, é das que mais, acentuadamente, concorrem para o aperfeiçoamento integral do ser humano e vale, pois, ressaltar aspectos importantes no que se refere ao desenvolvimento de cada indivíduo: melhorar as funções circulatórias, respiratórias, digestivas, aperfeiçoar o sistema muscular e nervoso, proporcionar o crescimento normal e saúde; dentre as qualidades morais que a dança incentiva, encontramos o domínio de si mesmo, a iniciativa, a responsabilidade, o entusiasmo, a perseverança, o senso de ordem. O espírito de solidariedade e cooperação são exigidos, sobretudo na dança em conjunto, por ser um trabalho de equipe; contribui na formação do caráter, aspecto dos mais importantes da personalidade, as grandes funções mentais são exercitadas e desenvolvidas na dança: a atenção, a imaginação, a memória, o raciocínio; contorna atitudes indesejáveis, que podem desenvolver-se de modo menos sadio, tal seja o temperamento de cada indivíduo. A dança pode representar ainda um fator de comunhão cultural, transmitindo idéias e costumes de uma geração a outra, sobretudo nas folclóricas; as danças folclóricas podem constituir ótima fonte de aquisição de conhecimentos gerais, solicitados em diferentes cursos, já que se baseiam em artes várias e se ligam a conhecimentos científicos, solicitando noções de História, Geografia, Folclore, Matemática, Sociologia, Anatomia, etc. A dança desenvolve o gosto da medida e da perfeição. Tornando o indivíduo mais exigente, leva-o a executar trabalho ou atividade de forma mais perfeita, aproximando-o cada vez mais do gênero e do estilo considerado ideal. Dessa forma, a presença da dança nas Escolas, em todos os graus, inclusive nas Universidades, só poderá beneficiá-los, pondo em relevo o valor pessoal de cada indivíduo e revelando elites artísticas. A dança folclórica como expressão artística e cultural do povo brasileiro: o trabalho dos bolsistas do projeto Escola de Dança e Ritmo encontra-se intimamente ligado às produções artísticas do Grupo Sarandeiros. Todos os monitores envolvidos no projeto também fazem parte e atuam em diversas funções, como bailarinos, músicos, figurinistas e pesquisadores do Sarandeiros, o que faz com que a aquisição de conhecimentos se torne mais profunda e possibilite variadas formas de contribuição acadêmica e profissional. A produção de monografias, artigos e pesquisas desenvolvidas pelos bolsistas com temas relacionados à inserção acadêmica e artística da dança e do folclore foi uma constante do trabalho da Escola de Dança e Ritmo Sarandeiros este ano. A apresentação artística de espetáculos e shows do grupo assume, então, uma amplitude cultural de reconhecimento das manifestações culturais intrínsecas do povo brasileiro. Como principal trabalho neste ano, destaca-se a apresentação do Grupo Sarandeiros em 4 eventos internacionais, no Canadá, na Itália e na Espanha, festivais mundiais de dança e folclore, nos quais a Cia representava o Brasil. Nesses eventos, múltiplas trocas de conhecimentos se sucederam, que criaram condições para que visões estereotipadas e preconceituosas sobre a cultura dos países envolvidos fossem mudadas. Tal postura possibilita um reconhecimento maior do outro, em que a diferença se torna um constante aprendizado e é vista como fator de integração e não de rompimento. Sabemos que um dos maiores problemas das sociedades atualmente tem sido a intolerância entre os povos. Ao participar de trocas culturais em oficinas de danças, palestras e apresentações artísticas, os monitores conseguiram perceber a importância dos trabalhos que, como a Escola de Dança e Ritmo Sarandeiros, buscam valorizar as tradições e as manifestações folclóricas de cada povo. Estas atividades contribuíram efetivamente para mudanças de conceitos com relação à cultura brasileira, vista na maioria das vezes através do viés da pobreza, da marginalização e da caricatura do nosso povo. Ao buscar representar o país sob a ótica de suas variadas manifestações folclóricas através da dança e da música, os bolsistas ajudaram a

construir uma imagem cultural condizente com as nossas origens, e auxiliaram no processo de transformação de uma visão simplista sobre a cultura nacional, representada culturalmente pelo samba e pelo futebol e pela miséria econômica do brasileiro. Ao reconhecer as diferenças culturais existentes entre os países, promove-se uma interculturalidade que, segundo Candau (2002): "orienta processos que tem por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra toda a forma de desigualdade social. Tenta promover, desta forma, relações dialógicas e igualitárias entre pessoas que pertencem a universos culturais diferentes. Trata-se de um processo educacional histórico socialmente situado, permanente e sempre inacabado, que valoriza a comunicação e a interação recíproca entre diferentes grupos"(p.99). Este papel assume grande importância no embate entre culturas diferentes, pois demonstram o valor que a nação dá à preservação e às tradições existentes no seu povo, base para o reconhecimento da identidade cultural do indivíduo.

Produtos Gerados
Pôster apresentado: Cultura popular em busca da Cidadania – Autor: Alex Fernandes- Monitor Bolsista – Evento:12º Reunião Anual da ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social) – Porto Alegre – Out/2003. Espetáculo encenado: "Dança, Brasil" – Estréia fev/2003 – Evento: Campanha de Popularização do Teatro e da Dança de Minas Gerais. Apresentação do Grupo Sarandeiros e participação em oficinas e palestras nos Festivais Mundiais de Folclore – Julho e Agosto/2003 – Canadá, Espanha e Itália. Disciplinas originadas: I e II semestre de 2003: Folclore e Educação – Disciplina Optativa do curso de Educação Física (I Semestre de 2003); Danças Populares Brasileiras - Disciplina Optativa do curso de Artes Cênicas; Turismo e Folclore – Disciplina Optativa do curso de Turismo (I Semestre de 2004). Diversas apresentações e eventos na UFMG (em anexo). Perspectiva Futura: I Simpósio de Ciências e Folclore nas Universidades – Ago/2004

Conclusão
Pretendeu-se aqui desvelar a amplitude semântica que cada comunidade confere à valorização e conscientização da identidade cultural brasileira, a partir do estudo do folclore e suas diversas formas de manifestação e, sobretudo, a articulação entre a idéia de cidadania e suas reais condições de vida. Ao compreender os sentidos que as comunidades emprestam a estas representações, podemos interpretar estes discursos e entender as formas alternativas que estes grupos construíram, de modo a mostrar sua singularidade e dialogar com o discurso dominante. Interessa pois, à Universidade, agente credenciado para a formação de profissionais na área de Educação e Artes, a percepção destes sentidos e a instrumentalização destes profissionais, para uma atuação em favor destes discursos. Portanto, precisamos investir em um modelo universitário que possibilite uma Universidade autônoma, polemizadora e, sobretudo, suficientemente humilde para compreender a diversidade de saberes. Deve, pois, tornar-se "rebelde", com vistas à organização de um novo tempo, como afirma Buarque (1986: 7): "A universidade tem a missão de organizar a rebeldia intelectual como forma de revolucionar permanentemente o pensamento nas ciências, nas artes, nas tecnologias e nas reflexões filosóficas, fortalecendo as condições de formação dos cidadãos, para que estes possam usar essa rebeldia no processo de criação material e cultural da sociedade." A universidade não pode mais ter o papel de reprodutora do discurso hegemônico, não deve organizar a cultura para a comunidade, mas com a comunidade. O intelectual que pretendemos deve estar afinado com o perfil do intelectual orgânico, no sentido proposto por Gramsci (1986), um intelectual que no seu fazer cotidiano confira a educação uma dimensão que a torne um instrumento capaz de reforçar a noção de identidade e de exercício pleno e consciente da cidadania. Queremos, pois, um profissional que em seu labor cotidiano explore a polissemia dos elementos da cultura popular na expectativa de instrumentalizar as pessoas, tornando-as mais críticas, produtivas e eficientes na busca de novos caminhos de vida. Apoiados neste pensamento, acreditamos ser a Universidade o espaço privilegiado para construção da cidadania, tomando como ponto de partida a legitimação do saber expresso através da cultura popular em suas diversas manifestações. Neste sentido, compreendemos que o projeto se enquadra dentro dos pressupostos que defendemos como fundamentais para efetiva formação de um profissional efetivamente comprometido com o processo de construção da cidadania. No que se refere às escolas, aconselhamos, ainda, que o trabalho pedagógico em torno da cultura popular seja desenvolvido em um grande projeto, que busque a relação entre as disciplinas, e que esteja consolidado dentro do currículo formal da escola. Conhecer, respeitar e preservar o que temos de mais puro e representativo de nossa história é, pois, sem dúvida, poder participar e contribuir de forma efetiva para a

construção do mundo que queremos e que temos direito, garantindo assim o nosso espaço enquanto cidadãos cientes e conscientes de nossas origens. Povo desenvolvido busca e divulga sua cultura, como forma de identidade, nacionalidade e cidadania.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão

Referências
AYALA, M. Cultura Popular no Brasil. Rio de Janeiro: Ática, 1987.
BOSI, A. Cultura brasileira, culturas brasileiras. In: Dialética da colonização. São Paulo, Ed. Ática, 1992.
BRANDÃO, C. R. O que é folclore. São Paulo: Brasiliense, 1993.
BRANDÃO, H. H. N. Introdução à análise do discurso. Campinas: Unicamp, 1994.
BUARQUE, C. Uma Idéia de universidade. Brasília: UnB, 1986.
D'AMARAL, M. T. O homem sem Fundamento. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
CANDAU, V.M. et al. A educação multicultural: tendências e propostas. In: ___. (Org.) Sociedade, educação e cultura(s). Petrópolis: Vozes, 2002. p. 81 a 101.
FERREIRA, N. T. (Org.). Imaginário social e educação - Imaginário na configuração da realidade social em Imaginário social e educação. RJ: Gryphus, 1992.
FREIRE, P. Pedagogia da Esperança - um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 6ª ed. 1999.
GEERTZ, C. Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
GRAMSCI, A. Observações sobre o folclore - In: Literatura e Vida Nacional. 3ª ed. São Paulo: Editora civilização Brasileira,., 1986.
IANNI, O. Teorias da Globalização. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1999.
MATTOSO, J. A Identidade Nacional. Fundação Mário Soares. Lisboa, Portugal: Gradiva Publicação, Ida, 1998.
MELO NETO, J. F. de. Educação Popular - uma ontologia. In: Educação Popular - outras possibilidades. João Pessoa. EDU, 1999.
MORAES, W. R. de. Folclore básico. São Paulo: Esporte Educação, 1974.
MORAIS, R. de. Cultura Brasileira e Educação. Campinas, São Paulo, Papirus,1989.
NANNI, D. Dança Educação. Princípios, Métodos e Técnicas. 2.ª ed. Sprint: Rio de Janeiro, 1995.
NETO, P. C. Folclore e educação. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1961.
OLIVENSTEIN, C. O não-dito das emoções. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
POSTIC, M. O Imaginário na Relação Pedagógica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

A CAPACITAÇÃO DE ATORES SOCIAIS E POLÍTICOS COMO CONTRIBUIÇÃO À SUA INSERÇÃO NOS NOVOS PROCESSOS DA ASSISTÊNCIA SOCIAL

Leonardo Avritzer[1], Eleonora Schettini Martins Cunha[2], Laura Silva Jardim[3]

Introdução

O programa "Capacitação em Gestão Democrática e Participativa", desenvolvido pelo Núcleo de Apoio a Política de Assistência Social – NUPASS, tem como seu público alvo os gestores e conselheiros de políticas setoriais e de segmentos, bem como pessoas que atuam em organizações da sociedade civil. Dentre as políticas sociais com as quais o NUPASS trabalha, destaca-se a política de assistência social, reconhecida como tal a partir da Constituição de 1988. A assistência social é uma área que sempre foi deixada em segundo plano pelos governantes. As práticas utilizadas para sua execução, clientelistas e patrimonialistas, não favoreciam a área para se constituir como política pública e dificultava para a população a garantia de direitos à atenção de suas necessidades básicas de vida. Com o aspecto financeiro, principalmente relacionado ao financiamento das ações sócio-assistenciais, também havia diversos problemas. Pode-se dizer que eram até maiores, já que quando se trata de orçamento são poucas as pessoas que realmente sabem e estão dispostas a influenciar nesse processo. A grande maioria da população considera orçamento como sinônimo de uma caixa preta que só pode ser aberta por especialistas. Assim, temos que na área da assistência social havia uma indefinição das fontes de recursos, o que fazia com que não houvesse recursos disponíveis, por serem repassados a outros setores. Também não se contava com fundos públicos específicos, dificultando o seu acompanhamento e controle. Outro fator que dificultava o financiamento era a inexistência de critérios claros e transparentes para a distribuição de recursos entre os Estados e municípios e até mesmo entre os programas propostos para a área. A inserção da assistência social como direito do cidadão e dever do Estado na Constituição Federal e, posteriormente, sua regulamentação através da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) fez com que os Estados e municípios reorganizassem sua estrutura administrativa e seu sistema de atendimento. Isto trouxe novos problemas e necessidades para estes gestores, que procuraram apoio no Núcleo, especialmente para capacitá-los para exercerem novas atribuições e funções conferidas pelo marco legal. Dessas demandas resultaram diversos cursos realizados para atores sociais e políticos de assistência social.

Objetivos

O objetivo mais amplo do NUPASS é desenvolver ações integradoras entre a universidade, as administrações públicas e a sociedade civil, contribuindo não só para o fortalecimento dos programas e projetos da UFMG bem como das organizações da sociedade civil e da gestão das políticas sociais. As atividades de capacitação desenvolvidas pelo Núcleo objetivam apoiar o processo de formação dos atores sociais e políticos das políticas públicas, governamentais e da sociedade, visando ao fortalecimento dessas instâncias democráticas de participação e deliberação.

Metodologia

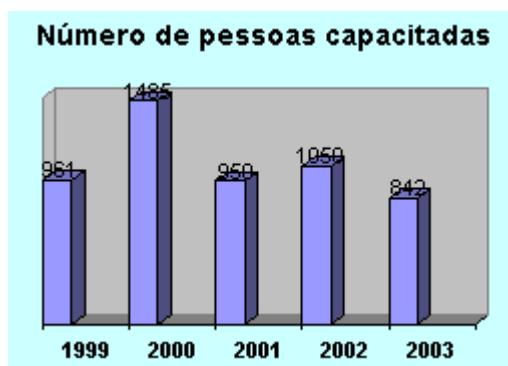
Para alcançar seus objetivos o Núcleo tem desenvolvido ações de capacitação de profissionais responsáveis pela gestão dos sistemas de assistência social, bem como de conselheiros da área e organizações da sociedade civil; prestação de serviços de assessoria e consultoria técnica para elaboração de avaliações diagnósticas e de planejamento social (formulação, gestão e avaliação de planos, programas e projetos); cooperação interinstitucional na área. De modo geral, as ações de capacitação demandadas ao Núcleo, com destaque para os cursos, são implementadas através de duas etapas: preparação e execução. Na etapa preparatória são acordadas, entre o NUPASS e os de-

[1]Coordenador, [2]técnico-administrativo, [3]estudante
Programa Capacitação em Gestão Democrática Participativa
Número de Registro SiexBrasil: 6141
Área Temática: Direitos Humanos
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e Pró-Reitoria de Extensão
Contatos: avritzer@fafich.ufmg.br e (31) 3499-5007

mandatários, as ações a serem executadas, bem como articulados os recursos institucionais e acionada a capacidade potencialmente instalada da Universidade Federal de Minas Gerais e instituições parceiras, considerando que existe uma diversidadade de recursos técnicos-profissionais e acadêmicos que poderão ser mobilizados para a execução das propostas. É formada uma equipe de trabalho, que terá como incumbência a organização da fase seguinte e a preparação do material pedagógico a ser utilizado no projeto. A execução dos cursos tem como princípio a formação dos participantes a partir da suas experiências cotidianas nas políticas sociais, inclusive trabalhando metodologia e conteúdo de forma que possam tornar-se agentes multiplicadores. O período de realização dos cursos e seus conteúdos variam conforme as necessidades apresentadas pelos demandantes, ou seja, a partir dos temas e de sua disponibilidade de tempo para participar. Os conteúdos mais trabalhados são: *Gestão social* - a gestão social no contexto das políticas sociais brasileiras; conteúdos básicos sobre gestão; funções da gestão; competências dos gestores e conselheiros; planejamento na área social. *Elaboração e implementação de políticas sociais* - conhecimentos acerca dos processos de elaboração e implementação de políticas sociais; intersetorialidade e articulação entre as políticas sociais (fatores econômicos, políticos, sociais, institucionais e gerenciais); atores relevantes. *Relação Estado e sociedade* - as relações entre o espaço público e o espaço privado; a parceria entre Estado e sociedade na prestação dos serviços sociais (saúde, educação, trabalho, assistência social, etc.); democratização das relações entre Estado e sociedade; controle democrático sobre as ações do Estado. *Descentralização e participação* - as relações entre os níveis de governo e os desafios da operacionalização do processo da descentralização; as responsabilidades e competências entre os entes federados; a institucionalização da participação via Conselhos; movimentos sociais e Estado; participação social e sua importância para o fortalecimento da cidadania e para a sustentabilidade dos programas e para o controle democrático do Estado. *Sistemas descentralizados de políticas sociais e seus instrumentos* - Conselhos e Fundos, marcos legais e processos de implementação; elaboração e avaliação de Planos de Ação. *Políticas dos segmentos* - Política da Criança e Adolescente, Política do Idoso, Política da Pessoa Portadora de Deficiência. *Gestão de redes* - Formação de rede: objetivos e características; a dinâmica das interações entre os atores de uma rede; formas de estruturação, interação e potencialização de uma rede. *Monitoramento e avaliação* - conteúdos básicos sobre monitoramento e avaliação; construção de instrumentos e de indicadores e fontes de verificação; aplicabilidade de instrumentos de monitoramento e avaliação de resultados e impactos das ações de políticas sociais. A qualificação proporcionada por essas atividades é essencial para implantar e implementar os sistemas descentralizados das políticas sociais e para alcançar os eixos estratégicos delineados para cada uma delas. Dentre os métodos adotados, as oficinas têm apresentado os melhores resultados, por mesclarem discussões teórico-conceituais e atividades práticas de aprofundamento dos temas, permitindo a relação entre o saber produzido pelos que participam da formulação e implementação de políticas públicas e o saber acadêmico, produzido na universidade. Nas oficinas realizadas, o tema financiamento demandou dos integrantes do Núcleo maior aprofundamento nas reflexões teóricas e conceituais, bem como na sua operacionalização, sendo que parte desta reflexão é apresentada na seção a seguir.

Resultados e Discussão

Dentre os temas trabalhados nas atividades de capacitação, o financiamento da política de assistência social tem sido o que desperta mais discussões e polêmicas dentre os participantes. Especialmente por estarem se apercebendo que o processo de implementação de uma política pública está diretamente relacionado ao seu financiamento. As inovações institucionais decorrentes da estruturação da política de assistência social, principalmente os Conselhos e os Fundos, trouxeram novas atribuições aos atores políticos e sociais da área. Além disso, a Constituição de 1988 traz como outra inovação o orçamento da seguridade social. É um orçamento próprio para as políticas da seguridade social, a saber: previdência, saúde e assistência social, sendo constituído por contribuições sociais e parte dos recursos arrecadados através de impostos. Seria um grande avanço para a área, mas na realidade não foi o que aconteceu. Tais recursos fiscais não foram repassados e os recursos de contribuições sociais foram utilizados para o financiamento de outras áreas diferentes das previstas pela Constituição, e que deveriam estar utilizando os recursos fiscais. A promulgação da LOAS é que realmente trouxe uma mudança na forma de gerir e financiar a Assistência Social. Tal lei introduz o sistema descentralizado e participativo, em busca de melhorar as relações entre as esferas de governo, bem como entre elas e a sociedade. Tem-se, então, a criação de Conselhos, do Fundo e do Plano de Assistência Social, nos três níveis de governos, como condição para o repasse de recursos financeiros

do governo federal para Estados e municípios. No que diz respeito ao financiamento, a grande inovação é a gestão dos recursos através do Fundo. Com esse instrumento, busca-se que o destino e a utilização dos recursos se dêem de forma transparente e democrática. O Fundo passa a ser um instrumento permanente, de gestão dos recursos de toda uma política, não só de programas ou ações pontuais. Tem-se que o Fundo de Assistência Social é constituído pelas seguintes receitas: Dotação orçamentária da União; Dotação orçamentária do tesouro e de outros níveis de governo; Doações, contribuições em dinheiro, valores, bens móveis e imóveis que venham a ser recebidos de organismos e entidades nacionais, internacionais ou estrangeiras, bem como de pessoas físicas e jurídicas, nacionais ou estrangeiras; Receitas de aplicações financeiras do fundo; Receitas provenientes de alienação de bens móveis da União, no âmbito da assistência social; Transferência de outros fundos. A gestão de tais recursos cabe ao órgão público responsável pela assistência social sob orientação e controle dos conselhos. Assim, as funções gerenciais, como autorização de despesas, empenho e pagamento, são exclusivas do gestor do fundo. Aos conselhos cabe a deliberação sobre o destino dos recursos e o acompanhamento e o controle dos fundos, devido ao seu caráter deliberativo. Assim, o conselho aprova os critérios de partilha de recursos, acompanha e avalia a gestão destes. Também é sua obrigação apreciar e deliberar sobre a proposta orçamentária da assistência social e seu plano de aplicação, sobre a prestação de contas e sobre programas anuais e plurianuais de aplicação de recursos. A instituição de tais instrumentos, Fundos e Conselhos, busca a autonomia, a transparência e a racionalidade na elaboração de políticas, na definição de prioridades, na implementação e na avaliação de ações e serviços. Através deles é possível assegurar e promover os direitos sociais conquistados. Há clareza no montante a ser destinado à assistência social e em que programas ele está sendo gasto. Ainda não é muito o valor destinado para essa área, em parte devido à falta de um percentual fixo para tal, mas o que de fato é dela será gasto com suas próprias ações e não mais em outras áreas. Diante desse novo quadro que está em andamento, o papel do Núcleo é auxiliar os atores sociais e políticos a se inserirem nesse processo de forma qualificada. Algumas ações nesse sentido já foram realizadas. O número de pessoas capacitadas pelo NUPASS ao longo dos últimos anos encontra-se no gráfico a seguir.

Produtos Gerados

Dentre os diversos produtos gerados, em 2003 destacam-se: Relatório da Pesquisa - Os Conselhos Municipais de Assistência Social em Minas Gerais. Edite da Penha Cunha, Eleonora S. M. Cunha, Laura Silva Jardim, Leonardo Avritzer, Milena Alves. Comunicação oral / Congresso Iberoamericano de Extensão Universitária - A extensão universitária e a gestão democrática participativa: capacitação dos conselhos de assistência social. Edison José Corrêa, Edite da Penha Cunha, Eleonora Schettini M. Cunha, Leonardo Avritzer.

Conclusão

Na busca de formas de governo mais democráticas e participativas e de inclusão de segmentos da sociedade, novos instrumentos são incorporados à política de assistência social, como os Conselhos e Fundos. Tais mecanismos possuem uma racionalidade própria, expressa nos seus formatos e mecanismos de funcionamento. Como ainda recentes, eles estão em processo de construção e de consolidação. Cabe ao Núcleo, juntamente com esses atores sociais e políticos, procurar alternativas para que todos possam-se estar utilizando desses meios adequadamente, tendo, assim, políticas que atendam realmente aos anseios da sociedade e que esta possa estar exercendo o controle social mais efetivamente. A assistência social, como uma política pública, tem feito muitos progressos na forma de gerir e fiscalizar suas ações. Os Conselhos, instituídos nas três esferas de governo, proporcionam aos cidadãos um

acompanhamento direto das ações dos governantes, devendo também participar desse processo, deliberando sobre as propostas apresentadas e construindo-as conjuntamente. Através dos fundos, temos um avanço na forma de financiamento dessa política e de fiscalização dos recursos destinados à área. A população sabe realmente onde os recursos estão sendo investidos, há uma transparência na implementação das ações, havendo um maior controle por parte dos cidadãos. Os direitos sociais estão sendo conquistados e o que é mais importante, os meios de se exigir esses direitos também estão sendo implementados legalmente. A capacitação proporcionada aos atores sociais também tem importância para a implementação do sistema descentralizado. Afinal, não basta apenas ao governo criar meios de participação, é preciso que a sociedade ocupe esses espaços criados e que isso se dê uma forma a trazer novos benefícios.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão, Associações Microrregionais dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, União dos Conselhos da Região de Timóteo, Fundação Acesita, Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa – FUNDEP, Prefeitura de Ipatinga, Prefeitura de São Paulo, Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Esporte e Conselho Estadual de Assistência Social.

Referências:

BRASIL. Ministério da Previdência e Assistência Social. Manual descentralizado e participativo da Assistência Social, 2000.
CUNHA, E.P, CUNHA, E.S.M e FILHO, J.M.S.V. O processo orçamentário e a gestão de fundos especiais. Belo Horizonte, 2000. (mimeo)
CUNHA, R.E. O financiamento de políticas sociais no Brasil. In: *Capacitação em Serviço Social e Política Social*, módulo 3. Brasília: UnB, CEAD, 2000.
FERREIRA, I.S.B. As políticas brasileiras de seguridade social: assistência social. In: *Capacitação em Serviço Social e Política Social*, módulo 3. Brasília: UnB, CEAD, 2000.

PROPOSTA PEDAGÓGICA VOLTADA PARA O FORTALECIMENTO ACADÊMICO DOS/AS ALUNOS/AS NEGROS/AS: AÇÕES AFIRMATIVAS NA UFMG

Nilma Lino Gomes[1], Adriana Pagano, Ana Maria Rabelo Gomes, Antônia Vitória Soares Aranha, Aracy Alves Martins, Célia Maria Magalhães, Elânia de Oliveira, Inês Assunção de Castro Teixeira, Juarez Tarcísio Dayrell, Luiz Alberto Oliveira Gonçalves, Maria Aparecida Moura, Maria Cristina Soares de Gouvêa[2], Rildo Cosson[3], Fernanda Silva de Oliveira, Gláucia Valverde Caetano, Natalino Neves da Silva, Shirley de Jesus Ferreira, Shirley Pereira Raimundo[4].

Introdução

O debate sobre as ações afirmativas, no Brasil, tomou dimensões globais, a partir da III Conferência Mundial contra o Racismo, ocorrida em Durban, África do Sul, em agosto e setembro de 2001. Nesta conferência, o governo brasileiro, pressionado pela ação política do Movimento Negro e de representantes de diversos países africanos, comprometeu-se internacionalmente com a luta contra a discriminação racial. Portanto, após a conferência em Durban, iniciou-se no Brasil uma série de ações, vindas do Estado e de grupos de profissionais que atuam nas universidades, para o desenvolvimento de políticas de ações afirmativas voltadas para a população negra brasileira. O direito à educação, tão caro aos movimentos sociais e na trajetória do povo negro no Brasil, se destaca como uma das principais reivindicações das ações afirmativas. A constatação de que apenas uma parcela de 2% dos negros chegam aos cursos superiores tem apontado para a necessidade de projetos diretamente voltados para esse nível de ensino, no sentido de reverter de maneira positiva não só a situação de entrada do/a jovem negro/a, mas, também, a sua permanência na universidade. A constatação dessa dinâmica de exclusões que opera mediante mecanismos de discriminação racial e a inspiração nas experiências existentes de correção das desigualdades via políticas públicas, como no caso dos Estados Unidos, têm levado o movimento negro e demais interessados na temática racial a pleitear uma postura semelhante no Estado brasileiro. Mas, nem sempre os movimentos sociais conseguem interferir nas políticas internas da universidade. Nesse sentido, faz-se necessária a existência de iniciativas pautadas no mesmo espírito, dentro da universidade, a fim de dar continuidade ao projeto iniciado pelos movimentos sociais. O posicionamento da universidade diante de tal iniciativa implica na co-responsabilidade do Estado, junto com a sociedade civil organizada, na adoção de práticas corretivas da desigualdade racial e social. Numa sociedade pautada no mito da democracia racial, as propostas de ações afirmativas atualmente existentes têm sofrido algumas distorções como, por exemplo, a interpretação de que estas ações se reduzem às cotas para negros na universidade. Essas distorções nos levam a esclarecer e localizar o que chamamos de ações afirmativas, o contexto em que surgiram e como elas podem servir de inspiração para a sociedade brasileira. Do ponto de vista jurídico, as políticas de ação afirmativa podem ser compreendidas como uma criação pioneira do Direito dos EUA, a qual representou, em essência, a mudança da postura do Estado, que, em nome de uma suposta neutralidade, aplicava suas políticas governamentais indistintamente, ignorando a importância de fatores como sexo, raça e cor. Como uma nova postura, o Estado passa a considerar esses fatores no momento de contratação de funcionários ou de regular a contratação por terceiros, ou, ainda, no momento de oferecer as oportunidades de acesso às instituições educacionais. Tal procedimento tende a corrigir discriminações que atingem grupos historicamente marginalizados e excluídos, bem como prevenir a ocorrência das mesmas na história das novas gerações. Segundo Joaquim B. Barbosa GOMES (2001), inicialmente as políticas de ações afirmativas nos EUA se definiam como um mero "encorajamento", por parte do Estado, para que pessoas com poder de decisão nas áreas pública e privada considerassem em suas decisões relativas a temas que se referem ao acesso à educação e ao mercado de trabalho, fatores como a raça, a cor, o sexo e a origem nacional das pessoas; fatores esses historicamente considerados irrelevantes para a grande maioria dos responsáveis pela formulação de políticas públicas e também para os representantes dos meios em-

---

[1]Coordenadora, [2]docentes, [3]outros docentes, [4]bolsistas
Projeto Ações Afirmativas na UFMG
Número de Registro SiexBrasil: 4257
Área Temática: Direitos Humanos
Faculdade de Educação, Centro Pedagógico, Faculdade de Letras, Escola de Ciência da Informação e Centro Cultural UFMG
Contatos: nilmagomes@uol.com.br e (31) 3223-8165

presariais. Tal encorajamento visava, na medida do possível, concretizar o ideal de que tanto as instituições escolares quanto as empresas refletissem em sua composição a representação de cada grupo na sociedade ou no respectivo mercado de trabalho. Ainda de acordo com o autor, posteriormente, por volta do final da década de 60 e início dos anos 70, talvez em decorrência da constatação da ineficácia dos procedimentos clássicos de combate à discriminação, iniciou-se um processo de alteração conceitual dessas políticas, as quais passaram a ser associadas à idéia, mais ousada, de igualdade de oportunidades por meio de cotas rígidas de acesso de representantes das minorias a determinados setores do mercado de trabalho e a escolas. Atualmente, as ações afirmativas podem ser definidas como"um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate à discriminação racial, de gênero e de origem nacional, bem como para corrigir os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por objetivo a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como educação e emprego. Diferentemente das políticas governamentais antidiscriminatórias baseadas em lei de conteúdo meramente proibitivo, que se singularizam por oferecerem às respectivas vítimas tão somente instrumentos jurídicos de caráter reparatório e de intervenção *ex post facto*, as ações afirmativas têm natureza multifacetária e visam evitar que a discriminação se verifique nas formas usualmente conhecidas – isto é, formalmente, por meio de normas de aplicação geral ou específica, ou através de mecanismos informais, difusos, estruturais, enraizados nas prática culturais e no imaginário coletivo" (GOMES 2001, p.40 e 41). Trata-se de pensar a raça e o gênero como critério de seleção positiva nos processos de decisão, de contratação e de promoção ou por meio do estabelecimento de cotas para a representação de minorias e de mulheres. Nesse sentido, ao pensarmos ações afirmativas na sociedade brasileira, enfatizamos que, no contexto do racismo brasileiro, não basta apenas implementar leis anti-racistas que proíbem as práticas de discriminação racial mediante instrumentos legais. Não se pode negar a importância da lei e de sua aplicação. Até porque é a existência dessas leis que asseguram a elaboração e implantação de políticas afirmativas que visam à promoção dos sujeitos atingidos historicamente pela exclusão e discriminação, tendo o princípio do respeito à diversidade um eixo norteador das práticas sociais e educacionais. Dessa maneira, poderemos ensejar uma transformação paulatina nos comportamentos e na mentalidade da sociedade, sobretudo das novas gerações, no sentido de se refletir sobre os empecilhos colocados pelas ações discriminatórias em relação às trajetórias dos sujeitos pertencentes a grupos étnico/raciais excluídos, e de se reconhecer o direito desses sujeitos a uma vida digna na sociedade, o que inclui o acesso a educação e a permanência bem sucedida nas instituições de ensino e ainda a representatividade nos cargos de direção e poder e em todos os setores do mercado de trabalho. As ações afirmativas poderão ajudar na concretização do ideal de igualdade de oportunidades, induzindo transformações de ordem cultural, pedagógica, psicológica e política, rompendo com a idéia introjetada em nossa sociedade da existência de superioridade racial e de gênero. Apesar de o Brasil ser o maior país em população negra fora da África, ainda podemos sentir as conseqüências dos séculos de escravidão. A difícil situação econômica, social, política e educacional dos negros e mestiços, descendentes de africanos, tem sido denunciada pelo movimento negro, por intelectuais, políticos, organizações da sociedade civil e de profissionais comprometidos com a construção de uma sociedade democrática e igualitária. Portanto, é nesse contexto que se localiza o projeto de extensão Ações Afirmativas na UFMG. Trata-se de um dos 27 aprovados no Concurso Nacional Cor no Ensino Superior, promovido pelo Programa Políticas da Cor, do Laboratório de Políticas Públicas da UERJ, com apoio da Fundação Ford no ano de 2001.

Objetivos

Dados os efeitos antidemocráticos dos processos de seleção e exclusão social impostos aos afro-brasileiros, este projeto tem como objetivos: a construção de estratégias de intervenção com vistas a reduzir os ditos efeitos e a promover a permanência bem sucedida de estudantes negros/as e pobres nos diversos cursos de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais; a entrada na pós-graduação e a ampliação da compreensão da questão racial na sociedade brasileira, a partir de uma proposta pedagógica voltada para valorização da cultura negra.

Metodologia

O projeto se estrutura a partir das seguintes linhas de ação: a primeira envolve atividades para apoiar os estudantes beneficiários do projeto do ponto de vista acadêmico. A segunda volta-se para o desenvolvimento de sua identidade étnico/racial, a partir de debates, no interior da Universidade, acerca da questão racial na sociedade brasileira.

Os alunos e as alunas integrantes do Projeto são selecionados por meio de uma entrevista, realizada pela coordenação, junto com dois professores/as da equipe, baseada nos seguintes critérios: ser negro/a e se identificar como tal mediante ficha de inscrição e entrevista; estar regularmente matriculado na Universidade tanto no curso diurno quanto noturno; apresentar condições para se envolver nas ações previstas pelo projeto.

Resultados e Discussão
As atividades do Projeto começaram em agosto de 2002 com o Seminário Nacional “Ações Afirmativas na UFMG: Acesso e permanência da população negra no ensino superior”, realizado na FAE/UFMG. Logo após, foram abertas três turmas do curso de “Leitura e produção de Textos Acadêmicos”, seguidas de duas turmas do curso de Informática em parceria com a Faculdade de Letras da UFMG. Além disso, está em andamento desde o mês de junho de 2003, duas turmas do curso de Elaboração de Projetos de Pesquisa. Nos meses de fevereiro e março[1] de 2003, o projeto realizou uma oficina intitulada “Identidades Negras”. Por meio de dinâmicas e discussões, os alunos e as alunas tiveram a oportunidade de falar sobre o que significa “ser negro dentro da universidade brasileira”. Foi um espaço de troca de experiências, de descoberta de si mesmo e do outro e também de constatação da desigualdade racial que afeta a trajetória de vida e acadêmica do negro no Brasil. No mês de Abril de 2003, o projeto iniciou o trabalho de ciclo de debates com a temática “Polêmica da raça: o olhar da sociologia e da biologia” com a presença dos professores Valter Roberto Silvério da UFSCAR e Sérgio Danilo Pena do ICB/UFMG. Esse debate tenso e polêmico mobilizou a comunidade acadêmica da UFMG, o movimento negro e a comunidade em geral. Pela primeira vez, na história da UFMG, um debate desse porte foi realizado. A partir dos relatos dos alunos, podemos concluir que a discussão advinda dessa temática contribuiu não só para a formação acadêmica dos mesmos como, também, para o fortalecimento da sua identidade negra enquanto uma construção política. Além da realização das ditas atividades, o Projeto Ações Afirmativas na UFMG realiza um trabalho voltado para professoras da rede pública do ensino, atuando em mais um campo da extensão universitária. Trata-se do projeto de extensão Identidades e Corporeidades Negras – Oficinas Culturais, que consiste no envolvimento de professores da Faculdade de Educação e da Faculdade de Letras da UFMG em uma atuação inter-unidades e interdepartamental. Trabalha-se com um público de vinte e cinco educadoras e educadores, na sua maioria negros, das Redes Estadual e Municipal de Ensino de Belo Horizonte, com oficinas que envolvem o aprofundamento sobre a questão racial por meio de diferentes gêneros do discurso, destacando as questões que envolvem a história e a trajetória de vida desses sujeitos. Para a realização dos mesmos, o Projeto incorpora dois bolsistas negros. Esse espaço tem proporcionado a esses alunos o contato com uma dimensão política e pedagógica da questão racial que, lamentavelmente, não está contemplada nos currículos da universidade.

Produtos Gerados
O Projeto Ações Afirmativas na UFMG realizou o Seminário Nacional Ações Afirmativas na UFMG; Ciclo de debates “Polêmica da Raça: o olhar da sociologia e da biologia”; Primeiro encontro dos alunos do Projeto; três turmas do curso de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos, duas turmas do curso de Informática; uma oficina sobre Identidades Negras; duas turmas do curso de Elaboração de Projetos de Pesquisa e o Projeto de Extensão “Identidades e Corporiedades Negras – Oficinas Culturais”. O Projeto firmou uma parceria com a Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP) no mês junho de 2003. Trata-se da concessão de três bolsas sócio-educacionais para alunos/as beneficiários/as pelo projeto. Estes/as alunos/as trabalham nas atividades do Ações Afirmativas e também desenvolvem atividades junto aos outros bolsistas da FUMP, de qualquer pertencimento étnico/racial, discutindo a questão do racial. Quanto às atividades desenvolvidas pelos bolsistas voltadas especificamente para o Projeto Ações Afirmativas, citamos: elaboração de Home Page, elaboração de folder, organização de publicação, indicação de bibliografia, apoio à coordenação e aos professores que ministram os cursos, entre outras. A inclusão de alunos negros como bolsistas nas diferentes ações do Projeto faz parte do objetivo de enriquecimento acadêmico e do fortalecimento da auto-estima dos mesmos por meio da realização de trabalhos acadêmicos e de projetos de intervenção. Uma das preocupações do Projeto é não criar uma “elite intelectual negra” desconectada do compromisso político com a comunidade negra e nem das suas origens étnico/raciais. Nesse sentido, o contato com a militância política, com a rede pública de ensino e com outros alunos de baixo nível sócio-econômico, divulgando e socializando as ações afirmativas, são intenções presentes nas mais

variadas propostas de formação desenvolvidas pelo Ações Afirmativas. Enquanto proposta de ação afirmativa voltada para a permanência bem sucedida de alunos negros no ensino superior, o projeto pretende também difundir o tema "políticas de ações afirmativas" nos diferentes departamentos e cursos da UFMG através de seminários, palestras e debates.O projeto já publicou artigos em alguns jornais como: Projeto propõe ações afirmativas na UFMG: pesquisadores buscam financiamento da Fundação Ford para implantar iniciativas de apoio acadêmico a alunos negros. Boletim UFMG, Belo Horizonte, n.1.339, nov. 2002, p. 6. Seminário discute ações afirmativas: professores preparam projeto para garantir permanência de alunos negros na UFMG. Boletim UFMG, Belo Horizonte, n.1.364, 29.08.2002, p. 5. Seminário discute conceito de raça. jornal O Tempo, quarta-feira, 04.06.2003. Magazine Blequitude, p. 3. Dois olhares sobre raça: Seminário na FAE confronta pontos de vista biológico e sociológico. Boletim UFMG, 12.06.03, n. 1.400, p. 5. Ações Afirmativas busca inserção bem-sucedida de aluno negro dentro da UFMG. Circuito FUMP, jun. 2003, n. 16, p. 4. Ensino ruim barra aluno. jornal Estado de Minas, 26.06.2003. Educação, p. 23.

Conclusão

Apesar de o Brasil ser o maior país em população negra fora da África, ainda podemos sentir as conseqüências dos séculos de escravidão. A difícil situação econômica, social, política e educacional dos negros e mestiços, descendentes de africanos, tem sido denunciada pelo movimento negro, por intelectuais, políticos, organizações da sociedade civil e de profissionais comprometidos com a construção de uma sociedade democrática e igualitária. Imbuídos desse mesmo comprometimento a equipe de professores/as e alunos do projeto Ações Afirmativas acredita que o mesmo pode vir a construir uma nova postura da universidade diante da desigualdade racial imputada aos alunos e alunas negros; postura que expressa o abandono da tradicional posição de neutralidade e de mera espectadora por parte da universidade brasileira, diante dos conflitos raciais, atuando de maneira ativa na busca da concretização da igualdade social e racial. Sabe-se que tal iniciativa não está isenta de desconfiança e de discordâncias. Contudo, não há como dissipá-las, senão colocando em prática experiências e projetos de ações afirmativas, passíveis de acompanhamento, avaliação e pesquisa, além da divulgação dos resultados para a comunidade universitária e para a sociedade. Acredita-se que a proposta aqui apresentada de criação de um percurso acadêmico, com condições positivas para alunos e alunas negras da graduação, poderá se configurar em um passo importante no processo de reversão de desigualdades raciais no ensino superior. Ela poderá cobrir uma lacuna existente na UFMG, a saber, a inexistência do debate e de ações em prol da correção de desigualdades raciais comprovada pelas pesquisas educacionais e pelos últimos dados do IPEA.

Parcerias

Fundação Universitária Mendes Pimentel e Secretaria de Educação/Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Referências

BARCELOS, Luiz Cláudio. Educação, um quadro de desigualdades raciais. Cadernos Cândido Mendes/Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, n.23, p.37-70, dez.1992.
BARCELOS, Luiz Cláudio. Educação e desigualdades raciais no Brasil, Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.86, p.15-24, ago.1993.
GOMES, Joaquim B. Barbosa. Ação afirmativa & princípio constitucional da igualdade. Rio de Janeiro/São Paulo: Renovar, 2001.
GOMES, Nilma Lino. A experiência de dois projetos voltados para a juventude negra. Brasília:INEP (no prelo).
GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz. Movimento negro e educação. In: Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, set/out/nov/dez/, n.15, p. 134-158, 2000.
HASENBALG, Carlos A. Raça e oportunidades educacionais no Brasil. In: SILVA, Nelson do Valle e HASENBALG, Carlos. Relações raciais no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., IUPERJ,1992.
HENRIQUES, Ricardo. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.
MOEHLECKE, Sabrina. Ação Afirmativa: História e Debates no Brasil. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 117, p. 197-217, nov. 2002.

Projeto Ações Afirmativas na UFMG. Belo Horizonte: 2002 (mimeogr.)
SILVÉRIO, Valter Roberto. Ação afirmativa e o combate do racismo institucional no Brasil. In: Cadernos de Pesquisa, n.117, nov.2002, p.219-246.

Nota
[1]A UFMG está funcionando com um calendário atípico devido a greve dos professores e funcionários em 2001. Assim, o 1.º semestre de 2003 corresponde aos meses de abril a agosto de 2003 e o 2.º semestre engloba o período de setembro de 2003 a fevereiro de 2004.

PROGRAMA PÓLOS REPRODUTORES DE CIDADANIA

Menelick de Carvalho Netto, Miracy Barbosa de Sousa Gustin, Márcio Túlio Viana, Fernando Antonio de Melo e Virgilio Antonio da Cunha Mattos[1]

Introdução

O Pólos Reprodutores de Cidadania é um programa de pesquisa-ação da Faculdade de Direito que há oito anos desenvolve trabalhos nas áreas de direitos fundamentais e de cidadania junto às populações organizadas de setores urbanos de Belo Horizonte marcados por forte exclusão social e condições de risco. Esse Programa é atualmente constituído por oito projetos: "Vilas e Favelas e Organização Popular - Núcleo de Mediação e Cidadania do Aglomerado Santa Lúcia; Núcleo de Mediação e Cidadania do Aglomerado Serra; e Núcleo de Mediação e Cidadania do Conjunto Felicidade"; "Saúde Mental e Cidadania"; "A Responsabilidade Social da Administração Pública na Efetividade dos Direitos Humanos"; "Vertente Teatral: Troupe A Torto e a Direito"; e "Incubadora de Cooperativas Populares". Outros dois projetos novos, "Capital Social e Minimização da Violência em Áreas de Exclusão Social" e "Constituição de Capital Social para a Sustentabilidade da Regularização Fundiária Urbana", estão em fase de implementação. O projeto "População de Rua e Constituição da Identidade Coletiva" foi redinamizado e sua equipe interdisciplinar já desenvolve atividades junto às populações dos viadutos da Via Expressa e prédios ocupados no bairro Santa Tereza. O Programa "Pólos Reprodutores de Cidadania" tem como objetivo uma atuação que ultrapassa o âmbito exclusivo das ações de extensão, conjunturalmente emergenciais, abrangendo ações resultantes de diagnósticos fundados em pesquisas identificadoras do conteúdo das práticas sociais dos agentes, grupos ou entidades comunitárias, em municípios do Estado de Minas Gerais, além da Capital. Da importância dos movimentos sociais e da participação popular para a implementação do regime democrático no Brasil advém a dupla linha de ação que justifica o Programa: possibilitar um processo de apropriação e produção de conhecimentos sobre as práticas jurídico-sociais necessários ao exercício da cidadania por parte dos movimentos e grupos sociais e estimular o estudante a refletir e redefinir seu papel na efetividade dos direitos fundamentais no país. O Programa "Pólos Reprodutores de Cidadania" tem como perspectiva a garantia dos direitos fundamentais e humanos. Entende-se que a ocorrência dessa efetividade dar-se-á a partir da internalização de padrões de conduta e de expectativas de comportamento que sejam compatíveis com a exigência cotidiana de implementação do regime democrático que, por sua vez, exige não só processos e procedimentos decisórios que fomentem e fortaleçam uma participação cidadã, com vistas a um crescente processo de inclusão e a iguladade formal e material. As atividades do Programa Pólos voltam-se para uma contribuição efetiva no sentido da construção de uma cidadania ativa capaz de zelar por seus direitos e, portanto, pela eficácia do ordenamento jurídico,e, assim, justificam-se e trabalham no sentido da não aceitação de condutas assistencialistas ou de mero ativismo. O Programa caracteriza-se pela promoção de uma autoreflexão mais profunda por parte das comunidades sobre seu próprio processo político-cidadão, quer por parte dos agentes, quer por parte dos destinatários de tais atividades, com fins a uma revisão das práticas sociais e à construção de um processo emancipatório dos sujeitos. O propósito tem sido de atuação permanente junto às populações periféricas testando a eficácia de metodologias de abordagens e de enfrentamento do problema de consolidação dos valores democráticas no país, especialmente, em Belo Horizonte e em treze municípios do Médio Vale do Jequitinhonha.

---

[1]Coordenadores
Projetos Vilas e Favelas e Organização Popular – Núcleo de Mediação e Cidadania do Aglomerado Serra, Núcleo de Mediação e Cidadania do Aglomerado Santa Lúcia, Núcleo de Mediação e Cidadania do Conjunto Jardim Felicidade; A Responsabilidade Social da Administração Pública na Efetividade dos Direitos Humanos - Médio Vale do Jequitinhonha; Iincubadora de Cooperativas Populares; Saúde mental e Cidadania
Número de Registro SiexBrasil: 3360
Área Temática: Direitos Humanos
Faculdade de Direito, Teatro Universitário e Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Objetivos
Estimular a reconstrução da relação de tensão existente entre a normatividade jurídico-formal e a realidade dos processos políticos, sociais e comunitários, no sentido da problematização de conteúdos normativos já inscritos nas práticas comunitárias e contribuir para a formação de profissionais, lideranças e agentes comunitários no sentido de atuarem como pólos reprodutores de cidadania.

Metodologia
O Programa utiliza-se da metodologia da pesquisa ação, que se fundamenta no inter-relacionamento permanente das atividades de atuação concreta com as de pesquisa e no entrecruzamento e retroalimentação de seus respectivos resultados. Essa metodologia não se sustenta sem o envolvimento ativo da comunidade que atua em efetiva parceria com as equipes interdisciplinares. Busca-se, já na própria metodologia, construir pólos reprodutores de cidadania no interior das associações, dos grupos organizados e das instituições públicas, bem como transformar essas entidades em centros de expansão e consolidação da noção dos Direitos Fundamentais e Humanos, com a tarefa de viabilizar canais de comunicação das comunidades com a esfera pública e vários setores da sociedade. O Pólos estrutura-se a partir das teorias de Boaventura de Sousa Santos, Jürgen Habermas e Michel Foucault na fundamentação dos conceitos de cidadania, democracia, subjetividade, emancipação e de redes de organizações sociais.

Resultados e Discussão
Indicam-se, nos próximos itens, de forma mais detalhada, os contornos, diretrizes e atividades dos Projetos e Núcleos do Programa “Pólos Reprodutores de Cidadania”: a– Projeto Vilas e Favelas e Organização Popular: atua em três frentes, a partir dos Núcleos de Mediação e Cidadania. A primeira frente, no Aglomerado Santa Lúcia, área de favelamento em Belo Horizonte, constituído por três vilas com um total de 25 a 30 mil moradores em situação de exclusão social e de degradação sócio-ambiental; a segunda, desenvolve atividades no Conjunto Jardim Felicidade, e a terceira, no Aglomerado da Serra, com população estimada em 50 mil habitantes. No Conjunto Felicidade funciona desde dezembro de 2001, o Núcleo de Mediação e Cidadania, inicialmente em parceria com a Coordenadoria Municipal de Direitos Humanos. Nos Aglomerados da Serra e Santa Lúcia, os núcleos foram inaugurados em dezembro de 2002, embora já houvesse atuação do Aglomerado Santa Lúcia, através do grupo de expansão, desde 1998. O Projeto tem dois tipos prioritários de ação: o primeiro, interno aos Núcleos de atendimento de casos que envolvam violações ou ameaças de violações aos direitos fundamentais, humanos e ambientais. A segunda, através de “Grupo de Expansão”, procura estabelecer uma relação dinâmica e permanente com as organizações comunitárias das áreas de atuação dos núcleos levando para a população em geral o conhecimento de seus direitos e dando apoio à organização da comunidade em torno de temas, tais como: moradia, violência doméstica e urbana, degradação de mananciais, discriminação racial e de gênero, violência contra crianças, adolescentes e idosos. Um dos meios de maior importância para divulgação desses direitos é a realização de programas aos sábados, na Rádio União FM, do Aglomerado Santa Lúcia, e na Rádio Felicidade FM, no Conjunto Felicidade, com públicos estimados em torno de sessenta mil pessoas. A finalidade da estruturação de um serviço jurídico regionalizado é o atendimento a uma demanda por novos modelos de aplicação da justiça, através da composição extrajudicial de conflitos sociais envolvendo direitos fundamentais e, quando necessário, através do recurso ao judiciário. Do ponto de vista operacional, os Núcleos de Mediação e Cidadania pretendem identificar situações de violações de direitos humanos e de cidadania, compreender tais situações como problemáticas jurídicas e sociais e promover a prevenção de lesões a direitos, buscando a restauração dos mesmos quando necessário. b - Projeto Incubadora de Cooperativas Populares desenvolve-se em parceria com grupos que pretendam se organizar cooperativamente, tendo como cooperados apenas aqueles seguimentos sociais estritamente populares. Acredita-se que a organização em cooperativas é uma alternativa ao desemprego e uma concreta possibilidade de geração de renda, consolidando os princípios cooperativos de emancipação do indivíduo. c - Projeto “Saúde Mental e Cidadania”: com ação em parceria com o “Fórum de Saúde Mental”, tem-se participado ativamente das ações do Movimento de Luta Antimanicomial. Realiza-se uma pesquisa censitária dos indivíduos em cumprimento de medida de Segurança nas comarcas do Estado de Minas Gerais e em Belo Horizonte para análise dos casos, verificação da pertinência da medida e a situação de cumprimento dessas. Tem-se executado trabalhos junto aos

CERSAM´s para acompanhamento de violações de direitos e de resgate da dignidade familiar e do próprio portador de sofrimento mental. O projeto realiza discussões sobre propostas de políticas sociais mais adequadas à realidade do portador de sofrimento mental em conformidade com as diretrizes de desospitalização e alternativas não manicomiais. d - Projeto “A Responsabilidade Social da Administração Pública na efetividade dos Direitos Humanos”: consiste fundamentalmente em dar efetividade às diretrizes e princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente, enfocando a questão a partir da violência intrafamiliar. A atuação desenvolve-se em 13 municípios do Médio Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. e - Núcleo Teatral “Trupe A Torto e a Direito”: atua através da criação de dramaturgia específica de teatro de rua sobre os temas-problemas detectados a partir da atuação dos Projetos do Programa Pólos junto às comunidades parceiras (peças e esquetes já encenadas: “Proteção Escancarada”; “Frango com quiabo e angu de caroço”; “Ele é ruim, ‘mais’ é bom”; “A catação da Liberdade”; “Em terra de urubu quem cuida do lixo é rei!”). Além disso, realiza oficinas de formação de atores para teatro de rua junto aos alunos da FD/UFMG, e parceiros das comunidades periféricas. Participou, em 2002, a convite, na capacitação de delegados para o Orçamento Participativo da Prefeitura de São Paulo. Os textos criados em equipe são permanentemente revistos, para adequação e incorporação de sugestões e críticas do público-alvo. A partir das apresentações, é feita com a comunidade uma discussão ampliada dos temas propostos.

Produtos Gerados
A. NMC/ CRC do Aglomerado da Serra - Foram visitadas organizações de seis vilas do Aglomerado: Marçola, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Conceição, Novo São Lucas, Santana do Cafezal e Nossa Senhora de Fátima. Nessas visitas os pesquisadores-extensionistas, em equipes interdisciplinares, apresentaram as atividades do projeto (em especial do Núcleo de Mediação e Cidadania), entregaram folders e volantes para que as lideranças pudessem disseminar as informações sobre as atividades do NMC/ CRC junto à população. Resultados da pesquisa exploratória: a) Atualização e complementação da relação de entidades associativas, organizações não governamentais, movimentos culturais e outras entidades com o objetivo de estabelecer parcerias para ação conjunta no campo dos direitos humanos, fundamentais e preservação da cidadania em seu sentido amplo de acesso às políticas de prestação de serviços públicos e às condições de dignidade humana; b) Identificação de lideranças formais e informais e levantamento de percepção sobre legitimidade/ ilegitimidade das entidades comunitárias com o objetivo de fortalecer a organização comunitária, ampliando, assim, os níveis de cidadania e de capital social; c) Observação de vivências e levantamento de expectativas, queixas e demandas com o sentido de entender quais áreas dos direitos e da cidadania devem ser priorizados em cada comunidade de ação do NMC/ CRC; d) Relatório final da fase exploratória com considerações teórico-práticas sobre as áreas que serão atendidas pelos NMC’s/ CRC. A. NMC/ CRC do Aglomerado Santa Lúcia Foram visitadas entidades comunitárias de 5 (cinco) vilas: São Bento, Estrela, Esperança, Santa Rita e Barragem Santa Lúcia. As atividades foram semelhantes àquelas desenvolvidas no Aglomerado da Serra e, em termos genéricos, também os resultados. As especificidades dos resultados estão relatadas nos relatórios, em anexo. B. NMC/ CRC do Conjunto Felicidade O Conjunto Jardim Felicidade é um único bairro, sem divisões. É, contudo, um bairro de grande exclusão social e com grandes problemas ambientais. Por essa razão, ali se atua também com o NEDA (Núcleo de Estudos de Direito Ambiental) e com o Projeto “Manuelzão” da Faculdade de Medicina e PROEX, que trabalha na preservação da Bacia do Rio das Velhas. Os resultados são similares àqueles apresentados para o Aglomerado da Serra e suas especificidades constam também do relatório em anexo. 5.1 -. Resultados do Atendimento nos Núcleos de Mediação e Cidadania – CRC A. Núcleo do Aglomerado Santa Lúcia - Número de casos atendidos (novos, retornos e orientações) em janeiro/ fevereiro/ março/ abril: Total de casos: 540 casos. Dias de atendimento: 54 (3 dias/semana). Média de atendimento/ dia: 10,0. B. Núcleo do Aglomerado da Serra. Número de casos atendidos (novos, retornos e orientações) em janeiro/ fevereiro/ março/ abril: Total de casos: 550 casos. Dias de atendimento: 54 (3 dias/ semana). Média de atendimento/ dia: 10,2. C. Núcleo do Conjunto Jardim Felicidade - Número de casos atendidos (novos, retornos e orientações) em janeiro/ fevereiro/ março/ abril: Total de casos: 1160 casos Dias de atendimento: 54 (3 dias/ semana) Média de atendimento/ dia: 21,5 OBS:A média mais alta no Conjunto Jardim Felicidade decorre do fato de que este Núcleo funciona há mais tempo e obteve alta legitimidade junto à população. Este fato pode ser considerado positivo no sentido de que a suposição é de aumento significativo do atendimento nos demais núcleos, como se tem notado pelos quantitativos mensais. Classificação dos casos atendidos (jurídico-

sociais e psico-jurídicos): Pensão alimentícia, Violência doméstica/conflitos familiares, Direitos previdenciários (aposentadoria/ pensão), Relações de trabalho/ desemprego, Separação, divórcio, Questões de regularização fundiária e de moradia, Relações de consumo, Violação dos Direitos Humanos, Tóxico-dependência e seus efeitos, Questões psiquiátricas e efeitos na família/ comunidade, Questões de associativismo e de cooperativismo, Questões com a Administração Pública. Ressalte-se que a PMMG, em conversas com a equipe do Núcleo Santa Lúcia, afirmou ter diminuído a criminalidade e a violência na região onde se encontra o NMC/ CRC, segundo estatísticas próprias da Polícia Militar. Assevere-se, ainda, que este local era antes considerado o “Triângulo das Bermudas”, por se encontrar entre três pontos de tráfico, antes em grande conflito, o que de início afastou a população do Núcleo.
Outro fato a ser considerado é que, do total de casos atendido nos NMC’s/ CRC, através de solução extrajudicial de conflitos, em torno de 60 a 70% são resolvidos na própria localidade, o que evita encaminhamentos desnecessários ao Judiciário, diminuindo, assim, o número de ações na esfera judicial. Projeto A Responsabilidade Social da Administração Pública na Efetividade dos Direitos Humanos: Em sua primeira fase realizou-se o diagnóstico sobre a situação da criança e adolescente e das políticas públicas nos municípios. Na segunda fase, elaborou-se um plano de ação conjunta com a sociedade civil organizada e segmentos da administração pública objetivando o fortalecimento do sistema municipal e regional de atendimento a criança e adolescente. Na terceira fase, será realizado um Círculo de Debates com conselheiros municipais de direitos da criança e do adolescente, conselheiros tutelares, representantes de ONG`s e agentes da administração pública. O evento foi antecedido por uma pesquisa de demandas com integrantes do Círculo de Debates com objetivo de refletir e discutir os temas afetos à realidade local. O produto final será constituir e fortalecer as redes de proteção a criança e adolescente e atribuir às administrações municipais capacidade de responsabilização social na efetividade dos direitos humanos. Projeto Incubadora de Cooperativas Populares: O Projeto se desenvolve, de acordo com cada etapa metodológica, no ambiente do grupo que está se organizando cooperativamente, nas dependências da Faculdade de Direito e em qualuer ambiente mais favorável ao desenvolvimento da pesquisa, do ensino e da extensão relativa à incubação das cooperativas populares.

ETAPAS	SUBETAPAS
1.Apresentação e sensibilização dos atores envolvidos	Conscientização do grupo e multiplicadores a respeito de temas atuais como desemprego, exclusão e cidadania Demonstração de alternativas para a geração de trabalho e renda
2. Formação e consolidação do grupo potencial	Verificação do contexto de formação do grupo: afinidades, identidades, objetivos em comum.
3. Capacitação para o cooperativismo	A economia popular solidária: importância e contexto Promoção do conhecimento dos princípios cooperativistas Funcionamento de uma cooperativa
4. Escolha da atividade econômica	Caracterização da estrutura e conjuntura do mercado local Verificação de nichos de mercado/ alternativas Verificação da motivação/habilidades do grupo em relação a determinada atividade Levantamento de recursos e infra-estrutura necessária para execução da atividade Estudo de viabilidade conômica Aquisição de recursos e infra-estrutura necessária
5. Capacitação técnica	Apresentação das características e funcionamento da atividade Qualificação técnica
6. Capacitação administrativa/autogestão	A autogestão Administração do empreendimento cooperativo Os fundos e os benefícios cooperativistas Apuração de custos, formação de preços e análises de contratos Organização contábil e financeira
7. Elaboração do estatuto	Apresentação e esclarecimento do estatuto Discussões envolvendo princípios cooperativistas e o estatuto
8. Legalização da cooperativa	Envio de documentos aos órgãos competentes (junta comercial, Receita Federal, postos fiscais etc) Elaboração do regimento interno
9. Assessoria para implementação das atividades da cooperativa/ Inserção e atuação no mercado/ Fim do processo de incubação	Monitoria do processo de inserção da cooperativa no mercado Monitoria do desenvolvimento das atividades internas da cooperativa e da atuação da cooperativa no mercado Avaliação do grau de autonomia do grupo e final do processo de incubação

Conclusão

A Incubadora de Cooperativas Populares trabalha atualmente na incubação de três cooperativas. No aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, atua-se na formação de uma cooperativa de bordadeiras estando o grupo já formado e se iniciando o processo de sensibilização dos atores envolvidos. No bairro Ribeiro de Abreu, o trabalho é desenvolvido junto aos catadores de sucata daquela região, e nesse caso já foram ministradas palestras sobre o cooperativismo e sobre o mundo do Trabalho. Participa-se, também, da incubação de uma cooperativa de trabalhadoras domésticas, estando o processo na fase terminal. O estatuto já esta sendo elaborado com vistas ao registro no primeiro trimestre do próximo ano.

Parcerias

Programa Pólo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha, Prefeituras Municipais do Médio Vale do Jequitinhonha, Associação dos Muncicípios do Médio Vale do Jequitinhonha – AMEJE, Secretaria Nacional de Direitos Humanos - Ministério da Justiça, Laboratório de Comunicação da FAFICH, Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Esportes de Minas Gerais, Polícia Militar de Minas Gerais, COPASA, CEMIG, Fundação Guimarães Rosa, Fundação Valle Ferreira, FUNDEP, PUC-MINAS,FAFICH-UFMG, NESTH – UFMG, Pastoral de Rua, LARP – UFMG, Laboratóri de Brincar – UFMG, Fórum Mineiro de Saúde Mental, Movimento da Luta Antimanicomial,

Referências

Relatórios de atividades, Relatório do atendimento, Projeto Centro de Referência do Cidadão, Plano Metodológico, Projetos originais do Programa Pólos.

URBEL, PGE – Planos Globais Específicos

CARNEIRO, Palmyos Paixão. Co-operativimo: o princípio cooperativo e a força existencial-social do trabalho. Belo Horizonte, 1980.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.19.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GEDIEL, José Antônio Peres. Os caminhos do cooperativismo. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

Programa Pólos Reprodutores de Cidadania - Faculdade de Direito da UFMG. Perfil dos Catadores de Materiais Reaproveitáveis de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.

RECK, Daniel. Cooperativas: uma alternativa de organização popular. Rio de Janeiro: FASE, 1995.

SINGER, Paul. SOUSA, André Ricardo de. A economia solidária no Brasil. São Paulo: Contexto, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O discurso e o poder: ensaios sobre a sociologia da retórica jurídica. Porto Alegre: Sérgio Fabris, 1988.

GUSTIN, Miracy B. de S.. Das Necessidades Humanas aos Direitos: um ensaio de Sociologia e Filosofia do Direito. Belo Horizonte: Del Rey, 1999.

HABERMAS, Jürgen. Faticidade e Validade (tradução para uso acadêmico Prof. Menelick de Carvalho Netto)

MUSZKAT, Malvina Ester (org.). Mediação de Conflitos: pacificando e prevenindo a violência, São Paulo: Summus, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Crítica da Razão Indolente:contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós- modernidade. São Paulo: Cortez, 1996.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa Ação. São Paulo: Cortez, 1995.

O EMPREGADOR CARENTE NA JUSTIÇA DO TRABALHO: O PAPEL DA ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA E DA UNIVERSIDADE PÚBLICA PERANTE A SOCIEDADE

Paulo Edson de Sousa[1], Arianna Magalhães Santos de Souza, Délia Mara Monteiro de Carvalho, Elisa Maria Corrêa Silva, Gesanne Fonseca Gomes, Juliana Augusta Medeiros de Barros, Júlio César Faria Zini, Renata Batista Pinto Coelho[2]

Introdução

O relevante papel social da assistência judiciária e jurídica não é objeto de questionamento, qualquer que seja o ramo do Direito envolvido. A questão se apresenta nova, porém, quando trazemos à tona o tema assistência judiciária e jurídica na Justiça do Trabalho no tocante ao empregador. É que neste ramo especializado do Direito, justamente por se reconhecer, desde há muito, a inferioridade econômica, social e cultural dos "empregados" face aos seus "empregadores", como geralmente ocorre, desenvolveu-se sistema de acesso ao judiciário que permite o ingresso de uma demanda independentemente do auxílio do advogado (é o que se chama tecnicamente de *ius postulandi*, ou capacidade postulatória justrabalhista). Semelhante ao sistema dos Juizados Especiais, quem se sente prejudicado e procura a Justiça do Trabalho tem a opção de expor seu problema aos técnicos treinados que reduzem a reclamação a escrito, especificam o tipo de ação e encaminham-na ao juiz competente. Desta forma, a assistência judiciária se faz praticamente desnecessária, ao menos em casos de menor complexidade. Por outro lado, tem-se que a assistência judiciária, geralmente, também é prestada pelos sindicatos da categoria do empregado, que disponibiliza advogados para tal atividade. Tanto é assim, que embora haja possibilidade teórica para que a Defensoria Pública atue perante a Justiça do Trabalho, tal não ocorre, visto que a grande demanda de outras áreas (como Família e Penal, por exemplo) acaba por se tornar prioritária. Dentro deste quadro, a Divisão de Assistência Judiciária quase não é procurada para prestar assistência na área trabalhista, pois o público tende a procurar primeiramente a própria Justiça do Trabalho que, ao invés de encaminhar o reclamante (como ocorre nos outros casos), acaba por resolver o problema, nos moldes acima expostos. Percebemos, porém, que há uma procura dos chamados "reclamados" (os réus, em linguagem técnica, na Justiça do Trabalho), não só por orientação, mas também por um profissional que possa produzir a sua defesa. Ora, ao proteger o pretenso "empregado" (ou quem ingressa com a demanda como se o fosse), o sistema trabalhista acabou por prejudicar aqueles que são chamados como "empregadores", como se fossem todos eles detentores de amplo poder econômico e social. Ocorre, porém, que não é esta a realidade brasileira. Qualquer de nós pode imaginar diversos exemplos de "empregadores" que não têm condições de acesso ao judiciário e/ou a um advogado particular, tal é o custo da justiça nacional. Há que se lembrar, ainda, o caso de o reclamado não ser "empregador", muito embora o reclamante (o autor, aquele que ingressa em juízo, em linguagem técnica) assim o afirme. Ressalte-se, também, que a Defensoria Pública, conforme antes afirmado, não atua na Justiça do Trabalho. É bem verdade que, assim como o autor pode propor a ação independentemente de advogado, também o reclamado pode se defender sozinho. Entretanto, o autor fez sua escolha no momento da proposição da demanda, e ainda foi auxiliado pelos técnicos da Justiça do Trabalho. Quanto ao réu, não teve possibilidade de escolha, e ninguém o auxiliou ou o orientou. Tratando-se de pessoas de condição econômica equivalente, poder-se-ia dizer que se estão propiciando as mesmas condições a um e a outro de provar seu ponto-de-vista?

Objetivos

Através deste trabalho, buscou-se definir a situação do reclamado carente na Justiça do Trabalho, para estudar formas de incluí-lo no sistema jurídico e possibilitar sua ampla participação em tal sistema. Quis-se questionar a visão unilateral (ou, ao menos, divorciada da realidade social) que levou à criação do sistema tal como funciona, tentando formular propostas para sua modificação e/ou alternativas para evitar e solucionar o problema encontrado. Visa-se a atender este público "esquecido", trabalhando para ampliar este atendimento ao máximo, bem como

---

[1]Coordenador, [2]bolsistas
Programa Assistência Jurídica e Judiciária
Número de Registro SiexBrasil: 3336
Área Temática: Direitos Humanos
Faculdade de Direito

expandir tal percepção aos demais órgãos de assistência judiciária. Objetiva-se, ainda, aproveitar esta demanda "descoberta" para rediscutir o papel da assistência jurídica e judiciária e para nos aprofundarmos no estudo do assunto envolvido, buscando conclusões que incentivem a produção de conhecimento na área e a elaboração de documentos e/ou outras ações.

Metodologia

Quando o "reclamado" (ou qualquer pessoa) procura a Divisão de Assistência Judiciária — DAJ — é submetido a uma triagem, onde os estagiários procuram definir o tipo de problema que lhes é apresentado, e fornecem, no ato, orientação jurídica. No caso de ser necessária a intervenção do Judiciário, ou, especificamente, no caso de ser necessária elaborar a defesa do "reclamado", o estagiário preenche uma ficha, com os dados do requerente, a exposição sucinta do problema e a solução jurídica apontada. Em seguida, o requerente responde a um questionário sócio-econômico, que constitui indicador de caráter eliminatório para determinação da possibilidade de atendimento. Uma vez determinada a demanda, portanto, é submetida ao coordenador e seus auxiliares que, se deferirem o atendimento, designam estagiário para ser o responsável pelo caso. Recebido o caso, o estagiário se reúne com o requerente (que, agora, já é considerado "cliente" da Divisão de Assistência Judiciária) para coletar todas as informações e documentos necessários à produção da defesa. Toda esta fase burocrática se faz imprescindível para a identificação do problema e do perfil sócio-econômico do requerente. Em seguida, tem início a fase de execução do projeto propriamente dita. Em um primeiro momento, são privilegiadas a análise, pesquisa e discussão. De posse de todo o necessário, após analisar os documentos e informações, o estagiário responsável traz o caso para o grupo de discussão (composto por outros estagiários interessados no tema), que oferece sugestões, levanta questões, discute dúvidas, dentre outros. O grupo pode auxiliar o estagiário na elaboração da peça processual e também fazer pesquisa sobre qualquer ponto interessante ou duvidoso da discussão. Após a elaboração da defesa (uma peça processual escrita), esta é submetida a um monitor (advogado aluno da pós-graduação da Faculdade, que atua perante a DAJ), que analisará o caso e a defesa, fornecerá críticas e sugestões, discutirá dúvidas etc. Posteriormente, após as correções necessárias, o caso é submetido a um professor orientador (professor da Faculdade que atua perante a DAJ) que procede como o monitor e, após todas as correções necessárias, assina a peça, que será, então, submetida à Justiça. Tem início, portanto, uma fase prática, em que o conhecimento acumulado na primeira fase será utilizado. Esta fase, porém, é de cunho primordialmente individual, pois beneficia, imediatamente, o cliente envolvido. Trata-se do comparecimento em audiência, que é precedido de discussões entre o estagiário e o grupo que o auxiliou e o monitor que acompanhará o estagiário responsável nesta oportunidade. Após, os acontecimentos da audiência são discutidos com o mesmo grupo, bem como o resultado final do caso (geralmente os casos da Justiça do Trabalho, ao contrário dos demais, tramitam rapidamente, permitindo que o estagiário acompanhe o caso até o final), que, caso ofereça algum interesse acadêmico, pode resultar em maiores discussões, pesquisa e até na produção de artigos, eventos ou similares, envolvendo, ou não os monitores e professores. Nesta última hipótese, como ocorreu com os casos selecionados para este trabalho, tem início uma nova fase de análise, pesquisa e discussão, porém, agora, voltadas totalmente para a sociedade como um todo e buscando traçar alguma contribuição para esta sociedade. As conclusões dos grupos, independentemente de gerarem resultados para a sociedade ou mesmo para a comunidade acadêmica, são publicadas internamente, como forma de prevenir os demais estagiários em relação às questões jurídicas importantes, incentivá-los a participar do grupo e/ou a estudar o caso e oferecer sugestões.

Resultados e Discussão

A discussão girou em torno do tema delineado, para culminar no debate sobre o papel da assistência judiciária.
É que, no caso específico de defesa do reclamado na Justiça do Trabalho, percebemos uma falha institucional que vem produzindo uma situação insustentável. Passamos, portanto, a discutir se nosso papel, como prestadores de assistência judiciária, se resumiria a simplesmente tentar atender à demanda na medida do possível, ou, se a nós caberia, também, alguma ação no sentido de solucionar o problema encontrado. Desta forma, como resultado da discussão do tema proposto, surgiu a necessidade de discutir assunto mais amplo e que envolve toda a nossa proposta de trabalho, ainda mais porque fazemos parte da Universidade Pública e, assim, entendemos que devemos colaborar para a construção da nossa sociedade. Tal construção não se faz apenas pela simples orientação jurídica,

ou pela proposição de ações na Justiça. É preciso ir além e reverter nosso conhecimento para a sociedade como um todo, e não apenas para quem nos procura. Por isso precisamos identificar problemas como o dos “reclamados” na Justiça do Trabalho e buscar solucioná-los.

Produtos Gerados

Com relação ao tema escolhido e a demanda atendida em relação a este tema em especial, durante o ano de 2003, além de diversas discussões no grupo de estudos, houve a publicação de um artigo no periódico da Faculdade de Direito — O Sino do Samuel —, comentando um aspecto inusitado de um dos casos atendidos, qual seja a litigância de má fé. Houve também a oportunidade de trabalhar com casos envolvendo outros ramos do direito, em que o reclamado era parente do reclamante o que gerou uma série de questionamentos, inclusive sobre o liame subjetivo da existência da relação empregatícia inserida em uma relação afetivo familiar. Os casos trabalhados demonstraram, sem nenhuma dúvida, que os empregados ou supostos empregados podem sim, ser pessoas humildes que muitas vezes carecem de esclarecimentos básicos sobre suas obrigações e necessitam não só da assistência judiciária para terem seus conflitos solucionados, mas também de assistência jurídica de modo a evitar-se o envolvimento dos clientes em novos conflitos trabalhistas. Ademais, foi constatado no plano real a deficiência econômica dos reclamados que, por serem pobres no sentido legal, muitas vezes não têm condições de pagar a condenação trabalhista nos pontos em que não houve possibilidade de defesa jurídica, ou são obrigados a aceitar acordos parcelados para arcar com suas obrigações. Houve, por fim, um projeto de elaboração de um seminário sobre o tema, inclusive com a participação dos órgãos de assistência judiciária das outras faculdades e de juízes trabalhistas, que, infelizmente, porém, ainda não pode ser implantado, tendo em vista que tal projeto demandaria maior tempo de preparação do que dispomos em 2003, em função do calendário de reposição de greve, que praticamente acumulou três semestres letivos em um ano, e acabou por adiar a execução do projeto para 2004.

Conclusão

Percebemos a necessidade de se discutir a posição do “empregador” na relação processual trabalhista, face às dificuldades enfrentadas por toda a sociedade brasileira, que culminam na generalização da pobreza e da exclusão social. Reconhecemos a exclusão deste público do sistema judiciário, configurando injustiça que não pode ser ignorada pelos Poderes estatais. Descobrimos que esta falha resulta da própria organização do sistema judiciário e de assistência judiciária, bem como de uma visão unilateral ou idealizada da sociedade brasileira. Propusemos que se realize a integração deste público, primeiramente, e em caráter de emergência, através dos diversos órgãos de assistência judiciária já existentes, para, ao final, modificar o sistema atual da Justiça Trabalhista, incorporando soluções para o problema identificado. Sugerimos que tais soluções, ou, pelo menos idéias que venham a se transformar em soluções, sejam discutidas em âmbito institucional, em um seminário (a ser realizado no próximo ano) envolvendo juízes trabalhistas, os diversos órgãos de assistência judiciária, bem como toda a comunidade acadêmica interessada. Concluímos, por fim, que a atividade de assistência judiciária não pode-se resumir à resolução de casos jurídicos, nem deve buscar tão somente o aperfeiçoamento acadêmico, mas além de tudo isso, identificar os problemas surgidos no sistema jurídico, discuti-los e apresentar soluções, como forma de proporcionar à sociedade não somente uma retribuição individual aos necessitados, mas, principalmente, como forma de modificar as instituições e melhorar a prestação jurisdicional à sociedade em geral. Tal se faz ainda mais necessário no âmbito de uma Universidade Pública, comprometida com a sociedade e com a mudança dos parâmetros existentes. Muito embora tal conclusão extrapole o tema proposto, consideramos que é o principal móvel deste trabalho e foi por culminar com tal conclusão que escolhemos tratar deste tema.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão

Referências

GRECO, Vicente. Direito processual civil brasileiro. 14 ed. rev. São Paulo: Saraiva, 1999, 260 p.
MARQUES, José Frederico. Manual de Direito Processual Civil. V. 1, 2 ed. São Paulo: Saraiva, 1974, 354 p.
NASCIMENTO, Amauri Mascaro. Curso de direito processual do trabalho. 21 ed., at. São Paulo: Saraiva, 2002,

MALA DE LEITURA

Mônica Maria M.S.S. Dayrell, Narriman Rodrigues Conde[1], Mírian Chaves Carneiro, Clenice Griffo2, Raquel Monteiro Pires de Lima, Rodrigo de Freitas Teixeira[3]

Introdução

O Mala de Leitura – projeto de Ensino/Pesquisa/Extensão, da Escola Fundamental do CP iniciou-se em 1997 e conta atualmente com duas bolsas de monitoria. Tem como proposta promover a leitura literária junto às crianças e adolescentes, em diversos espaços (biblioteca, creche, escola, entre outros), assim como refletir sobre as práticas de leitura. Para tanto, sua equipe realiza atividades permanentes de leitura e contação de histórias e participa de maneira sistemática na formação dos educadores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Para além das parcerias externas, vem desenvolvendo ações junto à biblioteca do CP, ao Carro Biblioteca – ECI e ao Departamento de Letras Clássicas – FaLe. O projeto surgiu a partir das práticas de leitura realizadas pelos docentes do CP e atualmente faz parte do programa “Visitação” dessa escola. O programa visa a receber os professores, especialistas e administradores de outras instituições de ensino para troca de experiências. O Mala de Leitura no decorrer desses anos de atuação tem constatado o conflito vivenciado pelos educadores que reconhecem a leitura literária como o desfrute do leitor com o livro, entretanto, sinalizam dificuldades para a concretização da leitura nesta perspectiva no contexto escolar. As políticas públicas e as propostas educacionais não consideram esse aspecto, que é fundamental na formação do leitor. Essas e outras questões, tem sido objeto de reflexão e eixo norteador para a atuação do projeto Mala de Leitura, no sentido de contribuir junto às instituições para que as mesmas possam implementar os seus projetos de leitura. As reflexões que vem sendo elaboradas pela equipe no decorrer desses anos, vem evidenciando a necessidade de, cada vez mais, se repensar as políticas de incentivo à leitura. A equipe compreende que o projeto tem ocupado um lugar significativo na formação das crianças e dos educadores, uma vez que, contribui para a ampliação da visão de mundo dos sujeito. Verifica-se também, o aumento da demanda em relação ao projeto.

Objetivos

Promover o acesso, a circulação e a divulgação da leitura literária, contribuindo para a formação do sujeito e para a reflexão e melhoria das práticas de leitura no contexto escolar; levar a literatura para os diversos espaços onde o projeto atua, através do ler e contar histórias; possibilitar o acesso à literatura através do contato com o livro (acervo da mala); capacitar os educadores envolvidos no projeto como agentes multiplicadores; promover a formação dos monitores; contribuir para a elaboração e implementação de projeto de incentivo à leitura; sensibilizar os educadores para a importância da literatura na formação dos sujeitos; atuar junto ao Carro Biblioteca no Conjunto Felicidade; divulgar o projeto através de publicações, site, vídeo, coletâneas, entre outras; ampliar as parcerias internas e externas; e articular a pesquisa à extensão.

Metodologia

A equipe do Mala de Leitura compreende a leitura como uma prática social, uma interação entre leitor e texto, em que o diálogo está presente. É nesse movimento que o sujeito constrói sentidos e significados, possibilitando-lhe perceber outras formas de ser / existir / estar no mundo. Baseado neste princípio, o projeto vem atuando de forma sistemática, semanalmente, junto às instituições, proporcionando aos educadores e crianças, momentos de leitura literária, nos quais, contar, ler e ouvir história, observar e manusear livros são ações que vêm consolidando sua proposta. As malas que acompanham as professoras leitoras e/ou contadoras de histórias são decoradas com recortes de catálogos de livros de literatura de várias editoras, provocando desejo, curiosidade e inquietação, suscitando a fantasia, a imaginação, a emoção... mesmo quando fechadas! Essas malas têm sido uma referência

[1]Coordenadoras, [2]subcoordenadoras, [3]bolsistas
Mala de Leitura - Projeto de Ensino/Pesquisa/Extensão
Número de Registro SiexBrasil: 442
Área Temática: Cultura
Faculdade de Educação/Escola Fundamental do Centro Pedagógico
Contatos: mdayrell@terra.com.br e (31) 3443-4908 e 3499-5172

importante para o desenvolvimento do projeto, pelas possibilidades de experiências objetivas e subjetivas que oferecem. Os contos de fada, os contos modernos, as fábulas, as poesias e muitos outros livros compõem o acervo das malas. Histórias de fadas, de bruxas, de gigantes e de dragões ... são narradas para os educadores e crianças. Em seguida, as malas são abertas e todos são convidados a explorá-las, descobrindo seus encantos e desencantos. Esse é o momento de compartilhar os livros, as histórias, as opiniões, os personagens, os sentimentos, as angústias , as afinidades, o medo, o prazer ... criando um clima de interlocução, o que faz da leitura uma experiência, ou seja, "(...) o que é vivido é pensado, narrado, a ação é contada a um outro, compartilhada, se tornando infinita. Esse caráter histórico, de ir além do tempo vivido e de ser coletivo, constitui a experiência ". (Kramer, 2000:28). Manuseando os livros as crianças e os educadores têm a possibilidade de conhecê-los, descobrindo o que é, como é, o que existe neste objeto – pegar, folhear, experienciar – e, quando desejar, trocá-lo por outro. Explorando os livros, todos têm a oportunidade de escolher e descobrir aquele que mais lhes agrada e, assim, o futuro leitor pode ir construindo os seus interesses. Dessa forma, o Mala de Leitura tem-se configurado como um espaço de formação para a equipe, os educadores e as crianças. Um outro procedimento metodológico refere-se à utilização de registros, de fotos e filmagens. Esse material tem constituído "memórias" do projeto e são também objetos de investigação para a equipe que, semanalmente, se reúne. Ainda, como metodologia, apontamos os encontros que a equipe promove com o objetivo de realizar o acompanhamento e a avaliação qualitativa da atuação do projeto. Público alvo: alunos e educadores do Ensino Fundamental das redes municipal, estadual e federal de ensino, creches e bibliotecas comunitárias, comunidade do Conjunto Felicidade em parceria com o Carro Biblioteca, educadores da educação infantil.

Resultados e Discussão
Ao avaliar as intenções do projeto compreendemos que o "Mala de Leitura"apresenta avanços significativos com relação: à ampliação das comunidades atendidas: Creche Comunitária Aurélio Pires, Centro de Desenvolvimento da Criança – CDC, Biblioteca Comunitária Etelvininha Lima - Fundação Dona Peninha, Comunidade de Lindéia e Conjunto Felicidade (parceria com Carro Biblioteca), Biblioteca do Centro Pedagógico, Escola Municipal Nossa Senhora do Amparo; à formação de professores: o projeto participou do Programa de Mobilização das Comunidades de fevereiro a novembro de 2002, em quarenta municípios do estado de Minas Gerais. Participaram desta formação 1320 professoras da educação infantil. A equipe investe, também, na formação continuada das educadoras onde o projeto atua; à divulgação: na atualização do link do Mala de Leitura no site do CP, na publicação de artigos em jornais; às parcerias: no tocante a este aspecto, o Mala de Leitura vem concretizando ações junto ao Carro Biblioteca – ECI e ao Departamento de Letras Clássicas – FALE através da oficina de contação de histórias de mitologia e à formação continuada dos alunos bolsistas envolvidos no projeto.

Produtos Gerados
Seminário "A leitura da mala"junto às professoras da Escola Municipal Nossa Senhora do Amparo/ Belo Horizonte; Relatório Técnico "O Mala de Leitura em cena"- resultado do seminário anteriormente citado; contação de histórias em diversos eventos: Salão do Livro, UFMG Jovem, Feiras Culturais; abertura de seminários e encontros, dentre outros; participação em congressos coordenando mesa-redonda e oficinas ou apresentando comunicação; formação continuada de educadores da Educação Infantil e Ensino Fundamental onde o Mala atua; participação através de cursos no Programa Mobilização das Comunidades- Formação de Educadores da Ed. Infantil em 40 municípios de MG, atingindo um público de aproximadamente 1300 educadores; organização e implementação do "I Encontro: A Leitura em Pauta"em parceria com o Programa Carro-Biblioteca; organização e implementação da "Semana do Livro no CP/UFMG"; atualização mensal do link do Mala de Leitura no site do CP – www.ufmg.cp.br/maladeleitura; projeto de ensino "Mitologia Hoje"junto aos alunos do 3º ciclo do CP/UFMG em parceria com o grupo "Coisa de Grego"/ FALE; promoção da leitura literária junto às escolas estaduais do Ensino Fundamental e moradores do Bairro Pompéia/ Belo Horizonte, em parceria com a Biblioteca Comunitária Etelvininha Lima; formação continuada dos alunos bolsistas de extensão; edição de dois vídeos – Carro-Biblioteca em parceria com o "Mala de Leitura" no Conjunto Felicidade e "Mala de Leitura" na E.M.Nossa Senhora do Amparo; participação no 1º Fórum de Educação Infantil na UFMG; participação na comissão organizadora do seminário "A extensão na UFMG e a formação continuada de professores da Educação Básica"; participação em Programa Radiofônico: "Rádio Favela em sintonia com a educação"; publicação de artigos relacionados à leitura literária no Jornal do CP – tiragem mensal.

Conclusão

O “Mala de Leitura” como projeto de ensino tem conscientizado os educadores do Ensino Fundamental e da Educação Infantil para a importância da leitura literária na formação dos sujeitos leitores, possibilitando a construção de um olhar reflexivo com relação às práticas de leitura no âmbito da escola. Tem atuado também, de forma sistemática, na formação continuada dos monitores bolsistas, como agentes divulgadores da literatura oral e escrita através da contação e leitura de histórias. O “Mala de Leitura”como projeto de extensão, tem participado de forma efetiva, dos cursos de formação dos educadores da rede pública estadual e municipal, ampliando, assim, suas parcerias. Outra ação significativa da extensão é a contação de histórias nos diferentes espaços. Essa ação tem possibilitado ao sujeito compreender a importância da tradição das histórias na nossa cultura. Nesse sentido, o “Mala de Leitura”tem se configurado como um espaço de formação para os sujeitos envolvidos, uma vez que a literatura envolve valores humanos.

Parcerias

Pró Reitoria de Extensão, SERVAS, Biblioteca Comunitária Etelvininha Lima- Fundação Dona Peninha, Creche Comunitária Aurélio Pires, Escola Municipal Nossa Senhora do Amparo, escolas da rede municipal, estadual e federal de ensino e Missão Ramacrisna.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.
AGUIAR, Vera Teixeira de. Era uma vez... na escola – formando educadores para formar leitores: Belo Horizonte, Formato Editorial, 2001.
CHARTIER, Anne Marie. Ler e escrever – entrando no mundo da escrita. Trad. Carla Valduga. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
COELHO, Bethy. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1990.
CUNHA, Maria Antonieta. Literatura infanti: Teoria e prática. São Paulo: Ática, 1991
EVANGELISTA, Aracy Alves Martins. BRANDÃO, Heliana Maria B. (orgs.). A escolarização da leitura literária – o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
LAJOLO, Marisa. O que é literatura? 8.ed. São Paulo:Brasiliense, 1984. 100p.
MACHADO, Maria Zélia Versiani. A importância da literatura na educação infantil.
Revista Infância na Ciranda Da Educação. CAPE/SMED/PBH. Nº 3/ nov – 1997. p.41-45.
PAULINO, Graça. O jogo do livro infantil – textos selecionados para formação de professores. Belo Horizonte: Dimensão, 1997.
____________ Para que serve a literatura infantil. Revista Presença Pedagógica. Belo Horizonte. Editora Dimensão. V.5, nº 25, jan/fev. 1999.
SOARES, Magda. Letramento – um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
ZILBERMAN, Regina (org.) Leitura em crise na escola: alternativas do professor.5.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ASPECTOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA E INICIAL EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Deise Prina Dutra[1,] Heliana Ribeiro de Mello[2], Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, Andrea Mattos, Maralice Neves, Prosolina Alves Marra, Ceres Leite Prado[3], Enzo Fabiano da Silva, Janaina Henriques Oliveira, Rejane Cristina Leite Ribeiro, Camila Santos de Castro[4], Paula Ribeiro e Souza, Adriana Garcia de Araújo, Shirlene Bemfica de Oliveira, Denise Araújo, Vanderlice Sol, Adriana Carneiro de Oliveira[5]

Introdução

O Programa "Interfaces da Formação em Línguas Estrangeiras" nasceu do resultado positivo do Projeto "Educação Continuada de Professores de Línguas Estrangeiras" (EDUCONLE) e também da necessidade de uma maior articulação entre estágio de licenciatura em Letras com a Extensão e a Pós-Graduação. Em 2003 o Programa desenvolveu atividades através dos Projetos EDUCONLE. e ARADO "Agrupar Refletir Agir Doar". Mesmo estando o ensino de línguas estrangeiras (LES) no Ensino Fundamental e Médio regulamentado na legislação educacional, nem o professor, nem o aluno, têm a garantia de um número de aulas mínimo necessário para a boa aprendizagem de línguas. Ressaltamos que a última Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional, LDB, promulgada em dezembro de 1996, no Artigo 26, § 5º dispõe que o ensino de LE é obrigatório desde a quinta série do ensino fundamental e até abre espaço para a inclusão de uma segunda língua: "será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição" (Art. 36, Inciso III). Por outro lado, a formação dos professores de língua estrangeira não tem merecido a atenção necessária, conforme relato da própria Comissão de Especialistas de Ensino de Letras junto à SESu. Predominam no país cursos de Letras com dupla habilitação em Inglês e Português com crescente ascensão de Português e Espanhol. Muitos desses cursos são ministrados em 3 anos e recebem alunos de escolas do ensino básico que também não investiram em um ensino de LE de qualidade. A maioria dos projetos pedagógicos que passam pela SESu, seja para autorização ou reconhecimento, devota ao ensino de inglês ou espanhol cerca de 360 horas, ou no máximo 480 horas de ensino da língua estrangeira com o acréscimo de 60 a 120 horas de literatura inglesa e norte-americana. A parte de formação de professor de língua estrangeira é praticamente inexistente e em muitos casos é de competência de departamentos de educação onde pedagogos não têm formação específica na área de aquisição e ensino de LE. As aulas de literatura são dadas, geralmente, em português e as turmas chegam a ter 50, 70 e até 90 alunos, inviabilizando a oferta de um ambiente adequado à prática do idioma. Como resultado, o sistema educacional brasileiro coloca no mercado de trabalho professores despreparados e muitos recorrem aos cursos de especialização em busca de uma nova graduação, o que, naturalmente, não encontram. Esse contexto reforça, dia a dia, o preconceito de que só se aprende língua estrangeira em cursos livres. Vemos em nossa sociedade críticas sempre contundentes aos professores da rede pública de ensino, considerados pouco preparados para a atuação pedagógica, e sentimos que a universidade pública deve efetivar ações concretas que possam contribuir para o desenvolvimento desses professores através de projetos que visem à educação continuada dos mesmos, proporcionando-lhes chances de desenvolvimento autônomo ao longo da vida profissional. A experiência do primeiro ano (2002) do projeto Educação Continuada para Professores de Línguas Estrangeiras (EDUCONLE) e a sua ampliação em 2003 através da criação do Programa Interfaces da Formação em Línguas Estrangeiras mostrou-nos que as necessidades profissionais desses professores são ainda muitas e, por isso, pretendemos dar continuidade ao Programa em 2004, mantendo os projetos EDUCONLE (para professores de espanhol e inglês) e ARADO.1 O programa visa subsidiar instrumentos para prática reflexiva e para o desenvolvimento lingüísticos de professores de espanhol e inglês que atuam na rede pública de ensino. as vantagens da prática reflexiva têm sido apontadas em pesquisas internacionais (Richards e Lockhart, 1993; Richards, 1998; Stanley, 1998) e nacionais (Almeida Filho, 1999; Vieira-Abrahão, 1999; Dutra e Magalhães, 2000; Dutra e

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenadora, [3]docentes, [4]bolsistas, [5]voluntários
Programa Interface da Formação em Línguas Estrangeiras
Número de Registro SiexBrasil: 1925
Área Temática: Educação
Faculdade de Letras e Faculdade de Educação
Contatos: ???????????

Mello 2001). Através do uso de instrumentos como a escrita de diários, gravações de aulas, sessões de visionamento2, o professor passa a ver e repensar sua prática de maneira a conhecê-la melhor e decidir quais ações, baseadas em quais teorias, são mais apropriadas para o contexto de ensino em que ele atua. Em uma proposta de prática reflexiva, os pontos discutidos partem das necessidades dos professores envolvidos no curso/pesquisa, pois “a reflexão só ocorrerá se o participante realmente quiser se envolver no processo” (Dutra e Mello 2001: 50). Por isso, os conteúdos dos cursos do EDUCONLE levam em consideração as necessidades dos professores e o ARADO propicia momentos para análise da prática e estudos de casos que visem a solução de problemas escolhidos pelos professores. O programa leva, também, em consideração o contexto de ensino e sua repercussão política, sem a qual o desenvolvimento do professor ficaria incompleto (Zeichner, 2001). Sentimos que a discussão sobre metodologias de ensino de língua, apesar de importantes, não teria efeito duradouro e continuado na educação dos professores, por isso a ênfase no caráter reflexivo nestes módulos. Segundo Vieira-Abrahão (1999: 46), A capacidade de reflexão e de crítica poderá levar este professor a um processo de auto-avaliação constante, e torná-lo aberto para a análise de novas abordagens e propostas que, com certeza surgirão em sua vida profissional.

Objetivos

Traçar ações integradas entre o ensino, pesquisa e extensão, implicando na melhoria do ensino de línguas estrangeiras na rede pública, uma melhor preparação dos nossos alunos da graduação e pós-graduação e o incentivo à pesquisa na área de lingüística aplicada com foco nas necessidades dos professores e alunos das escolas regulares. Esses objetivos estão divididos entre os projetos do Programa e também na inter-relação com o Programa PEMJA (especificamente com o núcleo de ensino de Inglês). Seguem abaixo os objetivos de cada projeto. Os objetivos gerais do EDUCONLE são: oferecer oportunidades de desenvolvimento profissional, tanto lingüístico quanto pedagógico, para professores de línguas estrangeiras (inglês e espanhol); contribuir para um maior envolvimento dos graduandos em Letras com a realidade educacional fora dos muros da universidade; envolver alunos da graduação em Letras (inglês e espanhol) em um projeto de ensino/pesquisa/extensão com professores da rede pública de ensino, sensibilizando os dois segmentos para a importância da educação continuada. Os objetivos específicos do EDUCONLE são: capacitar lingüisticamente os professores de línguas estrangeiras (inglês e espanhol) da rede pública em cursos específicos sobre cada língua; promover discussões com os professores da rede pública e bolsistas sobre práticas pedagógicas que levem a uma reflexão por parte de todos os envolvidos; discutir teorias de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras com os professores e bolsistas; oferecer a oportunidade da prática docente aos bolsistas, com supervisão dos professores da UFMG, no ensino de línguas para os professores da rede pública; pesquisar as reflexões e interações dos professores da rede pública nas aulas de língua e de metodologia/prática reflexiva; pesquisar as reflexões e interações dos bolsistas nas aulas de língua e de metodologia/prática reflexiva. O projeto ARADO tem como objetivo geral construir um espaço fértil para a integração da Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, a Licenciatura em Língua Inglesa, e as Escolas Públicas da grande BH, em busca da identificação de problemas de ensino-aprendizagem de língua inglesa, no ensino fundamental e médio, e de propostas concretas para solucioná-los, ou, pelo menos amenizá-los. Seus objetivos específicos são: propiciar aos professores da rede pública a oportunidade de educação continuada; propiciar aos estagiários da licenciatura em inglês um contexto de estágio com suporte de profissionais experientes; transformar o espaço de estágio em um local de experiências colaborativas; identificar problemas no processo de ensino-aprendizagem em escolas públicas; refletir teoricamente sobre os problemas identificados; intervir de forma colaborativa (professor/estagiário/mestrando ou doutorando) no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa; produzir material didático para escolas públicas.
8. Manter um portal virtual de apoio pedagógico a professores e alunos de língua inglesa. O núcleo de inglês do PEMJA tem por objetivo geral o ensino do inglês como um dos conteúdos programáticos do Programa. Seguindo as linhas mestras do PEMJA, este projeto também abrange três níveis: extensão - ensino de inglês à comunidade; ensino - formação de professores de inglês para educação de jovens e adultos; pesquisa - desenvolvimento de metodologias de ensino de inglês apropriadas para jovens e adultos. Quanto aos objetivos específicos, este projeto propõe: proporcionar ao aluno do PEMJA um maior contato com a língua inglesa, ampliando os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental; oferecer um ensino de qualidade para o aluno do PEMJA, permitindo que ele, de acordo com sua motivação e interesse, possa dar continuidade à sua formação acadêmica; aAmpliar os horizontes do ensino de inglês, objetivando uma interseção com outras disciplinas do projeto, em busca de uma maior

interdisciplinaridade; promover a participação de alunos do curso de graduação – licenciatura em inglês da FALE/UFMG como monitores do projeto; fomentar a formação pré-serviço de alunos-professores no campo do ensino médio de jovens e adultos; e pesquisar e desenvolver metodologias apropriadas ao ensino de inglês como língua estrangeira para jovens e adultos.

Metodologia

O programa tem características de ensino, pesquisa e extensão. Os cursos oferecidos pelo EDUCONLE aos professores da rede pública constam de módulos de língua e metodologia (com foco na prática reflexiva). O projeto ARADO também tem um componente de ensino, pois gerou a disciplina de Estudo de Caso no Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos. Várias pesquisas qualitativas foram e estão sendo desenvolvidas tanto com os alunos bolsistas e voluntários (por exemplo, projeto de mestrado sobre as sessões de orientação que investigar o que ocorre nas sessões, analisando, também, os diários dos alunos e suas aulas) e pelos alunos bolsistas e voluntários e alunas da pós-graduação e docentes (por exemplo, através da análise dos diários, questionários e observação de aulas dos professores da rede pública). O aspecto extensionista do programa está claro através da ligação estabelecida entre a universidade, os professores da rede pública de ensino e as escolas em que atuam.

Resultados e Discussão

Diversos resultados podem ser acessados através dos produtos gerados e listados abaixo. Apresentamos como exemplo os seguintes comentários do trabalho de pesquisa de MELLO, H. e DUTRA, D.P. "Dilemas Conceptuais e metáforas de professores em formação e formadores de professores" apresentado em mesa-redonda durante o XVII ENPULI (Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Inglesa). Através da análise de diários e narrativas escritas pelos professores da rede pública de ensino participantes dos cursos oferecidos pelo Projeto EDUCONLE e também de anotações baseadas em observação naturalística e interação em sala de aula, foi feita uma comparação entre os conceitos subjacentes que direcionam a prática didática dos professores e os conceitos e princípios que os formadores/pesquisadores tentaram implementar via seus projetos. Foram contatados diversos dilemas o discurso dos professores da rede pública e os formadores/pesquisadores : percepção e ação; intencionalidade e ação; Atuação e teorização; Feedback e autonomia; Interesse do aluno e exposição a novas informações. Desta maneira, pode-se gera um incompreensão mútua (cf. Taylor, 1992) que dificulta o desenvolvimento de prática reflexivas. Sugerimos a continuidade da pesquisa para maior compreensão da natureza de dilemas e de como é longo o processo de mudanças conceptuais. Mesmo vendo o esforço e o desejo de mudança dos professores ao longo do ano, ainda assim documentamos em suas falas e reflexões, conceitos arraigados sobre o processo de ensinar/aprender LE.

Produtos Gerados

MELLO, H.; DUTRA, D.P. Dilemas Conceptuais e metáforas de professores em formação e formadores de professores. XVII ENPULI p. 26 – UFSC – Florianópolis – 2003. DUTRA, D. P.; MELLO, H. Ser professores: representações metafóricas. 13 0 INPLA – Caderno de Resumo p. 93 – PUC-SP - 2003. MELLO, H.; DUTRA, D. P. perceptual metaphors in L2 learners´ narratives ABECAN e capítulo de livro em preparação. DUTRA, D.; MELLO, H ; ARAÚJO, D.; Oliveira, S. B.; OLIVEIRA, J. H.; SOUZA, P.R. "A influência de um curso de educação continuada na formação de um professor de inglês"- Trabalho a ser apresentado no Seminário de Línguas Estrangeiras na UFOP no dia 19/11/2003. Disciplina pós-graduação: Seminário em tópico variável – Lingüística Aplicada: "Estudo de Caso". Os relatórios da disciplina da pós-graduação "Estudo de Caso" estarão em breve no portal a ser linkado na Faculdade de Letras [http://www.letras.ufmg.br] e um artigo sobre esses estudos de caso está em preparação - ARADO

Conclusão

O Programa pretende ampliar as suas ações no ano de 2004, incluindo a educação continuada de professores de Francês e Português. O Programa tem tido resultados muito positivos para todas as partes envolvidas: alunos da graduação (professores em formação); alunos da pós-graduação (formadores de professores/pesquisadores); professores de inglês e espanhol da rede pública de ensino (professores em educação continuada) e professores da

UFMG (formadores de professores e pesquisadores).

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão

Referências
ALMEIDA FILHO, J. C. P. Análise de abordagem como procedimento fundador de auto-conhecimento e mudança para o professor de língua estrangeira. In Almeida Fillho, J.C.P. (Org.) O professor de língua estrangeira em formação. Campinas: Pontes, 1999. p.11-27.
DUTRA, D. P.; MAGALHÃES, C. M. Aprendendo a ensinar a autonomia do professor aprendiz no projeto de extensão da Faculdade de Letras da UFMG. Linguagem e Ensino, Pelotas , v. 3 , n. 2, p. 61 -73 , 2000.
DUTRA, D. P.; MELLO, H. Refletindo sobre o processo de formação de professores de inglês: uma interpretação de abordagens, métodos e técnicas. In:O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias. Belo Horizonte: FALE, 2001. p. 47-56.
RICHARDS, J. Beyond Training. Cambridge: Cambridge University Press. 1998.
RICHARDS, J., LOCKHART, C. Peer observation. In: Richards, J. (Ed.). New Ways in Teacher Education. Alexandria: TESOL, Inc., 1993. p.147-150.
STANLEY, C. A framework for teacher reflectivity. TESOL Quarterly, v.32, n.3, p.584-591, 1998.
VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Tentativas de construção de uma prática renovada: a formação em serviço em questão. In: Almeida Fillho, J.C.P. (Org.) O professor de língua estrangeira em formação. Campinas: Pontes, 1999. p.29-50.
ZEICHNER, K. Educating Reflective Teachers for Learner-Centered Education: Possibilities and Contradictions. Trabalho apresentado no VI ENPULI. Londrina: UEL. 2001.

Notas
1 O Projeto "Estágio colaborativo através da extensão: formação inicial e continuada como ações interdependentes" (ESCOLEX) será desativado devido à dificuldade que tivemos em implantá-lo em 2003.
2 Reunião para discussão de aulas filmadas ou gravadas.
3 Este projeto tem estreita relação com pesquisas desenvolvidas atualmente da FALE, por exemplo, com os projetos "Percepções e ações de professores e alunos na sala de aula de língua inglesa" (Profas. Deise P. Dutra, Heliana Mello e Míriam Jorge em conjunto com alunos da graduação – bolsistas PAE e CNPq/PIBIC e alunos não bolsistas), "Mapeamentos conceituais de percepções e ações de professores e alunos na sala de aula de língua estrangeira" (Profas. Heliana Mello e Deise P. Dutra) e com cinco projetos de mestrado e 2 doutorado.

PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE QUÍMICA, FÍSICA, BIOLOGIA E CIÊNCIAS - UMA EXPERIÊNCIA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Eduardo Fleury Mortimer[1], Penha Souza Silva, Marciana Almendro David, Ademilde Ornelas, Juliana Furlanni, Mairy Barbosa Loureiro dos Santos, Francisco de Borja López de Prado, Rosilene Siray Bicalho, Maria Inez Melo de Toledo, Danusa Munford[2], Carlos Villanni[3], Lisliene Alcântara, Mauro Sérgio de Miranda, João Henrique Lopes de Moura[4]

Introdução

O exame das características do ensino de disciplinas científicas nas escolas de nível fundamental e médio pode revelar alguns pontos importantes que vêm contribuindo para uma profunda desarticulação entre o que se pretende para o ensino de boa qualidade e o que efetivamente acontece nas escolas. Dentre essas características, algumas se referem ao que é ensinado e outras a como esse conteúdo é ensinado. Em relação ao primeiro grupo, é importante destacar que o conteúdo previsto para cada série é muito extenso, envolvendo a abordagem de um número muito grande de conceitos, na maioria das vezes apresentados de forma não articulada. Com freqüência, verificamos um excesso de formalismo, privilegiando-se classificações, muitas delas em completo desuso na ciência contemporânea. As teorias não são apresentadas de forma articulada com os fenômenos, experimentos e aplicações e são, normalmente, desvinculadas de uma discussão epistemológica e histórica. As implicações sociais, tecnológicas e ambientais das ciências não são enfatizadas. Tudo isto leva a uma compreensão distorcida e fragmentada da natureza da ciência. Em relação ao segundo grupo de características - como se ensina - é importante ressaltar que a metodologia centra-se, na maioria dos casos, em um modelo de transmissão/recepção, no qual o aluno é considerado tábula-rasa e tem um papel passivo no processo de ensino e aprendizagem. Suas idéias informais e sua experiência cultural não são levadas em consideração. Há uma predominância de aulas expositivas. A ausência de experimentação dificulta ou mesmo impossibilita o diálogo teoria-experimento. O professor tende a apresentar a ciência de forma dogmática, como um conjunto de verdades definitivas. Há pouco espaço para dúvidas e questionamentos. A avaliação não visa o processo, mas apenas o produto, centra-se em atividades individuais e é extremamente uniforme, desconhecendo as características pessoais de cada aluno. Os livros didáticos tradicionais disponíveis no mercado - um dos instrumentos fundamentais de trabalho do professor – na maioria das vezes reforçam essas características, o que inviabiliza pensar em mudança no ensino sem se pensar na questão do livro didático. Este quadro tem resultado em uma formação muito deficiente dos alunos e em um retorno pouco significativo para a sociedade. A formação de professores é, talvez, o elo mais importante a ser quebrado numa cadeia que vai do Ensino Fundamental ao Ensino Superior. A nossa experiência evidencia que atividades como cursos de curta duração oferecidos aos professores, sem um acompanhamento subseqüente, têm repercutido muito pouco na prática cotidiana de sala de aula. Aliado a isso, os professores normalmente trabalham de maneira isolada, sem discutirem sua prática com colegas ou profissionais especializados. Tendo em vista o quadro descrito, a partir de 1994 iniciou-se a constituição do Grupo de Educação Química da UFMG que vem se dedicando à pesquisa em ensino e à formação de professores, tanto na formação "pré-serviço" (leia-se disciplinas de ensino do curso de Licenciatura em Química da UFMG) como na formação "em serviço" (neste caso, através do curso de Especialização em Ensino de Ciências do CECIMIG/ FaE-UFMG, do programa FOCO e de outras atividades).

Objetivos

O Programa de Aperfeiçoamento e Formação Continuada de Professores de Química, Física, Biologia e Ciências - FoCo - tem por objetivo capacitar Professores do Ensino Médio e Fundamental para atuarem em sala de aula de forma crítica e reflexiva, em consonância com resultados de pesquisas em ensino de ciências e de acordo com as

---

[1]Coordenador, [2]docentes, [3]pesquisador, [4]bolsistas
Programa de Formação Continuada - FoCo
Número de Registro SiexBrasil: 1844
Área Temática: Educação
Faculdade de Educação
Contatos: 3499-6193

tendências pedagógicas atuais, nacionais e internacionais, para a área. O presente programa dá continuidade e amplia a área de abrangência de um programa anterior desenvolvido no CECIMIG/FaE-UFMG desde 1996 e que envolveu apenas professores de Química e Ciências (FoCo). Atualmente temos 5 turmas distribuídas da seguinte forma: 3 de professores de Química, 1 de professores de Física, 1 de Biologia e outra de professores de Ciências do ensino fundamental.

Metodologia

A equipe executora do Programa FoCo compartilha das preocupações levantadas por estudiosos da questão da formação docente (ver, por exemplo, Nóvoa, 1992; Perrenoud, 1993; Imbernón, 1994). Esses autores acreditam que a formação continuada é uma necessidade para a prática educativa, uma vez que a formação do professor é um processo de longo prazo e que certamente não se finaliza com a obtenção do título de licenciado. Afinal, profissionalmente, o professor vai atuar na coordenação do processo de ensino-aprendizagem, que é complexo e requer conhecimentos e habilidades que não se adquirem no curto período de duração da formação inicial. Os currículos atuais de formação de professores privilegiam um modelo de racionalidade técnica, no qual o professor é visto como um especialista que aplica com rigor as regras que derivam do conhecimento científico e do conhecimento pedagógico na sua prática cotidiana de sala de aula. Nesse modelo, a prática pedagógica é totalmente redutível aos princípios científicos. A prática não é vista como fonte de conhecimento, mas apenas como o local onde esses princípios podem ser aplicados na resolução de problemas (Nóvoa, 1992). O modelo alternativo que estamos implementando nas práticas do FoCo está fundamentado no chamado modelo da racionalidade prática, que vem conquistando um espaço cada vez maior na literatura especializada. Nesse modelo, o professor é visto como um prático autônomo, que reflete, toma decisões e cria durante sua ação pedagógica, a qual é entendida como um fenômeno complexo, singular, instável e carregado de incertezas e conflitos de valores. De acordo com essa concepção, a prática não é apenas locus da aplicação de um conhecimento científico e pedagógico, mas espaço de criação e reflexão, onde teorias e conhecimentos são gerados, mesmo que implicitamente. O trabalho do professor, segundo esse modelo, é essencialmente um trabalho prático cujo aprendizado passa necessariamente pela transferência de competências práticas, por meio de atividades supervisionadas por profissionais experientes. Outra importante referência para o nosso trabalho são as discussões e os estudos que vêem sendo desenvolvidos nos últimos dez anos, relacionados à formação inicial e/ou continuada de professores de ciências (ver, p. ex., Carvalho e Gil-Pérez, 1995; Pereira, 1996; Menezes, 1996; Maldaner, 1997), onde se destaca o peso da "formação ambiental" nas crenças e práticas dos professores e se aponta para a necessidade de se desenvolver estratégias de formação, "em serviço" e "pré-serviço", que possibilitem aos professores problematizar "visões simplistas" sobre o processo de ensino-aprendizagem, reconhecerem diferentes contribuições da pesquisa em ensino e constituírem espaços coletivos de socialização e problematização/reflexão de suas práticas pedagógicas. É no contexto dessas concepções sobre formação de professores que o FoCo planejou e executou suas ações nos dois primeiros anos de existência do programa. A equipe do FoCo desenvolveu um modelo de formação continuada que prevê o acompanhamento das ações dos professores nas salas de aula. Além disso, o FoCo procura fornecer subsídios para o desempenho do trabalho docente e possibilitar que os professores, em grupos, reflitam sistematicamente sobre as mudanças em sua prática, sobre as dificuldades conceituais e sobre as suas próprias concepções de ensino-aprendizagem de ciências. Professores do ensino médio, que foram formados ao longo desses anos pelo nosso grupo, são responsáveis pela coordenação das atividades semanais das 5 turmas atualmente existentes. A equipe conta, ainda, com a participação de professores pesquisadores e alunos de pós-graduação, que coordenam os trabalhos, realizam investigações, avaliam os resultados alcançados, conduzem reuniões de formação dos professores formadores e eventualmente participam de atividades com as turmas de professores-alunos.

Resultados e Discussão

No início de cada ciclo de dois anos, o FoCo busca realizar uma caracterização dos professores participantes por meio de questionários e entrevistas. A partir dessa caracterização são planejadas outras atividades, além das previstas, que visam, atender algumas das demandas específicas apresentadas pelos professores participantes. A caracterização do grupo e das expectativas permite a elaboração de atividades mais apropriadas para as demandas dentro de cada disciplina. Desta forma, a turma de física elegeu como tema central para organizar os conteúdos do curso a utilização

de atividades experimentais no ensino da física. Este tema é desenvolvido em um eixo horizontal de trabalho e permite uma flexibilização de assuntos (referentes as necessidades imediatas dos professores) que são discutidos transversalmente no decorrer das aulas. Neste sentido a estrutura do curso contempla dois importantes objetivos gerais de um curso de formação continuada de professores: (1) possibilita o acesso dos professores a um espaço de reflexão sobre a produção de pesquisas em educação relativas a um campo de pesquisa em desenvolvimento e (2) promove um canal de comunicação aberto à reflexão sobre a prática pedagógica dos professores. A turma de química optou por trabalhar com o material didático de Química desenvolvido pelo FoCo - realizando as atividades e discutindo os pressupostos teóricos por meio da Assessoria Pedagógica do material, Parâmetros Curriculares e outros textos. A turma de biologia fez Leitura e discussão dos PCN de Biologia no ensino médio. A ênfase da discussão ocorreu em torno da seqüência dos temas de biologia ao longo dos três anos de ensino médio, do excesso de conteúdos e da necessidade de estabelecer critérios de escolhas. Para a turma de ciências, o curso foi planejado e é desenvolvido observando ou representando os fenômenos astronômicos no lugar em que moramos e durante o ano e os fenômenos astronômicos em qualquer latitude da Terra hoje e durante o ano. As atividades são divididas em planejamento, execução e avaliação.

Podutos Gerados

Materiais didáticos: tendo em vista a carência de livros didáticos adequados no mercado editorial, nosso grupo produziu, ao longo dos últimos anos, dois materiais didáticos1 para uso no Ensino Médio. Para que o projeto de formação continuada assegure uma mudança na qualidade do trabalho do professor é fundamental que a prática docente se reestabeleça em novas bases. Esse processo depende da utilização de materiais didáticos que assegurem a participação ativa do aluno, que levem em consideração suas concepções e sua vivência sócio-cultural. Outras características desejáveis nesses materiais incluem a abordagem do conteúdo químico articulando teoria, experimentação e contextos social, tecnológico e ambiental. Os materiais didáticos por nós produzidos apresentam tais características, e têm sido usados como ponto de partida para o trabalho com os professores. Além disso, temos produzido um kit experimental para apoiar o trabalho do professor em sala de aula, tendo em vista que as propostas de ensino discutidas no FOCO envolvem a realização de experimentos em sala de aula e que nem sempre o professor conta com recursos adequados para isso nas escolas. No item referente à execução deste projeto, forneceremos mais detalhes sobre o kit FOCO para o ensino de química.

Conclusão

O FoCo tem procurado discutir e refletir teorias pedagógicas com os professores para que eles possam incorporá-las às suas práticas. O que as pesquisas realizadas pelo próprio programa têm apontado é que mesmo com uma proposta de formação continuada que ocorre por um período de tempo relativamente grande – dois anos –, esse tempo ainda não é suficiente para que todos professores incorporem todas as estratégias sugeridas e as vivenciem em sala de aula. Esse processo parece depender de outras variáveis e se mostra complexo e demorado. O desenvolvimento profissional dos professores parece demandar um esforço contínuo de formação, que se estende por toda a vida profissional.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão e Fundação Vitae

Referências

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de, GIL-PÉREZ, Daniel. Formação de professores de Ciências: tendências e inovações. 2a ed., São Paulo, Cortez, 1995.
IMBERNÓN, Fancisco. La formación y el desarrollo profesional del profesorado: havia una nueva cultura professional. Barcelona, Graó, 1994.
MALDANER, Otávio Aloísio. A formação continuada de professores de Ciências: ensino-pesquisa na escola (Professores de Química produzem seu programa de ensino e se constituem pesquisadores de sua prática.). Campinas, FE/UNICAMP, 1997 (Orientadora: Roseli P. Schnetzler)
MENEZES, L.C. (Org.) . Formação continuada de professores de Ciências São Paulo, Autores Associados/Cortez,

1996 (Coleção “Formação de Professores”)
NÓVOA, Antonio (org) Os professores e sua formação. Lisboa, Publicações Dom Quixote/Instituto de Inovação Educacional, 1992 (Séries “Temas de Educação”)
PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. A formação de professores nos cursos de licenciatura: um estudo de caso sobre o curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, FaE/UFMG, 1996 (Orientadora: Profa. Dra. Lucíola Licínio de C.P. Santos).
PERRENOUD, Phillipe. Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas. Lisboa, Publicações Dom Quixote/ Instituto de Inovação Educacional, 1993 (Séries “Temas de Educação”)

A PESQUISA DE OPINIÃO COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca[1], Ana Maria Simões Coelho, Carmem Lúcia Eiterer, Edna Maria Santana de Magalhães, Ana Cristina Vaz Rezende, Clenice Griffo[2]

Introdução

Concepção e dinâmica de trabalho do PROEF-2: criado em 1986, com o nome de “Projeto Supletivo do Centro Pedagógico”, o “Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos do Centro Pedagógico da UFMG – 2o. Segmento – PROEF-2” compõe hoje, com o “Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 1o. Segmento” e o “Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos”, o “Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da UFMG”1, que oferece a funcionários da Universidade e pessoas da comunidade a oportunidade da escolarização básica, com avaliação no processo e certificado expedido pela escola de Ensino Básico (Cento Pedagógico) da UFMG.. A conquista da autonomia na avaliação dos alunos permitiu (e demandou) a flexibilização da organização curricular, a reflexão sobre princípios dessa organização no contexto da Educação de Pessoas Jovens e Adultas (EJA) e a pesquisa de metodologias e conteúdos, para subsidiar a construção coletiva da proposta curricular do PROEF-2, assumida também como espaço de formação docente e de produção de conhecimento no campo da EJA. A introdução da avaliação no processo foi, assim, o passo decisivo para a consolidação do PROEF-2 na abrangência das três dimensões do trabalho universitário: a formação de profissionais (ensino), a produção de conhecimento (pesquisa) e a prestação de serviço à comunidade (extensão). Essa autonomia possibilita e requer o comprometimento com a proposição de um trabalho pedagógico que procure situar o aluno adulto como sujeito no processo de ensino-aprendizagem, considerando e (re-) significando suas experiências e conhecimentos, idéias e opiniões, resistências e desejos. Constituindo-se como espaço de formação de educadores, o PROEF-2 oferece a seus 26 monitores-professores um Programa Especial de Formação de Educadores de Jovens e Adultos, que integra a vivência como professor em sala-de-aula a outros momentos da experiência docente como: as reuniões semanais das equipes multidisciplinares responsáveis pelas turmas (“Reunião de Turma”); as reuniões semanais dos monitores de uma área do conhecimento escolar com o respectivo coordenador (“Reunião de Área”); os plantões de atendimento individual de alunos; a elaboração das atividades e dos registros detalhados da dinâmica da sala de aula; as leituras, as pesquisas e a participação em cursos e eventos no campo da EJA; e as reuniões mensais de toda a equipe (“Reuniões Gerais”) destinadas à reflexão sobre as especificidades e os desafios da EJA, às questões afetas ao funcionamento geral do PROEF-2 e à integração com os demais projetos do Programa de Educação Básica e com outras experiências de EJA. As aulas para os cerca de 200 alunos (distribuídos em 8 turmas) do PROEF-2, acontecem nas dependências da Escola Fundamental do Centro Pedagógico da UFMG, no período noturno, de segunda a quinta-feira, para que nas noites de sexta-feira toda a equipe de professores e coordenadores participe das Reuniões Gerais ou dos encontros do Programa Especial de Formação de Educadores de Jovens e Adultos. A adoção de uma semana letiva com menor número de aulas não é incomum em programas de EJA, e se permite a toda a equipe encontrar-se regularmente, concede também a seus alunos, em geral trabalhadores, uma noite em que possam tratar de seus compromissos com a família, a comunidade, o descanso ou o lazer. Dimensão pedagógica da Pesquisa de Opinião: No início do ano de 2003, o Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – Segundo Segmento foi convidado pelo Instituto Paulo Montenegro e pela Ação Educativa a atuar como pólo do Projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (NEPSO), cujo objetivo é estudar e divulgar possibilidades do uso da pesquisa de opinião nas salas de aula, com finalidades educacionais. Nesse sentido, no âmbito do Projeto NEPSO, desenvolvem-se ações de capacitação de professores e alunos tanto para a elaboração, desenvolvimento e análise de pesquisas de opinião, quanto para sua utilização pedagógica, gerando ou subsidiando trabalhos de natureza inter e trans-disciplinar.

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenadoras
Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos/Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – Segundo Segmento
Número de Registro SiexBrasil:
Área Temática: Educação
Faculdade de Educação/Centro Pedagógico, Instituto de Geociências e Pró-Reitoria de Recursos Humanos
Contatos: mcfrfon@uai.com.br e (31) 3499-5329/6202

A participação do PROEF-2 no Projeto NEPSO é favorecida pelos modos de organização do trabalho escolar, pois estes já prevêem o desenvolvimento de projetos especiais com seus alunos e professores monitores; mantêm de forma institucionalizada e privilegiam espaços de formação docente; e consideram como uma de suas responsabilidades a produção de conhecimento no campo da Educação de Jovens e Adultos. No que tange à organização dos tempos escolares, o PROEF-2 tem procurado compor seus horários de forma a reservar espaço e assim garantir a realização de projetos interdisciplinares e oficinas de temáticas diversas, bem como a abordagem das disciplinas escolares. As oportunidades de acesso à produção de conhecimento e ao conhecimento produzido, proporcionadas pela vida acadêmica, têm criado em professores e alunos o hábito da pesquisa e da busca de novos temas e recursos para tratá-los; mas é a garantia e a incorporação dos momentos e da atitude reflexiva na rotina do trabalho escolar, como parte integrante do currículo, que confere consistência às investigações e legitima o conhecimento produzido através delas. Nessa perspectiva, reconhecendo a relevância de se contemplar a pesquisa de opinião no trabalho com os alunos da Educação de Jovens e Adultos, primeiramente por sua freqüente menção nos meios de comunicação e sua importância em processos de tomada de decisão de ordem política (tanto das decisões políticas de cada cidadão como no campo das políticas públicas), comercial ou mercadológica e estratégica, mas também acreditando nas possibilidades pedagógicas do desenvolvimento de pesquisas de opinião no âmbito ou como geradoras de projetos pedagógicos trans-disciplinares, coordenadores e monitores professores do PROEF-2 decidiram aceitar o convite que nos foi formulado, na perspectiva de configurá-lo não somente como uma oportunidade de capacitação de professores em formação ou de aplicação de uma metodologia de trabalho pedagógico, mas também lhe conferindo um caráter de pesquisa acadêmica.

Objetivos

Fundamentar, construir e avaliar alternativas para o desenvolvimento de atividades e propostas pedagógicas que articulem diversas áreas de conhecimento e trabalhem numa perspectiva de formação mais integrada na Educação de Jovens e Adultos; analisar possibilidades da pesquisa de opinião como um recurso pedagógico mobilizado no desenvolvimento de projetos interdisciplinares voltados para esse público; desenvolver, junto aos coordenadores, monitores professores e alunos do Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 2º. Segmento (PROEF-2), estudos sobre metodologias de pesquisa de opinião e sobre experiências de sua utilização no espaço escolar, para subsidiar uma proposta de trabalho que contemple esse tipo de pesquisa como recurso pedagógico, na Educação de Jovens e Adultos; e propor, promover, acompanhar e avaliar experiências de projetos interdisciplinares que envolvam elaboração, realização, análise e divulgação de pesquisas de opinião pelos alunos do Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 2º Segmento.

Metodologia

Foram desenvolvidos, primeiramente, estudos teóricos e análises de experiências envolvendo a Pedagogia de Projetos, particularmente em iniciativas de Educação de Jovens e Adultos. Esses estudos foram confrontados com as experiências já realizadas no PROEF-2 e com a reflexão que temos procurado sistematizar acerca da proposta curricular deste Projeto e para a EJA, de uma maneira geral. Esse trabalho foi realizado com a participação dos coordenadores e monitores do PROEF-2. Também foram compostas quatro equipes interdisciplinares, formadas por monitores das áreas de ciências, geografia, história, matemática, pedagogia e português e um professor-coordenador. Cada equipe realizou seus estudos sobre a metodologia das pesquisas de opinião e discutiu as possibilidades de realização de trabalhos que envolvessem pesquisa dessa natureza com uma ou com as duas turmas do PROEF-2 que estão sob sua responsabilidade. A equipe elaborou as estratégias de proposição dos trabalhos a seus alunos e de participação deles na escolha do tema, enfoque, grupo de interesse, etc. A equipe desenvolveu o trabalho com sua(s) turma(s) contando com um fórum para discussão do andamento dos trabalhos restrito à própria equipe (reuniões semanais de turma) e com um fórum de discussão ampliado, do qual participaram as quatro equipes e representantes dos alunos (reuniões gerais mensais). As discussões que ocorreram nas reuniões de turma foram, em alguns casos, registradas em áudio ou através de apontamentos. Estes registros subsidiaram a elaboração de relatórios de cada um desses encontros. As reuniões gerais em que se debateram questões relacionadas ao desenvolvimento do Projeto NEPSO foram gravadas em áudio para a produção de relatório e análise detalhada. Os resultados dos projetos das turmas serão divulgados por diferentes tipos de mídia, à escolha do grupo de alunos

e monitores. Haverá, entretanto, um seminário de apresentação de todos os trabalhos, que será gravado em vídeo. Coordenadores, professores monitores e alunos participarão da elaboração de um questionário de avaliação da experiência, utilizando-se dos conhecimentos adquiridos e/ou construídos, nesse processo, sobre pesquisa de opinião. Toda a experiência, seus registros e os resultados dos questionários de avaliação serão analisados pelas equipes e pelo fórum ampliado das Reuniões Gerais. Será elaborado relatório analítico de todo o processo, o qual será disponibilizado pelo Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEJA), da Faculdade de Educação, e subsidiará a produção de trabalhos para apresentação em eventos acadêmicos e de formação de educadores.

Resultados e Discussão

Princípios e condições da construção de uma proposta curricular integradora: a concepção da proposta pedagógica do PROEF-2 sempre procurou pautar-se em princípios segundo os quais o conhecimento da realidade dos alunos e do seu percurso cognitivo são condições essenciais para o processo educativo. Além disso, o trabalho educativo deveria ser assumido como uma construção coletiva que supõe, portanto, o envolvimento responsável de educadores e educandos e a integração entre as diferentes áreas do conhecimento. O propósito da construção coletiva do trabalho pedagógico, que sempre consideramos fundamental neste Projeto, foi conquistando e amadurecendo espaços de realização, num processo por meio do qual fomos redimensionando a influência dos parâmetros ditados pelos programas oficiais propostos para as séries e disciplinas curriculares da escola dita “regular” e conferindo centralidade à preocupação com a trajetória de cada turma, com sua dinâmica própria, definida pelas contribuições individuais dos sujeitos (professores e alunos) que as compõem e pelas relações que se estabelecem na convivência entre eles, propiciadas e mediadas pelas situações de ensino-aprendizagem. Esse deslocamento dos focos – da série para a turma, das disciplinas para uma proposta pedagógica integrada – supõe, entretanto, um conjunto de condições de ordens diversas, que passa pela negociação com as expectativas dos alunos, a disposição e a disponibilidade dos professores, a flexibilidade na organização dos tempos escolares, o acesso a recursos pedagógicos teóricos e práticos que compartilhem dos mesmos princípios educativos, e a legitimidade conferida por um processo de avaliação contínuo e responsável. Nesse sentido, o PROEF-2 conta com uma estrutura de certa forma privilegiada. Com efeito, embora alguns de seus alunos não raro reivindiquem um tratamento dos conteúdos escolares que corresponda à sua representação de escola (em geral inspirada pelo desenho da escola tradicional), o fato de procurarem um projeto da Universidade, cujo funcionamento e propósitos lhes são explicados logo no primeiro contato, no processo de seleção, atesta uma certa boa-vontade para com as “inovações” que o PROEF-2 venha a propor e os compromete com sua avaliação e aperfeiçoamento. Organização dos conteúdos e inserção das áreas de conhecimento: as atividades de ensino que se processam regularmente no PROEF-2 organizam-se ainda em torno das cinco disciplinas curriculares (Ciências, Geografia, História, Língua Portuguesa e Matemática), com uma distribuição eqüitativa de suas cargas horárias e uma preocupação constante de lhes conferir, sempre que possível, um tratamento interdisciplinar. Entretanto, a tendência a um afastamento progressivo dos parâmetros da escola tradicional é inevitável, à medida que pretendamos trabalhar na perspectiva de construir um espaço de EJA em que seja possível vivenciar uma experiência escolar significativa em si mesma, na qual o aluno adulto possa apropriar-se de ou re-elaborar conhecimentos que justifiquem chamar de “fundamental” esse nível de ensino. A adoção da vertente crítica nas áreas de conhecimento, mas, principalmente, a concepção de um trabalho que envolve sujeitos adultos – com experiências profissionais, de migração, de constituição e rompimento de laços afetivos e familiares, de opções religiosas e políticas assumidas – têm-nos obrigado a, no mínimo, rever a organização dos conteúdos, como uma primeira resposta à preocupação de re-significar as disciplinas escolares. Esse exercício de revisão de prioridades, de reordenamento de seqüências, de supressão e inclusão de temas, de deslocamento dos focos ou redimensionamento de instâncias de contextualização, apesar de não conseguir transgredir a concepção disciplinar dos processos de ensino escolar, não se configura, entretanto, como uma tarefa trivial, em função, principalmente, do peso das abordagens tradicionais na formação escolar prévia dos monitores professores, dos coordenadores e dos próprios alunos adultos. Desse modo, a reorganização dos conteúdos tem sido assumida pelos professores, pelos alunos e pela coordenação como um primeiro passo, viável e imprescindível no processo de superação da concepção disciplinar da organização dos conhecimentos escolares. As discussões em torno dessas tentativas de reorganização têm, de fato, proporcionado aos estudantes de Licenciatura, aos educandos adultos e aos professores universitários momentos muito férteis, e com freqüência dramáticos, de questionamentos, não apenas circunscritos

a um tópico em particular, mas que atingem estruturas fundantes do corpo de conhecimento e de sua inserção no processo de escolarização em geral, na EJA, e no trabalho específico de uma determinada turma. Experiências trans-disciplinares: embora o trabalho no PROEF-2 ainda mantenha uma proposta fortemente marcada pela perspectiva disciplinar da organização do saber, desde muito cedo, procurou-se inserir na dinâmica deste Projeto oportunidades em que se transgrediam e se transcendiam os limites dessa perspectiva. Estas incluíram, inicialmente, "atividades extra classe", tais como idas ao teatro e ao cinema e visitas a museus e exposições, o que representava, acima de tudo, a conquista de novos espaços e outras opções de acesso a bens culturais e de lazer. Posteriormente passamos a realizar, em domingos ou feriados, os chamados "trabalhos de campo", que se desenvolviam em torno de visitas a parques, grutas ou cidades históricas. Na tentativa de avançarmos na adoção de práticas não restritas à abordagem disciplinar, reorganizamos os tempos escolares e propusemo-nos à realização de projetos trans-disciplinares, desenvolvidos pelas equipes de monitores com as turmas sob sua responsabilidade a partir de grandes temáticas discutidas por todos ou de demandas específicas forjadas nas trajetórias de cada turma. A cada semestre, elege-se uma temática geral, cujo enfoque e abordagem são definidos pelas turmas conforme seu interesse. A dimensão que o trabalho com os projetos trans-disciplinares vem assumindo na proposta pedagógica do PROEF-2 tem gerado reflexões sobre sua incorporação de maneira mais orgânica em nosso currículo. Nas avaliações, questionam-se os limites do período de sua realização e uma certa timidez no estabelecimento dos vínculos entre o que se realiza no âmbito dos projetos e o desenvolvimento das disciplinas. O interesse e a disposição da equipe do PROEF-2 na utilização da pesquisa de opinião como instrumento pedagógico insere-se nesse contexto de experiências que nos têm permitido avançar, de diferentes maneiras, na direção não apenas de uma integração cada vez maior entre os conteúdos escolares tradicionais, mas também da realização de um trabalho docente mais coletivo e solidário. A pesquisa de opinião configurou-se, no conjunto das tentativas já experimentadas por nós, como um tipo especial de projeto trans-disciplinar, para cuja implementação pudemos utilizar parte da experiência já acumulada por nós sobre a utilização da Pedagogia de Projetos, acrescida da experiência de profissionais do Instituto Paulo Montenegro, que ministraram, para toda a equipe do PROEF-2, uma oficina sobre a aplicação da pesquisa de opinião como instrumento pedagógico em diferentes contextos escolares no Brasil. Foram realizadas pesquisas de opinião sobre os seguintes temas: volta à escola; violência na escola; hábitos de higiene, hábitos alimentares e informática no dia-a-dia.

Produtos Gerados

O Projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (NEPSO), que se encontra em fase final de desenvolvimento pela equipe do PROEF-2, inclui a elaboração de relatório final descritivo-analítico de cada uma das experiências envolvendo pesquisas de opinião realizadas pelas turmas do PROEF-2, no qual são relatados, detalhadamente, os procedimentos, recursos, dificuldades e soluções adotados em sua realização e analisadas, tais experiências, do ponto de vista de sua contribuição para a proposta de formação humana e da inserção escolar dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Um dos projetos realizados pelos alunos do PROEF-2 foi escolhido para ser apresentado no II Congresso IBOPE UNESCO – A pesquisa que ensina, que será realizado em São Paulo de 04 a 07 de novembro de 2003. Este projeto teve como foco uma pesquisa de opinião sobre o tema da retomada da escolarização por alunos jovens e adultos. Outras realizações ligadas ao Projeto NEPSO incluem: a produção de um material de divulgação das experiências e de sua análise, em versão impressa e/ou em CD-ROM e/ou em vídeo; e, a realização de um seminário para apresentação da metodologia e da análise dos resultados para professores e pesquisadores envolvidos com a Educação de Jovens e Adultos.

Conclusão

A oportunidade de implementarmos, nas turmas do PROEF-2, projetos de trabalho estruturados como pesquisas de opinião representou, para nós, um importante desafio ao acrescentar, às dificuldades inerentes ao trabalho com projetos, as dificuldades próprias desse tipo de pesquisa. Pode-se concluir, por isso mesmo, que se trata de um instrumento muito interessante do ponto de vista pedagógico, não apenas por tratar-se de algo largamente utilizado pelos meios de comunicação em geral para veicular as mais diversas informações, mas principalmente na medida em que requer que todos nós, que o estamos aplicando, nos coloquemos na posição de pesquisadores. A formação do senso crítico passa, em grande parte, justamente pelos caminhos da constituição do conhecimento, pela meta-

cognição, que nos permite apreciar a natureza e o alcance das decisões que é necessário tomar durante todo o percurso, assim como a natureza e a amplitude dos conhecimentos dos quais é preciso lançar mão. As diferentes possibilidades de interpretação dos resultados alcançados são, ainda, uma outra ocasião para discussões muito significativas do ponto de vista da formação do senso crítico. Além disso, ao serem apresentados sob a forma de tabelas e gráficos, esses resultados sintetizam uma grande densidade de esforços de elaboração dos registros e informações que ali estão representados, e isto só fica claro na medida em que nos colocamos na posição de pesquisadores.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão e Instituto Paulo Montenegro.

Referências

ALVES, Nilda. O espaço escolar e suas marcas: o espaço como dimensão material do currículo. Rio de janeiro: DP&A, 1998.
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental – MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais – terceiro e quarto ciclos. Brasília, 1998.
CAVALCANTI, Luciano, FONSECA, Maria C.F.R., LOUREIRO, Leila Maria. Educação de Jovens e Adultos: as implicações das diretrizes curriculares para a avaliação e a formação continuada. In Encontro Pernambucano de Educação Matemática, 5. Garanhuns (PE). Caderno de resumos. p.11. Recife: Sociedade Brasileira de Educação Matemática – Regional Pernambuco/ Universidade Federal de Pernambuco, 2002.
COELHO, Ana Maria S., FONSECA, Maria da Conceição F.R., PEREIRA, Júlio Emílio D. & SOARES, Leôncio Gomes. A elaboração da proposta curricular como processo de formação docente. Alfabetização e Cidadania: Revista de Educação de Jovens e Adultos. Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora no Brasil, n.11, p.75-85,abril, 2001.
DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio & FONSECA, Maria da Conceição F. R. Identidade docente e formação de educadores de jovens e adultos. Educação & Realidade. Faculdade de Educação da UFRGS.Vol.26, n.2.. Porto Alegre, julho/dezembro, 2001.
FONSECA, Maria C.F.R. PEREIRA, Júlio Emílio Diniz., JANNES, Cinthia Elim, SILVA, Laura Portugal da. O significado de um projeto de extensão universitária na formação inicial de educadores de jovens e adultos. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23, 2000, Caxambu (MG). CD-ROM da 23ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, p.1-15. Rio de Janeiro, ANPED,2000 (publicação eletrônica).
FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1975.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
HERNANDEZ, F. & VENTURA, M. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: Artmed, 1998.
MONTENEGRO, Fábio & RIBEIRO, Vera Maria M. (coord.). Nossa escola pesquisa sua opinião – Manual do professor. São Paulo: Ação Educativa; Instituto Paulo Montenegro; Global, 2001.
MOREIRA, Antônio Flávio (org.). Currículos: questões atuais. Campinas: Papirus, 1997.
PERRENOUD, Philipe. Pedagogia diferenciada: das intenções à ação. Porto Alegre: Artmed, 2000.
PORTO ALEGRE. Secretaria de Educação: Em busca da totalidade perdida: totalidade de conhecimento: um currículo em educação popular. Porto Alegre, 1996 (Cadernos Pedagógicos, 8)
TORRES, Rosa M. Que (e como) é necessário aprender? : necessidades básicas de aprendizagem e conteúdos curriculares. Campinas: Papirus, 1994.

PROJETO DE ENSINO FUNDAMENTAL DE JOVENS E ADULTOS – I SEGMENTO - PROEF I

Gladys Agmar Sá Rocha[1]

Introdução

O Presente texto apresenta o histórico e a atual situação do Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 1º Segmento (da alfabetização à 4º Série) PROEF I que compõe, junto com o Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – 2º Segmento e o Projeto de Ensino Médio, O Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da UFMG.. No inicio de 1985 foi constituído um grupo de pesquisas, por professores da Faculdade de Letras e da Faculdade de Educação, com o propósito de desenvolver estudos sobre a aprendizagem da língua escrita um grupo de pesquisa. A partir dos trabalhos desse grupo, foi delineado um Projeto de alfabetização de adultos para funcionários da universidade. Desenvolvido inicialmente na Faculdade de Letras, no período de maio/1985 a agosto/1987, sob a coordenação do Professor Daniel Alvarenga — que assumiu a turma piloto composta por 11 alunos, auxiliado por uma bolsista da graduação. Após essa iniciativa, foram formadas novas turmas e instituído outro projeto de pesquisa – Fundamentação e Proposta para uma Ordenação do Conteúdo da Alfabetização, que tinha como objetivo investigar o papel dos conhecimentos lingüísticos do alfabetizando na construção de seus conhecimentos sobre a escrita. Essa pesquisa foi desenvolvida com o financiamento da Pró-reitoria de Extensão (PROEX) e do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ) de agosto de 1987 a julho de 1990; período após o qual o Projeto deixou de ter continuidade. Em 1993 um novo grupo de pesquisa, que envolvia professores da Faculdade de Educação e da Escola Fundamental do Centro Pedagógico foi formado, com a finalidade dar início ao Curso de Alfabetização de Jovens e Adultos no âmbito do projeto de suplência da Escola Fundamental. Foram concedidas seis bolsas de extensão para estudantes da graduação, mas a proposta não teve continuidade. Em outubro de 1995 foi criado o Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos - PAJA sob a coordenação do Professor Daniel Alvarenga, Maria Helena Starling e Maria da Conceição Fonseca, da Faculdade de Educação e do Grupo de Estudos em Educação de Jovens e Adultos (GEJA) dessa mesma unidade, com o apoio da Coordenadoria de Assuntos Comunitários (CAC), da Divisão de Recursos Humanos(DRH), Departamento de Pessoal (DP), da Pró-reitoria de Administração (PRA). Os alunos envolvidos eram funcionários da UFMG, trabalhadores de empresas prestadoras de serviços a Universidade e pessoas da comunidade externa. A Divisão de Recursos Humanos interviu junto às chefias locais com o intuito de garantir que os funcionários interessados tivessem condições de inserção no PAJA, já que as aulas ocorriam no período da tarde. Foram concedidas seis bolsas de trabalho da Fundação Universitária Mendes Pimentel para os alunos de cursos de licenciatura da UFMG, que se ocupariam das aulas. A proposta prévia, desde então, a capacitação de monitores-professores, referenciadas nas demandas colocadas no decorrer do processo ensino-aprendizagem. A coordenação fazia observações periódicas nas salas de aula, com a finalidade de auxiliar na prática dos estudantes-professores. Das seis turmas, quatro funcionavam na FAFICH – Campus Pampulha e as outras duas, na Faculdade de Farmácia, com uma média de cinco alunos por turma. No final de 1997, o PAJA passou a integrar o quadro de Projetos vinculados ao Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação – CEALE. Nesse mesmo ano, em função do falecimento do professor Daniel Alvarenga, uma das monitoras do Projeto foi indicada para desempenhar, em caráter provisório, a coordenação pedagógica na área da alfabetização, sob a orientação da professora Ceres Ribas, diretora do CEALE, ao lado da Professora Maria da Conceição F.R. Fonseca, e da professora Maria Heloisa Alkimim, que assumiu a coordenação geral.

Em 1998, as docentes Maria da Conceição e Maria Heloisa Alkimim tiveram que se afastar das coordenações do PAJA fato, que, aliado à necessidade da instituição de uma coordenação na área de Língua Materna, reiterou a necessidade de instituir novas coordenações. A professora Gladys Rocha, lotada na Escola Fundamental do Centro Pedagógico, assumiu a convite do CEALE, da coordenação do atual NEJA (Núcleo de Educação de Jovens e Adultos) a coordenação da referida área e, também, a coordenação geral do Projeto. Durante o 1º semestre de

[1]Coordenadora
Projeto de Ensino Fundamental de Jovens e Adultos – I Segmento - PROEF I
Número de Registro SiexBrasil: 1854
Faculdade de Educação
Contatos: gladys@fae.ufmg.br e (31) 3499-5334

1999, ocorreram profundas mudanças no Projeto, tanto a nível pedagógico quanto administrativo. Em relação a essa última, merece destaque a implementação de uma estrutura organizacional que permitisse a construção de registros mais sistemáticos acerca de alunos, dos monitores-professores e dos estagiários. Foi nesse momento que o Projeto consegui, através da FUMP, com o apoio da Pró-reitoria de Recursos Humanos, a alocação de uma vaga de bolsista de manutenção não-reembolsável, para o trabalho de apoio na secretária do Projeto. Durante os dois semestres letivos de 1999 foram mantidas duas turmas no prédio da Faculdade de Farmácia, três no Instituto de Ciências Biológicas e uma na Escola Fundamental do Centro Pedagógico da UFMG.. Essas seis turmas, num primeiro momento organizadas tendo em vista a estrutura organizacional do PAJA: duas turmas de alfabetização Inicial (ICB e Farmácia), e quatro de continuidade, voltadas ao desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita (ICB, Farmácia e Escola de Ensino Fundamental do Centro Pedagógico) passaram, no ano seguinte, a ter outra configuração — em 2000, as turmas que funcionavam na Escola de Farmácia foram fundidas em função do pequeno número de alunos e pela necessidade de disponibilizar um(a) monitor(a) para atuar em diferentes turmas e auxiliar os pares no processo de ensino aprendizagem. Desse modo, o PROEF I passou a manter cinco turmas – três no ICB, uma na escola de Farmácia uma no Centro Pedagógico. Em 2001, com o intuito de ampliar as possibilidades de acesso e atender os funcionários da Universidade (principalmente aqueles oriundos do Hospital das Clinicas e da Escola de Engenharia e a comunidade externa, foi implementada uma segunda turma no Centro Pedagógico. A partir do 2º semestre de 2002 uma nova turma, que passou a funcionar na Faculdade de Educação, no horário de 18 às 20h30 foi criada. A criação dessa turma justificou-se pela necessidade de atender a alunos em processo inicial de alfabetização com disponibilidade de estudos somente no período da noite e em decorrência do processo de desmobilização da turma que funcionava na Escola de Engenharia, já que vários alunos estavam inserindo-se em outros grupos, tanto de suas comunidades de origem quanto do próprio Projeto. Ficou definido que, nesse período de transição, a monitora responsável pelo apoio pedagógico assumiria a turma. No 1º semestre de 2003, em decorrência do reduzido números de alunos, ao interesse de centralizar as atividades do Projeto no Campus e à necessidade de voltar a trabalhar com uma monitora no Apoio Pedagógico, a turma que funcionava na Escola de Engenharia foi fechada e seus alunos transferidos para turmas no Campus. Atualmente, o Projeto conta com cinco turmas, duas no horário de 15h30 às 18h, no Instituto de Ciências Biológicas; duas no horário de 18 às 20h30 — uma na Escola Fundamental do Centro Pedagógico e outra na Faculdade de Educação. A quinta turma, também localizada na Escola Fundamental do Centro Pedagógico, funciona no período de 19 às 21h30. No segundo semestre de 2003, em decorrência de suas atividades na conclusão do curso de doutorado e da disponibilidade do então coordenador do CEALE em apoiar o Projeto, o professor e pesquisador do CEALE, Antônio Augusto Gomes Batista, passou a compor, junto à referida professora, a coordenação do Projeto.

Objetivos

Capacitação de profissionais na área da Educação de Jovens e Adultos (EJA), sejam eles professores da Universidade ou estudantes da graduação; alfabetizar e escolarizar (1º a 4º série) jovens e adultos; atender prioritariamente a funcionários da UFMG, interessados na (re)escolarização correspondentes aos quatro primeiros anos do ensino fundamental; e constituir-se em referência para os esforços da alfabetização, leitura e escrita de Jovens e Adultos, através da produção e divulgação de experiências, materiais e pesquisas na área.

Metodologia

As aulas são ministradas por monitores-professores, bolsistas, alunos dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas da UFMG, selecionados pela coordenação, vinculada ao Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação. A enturmação dos alunos é feita de acordo com suas experiências em relação a linguagem escrita mas, considera, também, aspectos relacionados à socialização, horário de trabalho, unidade de origem, entre outros. Até o final do ano 2000, o trabalho era estruturado em três níveis: no primeiro desenvolvia-se um trabalho de iniciação ao processo de alfabetização; no segundo o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita e, no terceiro, buscava-se maior sistematização dos conhecimentos e habilidades em torno dos campos de conhecimento privilegiados e uma preparação para a inserção na escolarização formal. Cada um desses períodos tinha duração variada, conforme as necessidades e/ou possibilidades dos alunos. Atualmente, têm sido empreendidos esforços no sentido de romper com a perspectiva de linearidade inerente a esse modo de organização e de desenvolver

trabalhos em torno de eixos temáticos cujo o enfoque seja significativo para o aluno adulto. Essa perspectiva de abordagem permite, entre outros aspectos, a constante interlocução entre os diferentes campos do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e cálculo. O propósito é, de um lado, possibilitar que o sujeito – Jovem ou Adulto – tenha a possibilidade de (re)construir conceitos e estabelecer reflexões mais sistemáticas em torno de um dado conhecimento de forma articulada e integrada, sem vivenciar uma transposição mecânica da divisão e hierarquização dos saberes, normalmente presente no processo de escolarização regular e/ou mesmo reproduzir a estrutura organizacional do sistema escolar voltado à crianças e adolescentes. No que diz respeito ao processo de formação dos professores-monitores, no início de cada semestre letivo e no decorrer, são organizados encontros de reflexão, avaliação e planejamento com o objetivo de fundamentar a prática pedagógica dos monitores. Semanalmente, os monitores-professores e a coordenação se encontram no CEALE para planejamento e avaliação das atividades pedagógicas a serem desenvolvidas com os alunos e, a partir das demandas geradas, estabelecer uma programação de estudos e reflexões. As tardes de segunda-feira são destinadas a estudos — individuais e coletivos — sobre temas específicos ligados à Educação de Jovens e Adultos e/ou a oficinas de produção e avaliação de temas propostos por monitores ou coordenação.

Resultados e Discussão
O PROEF 1 tem-se configurado como importante espaço de pesquisa para alunos e professores da UFMG e tem recebido, periodicamente, estagiários dos Cursos de Pedagogia e de Cursos de Licenciaturas. O trabalho desenvolvido no Projeto contribuiu, no biênio de 1999/2003, para a produção de dois projetos de pós-graduação em nível Mestrado (Iara Silva Lúcio – 2003 e Edna Campos - 1999), além de ter criado as condições para a construção de dois textos de alunas do Curso de Pedagogia, estudos estes apresentados no COLE/2001. Além de se colocar como um campo de pesquisa, cumprindo o seu papel de incentivar o questionamento sobre as propostas, práticas e concepções político-pedagógicas em Educação de Jovens e Adultos, o PROEF I começa a delinear-se como referencia para outras propostas de trabalho em EJA. Exemplo disso são as constantes interlocuções constituídas com outros grupos e/ou projetos e a demanda de outras instituições no sentido de obter informações sobre o projeto – sua estrutura organizacional, material didático utilizado, proposta de trabalho, entre outros aspectos. O contato com a prática de alfabetização e o processo inicial de (re) escolarização de jovens e adultos no Projeto têm sido fundamentais para a formação dos alunos da graduação, que atuam nessa modalidade de ensino. Além disso, as experiências vividas pelos monitores têm permitido a promoção de cursos na área da leitura, escrita voltados para a formação do educador de jovens e adultos. As discussões têm despertado o interesse na promoção de pesquisas que ex-monitores vêm desenvolvendo nos cursos de Pós-graduação. Ao estender o atendimento a jovens e adultos da comunidade externa da Universidade, o Projeto cumpre uma função social e amplia as possibilidades de intercâmbio de conhecimento e troca de experiências no campo da alfabetização, leitura e escrita em EJA.

Conclusão
Considerando, por um lado, a importância de os envolvidos com a área de educação refletirem sobre aspectos próprios da sala de aula, sobretudo no campo da Educação de Jovens e Adultos – EJA, em que as oportunidades de formação são restritas; e por outro lado, o papel e o significado do domínio de habilidades de leitura e de escrita e da constituição de oportunidades de “ensino” para sujeitos que foram excluídos do processo regular de escolarização, pode-se afirmar que a inserção e investimentos da Universidade nesse Programa representa não apenas uma forma de democratização do ensino mas, também, de ampliação e/ou afirmação de seu compromisso social, tanto do ponto de vista da formação de professores quanto da constituição de oportunidades de (re)escolarização.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão e Pró-Reitoria de Recursos Humanos

(Atenção: ver anexo Proef114.doc, documento Word)

PROJETO BRINCAR: UM DIÁLOGO ENTRE A EDUCAÇÃO FÍSICA E A BRINCADEIRA

Meily Assbú Linhales[1], Cleide Aparecida de Souza[2], Brenda Rios de Faria[3], Aloísio Gomes de Miranda, Fabiana da Silva Silveira, Giovanna Camila da Silva, Larissa Assis Pinho, Rômulo Vieira de Almeida Gomes[4]

Introdução

Este trabalho apresenta a organização do Projeto Brincar como um projeto que integra ensino, pesquisa e extensão no curso de Educação Física da EEFFTO/UFMG. Em atividade desde o ano de 2000, o Projeto possui hoje três campos de desenvolvimento: 1) a constituição de um acervo de brinquedos e brincadeiras; 2) a intervenção caracterizada pela ação extensionista entendida como tempo e espaço de intercâmbio e produção cultural e 3) a pesquisa, que em uma vertente de investigação histórica, busca analisar as relações existentes entre as experiências de brincadeiras vivenciadas pelos sujeitos e as prescrições pedagógicas contidas nos manuais de jogos, brinquedos e recreação. O Projeto Brincar nasceu como uma prática escolar. Inicialmente foi desenvolvido como um projeto interunidades, organizando uma parceria entre o Departamento de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional - EEFFTO e o 1º Ciclo de Escolarização da Escola Fundamental do Centro Pedagógico - CP. Essa estrutura funcionou durante o ano de 2001 quando, semanalmente, os alunos do Curso de Educação Física assumiam - junto com o grupo de professoras do 1º Ciclo do CP - a construção coletiva da experiência de BRINCAR NA ESCOLA. Momento rico para ambas as partes, pelo que anunciou como possibilidades e pelo que fez emergir de tensões e contradições relativas aos fins da escola, à educação de crianças, à organização dos tempos e dos espaços escolares, à linguagem da brincadeira que, com freqüência, subvertia a racionalidade escolar. Por limites institucionais, a parceria não foi adiante e, desde o início de 2002, o formato assumido foi o de um Projeto de Ensino no Curso de Licenciatura em Educação Física. Desde então, o Projeto Brincar busca, fundamentalmente, oferecer aos acadêmicos do Curso de Educação Física, novas estratégias e possibilidades de formação profissional. Pretende estreitar o diálogo entre a Universidade e a Educação Básica, por meio de práticas e ações que sejam capazes de valorizar o brincar no cotidiano escolar de forma intencional, sistematizada e articulada com a produção cultural de jogos e brincadeiras presente em nossa sociedade. Todavia, entende também que as experiências educativas não estão restritas aos sistemas de ensino, podendo ser organizadas em múltiplos espaços sócio-culturais, e no diálogo com diferentes sujeitos. Homens e mulheres, meninos e meninas, das mais diferentes idades, tem sempre algo a nos contar sobre seus brinquedos e brincadeiras. Assim sendo, o Projeto organiza-se hoje como um tempo/espaço interdisciplinar, onde o brincar torna-se a linguagem comum entre diferentes áreas do conhecimento, não sendo propriedade de nenhum campo acadêmico. Tempo/espaço de troca, de construção, de organização coletiva e, principalmente de apropriação e reconstrução da cultura. Tempo/espaço de rupturas e de questionamentos àquela racionalidade científica que hierarquiza, classifica e instrumentaliza a expressão humana. Estruturado como um Projeto de Ensino, o Projeto Brincar envolveu coordenadores e monitores em reuniões sistemáticas de estudo sobre o tema, além de iniciar um levantamento de jogos e brincadeiras que começa a ser organizado em um acervo digitado que esperamos, em breve, poder disponibilizar para professores e alunos interessados na socialização dessas atividades. A divulgação da iniciativa redundou em uma série de convites para realização de ações de caráter extensionista, durante o ano de 2002: encontros semanais com alunos e professores da Escola Municipal Aurélio Pires, participação no projeto "Educação Física na 3ª Idade", realização de oficina para professores do Centro de Educação Infantil - CEI da Regional Pampulha da Prefeitura de Belo Horizonte e participação na programação cultural do Programa de Formação Continuada para Professores de Educação Física da Rede Estadual de Minas Gerais (Convênio Pro-EFE/ EEFFTO e SEE/MG), entre outros. Assim sendo, o Projeto Brincar extrapolou a sua condição de projeto de ensino, configurando-se no ano de 2003 como uma atividade de extensão universitária, que inclui na sua forma de trabalho os princípios de integração ensino, pesquisa e extensão. Nestes termos, esta atividade pedagógica compartilhada apresenta-se como uma possibilidade para a realização de

---

[1]Coordenadora, [2]pesquisadora, [3]bolsista, [4]voluntários
Acervo, Intervenção e Memória
Número de Registro SiexBrasil: 1865
Área Temática: Educação
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

estudos acadêmicos sobre o desenvolvimento humano, a ludicidade e o cotidiano escolar. Também vale destacar que, embora o Projeto tenha "nascido" no Curso de Educação Física, compreendemos a brincadeira como um tema transversal que pode e deve possibilitar o diálogo entre diferentes áreas como pedagogia, psicologia, terapia ocupacional, música, teatro, entre outras. Por certo, não esperamos desse diálogo uma unidade de pensamento. Sabemos que estas diferentes áreas constroem variadas abordagens para a experiência humana com a brincadeira. Assim sendo, consideramos necessário apresentar aqui, ainda que rapidamente, o desenho teórico-conceitual que tem orientado o nosso entendimento do brincar. Brincar é uma aprendizagem e, como toda aprendizagem, uma experiência cultural. É expressão, representação, significação e reinterpretação na e da cultura. Encontramos a brincadeira em diferentes grupos humanos, em diferentes períodos históricos e em diferentes estágios e condições econômicas e sociais. A experiência humana com a brincadeira reinventa os homens e as mulheres, na medida em que se constitui na e pela interação que os mesmos estabelecem com as múltiplas informações do contexto: valores, regras, hábitos, instrumentos e tecnologias. Como nos ensina Vygotsky, "a essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual - ou seja, entre situações no pensamento e situações reais".(1984, p. 118). As brincadeiras têm histórias, tradições e memórias. Brincando, aprendemos os sentidos há muito tempo partilhados e reconstruídos. Dialogamos com o passado, compreendendo-o, fundamentalmente, como experiência coletiva que revela ao mesmo tempo em que esconde, despista, faz-de-conta e imagina... "É por isso que, quando se fala de brincadeira, também se fala em ludicidade. A ludicidade como dimensão humana, é essa humana capacidade de brincar com a realidade: atribuímos permanentes significados às coisas".(Debortoli, 2002, p.82). Nunca brincamos da mesma coisa ou do mesmo jeito, mas curiosamente, nos repetimos nos brinquedos e brincadeiras há muitos séculos.

Objetivos

O Projeto Brincar objetiva, fundamentalmente, reconhecer e afirmar a importância da brincadeira na formação humana e escolar das crianças e para tal pretende: estabelecer parceria entre o Curso de Educação Física da UFMG e o sistema público de educação como possibilidade de ampliação do espaço institucional comprometido com a formação de professores; desenvolver ações e experiências de intercâmbio entre professores das diversas áreas de conhecimento da Educação Básica e alunos de vários cursos da UFMG, em especial das licenciaturas; promover múltiplas metodologias e estratégias de formação de professores que se orientem pela análise crítica e reflexiva da prática pedagógica que realizam; consolidar na Escola de Educação Física mais um espaço institucional de ensino, pesquisa e extensão que tematize as relações entre a Educação Física, a infância e o brincar; conhecer, através da pesquisa histórica, as experiências de brinquedos e brincadeiras produzidas entre as décadas de 20 e 60 do século XX; e pesquisar, organizar e socializar um acervo de jogos e brincadeiras, estruturando-o como um banco de dados.

Metodologia

O Projeto Brincar está inserido entre as ações do Pro-EFE: Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação Física Escolar do DEF/EEFFTO/UFMG. A realização das atividades, bem como o acompanhamento e registro das mesmas, é construído de forma integrada, buscando aproximar a prática docente e a formação de professores de Educação Física. Constituem ações do Projeto Brincar: estudos semanais relativos à temática do brincar; pesquisa e organização de um acervo de jogos e brincadeiras, estruturado em um Banco de Dados; pesquisa histórica que, pela produção de guias de fontes e pelas fontes orais, identifica experiências de brinquedos e brincadeiras produzidas entre as décadas de 20 e 60 do século XX; oficinas/vivências de jogos e brincadeiras realizadas regularmente no Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG e esporadicamente em outros espaços; e desenvolvimento de parcerias com sistemas públicos de ensino e outras instituições educativas interessados em acolher as atividades propostas pelo Projeto Brincar.

Resultados e Discussão

Apresentaremos a seguir, as principais ações realizadas durante o ano de 2003, problematizando as experiências realizadas, bem como a sua perspectiva de continuidade: O acervo: Em nossas práticas realizamos atividades que confirmam a relevância social que o brincar possui. Reconhecemos e afirmamos a importância da brincadeira na

formação humana e escolar das crianças. Em nossas parcerias identificamos uma grande demanda de professores e alunos por brinquedos e brincadeiras que possam ser incluídos no cotidiano escolar e em outros espaços de intervenção pedagógica. Assim, iniciamos um levantamento de jogos e brincadeiras. Todos os participantes do Projeto Brincar são responsáveis por trazer para o grupo suas novas aprendizagens. As brincadeiras são ensinadas, vivenciadas e posteriormente registradas em um acervo digitado. Caracterizando esta organização como um banco de dados, esperamos, em breve, disponibilizá-lo para alunos, professores e brincantes interessados. Interessa-nos fundamentalmente construir um "Acervo de Brincadeiras" onde cada registro, em formato de ficha, expresse a produção cultural presente na brincadeira: com quem, onde e quando aprendemos a brincar, seus modos de praticar, suas variações, construindo, desta forma, a história da brincadeira no Projeto. Essa não é uma tarefa simples. Temos uma abundância de brincadeiras, mas o grande desafio é a descrição. Pretendemos não reproduzir registros que descolam as práticas dos seus contextos de produção. Ao organizar cada ficha, esperamos expressar a história cultural inerente a cada brincadeira, abandonando assim o recorrente modelo dos manuais de recreação e suas "receitas". A intervenção: A principal vertente no desenvolvimento do Projeto Brincar é a intervenção, que não deve ser confundida com uma imposição, mas como um tempo/espaço de intercâmbio, de interação, de busca de novas estratégias e possibilidades. Acreditamos na intervenção como um momento de troca, de construção, onde a possibilidade de vivenciar diferentes experiências nos proporcionam apropriação e reconstrução da cultura de brinquedos e brincadeiras. As práticas e ações do Projeto visam à inclusão do brincar no cotidiano da sociedade, enfatizando a importância da brincadeira na formação humana e escolar das crianças, considerando o brincar como experiência cultural e linguagem, sem distinção de idade, gênero ou condição social. Em nossas oficinas brinca quem quer, embora todos/as sejam convidados/as. Ao organizar os encontros, as brincadeiras são inicialmente propostas por nós e, no desenrolar da experiência compartilhada, nos descobrimos aprendendo mais que ensinando. Portanto, o Projeto Brincar, como um projeto de extensão, tem como um dos seus princípios básicos a intervenção organizada de forma a proporcionar um rico momento de socialização e formação humana e profissional. Acreditando que o brincar pode ser organizado em múltiplos espaços sócio-culturais, surgiu a possibilidade de parceria entre o Projeto Brincar e o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. O Museu recebe diariamente para visitação alunos de escolas públicas e privadas da região metropolitana de Belo Horizonte, sendo que esses têm acesso às exposições temáticas de Mineralogia, Arqueologia, Paleontologia, Química e Física, além de passeios por trilhas na área do Jardim Botânico. Levando em consideração que o Museu é um espaço onde os objetos em exposição são representações e estão impregnados de história e significados sócio-culturais, a ação extensionista do Projeto Brincar no Museu é legítima. Neste espaço, o Projeto atende inicialmente a dois públicos: educadores que participam do curso de formação de professores, "Perspectivas Educativas e Lúdicas do Museu", e grupos de estudantes que visitam o Museu. Nos encontros com os professores, que ocorrem uma vez por mês, discutimos e desenvolvemos práticas de formação docente que tematizem o brincar em sua relação com a educação. E nos encontros com os estudantes, que ocorrem duas vezes por semana, desenvolvemos diferentes práticas e compartilhamos experiências através do brincar. A realização das atividades do Projeto nesta instituição com diferentes grupos escolares, e de diferentes idades, possibilita que os alunos vivenciem novas situações, onde as experiências lúdicas se constituem como aprendizagens significativas. Nossas ações são avaliadas em reuniões periódicas, onde os integrantes do Projeto, junto às coordenadoras do Museu, discutem sobre o andamento da intervenção e suas possíveis ampliações, propondo novas estratégias para a solução de conflitos ou dificuldades que surgem durante a prática. Além do Museu, o Projeto Brincar atuou durante o ano de 2003 em outros espaços. Através de parcerias com sistemas municipais de ensino das cidades de Juatuba (MG) e Machado (MG), foram desenvolvidos cursos de formação de professores da Educação Infantil, onde a temática foi à infância, o brincar e o movimento. Outro espaço de intervenção foi na Semana do Calouro oferecida pela EEFFTO/UFMG e no Programa de Formação Continuada para Professores de Educação Física da Rede Estadual de Minas Gerais (Convênio Pro-EFE/EEFFTO e SEE/MG), onde oferecemos oficinas de brincadeiras para os participantes dos eventos. Para dezembro de 2003 estamos planejando uma ação integrada como culminância do ano de extensão para os projetos da EEFFTO. A pesquisa: O último campo de desenvolvimento do Projeto é a pesquisa. Nossa opção pela perspectiva histórica de investigação significa que, a partir do presente, organizaremos a possibilidade de interrogar o passado. Não para julgar, mas para compreender. "O julgamento é o risco que corremos quando procuramos as 'verdades' fora do tempo em que foram produzidas, ou quando tomamos as ações de homens e mulheres como ilustrações ou

meros acessórios de uma pretensa macro história".(Linhales, 2003, p.16). Com este trabalho que se inicia nosso principal objetivo é conhecer as experiências de brinquedos e brincadeiras produzidas entre as décadas de 20 e 60 do século XX. Nosso propósito é abordar este período a partir de dois caminhos complementares. Um deles é o levantamento e a análise dos manuais de jogos e recreação produzidos na época. Um primeiro levantamento indica que o conteúdo desses manuais é muito diversificado. Alguns são mais teóricos, desenvolvendo conceitos, finalidades e objetivos da recreação. Outros trazem prescrições e conteúdos para o desenvolvimento de aulas. Jogos, brincadeiras, brinquedos cantados e danças folclóricas são algumas destas proposições. Pretendemos também analisar estas fontes em sua materialidade, seus processos de produção e circulação. Sabemos que estamos adentrando um terreno pouco conhecido e ao mesmo tempo muito vasto. Para a investigação, as perguntas que faremos para estes manuais são tão importantes quanto eles próprios. (Lopes e Galvão, 2001). O outro caminho de pesquisa relaciona-se à memória oral. Interessa-nos conhecer sobre jogos, brinquedos, brincadeiras e danças vivenciadas por sujeitos de diferentes faixas etárias. Em especial concentraremos este estudo com pessoas que viveram suas infâncias em Belo Horizonte, na primeira metade do século XX. Pretendemos organizar em vídeo os registros dos depoimentos, pois os relatos do brincar são também corporais, de gestos, expressões, sensações e, principalmente, de partilhas e interações. Sabemos que esta não é uma tarefa simples e que não nos bastará uma filmadora, um roteiro e alguns depoentes. Precisaremos conhecer os caminhos e os desafios que estão colocados para aqueles que escolhem a história oral como método (Lopes e Galvão, 2001; Thompson, 2002). São dois caminhos - dois tipos de fonte, de objeto e de método - os manuais e os depoimentos. No cruzamento e no confronto entre eles pretendemos analisar as relações existentes, ou não, entre a experiência de brincadeiras vivenciadas pelos sujeitos e as prescrições pedagógicas dos manuais. Assim, podemos dizer que a pesquisa histórica no Projeto é matéria prima capaz que enriquece, alimenta e renova a nossa ação ao proporcionar, no contato com a cultura produzida na história, momentos de reflexão, debate e novos conhecimentos.

Produtos Gerados

Produção cientifica: Durante o ano de 2003, participamos de eventos científicos com o propósito de socializar as nossas ações e reflexões: apresentação em Mesa Temática do artigo "Projeto Brincar: acervo, intervenção e memória" no IV Seminário "O Lazer em Debate" realizado pelo CELAR (Centro de Estudos em Recreação e Lazer) na EEFFTO/UFMG.; publicação completa do artigo na Coletânea do evento; realização de dois cursos nas cidades de Juatuba (MG) e Machado(MG), respectivamente nos meses de Junho e Outubro de 2003, com a temática "A Infância, o Brincar e o Movimento". O curso na cidade de Juatuba teve duração de 8 horas e o curso em Machado de 16 horas; aprovação para apresentação de dois pôsteres no XV Enarel (Encontro Nacional de Recreação e Lazer) que será realizado nos dias 19 a 22 de novembro em Santo André (SP), com os títulos: "O Projeto Brincar no Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG" e "Projeto Brincar: Memória de brinquedos e brincadeiras", que representam as vertentes de intervenção e pesquisa do Projeto, respectivamente.

Conclusão

A inserção de acadêmicos do curso de Educação Física em um Projeto assim organizado tem se caracterizado como um relevante tempo/espaço de formação profissional, além de aproximar as nossas estratégias curriculares dos objetivos propostos pelo Programa de Flexibilização Curricular coordenado pela Pró-Reitoria de Graduação - ProGrad/UFMG, e implantado neste ano de 2003 no Curso de Educação Física. O Projeto Brincar atingiu expressiva expansão de suas atividades. Tudo indica que podemos ampliar a atuação no Museu, o que todavia demandaria, inevitavelmente, a ampliação do número de bolsistas, já que a rotina de visitantes ao Museu requer uma presença permanente de monitores, durante toda a semana incluindo os sábados e domingos. Não foi possível materializar este nível de atuação com o atual quadro de monitores do Projeto. Com a ampliação de monitores bolsistas, poderemos também efetivar o nosso projeto "Museu do Brinquedo", enriquecendo a nossa intervenção e aumentando os espaços e as práticas de interação com o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG.. Cada uma das atividades realizadas confirmou a relevância social desta iniciativa, na medida em que deparamos com uma grande demanda de professores/as e alunos/as por estratégias capazes de favorecer a experiência da brincadeira no cotidiano escolar e para além da escola. Confirmamos no trabalho realizado que o ato de brincar é uma necessidade humana, a necessidade da criação. Nestes termos é também uma arte, expressão estética. É também um direito,

expressão ética que resguarda aos homens e mulheres a possibilidade de se reinventarem permanentemente, atividade fundamental para a constituição de nossa identidade individual e cultural. No âmbito do Projeto Brincar, José Alfredo Debortoli constitui referência orientadora de nossas ações quando propõe "... pensar o brincar a partir de três princípios: o brincar como conhecimento, patrimônio cultural da humanidade; o brincar como linguagem, fonte e processo de significação do mundo; e o brincar como processo de humanização ética e estética". (Idem, p.85). Se estas são as premissas básicas, buscamos realizá-las em nosso fazer cotidiano. Assim sendo, sempre que possível, brincamos muito nos encontros do Projeto. Trazemos as brincadeiras para a roda, brincamos de roda. Trazemos ceram. Trazemos as nossas infâncias, com as alegrias e as tristezas guardadas na memória, contamos nossas histórias. Brincamos para aprender, brincamos para ensinar, brincamos para registrar e socializar, mas, principalmente, brincamos porque gostamos de brincar. "Tarde? O dia dura menos que um dia. O corpo ainda não parou de brincar e já estão chamando da janela: É tarde" (Brincar na Rua, Carlos Drummond de Andrade).

Parcerias
Secretarias Municipais de Educação de Belo Horizonte, Juatuba e Machado.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. Poesia e Prosa. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1992.
BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Cultura – questões da nossa época. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
DEBORTOLI, José Alfredo. As crianças e a brincadeira. In: CARVALHO, SALLES & GUIMARÃES (orgs.) Desenvolvimento e Aprendizagem. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.p.77-88
FANTIN, Mônica. No Mundo da Brincadeira: jogo, brinquedo e cultura na Educação Infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
L. Apesar de você: o brincar no cotidiano na escola. Licere, Belo Horizonte, v. 5, n.1, p.13-22, 2002.
GOUVEIA, Maria Cristina Soares. Infância, Sociedade e Cultura. In: CARVALHO, SALLES & GUIMARÃES (orgs.) Desenvolvimento e Aprendizagem. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.p.13-29.
KISHIMOTO, Tizuko M. Jogos Tradicionais Infantis – O jogo, a criança e a educação. Vozes: Petrópolis, 1993.
KISHIMOTO, Tizuko M. O brincar e qualidade em uma instituição infantil. Licere, Belo Horizonte, v.5, n.1, p.23-32, 2002.
LEITE, Eliane M. Brincar é coisa séria. In: SAYÃO, MOTA & MIRANDA (Orgs). Educação Infantil em debate: idéias, invenções e achados. Rio Grande: Universidade Federal Rio Grande, 1999.
LINHALES, Meily Assbú. Escolarizar o esporte, esportivizar a escola: projetos culturais postos em circulação nas décadas de 1930-1940. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2003. (Projeto de Tese)
LINHALES, M.; WERNNECK, C.; FARIA, B.; SILVA, G.; MIRANDA, A.; SILVEIRA, F.; NAHAS, J.; PINHO, L. e GOMES, R. Projeto Brincar: acervo, intervenção e memória. In: IV SEMINÁRIO "O LAZER EM DEBATE", no 4, 2003, Belo Horizonte. Coletânea: IV Seminário "O Lazer em Debate". Belo Horizonte: CELAR, 2003.p.86-92.
LOPES, Eliane M.T.; GALVÃO, Ana M. História da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
THOMPSON, P. História Oral e Contemporaneidade. Revista História Oral. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral. n.5, p. 9-28, jun/2002.
VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

PROJETO GUANABARA: AVALIAÇÃO 2001/2002

Ana Cláudia Porfírio Couto, Ivana Montandon Soares Aleixo, Maurício Couto[1], Alessandra Rios, Maura Cecília[2]

Introdução

O Projeto Guanabara, parceria entre a Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional e o Instituto Ayrton Senna, iniciou as atividades em 1996, tendo como local de funcionamento a Escola Municipal Maria Mourici Granieri, em Betim, e depois, em 1999, também a Escola Municipal Dom Orione, em Belo Horizonte, recebendo o nome de Projeto Guanabara II – Ensinando e Aprendendo. Em agosto de 2003, o Projeto Guanabara II passou a realizar suas atividades na Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Com a mudança para o campus o projeto passou a oferecer cem vagas para importante população, a de filhos de funcionários da UFMG. Inicialmente, integrante do programa de Esporte Educacional do extinto Instituto de Desenvolvimento do Esporte do Governo Federal, atualmente faz parte do programa de Educação pelo Esporte do Instituto Ayrton Senna, que tem como objetivo dar à população atividades esportivas, artísticas, culturais, educacionais e de manutenção da saúde, com base nos pilares da educação - aprender a ser (competência pessoal), aprender a conviver (competência social), aprender a fazer (competência produtiva) e aprender a conhecer (competência cognitiva) e nos princípios do Esporte Educacional, buscando complementar sua formação, despertando o interesse das mesmas pela sua educação e seu crescimento pessoal, tornando-as pessoas críticas e participativas e conscientes da importância de sua participação na melhoria e no crescimento de sua própria comunidade. Hoje, o esporte tem em seu aspecto global todas as possibilidades de formação do cidadão pleno, resgatando sua auto-estima, seus valores pessoais e comunitários e principalmente conduzindo-o cidadão ao processo de realização no ambiente escolar, familiar e comunitário. É estratégia básica do Projeto Guanabara atingir crianças e adolescentes das camadas mais desfavorecidas e desamparadas da população, na faixa etária dos 7 aos 14 anos; tendo como premissa a Educação Complementar e o desenvolvimento humano. O projeto se desenvolve priorizando a totalidade do indivíduo, possibilitando aos participantes o desenvolvimento pessoal através do fortalecimento da auto-estima, auto-conceito e identidade, tendo como referência o contexto social e cultural da comunidade. O Projeto atua durante a semana no horário contrário ao do ensino formal e conta com o apoio de equipe de 8 coordenadores que é formada por professores do Departamento de Esportes da Escola de Educação Física da UFMG, do CEFET-MG, da rede municipal de Belo Horizonte e 47 monitores que são alunos da UFMG (Pedagogia, Medicina, Odontologia, Belas Artes, Psicologia e Educação Física). A característica básica do Projeto Guanabara é sua atuação interdisciplinar, baseada no trabalho por projetos, ou seja, todas as áreas envolvidas desenvolvem seus conteúdos a partir de um tema que gera um único projeto interdisciplinar. O diferencial do projeto é exatamente essa característica. A maioria dos projetos que trabalham com atividades esportivas complementares à escola não atuam de forma interdisciplinar e com trabalho por projetos. A proposta da interdisciplinaridade atua estabelecendo novo sentido de relacionar saberes e de como realizar a articulação da aprendizagem individual com conteúdos de diferentes disciplinas. Podemos caracterizar a interdisciplinaridade como um intercâmbio, uma troca de “saberes com vista à complementaridade do conhecimento, para melhor explicar os fenômenos na sua totalidade” (Dicionário de sociologia, 2002. P. 213). A interdisciplinaridade é uma tarefa desafiadora e atuar sob sua perspectiva no processo educativo é visualizar a educação como pluridimensional, valorizando os diversos conteúdos comuns e unitários das várias disciplinas, numa simbiose de saberes. Atuar numa postura interdisciplinar não significa apenas acoplar e ajustar conteúdos, mas sim uma mudança de visão profissional, um ajustamento e finalmente uma quebra de barreiras pessoais. A interdisciplinaridade então pressupõe uma relação íntima de diferentes áreas, com seus diferentes profissionais, que têm como objetivo a formação humana, utilizando-se dos seus saberes e do intercâmbio entre eles para atingir o fim maior, a educação. A proposta que inspira os projetos de trabalho está vinculada à

[1]Coordenadores, [2]monitores
Programa de Educação pelo Esporte
Número de Registro SiexBrasil**:** 1846
Área Temática: Educação
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Contatos: acouto@eef.ufmg.br

perspectiva do conhecimento globalizado e relacional. Essa modalidade de articulação dos conhecimentos é forma de organizar a atividade de ensino e aprendizagem, que implica considerar que tais conhecimentos não se ordenam para sua compreensão de uma forma rígida, nem em função de algumas referências disciplinares pré-estabelecidas ou de uma homogeneização dos alunos. A função do projeto é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos para que as relações entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses facilitem aos alunos construir seus conhecimentos e transformar a informação precedente dos diferentes saberes em conhecimento próprio. Atualmente os alunos participam de atividades de Educação Física, Arte-Educação, Capoeira, Apoio Pedagógico e Saúde. Envolvendo todas as áreas se encontra a área da avaliação, que atua levantando a todo tempo índices e indicadores que balizem esclarecimentos e reflexões a cerca de questionamentos feitos e de demandas trazidas o que conseqüentemente facilita a elaboração de estratégias pertinentes aos objetivos do PG e do PEE e contribui para o desenvolvimento e expansão de ambos. A área de Avaliação faz parte do Projeto Guanabara (PG), desde o inicio das atividades do mesmo. Em 1998 realizou-se o primeiro relatório geral de Avaliação. Desde esta época o PG tinha em mente que “o processo avaliativo deve ser contínuo, (...) será o inicio de avaliações constantes, sempre no sentido de melhorar e acertar cada dia mais os rumos do nosso projeto”. Empregando este pensamento temos como resultado o relatório geral de Avaliação 2001/2002. Na realização deste relatório atuou uma equipe constituída do Coordenador Geral e de Avaliação, duas monitoras de Psicologia Social, específicas desta área, e no inicio do trabalho recebeu a colaboração de uma Psicóloga e Psicopedagoga que realizava um trabalho voluntário no Projeto Guanabara. Através de reuniões semanais foram montados instrumentos específicos a serem utilizados com cada um dos públicos alvo. Para a montagem destes instrumentos o projeto baseou-se em Matriz Avaliativa (elaborada anteriormente) que continha perguntas gerais que remetiam aos objetivos do PG. Além das perguntas norteadoras ela contém indicadores (cooperação, gosto pela leitura, gosto pela escrita e outros) que referendavam a construção das perguntas dos instrumentos. Por fim, a Matriz orienta que possíveis fontes de informação ajudariam a buscar dados sobre questões e quais as formas de coleta de dados e análise dos mesmos. Pode-se entender a Matriz Avaliativa como bússola norteadora dos instrumentos que seriam e foram construídos, pois a partir dela é que todo o trabalho de Avaliação 2001 foi elaborado. Somando-se a tudo isto, na Matriz ainda constam quais as amostragens escolhidas, estratégias para a realização de cada etapa avaliativa, cronograma e plano de divulgação dos resultados para cada público interessado. Ainda hoje o paradigma positivista tem espaço na construção científica. Como pressupostos metodológicos ele propõe a objetividade, a experimentação, a neutralidade do observador, a uni-causalidade dos fenômenos e o empirismo. Entretanto, ele vem sendo muito criticado, o que nós também fazemos. Ao vermos as especificidades de nosso objeto de estudo, cremos que ao contrário, acreditamos numa ciência que utiliza parâmetros inversos a estes. Crê-se que “na realidade os fenômenos humanos repousam sobre a multi-causalidade, ou seja, sobre um encadeamento de fatores de natureza e peso variáveis, que se conjugam e interagem. É isso que se deve compreender, estima-se, para verdadeiramente conhecer os fatos humanos” (Laville e Dionne, 1999). Acredita-se na subjetividade do pesquisador e na relação dele com seu objeto de pesquisa. Os profissionais do PG acreditam no trabalho e em na intenção de trabalhar com as crianças seus direitos, deveres, seu senso critico, sua cidadania. Têm concepções sobre o que é mais adequado dentro de uma educação baseada em valores e levam isso para o campo de avaliação, tanto na coleta dos dados como na analise dos mesmos. É dentro da concepção que o pesquisador tem de seu objeto que ele faz sua análise. Crêem ainda que não é possível produzir conhecimento que seja total e acabado. Com isto, querem mostrar que longe deles está a intenção de mostrar que as mudanças que ocorreram (ou não) nos objetos pesquisados devem-se unicamente à influencia do PG.. Há consciência da multiplicidade de fatores que influenciam o público e que é impossível, se objetiva-se a produção de trabalho sério, separar tantas variáveis.

Objetivos

A finalidade principal é a de criar, através do esporte, um meio facilitador e complementar para que os membros das comunidades , os participantes do programa, possam vivenciar ativamente, a construção de sua cidadania, tornando-se então sujeitos de sua própria história.

Metodologia

Os instrumentos de avaliação preparados pelo Projeto Guanabara foram elaborados por uma equipe formada pelo

coordenador de avaliação, duas monitoras específicas de avaliação e uma voluntária da área de Psicopedagogia. O foco da avaliação foi em relação aos resultados, e foram preparados questionários e entrevistas para serem aplicados nas crianças com mais de seis meses de Projeto, nos monitores, na coordenação e nos professores, Coordenação Pedagógica e diretores das escolas parceiras. No caso das crianças em especial, o mesmo instrumento foi aplicado duas vezes, sendo a segunda aplicação cerca de seis meses após a primeira com o objetivo de identificar o impacto do PG neste período. O grupo testava os instrumentos no próprio grupo, exceto o questionário das crianças, que foi aplicado em algumas crianças que tinham menos de seis meses de projeto. Todo o trabalho de confecção do relatório de Avaliação 2001/2002 iniciou-se com a construção da matriz avaliativa. Esta trata-se de uma espécie de esqueleto que norteou a confecção do relatório a partir dos objetivos do PG. A partir de tais objetivos, que dizem respeito a todos os interessados elaboramos cinco perguntas avaliativas gerais, de modo que as respostas para tais perguntas se referiam aos indicadores. Tais indicadores foram colocados a partir das aprendizagens fundamentais dos quatro pilares. Durante a elaboração das entrevistas e questionários que seriam aplicados em cada um dos envolvidos partimos dos indicadores, de modo que cada indicador está contemplando numa pergunta. Na análise das questões abertas utilizamos como procedimento o agrupamento de idéias e palavras-chaves de acordo com os indicadores referentes a cada questão. É importante ressaltar que para cada questão colocada em qualquer um dos questionários, há um ou mais indicadores relacionados a elas e que nem todos os indicadores foram respondidos por todos os grupos pesquisados. Os dados do conjunto de todos os questionários relativos àquele indicador foram agrupados e apresentados nas diferentes visões (diferentes interessados). Os dados foram organizados, a princípio, por cada grupo pesquisado. Num segundo momento organizamos estes dados de acordo com cada indicador avaliado e comparamos as respostas que obtivemos em cada grupo. Assim temos um conjunto de dados por grupo de interessados e outro conjunto de acordo com as perguntas avaliativas e seus indicadores na visão dos diferentes grupos. Os dados quantitativos são apresentados sob a forma percentual e ilustrada por gráficos, acompanhada de uma análise qualitativa do resultado. Os dados qualitativos apresentam citações tiradas das falas dos entrevistados para ilustrar a situação em questão. Foram analisados 509 questionários com mais de 12.000 questões no total. O universo de crianças analisadas representou no primeiro momento 52 % das crianças inscritas no PG.. **(Atenção: ver anexo Guanabara122.doc, documento Word)**

Conclusão

Em relação à pergunta avaliativa que pretendia medir como o PG, através dos pilares, está influenciando na formação das crianças, todos os indicadores apontaram para uma melhora de comportamento ou para a permanência dos bons índices que as crianças já possuíam. Esses indicadores foram: criatividade, saúde das crianças, gosto pela leitura, produção de textos e jogos, interesse em aprender, criticidade, auto-estima e rendimento escolar. Em relação à pergunta avaliativa que pretendia medir como o PG está contribuindo nas relações das crianças com a família, escola, comunidade e o próprio PG, os indicadores de relacionamento familiar e relacionamento com vizinhos e amigos nos mostram uma mudança positiva na visão das crianças, as famílias se dividem entre a melhora e a opção que afirmava que não houve mudança, pois o relacionamento continua bom. Os outros indicadores mostram que a freqüência das crianças na escola sempre foi boa, que elas constroem coletivamente as regras de convivência, apesar de respeitar somente algumas, que elas gostam de realizar tarefas domésticas, que gostam de ajudar as pessoas, que ensinam o que aprendem no projeto para outras pessoas, que acreditam que os valores que aprendem no PG (respeito, solidariedade, cooperação, etc) os ajudam a viver melhor, que as crianças tem boa disposição para trabalhar em equipe, que tomam atitudes protagonistas, que quando podem expressão suas opiniões, que a participação no PG é muito boa e que eles estão valorizando mais a si e ao meio. Em relação à administração de conflitos, os alunos estão divididos entre o diálogo e a agressão para resolver dificuldades encontradas no dia a dia escolar, porém para 71 % dos monitores o PG influencia positivamente o comportamento dos alunos frente a situações de conflito, pois o "PG atua como mediador de problemas e ensina aos alunos o caminho para resolve-los". Em relação à pergunta em que medida o PG está influenciando nas escolas, as respostas nos mostram que a relação projeto / escola é ainda pequena e distante, apesar de estar melhorando. Foram sugeridas mais reuniões para planejamento coletivo de atividades e eventos. Os professores apontaram que têm uma ótima relação com os alunos, que suas metodologias são inovadoras e criativas, e que têm interesse por temas alternativos e projetos pedagógicos. Porém, 39 % não percebem influência do PG nestes quesitos e 33 % acreditam que pode haver sim

algum tipo de influência do PG.. Em relação à pergunta avaliativa a respeito de que medida o PG influencia nas famílias dos alunos, 85,9 % das s afirmaram que algumas coisas que as crianças aprendem no PG são úteis não só para a própria criança, mas também para a família. A conscientização para questões sociais, ambientais e de saúde, o relacionamento família / escola, o relacionamento família / PG e relacionamento com os filhos, são indicadores que demonstram essa influência. Todos esses indicadores tiveram respostas positivas no sentido de melhorar as relações da família. De modo geral as famílias demonstram gostar e saber, pelo menos um pouco, sobre o PG.
Em relação à pergunta avaliativa sobre a contribuição do PG na formação acadêmica e pessoal dos monitores e coordenadores, as respostas nos mostram que 100 % dos monitores e dos coordenadores acreditam que participar do PG contribui para seu crescimento pessoal e profissional. 71,4 % dos monitores pontuam que melhorou o acadêmico e 80,9 % afirmam que passaram a se interessar por outras áreas e temas. Em relação aos coordenadores, 100 % também passaram a se interessar por outras áreas e temas. Quanto à elaboração de trabalhos e projetos acadêmicos, 66,7 % dos monitores responderam que ainda não elaboraram trabalhos e projetos acadêmicos, porém pretendem fazê-lo, já 100 % dos coordenadores responderam que sua produção acadêmica se modificou. Destaca-se a produção de textos e artigos e a influência em tema de mestrado. Recomendações: fortalecer os combinados junto com os alunos; fazer trabalho sistematizado com as crianças sobre administração de conflitos do dia a dia; incentivar a leitura e a escrita; estreitar relações com as escolas parceiras; planejar atividades e eventos juntamente com as escolas; fazer reuniões com professores e coordenadores pedagógicos de cada escola freqüentemente; fortalecer a relação PG/família e o conhecimento que ela tem sobre o funcionamento do mesmo; e dar oportunidade aos monitores de elaboração de trabalhos e projetos acadêmicos.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão e Instituto Ayrton Senna (AUDI)

Referências

CHIANCA, T: Marino, E & Schiesari, L. Desenvolvendo a Cultura de Avaliação em Organizações de Sociedade Civil. . Editora Global: São Paulo, 2001.
COUTO, M. A. et al. Projeto Guanabara - Avaliação do Processo. In: GARCIA, E.S. & LEMOS, K.L.M. (Orgs.). Temas Atuais V em Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Editora Health, 2000. p. 141 - 154.
COUTO, M. A. et al. Metodologia da área de avaliação Projeto Guanabara. In: Apostila de acompanhamento PG 2001 (não publicado)
DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA. Porto Editora, 2002.
ENRIQUEZ, Eugene. A organização em analise. Vozes: Petrópolis, 1997.
LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. A construção do saber-Manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas. Artmed: Porto Alegre, 1999.
MARINO, E. Manual de avaliação de projetos sociais. 1ª edição. IAS: São Paulo, 1997.
STREY, Marlene Neves, et al. Psicologia Social Contemporânea: Livro texto. Vozes: Petrópolis, 1999.

PROJETO GUANABARA: FICHAS DE INSCRIÇÃO COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO

Ana Cláudia Porfírio Couto, Ivana Montandon Soares Aleixo, Maurício Couto[1], Leonardo Breno Martins, Andréa Maia[2]

Introdução

O presente trabalho visa reforçar a idéia da ficha de inscrição como um instrumento de avaliação de um projeto social. O Projeto Guanabara realizou nos meses de agosto e setembro de 2003 uma avaliação das fichas de inscrição com o objetivo de montar um perfil dos alunos que freqüentam o projeto. O perfil dos alunos serve como fundamento para as atividades do projeto. De posse desse relatório, a gestão do projeto repassa essas informações para as áreas, para que elas possam planejar atividades pertinentes ao público atendido. O Projeto Guanabara, parceria entre a Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e o Instituto Ayrton Senna – AUDI, iniciou suas atividades em 26/09/1996, tendo como local de funcionamento a Escola Municipal Maria Mourici Granieri em Betim e no dia 30/08/1999 foi ampliada para a Escola Municipal Dom Orione em Belo Horizonte, recebendo o nome de Projeto Guanabara II – Ensinando e Aprendendo. Em agosto de 2003, o Projeto Guanabara II passou a realizar suas atividades na Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Com a vinda para o Campus, o projeto passou a oferecer cem vagas para uma importante população, a de filhos de funcionários da Universidade. Inicialmente integrante do programa de Esporte Educacional do extinto Instituto de Desenvolvimento do Esporte do Governo Federal, atualmente faz parte do programa de Educação pelo Esporte do Instituto Ayrton Senna, que tem como objetivo dar oportunidade à população atividades esportivas, artísticas, culturais, educacionais e de manutenção da saúde, com base nos pilares da educação - aprender a ser (competência pessoal), aprender a conviver (competência social), aprender a fazer (competência produtiva) e aprender a conhecer (competência cognitiva) e nos princípios do Esporte Educacional, buscando complementar sua formação, despertando o interesse das mesmas pela sua educação e seu crescimento pessoal, tornando-as pessoas críticas e participativas e conscientes da importância de sua participação na melhoria e no crescimento de sua própria comunidade. A finalidade principal é a de criar, através do esporte, um meio facilitador e complementar para que os membros das comunidades, os participantes do programa, possam vivenciar ativamente, a construção de sua cidadania, tornando-se então sujeitos de sua própria história. Entendemos hoje, que o esporte tem em seu aspecto global todas as possibilidades de formação do cidadão pleno, resgatando sua auto-estima, seus valores pessoais e comunitários e principalmente conduzindo este cidadão ao processo de realização no ambiente escolar, familiar e comunitário. É estratégia básica do Projeto Guanabara, atingir crianças e adolescentes das camadas mais desfavorecidas e desamparadas da população, na faixa etária dos 07 aos 14 anos; tendo como premissa a Educação Complementar e o desenvolvimento humano.

O projeto se desenvolve priorizando a totalidade do indivíduo, possibilitando aos participantes, o seu desenvolvimento pessoal através do fortalecimento da auto-estima, auto-conceito e identidade, tendo como referência o contexto social e cultural da comunidade. O Projeto atua durante a semana no horário contrário ao do ensino formal e conta com o apoio de uma equipe de 8 coordenadores que é formada por professores do Departamento de Esportes da Escola de Educação Física da UFMG, do CEFET-MG, da Rede municipal de Belo Horizonte e 47 monitores que são alunos da UFMG (Pedagogia, Medicina, Odontologia, Belas Artes, Psicologia e Educação Física). A característica básica do Projeto Guanabara é sua atuação interdisciplinar, baseada no trabalho por projetos, ou seja, todas as áreas envolvidas desenvolvem seus conteúdos a partir de um tema que gera um único projeto interdisciplinar. O diferencial do projeto é exatamente essa característica, a maioria dos projetos que trabalham com atividades esportivas complementares à escola, não atuam de forma interdisciplinar e com trabalho por projetos.

---

[1]Coordenadores, [2]monitores
Programa de Educação pelo Esporte
Número de Registro SiexBrasil: 1846
Área Temática: Educação
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Contatos: acouto@eef.ufmg.br

A proposta da interdisciplinaridade atua estabelecendo um novo sentido de relacionar saberes e de como realizar a articulação da aprendizagem individual com conteúdos de diferentes disciplinas. Podemos caracterizar a interdisciplinaridade como um intercâmbio, uma troca de "saberes com vista à complementaridade do conhecimento, para melhor explicar os fenômenos na sua totalidade" (Dicionário de sociologia, 2002. P. 213). A interdisciplinaridade é uma tarefa desafiadora e atuar sob sua perspectiva no processo educativo é visualizar a educação como pluridimensional, valorizando os diversos conteúdos comuns e unitários das várias disciplinas, numa simbiose de saberes. Atuar numa postura interdisciplinar não significa apenas acoplar e ajustar conteúdos, mas sim uma mudança de visão profissional, um ajustamento e finalmente uma quebra de barreiras pessoais. A interdisciplinaridade então pressupõe uma relação íntima de diferentes áreas, com seus diferentes profissionais, que têm como objetivo a formação humana, utilizando-se dos seus saberes e do intercâmbio entre eles para atingir o fim maior, a educação. A proposta que inspira os projetos de trabalho está vinculada à perspectiva do conhecimento globalizado e relacional. Essa modalidade de articulação dos conhecimentos é uma forma de organizar a atividade de ensino e aprendizagem, que implica considerar que tais conhecimentos não se ordenam para sua compreensão de uma forma rígida, nem em função de algumas referências disciplinares pré-estabelecidas ou de uma homogeneização dos alunos. A função do projeto é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos para que as relações entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses facilitem aos alunos construir seus conhecimentos e transformar a informação precedente dos diferentes saberes em conhecimento próprio. Atualmente os alunos participam de atividades de Educação Física, Arte-Educação, Capoeira, Apoio Pedagógico e Saúde. Envolvendo todas as áreas se encontra a área da avaliação, que atua levantando a todo tempo índices e indicadores que balizem esclarecimentos e reflexões a cerca de questionamentos feitos e de demandas trazidas o que conseqüentemente facilita a elaboração de estratégias pertinentes aos objetivos do PG e do PEE e contribui para o desenvolvimento e expansão de ambos. É importante destacar que lidamos tanto com dados quantitativos quanto qualitativos, o que nos cobra um conhecimento e consideração com a realidade de nossas crianças não só no dia-a-dia do Projeto Guanabara, mas também na própria família, na escola e na comunidade da qual fazem parte. Um projeto social merece ser avaliado para buscar o melhor caminho para atingir os objetivos propostos. A avaliação de projetos sociais enfrenta problemas por questões relativas aos objetivos de se avaliar. Durante muito tempo a avaliação foi taxada como punição, uma tarefa que não trazia nenhum benefício para os executores além de ser imposta por alguém hierarquicamente superior. Hoje há uma mudança significativa de paradigma de avaliação. Percebe-se a sua importância como instrumento capaz de re-orientar os caminhos traçados pelo projeto, ou seja, instrumento de re-planejamento que visa contribuir para o bom andamento do projeto. Entendendo o significado do verbo avaliar (estimar, determinar o valor, a importância de apreciar o mérito de) e voltando o olhar para toda a extensão da ação humana damo-nos conta de que esta prática é um componente (consciente ou inconsciente, sistematizado ou não estruturado) de todas elas. O melhor sentido da avaliação é quando ela é utilizada como meio de melhorar os projetos existentes, aprimorar o conhecimento sobre sua execução e contribuir para seu planejamento futuro, tendo como pano de fundo sua contribuição aos objetivos institucionais. Neste sentido, Reis (1999) afirma que a avaliação "é um exercício permanente e, acima de tudo, comprometido com as repercussões de um projeto ao longo de sua realização". Avaliar um projeto social é uma tarefa nova e provocadora. A dificuldade de se implementar uma avaliação encontra-se na história da avaliação, com sua concepção punitiva, e no planejamento muitas vezes pouco mensurável de um projeto social. Mokate (2000) mostra que nas últimas décadas as avaliações feitas em setores sociais são, via de regra, ações de fiscalização, auditoria ou controle externo. A avaliação assim representa um processo fiscalizador e não um aliado da gestão. Além disto, muitas vezes são realizadas ex-post, não havendo mais possibilidade de reação ou ajuste por parte da equipe gestora. Para Reis (1999) é necessária "a criação de uma cultura institucional onde a avaliação não paire como ameaça, mas seja encarada como um aspecto que auxilia na tomada de decisões que beneficiem tanto a organização quanto outros atores envolvidos nos projetos". A avaliação de projetos é tema extenso, prestando-se a várias abordagens, principalmente quando se trata de projetos sociais. Reis (1999) afirma que "de maneira implícita ou explícita, sempre realizamos algum tipo de avaliação, ou mais precisamente, algum julgamento de valor sobre um projeto. A partir de tal julgamento, tomamos decisões a respeito de sua continuidade, modificações, ou mesmo sobre sua extinção. A forma como isto é realizado é que faz diferença quando se trata de tomar decisões a respeito de projetos existentes". A partir desses aspectos Buvinichi cita um consenso existente em relação à avaliação de projetos sociais que orienta a mesma para "verificar e analisar a

pertinência ou relevância da intervenção, a sua eficácia (ou efetividade) no alcance dos objetivos e metas (efeitos), a eficiência (econômica e financeira), o impacto gerado e a sustentabilidade”. (Buvinichi, 1999). Chianca, (2001) afirma que “uma avaliação pode ter todos os méritos em termos de qualidade técnica: excelente desenho, perfeitos processos de coleta, análise e interpretação de dados, porém se os resultados desta avaliação não servirem para promover mudanças que melhorem de alguma forma o programa, ela terá deixado de cumprir seu papel fundamental.”. Considerando todos estes pontos, a metodologia da avaliação deve ser um processo de discussão, produção, elaboração e re-elaboração de instrumentos que orientam o trabalho. “É preciso uma concepção totalizante da avaliação que busque apreender a ação desde a sua formulação, implementação, execução, resultados e impactos. Não é uma avaliação apenas de resultados, mas também de processos. Não é uma avaliação apenas que mensure quantitativamente os benefícios ou malefícios de uma política ou programa, mas que qualifica decisões, processos, resultados, impactos” (Carvalho, 1998). Mokate (2000) afirma que a avaliação não é um fim em si mesma, ela tem que gerar informações úteis para os executores, portanto é parte do processo de gestão. Afirma ainda que a natureza dos projetos sociais incide sobre as condições de desenvolvimento das pessoas como indivíduos, membros de família e/ou cidadãos. Essa característica é sensível a condicionantes culturais, econômicos, sociais, laborais, entre outros, o que afeta o resultado da ação. A teoria acadêmica nos mostra que há um certo consenso no ponto de vista acadêmico sobre a importância da avaliação. A justificativa dessa importância também tem seguido o mesmo caminho em diferentes textos. O que parece não ter consenso é como avaliar. É como colocar em prática a teoria expressa nos textos. Para iniciarmos as atividades do projeto é importante conhecermos nossas crianças. Eis a primeira tarefa da avaliação: formular uma ficha de inscrição que contenha além dos dados pessoais da criança, dados que permitam um diagnóstico da nossa população alvo.

Objetivo
Elaborar o perfil dos alunos que freqüentaram nos meses de agosto e setembro de 2003 o Projeto Guanabara.

Metodologia
Nos meses de agosto e setembro de 2003, realizamos um estudo dessas fichas para verificarmos as condições de nossas crianças atuais. Foram utilizadas todas as fichas que compõem os arquivos de matrículas válidas nos nesses meses, de forma que o universo de dados equivale ao universo total e é representativo deste período. O relatório segue de forma aproximada a disposição de tópicos da referida ficha de inscrição e pretende ser o mais fiel possível aos dados de origem, cabendo-nos destacar de forma explícita as inferências e análises. Muitos dos temas adiante são de natureza qualitativa e outros tantos tiveram seu valor estatístico corrompido por um significativo número de fichas com preenchimento incompleto ou mesmo incorreto. Além do mais, o quadro de alunos sofre mudanças semanalmente. Tudo isto nos impele a considerar mais adequadamente os resultados obtidos como indicadores de tendências e não como expressão de verdades absolutas. Os itens de natureza qualitativa foram expostos e analisados tendo como referência a reincidência de termos e sinônimos, havendo a preocupação de expô-los literalmente e entre aspas, da melhor maneira possível (mudando apenas ao flexibilizar os termos quanto ao gênero e número, para que ficasse coerente na frase). Tendo em vista a amplitude e variabilidade das respostas, assim como o uso pessoal que cada entrevistado faz de uma ou outra expressão, justifica-se o agrupamento de respostas em termos aproximados, usando exemplos típicos de expressões presentes nos formulários. A amostragem foi de 100% das fichas de inscrição dos alunos que freqüentaram o Projeto nos meses de agosto e setembro.

Resultados e Discussão
Total de alunos: 378
Idade: 07 a 14 anos
Sexo:
Masculino: 55,8 %
Feminino: 44,2 %
Com quem a criança mora:
Ambos os pais: 68,5 %
Somente com o Pai: 0,8 %

Somente com a Mãe: 21,9 %
Parentes(avó,tia): 6,3 %
Casa lar: 1,8 %
Informação ausente: 0,7 %
Quantas pessoas trabalham na casa
1 pessoa: 49,7 %
2 pessoas: 27,2 %
3 ou mais pessoas: 2,6 %
Não responderam: 7,9 %
Lar voluntário: 1,8 %
Bolsa: 0,5 %
Aposentadoria: 0,8 %
Ninguém: 4,4 %
Informação ausente: 4,7 %
Qual a Renda Familiar: (em salários mínimos)
0 – 1: 21,6 %
1 – 2: 30,1 %
2 – 3: 10,3 %
3 – 4: 7,1 %
4 - +: 12,1 %
Informação ausente: 8,2 %
Lar voluntário: 1,8 %
Bolsa Auxílio: 0,2 %
Como é a criança em casa:
Tranqüilas, boas, calmas, alegres, prestativas, amável, comportadas: 49,7 %
Ativo, agitados, levado, rebelde, agressivos, malcriados, sistemática: 31,4 %
Normais, bem: 2,6 %
Preguiçosa: 0,7 %
Tímidos: 2,1 %
Informação ausente: 13,2%
Como a criança é na escola:
Gosta da escola, bons alunos: 65,6 %
Não gosta da escola: 7,9 %
Problemas na aprendizagem: 10,3 %
Não fazem tarefas: 4,4 %
Brigam, bagunceiros: 3,7 %
Informação ausente: 1 %
Informações desencontradas: 6,8 %
Apresenta problemas de saúde:
Sim: 8,9 %
Não: 47,8 %
Informação ausente: 43,1 %
Sim, tipo: alergias, obesidade, sinusite, bronquite, dentre outros.
Por que entrou no projeto:
Praticar atividades esportivas e socialização: 22,7 %
Aprender, auxiliar no desenvolvimento: 4,7 %
Não ficar sozinha em casa: 28,8 %
Indicações, conselho tutelar, escola, colegas: 35,9 %
Gratuito: 1%
Informação ausente: 6,6 %

O que sabe do projeto:
Possui Educação Física: 22,2 %
Projeto social, tem coisas boas: 1,8 %
Ajuda as crianças, valores educativos: 24,8 %
Melhora relacionamentos: 4,4 %
Vinculado ao IAS: 8,7 %
Leu no Boletim, outras pessoas: 3,7 %
Informações ausentes: 34,1 %
O que espera do projeto:
Atividades profissionalizantes: 2,3 %
Nunca acabe: 6,3 %
Melhore a convivência: 6,3 %
Crianças se socializem,pratiquem esportes,sejam incentivadas a estudar: 42,5 %
Que ajude a melhorar as crianças: 33,3 %
Informações ausentes: 8,9 %

Conclusão
O perfil dos alunos nos mostra uma pequena superioridade em termos percentuais de alunos do sexo masculino. A maioria de nossa clientela mora com os país, 68%, o que mostra a continuidade da família. Outro percentual importante é o de crianças que moram somente com a mãe, esse índice chega próximo a 22 %. Uma grande parte das famílias (49,7%) é sustentada por apenas uma pessoa, sendo que 63% dessas percebem uma renda de até três salários mínimos, nos valores atuais (R$240,00).Esse índice foi relativamente enviesado pela presença de alunos, filhos de funcionários da UFMG com renda familiar um pouco mais alta. Esses alunos, atraídos pela novidade do projeto no campus se matricularam e começaram a freqüentar o projeto. Com o final da greve dos funcionários da universidade essa realidade começou a mudar, pois os funcionários mais carentes começaram a matricular seus filhos. As nossas crianças são, em grande medida (49,7 %), na percepção de seus responsáveis, tranqüilas, boas, calmas, alegres, prestativas, amável, comportadas e também, na sua maioria (65,6 %), são crianças que gostam da escola e são bons alunos: Apenas 8,9 % dos nossos alunos apresentam algum problema de saúde, e os tipos mais freqüentes foram alergias, obesidade, sinusite, bronquite, dentre outros. Um fato que nos chamou a atenção foi o motivo de freqüentar o projeto. 35,9 % apontaram que entraram no Projeto por indicação do Conselho tutelar, das escolas e dos colegas. Pelo fato do Projeto ser uma atividade livre, complementar à escola, não julgávamos que esse percentual seria tão elevado. Grande parte das famílias ou não tem informação boa sobre o Projeto Guanabara ou não responderam sobre esse item, porém 75,8 % esperam que suas crianças se socializem, pratiquem esportes, sejam incentivadas a estudar e que melhorem. Assim, esperamos que o perfil dos alunos sirva como subsídio para as atividades do projeto, para que as áreas possam planejar atividades pertinentes ao público atendido.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão e Instituto Ayrton Senna (AUDI)

Referências
ARMANI, D. Como elaborar projetos? Guia Prático para Elaboração e Gestão de Projetos Sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.
BUVINICH, M. R. Ferramentas para o Monitoramento e Avaliação de Programas e Projetos Sociais. Cadernos de políticas sociais série documentos para discussão número 10. UNICEF,1999.
CARVALHO, M. C. B. Avaliação Participativa – uma escolha metodológica. In: RICO, E. M.(org). Avaliação de Políticas Sociais: uma questão em debate. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais, 1998. p. 87 – 94.
CHIANCA, T: MARINO, E & Schiesari, L. Desenvolvendo a Cultura de Avaliação em Organizações de Sociedade Civil. São Paulo: Editora Global, 2001.
COUTO, M. A. et al. Projeto Guanabara - Avaliação do Processo. In: GARCIA, E.S. & LEMOS, K.L.M. (Orgs.). Temas Atuais V em Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Editora Health, 2000. p. 141 - 154.

COUTO, M. A. et al. Metodologia da área de avaliação Projeto Guanabara. In: Apostila de acompanhamento PG 2001 (não publicado)

DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA. Porto Editora, 2002.

DRAIBE, S. M. Avaliação de implementação: esboço de uma metodologia de trabalho em políticas públicas. In: BARREIRA, M. C. R. N. & CARVALHO, M. C. B. (Orgs.). Tendências e Perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais. São Paulo: IEE/PUC-SP, 2001. p. 13 – 42.

HERNADÉZ, F. e VENTURA, M.; (trad. Jussara Houbert). A organização do currículo por projetos de trabalho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MARINO, E. Manual de avaliação de projetos sociais. São Paulo. IAS, 1997.

MOKATE, K. M. Convirtiendo el “Monstruo” en aliado: La Evaluación como Herramienta de La Gerencia Social. INDES, 2002.

NOGUEIRA, M. Los Proyectos sociales: de la Certeza Omnipotente al Comportamiento estratégico. Santiago do Chile: Naciones Unidas – Comisión Económica para américa latina y el Caribe, 1998.

REIS, L. G. C. Avaliação de projetos como instrumento de gestão, 1999. (mímeo).

IDENTIDADES E CORPOREIDADES NEGRAS - OFICINAS CULTURAIS

Nilma Lino Gomes[1], Célia Maria Magalhães, Adriana Pagano, Rildo Cosson[2], Natalino Neves Silva, Shirley de Jesus Ferreira[3]

Introdução

A partir do debate político e social realizado através do Movimento Negro sobre políticas públicas de Ações Afirmativas no Brasil direcionadas para a população afro-descendente, várias iniciativas têm surgido no interior da sociedade brasileira. Dentre elas, destaca-se o projeto denominado ”Ações Afirmativas na UFMG” que, a partir de agosto de 2002, vem realizando atividades voltadas para a promoção bem sucedida dos (as) alunos (as) negros (as) matriculados regulamente nos cursos de graduação na Universidade Federal de Minas Gerais. O Projeto Ações Afirmativas na UFMG integra o conjunto dos 27 projetos aprovados no Concurso Nacional Cor no Ensino Superior, promovido pelo Programa Políticas da Cor, do Laboratório de Políticas Públicas da UERJ, com apoio da Fundação Ford. Trata-se de uma proposta que apresenta estratégias de intervenção com vistas a reduzir os efeitos antidemocráticos dos processos de seleção e exclusão social impostos. aos afro-brasileiros e a promover a permanência bem sucedida de estudantes negros e pobres, regularmente matriculados nos cursos de graduação da UFMG. Visa também a entrada deste nos cursos de pós-graduação. O projeto se estrutura a partir de duas linhas de ação. A primeira envolve atividades para apoiar os estudantes beneficiários do projeto, tanto do ponto de vista acadêmico, quanto material. A segunda volta-se para o desenvolvimento de sua identidade étnico/racial, a partir de debates, no interior da universidade, acerca da questão racial na sociedade brasileira e do envolvimento dos(as) alunos(as) beneficiário(a)s do projeto em atividades que visem estimular e, até mesmo preparar, outros(as) afro-brasileiros(as) pobres a ingressar no ensino superior. O projeto de extensão Identidades e Corporeidades Negras – Oficinas Culturais consiste em um desdobramento do projeto Ações Afirmativas na UFMG, envolvendo professores e professoras da Faculdade de Educação e da Faculdade de Letras da UFMG em uma atuação inter-unidades e inter-departamental. É um projeto que visa promover um intercâmbio entre a academia (professores, doutorandos, mestrandos e graduandos) e a comunidade (professores da Rede Municipal de Belo Horizonte e Rede Estadual de Minas Gerais). As atividades do projeto iniciaram-se em maio de 2003 com data prevista de encerramento em dezembro do mesmo ano. Trata-se de um processo formador que envolve alunos/as negros/as e brancos/as da graduação da UFMG e professoras (es) da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte (RME), particularmente, o Grupo de Educadoras Negras que, há alguns anos, vêm desenvolvendo trabalhos, oficinas e palestras nas escolas municipais de Belo Horizonte, com o objetivo de aprofundar o estudo sobre as relações raciais na escola e criar estratégias pedagógicas para o trabalho com esta temática junto aos alunos e às alunas. O Grupo de Educadoras Negras da RME tem apresentado à Secretaria Municipal de Educação e ao Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação da Rede Municipal de Belo Horizonte (CAPE) uma demanda específica de formação e acompanhamento do trabalho com a questão racial nas escolas e, principalmente, a reativação das discussões sobre esta temática na Rede Municipal, a qual já foi realizada de forma sistemática nos anos de 1993 a 1996, pelo grupo Educação e Diversidade Étnico/cultural (EDEC), um dos núcleos formadores do CAPE. Porém, nos últimos anos, essa proposta se desarticulou, causando uma interrupção da discussão sobre a questão racial e a cultura negra no interior da Rede. A percepção dos prejuízos causados pela desativação do EDEC, orientou a formação do grupo de Educadoras Negras da RME, na tentativa de dar continuidade ao trabalho e reunir professoras da educação básica interessadas no tema. Dentre estas encontram-se integrantes do Movimento Negro e de Mulheres Negras e mestrandas em educação na FAE/UFMG. Esse grupo, além de pleitear um lugar para a discussão sobre a questão racial no processo de formação de professores da Rede Municipal, vem realizando,

---

[1]Coordenadora, [2]docentes, [3]bolsistas
Ações Afirmativas na UFMG
Número de Registro SiexBrasil: 4262
Área Temática: Educação
Faculdade de Educação
Contatos: nilmagomes@uol.com.br e (31) 3223-8164

por sua própria conta, reuniões, trabalhos, diálogos com a universidade e com o movimento negro, no sentido de proporcionar uma reflexão mais profunda sobre a negritude na educação infantil e no ensino fundamental. Esta reflexão deverá ser desdobrada em projetos pedagógicos no interior das escolas. Assim, na II Conferência Municipal de Educação, o grupo apresentou uma série de propostas concretas de trabalho com a questão racial nas escolas, as quais foram aprovadas pela categoria. Dentre estas, encontra-se a demanda por uma maior relação e proximidade com a universidade e sua produção sobre a questão racial, no sentido de tornar o estudo dessa questão um trabalho educativo, formador e menos voluntário na formação de professores da rede municipal. As necessidades e demandas apresentadas pelo Grupo de Educadoras Negras da RME somam-se aos objetivos do Projeto Ações Afirmativas na UFMG. É nesse contexto que surge a proposta de realização do projeto de extensão Identidades e Corporeidades Negras – Oficinas Culturais, configurando-se como um desdobramento ou um sub-projeto do Ações.

Objetivos

Por muito tempo, acreditou-se, por força do mito da democracia racial, que a desigualdade social no Brasil era uma questão essencialmente ligada à pobreza e às péssimas condições de vida de uma grande parcela da população sem condições de acesso às benesses da modernidade. Todavia, pesquisas recentes do IPEA (http://www.ipea.gov.br/) vieram mostrar aquilo que o movimento negro organizado há muito afirmava: não se pode dissociar a desigualdade social existente no Brasil da desigualdade racial, ou seja, os pobres e miseráveis brasileiros são, em sua maioria, negros, enquanto os ricos e a classe média são constituídos basicamente de brancos ou daqueles que se acreditam como tal. É por isso que não se pode refletir e propor estratégias de superação das desigualdades sociais sem estabelecer estratégias de combate ao preconceito e à discriminação racial no Brasil. O projeto Identidades e Corporeidades Negras – Oficinas Culturais visa trazer para a educação básica (fase importante na construção da identidade da criança) e para a formação de professores, uma reflexão mais profunda sobre a negritude, com o objetivo de aprofundar o estudo sobre as relações raciais na escola e criar estratégias pedagógicas para o trabalho com esta temática através do registro das discussões. Nesse sentido, pretende-se construir uma reflexão sobre o passado, o presente e os caminhos futuros da comunidade afro-brasileira de modo que essa reflexão contribua para a integração política, econômica e social dessa comunidade à sociedade brasileira moderna. Dessa forma, a ação imediata do projeto se direciona então para professores(as) negros(as) e brancos(as), pois muitos desses sujeitos sofrem o preconceito ou até mesmo se deparam com diferentes situações preconceituosas no cotidiano escolar e se sentem incapacitados de intervir frente a este problema que é de ordem social e histórica posto para todos os cidadãos e, principalmente os educadores(as). Também se espera que os professores(as) participantes do projeto possam desdobrar essa experiência em outras atividades pedagógicas no interior da sala e nos processos coletivos de trabalho junto com outros profissionais, em um efeito multiplicador e inspirador de novas reflexões. Além desses objetivos o projeto pretende: levar o professor e a professora participantes das oficinas a tomar contato com produções textuais (contos, filmes, artigos acadêmicos) oriundas de outras culturas que reflitam sobre hibridismo, multiculturalismo e inclusão; estimular a produção textual em resposta às manifestações culturais vivenciadas nas oficinas; introduzir conceitos chaves para a interpretação de gêneros e discursos diversos, a fim de instrumentalizar a produção textual dos participantes; promover produções textuais individuais e coletivas como forma de se refletir sobre questões relativas às identidades negras no Brasil; e pomover reflexões sobre a reconstrução das identidades negras e sua relevância na formação dos alunos da educação básica.

Metodologia

O projeto Identidades e Corporeidades Negras – Oficinas Culturais configura-se como um conjunto de oficinas culturais destinadas a discutir e consolidar o pertencimento étnico dos afro-brasileiros, por meio do estudo sobre as representações do negro em diversos gêneros do discurso literário, midiático e acadêmico, destacando as questões que envolvem a história e a trajetória de vida dos sujeitos. As oficinas culturais são oferecidas a 25 professores(as) da Educação Básica da (RME) e da Rede Estadual de Educação (REE) negros(as) e brancos(as). Sua realização ocorre quinzenalmente, às sextas-feiras, no Centro Cultural da UFMG. Em cada oficina utiliza-se uma determinada produção textual: poemas, contos, reportagens, diários, autobiografias, filmes, canções populares, peças publicitárias e artigos científicos. Estas são analisadas e debatidas, observando seu discurso, suas ideologias e posições. Ao final de cada oficina, os(as) participantes são incentivados(as) a escrever sobre a atividade relacionando esta com

a sua experiência de vida. Há também indicação de bibliografia, como forma de aprofundar os conhecimentos a respeito do tema.

Resultados e Discussão

Já foram trabalhados diversos temas como o rastafarismo, o discurso acadêmico, revistas em quadrinhos, artes, a identidade, a discriminação do negro nos diversos espaços sociais (escola, mercado de trabalho, mídia e saúde), a afirmação da população negra em movimentos sociais e outros. O projeto tem se mostrado bastante eficiente quanto às suas propostas iniciais propiciando algumas mudanças na trajetória profissional e pessoal dos(as) participantes. Além disso, se constitui num espaço de troca de experiências, aquisição de novos conhecimentos, incentivo à criação, divulgação de eventos e até mesmo de denúncia. Alguns(as) dos(as) participantes, inclusive o descrevem como um espaço onde “as emoções afloram”, pois eles/elas se sentem à vontade para prestar depoimentos e lançar propostas. Outro ponto relevante consiste no fato de o projeto ser uma via para a participação dessas professoras em discussões externas que, de alguma maneira, envolvam a questão racial.

Produtos gerados

Muitas destas professoras já têm levado estas novas experiências para a sala de aula e estão até mesmo promovendo discussões em suas escolas sobre os temas trabalhados e apresentando propostas de atuação. A participação também enquanto bolsistas negros(as) de extensão do projeto Identidades e Corporeidades Negras – Oficinas Culturais além de nos possibilitar o contato com a comunidade que está fora da universidade, torna-se uma oportunidade ímpar de formação pedagógica, acadêmica, social e política. Acreditamos que a extensão propicia o retorno social através do fortalecimento da responsabilidade social do graduando para com a comunidade a que pertence. É nessa perspectiva que uma proposta de ações afirmativas voltadas para a permanência bem sucedida de alunos negros no ensino superior brasileiro se torna eficaz.

Conclusão

O projeto de extensão Identidades e Corporeidades Negras – Oficinas Culturais configura-se também em uma estratégia política que contribui para o aprofundamento sobre a questão racial e para a construção positiva da identidade étnico/racial dos/as docentes envolvidos/as, além de atuar no esclarecimento de segmentos sociais e da opinião pública a respeito do conceito e do exercício da cidadania étnica no contexto da sociedade brasileira. Nesse sentido, procura-se estabelecer uma parceria entre a universidade pública e a comunidade na busca de soluções para problemas sociais, históricos e atuais. Dessa forma, o projeto espera que essas experiências possam se desdobrar em outras atividades e intervenções pedagógicas e que os docentes envolvidos no projeto continuem multiplicando essas práticas e inspirando outros profissionais da educação, pois assim contribuem para o fortalecimento da democracia.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão, Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte, Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (CAPE), Grupo de Educadoras(es) Negras(os) da RME e Fundação Centro de Referência da Cultura Negra.

Referências

AÇÕES AFIRMATIVAS NA UFMG. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2002.(mimeogr).
BARCELOS, Luiz Cláudio. Educação, um quadro de desigualdades raciais, Cadernos Cândido Mendes/Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, n.23, p.37-70, dez.1992.
______.Educação e desigualdades raciais no Brasil, Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.86, p.15-24, ago.1993.
GOMESaquim B. Barbosa. Ação afirmativa & princípio constitucional da igualdade. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.
HASENBALG, Carlos A. Raça e oportunidades educacionais no Brasil. In: SILVA, Nelson do Valle; HASENBALG, Carlos. Relações raciais no Brasil contemporâneo.
Rio de Janeiro: IUPERJ, 1992.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. Original inglês.
SANTANA, Patricia Maria de Souza. Rompendo as barreiras do silêncio: projetos pedagógicos discutem relações raciais em escolas municipais de Belo Horizonte. In: GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz; PINTO, Regina Pahim. Negro e educação: presença do negro no sistema educacional brasileiro. São Paulo: Anped/Ação Educativa, 2001.
SANTOS, Jussara. Uma tentativa de traçar pistas de vanguarda. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org). Brasil Afro-brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica, p.327-342.
SILVÉRIO, Valter Roberto. Ação afirmativa e o combate do racismo institucional no Brasil. Cadernos de Pesquisa, n. 117, p. 219-246, nov. 2002.
SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

NEUROEDUCA - A INSERÇÃO DA NEUROBIOLOGIA NA EDUCAÇÃO

Leonor Bezerra Guerra[1], Mariana Zaramela Lopes[2], Alexandre Hatem Pereira[3]

Introdução

Atualmente, no Brasil, a Educação ainda não faz uso do conhecimento disponível sobre o funcionamento do sistema nervoso para orientação de sua prática. Perguntas como: Por que algumas crianças se adaptam melhor a uma determinada metodologia pedagógica do que a outras? O que faz com que algumas crianças tenham grande facilidade para a matemática mas amarguem dificuldades em português ou história? Ensinar uma segunda língua a uma criança em processo de alfabetização é proveitoso? Qual é a melhor idade para a iniciação musical? O bebê já aprende no útero enquanto ainda é feto? Crianças desnutridas apresentam necessariamente dificuldades escolares? É o neurologista quem está capacitado a opinar sobre os chamados problemas de aprendizado? Por que ir a museus, ao zoológico, ao parque e propiciar uma boa convivência familiar melhoram o desempenho escolar e social das crianças? Como o brincar colabora para o aprendizado? As habilidades para matemática, linguagem, música, entre outras, são determinadas geneticamente? Por que as emoções interferem com a capacidade de cálculo, de raciocínio, de decisão? Criança e adulto aprendem em qualquer idade qualquer assunto? Existe época melhor para se aprender determinado conteúdo? Por que meu aluno não aprende e nem tem atenção? O que é hiperatividade? Qual é o efeito do meio ambiente no desenvolvimento da criança? A repetência se justifica? Ou a aprovação automática é fundamentada pela ciência cognitiva? Essas são questões presentes no dia-a-dia do professor e de outros profissionais da educação. Muitas dessas questões já têm sido respondidas através dos conhecimentos mais recentes sobre o funcionamento do cérebro (Bear et al., 2000; Gardner, 1994; Gardner, 1999; Kandel et al., 2000; Kolb & Whishaw, 2000; Strumwasser, 1994; Plomin & DeFries, 1998) mas continuam a ser desconhecidas do grande público e até mesmo dos profissionais da educação. Nos últimos 9 anos temos tido oportunidade de participar de uma disciplina para grupos de alunos de especialização em psicopedagogia cujo objetivo é abordar os fundamentos neurobiológicos do processo ensino-aprendizagem. É surpreendente perceber que a maior parte das professoras e pedagogas participantes do curso ignoram as propriedades, a organização e as funções do sistema nervoso central e deixam, assim, de utilizar esses conhecimentos para melhorar o desempenho das crianças e fazer as intervenções adequadas. Os cursos de pedagogia, no Brasil, não têm apresentado a preocupação de incluir temas relacionados ao sistema nervoso na formação do educador como se pode ver na tabela 1 a seguir.

Tabela 1. PRESENÇA DE BIOLOGIA E NEUROBIOLOGIA NAS GRADES CURRICULARES DOS CURSOS DE PEDAGOGIA BRASILEIROS – 2001

SITUAÇÃO DA GRADE CURRICULAR	Nº DE CURSOS	PORCENTAGEM
Presença de Biologia e Neurobiologia	7	11,67 %
Presença somente de Biologia	23	38,33 %
Ausência de Biologia e Neurobiologia	30	50,00 %
TOTAL	60	100,00 %

Fonte: SCALDAFERRI, P. M. & GUERRA, L. B .A inserção da neurobiologia na educação – Livro de resumos da X Semana de Iniciação Científica e II Semana do Conhecimento da UFMG, Belo Horizonte, p.61, 2002. (Resumo). Dados disponíveis no endereço eletrônico: www.icb.ufmg.br/~neurovia

---

[1]Coordenadora, [2]bolsista, [3]voluntário
Número de Registro SiexBrasil: 459
Área Temática: Educação
Instituto de Ciências Biológicas
Contatos: lguerra@icb.ufmg.br e (31) 3499-2788

A orientação de pedagogos e professores do ensino infantil e fundamental sobre a organização geral, funções, limitações e potencialidades do sistema nervoso, permitirá que eles compreendam como as crianças aprendem, como elas se desenvolvem, como nosso corpo pode ser influenciado pelo que sentimos a partir do mundo e porque os estímulos são tão relevantes para o sistema nervoso. O conhecimento da neurociência poderá contribuir para o processo ensino-aprendizagem pois permite compreender este processo levando a melhor desenvolvimento do trabalho com as crianças, aumentando a eficiência da aprendizagem escolar, o rendimento dos alunos, diminuindo a evasão e estimulando a interação social na escola e comunidade. O conhecimento sobre o desenvolvimento do sistema nervoso da criança e das diversas etapas de aquisição das habilidades cognitivas e sociais na infância permitirão intervenções que potencialmente podem diminuir a incidência das dificuldades escolares. Quanto mais precoce for a intervenção mais eficiente ela será. Conhecendo o funcionamento do sistema nervoso, os profissionais da educação podem desenvolver melhor seu trabalho, fundamentar e melhorar sua prática diária, com reflexos no desempenho e evolução dos alunos, interferindo de maneira efetiva nos processos que permitem a “mágica” do ensinar e aprender (Damasceno e Guerreiro, 1991; Jensen, 1998; Ramey & Ramey, 1998; Rodrigues, 1993); Sousa, 2001; Wolfe, 2001). Acreditando na contribuição da neurobiologia para a educação, realizamos nossa primeira experiência, objetivando levar os conhecimentos da neurociência à escola.

Objetivos

Os objetivos de nosso trabalho foram a capacitação e orientação continuada dos professores da Escola Estadual Afonso Pena (Belo Horizonte, Minas Gerais) sobre os fundamentos neurobiológicos do processo ensino-aprendizagem e sobre as influências e intervenções neste processo.

Metodologia

A capacitação e orientação, que envolveram professores do ensino fundamental da rede pública estadual, de 1ª a 8ª séries, foram feitas através de reuniões mensais de 2 a 4 horas de duração, no espaço físico da própria Escola, agendadas ao longo do ano letivo de 2003, no período de fevereiro a dezembro, conforme conveniência da Escola, totalizando 50 horas de capacitação. Nestas reuniões foram realizadas: a) exposições teórico-práticas e leituras de textos abordando metodologia e divulgação cinetíficas e os fundamentos neurobiológicos do processo ensino-aprendizagem e suas relações com a educação (organização morfofuncional do sistema nervoso central, ontogênese do sistema nervoso central, neurobiologia da cognição e das emoções, sono, exame neurológico, avaliação neuropsicológica, funções cognitivas e prática pedagógica); b) apresentações de palestras proferidas por profissionais convidados sobre temas demandados pelos próprios professores (Abuso de Drogas – Prof. Amadeu Roselli-Cruz / Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH - Dr. Wellington Borges Leite / Experiências com Educação Inclusiva e Ensino Especial - Simone Coelho Frutuoso); c) discussão de casos e dúvidas relacionados à prática diária do professor; d) aplicação de questionários para avaliação do desenvolvimento do projeto: o acompanhamento do trabalho foi feito através de discussões com os professores que informavam suas demandas e contribuíam para a re-orientação do nosso trabalho e através de questionário aplicado após 06 meses do início do desenvolvimento do projeto; e) aplicação de questionários para avaliação da repercussão do projeto sobre o desempenho profissional do corpo docente: questionário de auto-percepção de eficácia (Schwarzer & Bellico da Costa, 1999), escala de auto-percepção de eficácia (Schwarzer, Schmitz, Daytner, Bellico da Costa, 1999) e inventário de risco. Os questionários foram aplicados no início do projeto (fevereiro de 2003) e a segunda aplicação será feita em fevereiro de 2004, o que permitirá avaliar o impacto do projeto sobre o desempenho do professor. Para desenvolvimento destas atividades foram utilizados recursos audio-visuais disponíveis na própria Escola, como retro-projetor ou disponibilizados pelo coordenador do projeto ou palestrante, como projetor de slides e data-show com computador. Os professores receberam material impresso, como apostilas e cópias de textos, para fundamentação teórica e realização de tarefas durante as reuniões.

Resultados e Discussão

A Escola Estadual Afonso Pena tem um corpo docente constituído de 58 professores. Destes, 20 lecionam para as turmas matutinas de 1a a 4a série (550 alunos) e 38 lecionam para as turmas de 5a a 8a. séries (650 alunos). Durante as atividades do projeto o número de professores em cada reunião foi variável porque participaram, além

dos efetivos, professores contratados (14), estagiários, e profissionais da Secretaria Estadual de Educação (08). O questionário de avaliação do desenvolvimento do projeto foi respondido por 43 professores que participaram regularmente de todas as atividades do projeto. O corpo docente e a direção da Escola demonstraram receptividade ao projeto, interesse pelo trabalho desenvolvido, e participação regular e ativa. O corpo docente apresenta as seguintes características: 63% têm idades entre 40 e 60 anos (gráfico 1), 93% são mulheres, 89% tem escolaridade superior sendo 40% formados em pedagogia (gráfico 2). Metade dos professores (55%) já fez alguma modalidade (atualização, aperfeiçoamento ou especialização) de educação continuada enquanto 33% não se submeteram a nehuma forma de educação continuada Considerando que os cursos de pedagogia, de forma geral, não incluem em seus currículos conhecimentos relacionados ao sistema nervoso (Scaldaferri & Guerra, 2002) e que o conhecimento da neurociência cresceu muito, principalmente durante a década de 90, a maior parte dos professores, na faixa etária entre 40 e 60 anos, tiveram oportunidade tanto de ter acesso a novas informações como de se sentirem motivados para busca de informações sobre o assunto. Os dados do questionário revelaram que 98% dos professores se sentiram mais motivados para estudar e buscar ativamente o conhecimento após o início do projeto.

Gráfico 01.

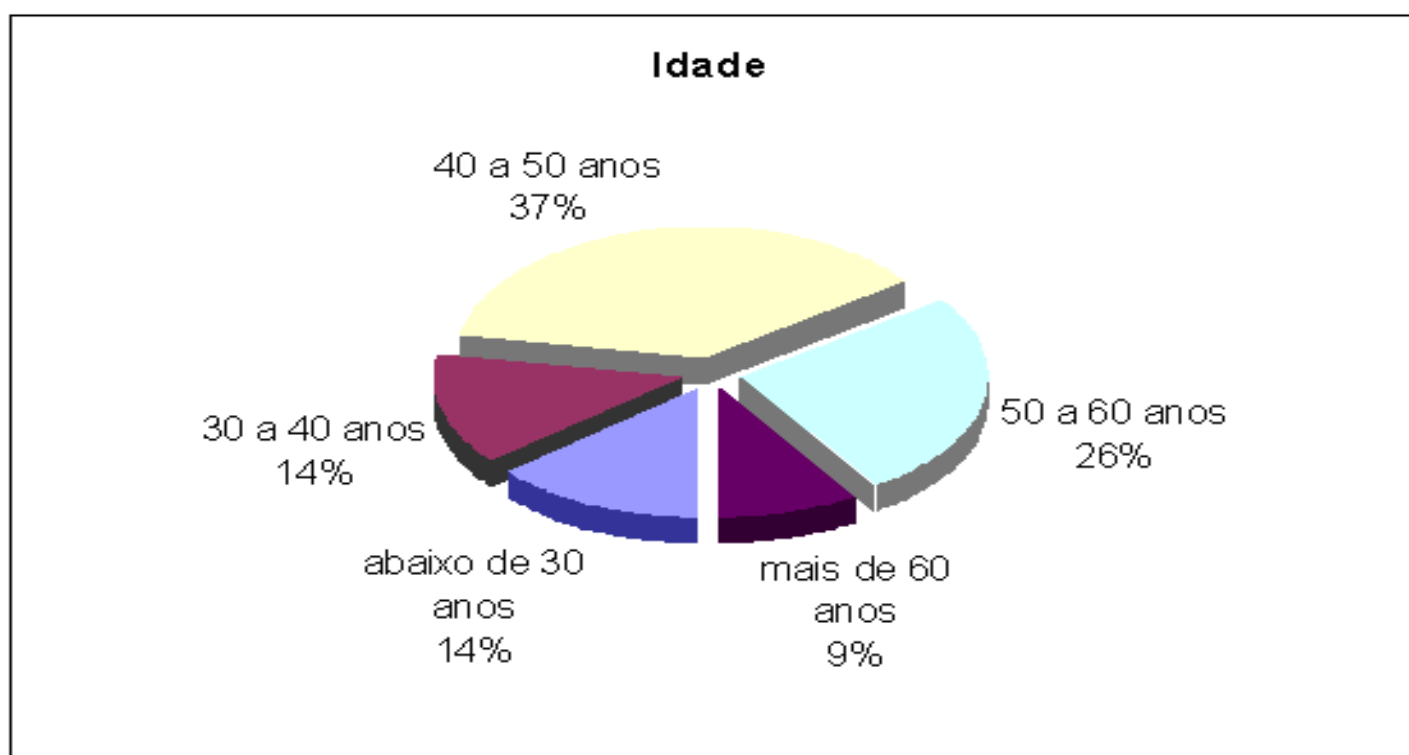



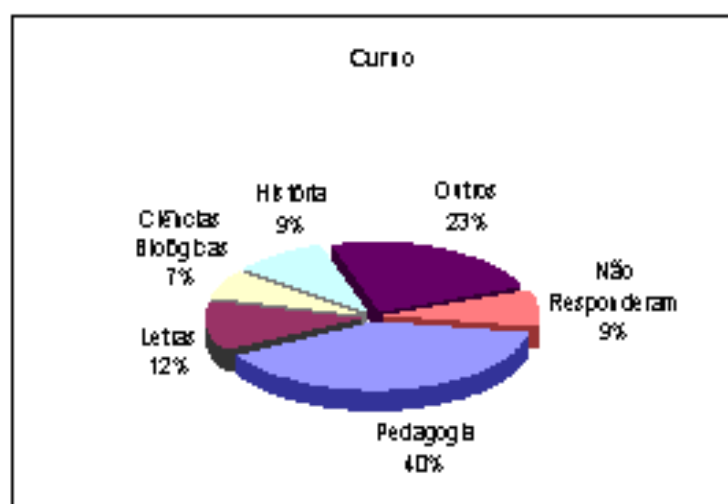
Gráfico 02.

A motivação para a educação continuada é fundamental para o profissional de qualquer área, principalmente hoje em dia. O acesso a Internet, o crescimento do mercado editorial de livros e revistas científicas e de divulgação científica, a possibilidade de intercâmbio de informações sem as limitações de distâncias geográficas e de tempo (recursos oferecidos pela ensino à distância) permitem ao profissional a sua atualização e formação continuada. Mas são necessárias a motivação, a possibilidade de acesso a Internet e livros e o hábito de utilizar estes recursos, além do conhecimento básico da língua inglesa. Dentre os professores participantes do projeto 70% assistem mais televisão do que lêem livros (70% assistem televisão três ou mais vezes na semana e 35% lêem livros semanalmente). Embora 70% tenham acesso à Internet, apenas 33% lêem textos em inglês o que pode dificultar o acesso a informações, principalmente as científicas. No entanto, o conhecimento do método científico e o entendimento de como a informação científica chega ao público associados ao julgamento crítico permitem uma atualização mais segura do profissional. O acesso à Internet viabilizaria o desenvolvimento de um projeto como nosso à distância, com alguns poucos encontros presenciais, permitindo a capacitação e orientação de um maior número de profissionais. No início do projeto, os professores elaboraram 46 perguntas que eles próprios acreditavam pudessem ser respondidas com o conhecimento da neurobiologia. Após o projeto, os professores consideraram que 33% das perguntas foram plenamente respondidas ao longo das discussões, 37% foram respondidas parcialmente e 19% não foram respondidas (gráfico 3). Durante nosso trabalho não respondemos objetivamente a nenhuma deles. Foram fornecidos os fundamentos teóricos que poderiam levar às respostas. É provável que na estratégia para capacitação devêssemos ter utilizado um percentual maior de metodologia de solução de problemas do que de aulas expositivas, o que levaria ao desenvolvimento de raciocínio sobre o tema específico que, para eles, é novo. Em relação ao impacto do projeto sobre a prática diária do professor, 82% relataram que modificaram alguma estratégia utilizada em sala de aula em relação ao aluno. Entre 40 e 50% dos professores consideram que o projeto contribuiu positivamente para a relação professor/aluno, professor/professor, professor /escola e professor família (gráfico 4). Percebemos que os professores ainda apresentam dificuldade em correlacionar a teoria discutida durante o projeto com a sua prática. A correlação entre a estratégia pedagógica desenvolvida e a habilidade cognitiva contemplada não é facilmente percebida. Com o objetivo de capacitar os professores neste aspecto, o grupo está iniciando a tarefa de elaboração de uma cartilha onde práticas pedagógicas e projetos bem sucedidos em diversas escolas serão analisados e traduzidos sob a perspectiva das funções cognitivas ou seja, quais são as habilidades cognitivas desenvolvidas com determinada prática pedagógica? De acordo com os professores, a compreensão do efeito da atividade desenvolvida por eles junto ao aluno, sobre as funções cerebrais, permite a fundamentação teórica da prática do professor, valoriza o trabalho do docente e dá a ele a justificativa e segurança em relação a eficiência da estratégia utilizada e frequentemente criada por ele.

Gráfico 03.

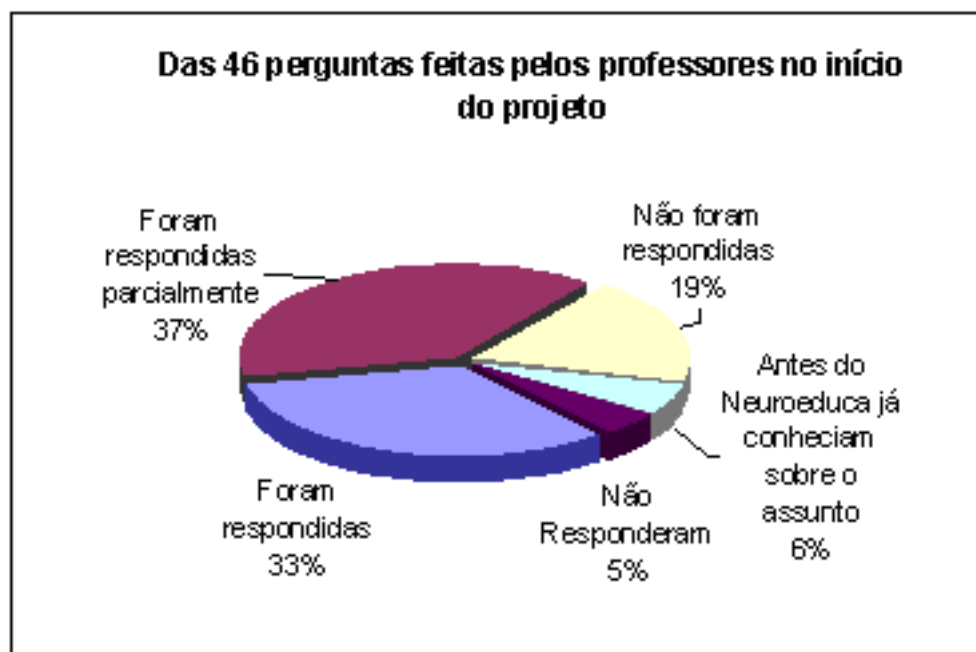
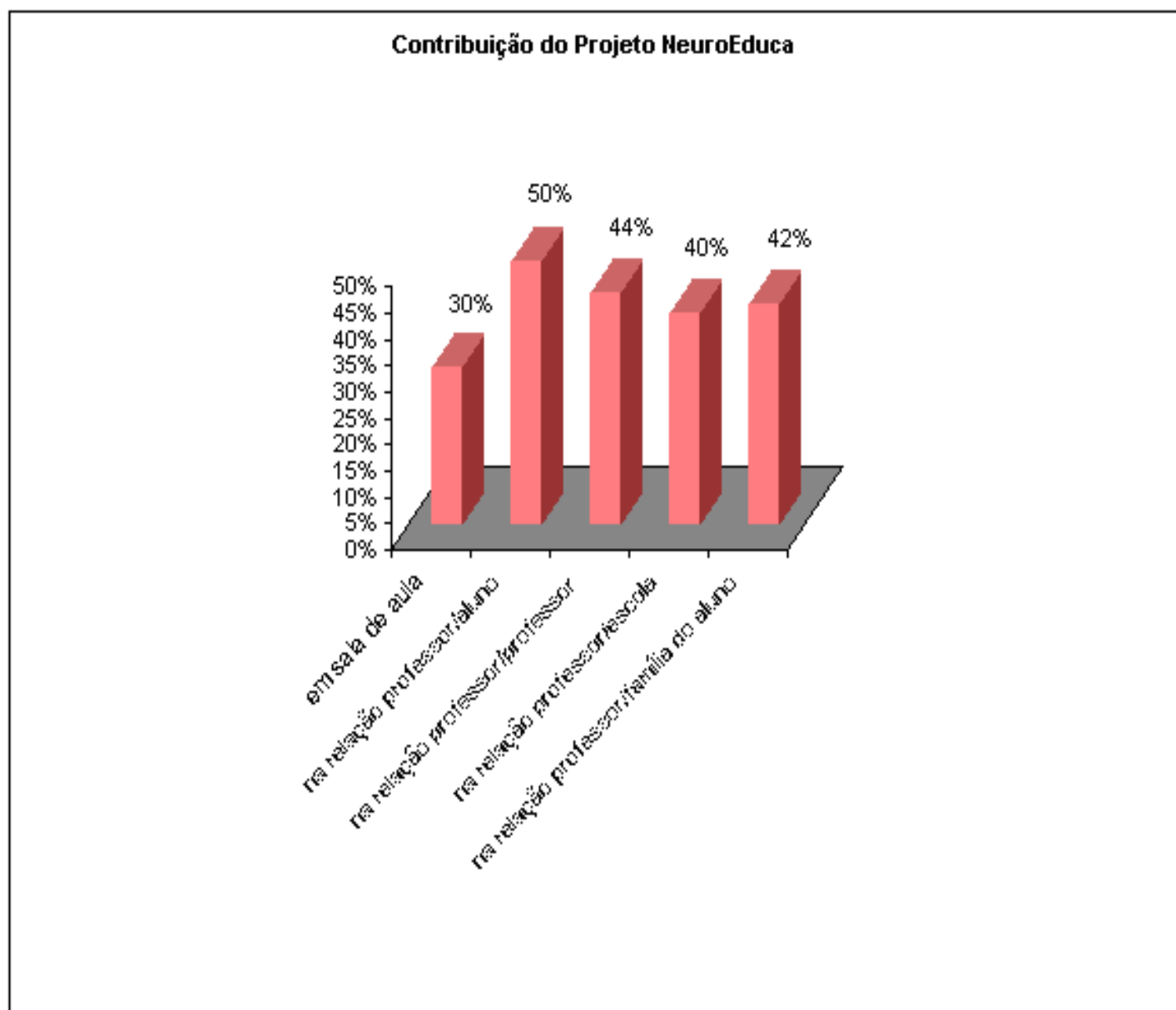



Gráfico 04.

Durante o projeto os professores manifestaram a expectativa de que a equipe do NEUROEDUCA pudesse solucionar os problemas de aprendizagem dos seus alunos. Foi esclarecido, antes do início do projeto, que não era nosso objetivo diagnosticar dificuldades de aprendizagem e nem tratar transtornos de aprendizagem. É compreensível que esta expectativa tenha se apresentado porque a equipe do projeto é ligada a área de saúde. Além disso, na mesma Escola a Faculdade Metropolitana de Belo Horizonte está desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre a prevalência de transtorno do déficit de atenção e hiperatividade entre escolares e a padronização de um teste de memória verbal (teste auditivo verbal de Rey). A equipe considera a possibilidade de realizar uma parceria com profissionais das áreas de saúde (fonoaudiologia, terapia ocupacional, fisioterapia, pediatria, neuropediatria, psicologia) e humanas (serviço social, educação) para estudar a possibilidade de atender a essa demanda (para avaliação auditiva e visual, pediátrica, psicopedagógica, neuropsicológica, encaminhamento a conselhos tutelares, entre outras). Esta parceria poderia viabilizar a elaboração de um protocolo para identificação de transtornos de aprendizagem em escolares com o objetivo de triar, encaminhar e/ou orientar as crianças, professores e familiares em relação à melhor conduta de cada caso, privilegiando o desenvolvimento neuropsíquico da criança e a minimização dos déficits. O trabalho abriria a perspectiva de integração com a pesquisa e o ensino. A participação do bolsista e do aluno voluntário foram muito importantes para a realização do projeto. Eles se capacitaram nos temas abordados, tanto através do próprio projeto como pela participação em congresso na área de educação (O Educador na Era da Informação) e em curso sobre desenvolvimento infantil (Cenex – Faculdade de Medicina).

Participaram ativamente das discussões, contribuindo para o redirecionamento do trabalho ao longo do ano e para as propostas de continuação do projeto. Fazendo uma avaliação crítica, consideramos que o projeto precisaria ter avaliado o impacto sobre o desempenho do professor através da manifestação dos alunos, seja espontânea, orientada ou através de seu desempenho acadêmico. Ou seja, se o professor estiver realizando o processo ensino-aprendizado mais eficientemente, haverá repercussão sobre resultados de aprendizagem do aluno. Embora inicialmente tivéssemos planejado e proposto avaliar indicadores da educação como taxas de promoção, repetência, evasão e distorção idade/série dos alunos, isto não foi feito, pelo menos até agora. Esperamos que ao longo do tempo o professor venha a aplicar alguns dos conhecimentos adquiridos, importantes para o desenvolvimento das habilidades motoras, de linguagem, de raciocínio matemático, visio-construtivas e de atenção nas crianças: a) uso de expressão corporal, teatro, artes, desenho, escultura, dança, música, educação física além das tradicionais estimulações visuais e verbais, para atendimento a diferentes estilos de aprendizagem (Gardner,.1994); b) alterações na estruturação das aulas, considerando os ciclos de atenção, a importância da motivação e relevância do conhecimento para o aluno; c) observação das condições de saúde geral da criança, padrões de sono e uso de medicamentos; d) importância do trabalho em equipe multidisciplinar para a abordagem de uma dificuldade de aprendizagem; e) papel da família no desenvolvimento da criança; entre outros (Lezak, 1995; Ramey & Ramey, 1998; Spreen & Strauss, 1998). A primeira repercussão do projeto sobre os alunos foi a Feira de Cultura da Escola que, neste ano, tem como tema central "O CÉREBRO". O envolvimento dos professores e alunos na preparação do evento tem sido grande. Não é possível relatar os resultados porque a feira acontecerá em duas semanas.

Produtos Gerados

Até agora, podemos considerar como produtos gerados pelo projeto, a Feira de Cultura já agendada e em etapa de preparação e as idéias de projetos gerados durante o desenvolvimento do trabalho que são propostas para o próximo ano: a) elaboração de cartilha, pelos professores, estabelecendo a correlação entre a prática pedagógica e as habilidades cognitivas envolvidas nela; b) realização de um seminário onde projetos para melhoria do processo ensino-aprendizagem desenvolvidos com sucesso em outras escolas serão apresentados e compartilhados entre os professores; c) elaboração de um curso à distância ou "homepage" sobre o tema neurobiologia e educação; d) abordagem de temas como sexualidade e violência na capacitação dos professores; e) planejamento dos temas do projeto a partir da demanda dos professores, ou seja, garantir uma participação mais ativa na definição do projeto, o que motivaria e comprometeria mais o corpo docente; f) maior utilização de metodologia de solução de problemas; g) melhoria dos instrumentos de avaliação do projeto; h) obtenção de parceria para financiamento do projeto no que diz respeito a aluguel de equipamentos de recursos áudio-visuais e fotocópias (neste ano o projeto foi financiado com recursos do próprio coordenador); i) estabelecimento de parcerias para desenvolvimento de atividades de pesquisa e assistência.

Conclusão

Consideramos que o trabalho desenvolvido durante o projeto NEUROEDUCA – A Inserção da Neurobiologia na Educação levou a melhoria da qualificação do profissional da educação em relação à compreensão do processo ensino-aprendizagem e suas intervenções, contribuindo para mudanças na prática do dia-a-dia do professor. No entanto, não foi possível atestar o impacto do projeto sobre o desempenho acadêmico e desenvolvimento neuropsíquico dos alunos. Pretendemos implementar as propostas geradas pelo próprio trabalho, mencionadas anteriormente. Nosso trabalho foi desenvolvido com profissionais do ensino fundamental da rede pública estadual. Contudo, consideramos de enorme importância o desenvolvimento do mesmo tipo de trabalho junto aos profissionais da educação infantil e junto às famílias, primeiros e principais núcleos de influência sobre o desenvolvimento neuropsíquico do indivíduo. É nossa intenção e será nosso próximo passo, realizarmos esse trabalho envolvendo profissionais da educação infantil e as famílias, através da realização do projeto em outra escola pública.

Parcerias

Escola Estadual Afonso Pena

Referências

BEAR, M.F., CONNORS, B.W., PARADISO, M.A. Neurociência: explorando o cérebro. 2ªed. Artes Médicas,

2000.
DAMASCENO, B.P. & GUERREIRO, M.M. Desenvolvimento neuropsíquico: suas raízes biológicas e sociais. Cadernos CEDES, v.24, p.10-16, 1991.
GARDNER, H. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. Artes Médicas, Porto Alegre, 1994.
GARDNER, H. O verdadeiro, o belo e o bom: os princípios básicos para uma nova educação. Objetiva, Rio de Janeiro, 1999, 361p.
JENSEN, E. Teaching with the brain in mind. Association for Supervision and Curriculum Development, Alexandria, 1998.
KANDEL, E.R., SCHWARTZ, J.H., JESSELL. Principles of Neuroscience. 4ed., Elsevier. New York, 2000.
KOLB, B., & WHISHAW, I.Q. Neurociência do Comportamento. Manole, São Paulo, 2002.
LEZAK, M.D. Neuropsychological Assessment, 3ed, Oxford University Press, Oxford, 1995.
PLOMIN, R. & DeFRIES, J.C. The genetics of cognitive abilities and disabilities. Scientific American, May, p.47, 1998.
RAMEY, C.T. & RAMEY, S.L. Early intervention and early experience. American Psychologist, v.53, n.2, p.109-120, 1998.
RODRIGUES, N. Por uma neurologia do desenvolvimento. Dois Pontos, outono/inverno, p.107-110, 1993.
SCALDAFERRI, P. M. & GUERRA, L. B .A inserção da neurobiologia na educação – Livro de resumos da X Semana de Iniciação Científica e II Semana do Conhecimento da UFMG, Belo Horizonte, p.61, 2002. (Resumo).
SOUSA, D.A. How the brain learns. 2ed. Corwin Press, Thousand Oaks, 2001.
SPREEN, O & STRAUSS E. A compendium of neuropsychological tests: administration, norms and commentary. Oxford University Press,2ed, Oxford, 1998.
STRUMWASSER, F. The relations between neuroscience and human behavioral science. J. Exp. Anal. Behav., v.61, p.307-317, 1994.
WOLFE, P. Brain Matters: translating research into classroom practice. Association for Supervision and Curriculum Development, Alexandria, 2001.

LUDICIDADE E EDUCAÇÃO: AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Alysson Massote Carvalho[1], Selhe Moreira de Azevedo Pereira[2], Melina Carla de Carvalho, Carolina Medeiros Braga, Fernanda Tarabal Lopes, Paloma Caetano Silva, Raquel Soares Raso, Alessandra Craig Cerello, Amanda Rocha, Christiane Souza Dabés, Fernanda Anesia Alves, Marcelo Gomes Pereira Júnior, Patrícia Maria Torres Marchetti dos Santos, Pollyanna Veloso Ferraz, Renata Victor Silva, Tailenne Salgado Martins, Juliana Pinto[3]

Introdução

Esse trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de uma avaliação diagnóstica sobre os espaços e atividades lúdicas de uma instituição educativa de Belo Horizonte. Foi ressaltada, pela instituição, a necessidade de uma reestruturação do espaço físico, assim como um esclarecimento aos profissionais envolvidos acerca da importância do brincar para a educação infantil. Esse tipo de projeto é de extrema relevância considerando a importância que o brincar vem adquirindo nos contextos contemporâneos de desenvolvimento, principalmente nas creches e pré-escolas. Contextualizando, o progresso de nossa sociedade trouxe-nos mais do que o desenvolvimento científico e tecnológico. Trouxe-nos falta de espaço, violência, insegurança, inúmeras restrições. O brincar foi seriamente afetado por esse novo contexto. As crianças não podem mais sair à rua para brincar, pois elas são cheias de carros. Não há quase mais praças e parques para possibilitar um espaço para as atividades lúdicas da criança e sua socialização, e quando existem, são pouco freqüentadas, devido ao medo da violência e à insegurança. Afinal não é sempre que os pais podem acompanhar seus filhos a esses lugares, para garantir que eles voltarão seguros para casa. Nesse contexto, devido à grande importância do brincar para o desenvolvimento cognitivo, físico, social e afetivo da criança, cresceu a necessidade de espaços que propiciassem uma brincadeira tranqüila às crianças. Foram surgindo então, as brinquedotecas, adquirindo em cada país características próprias e mesmo denominações diferentes, mas com o objetivo geral de propiciar às crianças condições para brincar, reconhecendo o valor das atividades lúdicas (Cunha, 1992). No Brasil, a APAE foi a primeira instituição a desenvolver um espaço como esse, em 1973. Começou como na maioria dos países: a partir da necessidade de ajudar a estimular crianças deficientes. Essa experiência despertou o interesse de muitos educadores, aumentando o interesse de várias áreas pela brinquedoteca. Elas foram surgindo por todos os lados. Existem hoje vários tipos de brinquedotecas: nas escolas, em hospitais, em universidades, em centros culturais, em clínicas psicológicas; brinquedotecas de comunidades ou bairros, brinquedotecas para crianças portadoras de deficiência física e mental (Kishimoto, 1994). A brinquedoteca "é um espaço preparado para estimular a criança a brincar, possibilitando o acesso a uma grande variedade de brinquedos, dentro de um ambiente especialmente lúdico. É um lugar onde tudo convida a explorar, a sentir, a experimentar" (Cunha, 1992). Essa autora enfatiza ainda que a decoração e a atmosfera da brinquedoteca devem passar às crianças alegria, afeto, magia, e estimular a criatividade, a socialização e as brincadeiras de vários tipos. Enfim, a brinquedoteca é uma tentativa de defender a infância e o direito de brincar. A existência de um espaço bem montado, com muitos recursos lúdicos disponíveis, não é o bastante. É necessário que existam profissionais com boa formação teórica e prática, que tenham clareza do seu papel junto à criança no contexto da brinquedoteca (Andrade, 1992). Os educadores precisam estar comprometidos com o trabalho, permitindo que a criança sinta-se à vontade para descobrir, explorar e experimentar o espaço oferecido a elas. Assim, foi nesse contexto que foi desenvolvido o presente trabalho.

Objetivos

Diagnóstico dos espaços e atividades lúdicas da instituição, visando sua reestruturação; caracterização da Brinquedoteca; descrição e avaliação das atividades lúdicas desenvolvidas no âmbito da Brinquedoteca; elaboração de projeto de intervenção; capacitação dos educadores e oficinas com as crianças.

---

[1]Coordenador, [2]bolsista, [3]voluntários
Programa Laboratório do Brincar
Número de Registro SiexBrasil: 86
Área Temática: Educação
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Contatos: alysson@ufmg.br e (31) 3499-6265

Metodologia
Inicialmente, em função dos objetivos propostos, foi necessário identificar e analisar as concepções, expectativas e demandas da direção, dos educadores e dos alunos da instituição com relação ao brincar. Foi preciso também realizar um levantamento e uma avaliação dos recursos físicos e espaciais da brinquedoteca já existente. Esse procedimento inicial teve como intuito adequar os dados levantados à implantação do projeto proposto pelo Laboratório do Brincar, de acordo com as reais necessidades da instituição. Desse modo, a equipe de atuação foi dividida em quatro frentes de ação, levando-se em consideração os sujeitos a serem observados e/ou entrevistados: Frente 1 – Entrevista com os Educadores - Frente 2 – Entrevista e observação com as Crianças - Frente 3 – Entrevista com os Gestores - Frente 4 – Avaliação da Brinquedoteca, que envolveu: listagem dos brinquedos disponíveis para o uso das crianças; avaliação do espaço da brinquedoteca – prateleiras, "cantos", mesas, o próprio espaço de ação para a criança, disposição dos brinquedos; classificação dos brinquedos, de acordo com o critério utilizado pelo Laboratório do Brincar da UFMG.. A partir da divisão das frentes de atuação, foram adotados os seguintes procedimentos: 1) Entrevista com as crianças: Essas entrevistas foram realizadas no horário da visita das crianças a Brinquedoteca e tinham como objetivo avaliar os tipos de brinquedos e brincadeiras de maior preferência, além de levantar, também, quais não gostavam. Importava saber o que pensavam sobre a Brinquedoteca e o que gostariam que fosse diferente no espaço. 2) Entrevista com educadores: As entrevistas com educadores foram realizadas também no momento em que as crianças estiveram em visita a Brinquedoteca, em uma sala fora do local onde as crianças se encontravam. Essas entrevistas tiveram como objetivos: saber dos professores as concepções que tinham sobre o brincar e a importância que atribuem a essa atividade; suas opiniões sobre a Brinquedoteca; saber que atividades desempenham quando as crianças estão na Brinquedoteca; levantar as dificuldades e problemas que eles observam em relação ao local; e saber se há interesse em adquirir maiores conhecimentos sobre o brincar. 3) Entrevista com gestores: Essas entrevistas foram marcadas de acordo com os horários dos gestores e do entrevistador. Elas tiveram como objetivos: averiguar como surgiu a idéia de montar o espaço da Brinquedoteca, assim como os seus motivos e expectativas relacionadas; saber quais são as concepções desses profissionais sobre o brincar; saber os resultados e problemas da implantação da Brinquedoteca; e saber as expectativas que apresentam em relação à parceria com o Laboratório do Brincar. Para cada um desses conjuntos de pessoas foram elaborados roteiros específicos de entrevistas semi-estruturadas. 4) Observação das crianças na Brinquedoteca: Foram observadas as crianças em seus grupos de brinquedos, durante a sua visita semanal a Brinquedoteca, com a finalidade de conhecer quais os brinquedos e brincadeiras preferidos pelas crianças, quais os brinquedos menos utilizados, como mais gostam de brincar e a forma que utilizam o espaço lúdico. As observações seguiram um roteiro previamente definido. 5) A avaliação da Brinquedoteca: Esta avaliação foi realizada através de visitas ao local, em horários em que não haveria visita de turma. Nestas visitas puderam ser concluídas a listagem dos brinquedos e a avaliação do espaço, com o objetivo de identificar o estado dos brinquedos existentes, direcionar a arrecadação e avaliar como a brinquedoteca está estruturada, identificando as mudanças a serem realizadas. Quanto à classificação dos brinquedos, esta foi realizada a partir dos critérios utilizados pelo Laboratório do Brincar da UFMG, não exigindo outra visita a Brinquedoteca. Esta classificação teve o objetivo de identificar quais tipos de brinquedos estavam em falta, e quais precisavam ser priorizados na arrecadação.

Resultados e Discussão
A apresentação dos resultados e discussões terá como referência os dados obtidos por meio das entrevistas e observações realizadas, assim como pela avaliação da brinquedoteca. Na avaliação das crianças, apesar de algumas diferenças devido à faixa etária quanto às preferências e desejos, pode-se notar que elas realmente gostam do espaço da brinquedoteca e da oportunidade lúdica que ela proporciona, afirmação confirmada por algumas falas das crianças como: "a brinquedoteca é muito legal", e pelo envolvimento com diversos brinquedos como carrinhos, bonecas, e brinquedos de encaixe. Porém, algumas modificações deveriam ser feitas para que a mesma atendesse às demandas das crianças. As queixas, em geral, eram referentes ao tamanho do espaço físico e quanto ao estado de conservação e quantidade dos brinquedos. Além disso, foi importante estar atentos às demandas referentes a brinquedos difundidos pelos meios de comunicação de massa. Os principais pedidos das crianças diziam respeito aos carrinhos (maior quantidade), às bonecas (bonecas diferentes, Barbie), e a novos brinquedos como armas, "blay blade" e maquiagem. Percebeu-se a necessidade de brinquedos mais motivadores para crianças com idades

mais avançadas, assim como a vontade de um espaço maior para as brincadeiras, principalmente as que envolvem correr, jogar bola. A avaliação da Brinquedoteca, corroborou o discurso das crianças quanto à identificação de, praticamente, os mesmos problemas – brinquedos mal conservados ou estragados, em pouca quantidade, espaço físico limitado – além de uma necessidade de reestruturação do espaço, incluindo a disposição dos brinquedos. A listagem dos brinquedos identificou quais tipos estavam em falta: brinquedos principalmente que envolviam a aprendizagem em leitura e escrita, possibilitando atividades de linguagem; brinquedos que tinham como característica principal a coordenação motora global das crianças, onde ela reconhecia seu corpo nas relações com o outro e com os objetos; e brinquedos que favoreciam o conhecimento a respeito de tudo o que cerca à criança, atendendo às suas curiosidades a respeito do próprio corpo e do mundo. Ficou claro a demanda e expectativas da instituição com relação à parceria com o Laboratório do Brincar. As gestoras disseram de uma necessidade de capacitação dos educadores e de uma reestruturação da brinquedoteca. Os educadores também apresentaram essa necessidade, em sua maioria. Eles priorizam o "brincar pedagógico" – uma brincadeira direcionada para aprendizagem de conteúdos específicos –, mas deram valor a brinquedoteca. Solicitaram uma capacitação tanto para si mesmos, quanto para os encarregados de monitoria de visitas a brinquedoteca. Apesar de relatarem melhoras no espaço, ainda consideraram que deveria haver uma reestruturação e aquisição de novos brinquedos. Tendo como referência os resultados obtidos, a realização de análise e diagnóstico e a preocupação em atender às demandas dos diferentes seguimentos da instituição, foi organizada uma proposta de intervenção, que abrangeu: organização do espaço físico em áreas temáticas que permitam um agrupamento dos brinquedos por categorias, facilitando, assim, o acesso aos mesmos; seleção dos brinquedos em melhor estado de conservação; aquisição de novos brinquedos condizentes com as demandas das crianças e dos educadores, através de meios alternativos, como doações e reposição dos brinquedos danificados; capacitação dos educadores sobre a temática do brincar em contexto educacional através de seminários, grupos de estudo e oficinas práticas de brincadeiras.

Produtos Gerados

Exposição dialogada sobre " O Lúdico no CDC: avaliação e perspectiva" ocorrida nos Momentos de Formação para o Grupo de Educadores, realizado no dia 1 de agosto de 2003. - Mini-cursos a serem realizados no 2 Simpósio de Educação Infantil do CDC/UFMG intitulado Educação infantil: a Complexidade do Ato Educativo, a ser realizado pela instituição, no dia 15 de novembro de 2003.

Conclusão

Os resultados obtidos indicam que a ludicidade no contexto educacional merece uma atenção especial, e deve ser estruturada e organizada enfatizando sua importância na educação infantil. O lúdico não deve ser pensado somente do ponto de vista pedagógico, mas sim valorizado em seu aspecto geral, como um processo natural e fundamental do ser humano. Nesse sentido, se tornou necessária a implementação de um projeto de reestruturação do espaço lúdico, incluindo a capacitação dos educadores. Assim, já estão sendo realizados seminários semanais e oficinas de brincadeiras sobre a temática do brincar e suas implicações, dando início à proposta de intervenção. Objetiva-se também, em um curto espaço de tempo, a reestruturação da brinquedoteca da instituição.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão

Referências

OLIVEIRA, P. S. O que é brinquedo. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
AFLALO, C .Dicas para criar e manter uma brinquedoteca. In: FRIEDMANN, Adriana (Org.) "O direito de brincar: a brinquedoteca". São Paulo: Scritta, 1992.
ANDRADE, Cyrce M. R. J. A equipe na brinquedoteca. In: FRIEDMANN, Adriana (Org.) "O direito de brincar: a brinquedoteca". São Paulo: Scritta, 1992
CUNHA, Nylse H. S. Brinquedoteca: definição, histórico no Brasil e no mundo. In: FRIEDMANN, Adriana (Org.) "O direito de brincar: a brinquedoteca". São Paulo: Scritta, 1992
KISHIMOTO, Tizuko M. O jogo, a criança e a educação. São Paulo: Pioneira, 1994.

PROJETO INDICADORES POPULARES DE EDUCAÇÃO

Lívia Maria Vieira Fraga, Mônica Correia Baptista[1], Josiane Machado Alvarenga[2], Aline Alves Moreira Carvalho[3]

Introdução

O Projeto Indicadores Populares de Educação visa a apoiar as comunidades escolares no processo de avaliação e melhoria da qualidade da escola. Para isso foram criados alguns indicadores, que são "parâmetros qualificados e/ ou quantificados que servem para detalhar em que medida os objetivos de um projeto foram alcançados ou em que medida uma determinada situação está ocorrendo segundo o esperado. Como o próprio nome sugere, são uma espécie de 'marca' ou 'sinalizador', que busca expressar algum aspecto da realidade sob uma forma tal que se possa observá-lo ou mensurá-lo" (VALARELLI, 2001). Pressupõe-se que, com uma boa escolha dos indicadores, é possível ter de forma simples um retrato claro que mostra os problemas e virtudes da escola, de modo que todos os envolvidos os conheçam e possam com isso, ter condições de discutir e decidir quais são as prioridades de ação. A melhoria da qualidade da escola é considerada como sendo responsabilidade de toda a comunidade. Antes de se efetivar a implementação do instrumento em nível nacional, as entidades responsáveis pela coordenação do projeto elaboraram uma proposta de teste dos indicadores a ser realizado em algumas instituições de diferentes regiões do País com vistas a colher sugestões de forma a aprimorar a metodologia e o próprio instrumento de avaliação. Em Belo Horizonte, a Faculdade de Educação, através do Núcleo de Educação Infantil, se encarregou de coordenar a aplicação do instrumento no âmbito da educação infantil. A instituição escolhida para a realização dessa primeira fase do Projeto foi o Centro de Desenvolvimento da Criança (CDC), instituição localiza no Campus da Universidade Federal de Minas Gerais. O CDC atende atualmente 334 crianças em idades entre 0 e 6 anos. A escola subdivide-se em: Berçário (44 alunos), Maternal (139 alunos) e Jardim (151 alunos) e conta com um número de 19 professores, 21 assistentes, 48 funcionários, 1 pedagoga e 1 psicóloga.

Objetivos

Neste primeiro momento, o Projeto possui dois objetivos: ao aplicar o instrumento, subsidiar a comunidade escolar no processo de avaliação e melhoria da qualidade, não apenas apontando os problemas, mas, a partir dos dados relatados, criar um plano de ação para auxiliar a escola em suas dificuldades; avaliar o instrumento e a metodologia de trabalho, contribuindo para sua adequação e aprimoramento, de forma a viabilizar sua aplicação em outras instituições e regiões do País.

Metodologia

De forma a cumprir os dois objetivos dessa fase inicial, cada grupo discutiu: a) as dimensões e os respectivos indicadores a partir da aplicação do instrumento até que se construísse um consenso, tomando como referência à realidade do CDC e o ponto de vista de cada segmento da comunidade educativa; b) a pertinência e adequação das dimensões e dos respectivos indicadores, de forma a contribuir para a melhoria do instrumento. Os indicadores foram agrupados em sete dimensões da realidade. Para cada indicador eram propostas questões a serem respondidas coletivamente. As dimensões e seus respectivos indicadores são os seguintes:

---

[1]Coordenadoras, [2]bolsista, [3]voluntária

Número de Registro SiexBrasil:

Área Temática: Educação

Faculdade de Educação

Contatos: guisiqueira@uol.com.br e (31) 3499-6157

Dimensões	Indicadores
Ambiente educativo	- amizade e solidariedade - alegria - respeito ao outro - combate à discriminação - disciplina - reconhecimento;
Prática Pedagógica	- projeto curricular definido e conhecimento por todos - planejamento - contextualização - variedade das estratégias e recursos de ensino-aprendizagem - incentivo à autonomia e ao trabalho coletivo;
Avaliação	- monitoramento do processo de aprendizagem dos alunos - mecanismos de avaliação dos alunos - participação dos alunos na avaliação de sua aprendizagem - avaliação dos profissionais da escola - compreensão e uso dos indicadores oficiais de avaliação da escola e das redes de ensino;
Gestão Escolar Democrática	- informação democratizada - Conselhos escolares atuantes - participação efetiva dos estudantes, pais, mães e comunidade em geral - parcerias locais e bom relacionamento da escola com os serviços públicos - tratamento adequado aos conflitos que ocorrem no dia-a-dia da escola - participação efetiva nos programas de incentivo à qualidade da educação do governo federal, governos estaduais ou municipais;
Formação e Condições de Trabalho dos Profissionais da Escola	- habilitação - formação continuada - suficiência da equipe escolar - assiduidade da equipe escolar - estabilidade da equipe escolar;
Ambiente Físico Escolar	- bom aproveitamento do espaço físico escolar - suficiência do espaço físico escolar - cuidado com o espaço físico escolar/qualidade do espaço;
Acesso, Permanência e Sucesso na Escola	- absenteísmo dos alunos - abandono e evasão - atenção aos alunos com alguma defasagem de aprendizagem - atenção às necessidades educativas da comunidade.

As etapas para a utilização do instrumento foram: A comunidade escolar foi dividida em sete grupos de acordo com as sete dimensões; Foi assegurado que, na composição de cada grupo, houvesse pelo menos um representante de cada um dos segmentos que compõe a comunidade escolar (pais/usuários, educadores/professores, funcionários); O grupo elegeu um coordenador e um relator, esse último se responsabilizou por tomar nota e expor na plenária o resultado da discussão do grupo. O coordenador, por sua vez, responsabilizou-se para que todas as perguntas fossem respondidas a partir de um consenso a respeito da situação discutida e em relação ao instrumento. A partir do consenso, cada grupo atribuiu uma cor de acordo com a seguinte categorização: VERDE, se o grupo considerou que o indicador estava consolidado na escola; AMARELO, se o grupo considerou que o indicador não estava totalmente consolidado, ou seja, que mereceria cuidado e atenção; VERMELHO se o grupo considerou que o

indicador era inexistente ou quase inexistente e que exigiria intervenção imediata. Após a discussão, o grupo preencheu o quadro resumo contendo somente o nome da dimensão e os indicadores. Esse quadro foi exposto na plenária geral. Nessa plenária, foram debatidos os resultados apresentados pelos grupos e foram eleitos os problemas e virtudes prioritárias. A exposição à platéia girou, assim, em torno de três pontos: a) justificativa quanto às cores atribuídas a cada um dos indicadores e à dimensão b) relato dos problemas prioritários eleitos. c) relato das sugestões de alteração do instrumento.

Resultados e Discussão

No mês de setembro foram feitos os primeiros contatos com a direção da instituição para apresentação do Projeto e definição de datas para realização de reuniões com os diferentes segmentos da comunidade escolar, com vistas a prestar esclarecimentos sobre o mesmo. No dia 8 de outubro de 2003, a equipe coordenadora do Projeto participou de uma reunião com o Colegiado da escola, no intuito de expor aos presentes o que seria o Projeto Indicadores Populares de Educação, seus objetivos e as ações a serem desenvolvidas. Ao finalizar, foram agendados os dias em que a realização da avaliação ocorreria no CDC e, o Colegiado responsabilizou-se por convocar os participantes para garantir que houvesse nos grupos a heterogeneidade exigida pelo Projeto. Para facilitar o trabalho dos avaliadores, foram elaborados alguns materiais. Uma síntese explicativa do Projeto e das tarefas de cada participante, cartazes equivalentes ao chamado quadro resumo e fichas coloridas para afixar nos cartazes, o que facilitaria a discussão na plenária. No dia 16 de outubro de 2003, aconteceu o primeiro encontro. Nesse dia, as coordenadoras do Projeto Mônica Correia Baptista e Rita de Cássia passaram todas as informações para o grupo que se encontrava presente, explicaram também a metodologia a ser empregada Durante a conversa, as coordenadoras reforçaram a importância da aplicação deste tipo de avaliação na Educação Infantil, uma vez que esta integra a educação básica. Ao fazer referência à atribuição de cor a cada indicador, buscou-se assegurar a compreensão, entre os participantes de que a cor vermelha nem sempre significaria a inexistência do indicador, mas, por outro lado, que o mais importante seria que o grupo priorizasse os aspectos que mereceriam uma intervenção imediata em relação aos demais. A importância de se analisarem as questões de cada instrumento, observando se estão ou não de acordo com as necessidades da Educação Infantil e de cada escola com suas particularidades foi também esclarecida. A comunidade escolar parece ter compreendido as informações, uma vez que as tarefas foram realizadas da forma como foram expostas. Estavam presentes no encontro oito pais, cinco professores, dezenove funcionários - inclui-se neste último a parte administrativa e a coordenação da escola – que participaram ativamente de todas as atividades propostas. Os grupos foram divididos de forma heterogênea, isto é, garantiu-se a composição dos grupos levando-se em conta o segmento pertencente. Cada um dos grupos analisou uma dimensão. Assim, Grupo1 - Ambiente Educativo – representado por dois pais, um professor, dois funcionários e um assistente; Grupo 2 – Prática Pedagógica – representado por um pai, um professor, um assistente e dois funcionários; Grupo 3 – Avaliação – representado por um pai, um professor e dois funcionários; Grupo 4 – Gestão Escolar Democrática – representado por um pai, um professor e dois funcionários; Grupo 5 – Formação e condições de trabalho dos profissionais da escola – representado por um pai, um coordenador pedagógico e dois funcionários; Grupo 6 – Ambiente físico escolar - representado por um pai, um coordenador pedagógico e três funcionários; Grupo 7 – Acesso, permanência e sucesso na escola – representado por um pai, um professor e quatro funcionários; Para a discussão nos grupos foi determinado o período de uma hora, ao término do qual cada um apresentaria o resumo da discussão na plenária geral. Cada qual escolheu seu respectivo relator e coordenador que já sabiam de antemão como deveriam proceder. O relator registrou todas as observações e modificações que o grupo sugeriu e, em seguida, passou para um quadro com a síntese da discussão e as propostas de alterações. Na plenária, os quadros-resumo foram expostos de modo que todos podiam observar as cores atribuídas para os indicadores. O relator de cada grupo ficou responsável por explicar as razões das cores escolhidas para avaliar cada indicador. Ao final deste primeiro encontro, foi possível concluir apenas uma parte do que havia sido planejado e, por isso, foi agendado um próximo encontro no qual, a pauta seria a discussão das ações em torno das observações feitas, constituindo-se, assim, o início da elaboração de um Plano de Intervenção. No dia 23 de outubro de 2003, aconteceu o segundo encontro, primeiramente a coordenadora Mônica Baptista retomou o que havia sido discutido na primeira reunião. Nesse encontro, pudemos contar com a participação da coordenadora Lívia Maria. Posteriormente cada grupo expôs detalhadamente as discussões feitas a partir de cada pergunta referente ao indicador. Para que fossem registradas as discussões, foi

montado um painel no qual os relatos dos grupos e de cada participante foram anotados. Desta forma, os presentes puderam visualizar melhor o que estava sendo discutido e acordado entre os participantes. Foi sugerido pelas coordenadoras que os grupos pensassem sobre as cores atribuídas aos indicadores no primeiro encontro, refletindo se realmente a cor inicialmente escolhida deveria ou não permanecer, entendendo que a cor vermelha deveria ser atribuída às prioridades. Essa ponderação ajudou o grupo a retomar alguma posições e a decidir sobre o que deveria ser priorizado para a elaboração de um plano de ação. Dos trinta e quatro indicadores somente dois mudaram de cor. A dimensão Gestão Escolar alterou o indicador Conselhos escolares da cor amarela para vermelha e a dimensão Formação e Condições de Trabalho dos Profissionais da Escola alterou o indicador Assiduidade da equipe escolar da cor amarela para a cor vermelha. Enfatizando, dessa forma a prioridade de ambas. Os grupos participaram das reuniões de forma integrada, contribuindo para avaliar cada indicador. A atribuição de cores aos indicadores e às dimensões foi um facilitador para a compreensão, principalmente como um mecanismo de visualização. Ao registrar as discussões feitas sobre cada indicador os grupos foram claros e objetivos, acreditamos com isso que os relatores conseguiram sintetizar bem as discussões e por sua vez os coordenadores organizaram a conversa a fim de garantir a participação de todos. Observamos uma certa dificuldade por parte de alguns grupos com relação às Propostas de Alteração, entenderam que estas propostas deveriam ser feitas em torno dos problemas da escola e não das modificações necessárias ao instrumento. A comunidade escolar manifestou bastante interesse em dar continuidade ao trabalho realizado, e principalmente um desejo de contarem com uma assessoria por parte da coordenação do Projeto. Solicitaram que tivessem acesso às conclusões do trabalho, ao relatório, às considerações acerca das discussões e a realização do Plano de Ação.

Produtos Gerados

Como conseqüência deste primeiro momento do Projeto, foi elaborado um relatório das atividades para ser apresentado em uma reunião com o grupo técnico responsável pelo Projeto em nível nacional, para discutir os resultados do teste e produzir consensos quanto ao desenho do instrumento final e continuidade da iniciativa. Essa reunião ocorrerá no dia trinta e um de outubro de 2003 na cidade de São Paulo.

Conclusão

Foi possível perceber que a utilização dos indicadores de qualidade revela problemas e virtudes da escola e possibilita a participação dos segmentos nessa avaliação. Constatou-se também que o instrumento é adequado para a avaliação de instituições que atendem a crianças de 0 a 6 anos devendo observar-se pequenas adequações.

Parcerias

Ação Educativa, Unicef, PNUD, Campanha Nacional pelo Direito a Educação, CENPEC, CNTE, CONSED, Fundação Abrinq, Fundescola, IBGE, Instituto Polis, IPEA, UNDIME, e INEP.

Referências

BAPTISTA, Mônica Correia, COELHO, Rita de Cássia Freitas e VIEIRA, Lívia Maria Fraga. Regulamentação da educação infantil no sistema municipal de ensino de Belo Horizonte. Infância na Ciranda da Educação. Belo Horizonte: Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação. Prefeitura Municipal de Belo horizonte, 2003.

BAPTISTA, Mônica Correia, COELHO, Rita de Cássia Freitas e VIEIRA, Lívia Maria Fraga. Regulamentação da educação infantil. In: Movimento Intefóruns de Educação Infantil do Brasil. Educação infantil: construindo o presente. Campo Grande, MA: Ed. UFMS, 2002. 200p.

BRASIL, Lei 9394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996.

BRASIL. Constituição Federal de 1988.

BRASIL. LEI nº 8069 – 13 de Jul. 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Minas Gerais. Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente. P. 9-60.

BRASIL. LEI nº 9394 – 20 dez. 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Diário Oficial, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, SEF/COEDI. Política Nacional de

Educação Infantil. Brasília, 1994.
________. Por uma política de formação do profissional de educação infantil. Brasília, 1994.
________. Critérios para o atendimento em creche que respeite os direitos fundamentais das crianças. Brasília, 1995.
________. Subsídios para a elaboração de diretrizes e normas para a educação infantil. Brasília, 1998.
BRASÍLIA. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Conhecimento do mundo. Vol 3. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Política da educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. Brasília, 1998.
CAMPOS, Maria Malta. Atendimento à infância na década de 80: as políticas federais de financiamento. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.82, p.5-20, ago.1992.
_________. Educação infantil: o debate e a pesquisa. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.101, p.113-127, jul. 1997.
CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia; FERREIRA, Isabel Morsoletto. Creches e pré- escolas no Brasil. São Paulo: Cortez/FCC, 1993.
FERRARI, Alceu R. Evolução da educação pré-escolar no Brasil no período de 1968 a 1986. Revista Brasileira de Estudos pedagógicos, Brasília, v. 69, n.161, p. 55-74, jan/abr. 1988.
HADDAD, Lenira. Políticas integradas de cuidado e educação infantil: o exemplo da Escandinava. Pro-posições/UNICAMP, Campinas, SP, v.7, n.3, nov. 1996.
KRAMER, Sônia. A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
__________. O papel social da pré-escola. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.58, p.77-81, ago. 1985.
KUHLMANN Jr., Moysés. Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.
PALHARES, Marina Silveira (orgs.). Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios. Campinas, SP: Editora da UFSCar; Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 1999. – (Coleção polêmicas do nosso tempo; 62).
ROSEMBERG, Fúlvia. O movimento de mulheres e a abertura política no Brasil: o caso da creche. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.51, p. 73-79, nov. 1984.
___________. 0 a 6: desencontro de estatísticas e atendimento. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 71, p.36-48, nov. 1989.
__________. Raça e educação inicial. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.77, p.25-34, maio.1991.
___________. A educação pré-escolar brasileira nos governos militares. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.82, p.21-30, ago.1992.
___________. A criação de filhos pequenos: tendências e ambigüidades contemporâneas. São Paulo, 1993 (mimeo).
ROSEMBERG, Fúlvia & CAMPOS, Maria Malta (org.). Creches e pré-escolas no Hemisfério Norte. São Paulo: Cortez/FCC, 1994.
VIEIRA, Lívia M F. A pré-escola em Belo Horizonte – 1908/1980: notas de pesquisa. In: Associação Movimento De Educação Popular Integral Paulo Englert. Políticas públicas de atendimento à criança e ao adolescente em Minas Gerais. Belo Horizonte: AMEPPE, p.23-44, 1993.
ZABALZA, Miguel A . Qualidade em educação infantil. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GESTÃO E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA: A EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE FORMADORES

Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben[1], Tânia Margarida Lima Costa[2], Marisa Ribeiro Duarte, Juliane Correa Marçal[3], Jovanira Lazaro Pereira, Regina Siqueira, Ricardo Miranda, Mary Vieira de Souza[4], Luiz Carlos de Souza[5], Evilásio Ferreira da Silva, Wallasce Almeida, Leonardo Zenha, Zoroastro Goulart[6]

Introdução

O curso Veredas de Formação Superior de Professores das Séries Iniciais foi criado para atender em torno de 14 mil professores das redes públicas estadual e municipal em exercício, que não tiveram até o presente momento, oportunidade de fazerem o curso superior regular. A Secretaria de Estado da Educação organizou um consórcio entre as diferentes instituições de ensino superior de Minas Gerais para o atendimento desses cursistas, segundo o projeto pedagógico, denominado Veredas, estruturado, especificamente, para esse fim. Os professores foram selecionados a partir de um vestibular que incluiu, além de conteúdos específicos, critérios relacionados ao efetivo exercício na rede pública de ensino, faixa de idade e tempo para a aposentadoria. O formato curricular do curso foi organizado pretendendo ser um curso semi presencial, desenvolvido com suportes didáticos diferenciados: Guias de estudo elaborados por professores especialistas nos diferentes conteúdos, (muitos desses professores são da UFMG) ; vídeos criados para facilitar e alargar a leitura dos Guias impressos, um sistema de orientação via internet e atividades presenciais que ocorrem uma vez por mês, aos sábados, com 8 horas de duração e uma semana presencial com 40 horas de duração que ocorre durante o início de cada semestre. Os professores cursistas são visitados pelos tutores para acompanhamento de sua prática pedagógica nas escolas em que trabalham e essas visitas têm por objetivo a reflexão das questões que são suscitadas por esta prática. Ao final de cada módulo os cursistas são avaliados por meio de testes objetivos, exigência legal para todo curso desenvolvido na modalidade a distância. É possível a academia perguntar por que um programa como o VeredasS. Nesse sentido podemos dizer que, embora haja o reconhecimento da formação em nível médio para a atuação nas séries iniciais e na educação infantil, a LDB recomenda claramente a formação em nível superior de todos os profissionais da educação. Por outro lado, o desenvolvimento científico e tecnológico que marca a nossa época impõe à sociedade novas formas de organização do trabalho e de relações sociais e de construção da cidadania. Se a escola é um espaço da prática educacional sistemática e planejada, o seu papel só poderá ser cumprido se estiver preparada para pensar e promover as mudanças necessárias. Nesse sentido, torna-se necessário garantir ao profissional da educação uma sólida formação que lhe permita uma atuação efetiva nos diferentes espaços educativos da sociedade.

Objetivos

Habilitar os professores das Redes Públicas de Educação de Minas Gerais, de acordo com a legislação vigente; elevar o nível de competência profissional dos docentes em exercício; contribuir para a melhoria do desempenho escolar dos alunos das Redes Públicas de Minas Gerais, nos anos iniciais da educação fundamental; e valorizar a profissionalização docente.

Metodologia

O projeto Veredas está organizado como um Curso de Formação Superior de Professores, de graduação plena, abrangendo as três dimensões da práxis pedagógica. Caracteriza-se como formação inicial em serviço, habilitando os professores para o exercício do magistério nos primeiros anos do ensino fundamental, de acordo com os requisitos contemporâneos para os profissionais da área de educação e as diretrizes estabelecidas na Constituição Federal de 1988, na Lei n.° 9.394, de 20 de dezembro de 1994: Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e em documentos produzidos pelo MEC e por associações de educadores. Esta sendo desenvolvido em parceria com uma rede de

---

1Coordenadora, 2subcoordenadora, 3docentes, 4técnicos-administrativos, 5monitor, 5estagiários
Número de Registro SiexBrasil: 4271
Área Temática: Educação
Faculdade de Educação
Contatos: dalben@fae.ufmg.br e (31) 3499-5346

instituições de ensino superior, de forma a estimular uma estreita colaboração entre as redes de ensino básico e superior, e propiciar aos professores não graduados a vivência no ambiente universitário. O Curso de Formação Superior de Professores faz uso da moderna tecnologia da informação e será oferecido na modalidade de educação a distância, com momentos presenciais. Assim, além das atividades auto-instrucionais, há encontros, oficinas, debates e atividades culturais que propiciem o desenvolvimento de competências necessárias para o trabalho coletivo e a ampliação dos horizontes pessoais e profissionais dos professores cursistas. Cada grupo de 15 professores cursistas terá um tutor responsável por orientar seus estudo teóricos e práticos e por coordenar os momentos presenciais do Curso. A população-alvo do projeto Veredas – Formação Superior de Professores é constituída por docentes que se encontram em exercício nos anos iniciais do ensino fundamental, sem, no entanto, possuírem a habilitação em nível superior. O Projeto Veredas apresenta sistemas integrados que caracterizam a sua estrutura administrativa e pedagógica . Para a implementação do curso foram previstos no VEREDAS cinco sistemas: O sistema operacional - O sistema instrucional - O sistema de tutoria - O sistema de monitoramento e avaliação - O sistema de comunicação e informação. Os cinco sistemas componentes do Projeto Veredas são articulados entre si e abrangem os diferentes níveis em que se dá a implementação do Curso de Formação Superior de Professores. Para a organização desses sistemas, foram elaborados Manuais, permanentemente revistos e ampliados com a incorporação das experiências das AFOR, discutidas em um Fórum de Instituições do Ensino Superior, que é composto por representantes das agências formadoras e de entidades do setor educacional, instância de articulação política do Veredas - Formação Superior de Professores. · A Secretaria Estadual de Educação é responsável pelo sistema operacional e pelo sistema instrucional. O sistema operacional abrange ações necessárias para a viabilizar a realização das atividades previstas pelo curso no âmbito estadual, sendo a coordenação central do projeto a equipe fundamental de orientação do sistema. O sistema instrucional, da mesma forma, refere-se às ações de preparação do material didático previsto para o curso. Os suportes do projeto são livros e vídeos. Este material foi preparado com apoio de especialistas, professores de universidades. Os sistemas de Tutoria, Monitoramento e Avaliação, Comunicação e Informação estão sob a responsabilidade das Agência de Formação1. Os Sistemas no contexto da UFMG: A organização destes sistemas no contexto da UFMG permitiram o delineamento original para execução do projeto. Nesse sentido os sistemas foram assim definidos. Sistema de tutoria: O Sistema de Tutoria prevê o apoio pedagógico às atividades de todos os participantes do Curso de Formação Superior de Professores e sua contínua capacitação. Para isso, inclui: planejamento do esquema de tutoria; acompanhamento das Atividades Individuais a Distância e da Prática Pedagógica Orientada; planejamento de atividades para recuperação da aprendizagem; elaboração dos materiais de apoio à atuação dos participantes do projeto; planejamento do treinamento dos tutores; A formação de turmas: Cada grupo de 15 professores cursistas forma uma turma e tem um tutor, professor de curso regular de formação de professores. O contato do Tutor com os alunos ocorre em todas as atividades presenciais realizadas no início de cada módulo, nas reuniões mensais e por correio eletrônico, além das visitas às escolas. Os alunos são estimulados a formar grupos de estudo nas suas escolas com o objetivo de trocar idéias, esclarecer dúvidas e ajudar-se mutuamente. A formação das Turmas ou Grupos observa os seguintes agrupamentos de Professores Cursistas: da mesma escola, porque, além de permitir a realização de grupos de estudos, facilita o trabalho de acompanhamento do Tutor em relação às atividades pedagógicas; de várias escolas do mesmo município; de municípios próximos (como última alternativa). Papel do Tutor: Cabe ao Tutor um importante papel no curso, desempenhando diferentes tipos de ação, como: tarefas orientadoras: ajudar nas dificuldades, orientar os estudos, explicar metodologias, etc.; tarefas de caráter acadêmico: orientar e programar estudos, orientar Monografias e bibliografias, dirigir as Atividades Coletivas; tarefas de caráter pessoal: orientar, animar, motivar, ajudar. Ações específicas: acompanhar um grupo de 15 professores cursistas, orientando suas leituras, auxiliando-os em suas dúvidas e na execução das atividades pedagógicas com seus próprios alunos; reunir-se com os professores cursistas uma vez por mês para 8 horas de Atividades Coletivas programadas; visitar as escolas de cada Professor Cursista para acompanhar as atividades pedagógicas desenvolvidas e o progresso dos alunos; programar atividades de recuperação (a ser definido posteriormente); orientar a elaboração do Memorial e da Monografia; controlar a freqüência dos alunos às Atividades Coletivas; preencher fichas de acompanhamento do desempenho do cursista, preencher relatórios de Monitoramento e Avaliação. O Perfil do Tutor: A equipe de tutores da UFMG é composta por 40 docentes da Faculdade de Educação, Escola Fundamental do Centro Pedagógico, COLTEC, Faculdade de Letras, Instituto de Geociências. O Tutor do Projeto Veredas na

UFMG apresenta as seguintes características: Qualificação em nível de Pós-Graduação, Docentes com dedicação exclusiva, Pesquisadores na área do ensino, capacidade de liderança, de planejamento e de organização das Atividades Coletivas presenciais; capacidade de coordenar grupos de trabalho; facilidade de comunicação e de expressão; bom relacionamento interpessoal; conhecimento da proposta pedagógica do Projeto Veredas; disposição para leitura dos Guias de Estudo e para orientação dos alunos; conhecimento de processos de comunicação por Internet; capacidade de orientação de memoriais e de Monografias; capacidade de elaborar pequenos relatórios; · disponibilidade de tempo para dedicar-se ao curso pelo menos quarenta horas por mês; disposição de viajar, uma vez por mês, se for o caso. Sistema de avaliação e monitoramento: O Sistema de Monitoramento e Avaliação de Desempenho, se responsabiliza pelo contínuo aperfeiçoamento do projeto e seu funcionamento regular.Avalia a qualidade do Curso e coordena o fluxo das atividades de verificação de aprendizagem. Utiliza uma metodologia abrangente e diversificada, de modo a poder tratar adequadamente elementos quantitativos e qualitativos, processos, produtos e impactos. A proposta técnica do projeto VEREDAS/UFMG estabeleceu como os principais objetivos das atividades de avaliação: permitir que o professor cursista tenha uma idéia clara de seus progressos e possa reorientar seus esforços de acordo com as necessidades; levantar subsídios para a avaliação do próprio curso, abrangendo os materiais instrucionais, a atuação do tutor e o desempenho da agência formadora (Veredas. Projeto pedagógico p. 33). Para atender a estes objetivos a FaE/UFMG adotou como estratégia de avaliação e monitoramento a definição de procedimentos que possibilitem, simultaneamente, articular a avaliação quantitativa de desempenho das cursistas, nos termos conveniados com a Coordenação Estadual do Projeto, com o monitoramento dos desafios impostos a implementação de uma proposta educativa inovadora. Esta opção estratégica orientou a construção de novos instrumentos a serem observados no seu Sistema de Monitoramento e Avaliação, de modo a compatibilizar as atribuições definidas na proposta técnica do projeto (Veredas. Projeto pedagógico p. 62; Guia Geral p. 20) com o acompanhamento das diferentes atividades advindas de uma prestação de serviços que contribua para novas práticas de formação docente. Nesse sentido para cada uma das atribuições estabelecidas para o subsistema de Monitoramento e Avaliação a AFOR procurou estabelecer mecanismos diferenciados de operacionalização dos objetivos propostos: 1. responsabilizar-se pelo contínuo aperfeiçoamento do monitoramento do projeto e seu funcionamento regular: I. elaboração de uma base de dados integrando informações cadastrais, de rendimento e do tutor por cursista; A base de dados em construção deverá ser compatível com o Sistema de Avaliação estabelecido pela Coordenação Estadual do Projeto Veredas, com as necessidades de registro acadêmico e de administração pedagógica da AFOR e, ainda, possibilitar a divulgação periódica dos resultados parciais aos tutores e cursistas. Para atender a estas finalidades, a Coordenação de Avaliação elaborou o diagrama de relacionamento constante no anexo 9. II. elaboração do sistema eletrônico de comunicação entre a coordenação geral da AFOR e os tutores; Com suporte na estrutura de comunicação do projeto GRUDE da UFMG2, a coordenação de avaliação em conjunto com a coordenação de informática vem elaborando páginas web, atualmente disponíveis apenas aos tutores, para registro continuado da avaliação das cursistas e troca de informações sobre o material instrucional e atividades de avaliação realizadas (ver: http://qp.grude.ufmg/veredas). 1. avaliar a qualidade do curso, dos materiais elaborados e os efeitos nas escolas onde os cursistas atuam: I. desenvolvimento e aplicação de questionário para coleta de dados sobre o perfil socioeconômico e cultural das cursistas; Os questionários foram aplicados durante a primeira e segunda semana presencial e os dados preliminares foram apresentados aos tutores, às diretoras das escolas envolvidas e na vídeo conferência organizadas pela coordenação estadual do projeto). II. digiitação e sistematização das informações coletadas referentes ao rendimento, perfil e opinião das cursistas; os dados de avaliação das cursistas sobre o curso, tutores e dificuldades encontradas, como a transcrição de notas obtidas foram digitados em arquivos individuais para posterior incorporação à base de dados. III. análise estatística e comparativa dos dados de rendimento, perfil e opinião das cursistas; A coordenação de avaliação vem efetuando análise estatística e comparativa das diferentes informações coletadas para subsidiar as ações desenvolvidas pela coordenação geral, tutores e cursistas. 1. coordenar o fluxo das atividades de verificação de aprendizagem I. elaboração de cronograma de entrega e divulgação de resultados; II. apresentação e discussão em reunião dos resultados parciais alcançados. Além dos objetivos propostos no projeto VEREDAS a coordenação de avaliação e monitoramento vêm procurando elaborar instrumentos de monitoramento que possibilitem: 1. quantificar os processos individuais e/ou por grupos do desenvolvimento teórico e da prática pedagógica das cursistas com a finalidade de estabelecer parâmetros comparativos: I. elaboração das fichas de avaliação de monografia; II. elaboração das fichas de avaliação do

memorial; III. elaboração das fichas de observação da prática pedagógica. As fichas propostas, elaboradas após discussões com diferentes tutores envolvidos no projeto, visam estabelecer um registro quantitativo de etapas comuns a serem percorridas pelas cursistas em momentos diferenciados. O registro quantitativo da nota tem por objetivo, além de aferir o cumprimento satisfatório da atividade propostas, sugerir aos tutores e cursistas ações que possam contribuir para o aperfeiçoamento das atividades previstas. 1. registrar e avaliar as atividades de enriquecimento realizadas por grupos de tutoria e/ou coordenação da AFOR, monitorando os resultados: I. elaboração de questionários de avaliação dos resultados alcançados por atividades; II. discussãode instrumentos de registro e acompanhamento das atividades realizadas. O exercício das atividades de tutoria desenvolvidas na FaE/UFMG aliadas à observação da prática pedagógica das cursistas nas escolas têm contribuído para a criação de diversas experiências voltadas para a superação de situações problemas presentes no cotidiano de formação e prática das cursistas. Em conjunto com a Coordenação de tutoria, esta Coordenação têm buscado estabelecer o registro ex post dessas experiências de modo a contribuir para a construção de um conjunto de informações sobre as estratégias educativas envolvidas. Comunicação e Informação O Sistema de Comunicação e Informação tem dois propósitos básicos. De um lado, viabiliza o funcionamento do Sistema de Tutoria, fornecendo os meios para os contatos necessários entre as diferentes categorias de participantes do projeto Veredas. Por outro lado, agiliza o fluxo das informações indispensáveis para o trabalho das agências formadoras (AFOR) e da coordenação estadual. Inclui os componentes descritos a seguir. 1- Central de Atendimento A Central de Atendimento foi implantada para atender a consultas, reclamações, críticas, elogios e sugestões, que poderão ser encaminhadas via telefone, fax ou correio viabilizando o fluxo das comunicações entre as AFOR, cursistas e demais participantes que porventura não tenham acesso à Internet. 2- Portal VEREDAS Portal na WEB: o Portal do Veredas destina-se a prestar serviços de comunicação e informação aos professores cursistas e às agências formadoras. Terá vários menus destinados aos diferentes tipos de serviços prestados: informação geral sobre o Curso; componentes curriculares e seus conteúdos; informações sobre as AFOR e seus tutores; orientação a tutoria; intercâmbio com outros cursistas e demais participantes do Projeto Veredas; cursos virtuais de auto-aprendizagem, sobre informática, para os cursistas; avaliação de desempenho dos professores cursistas; cadastro dos participantes; controle de acesso a base de dados; outros sítios selecionados.

Resultados e Discussão

O projeto Veredas FAE/UFMG tem se configurado como importante espaço de extensão e pesquisa para alunos e professores da UFMG. A integração entre os professores de diversos níveis de ensino articulando teoria e prática fazem emergir reflexões sobre questões que envolvem o processo ensino e aprendizagem e o cotidiano da sala de aula e das escolas públicas. Essa articulação das dimensões teórica e prática do campo educativo, apresentando uma ampla visão dos conteúdos da educação, de modo a relacionar a teoria pedagógica com os conteúdos curriculares do ensino fundamental, a didática, o planejamento e a avaliação são priorizados na realização do Projeto. Na perspectiva adotada pelo Veredas, o professor preparado para atuar nas séries iniciais do ensino fundamental se como um profissional que busca os instrumentos necessários para o desempenho competente de suas funções e tem capacidade de tematizar a própria prática, refletindo criticamente a respeito dela. Conhece bem os conteúdos curriculares, sabe planejar e desenvolver situações de ensino e aprendizagem, estimula as interações sociais de seus alunos e administra com tranqüilidade as situações de sala de aula. Conhece, aceita e valoriza as formas de aprender e interagir de seus alunos, respeita suas diversidades culturais e sabe lidar com elas, comprometendo-se com o sucesso dos estudantes e o funcionamento eficiente e democrático da escola em que atua.Valoriza o saber que produz em seu trabalho cotidiano, empenha-se no próprio aperfeiçoamento e tem consciência de sua dignidade como pessoa e como profissional. Assim, é um ser humano capaz de continuar aprendendo e um cidadão responsável e participativo, integrado ao projeto da sociedade em que vive.

Conclusão

A participação da Faculdade de Educação da UFMG no desenvolvimento do Curso Normal Superior à distância – CURSO VEREDAS - desde março de 2002 tem permitido ao corpo docente da instituição a oportunidade de estreito relacionamento com a prática pedagógica cotidana da escola de Educação Básica. Estar diante da realidade da escola pública e dos desafios enfrentados pelos professores cursistas, vinculados diretamente ao trabalho e à

formação constitui-se uma situação impar de possibilidades de estudo e pesquisa para a universidade. Muitas questões têm sido levantadas pelos tutores, pela coordenação do projeto e inúmeros são os desejos dos cursistas de verem a sua prática discutida e analisada pela academia. São situações de confronto, de enfrentamento teórico e prático que merecem total disponibilidade de reflexão daqueles que se propõem a formar os profissionais da educação porque refletem as necessidades sociais e educativas da escola pública. É uma experiência que tem apontado perspectivas para novas ações práticas, além de facultar novos estudos e pesquisas em relação ao quotidiano de trabalho das escolas de ensino fundamental e seus profissionais. Algumas repercussões importantes merecem ser listadas frente a essas perspectivas de elaboração de práticas docentes inovadoras: em primeiro lugar salientamos o fato de o CURSO VEREDAS contar com expressivo número de tutores da Escola de Ensino Fundamental da UFMG. O Centro Pedagógico é uma escola pública singular tanto por suas características infraestruturais quanto pela formação do seu corpo docente. Os procedimentos de gestão e práticas de ensino desenvolvidas nesta escola constituem parâmetros de avaliação das atividades de observação do próprio Curso Veredas e serão, com toda certeza, parâmetros para as observações propostas neste projeto. Por outro lado, o projeto tem oferecido condições de aperfeiçoamento da infra estrutura material da unidade, permitindo que projetos antes sonhados pudessem ser colocados em andamento. Simultaneamente, o momento político brasileiro situa a reestruturação dos cursos de licenciatura em todos os níveis de ensino, incluindo aqui os cursos de Pedagogia. Neste contexto em particular, a FaE/UFMG tem se debruçado na organização de um novo currículo para o Curso de Pedagogia, nos termos da RES/CNE nº 02/2002. Esta resolução discute, especificamente, a extensão da carga horária de estágio curricular e prática de ensino, delineando perspectivas interessantes para a elaboração de propostas institucionais mais ousadas, que no futuro poderão se transformar em internatos, semelhantemente ao que ocorre nas áreas médicas – uma das grandes atividades presentes atualmente na formação de profissionais desta universidade. Articulando todos esses aspectos, propõe-se, no presente projeto uma experiência piloto de observação e interação direta dos alunos graduandos com a prática pedagógica, por um tempo maior, independentemente dos contornos atuais dos estágios curriculares. Esse processo será desenvolvido vinculado no percurso de formação em serviço dos professores cursistas do projeto VEREDAS, com envolvimento cotidiano e direto em suas atividades práticas de docência em sala de aula e na escola. Acredita-se que esta vinculação poderá trazer importantes contribuições para a formação dos profissionais da educação, já que estaremos estreitando relações entre a universidade e a escola de ensino fundamental das redes públicas estadual e municipal, atuando em dois níveis de formação de profissionais, permitindo a produção inovadora de conhecimentos, além da modelagem de novas estruturas básicas de acompanhamento dessas atividades práticas, com possível aperfeiçoamento da visão acadêmica para a constituição de um novo currículo a ser proposto para o Curso de Pedagogia e as Licenciaturas de um modo geral.

Referências

SECRETARIA DE ESTADO DE MINAS GERAIS, Manual da Agência Formadora. VEREDAS – Formação Superior de Professores – Belo Horizonte. 2002

SECRETARIA DE ESTADO DE MINAS GERAIS, Guia Geral VEREDAS – Formação Superior de Professores – Belo Horizonte. 2002

SECRETARIA DE ESTADO DE MINAS GERAIS, Projeto Político Pedagógico. VEREDAS – Formação Superior de Professores – Belo Horizonte. 2002

SANCHO, J.M.(org.). Para uma tecnologia educacional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

ZABALA, A. A prática educativa- como ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998

FORMAÇÃO DE AGENTES CULTURAIS JUVENIS

Juarez Dayrell[1], Nilma Lino Gomes[2], Amarilis Coelho Coragem, Arnaldo Leite de Alvarenga, Carlos Magno Camargos Mendonça, Clemência de Fátima Silva, Dayse Lucia Soares Belico, Juan Aramayo, Jussara Tolentino, Luiz Henrique Roberti[3], Claudinéia Aparecida Pereira Coura, Rodrigo Ednilson de Jesus[4], Gustavo Barhuch Bíscaro de Carvalho, Lêda Rodrigues do Santos, Leonardo Zenha Cordeiro, Lilianne Sousa Magalhães, Maria Zenaide Alves, Simone Meireles[5], Jean Carlo Gontijo[6], Júnia Bertolino[7]

Introdução

O projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis é uma das ações do Programa Observatório da Juventude. O "Observatório da Juventude da UFMG" é um programa de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação, com o apoio da Pró Reitoria de Extensão e do Centro Cultural da UFMG, que desde 2002 vem realizando atividades de investigação, levantamento e disseminação de informações sobre a situação dos jovens na região metropolitana de Belo Horizonte além de promover a capacitação tanto de jovens quanto de educadores e alunos da graduação da UFMG interessados na problemática juvenil. O programa situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, orientando-se por quatro eixos centrais de preocupação que delimitam sua ação institucional: a condição juvenil; políticas públicas e ações sociais; práticas culturais e ações coletivas da juventude na cidade e a construção de metodologias de trabalho com jovens. Além do projeto Formação de Agentes Culturais Juvenis, o Observatório da Juventude desenvolve outros quatro projetos a saber: Educação, Cultura e Juventude: O projeto "Educação, Cultura e Juventude" busca responder aos desafios colocados na relação entre a juventude e a escola. Pretende elaborar e desenvolver, em conjunto com os professores do 3o Ciclo da Escola Municipal Cônego Sequeira, uma proposta curricular que contemple as demandas e necessidades dos jovens alunos, com ênfase na cultura e nas diversas expressões artísticas que compõem o universo da cultura juvenil. O projeto vem desenvolvendo um processo de formação contínua e "em serviço" dos professores, realizado na própria escola, nas diversas linguagens culturais, bem como a discussão e elaboração de proposta curricular. Ao mesmo tempo está sendo criado o "Centro da Juventude", um espaço equipado no interior da escola para encontros, lazer e formação dos jovens da escola e da comunidade, aberto nos finais de semana. O Centro da Juventude é coordenado por uma equipe de professores em parceria com o grupo cultural "Aliança Mineira", formado por jovens participantes do Projeto "Formação de Agentes Culturais Juvenis". Este projeto conta com a parceria da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. Pesquisa: Juventude, escolarização e poder local: O projeto de pesquisa "Juventude, Escolarização e Poder Local" pretende construir uma base de dados que permita descrever e conhecer as ações voltadas para os jovens desenvolvidas por 13 municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte, analisando assim as políticas públicas existentes para a juventude. Esse projeto é o segmento de Minas Gerais de uma pesquisa nacional, coordenada pela Prof. Marília Spósito da Faculdade de Educação da USP, que possibilitará o monitoramento das políticas públicas governamentais e ações sociais destinadas ao segmento jovem no Brasil. Pesquisa: Juventude, práticas culturais e identidade negra: O projeto "Juventude, práticas culturais e identidade negra" tem como objetivo compreender a relação entre educação, cultura e juventude a partir da análise das práticas culturais de jovens negros da periferia de Belo Horizonte, integrantes de diferentes grupos culturais juvenis. Pretende também, compreender os significados que os grupos culturais adquirem no contexto das trajetórias de vida desses jovens; entender como se dá o processo de construção da identidade negra dos mesmos por meio da corporeidade e da reconstrução da memória; analisar a dimensão estética na vida dos jovens e contribuir para a construção de uma metodologia de trabalho com jovens na área educativo-cultural. A pesquisa privilegia uma abordagem etnográfica na qual a observação participante, as entrevistas, a história de vida, a fotografia e a filmagem, constituem-se procedimentos metodológicos principais. Nesse sentido, pretende-se compreender como se dá a construção da

---

[1]Coordenador, [2]subcoordenadora, [3]docentes, [4]bolsistas, [5]monitores, [6]voluntário, [7]estagiária
Observatório da Juventude: Formação de Agentes Culturais Juvenis
Número de Registro SiexBrasil: 1998
Área Temática: Educação
Faculdade de Educação e Centro Cultural UFMG
Contatos: juarez@fae.ufmg.br e (31) 3499-6188

identidade negra desses jovens e a relação desta com a escolha e participação em um grupo cultural juvenil pertencente a uma linguagem cultural de matriz africana. Banco de dados e site na internet: Dentro do eixo da investigação, levantamento e disseminação de informações sobre a situação dos jovens na Região Metropolitana de Belo Horizonte, este projeto pretende construir um banco de dados com informações sobre a juventude. Vem sendo mapeados os grupos culturais juvenis existentes na cidade, com informações básicas sobre os mesmos, identificando as regiões de maior incidência na cidade. Outra ação que vem sendo desenvolvida é o levantamento das ONGs que atuam com jovens na área cultural na região metropolitana de Belo Horizonte, identificando as ofertas culturais existentes. O banco de dados será ampliado com as informações coletadas pelas pesquisas desenvolvidas pelo Observatório. Estas informações deverão ser disponibilizadas no sitio na internet, a ser criado, que será a sede virtual do Observatório. O projeto “Formação de Agentes Culturais Juvenis” vem desenvolvendo desde 2002 um processo formativo com 35 jovens pobres, com idade variando de 15 a 31 anos, ligados a grupos culturais nas diferentes linguagens artísticas, como teatro, dança, rap, funk, rock, grafite, percussão, congado e comunicação alternativa em 15 bairros da periferia de Belo Horizonte e três cidades da Região Metropolitana. Ele é parte do programa “Cidadania Cultural” do Centro Cultural da UFMG. Neste período os jovens elaboraram projetos de intervenção sócio cultural e vêm buscando formas de viabilizá-los nos seus bairros de origem. Atualmente todos os jovens estão envolvidos em ações culturais junto á juventude dos bairros, grande parte delas através de oficinas em escolas públicas, se aperfeiçoando como agentes culturais, o que é potencializado pela formação a que têm acesso de segunda a quinta feira no Centro Cultural. Ao mesmo tempo vem sendo estimulado a criação de uma rede de agentes culturais na periferia, o “D.Ver-cidade Cultural“, com o objetivo de articular e fortalecer os grupos e movimentos culturais juvenis existentes, constituindo-se como uma organização autônoma dos jovens.

Objetivos

O projeto se propõe a fornecer subsídios teóricos e práticos para potencializar as ações culturais que os jovens já desenvolvem, ao mesmo tempo estimulá-los a assumirem o papel de agentes culturais contribuindo para criar e/ou ampliar os espaços de encontro e de formação na região onde atuam. Os jovens vem sendo instrumentalizados para elaborar, conseguir financiamento e desenvolver projetos culturais nos seus espaços de origem, e, através de oficinas, ampliar as potencialidades culturais de cada um. Vem sendo estimulado a criação de uma rede de agentes culturais na periferia, articulando e desenvolvendo ações junto à juventude dos bairros e dos movimentos culturais existentes. Um outro objetivo é desenvolver uma reflexão sistemática sobre o conjunto do processo educativo vivenciado de tal forma a construir uma metodologia de trabalho com jovens pobres na área educativo-cultural. Nessa mesma direção buscamos contribuir na formação de alunos da graduação da UFMG como educadores sociais.

Metodologia

O projeto fundamenta-se na concepção de uma educação integral, entendida como uma formação que considera a totalidade do ser humano, contribuindo nas formas de pensar, sentir e comportar de cada um dos jovens a serem envolvidos, ao mesmo tempo que potencializa as expressões culturais que estes já dominam. Para contribuir na formação humana dos jovens, temos de entendê-los como sujeitos que são, que interpretam o mundo a seu modo, agem sobre ele e dão um sentido à sua vida. Neste sentido o Programa se pauta pela noção de protagonismo juvenil, tomando-os como jovens parceiros na definição das ações que possam potencializar o que já trazem de experiências de vida. Ao mesmo tempo, tem na autonomia, na responsabilidade social e na solidariedade os valores centrais a serem incentivados nos jovens. Considera-se, também, a necessidade desses jovens assumirem o seu papel ativo na reivindicação e conquista de políticas públicas voltadas para a juventude, principalmente na área cultural. A metodologia, portanto, está ancorada no contexto sócio-cultural e psíquico destes jovens, com o propósito de dar significado às atividades de formação. Ao mesmo tempo, deverá ser o resultado de uma construção coletiva, tendo como eixo a reflexão e sistematização das experiências educativas vivenciadas pelos jovens, bolsistas e coordenadores ao longo do processo. Nesta perspectiva vem sendo desenvolvidas, desde 2002, atividades de segunda a quinta feira, durante às noites, no Centro Cultural da UFMG. No ano passado foram oferecidos curso de elaboração de projetos culturais; curso de leitura e redação de textos e oficina de expressão corporal. Além destas, foram ofertadas no período da tarde atividades opcionais como curso de inglês e oficinas de artes plásticas,

fotografia e capoeira. Como vários dos jovens haviam abandonado a escola formal, foi estabelecido um convênio com a Escola Municipal União Comunitária para que pudessem, ao freqüentar o projeto, concluir o ensino fundamental na modalidade Educação de Jovens e Adultos. Foi conseguido também bolsas cultura para todos os jovens durante a vigência do projeto, possibilitando um maior envolvimento do grupo com o processo desenvolvido. Durante todo o processo os alunos bolsistas e monitores acompanharam os jovens em suas atividades junto às comunidades e auxiliaram na elaboração dos projetos culturais de cada grupo. No ano de 2003 o projeto se propôs a buscar financiamentos para os 18 projetos elaborados, aprofundar na formação dos jovens como agentes culturais e a consolidar a rede de agentes e grupos culturais e investir no programa cidadania cultural do Centro Cultural da UFMG criando espaços e ações que possibilitem a convivência e produção cultural de jovens da periferia e alunos e professores da UFMG.

Resultados e Discussão

Depois de um ano e meio de trabalho com os jovens constata-se que eles se encontram em um processo de construção de identidades positivas, ou seja, uma mudança na postura em relação si mesmos, mais confiantes e seguros de suas próprias potencialidades. Neste sentido observamos que todos possuem uma maior capacidade de comunicação, tanto oral quanto escrita, além da desenvoltura pessoal. Demonstram também um aprimoramento nas relações coletivas, com maior respeito às diferenças, aprendizagem do trabalho coletivo e ampliação do circuito de trocas e, também, dos projetos de futuro. É possível perceber que, de forma geral, todos os jovens possuem uma visão mais critica da realidade, se posicionando diante de temas e situações que lhes dizem respeito.

Produtos Gerados

Durante todo o processo os jovens elaboraram dezoito projetos de intervenção sócio-cultural em suas comunidades, que vem sendo implementados gradativamente. Neste período, ministraram inúmeras oficinas e debates em escolas públicas, sensibilizando professores e alunos para a importância das atividades culturais no cotidiano escolar. Além disso promoveram três eventos assumindo todas as etapas do processo, como divulgação, produção e encenação. Um deles, realizado no Teatro do Colégio D. Silvério em fevereiro de 2003, foi a apresentação dos projetos elaborados. Mais recentemente, em outubro de 2003, produziram o “Seminário de Políticas Públicas da Juventude”. Este seminário, que envolveu cerca de 400 jovens, objetivou o debate e a sistematização das demandas e necessidades dos jovens da região metropolitana de Belo Horizonte, a serem encaminhadas ao poder publico como , propostas de políticas públicas para a juventude. Foram criados ainda, um programa de rádio “D.Ouvir.Cidade Cultural” veiculado pela Rádio Taquaril FM (102.7) aos domingos de 13:30 às 15:00 horas e o “Fanzine”, informativo quinzenal que aborda temas relacionados a juventude e a linguagens culturais.

Conclusão

Todo esse processo nos leva a refletir a necessidade de ampliar a própria noção de educação, que diz respeito a experiências sociais que cada um de nós vai construindo e sendo construído como ser humano. Nesta perspectiva educar é uma relação social que implica uma relação de alteridade com o outro que tem idade, sexo, origem social, desejos e aspirações. No projeto temos aprendido a tratar os jovens como sujeitos, o que implica atender demandas e necessidades que são próprias desta fase. Descobrimos que as atividades educativas têm de apresentar resultados concretos, mesmo que parciais, em curto prazo. Além disso, compreender o jovem como sujeito social implica também levar em conta que eles são seres ativos, pensam sobre as suas condições e experiências de vida, posicionam-se, tem opiniões sobre si mesmo e o mundo, tem desejos e propostas de melhoria de vida. Neste sentido o projeto é desenvolvido em parceria com os jovens e não para eles, centralizando a cultura a as expressões culturais na formação humana e estimulando a autonomia que implica num exercício constante de escolhas ampliando suas alternativas através do acesso a bens culturais e a novas experiências. É importante ressaltar que o projeto concretiza as três funções básicas da universidade, ou seja, extensão, ensino e pesquisa. Vem sendo produzido um conhecimento sobre a juventude da periferia e uma metodologia de trabalho com jovens, produtos que serão colocados á disposição da sociedade através da publicação própria. Assim estamos socializando a capacidade acumulada de conhecimento e os recursos que a UFMG possui, contribuindo assim na superação das desigualdades sociais ainda existentes no país.

Parcerias

Colégio Loyola, Instituto Marista de Solidariedade, Fundo Social Joreny Nasser Kelli-Agostinianos, Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte, Escola Municipal União Comunitária e a Escola Municipal Cônego Sequeira.

Referências

ABRAMO, Helena. Cenas juvenis; punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Escrita, 1994.
ANDRADE, Elaine Nunes Movimento negro juvenil; um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo. São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1996. (Dissertação, Mestrado).
CARRANO, Paulo C.R. Os jovens e a cidade. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
CASTEL, Robert. As armadilhas da exclusão. 1995, (mimeo).
COSTA, Maria Regina. Os carecas de subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno. Petrópolis: Vozes, 1993.
DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos de estilo e identidade. Educação em Revista. Belo Horizonte, n. 30, p. 25-39, dez. 1999.
____________. A música entra em cena: o funk e o rap na socialização da juventude em Belo Horizonte. São Paulo: Faculdade de Educação da USP(Tese, Doutorado).2001
FEIXA, Carlos. De jóvenes, bandas e tribus. Barcelona: Ariel, 1998.
HERSCHMANN, Micael. O funk e o hip hop invadem a cena. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
____________. (Org.). Abalando os anos 90: funk e hip hop, globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
MARTINS, José de Souza. Exclusão social e a nova desigualdade. São Paulo: Paulus,1997.
MELUCCI, A. L'invenzione del presente: movimenti sociali nelle società complesse. Bologna: Il Mulino, 1991.
____________. e FABBRINI, Anna. L'età dell'oro: adolescenti tra sogno ed esperienza. Milano: Feltrinelli. 1992.
PAIS, José Machado. Culturas juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, ANPED, n 5/6, 1997.
SPOSITO, Marilia (org.). Juventude e Escolarização – Estado do Conhecimento (1984-1998). Brasília, DF: INEP, 2002.
____________. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. Revista Brasileira de Educação. ANPED, n.13, 2000.
_______________. A sociabilidade juvenil e a rua; novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo Social. Revista Sociologia da USP. São Paulo, v.5 n. 1 e 2, p.161-178, 1993.
VIANNA, Hermano. (Org.) Galeras cariocas; territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

FAFAR/FARMÁCIA - ESCOLA

Alba Valéria Souto Melo Moraes[1], Maria Luisa de Assis Soares[2], Danielle Sóter do Nascimento, Grazielle Magnólia N. Ferreira, Mariana Linhares Pereira, Renata Freitas Maletta, Vânia Mansur Goulart[3], Alcione Inês Caetano, Eliane das Graças Alves Cavalcanti, Márcia Helena Ferreira, Sandra Helena Araújo[4], Josiane Moreira da Costa, Carolina de Carvalho Rocha Silva[5]

Introdução

A Farmácia Universitária está localizada no pátio interno da Faculdade de Farmácia da UFMG e presta serviços à comunidade desde sua fundação, no início dos anos 60. Atualmente, a Farmácia Universitária conta com equipe de funcionários contratados pela Fundep, quatro assistentes-administrativos pertencentes ao quadro de funcionários da UFMG e sete farmacêuticas que atuam em tempo integral nos setores de manipulação, dispensação farmacêutica e estágios. No decorrer dessas quatro décadas, a Farmácia Universitária desenvolveu estrutura física e profissional compatível com as atividades de manipulação e dispensação farmacêutica. No Laboratório de manipulação são desenvolvidas fórmulas de produtos dermatológicos e medicamentos de uso interno. Além de trabalhar com a dispensação de medicamentos dos principais laboratórios farmacêuticos, a Farmácia Universitária comercializa com preços mais acessíveis completa linha de medicamentos genéricos. Funciona também como Farmácia-Escola, sendo o local de aulas práticas da disciplina de Dispensação Farmacêutica além de oferecer vagas de estágio supervisionado aos alunos da graduação. O horário de funcionamento é de 8 às 17h30, de segunda a sexta-feira.

Objetivos

Atender, dentro de seu campo de atividade, aos docentes, funcionários e discentes da UFMG além da comunidade em geral, oferecendo uma opção mais acessível para a aquisição de medicamentos e correlatos, assim como um trabalho sistemático de atenção farmacêutica; organizar grupos de usuários de medicamentos de utilização crônica para orientação e acompanhamento; exercer a atenção farmacêutica, promovendo uma farmacoterapia racional com o propósito de alcançar resultados definidos que contribuam para o aprimoramento da qualidade de vida do paciente e da formação discente; funcionar como Farmácia-Escola, propiciando condições adequadas para a oferta de disciplinas que contemplem a formação de profissionais éticos, inovadores e com senso crítico; oferecer estágio supervisionado aos alunos de graduação, regularmente matriculados na disciplina Estágio Supervisionado em Farmácia; oferecer estágios extracurriculares de manipulação e prática farmacêutica aos alunos de graduação em Farmácia; dispensar formulações magistrais e oficinais manipuladas na Farmácia Universitária; manipular formulações que não estejam disponíveis no mercado farmacêutico; e apoiar e patrocinar pesquisas.

Metodologia

A Farmácia Universitária conta com equipe de três farmacêuticas que atuam no setor de manipulação e quatro na área de dispensação. As atividades de manipulação são realizadas diariamente, e contemplam preparações sólidas (pós e cápsulas), semi-sólidas (pomadas, géis, cremes e loções) e líquidas (soluções e xaropes). As formulações são discutidas com os estagiários e manipuladas com orientação e supervisão dos farmacêuticos, obedecendo à normatização prevista na RDC 33/00, que fixa os requisitos e boas práticas mínimas para a manipulação, fracionamento, conservação, controle de qualidade e dispensação de preparações magistrais e oficinais. Na dispensação, as atividades regulares que integram a rotina administrativa da Farmácia envolvem a aquisição diária de medicamentos e correlatos, a sua correta armazenagem e, por último, assistência farmacêutica, entendida como conjunto de ações e serviços que visam a assegurar a assistência integral, a promoção, a proteção e a recuperação da saúde nos estabelecimentos públicos e privados, desempenhado pelo farmacêutico ou sob sua supervisão.(Resolução n.357/2001).

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenadora, [3]farmacêuticas, [4]técnicos-administrativos, [5]bolsistas
Número de Registro SiexBrasil: 156
Área Temática: Educação
Faculdade de Farmácia
Contatos: alba@farmacia.ufmg.br e (31) 3292-8784

Resultados e Discussão

Ao oferecer para o aluno, que é o seu principal público alvo, o estágio curricular e extracurricular, a Farmácia Universitária propicia a complementação do ensino e da aprendizagem, pois o estágio é um instrumento de integração, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico-cultural, científico e de relacionamento humano. O estágio oferecido na Farmácia Universitária é dividido em quatro categorias: estágio curricular com ênfase em dispensação, estágio curricular com ênfase em manipulação, estágio extracurricular para alunos do 9° e 10° períodos, estágio para alunos de outras instituições. Cumprindo seu objetivo de funcionar como Farmácia-Escola, a Farmácia Universitária oferece sua infra-estrutura e disponibiliza seus farmacêuticos e funcionários técnico-administrativos para colaborarem na orientação dos alunos da disciplina Dispensação Farmacêutica, que é desenvolvida no espaço físico da Farmácia Universitária, sendo oferecida para 66 alunos, a cada semestre. Os serviços farmacêuticos são de relevância pública, pois estes profissionais são os únicos, na atual cadeia de saúde do Brasil, a estarem disponíveis, gratuitamente, para a comunidade. Desta forma ao longo dos últimos 5 anos além da comercialização dos medicamentos e fórmulas manipuladas com preços mais acessíveis, a Farmácia tem cumprido este papel na medida em que propiciou o atendimento a uma média de 300 pessoas/dia. Além do atendimento aos clientes, no balcão da Farmácia, o setor fornece para o Hospital das Clínicas, desde 2001, medicamentos para atender a uma condição especial de utilização, onde a irregularidade do consumo, aliada a dificuldade de estocagem pelo curto prazo de validade e por vezes, o alto custo, inviabilizam a manutenção de estoque regular para atendimento das demandas esporádicas e de urgências do hospital. A Farmácia Universitária, em parceria com a Assufemg manipula as fórmulas prescritas aos seus associados, e fornece, de acordo com a disponibilidade, os dermocosméticos produzidos na Farmácia ,sob orientação dos farmacêuticos. Outro serviço de relevância e a mais antiga parceria instituída na Farmácia, refere-se ao fornecimento de medicamentos e fórmulas manipuladas para os alunos da UFMG assistidos pela FUMP. Este serviço é operacionalizado mediante a apresentação de uma Guia de Encaminhamento Para Convênios emitida pela Fump, acompanhada da respectiva prescrição médica. O aluno, de posse destes documentos, recebe da Farmácia Universitária os medicamentos prescritos assim como a orientação quanto ao seu correto uso. A padronização dos medicamentos contribuiu para o sucesso da parceria e para a diminuição dos custos para a FUMP. A manipulação de fórmulas dermatológicas para atendimento aos pacientes carentes do setor de dermatologia do Hospital das Clínicas, é viabilizada na Farmácia Universitária, por intermédio da HCCOOP, que se responsabiliza pelo pagamento das preparações, tornando possível o acesso destes pacientes aos medicamentos manipulados.

Produtos Gerados

As informações e os dados gerados pelo desenvolvimento da prestação de serviço na Farmácia Universitária, são utilizados na elaboração de monografias do Curso de Especialização em Saúde Pública, na elaboração de trabalhos apresentados na Semana de Iniciação Científica e em artigos para publicação em revistas de associações da classe farmacêutica. Podemos destacar os seguintes trabalhos: Desenvolvimento, estabilidade acelerada e determinação in vitro de FPS em filtro solar manipulado na Farmácia Universitária (FU/UFMG), Avaliação comparativa da qualidade de cápsulas de sertralina 50mg manipuladas na Farmácia Universitária(FU/UFMG) em relação ao medicamento de referência(comprimidos de Zoloftâ 50mg), Metodologia para avaliar o teor de Cloridrato de amitriptilina em cápsulas manipuladas na Farmácia Universitária(FU/UFMG), Avaliação da qualidade de cápsulas de Paroxetina 20mg manipuladas na Farmácia Universitária FU/UFMG. O projeto de pesquisa Medicamentos em gotas e sua medida de volume, coordenado pela Profa. Sheila Silva Monteiro Loder Lisboa, foi patrocinado pela Farmácia Universitária e contou com a participação das farmacêuticas da Farmácia Universitária e seus estagiários. Esse trabalho teve como objetivo conhecer como o usuário ou o responsável pela administração oral de medicamentos em gotas lida com as questões de dose, volume e manuseio dos conta-gotas ou frasco conta-gotas. Outro projeto de pesquisa desenvolvido na Farmácia Universitária foi Perfil de utilização de antiácidos por usuários da Farmácia Universitária e o risco potencial de ocorrência de interações medicamentosas. Esta pesquisa foi feita com os usuários da Farmácia que adquiriram antiácidos no período estudado. Esse projeto contou com a participação da Profa. Sérgia Maria Starling Magalhães, dos alunos da graduação e pós-graduação. Como atividade de extensão, dirigida à população, no mês de abril de 2003, iniciaram as atividades do projeto “Farmácia Consciente” estabelecido entre a Farmácia Universitária e a Farmácia Júnior Assessoria & Consultoria. Este projeto teve como objetivo

principal a informação e a divulgação dos medicamentos genéricos. A abordagem da população aconteceu no Parque Municipal, Praça da Liberdade e Barragem Santa Lúcia, nos meses de abril a agosto de 2003 e contou com a participação dos farmacêuticos da Farmácia Universitária e alunos da graduação contratados pela Farmácia Júnior. (anexo 1). Foram distribuídas 5.000 cartilhas informativas sobre medicamentos genéricos impressas pelo Ministério da Saúde e 10.000 marcadores de página impressos pela Farmácia Universitária.(anexo 2) Este projeto teve sua visibilidade favorecida pelos meios de comunicação, dentre os quais podemos destacar: Jornal Estado de Minas, .Jornal da Rede Minas, Rádio 107 FM, Canal 13 (programa Café Com Letras) além da veiculação da programação do projeto nos ônibus da região metropolitana da Belo Horizonte. O serviço gratuito de medida da pressão arterial e acompanhamento dos pacientes hipertensos, instituído na Farmácia Universitária há mais de 5 ano, está consolidado e conta com número significativo de usuários regulares. Para estes usuários a Farmácia distribui um cartão de registro, de uso individual, que permite a anotação dos valores da medida da pressão e que pode ser apresentado ao médico em consultas posteriores. (anexo 3). Para garantir que o usuário, principalmente o idoso, não tenha dúvidas quanto ao correto horário de administração do medicamento dispensado, a Farmácia Universitária imprimiu etiquetas adesivas, com espaço específico para registrar os horários de administração dos medicamentos de tal maneira que, ao pegar a caixa do medicamento, a informação possa ser facilmente conferida. Além disso , sempre que necessário, é fornecido também um impresso com um quadro de horários para facilitar a administração simultânea de vários medicamentos ao dia. (anexo 4). A elaboração e impressão gráfica de bulas para acompanhamento de fórmulas de medicamentos controlados, também foi providenciada, para garantir ao nosso cliente uma informação precisa a respeito deste importante grupo de medicamentos. (anexo 5)

Conclusão

A Farmácia Universitária vem se destacando ao longo dos anos na prestação de serviços à comunidade universitária e à população em geral. Cumpre também um papel acadêmico ao oferecer estágios e participar ativamente da disciplina Dispensação Farmacêutica. Contribui para a formação de profissionais éticos, inovadores e com senso crítico. Com a sua transferência para o campus da Pampulha, espera-se ampliar sua atuação, com a extensão de sua prestação de serviços a um número maior de professores, alunos e funcionários da UFMG.

Parcerias

Hospital das Clínicas, Fundação Universitária Mendes Pimentel, Associação dos Servidores da Universidade Federal de Minas Gerais, HC COOP e CEDAFAR

Referências

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Resolução n. 357/2001, de 20 de abril de 2001. Aprova o regulamento técnico das Boas Práticas de Farmácia. Disponível em: www.cff.org.br/legis/legis.html. Acesso em: 29 de out. 2003.

BRASIL.Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Lei n. 9.787 de 10 de fevereiro de 1999. Estabelece as bases legais para a instituição do medicamento genérico no pais. Diário Oficial, Brasília, 10 de fevereiro de 1999b.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução – RDC n. 33, de 19 de abril de 2000. Aprova o regulamento técnico sobre Boas Práticas de Manipulação de Medicamentos em farmácias. Diário Oficial, Brasília, 08 de janeiro de 2001.

Projeto "Farmácia Coonsciente", Parque Municipal, Belo Horizonte, abril/2003

Conheça os Medicamentos Genéricos
G Medicamento Genérico
Agência Nacional de Vigilância Sanitária
MINISTÉRIO DA SAÚDE
G Medicamento Genérico

[Faculdade de Farmácia - UFMG]
Av. Olegário Maciel, 2.360 Lourdes Belo Horizonte MG
Fone: (31) 3292-4675 – manipula@farmacia.ufmg.br
CNPJ: 17.217.985/0024-09
Farm. Respons.: Vânia Mansur Goulart – CRF: 4910-6

CLORIDRATO DE FLUOXETINA

INDICAÇÕES: a fluoxetina é indicada no tratamento de depressão psiquica, bulimia nervosa e transtornos obsessivo-compulsivo e disfórico pré-menstrual.

FARMACOCINÉTICA: a fluoxetina é bem absorvida após administração por via oral e não tem sua biodisponibilidade alterada pela ingestão de alimentos. A concentração plasmática máxima ocorre de 6 a 8 horas após a administração e há ampla distribuição pelo organismo. Apresenta-se extensamente ligada às proteinas plasmáticas. É biotransformada no fígado, sendo seu principal produto de biotransformação a norfluoxetina, que também apresenta atividade. É excretada principalmente pela urina.

REAÇÕES ADVERSAS: podem ocorrer boca seca, náusea, vômito, desconforto gástrico, constipação, diarréia, cefaléia, vertigem, convulsão, tremor, descoordenação motora e disfunção sexual.

CONTRA-INDICAÇÕES: hipersensibilidade à fluoxetina.

ADVERTÊNCIAS: pacientes com problemas renais ou hepáticos podem apresentar alterações na concentração plasmática da fluoxetina. Em caso de erupção cutânea, o uso da fluoxetina deve ser interrompido.

INTERAÇÕES: a fluoxetina aumenta o efeito depressor central do **ÁLCOOL** e o efeito anticoagulante da **VARFARINA** . **A CLARITROMICINA E OS INIBIDORES DA PROTEASE DO HIV** aumentam as concentrações plasmáticas da fluoxetina. A utilização concomitante de outros medicamentos que agem no sistema nervoso central só deve ser feita a partir de orientação médica. A fluoxetina não deve ser utilizada com inibidores da monoamina - oxidase ou 14 dias após as suspensão do tratamento com esses medicamentos.

PRECAUÇÕES: a fluoxetina só deve ser utilizada se estritamente necessária. Como a fluoxetina é excretada no leite humano, deve-se ter cuidado com a sua administração em mulheres que estejam amamentando. Não foram observadas diferenças na segurança e eficácia entre pacientes idosos e jovens, mas maior sensibilidade de idosos não pode ser excluída. A eficácia e segurança ainda não foram estabelecidas para crianças.

DOSES EXCESSIVAS: as manifestações que podem ocorrer de forma mais intensa incluem náuseas, vômitos, convulsões e sinais de excitação do sistema nervoso central. Raras mortes foram relatadas após o uso de doses elevadas da fluoxetina.

UTILIZAÇÃO: conforme prescrição médica

MANTENHA O MEDICAMENTO FORA DO ALCANCE DE CRIANÇAS
CONSERVE FORA DE EXPOSIÇÃO SOLAR E EXCESSO DE CALOR

Este medicamento manipulado, é resultado de pesquisa desenvolvida pela *Farmácia Universitária da UFMG* e tem o objetivo de

EDUCAR PARA A AÇÃO AMBIENTAL

Paulina Maria Maia-Barbosa, Francisco Antônio Rodrigues Barbosa[1], Cláudio B. Guerra[2], Flávia Elizabeth de Castro Viana, Fabiane Torres, Patrícia Campos Pena[3], Tatiane Cristina Reis Barbosa, Rodrigo Soares Alonso[4]

Introdução

A bacia do rio Piracicaba tem sua economia baseada em três atividades principais: mineração, reflorestamento de grandes áreas com eucaliptos e siderurgia de grande porte, contribuindo de forma significativa para a economia do Estado e para as exportações de minério de ferro, celulose e ferro gusa. O desenvolvimento destas atividades foi acompanhado, por um processo acelerado de degradação ambiental: os rios e córregos passaram a ser vistos como o principal local de despejo dos resíduos das atividades ali desenvolvidas, recebendo uma carga exagerada de substâncias poluidoras e/ou tóxicas, além de esgoto e lixo domésticos. Dos altos fornos foram liberados para o ar gases e poeira ultrapassando, em várias regiões, os limites permitidos por lei; a vegetação natural foi substituída por monocultura (eucaliptos) alterando a paisagem regional, favorecendo em alguns períodos o processo de erosão e contribuindo para o desaparecimento de várias espécies. Além disso, os resíduos sólidos, produzidos em maior volume, foram estocados de forma inadequada colocando em risco não só a saúde humana, mas ameaçando a qualidade da água do lençol freático. O crescimento econômico da região contribuiu ainda para uma expansão populacional e aumento da ocupação humana na área realizada, quase sempre, de forma desordenada, intensificando os problemas já instalados na região. Várias iniciativas contribuíram para a melhoria do quadro descrito, mas muito ainda precisa ser feito. A região do Vale do Aço, além de abrigar este importante complexo siderúrgico, abriga também um dos últimos fragmentos de Mata Atlântica do Estado, concentrado principalmente no Parque Estadual do Rio Doce (PERD). O PERD criado em 1944, tem uma área aproximada de 36.000 ha, com mais de 40 lagos, milhares de espécies botânicas, centenas de aves, roedores, répteis, onças, capivaras, antas, além de raras espécies de primatas. Embora inúmeros pesquisadores da UFMG estejam desenvolvendo suas atividades de pesquisa neste ambiente, para a população local o PERD ainda é visto como um lindo e distante santuário, com o qual a população da região, totalmente desinformada a respeito de suas potencialidades, não estabeleceu nenhum tipo de vínculo. Ele é ainda considerado um "lugar ecológico", que nada tem a ver com a complexa problemática sócio-ambiental da micro-região do Vale do Aço. Os resultados das pesquisas científicas ali desenvolvidas são pouco divulgados junto à comunidade que participa pouco do PERD, não valorizando este espaço nem como área alternativa de lazer, nem com local favorável ao desenvolvimento de atividades didáticas. A educação ambiental (E. A.) tem sido vista como uma forma relativamente rápida e eficiente de se combater a crise ambiental, já que através dela os indivíduos e a comunidade podem adquirir conhecimentos e habilidades que facilitarão a identificação das demandas locais, incentivando-os na busca das soluções para o atendimento das mesmas. Sua importância como veículo de transformação da sociedade foi ressaltada na Conferência da ONU (1972), onde também foram ditadas as políticas para o gerenciamento ambiental e estabelecido o Plano de Ação Mundial para a preservação e melhoria do meio ambiente. Neste evento foi reconhecida a necessidade de treinamento de professores para a Educação Ambiental e o desenvolvimento de novos recursos didáticos e adequação de métodos. Apesar da implantação de projetos de E.A. não seguir um modelo universal, algumas recomendações foram feitas pela UNESCO (1980) dentre elas: os projetos devem adaptar-se à realidade sócio-cultural, econômica e ecológica de cada região; favorecer a interdisciplinaridade; devem ser orientados para a resolução de problemas concretos (utilização do meio ambiente imediato como recurso pedagógico) e se preocupar com a formação e preparação dos docentes para a utilização de novos conteúdos e enfoques pedagógicos. Um programa de Educação Ambiental deve então, prover os meios de percepção e compreensão dos vários fatores que interagem no tempo e no espaço para modelar o meio ambiente,

---

[1]Coordenadores, [2]colaborador, [3]bolsistas, [4]voluntários
Programa Educação Ambiental para professores do Ensino Fundamental da Região do Vale do Aço.
Número de Registro SiexBrasil: 458
Área Temática: Educação
Instituto de Ciências Biológicas
Contatos: maia@mono.icb.ufmg.br e (31) 3499-2603

contribuindo para o desenvolvimento de um espírito de responsabilidade e solidariedade entre regiões (Dias, 1992). O projeto “Educar para a Ação Ambiental” compõe uma das seis áreas do “Programa de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração (PELD/UFMG)” já em desenvolvimento na região do Médio Rio Doce-MG desde 1999 e com duração prevista até 2007. Este projeto tem como objetivo principal proporcionar às comunidades locais o acesso a novos conhecimentos, facilitando seu entendimento dos problemas ambientais regionais, dentro de um enfoque interdisciplinar, e incentivar sua participação na solução destes problemas.

Metodologia

Dois cursos intensivos são oferecidos a cada ano, para professores do ensino fundamental e médio de escolas públicas municipais e estaduais da região do Vale do Aço (MG). A escolha do município a ser atendido é feita pela coordenação do Programa e das escolas participantes pela Superintendência de Ensino. A partir de um questionário-diagnóstico aplicado entre os professores são escolhidos os temas a serem abordados. O cronograma do curso é então, discutido entre os diretores, professores e técnicos da superintendência de ensino regional. Cinqüenta vagas são oferecidas para cada curso, sendo os participantes selecionados pelos próprios diretores/professores das escolas envolvidas. O curso é desenvolvido durante três dias (8:00 - 17:00h), contando com a participação de professores de diferentes áreas (matemática, geografia, ciências, artes, português, física, química e história). Maior enfoque é dado às atividades práticas, planejadas de acordo com os temas sugeridos pelos professores-parceiros. A base teórica é fornecida na forma de palestras proferidas por especialistas convidados, onde são discutidas questões ambientais regionais. As palestras têm como objetivo não só a atualização do conhecimento, através da apresentação de dados obtidos pelas pesquisas desenvolvidas na área, como “criar” um momento de repensar nossa atitude frente ao meio ambiente e as mudanças possíveis para uma maior valorização do mesmo, na busca de melhoria da qualidade de vida regional. As palestras são complementadas com a apresentação de vídeos e estudos de casos regionais. Visitas-orientadas são realizadas em áreas do entorno (lixão, aterro sanitário, estação de tratamento de esgotos, pontos impactados do rio Piracicaba) onde são discutidos os reflexos ecológicos, econômicos e sociais de alguns impactos antrópicos e analisadas as soluções possíveis. Além destas visitas, os professores-parceiros são levados ao PERD onde percorrem uma trilha ecológica, guiados pelos guarda-parques, visitam a sementeira e o horto, e têm a oportunidade de conhecer sobre a fauna e flora desta unidade de conservação. Durante a caminhada, a equipe da UFMG procura ressaltar a importância das unidades de conservação e as possibilidades de sua utilização para o desenvolvimento de atividades pedagógicas. Algumas atividades de sensibilização são desenvolvidas como exemplo. O PERD apresenta uma ótima infra-estrutura (salas de reuniões, laboratório, restaurante, etc) além de contar com o auxílio dos guias, o que facilita seu uso como “laboratório pedagógico natural” para o aprendizado e fixação de conceitos ecológicos. A partir desta experiência espera-se que os professores-parceiros possam usar esta área com mais freqüência como parte da prática pedagógica. Atividades práticas envolvendo ambientes aquáticos também são realizadas, como a coleta de organismos planctônicos, bentônicos e a visita a bancos de macrófitas aquáticas onde é discutida a importância desta região para a manutenção dos processos ecológicos. A fixação dos conceitos apresentados durante o curso e a capacidade de análise e busca de soluções para situações-problemas são incentivadas através de dinâmicas de grupo. No final do curso os participantes respondem a um questionário de avaliação. Todo o material pedagógico utilizado é produzido pela equipe do laboratório de Limnologia/Ecologia do Zooplâncton da UFMG. Cada professor-participante recebe, ao final do curso, um certificado de participação. Os cursos têm como base a realidade regional, contêm atividades diversificadas e perspectiva de continuidade das ações. O enfoque interdisciplinar é usado para incentivar a participação da comunidade local na busca de soluções praticáveis.

Resultados e Discussão

Até o momento, nove cursos de curta duração (24h) foram oferecidos, com a participação de 356 professores e 112 escolas municipais e estaduais de quatro municípios da Região do Vale do Aço (Ipatinga, Timóteo, Coronel Fabriciano e Jaguaraçu). Numa avaliação geral, mais de 85% dos professores consideraram que os cursos contribuíram para a aquisição de novos conhecimentos, que as atividades desenvolvidas foram interessantes (80%) e que o uso das atividades lúdicas facilitou a compreensão da teoria (80%). Além disso 86% dos professores passaram a considerar a possibilidade de utilização do PERD como local para desenvolvimento de atividades

pedagógicas, embora tenham ressaltado as seguintes dificuldades: falta de apoio da escola, ausência de recursos financeiros, receio de acidentes e não consentimento dos pais. As seguintes atividades foram citadas pelos professores, como desdobramentos dos cursos: - Concurso de redação, com a participação de várias turmas de três escolas. Os três primeiros colocados foram premiados pelo projeto e os cinco melhores autores de cada turma foram contemplados, pelas escolas, com uma visita ao PERD. Cerca de 40 alunos foram premiados. - Visitas técnicas com os alunos a alguns pontos do Rio Piracicaba, para discussão sobre os impactos causados a este importante rio da região. - Excursões com os alunos ao PERD. - Apresentação de peças teatrais para a comemoração de datas ecológicas. - Implantação dos projetos: · “Resgatando o Prazer da Leitura e da Escrita pelos Caminhos da Educação Ambiental” – coordenado por um dos professores-parceiros. Este projeto foi aprovado pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) para recebimento de auxilio; · “Projeto Pitanguá”, desenvolvido por professores-parceiros e estudantes das 7ª e 8ª séries de uma das escolas participantes, com o objetivo de divulgar o PERD e sua importância como área de conservação da biodiversidade; “Nem tudo é lixo”, “Água, a solução em nossas mãos”.

Produtos Gerados

O programa tem priorizado a produção de material didático e já produziu, além de uma apostila com conceitos básicos de Ecologia, informações sobre o PERD e várias atividades práticas, possíveis de serem desenvolvidas com alunos de diferentes níveis e envolvendo a participação de professores de diferentes áreas (matemática, história, geografia, português, artes), duas cartilhas e vários jogos com o objetivo de divulgar, entre os estudantes da região, a riqueza da flora e fauna da Mata Atlântica, especialmente aquela encontrada no PERD, e abordar alguns temas ambientais importantes para a região como o desmatamento, poluição das águas e lixo. Jogos e cartilhas produzidos: Corrida contra a Dengue - essa trilha enfoca os problemas gerados pela dengue, fornecendo dicas de como combater o mosquito *Aedes*, transmissor da doença; explica o ciclo de vida do mosquito e fala de alguns sintomas da dengue; Bingo Ecológico - é composto por seis cartelas e tem como objetivo divulgar e familiarizar os estudantes com a fauna e flora da Mata Atlântica, principalmente as espécies encontradas no Parque Estadual do Rio Doce; Jogo da Memória - composto por doze pares de animais e plantas e que tem o mesmo objetivo do anterior; Mico Preto - composto por dezoito casais de animais (além do desenho dos animais, as cartas contêm informações sobre a ecologia das espécies, ressaltando se são endêmicas ou estão na lista de espécies ameaçadas de extinção; esse jogo pode ser usado também como Jogo da Memória); Tabuleiro da Água - trata-se de trilha onde são apresentadas situações problemáticas que deverão ser resolvidas pelo jogador (“Desafio”), ou algum dado interessante sobre o recurso água (“Você sabia”), ou cartas de “Sorte ou Azar”; Trilha Ecológica - esse jogo enfoca os principais problemas ambientais da região do Vale do Aço: monocultura de eucalipto, assoreamento de rios e lagos, poluição do solo, erosão e queimadas; Cartilha “Seu Juca vai se Mudar” - o aluno é convidado a escrever sua própria história, a partir das ilustrações de cada página; os desenhos retratam as alterações ambientais produzidas pelo seu Juca, e por outros que vieram depois, para “adequar” o meio às suas necessidades; Cartilha “E agora, ‘seu’ Joaquim? Uma história sobre a introdução de espécies exóticas” - trata das conseqüências da introdução de espécies exóticas de peixes, problema existente em várias lagoas do Parque Estadual do Rio Doce. Um livro focalizando aspectos ecológicos, principais problemas ambientais da região e propostas de conservação, e outras três cartilhas estão em fase de conclusão.

Conclusão

O projeto “Educar para a Ação Ambiental”, através do enfoque interdisciplinar, tem realizado um trabalho de conscientização e “alfabetização ecológica” procurando despertar o interesse dos participantes pela preservação da biodiversidade local e busca da melhoria da qualidade de vida. Este projeto tem funcionado como elemento catalisador entre as comunidades locais e o PERD e também como um canal de repasse (tradução) das informações e conhecimentos obtidos pelas pesquisas realizadas na região, favorecendo uma melhor compreensão da realidade sócio-econômica e ambiental pelos cidadãos.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão, PELD/CNPq e 9ª Superintendência de Ensino de Timóteo.

Referências

Barbosa, F.A.R e Guerra,C.B (Coord) -1996. Curso Básico de Formação de Professores na Área Ambiental -ICB-UFMG/FNMA-MMARHAL, 251p.
Dias, G.F.- 1992- Educação Ambiental- Princípios e Práticas. Editora Gaia Ltda, 5ª edição, 400p.
Guerra,C.B - 1995- Meio Ambiente e Trabalho no Mundo do Eucalipto-A .Agência Terra/SEGRAC
Unesco. 1980. La Educación Ambiental: las Grandes Orientaciones de la Conferencia de Tbilisi, Paris, 107p.

Anexos

Foto 1 -Professores participantes do curso de E. A.

Foto 2 – Professores-parceiros em atividade no Lago Dom Helvécio.

Foto 3 – Professores participantes do curso de E. A

Foto 4 - Professores-parceiros em palestra do curso de E. A. de 2002.

Foto 5 - Palestra oferecida aos professores-parceiros do curso de E. A. de 2003.

Foto 6 - Capa de uma das cartilhas desenvolvida.

COMBATE À DESNUTRIÇÃO E À POBREZA, ATRAVÉS DA CRIAÇÃO DE CABRAS E AÇÃO EDUCACIONAL NO VALE DO JEQUITINHONHA - MG

Iran Borges, Camilo Adalton Mariano da Silva Genilson Ribeiro Zeferino, Gladys Rocha[1]

Introdução

O trabalho amplia e potencializa os resultados de um projeto de extensão em andamento e integra o conjunto de políticas de promoção social desenvolvida no Estado de Minas Gerais, tendo como eixo a atenção integral às famílias habitantes do Vale do Jequitinhonha. Ele visa combater a desnutrição e melhorar as condições alimentares e de saúde de famílias de baixa renda, através da implantação de projetos de criação de cabras, desenvolvido pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Escola Técnica Hagrogemito, Prefeituras Municipais e Associação dos Municípios da Microrregião do Médio Jequitinhonha (AMEJE). Busca, portanto, a segurança alimentar e nutricional a partir da geração de ocupação e renda, por meio de estratégia proposta pela comunidade: produção de animais domésticos de pequeno porte, para consumo, beneficiamento e comercialização de seus produtos - leite, carne e couro. O projeto tem uma dimensão educacional. Ao trabalhar com jovens e professores de ensino médio da Escola Técnica Hagrogemito, situada no município de Araçuaí, em um trabalho comunitário de identificar o perfil educacional de jovens e adultos, atendidos direta e indiretamente pelo Projeto Cabras, integrado a processo de alfabetização e de educação de jovens e adultos. Atuando em oito municípios articula instituições e população local, por meio de um conjunto de ações básicas de caráter sócio-educativo, como uma contribuição das universidades às políticas estruturantes do Programa Fome Zero e apoio nas linhas sociais de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos, Juventude e Desenvolvimento Social e Atenção Integral a Famílias.

Objetivos

Melhorar as condições alimentares e nutricionais e ampliar as oportunidades de geração de emprego e renda; identificar as necessidades educacionais – alfabetização e educação de jovens e adultos – níveis fundamental e médio, integrando os sistemas sociais.

Metodologia

O projeto vem sendo desenvolvido por quatro núcleos de ações, de acordo com a seguinte metodologia: A – Organização de Núcleo Gestor Local: 1 – Montagem de sala de coordenação, com equipamento básico de informática e de recurso audiovisual, adquirido com verba do projeto, cedido em comodato pela UFMG à Escola Técnica Hagrogemito de Araçuaí. 2 – Capacitação de 8 (oito) professores da Escola Técnica Hagrogemito de Araçuaí, em um programa específico de capacitação para apoio às atividades do sistema comunitário de cabras e sistema de integração educacional de alfabetização e educação de jovens e adultos, envolvendo as secretarias municipais de educação. 3 – Capacitação de monitores locais, alunos da Escola, para atuação no Projeto. B – Sistema Comunitário de Criação de Cabras: Foi desenvolvido em 04 módulos[1], com o objetivo de viabilizar o acesso das famílias envolvidas às instruções e técnicas de criação de cabras em comunidades e no aproveitamento racional do leite, carne, pele e adubo. 1º Módulo: Encontro técnico dirigido para representantes das associações de criadores dos 08 municípios envolvidos, voltado para a capacitação em capacitação de trabalho cooperativo em rede. 2º Módulo: Capacitação de famílias selecionadas, técnicos da Emater, professores e alunos da Escola Técnica Hagrogemito, alunos da UFMG/UFOP. 3º Módulo: Capacitação de famílias selecionadas, técnicos da Emater, professores e alunos da Escola Técnica Hagrogemito, alunos da UFMG/UFOP. 4º Módulo: Capacitação de

---

[1]Coordenadores
Programa Pólo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha
Número de Registro SiexBrasil: 4086
Área Temática: Educação
Pró-Reitoria de Extensão, Escola de Veterinária, Faculdade de Educação e Universidade Federal de Ouro Preto
Contatos: iran@vet.ufmg.br e (31) 3499-4067

representantes das associações de criadores, famílias selecionadas, técnicos da Emater, professores e alunos da Escola Técnica Hagrogemito, alunos da UFMG/UFOP. A metodologia de capacitação fundamenta-se no conhecimento e em dados da realidade concreta onde está inserida esta população pouco qualificada para o trabalho, respeitando-se acima de tudo, suas diferenças sociais e culturais, proporcionando condições para melhor qualidade de vida e reavivando seu sentimento de auto-estima. A inclusão da Escola Técnica Hagrogemito de Araçuaí se deve ao fato da sua importância na formação técnica dos jovens do Vale do Jequitinhonha. Criada em 1984 têm como sua principal fonte mantenedora a Diocese de Araçuaí. Atualmente a escola funciona com os cursos de habilitação em Agropecuária, Mineração, Topografia, todos com duração de quatro anos. Atende cerca de 197 alunos, provenientes de 25 municípios. Tem como principal meta o desenvolvimento de um projeto pedagógico capaz de envolver, mobilizar e comprometer os alunos em torno da construção de projetos de futuro, coletivos e individuais, que possibilitem a quebra do ciclo de reprodução da pobreza e promovam o desenvolvimento local e sustentável. C – Vigilância Nutricional e Alimentar: Nesse núcleo de ações, foram avaliadas e acompanhadas, ao longo do Projeto, o estado nutricional e alimentar das 80 famílias cadastradas, e 984 crianças de zero a doze anos. Status antropométrico: Foi feita uma avaliação antropométrica e outras a cada 6 meses em todos os membros da família. Foram utilizados os índices altura/idade (A/I), peso/idade (P/I) e peso/altura (P/A) e a referência internacional do National Center for Health Statistics –NCHS (MONTEIRO 1984). Para os adultos e adolescentes foi utilizado o índice de massa corporal (IMC) que retrata a massa corporal dos indivíduos através da relação entre peso e estatura. Para a classificação do estado nutricional, optou-se pelo escore z, sendo consideradas desnutridas severas as crianças que estão mais de dois desvios padrão abaixo da mediana (BARROS, VICTORA, 1991). A partir de comparação das avaliações antropométricas realizadas foi possível, então associar a intervenção e o estado nutricional das famílias que participaram do projeto visando observar se houve impacto sobre as condições de saúde da população estudada. Diagnóstico para a Deficiência de Vitamina A (DVA): Será considera deficiência de vitamina A toda criança que apresentar um nível de sérico de retinol menor que 0,70 mmol/l. O retinol será dosado pelo método HPLC – (CASAL et al., 2001; WYSS, 1995. Em relação à abordagem populacional, a DVA será classificada em três níveis: Leve, Moderado e Severo. 3.3. Padrão alimentar: Foi aplicado um questionário para identificação do perfil de consumo alimentar das crianças e das famílias. Será utilizado o Questionário Semiquantitativo de Freqüência Alimentar (QSFA), que possibilita a avaliação da ingestão pregressa, com quantificação do tamanho das porções habituais, incluindo variações sazonais e regionais (BONOMO, 2002). Além disso, será utilizado o Álbum de Registro Fotográfico de Alimentos (ARFA), desenvolvido pela UFGO e UNICAMP, para auxiliar na mensuração dos porcionamentos dos alimentos e preparações. O QSFA teve uma especial atenção com os alimentos considerados fontes de Vitamina A e Ferro, assim como de lipídeos e vitamina C, em função da verificação da biodisponibilidade dos nutrientes. Morbidades: Serão diagnosticadas quinzenalmente por pessoal médico e nutricionista, além de questionário aos pais ou responsáveis. D – Ação Educacional: Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos: A Universidade desenvolveu, até o primeiro semestre de 2003, um núcleo de 25 alfabetizadores, com 500 alfabetizados no município de Araçuaí, em parceria com o Programa Alfabetização Solidária. Esta experiência técnica contribuiu para aprovação de projetos apresentado ao Programa Brasil Alfabetizado, pela Unisol, com alternativas pelos projetos apresentados pela Secretaria Especial para as Regiões Jequitinhonha, Mucuri e Norte de Minas, do Governo do Estado de Minas Gerais. Essas etapas estão sob a coordenação do Pólo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha. A Metodologia envolve: Desenvolvimento de módulo de diagnóstico com identificação do estado educacional das 80 famílias iniciais cadastradas pelo Projeto, e 984 crianças de 0-12 anos, cobertas também pela Vigilância Nutricional. Identificação dos alfabetizados em turmas anteriores do Projeto Alfabetização Solidária, criando mecanismos de integração em processo de Educação de Jovens e Adultos. Identificação dos alfabetizados em turmas anteriores para integração a novas turmas de alfabetização, ampliando a oportunidade de desenvolvimento educacional. Constituição de novas turmas de alfabetizadores e alfabetizados, articulando-as no projeto geral para o Vale. Atuação junto à Escola Técnica Hagrogemito, para implementação de sua qualidade educacional e abertura de novas frentes de atuação social.

Resultados e Discussão

Consolidação na região do Médio Jequitinhonha da estratégia de indução ao desenvolvimento que prevê a adoção de uma metodologia participativa pela qual mobilizam-se recursos da sociedade civil, em parceria com o Estado;

Constituição de um grupo de 80 famílias capacitadas para iniciar simultaneamente a criação comunitária de cabras, bem como orientá-los no uso correto da técnica de manejos de forma a se evitar a perda de animais; Fortalecimento das associações de criadores de caprinos e ovinos da região, difundindo a técnica de manejo e a metodologia utilizada, estimulando o associativismo; Redução dos índices de analfabetismo nos municípios-alvo. Capacitação técnica de 08 professores da Escola Técnica Hagrogemito em manejo de cabras; melhoria na qualidade técnica dos cursos oferecidos pela Escola Hagrogemito a 197 alunos; Requalificação e atualização do corpo técnico da EMATER que trabalha nos municípios do Médio Jequitinhonha; Curso prático de fabricação de queijo e iogurte e de tratamento, conservação de carne caprina e elaboração de derivados, e, ao final, uma capacitação para o gerenciamento e comercialização dos produtos, envolvendo as famílias, os técnicos, alunos e produtores rurais; Publicação de uma cartilha (livreto) de relato do processo e de orientação sobre o manejo de caprinos em comunidades carentes. Diminuição da prevalência de desnutrição para os valores recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), ou seja, 3,4%. Diminuição das prevalências de anemia e hipovitaminose A aos valores aceitáveis, segundo a OMS;

Produtos Gerados

Melhoria da composição e valor nutricional das dietas das comunidades dos 08 municípios envolvidos a partir da produção e introdução de produtos de origem caprina; estímulo ao consumo de leite e carne de origem caprina, bem como seus derivados; melhoria do acesso e da cobertura da ação nutricional, alimentar e de saúde às famílias cadastradas; reforço dos sistemas de educação, para a alfabetização e prosseguimento de estudos de jovens e adultos; Instalação de capril-central, de apoio à produção comunitária; ampliação do sistema comunitário de criação de cabras em oito municípios do Vale do Rio Jequitinhonha – MG; e consolidação na região do Médio Jequitinhonha da estratégia de indução ao desenvolvimento que prevê a adoção de uma metodologia participativa pela qual mobilizam-se recursos da sociedade civil, em parceria com o estado (com os 3 níveis de governo)

Conclusão

Este projeto visa a combater a desnutrição e melhorar as condições alimentares e de saúde das famílias de baixa renda através da implantação de projetos de criação de cabras, desenvolvido pela UFMG e UFOP. Trata-se de um projeto que busca a segurança alimentar e nutricional a partir de uma geração de ocupação e renda por meio de estratégias propostas pela comunidade, tais como a produção de animais domésticos de pequeno porte, do consumo, beneficiamento e comercialização de seus produtos: leite, carne e couro. Articulando diversas instituições e a população local, contribuindo para incentivar o associativismo entre os pequenos produtores da região, e vislumbra a possibilidade de abertura de novos postos de serviço e treinamento.

Parcerias

Escola Técnica Hagrogemito; Emater; Ameje; Prefeituras Municipais do Médio e Baixo Vale Jequitinhonha.

Referências

UFMG, Projeto metropolitano do Conselho de Extensão da UFMG. Belo Horizonte, CENEX-Escola de veterinária da UFMG. 1988. 35p. (mimeografado)
EMBRATER, Criação de abras leiteiras, v.1. EMBRATER, Brasília, 1984, 243p.
EZCURRA, Y. & CALLEJAS, A. Perspectivas de la caprinocultura en los tropicos, Habana: CIDA, 1989, 92p.
IIN – Instituto Interamericano del Niño - La planificación de políticas de infancia en América Latina: Hacia un sistema de Protección Integral e una Perspectiva de Derechos. Documento de trabajos de Proder. Montevideo,2002
Iyvengar, G. V., Nair. P.P. Global outlook on nutrition and the enviroment: meeting the challenges of the next millennium. The Science of the total Enviroment 249,2000, 331-346
Johns WL, Lewis SM. Primary heath screening by haemoglobinometry in a tropical community. Bulletin World Health Organization, n 67, v. 6, p 627-633, 1989
Katz, N. et al. – A simple device for quantitative determination of Schistosoma mansoni eggs in faeces examined by the thick smear tecnique. Revista do instituto de Medicina Tropical de São Paulo, 14: 394-400, 1972
Mcauliffe, et al. A deficiência de vitamina A e estratégias para o seu controle: um guia para as Secretarias municipais

de Saúde. Fortaleza: project HOPE; 1991.

Nota
[1]Divididos em aulas teóricas e práticas. As aulas teóricas serão acompanhadas de projeções para facilitar o entendimento. As aulas práticas serão realizadas nas dependências de Escola Técnica Hagrogemito, no município de Araçuaí e ainda nos locais onde os animais serão criados.

PROJETO DE EDUCAÇÃO

Marcos Antonio Nicacio, Paulo de Oliveira, Gisele Brandão Machado de Oliveira, Adson Eduardo Resende, José Eduardo Borges Moreira, Ricardo Nascimento Alves, Oziel Mendes de Paiva Junior, Silésia Dias dos Santos[1], Iracema de Barros Alves, Joema Amaral Teixeira de Carvalho, Maria Bernadete Diniz Costa, Maria da Graça Amaral Teixeira, Marlene Edite Pereira de Rezende, Rogata Del Galdio, Tânia Lima Ayer de Noronha e Francisco de Paula Antunes Lima[2], Marlene Ferreira da Silva, Agnaldo Simione de Souza, Isabel de Almeida Filha, Dúlio Garcia Sepúlveda, Renato Mota Aguiar, Cleiton Heiderich dos Santos, Wellington de Souza Silveira, Kelly Heiderich de Oliveira, Edelvira Eller Emerich, Elciene Eller Emerich, Rafael Santana Faria, Marilene Rodrigo de Almeida, Mara Gonzalez Souza, Jefferson dos Reis Queiroz, Maria Valdéia Bastos Donadio, Aida Moreira Miranda, Maria Aparecida Rodrigues Valério, Valter Martins da Silva, Maria Lucia Brinati Valentim, Claudete Clarisminda Américo Tavares, Ana Maria Batista Brinati, Laurinda Valério Cler, Marilene Almeida Rodino, Ronérgil Lincher, Genilda Araújo Frossard, Roberta Moreira Vieira, Laurinda Valério, Sebastião Neves, Sara Dalila Gonçalves Ferreira, Wellington de Souza Silveira, Ana Gonçalves Magalhães, Derci Silvia de Souza, Ghislene de Almeida Lima, Matilde Braga, Sérgio Evaristo da Costa, Vanderley de Oliveira[3]

Introdução

O Programa de Educação Ambiental em Caparaó, iniciado em 1985, obteve o apoio da Fundação W.K. Kellogg para o Projeto Educação Ambiental em Caparaó – proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem, no período de 1999 a 2003, visando propiciar ações na Área da Educação, interagindo com as outras áreas do Projeto – cultura, saúde, meio ambiente, trabalho, comunicação - em um trabalho social.

Objetivos

Ofertar o Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Saúde e Meio Ambiente para a construção de uma comunidade de aprendizagem para os professores locais, funcionários das escolas, pais, alunos, profissionais e agentes comunitários da Saúde, conselheiros, profissionais do IBAMA – Parque Nacional do Caparaó, Igrejas etc, visava a formação dos recursos humanos locais da educação, saúde e meio ambiente, com trabalhos de campo e projeto pedagógico na escola/comunidade (em serviço).

Metodologia

Em termos gerais a metodologia realizada no âmbito do Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Saúde e Meio Ambiente para a construção de uma comunidade de aprendizagem foi inicialmente de trabalhos de investigação – a busca de informação preparada; pesquisa bibliográfica sobre o conteúdo do conceito “comunidade de aprendizagem”; a busca de informação direta (em encontros de trabalho) nas comunidades visando a identificar as possíveis “comunidades de aprendizagens” já existentes, suas hierarquias e intensidades de interações; e a organização e interpretação das informações obtidas visando a identificar as bases teórico-metodológicas para o Curso de Aperfeiçoamento que fossem compatíveis com a construção da ponte escola-comunidade local - “comunidade de aprendizagem”; trabalho de estruturação de informações. A aprovação prévia no âmbito da UFMG, em várias instâncias, foi uma exigência para implementação do curso e certificação posterior dos cursistas. Para esse fim, os vários elementos da proposta do Curso de Aperfeiçoamento tiveram que ser articulados com uma estrutura de curso já padronizada da Universidade. Os elementos que foram clarificados foram os seguintes: unidade/ setores responsáveis, programa, equipe de trabalho, objetivos, justificativa, metodologia, estrutura do curso, público, período de realização, número de vagas, avaliação, regimento interno. Propôs-se que o Curso de Aperfeiçoamento fosse realizado em duas etapas A e B interligadas, cada uma com 2 (dois) módulos, sendo a primeira de estudos

---

[1]Coordenadores, [2]docentes, [3]colaboradores
Programa de Educação Ambiental em Caparaó e a proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem
Número de Registro SiexBrasil: 4208
Área Temática: Educação
Colégio Técnico do Centro Pedagógico, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Escola de Engenharia.
Contatos: proj-caparao@coltec.ufmg.br e (31) 3499-4962

visando fundamentalmente a uma clarificação (o que é, onde está, o que faz seus membros e quais as possibilidades) do ponto de partida para cada sistema em questão, por exemplo, a instituição escola, o de saúde, e os relacionados ao meio ambiente. E a etapa B, de estudos - ações (se possível, as realizações das possibilidades identificadas na etapa A) de tal forma que a primeira sirva de suporte para a seguinte. Foi estruturado então em 4 (quatro) módulos com 45 horas de atividades por módulo. Cada módulo constou de aulas teórico-práticas envolvendo: interpretações, discussões, dinâmicas de grupo, atividades de campo, experimentações etc. Paralelamente houveram atividades que estimularam a integração dos membros da comunidade através do desenvolvimento de projetos que estabeleçam relações entre a escola (ou o Posto de Saúde ou a instituição na área ambiental) e a comunidade. Cada grupo escolheu o tema, planejou, desenvolveu e apresentou os resultados no final do curso. O trabalho de estruturação da atividade 1º módulo do curso foi conduzido durante a realização de vários encontros de trabalho no âmbito da UFMG por membros da equipe do projeto, que visavam clarificar: objetivos, conteúdos, atividades e metodologias, para a sua oferta em outubro de 2000. Foram exemplos a análise de dados de pesquisa, o preparo de material instrucional e o acerto do grupo de professores mediadores (01/09 a 30/10/2000); a estruturação de uma base de dados dos cursistas; as cerimônias de Instalação do Curso em Caparaó (05/11/2000) e em Alto Caparaó (26/11/2000). Ofertou-se o 1º módulo do curso em Caparaó (06 a 10/11/2000) para 197 inscritos e 181 cursistas presentes e em Alto Caparaó (27/11 a 01/12/2000; completado em 17/03/2001) para 201 inscritos e 163 cursistas presentes. O 1º módulo constou de: como entendemos o que é aprender, ensinar e educar; do que significa a idéia de se construir uma comunidade de aprendizagem; do que é um projeto; da análise de dados da pesquisa sobre "centros educativos"; da construção de esquetes; diversos memoriais; várias dinâmicas de grupo; mesa redonda sobre Comunidade de Aprendizagem; trechos de vídeos do Programa Via Brasil; pesquisa na comunidade, interpretação das entrevistas, registro dos dados e síntese das informações registradas; textos O papel da escola e outros (PCN 3º e 4º ciclos), Aprendendo com outros educadores as artes do mesmo ofício; os limites da escola, as possibilidades da escola e dos demais centros educativos, estudos de textos sobre como elaborar projetos sociais; exercício de estruturação de projetos, montagem de cronograma e grupo de trabalho do projeto social; avaliação do curso e dos participantes. O aconselhamento de projetos sociais ocorreu em 21/04/2001 em Caparaó e 05/05/2001 em Alto Caparaó. A estruturação da atividade do 2º módulo foi baseada na análise de dados de memoriais dos alunos, tendo ocorrido o preparo de novo material instrucional e acerto do grupo de professores mediadores (01/03 a 20/05/2001). A oferta do 2º módulo do curso em Caparaó ocorreu no período de 30/07 a 03/08/2001 para 135 cursistas presentes e a oferta do 2º módulo em Alto Caparaó ocorreu entre 28/05 e 01./06/2001, para 127 cursistas presentes. O 2º módulo constou de: tabulação individual e em grupo de dados do memorial sobre os conceitos ensinar e aprender; apresentação dos grupos e análise do processo; estudo das concepções de ensino-aprendizagem e dramatização de uma delas; memoriais; palestra e debate de questões propostas por cada turma; repensando o projeto social; relato por grupos de jovens do COLTEC e da comunidade sobre projetos em desenvolvimento; lanche coletivo; encontro dos integrantes dos projetos; vivência "Os movimentos do corpo no trabalho", avaliação do curso e dos participantes. A estruturação do 3º módulo, com análise de dados de memoriais, preparo de material instrucional e acerto do grupo de professores mediadores transcorreu no período de 02/06/2001 a 23/06/2002 e a oferta deste em Caparaó no período de 24 a 28/06/2002 para 101 cursistas presentes. A oferta do 3º módulo do curso em Alto Caparaó aconteceu entre 15 e 19/07/2002 para 100 cursistas presentes. O 3º módulo constou de: dinâmicas de poemas de Cora Coralina; como se constrói textos jornalísticos; apresentação e análise de um documentário sobre Cora Coralina (infância, relacionamentos com a família, com a escola, com a sociedade local, com a terra natal); pesquisa de campo e bibliográfica sobre o café (geografia mineira e brasileira; economia/industrialização até 1899 e depois de 1900; trabalho e educação; ciências biológicas e exatas; cultura nacional e mundial); elaboração e apresentação de textos jornalísticos sobre o café; pesquisa sobre leishmaniose (orientação para a montagem de armadilhas, captura de flebótomos, triagem do material coletado, análise dos dados, construção de mapa epidemiológico por micro região e por município); avaliação do curso e dos participantes. A orientação de Projetos Sociais foi realizada no período de 23/03 a 08/06/2002. Para o 4º Módulo, foi composta uma Comissão Organizadora Local, que estruturou a 1ª etapa do 4º módulo, com análise de dados de memoriais e preparou o material instrucional, bem como acertou o grupo de professores mediadores, entre representantes da Coordenação do Curso e Comissão Local (período de 19/07/2002 a 10/12/2002). Foi então ofertada a 1ª etapa do 4º módulo do curso em Caparaó/Alto Caparaó no período de 11 a 12/12/2002 para 90 cursistas presentes. A 1ª parte do 4º

módulo constou de: trabalhos em grupo sobre as temáticas: "Ensinar e aprender"; "Centros Educativos"; "Abordagens Educativas"; "Projetos Sociais"; "Construção do conhecimento – infância na creche"; "Construção do conhecimento – jovens e cultura" e "Construção do conhecimento – Idoso e sociedade": apresentação em plenária; reflexão sobre a construção de uma comunidade de aprendizagem e sua continuidade; dinâmicas; avaliação. Posteriormente, foi estruturada a 2ª etapa do 4º módulo, com análise de dados de memoriais, preparo de material instrucional e acerto do grupo de professores mediadores, entre representantes da Coordenação do Curso e Comissão Local, entre 13/12/2002 a 25/03/2003. Ofertou-se então a 2ª etapa do 4º módulo do curso em Caparaó/Alto Caparaó nos dias 26, 27 e 28/03/2003 para 120 cursistas presentes. A 2ª parte do 4º módulo constou de: os projetos sociais (discussão em grupo, memorial e apresentação em plenária); palestra "Do Homem-Deus ao Homem com Deus" pelo Professor Sérgio Costa (plenária); trabalhos em grupo com psicodramas psicanalíticos para: quebrar paradigmas centrados em dogmas religiosos, desenvolver a auto-estima, entender o conflito de gerações e sexualidade, tomar consciência da igualdade humana por traz dos papéis desempenhados; bricolagem, avaliação. Seguem abaixo dois quadros demonstrativos da construção dos projetos sociais em Caparaó e Alto Caparaó.

Projetos Sociais dos cursistas de Caparaó/MG:

Nº	**Em construção de 01/09/2000 a 31/08/2001**	**Em construção de 01/09/2001 até 30/11/2003**
01	Artesanato	Nc
02	Brinquedoteca	Brinquedoteca
03	Biblioteca e trilhas do saber	Biblioteca e trilhas do saber
04	Cursos profissionalizantes	Nc
05	Casa do artesão	Nc
06	Horta comunitária e estufa	Nc
07	Leishmaniose	Nc
08	Oficina de artesanato	Nc
09	Pintando o sete	Nc
10	Proteção das nascentes e formação de mata ciliar	Proteção das nascentes e formação de mata ciliar
11	Polo artesanal	Nc
12	Resgate da utilização de plantas medicinais	Resgate da utilização de plantas medicinais
13	Nc	Grupo IGAPARA
14	Nc	Caça-talentos

Projetos sociais dos cursistas de Alto Caparaó/MG:

Nº	**Em construção de 01/09/2000 a 31/08/2001**	**Em construção de 01/09/2001 até 30/11/2003**
01	A problemática da água	Nc
02	Área poliesportiva	Nc
03	Atividades de lazer e cultural infantil	Nc
04	Baú de sonhos	Baú de sonhos
05	Bem viver	Nc
06	Expansão da agricultura – policultura	Nc
07	Leitura	Nc
08	Mata ciliar – urgente !	Nc
09	Melhoria da creche	Melhoria da creche
10	Oficina ensino - aprendizagem de artes	Oficina ensino - aprendizagem de artes
11	Resgate da memória histórica de Alto Caparaó	Nc
12	Saneamento básico - águas cristalinas	Nc
13	Valorizando a 3ª idade e projeto idoso	Valorizando a 3ª idade e projeto idoso
14	Vivendo e aprendendo com a nossa realidade	Vivendo e aprendendo com a nossa realidade: café

Foram estratégias: a ampliação da oferta do curso de aperfeiçoamento para as áreas de saúde e meio ambiente; a ampliação da oferta de vagas à comunidade; a abertura das vagas a pessoas não graduadas (nível fundamental, médio e profissional); o reforço às instituições que não são reconhecidas como centros educativos; a construção de uma proposta para o curso de aperfeiçoamento baseada nos levantamentos anteriores realizados junto às comunidades locais, bem como junto a um coletivo de profissionais da UFMG, CEMEA, UEMG, IBAMA, e outros; a proposição de trabalhos para os alunos das escolas locais durante os módulos do curso; o fomento à utilização do Parque Nacional do Caparaó como meio educativo.

Resultados e Discussão
Alguns problemas apontados foram: a busca de um desenho de proposta para o curso de aperfeiçoamento pela dificuldade de um conceito limitado de comunidade de aprendizagem que requer conhecimentos novos nos domínios axiológico e epistemológico e esta limitação se estende, aparentemente, aos participantes de todas as instituições; a reunião de um coletivo de profissionais de diversas instituições, com formações diferenciadas, para discussão do desenho da proposta; o estudo e a discussão individual e coletiva do tema “comunidade de aprendizagem”; a incompatibilidade entre os pressupostos teóricos e metodológicos já sedimentados na Universidade (manifestados nos formulários a serem preenchidos para a aprovação formal do curso) e os encontrados nas pesquisas sobre comunidade de aprendizagem; a aprovação das semanas (módulos) de curso no calendário escolar por parte da 5ª Superintendência Regional de Ensino em Carangola; a conjugação de dois fatores que dificultam a montagem de cronograma dos módulos: grande parte dos professores estão procurando se graduar e a elevada carga horária de serviço; falta de visão/entendimento dos temas abordados e a interligação educação, saúde e meio ambiente;
dificuldades de inclusão das pessoas da comunidade que não possuem “qualificação” em conjunto com os já “graduados”; realização de concurso público, em 2002, para diversos cargos pela Prefeitura Municipal de Alto Caparaó, mas não valorizando a qualificação dos profissionais já capacitados pelo projeto.

Produtos Gerados
Trabalho apresentado: “Ensino e aprendizagem”; OLIVEIRA, P.; 2º Seminário Regional da Renageste – Polo Mata; 5º Superintendência Regional de Ensino de Carangola; Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 17/09/2001; Alto Caparaó/MG.; Trabalho: Resumo do Projeto de Educação Ambiental em Caparaó – proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem no Encontro de Projetos de Educação Básica em Caracas/ Venezuela, no período de 04 a 10/06/2000, NICACIO, M.A.; OLIVEIRA, P.; Relatório Técnico: “Trabalho desenvolvido na 2ª etapa do 4º módulo do Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Saúde e Meio Ambiente para a Construção de uma Comunidade de Aprendizagem”; NEPP – Núcleo de Estudos Psicanalíticos e Pedagógicos; março 2003, Belo Horizonte/MG, 169 páginas; Caderno: “4º Guia do Cursista - 2ª etapa”, Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Saúde e Meio Ambiente para a Construção de uma Comunidade de Aprendizagem, março 2003, Caparaó/MG, Alto Caparaó/MG, 25 páginas; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2003; Caderno: “4º Guia do Cursista - 1ª etapa”, Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Saúde e Meio Ambiente para a Construção de uma Comunidade de Aprendizagem, dezembro 2002, Caparaó/MG, Alto Caparaó/MG, 31 páginas; COLTEC/ UFMG, Belo Horizonte/MG, 2002; Caderno: “3º Guia do Cursista”, Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Saúde e Meio Ambiente para a Construção de uma Comunidade de Aprendizagem, 24/06 a 28/06/2002; Caparaó/ MG, 43 páginas; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2002; Caderno: “3º Guia do Cursista”, Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Saúde e Meio Ambiente para a Construção de uma Comunidade de Aprendizagem, 15/07 a 19/07/2002; Alto Caparaó/MG, 43 páginas; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2002; Caderno: “2º Guia do Cursista”; Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Saúde e Meio Ambiente para a Construção de uma Comunidade de Aprendizagem, 28/05 a 01/06/2001; Alto Caparaó, 23 páginas; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/ MG, 2001; Caderno: “2º Guia do Cursista”; Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Saúde e Meio Ambiente para a Construção de uma Comunidade de Aprendizagem, 30/07 a 03/08/2001; Caparaó, 23 páginas; COLTEC/ UFMG, Belo Horizonte/MG, 2001; Caderno: “1º Guia do Cursista”; Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Saúde e Meio Ambiente para a Construção de uma Comunidade de Aprendizagem, 06/11 a 10/11/2000; Caparaó, 28 páginas; COLTEC/UFMG; Belo Horizonte/MG, 2000; Caderno: “1º Guia do Cursista”; Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Saúde e Meio Ambiente para a Construção de uma Comunidade de Aprendizagem, 27/11 a 01/12/2000; Alto Caparaó, 28 páginas; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2000; Curso: “Aperfeiçoamento em Educação, Saúde e Meio Ambiente para construção de uma comunidade de aprendizagem”; 2000 a 2003, Caparaó/MG (Módulo I – 06 a 10/11/2000: 181 alunos; Módulo II- 30/07 a 03/08/2001: 135 alunos; Módulo III – 24 a 28/06/2002: 101 alunos) e Alto Caparaó/MG (Módulo I – 27/11 a 01/12/2000: 163 alunos; Módulo II –28/05 a 01/06/2001: 127 alunos; Módulo III – 15 a19/07/2002: 100 alunos); Módulo IV – Caparaó/ Alto Caparaó – 26 a 28/03/2003: 120 alunos; “Proposta do Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Saúde e Meio Ambiente para a construção de uma comunidade de aprendizagem”, maio de 2000, OLIVEIRA, G.B.M.; OLIVEIRA, P.(COLTEC/UFMG); 125 páginas.

Conclusão

Como o professor Oziel Mendes de Paiva Junior (Diretoria Municipal de Educação de Caparaó) relatou, “Na educação os efeitos do projeto apresentam-se de forma mais evidente, pois a área educacional está mais envolvida com o projeto. Isto se deve ao fato de que todo processo de mudança começa na educação de um novo e hoje mais do que nunca este processo passa diretamente pela escola.”, o maior número de cursistas que “permaneceram” no curso foi do quadro das escolas. A estagiária Ana Paula Lima Cerqueira assim refletiu: “Hoje penso o que vem a ser uma Comunidade de Aprendizagem e vejo que não conseguiremos responder somente com palavras, é preciso mais que escrever, é preciso sentir, é estar inserida nesta complexidade. É preciso viver e sentir com a comunidade para tentarmos entender e responder. Mas o que seria viver com a comunidade ? É estar de corpo presente nela, e estar lá todas as vezes que for preciso, é conversar com as pessoas e tentar compreender o seu espaço, suas idéias, suas vidas. Viver com a comunidade é também deixa-la realizar seus sonhos e estar apoiando no que necessitar. É fazer com que ela caminhe com suas próprias pernas. Às vezes me pergunto se tudo não é um sonho, se o que vivo é realmente o que espero viver e se estou contribuindo para a construção dessa Comunidade de Aprendizagem. Olhando o projeto como um todo vejo que a Comunidade de Aprendizagem é para muitos uma questão mais complicada, eles não entendem direito o que é e ficam achando que é algo mais complexo do que realmente é. A Comunidade de Aprendizagem é mais simples que pensamos, mas é difícil de se construir pois é a longo prazo e necessita de todos e como somos diferentes agimos, pensamos e vivemos diferentemente. Sinto que tentamos construir algo, mas que não veremos os frutos do que plantamos, pois esses só irão crescer depois de muito tempo. Continuarei sonhando e plantando a Comunidade de Aprendizagem que é a minha vida neste momento e sempre fará parte dela. É um aprendizado meu que muitos não poderão ter e nem viver.”

Parcerias

Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, Núcleo de Estudos Psicanalíticos e Pedagógicos, 5ª Superintendência de Ensino de Carangola, Escola Estadual Francisco Lentz, Escola Estadual Américo Vespúcio de Carvalho; Prefeitura Municipal de Caparaó/Diretoria Municipal de Educação, E. M. Manoel Ferreira Lima, E. M.Sebastião Brinati, Diretoria Municipal de Saúde, Diretoria Municipal de Meio Ambiente; Prefeitura Municipal de Alto Caparaó/Diretoria Municipal de Educação, E. M. José Emerich, E. M. Eugênio Tavares da Silva, E. M. Calixto Valério, Diretoria Municipal de Saúde, Diretoria Municipal de Turismo e Meio Ambiente; IBAMA, Parque Nacional do Caparaó; FUNDEP e Fundação W.K. KELLOGG.

Referências

ASSMANN, H.; Reencantar a educação – rumo à sociedade aprendente; Petrópolis/RJ, Vozes, 1998.
ASSMANN, H.; SUNG, J.M.; Competência e sensibilidade solidária – educar para a esperança; Petrópolis/RJ; Vozes, 2000.
CARTON, M; Education and the world of work, Genebra, Atar S.A., 1984.
DELORS, J.(org); Educação, um tesouro a descobrir; Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI; São Paulo, Cortez Editora, Brasília/DF; MEC/UNESCO, 1999.
DIOGO, F.; Por um projeto educativo de rede; Porto, Edições ASAS, 1998.
EZPELETA, J.; ROCKWELL, E.; Pesquisa participante; São Paulo, Cortez Editora, 1989.
LACEY, H.; Valores e atividade científica; São Paulo, Discurso Editorial, 1998.
LEITE, C. et ali; Avaliar a avaliação, Porto; Edições ASAS, 1995
MACHADO, F.; A avaliação em tempo de mudança, Porto, Edições ASAS, 1997.
MIZUKAMI, M.G.N.; Ensino : as abordagens do processo; São Paulo, EPU, 1986.
NELLI SILVA, T.M:; Construção do currículo na sala de aula: o professor como pesquisador; São Paulo, EPU, 1980.
NOVAK, J.D.; Uma teoria de educação; São Paulo, Livraria Pioneira Ltda, 1981.
SILVA, S.A.; Valores em educação; Petrópolis, Vozes, 1995.

ACOMPANHAMENTO DA SMED/GERED'S/ESCOLAS NO QUE CONCERNE ÀS DISCUSSÕES, AÇÕES FORMATIVAS, AUXÍLIO AO II CONGRESSO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA REDE NUNICIPAL DE ENSINO

Samira Zaidan[1], Angela Imaculada Loureiro Dalben, Inês Assunção Castro Teixeira, Juarez Dayrell[2], Alessandra Pereira da Silva[3]

Introdução

Há, no meio educacional, tradição que aponta para descontinuidades de programas político-pedagógicos que propõem mudanças nas estruturas escolares. Esta é uma preocupação hoje presente no Programa Escola Plural, das Escolas Municipais de Belo Horizonte, coordenado pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte. O debate em torno desse programa continua suscitando polêmicas, embora já se passam quase dez anos de sua implantação. A Faculdade de Educação, como centro de pesquisa, ensino e extensão, tem grande interesse na parceria que ora se formaliza entre a Universidade Federal de MG e o Sistema Municipal de Educação, pois permitem à instituição ter acesso direto à realidade escolar, trazer elementos para reflexão de sua prática de ensino e para a elaboração de novos estudos e pesquisas, além de ancorar suas iniciativas próprias de formação dos educandos. Além disso, crê-se que a participação de alunos de graduação nesse conjunto de atividades é extremamente rica para sua formação para a docência.

Objetivos

Promover uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte e a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Belo Horizonte, através da Fundação de Desenvolvimento e Pesquisa, buscando subsidiar a construção e propostas de ações políticas e pedagógicas, a partir de eixos da Escola Plural, tomados como geradores de referenciais para a definição da política educacional do município de Belo Horizonte. Existe também o objetivo da universidade em estabelecer contatos, informações e vivências com a realidade da escola pública, além de proporcionar ao aluno de graduação, em formação profissional, relacionar e refletir sobre a teoria que ele aprende na universidade e o trabalho que ele acompanha na prática dos professores da rede municipal de ensino. Por se tratar de um projeto de assessoramento na formulação de políticas, também pode ser apontado o objetivo de compreender o funcionamento da administração pública educacional e o encaminhamento de políticas para o conjunto da comunidade escolar, em destaque dentro disso, das políticas de formação docente em serviço.

Metodologia

O projeto de assessoria dos desafios da continuidade do Programa Político-Pedagógico Escola Plural, da Rede Municipal de Belo Horizonte, visa a participação de profissionais especializados na continuidade de elaboração da política educacional geral do município. Os desdobramentos desta política implica num intenso processo de elaboração pedagógica, de formação das equipes dirigentes e dos docentes com ela envolvidos. O programa de assessoria se desenvolverá com a seguinte metodologia: - observação direta e registro das atividades da Secretaria Municipal de Educação e das escolas visitadas; - proposição de novos estudos a serem feitos com o objetivo de melhorar o processo de ensino-aprendizagem na escola pública; - proposição de novas iniciativas e projetos para problemas detectados durante as discussões realizadas em atividades que envolvam a Secretaria Municipal da Prefeitura de Belo Horizonte e os professores da rede municipal de ensino; - produção de documentos sistematizando novos pontos e desdobramentos da política educacional municipal; - participação e realização de seminários e atividades de formação e discussão coletiva; - realização de estudos e apontamentos individuais, de acordo com a experiência prática e teórica de cada indivíduo envolvido neste processo. Metodologia de trabalho do(a) bolsista(a):

---

[1]Coordenadora, [2]técnicos-administrativos, [3]bolsista
Programa de Assessoramento às Políticas Educacionais do Município de Belo Horizonte
Número de Registro Siex/Brasil:
Área Temática: Educação
Faculdade de Educação
Contatos: samira@fae.ufmg.br e (31) 3344-0265 e 3499-6202

observação direta, participação e registro dos fóruns de formação, palestras, seminários e vivências realizadas na sede da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte, assim como das demais atividades promovidas por ela; Observação direta, participação e registro das atividades realizadas em escolas visitadas; Observação direta e registro das reuniões de professores da rede municipal; Observação direta, participação e registro do II Congresso Político Pedagógico do Município de Belo Horizonte, que será a instância de síntese das discussões realizadas; Participação em eventos internos e externos à UFMG, relativos a trabalho de extensão universitária; Produção de um texto temático visando a sistematização e publicação acerca de temáticas específicas.

Resultados e Discussão

Durante o período de março a novembro foram acompanhadas e registradas diversas atividades realizadas pela SMED e pelas escolas da rede municipal assim como foi proposto nos objetivos deste projeto. Atividades estas que irei descrever com detalhes. Em março iniciei o processo de acompanhamento e registro dos fóruns de formação que acontecem às terça feiras, na sede da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte, com a participação dos professores da rede municipal de ensino e dos profissionais do Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (CAPE). As reuniões do fórum de formação são divididas em três etapas: grupos regionalizados que consiste na reunião dos professores de diferentes escolas da rede municipal mas de uma mesma regional para discutir os problemas, as soluções e novos projetos para aquelas escolas que eles representam; grupos temáticos que reúne professores de diferentes escolas e diferentes regionais para discutir em torno de um tema específico que pode ser organização do trabalho coletivo, enturmação, inclusão social, educação infantil, educação de jovens e adultos, educação especial e currículo, com o objetivo melhorar o processo de ensino e as reuniões coletivas que acontecem no auditório da Secretaria de Educação e é um momento de relatos e trocas de experiências, no qual cada regional ou grupo temático expõe seus anseios ou avanços e permite que todos os professores da rede municipal e do CAPE participe, expondo suas opiniões e sugestões para um melhor andamento das discussões. Como já esclareci o que é o fórum de formação, gostaria de salientar que acompanhamos as reuniões coletivas, algumas reuniões regionalizadas e as reuniões do grupo temático que estuda currículo, uma vez que está é a discussão de maior interesse para este projeto. A primeira reunião do fórum de formação registrada aconteceu no dia 18/03/03 e foi uma reunião coletiva que teve como objetivos principais discutir a coordenação do fórum e o planejamento das ações pedagógicas que aconteceriam nas escolas municipais posteriormente. No período de 24 a 29 de março foi realizado o II Congresso Político Pedagógico da Rede Municipal de Ensino que contou com a presença de várias escolas da rede municipal e estudantes da UFMG que foram contratados para ajudar no registro das atividades realizadas no congresso para uma posterior publicação de uma síntese das discussões ocorridas no congresso pela SMED/PBH que relatarias os diversos trabalhos, projetos e problemas expostos no congresso pelas escolas. Em abril, participei da construção desta síntese, que foi publicado e distribuído para as escolas da rede municipal. Também em abril acompanhei e discutiu registrei o fórum de formação que aconteceu no dia 08/04/03, que teve como pauta discutir formas de construir e implementar o projeto político pedagógico das escolas. Neste dia a Escola Municipal Hilton Rocha fez um relato da sua experiência de construção e implementação de seu projeto político pedagógico. No dia 24/04/03 acompanhei a coordenadora do projeto, professora Samira Zaidan, à Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade, onde estava acontecendo o I Seminário Político-Pedagógico da Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade, do qual a referida professora iria participar como palestrante do tema currículo. Acompanhei e registrei o evento, do qual participaram a direção da escola, pais e alunos. No mês de maio, acompanhei e registrei o fórum de formação que se realizou no dia 06/05/03 e que teve como objetivo discutir os recursos da caixa escolar e seu aproveitamento. Durante o mês de junho acompanhei e registrei a reunião do grupo temático sobre currículo que aconteceu no dia 03/06/03 e que teve como prioridade discutir qual seria a linha de trabalho do grupo durante o resto do ano e como e o grupo iria trabalhar para produzir materiais e auxiliar as escolas da rede municipal. Na reunião do grupo temático ocorrida no dia 17/06/03, o grupo discutiu sobre problemas que as escolas das regionais Pampulha e Nordeste apontaram como significativas no II Congresso Político Pedagógico/Escola Plural, baseados na síntese das discussões das escolas no congresso publicada pela SMED/PBH e discutiram também sobre a necessidade de se publicar um texto sobre o que o grupo já discutiu e concluiu até aquele momento. No dia 24/06/03 acompanhei a reunião do grupo regionalizado da regional nordeste que fez um breve relato de como está se desenvolvendo os projetos de ações pedagógicas nas escolas da regional

nordeste. Durante o mês de julho o CAPE esteve de férias e não aconteceram os fóruns de formação. Mas ainda no mês de julho participei e registrei uma palestra que se realizou na Faculdade de Educação com o professor Antônio Flávio Moreira da Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre Multiculturalismo e o campo do currículo no Brasil. Em agosto, acompanhei e registrei a reunião do grupo regionalizado da regional Venda nova que discutiu e avaliou como estava se realizando o acompanhamento nas escolas tendo em vista a construção do Projeto de Ação Pedagógica. Também em agosto participei de um mini-curso ministrado pela professora da UFMG Isabel Antunes, realizado na sede da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte sobre a relação professor/aluno que teve a duração de três dias, de 27 a 29/08/03. Acompanhei e registrei em setembro, no dia 02/09/03 a reunião coletiva que discutiu o tema violência nas escolas e o projeto Rede pelo Paz, projeto desenvolvido pelo CAPE que visa o fim da violência nas escolas. No dia 09/09/03 registrei a reunião coletiva na qual o grupo temático de inclusão social falou sobre seus estudos de inclusão escolar dos alunos com deficiência. No dia 16/09/03 registrei a reunião do grupo temático sobre currículo que teve3 como objetivo definir as questões que seriam discutidas com a pessoa que estava trabalhando como assessora deste grupo. A reunião registrada no dia 23/09/03 foi coletiva e teve como prioridade a discussão do grupo temático de enturmação sobre ciclos, turmas-projeto e processo ensino-aprendizagem. Em outubro, registrei no dia 07/10/03 a reunião do grupo temático de currículo que discutiu alguns pontos abordados no fechamento do II Congresso Político Pedagógico da RME/Escola Plural. Nós próximos meses, novembro, dezembro e janeiro o acompanhamento dos fóruns de formação continuam. Além do acompanhamento dos fóruns e das visitas às escolas, também existia a intenção de que fosse realizado um estudo mais sistematizado sobre currículo com o objetivo de produzir e publicar um texto sobre o assunto, o que não se concretizou devido ao fato da coordenadora do projeto ter se afastado por problemas se saúde.

Produtos Gerados

O objetivo maior de produção deste projeto são os registros dos fóruns de formação e das atividades realizadas pelas escolas da rede municipal de ensino. A produção de textos ou de qualquer outro material é posterior a observação direta e coleta dos registros das atividades descritas acima.

Conclusão

O projeto oferece ao aluno de graduação, mais especificamente da área de educação, em formação profissional a oportunidade de vivenciar a prática dos profissionais da educação da rede municipal de ensino, através dos relatos dos professores de suas experiências individuais, do relato das regionais dos problemas das escolas de cada regional em particular e principalmente da troca de experiência que existe entre os professores e as regionais. O que torna possível ao aluno relacionar a teoria que ele aprende na universidade e o que ele vivencia na prática dos professores da rede municipal de ensino podendo então refletir sobre sua futura prática profissional e sobre qual tipo de profissional ele pretende ser. O aluno também tem a oportunidade de vivenciar as mudanças que estão acontecendo no processo de formação continuada dos professores, uma vez que até o final dos anos90 essa formação continuada se concretizava através de cursos de reciclagem e hoje se destaca pôr ser uma formação em serviço, ou seja, a continuidade de sua formação acontece juntamente com o exercício da sua profissão, participando dos fóruns de formação e de cursos oferecidos pelo Centro de Aperfeiçoamento dos profissionais da Educação e pela Secretaria Municipal de Educação. O bolsista também aprende como registrar e relatar uma atividade, evento ou palestra. E para o projeto ficam as memória, os registros das atividades realizadas e desenvolvidas pelas escolas e pela Secretaria Municipal de educação da Prefeitura de Belo Horizonte.

Parcerias

Pró- Reitoria de Extensão e Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte.

PROJETO DE ASSENTAMENTO AMERICANA

Paulo Sérgio Nascimento Lopes[1], Luiz Arnaldo Fernandes[2], Ernane Ronie Martins, Élvio Lúcio de Carvalho, Otaviano Pires de Souza Júnior, Antonio Carlos Brandão Carneiro, Carlos Alberto Maia, Candido Alves Da Costa, Georgino Jorge de Souza Júnior, Flávio Pimenta de Figueiredo[3], Luciano Rezende Ribeiro, Rodrigo Gonçalves de Souza[4], Mariano Gomes, Sérgio Antônio Félix Júnior[5]

Introdução

O Projeto de assentamento Americana, situado no município de Grão Mogol no Norte de Minas Gerais, encontra-se na fase de implantação. Nessa fase os professores do Campus Montes Claros da UFMG em conjunto com a ONG Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas Gerais (CAA/NM), desenvolveram nesse assentamento um trabalho para o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, utilizando técnicas de construção participativas, juntamente com levantamentos de campo e revisões de literatura, permitindo definir os programas de desenvolvimento econômico, social, de infra-estrutura e ambiental que o projeto de assentamento deve adotar. Neste contexto, durante a conclusão do trabalho os assentados em assembléia solicitaram o apoio do Campus Montes Claros da UFMG para auxiliar a implantação dos programas. A proposta para a exploração econômica do assentamento é baseada no desenvolvimento de atividades que garantam a conservação dos recursos naturais e a sustentabilidade sócioeconômica do assentado. Para conseguir esses objetivos montou-se uma estratégia que privilegia o uso de práticas alternativas de manejo fitotécnico, além da exploração agro-extrativista do Cerrado, principalmente, das plantas medicinais e das frutíferas nativas e a intangibilidade das áreas de preservação permanente e reserva legal. Junto com essas práticas aliou-se a possibilidade de agregação de valor aos produtos, via beneficiamento destes – instalação de agroindústria- e venda diferenciada sobre a marca de um alimento saudável e produzido com responsabilidade social. Essa nova ótica de desenvolvimento do assentamento tem ganhado destaque junto ao INCRA, podendo se constituir em novo paradigma para o processo de reforma agrária no Norte de Minas. Neste contexto, o Campus Montes Claros da UFMG possui um papel relevante, com as funções de transmitir conhecimento, o de sistematizar e o de criar um núcleo de discussão sobre o modelo de reforma agrária no Norte de Minas Gerais. Além disso, tal envolvimento com projetos de assentamento levará à reflexão e ao debate mais aprofundado sobre a pequena propriedade e a realidade agrária dentro de uma escola de Agronomia, podendo, assim, determinar de forma integrada a inserção da universidade em uma das camadas mais carentes da sociedade brasileira.

Objetivos

Apoio técnico sistemático ao Projeto de Assentamento Americana visando a produção sustentável; inserir os professores e alunos do Campus Montes Claros da UFMG em atividades de extensão, promovendo a consolidação dos conhecimentos teóricos; capacitar os produtores rurais quanto às técnicas agronômicas adaptadas e de menor impacto ambiental; capacitar os produtores quanto ao manejo e beneficiamento das plantas frutíferas e medicinais do Cerrado; fomentar a organização dos assentados e à gestão participativa das unidades coletivas do assentamento; desenvolver um programa de educação ambiental que envolva todo o assentamento; construção de um núcleo dentro do Campus Montes Claros da UFMG que sistematize as experiências e promova freqüentes debates sobre a pequena propriedade; implantar unidades demonstrativas dentro do assentamento de produção sustentável; desenvolvimento de pesquisas ou monografias no PA; e auxiliar na implantação de projetos de infra-estrutura

---

[1]Coordenador, [2]subcoordenador, [3]docentes, [4]bolsistas, [5]voluntários

Integração da Universidade com Modelos de Produção em Pequenas Propriedades

Número de Registro SiexBrasil: 3309

Área Temática: Meio Ambiente

Campus Montes Claros da UFMG, Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária de Minas Gerais

Contatos: psnlopes@nca.ufmg.br e (38) 3215-1650

Metodologia

A metodologia e diretrizes operacionais adotadas primaram pelo envolvimento de discentes, docentes, técnicos do CAA/NM e assentados, de modo a valorizar o conhecimento de cada um dos envolvidos na busca de novas alternativas, construindo assim, uma proposta de co-responsabilidade. Para o cumprimento dos objetivos foram realizadas as seguintes atividades: - diversas visitas ao assentamento realizando-se cursos, oficinas, prestação de serviços, reuniões de avaliações, e sistematizações de experiências onde os participantes buscaram a construção do conhecimento, de forma crítica, e criativa, considerando a realidade social na qual estão inseridos; - realizou-se no Campus Montes Claros seminários sobre o processo de reforma agrária, os filhos dos assentados visitaram as dependências do Campus Montes Claros para interagirem com a área de pesquisa e ensino em Ciências Agrárias; os bolsistas do projeto participaram junto com os assentados de reuniões com o Incra; os bolsistas e os assentados participaram em conjunto de eventos externos.

Resultados e Discussão

Realização de cursos que subsidiaram capacitação técnica dos agricultores quanto ao manejo da produção agropecuária. Curso de Conservação do Solo e da Água: Durante este curso, destacou-se a importância da conservação e alternativas de manejo que viabilizem o uso sustentado do solo e dos recursos hídricos. Discutiu-se sobre a relevância da manutenção da matéria orgânica no solo, através de resíduos de culturas, culturas de cobertura, adição de esterco e compostos, e também a importância da contenção da água no terreno através de pequenas barragens, terraços ou curvas de nível; sobre os problemas do fogo, do revolvimento pesado do solo, e outras técnicas convencionais. Com o manejo adequado, os assentados irão assegurar maior fertilidade do solo, maior umidade deste durante todo o ano, inclusive épocas de seca, (KHATOUNIAN, 2001) e maior quantidade e qualidade da água nos rios, lagoas e cisternas. Ressaltou ser indispensável a preservação de matas ciliares e de topo de morro, para abastecimento dos lençóis freáticos e evitar o assoreamento dos rios. Curso de criação de Aves e Suínos: O curso de criação de aves e suínos foi realizado após visitas às instalações e análise sob o uso do Diagnóstico Rápido Participativo (DRP). Com o D.R.P.apreendeu-se as principais deficiências e dificuldades no manejo criatório dos animais, bem como as limitações dos produtores e as estratégias de superação e/ou convívio com estas. Foi orientado no sentido de buscar-se um manejo com viabilidade econômica, mas contextualizado com as condições das famílias e do meio ambiente (França, 1988). Questões como manejo higiênico-sanitário, formulações de rações, trabalho visando aproveitamento do material genético conciliando produtividade dentro das condições sócio-ambientais, aproveitamento dos resíduos, manejo dos filhotes, etc., foram abordados, com abertura às sugestões e críticas por parte dos produtores. Demarcação prévia de loteamento: Durante a Assembléia no Assentamento Americana, foi colocada pelos assentados a demanda de uma orientação sobre o local dos lotes, já que existe o mapa, feito através de uma foto de satélite, porém não existem referências no campo. Com a falta de orientação de onde ficam os lotes, os assentados não podiam construir cisternas ou casas quase definitivas, ou plantar mudas frutíferas, pois corriam o risco de estar fora do lote escolhido, perdendo desta forma o investimento. Essa situação obrigava os assentados a ficar sem as mínimas condições de higiene, saúde, conforto e segurança. Sob essa situação e com a necessidade de começar o cultivo, construir instalações para os animais, entre outras atividades, os assentados demandaram uma orientação sobre a posição dos lotes. A orientação foi realizada em todos os lotes onde as famílias já residem. Durante a marcação foram percebidas várias desuniformidades em relação ao tamanho e qualidade dos lotes, e suas aptidões agrícolas, tendo que serem feitas modificações importantes no mapa, que não poderiam ser feitas na marcação definitiva do INCRA. Todas as modificações foram discutidas e aprovadas em assembléia. Buscou-se uma abordagem de trabalho que desenvolvesse parcerias entre os diversos atores, buscando maiores subsídios em tomadas de decisões quando de dúvidas surgidas ante as dificuldades nas demarcações; aproveitar a capacidade dos atores locais de analisar a área, relacionando-a com sua perspectiva de adaptação e trabalho nesta; atentar para o conhecimento destes atores, para com o ecossistema e clima da região, suas experiências de vida e apreensão histórico-cultural do uso e manejo da terra e demais recursos naturais (Abbote & Guijt, 1999). Apresentações e discussões em grupo de temáticas ligadas à reforma agrária. Conscientização ecológica oriunda do acompanhamento. Apreensão e conscientização da realidade agrária por parte dos discentes, contribuindo com a formação acadêmica, cidadã e humanística, gerando discussões profícuas em sala de aula. Integração da Universidade aos aspectos antropológicos do sistema de produção de Geraizeiros e outros grupos humanos em sua

infra-estrutura produtiva, organização sócioeconômica e existencial. Participação em reuniões da associação, resultando em integração na dinâmica desta por parte da Universidade. Participação em reuniões da associação dos moradores do assentamento, onde os alunos envolvidos no trabalho de extensão puderam se integrar à dinâmica do associativismo, às dificuldades inerentes a uma associação e às específicas do assentamento, como também a tomada de consciência quanto a pertinência e riqueza do saber das pessoas das comunidades agrárias, e problemas desta no relacionamento com o poder público; destacou-se a maneira como eles têm ampla contribuição a oferecer aos gestores públicos, e como é difícil deles receberem a devida consideração por parte dos órgãos. Montagem de experimento para avaliação da produtividade e potencial quanto a geração de renda da coleta extrativista do pequi. Montagem de experimento avaliando o potencial produtivo, e a correlação de rendimento econômico quanto a outras atividades agrícolas, da coleta extrativista do pequi, levando-se em conta também a sustentabilidade agrícola desta. Separamos em blocos casualisados, realizando medições das plantas em diâmetro do caule, da copa etc, quantificamos as plantas em florescimento e frutificação, e será realizada a coleta dos frutos, com posterior análise dos resultados. Este experimento destaca a importância dos recursos genéticos do Cerrado, da biodiversidade deste, com a necessária mudança no modelo de exploração econômica feita neste bioma, convergindo numa que equilibre viabilidade econômica, inclusão social, sustentabilidade ecológica e valorização da cultura regional-local; esta então, ganha notória importância no planejamento da implantação de projetos de reforma agrária. Participação em assembléias da estrutura organizacional do CAA. O Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA-NM) presta assistência técnica ao Assentamento Americana, e assiste à cooperativa Grande Sertão, onde vários assentados são sócios. Ocorre anualmente assembléia Deliberativa do CAA-NM, onde os bolsistas estiveram presentes nos dias 27 e 28 de junho de 2003. A assembléia também contou com a participação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), representantes de sindicatos de Produtores Rurais, associações, entre outras entidades. A assembléia fez um resgate do cenário político econômico da assembléia anterior, contextualizando com o cenário atual. Discutiu-se as potencialidades, desafios e resultados dos trabalhos desenvolvidos pelo CAA/NM. Destacaram-se a preocupação ambiental e social da entidade, e a importância da Área de Experimentação e Formação em Agroecologia (AEFA) como exemplo para os pequenos produtores. Acompanhamento de seminários sobre recursos genéticos e variedades de sementes nativas e criolas realizado na AEFA.

Produtos Gerados

Práticas de marcação de curvas de nível, através de um instrumento simples e funcional, o nível A, construído de imediato para realização da prática. Práticas de compostagem, para aproveitamento dos resíduos para adubação orgânica. Verificação da conversão de sistemas de plantio inadequados para sistemas que observem a conservação do solo e da água. Confecção de projeto, pelos bolsistas, de construção de cisternas para abastecimento hídrico. Os produtores que vinham enfrentando problemas com doenças e mortalidade dos animais, predatismo entre eles (porcos x pintinhos) e canibalismo, vêm experimentando melhoras significativos quanto a solução destas situações além de poderem formular rações balanceadas de acordo com o estágio de desenvolvimento do animal, por eles próprios, aproveitando de maneira econômica os recursos naturais a eles acessíveis, como p. ex. o Feijão-de-porco. Guandu, mandioca, milho, etc. Afirmação e dinamização da parceria com a Ong Centro de Agricultura Alternativa (CAA). Aproximação da Universidade com modelos diferenciados de estruturação de assentamentos de reforma agrária. Participação confirmada no Fórum Mundial de Reforma Agrária a ser realizado no prédio da Assembléia Legislativa de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Reuniões com autoridades políticas do Município de Grão Mogol, com o objetivo de discutir melhorias da infra-estrutura das vias de acesso ao assentamento, da garantia do acesso integral à educação por parte dos jovens do assentamento e a programas de alfabetização por parte dos adultos.

Conclusão

Tem-se promovido o debate e a implementação de propostas desenvolvimento rural sustentável que emerja a partir dos princípios da agroecologia. Ocorre no assentamento iniciativas de conversão para práticas agrícolas agroecológicas. Com o parcelamento prévio, possibilitou-se a instalação dos agricultores e suas famílias, em perspectivas de seguridade mínima, até a realização do parcelamento definitivo pelo Incra. Formou-se um grupo acadêmico a fim de discutir questões levantadas pela problemática agroambiental e suas implicações para a atuação

do profissional engenheiro agrônomo.

Parcerias
Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas – CAA/NM, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra e Pró-Reitoria de Extensão

Referências

ABBOT, Joanne, GUIJT, Irene. Novas visões sobre mudança ambiental: Abordagens participativas de Monitoramento. Rio de Janeiro: AS-PTA. Ied. 1999, 96p.
ALTIERI, Miguel. Agroecologia : Bases Científicas para uma Agricultura Sustentável. Guaíba: Agropecuária, 2002, 592p.
FRANÇA, Valdo, MOREIRA, Tereza. Agricultor Ecológico, técnicas alternativas de produção. São Paulo: Nobel. 1998, 75p.
GLIESMSMAN, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultra sustentável. 2ed – Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2001.653p.
KHATOUNIAN, C.A. A Reconstrução Ecológica da Agricultura. Botucatu: Agroecológica, 2001. 348p.
SCHUMACHER,E.F. O Negócio é Ser Pequeno. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. 261p.
CAA-NM. Cerrado e Desenvolvimento: Tradição e Atualidade. Orgs: Cláudia Luz – Carlos Dayrell. Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas. Montes Claros, 2000. 309p.

INDICAÇÃO DE PLANTAS ÚTEIS PARA A RECUPERAÇÃO DAS NASCENTES DE MILHO VERDE/SERRO - MG

Rosy Mary dos Santos Isaias[1], Marilene Marinho Norgueira, Ana Sílvia Franco Pinheiro Moreira[2]

Introdução

O Projeto "Estudo da Vegetação do Vale do Jequitinhonha num Processo de Pesquisa, Ensino e Extensão Integrados" abrange, dentre outras áreas, o Distrito de Milho Verde, Município de Serro, situado na região do Alto Jequitinhonha em Minas Gerais. A vila situa-se em um platô, a aproximadamente 1100m de altitude, praticamente cercada por vales e estes por diversas serras: Serra da Lapa Pintada a noroeste, Serra do Espinhaço a sudoeste, ao norte/nordeste a Serra dos Cristais e a leste/sudoeste por uma fileira de Serras: do Condado, Serra da Bocaiúva e Serra do Ibituruí. Destas serras convergem centenas de nascentes d'água que confluem para originar e dar volume ao Rio Jequitinhonha. Das 150 nascentes existentes no distrito de Milho Verde, algumas estão localizadas em áreas muito próximas da zona urbana e portanto, sujeitas até mesmo ao desaparecimento, em virtude do crescimento acentuado da população. O conjunto das atividades econômicas, tais como garimpo, agropecuária, extrativismo vegetal (principalmente de flores ornamentais e madeira) e a retirada de pedras, vem contribuindo para o contínuo processo de degradação ambiental em toda a área. Reconstruir ou reorganizar um ecossistema florestal ciliar a partir de uma abordagem científica, implica em conhecer a complexidade dos fenômenos que se desenvolvem nestas formações, compreender os processos que levam a estruturação e manutenção destes ecossistemas no tempo e utilizar estas informações para a elaboração, implantação e condução de projetos de restauração dessas formações (Rodrigues & Leitão-Filho, 2000). Para que os resultados obtidos nestes projetos de recuperação sejam considerados satisfatórios, a sua avaliação e monitoramentos são essenciais. Nessa discussão, deve-se considerar imprescindíveis questões como o potencial educacional dessas áreas ciliares e dos próprios projetos de recuperação, através do estabelecimento de práticas de educação ambiental, como atividades relacionadas com o reconhecimento das formações e espécies ciliares, de produção de mudas, de plantios comunitários, do potencial medicinal e alimentício destas áreas (Rodrigues & Leitão-Filho, 2000).

Objetivos

Desenvolver o conhecimento da flora próxima às nascentes da região do Distrito de Milho Verde, visando à divulgação do espaço para sua proteção e preservação, pela comunidade e visitantes. Desse modo, pretende-se obter estímulo para reverter o processo de degradação ambiental e oferecer alternativas para o manejo e manutenção da comunidade. Propõe-se a elaboração de cartilhas e pôsteres como forma de envolver e transmitir conhecimentos à comunidade local.

Metodologia

Duas excursões coordenadas pela professora Marilene Marinho Nogueira e pelo biólogo Rubens Custódio da Motta, da Universidade Federal de Minas Gerais acompanhados por um grupo de moradores da comunidade local foram realizadas em setembro de 2002 e janeiro de 2003. Na primeira excursão foram visitadas cinco nascentes não descritas em mapas. A área foi registrada em fotografias. A segunda excursão, realizada em janeiro de 2003, representou um retorno ao local com o objetivo de analisar com mais detalhes e fotografar aspectos gerais das nascentes; visando avaliar as possibilidades de trabalhos de pesquisa nas mesmas. Em laboratório foram montadas exsicatas para consultas científicas posteriores, sendo o material depositado no herbário do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG. Parte do material coletado foi fixado em FAA. Foram preparadas e fotografadas lâminas histológicas para eleaboração de cartilhas e pôsteres.

---

[1]Coordenadora, [2]docentes
Estudo da Vegetação do Jequitinhonha em processo de pesquisa, ensino e extensão integrados
Número de Registro SiexBrasil: 418
Área Temática: Meio Ambiente
Instituto de Ciências Biológicas
Contatos: rosymary@dedalus.lcc.ufmg.br e (31) 3499-2687

Resultados e Discussão

A participação da comunidade compondo os grupos para as excursões nas nascentes, mostra o interesse dos moradores em recuperar a área degradada. O conhecimento adquirido pela comunidade local se dá através de observações e análises da própria comunidade. Um exemplo a ser citado, é o caso do Sr. Roberto Barroso, natural do distrito de Milho Verde e presidente da Associação Comunitária de Milho Verde, capaz de encontrar nascentes nem sempre descritas em mapas e de reconhecer o parentesco das espécies e gêneros da família Melastomataceae pela nervação curvinérvea da folha. Algumas famílias botânicas se destacam pela abundância e características morfológicas que podem ser interpretadas como adaptações aos microhabitats peculiares da região. O conhecimento científico dos exemplares de Marcgraviaceae, Annonaceae, Bromeliaceae e Orchidaceae, além das Leguminosae é levantado e interpretado de modo a oferecer subsídios para a escolha das espécies mais adequadas a recuperação das áreas degradadas. A divulgação dos aspectos adaptativos e da composição química destas plantas através das cartilhas e posteres permite estimular a comunidade local para a coleta de sementes e preparação de mudas a serem transplantadas em áreas específicas.

Famílias botânicas:

Marcgraviaceae

Figura 1

Figura 2

Família composta por 5 gêneros exclusivos da América tropical. A maioria consiste de plantas rastejantes ou cujos ramos crescem apoiados (Fig. 1) em outras plantas ou rochas. São frequentes entre nós: Marcgravia que cresce sobre árvores, rochas ou barrancos na zona da Serra do Mar e Norantea, epífita em árvores velhas ou terrestre na zona da restinga e vegetação costeira, com suas grandes e vistosas inflorescências (Fig. 2-seta), sempre visitadas por beija-flores. Cada pedúnculo floral do cacho é provido na base de uma bráctea altamente modificada que tem a forma de uma pequena jarra e que se enche de um líquido açucarado por ocasião da ântese. As brácteas ficam posicionadas de tal forma que os colibris ao coletarem o líquido açucarado, tocam com a cabeça as partes férteis das flores (Joly 1983).

Figura 3

Figura 4

Espécies de Marcgraviaceae apresentam como peculiaridade a grande extensão de suas raízes sobre a rocha exposta (Fig. 3), dirigindo-se ao solo (Fig. 4) para fixação e absorção de água. Tal característica parece ser uma importante adaptação a ambientes com recursos hídricos escassos, como áreas degradadas pela ação do homem. Sugere-se, portanto, esta família como potencial para produção de mudas para recuperação de áreas de mananciais. As Marcgraviaceae produzem proantocianidinas e acumulam inulina (Cronquist 1981). As proantocianidinas são também conhecidas como taninos condensados, havendo indícios de que a ingestão de plantas ricas nestas substâncias pode ser perigosa devido a seu potencial carcinogênico (Robbers et al. 1997).

Annonaceae

Figura 5

Figura 6

Família composta por aproximadamente 130 gêneros e 2300 espécies marcadamente tropicais e subtropicais em todo o mundo (Joly 1983; Cronquist 1981). A maioria das Annonaceae são lenhosas, sendo o gênero Xylopia (Fig. 5) freqüente nas matas do litoral e nos cerrados. Xylopia caracteriza-se por apresentar frutos apocárpicos, nos quais os carpelos são longipedunculados e completamente isolados. As flores são solitárias ou reunidas em inflorescências com cálice e corola trímeros (3 sépalas e 3 pétalas) carnosos (Fig. 5 e 6) (Joly 1983). As flores das Annonaceae são em sua maioria polinizadas por insetos, em especial besouros. Pode, ainda, ocorrer a autofecundação (Cronquist 1981). Xylopia emarginata é espécie comum na região de Milho Verde, sendo conhecida vulgarmente como pindaíba. Esta espécie é apontada como uma das dez principais espécies responsáveis pela regeneração natural em áreas impactadas, como demonstra seu IVI (Índice de Valor de Importância) na composição da sucessão arbórea em um bosque de galeria no estado de Goiás (Imaña-Encinas & Paula 1994). Além disso, X. emarginata é apontada pela UNESCO como uma das principais espécies vasculares das áreas nucleares da reserva da biosfera do cerrado. É comum nas Annonaceae a produção de alcalóides, freqüentemente do grupo benzilisoquinoliníco, o acúmulo de sílica e taninos (proantocinidinas). Os alcalóides isoquinolínicos representam o maior grupo de alcalóides vegetais (Robbers et al. 1997). Brochini et al. (1999) identificaram 3 sesquiterpenos no óleo volátil de Xylopia emarginata. Os sesquiterpenóides têm grande distribuição na natureza e formam a maior classe de terpenóides, tendo sido documentado um amplo espectro de atividades biológicas nesses compostos, como por exemplo, atividade antimicrobiana e antitumoral (Robbers et al. 1997). Xylopia emarginata, comum na vegetação ribeirinha do vale do Jequitinhonha e outras regiões do país, é também sugerida como uma das espécies nas quais se deve investir na produção de mudas para recuperação de áreas degradadas, tanto devido ao seu alto valor de importância na sucessão ecológica, quanto pelas suas potencialidades como produtora de óleos voláteis (= óleos essenciais).

Bromeliaceae e *Orchidaceae*

As Bromeliaceae possuem hábito epifítico podendo ser terrestres (Fig. 7). As epífitas possuem raízes apenas para fixação, nutrindo-se com detritos vegetais e água acumulada nas rosetas de suas folhas ou condensada da atmosfera (Joly 1983). As Orchidaceae constituem uma das maiores famílias de plantas floríferas, possuindo cerca de 20000 espécies. Elas são ímpares em diversidade de formas, cores e arranjos de suas flores (Fig. 8) (Black 1973), porém a organização de suas partes vegetativas é notavelmente variada entre as espécies (Oliveira & Sajo 1999). São compostas, de uma maneira geral, por um conjunto de raízes adventícias, rizoma, caule, folhas, escapo floral e

flores, sendo que esta estrutura pode variar de acordo com a densidade da população, a idade, disponibilidade hídrica (Jones 1998) e com extensa distribuição geográfica.

Figura 7

Figura 8

A variedade de hábitos e as especializações morfológicas destas famílias torna-as atrativas para uma vasta gama de polinizadores. As Bromeliaceae formam, ainda, um microhábitat altamente especializado, o que proporciona um novo nicho e, conseqüentemente, toda uma fauna dependente de seus representantes. Esta biodiversidade gerada por estes grupos, bem como a sua beleza exuberante comumente utilizada na ornamentação pelo homem, requerem atenção especial para o seu estudo e conseqüente preservação.
Aspectos anatômicos:

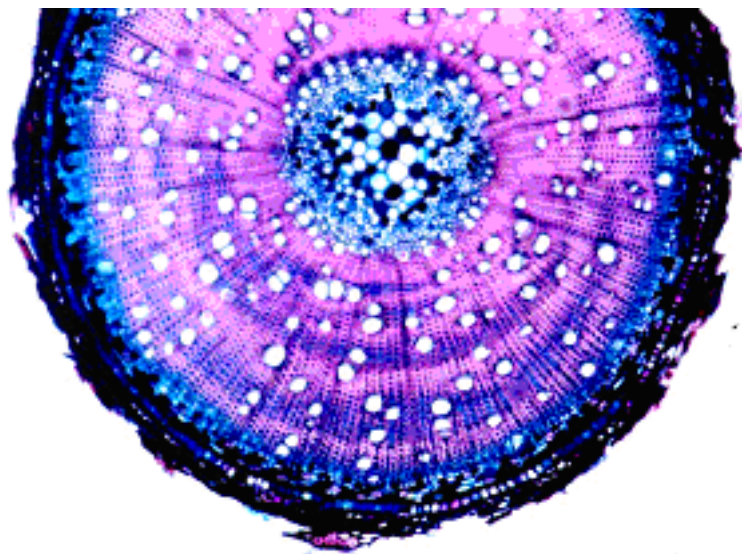



Figura 9

A anatomia vegetal é uma importante ferramenta para elucidar as estruturas adaptativas apresentadas pelas plantas e auxiliar no entendimento da adaptação destas em determinados hábitats. A madeira é resultante do crescimento secundário apresentado pelo cilindro vascular. Ela corresponde ao xilema secundário, sendo este também rico em fibras e penetrado radialmente por raios vasculares parenquimáticos. As fibras e os elementos de vaso são células constituintes deste xilema e formadas por paredes espessadas devido à deposição de lignina. Esta substância confere rigidez à célula e promove a sustentação das plantas lenhosas (Fahn, 1990). Na figura 9, pode-se notar a presença de crescimento secundário no caule de uma Melastomataceae coletada em Milho Verde. A cutícula é uma camada superficial de cutina, substância resistente de natureza lipídica que reveste a epiderme. Ela possui um importante papel na redução da umidade nas folhas e frutos, diminuindo o acúmulo de água nestas superfícies o que sereia prejudicial para as trocas gasosas, reflete parte da luz solar que pode ser prejudicial à fotossíntese, etc. (Fahn 1990). Chamaecrista é uma planta pertencente à família das leguminosas e, como mostra a figura 10, desenvolve uma cutícula espessa. Esta estrutura permite que a planta sobreviva nos campos rupestres, onde há uma grande incidência de luz. Considerando ainda o sistema de revestimento, podemos observar na figura 11, a presença de muitos estômatos. Os estômatos são estruturas compostas por duas células-guarda que regula pequenas

aberturas na epiderme, controlando o movimento de gases, incluindo o vapor d'água e, conseqüentemente, sendo também responsável pela liberação de calor pela planta (Raven et al. 2001). Como descreveu-se anteriormente, as Chaemecrista encontram-se em lugar aberto com grande incidência solar, o que torna importante a grande quantidade de estômatos para o controle do calor.

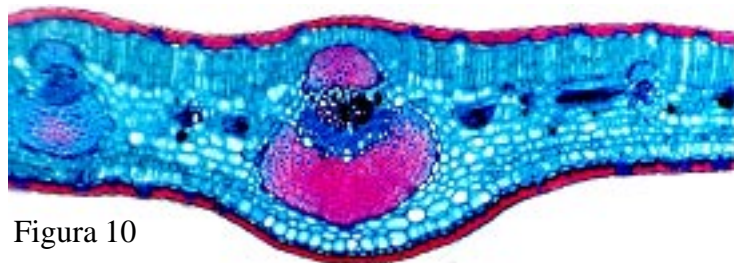



Figura 10

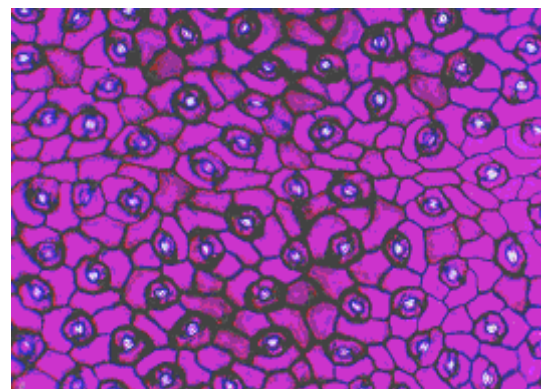



Figura 11
As raízes também podem apresentar especializações que auxiliam a conquista de seu ambiente. As raízes de plantas epífitas podem apresentar um tecido de revestimento especial denominado velame (Fig. 12). O velame corresponde a uma epiderme multiestratificada, sendo constituído por células mortas na maturidade. Dressler (1993) afirma que o velame está relacionado com fatores ambientais, principalmente água e temperatura. À esta estrutura são atribuídas principalmente a função de absorção de água pela condensação de do vapor existente na atmosfera. Para Benzing et al. (1982), o velame das orquídeas aumenta o acesso a ricas soluções minerais, e Pridgeon (1986), atribui a esta estrutura, assim como aos tricomas das bromélias, a redução da transpiração com o aumento das camadas celulares, a reflexão da radiação infra vermelha e a substancial proteção mecânica.

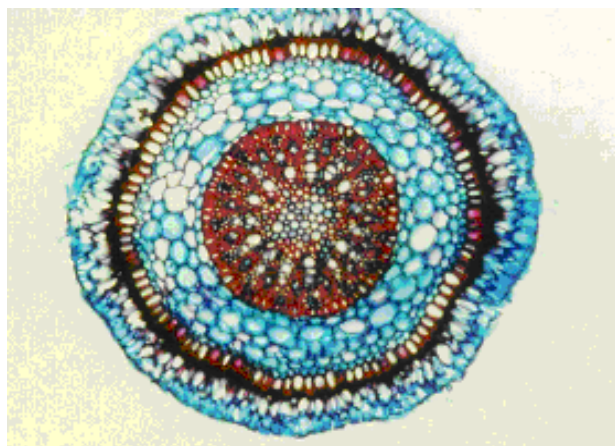



Figura 12

Produtos Gerados

Painéis: Marcgraviaceae em Milho Verde: como identificá-las e cultivá-las; Annonaceae em Milho Verde: potenciais ornamentais e químicos; Orchidaceae e Bromeliaceae: cultivo e propagação; cartilhas: O que são as Proantocianidinas e onde encontrá-las?; De onde vem o cheiro das Annonaceae?

Conclusão

Informações científicas a respeito das famílias botâncias, o contato com a natureza, a compreensão desta, leva ao aprimoramento do conhecimento e a maior intimidade com a flora, o que direciona um comportamento natural de cuidado e conservação do ambiente, além de levantar bases para a exploração qualificada. As matas ciliares degradadas ou não, que margeiam os cursos d'água, são áreas que demandam prioridade para as ações de revegetação (Macedo 1993) ou preservação. O estudo da vegetação da flora da área do Lageado e das nascentes das serras do distrito de Milho Verde, distrito do Serro-MG, em conjunto com a comunidade local, tem se mostrado uma relação modelo dentro do projeto de Estudo da Vegetação do Jequitinhonha. Esta experiência deve ser desdobrada para

outras comunidades, de modo a atender a demanda da própria comunidade à necessidade de preservação da flora visando a manutenção dos mananciais e a melhoria da qualidade de vida local.

Parcerias
Associação Comunitária de Milho Verde

Referências

BENZING, D. H., OTT, D. W. & FRIEDMAN, W. E. (1982). Roots of Sobralia macrantha (Orchidaceae): structure and function of the velamen-exodermis complex. American Journal of Botany, 69(4): 608-614.
BLACK, P. M. (1973) Orquídeas. Ed. Ao Livro Técnico S/A. Rio de Janeiro. 128p.
BROCHINI CB, NUÑEZ CV; MOREIRA IC, ROQUE NF (1999) Identificação de componentes de óleos voláteis: análise espectroscópica de misturas de sesquiterpenos. Quim. nova 22(1):37-40p.
CRONQUIST A (1981) An integrated system of classification of flowering plants. Columbia Univ. Press. New York. 1262p.
FAHN A (1990) Plant anatomy. Pergamon Press. Oxford. 588p.
IMAÑA-ENCINAS J, PAULA JE (1994) Fitossociologia de la regeneracion natural de un bosque de galeria. Pesq. agropec. bras. 29(3):355-362.
JOLY AB (1983) Botânica: introdução à taxonomia vegetal. Ed. Nacional. São Paulo. 777p.
JONES, P. S. (1998) Aspects of the population biology of Liparis loeselii (L>) Rich. Var. ovata Ridd. Ex Godfery (Orchidaceae) in the dune slacks of South Wales, UK. Botanical Journal of the Linnean Society, 126: 123-139.
MACEDO AC (1983) Revegetação: matas ciliares e de proteção ambiental. Fundação Florestal. São Paulo. 24p.
OLIVEIRA, V. C. & SAJO, M. G. (1999) Anatomia foliar de espécies epífitas de Orchidaceae. Revista Brasileira de Botânica, 22(3): 365-374.
PRIDGEON, A. M. (1986) Anatomical adaptations in Orchidaceae. Lindleyana 1(2): 90-101.
RAVEN, P. H.; EVERT, R. F. & EICHHORN, S. E. (2001) Biologia Vegetal. Ed. Guanabara Koogan S. A. Rio de Janeiro. 906p.
ROBBERS JE, SPEEDIE MK, TYLER VE (1997) Farmacognosia e farmacobiotecnologia. Williams & Wilkins. Baltimore. 372p.
RODRIGUES, R. R. & LEITÃO-FILHO, H. F. (Eds.) (2000) Matas Ciliares: Conservação e Recuperação. Ed. Usp, São Paulo. 235p.

ASSESSORIA À PARTICIPAÇÃO POPULAR EM PROCESSOS DE LICENCIAMENTO AMBIENTAL EM MINAS GERAIS

Andréa Luisa Moukhaiber Zhouri[1], Klemens Augustinus Laschefski[2], Angela Maria T. Paiva, Raquel Oliveira, Marcos Zucarelli, Frederico Wagner de Azevedo Lopes[3], Gustavo Machado D. Teixeira, Wendell Ficher Teixeira Assis, Camilo Sousa Fonseca, Elias Evangelista Gomes, Isaac Henriques de Medeiros, Mariana Sardinha Barros, Rodrigo França Dias[4]

Introdução

No espírito da construção de uma sociedade mais justa, igualitária e sustentável, temos trabalhado, desde janeiro de 2001, em uma atividade de extensão universitária que compreende a assessoria às comunidades atingidas por barragens hidroelétricas em Minas Gerais. O GESTA - Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais -, composto por pesquisadores e alunos da UFMG, em parceria com a Clínica de Direito Ambiental da PUCMinas, desenvolve seus trabalhos de forma totalmente voluntária, já tendo realizado inúmeras atividades, tais como: elaboração de pareceres técnicos sobre EIA/RIMAS e sobre licenças concedidas por órgãos ambientais, disponibilizados para comunidades e entidades interessadas; esclarecimentos sobre o procedimento do licenciamento ambiental aos segmentos diretamente ameaçados pelas obras; assessoria à participação das comunidades locais em audiências públicas; publicação de artigos na imprensa sobre crise energética e impactos socio-ambientais; conferências e palestras sobre o tema; entre outras. Dentre os casos em que tem atuado, vale destacar os processos para construção da assim chamada Pequena Central Hidrelétrica de Aiuruoca, no Sul de Minas, e as hidroelétricas de Irapé e Murta, ambas localizadas no Vale do Jequitinhonha. Nas Trilhas da Justiça Ambiental: As hidrelétricas, 'grandes obras' por excelência, constituem-se como símbolos de desenvolvimento, este entendido como modernidade e progresso. As grandes barragens da década de 70 foram, contudo, duramente criticadas nos anos 80 pelos altos impactos ambientais e sociais. Apesar das críticas, inicia-se, no mesmo período, um processo de reestruturação do setor elétrico brasileiro com a inserção da iniciativa privada, resultando em uma série de mudanças. A privatização estabeleceu novos parâmetros de financiamento e promoveu o estímulo à auto-suficiência energética de grandes consumidores industriais, em sua maioria, empresas multinacionais. A energia, antes um bem público, tornou-se mercadoria, cujo acesso é dado segundo as leis do mercado. Estima-se, atualmente, que cerca de 5 milhões de domicílios, ou 20 milhões de pessoas, são privados de eletrificação no Brasil (Bermann, 2002). A enorme segurança oferecida aos novos investidores atraiu grande número de empresas privadas. Tais empresas atuam no mercado de geração de energia a partir de uma lógica política e econômica de apropriação territorial e consumo dos recursos naturais, mediante o deslocamento compulsório de inúmeras comunidades rurais e urbanas. É importante ressaltar que a construção de hidrelétricas envolve a mobilização e exploração de recursos naturais e territórios para uma finalidade única: a produção de eletricidade. Além de reduzir um recurso de múltiplos usos, como a água, a uma única finalidade, esses projetos exigem que os custos sociais e ambientais decorrentes de sua implantação sejam arcados pelas comunidades atingidas e pela sociedade em geral. Tal problema pode ser melhor entendido à luz do conceito de distribuição ecológica (Martinez-Alier:1999), que remete às assimetrias ou desigualdades sociais, espaciais e temporais na utilização pelos humanos dos recursos e dos serviços ambientais. Compreendemos, então, que a construção de centrais hidrelétricas revela uma apropriação desigual do espaço e dos recursos ambientais, em detrimento de parcelas desfavorecidas da população, em sua maioria, comunidades rurais portadoras de modos diferenciados de produção cultural e social (ribeirinhos, remanescentes de quilombos, comunidades indígenas). Segundo Lemos (1999), as comunidades assumem, nesse processo, um significado particular para o capital privado, transformam-se em obstáculos à apropriação territorial pelo mesmo, devendo ser removidas para o cumprimento

---

[1]Coordenadora, [2]docente, [3]bolsistas, [4]voluntários

Cidadania e Justiça Ambiental: Comunidades Ameaçadas por Hidrelétricas

Número de Registro SiexBrasil: 5376

Área Temática: Meio Ambiente

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa Pólo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha e Instituto de Geo-Ciências

Contatos: azhouri@fafich.ufmg.br e (31) 3499-6301 e 3497-4227

do ‘desenvolvimento regional’. Nesse sentido, grandes projetos hidrelétricos são geradores de uma enorme dívida ecológica, contraída a partir dos custos sociais e ambientais não incluídos no orçamento final do empreendimento. As indenizações e programas diversos de mitigação e compensação não incorporam os modos de vida e padrões culturais das comunidades atingidas, o que resulta em um “ocultamento dos custos sócio-ambientais que uma vez considerados e internalizados poderiam inviabilizar a competitividade dos empreendimentos” (Lemos 1999:83). Para Ribeiro (2000), a desapropriação se transforma em expropriação sobre três aspectos: a perda patrimonial, a perda das condições de vida e de produção, bem como a expropriação simbólica. A não incorporação desses custos ao projeto resulta ainda da impossibilidade de reduzir processos ecológicos, sociais e culturais aos valores de mercado. Essa incomensurabilidade, como define Leff (2001), exige verdadeira mudança de paradigma, já que a economia não apresenta normas internas que permitam a promoção da justiça ambiental dentro do contexto de mercado. Dessa forma, compreendemos que estes conflitos escondem estratégias de poder, paradigmas e racionalidades produtivas distintas e opostas. Nesse sentido, os propósitos desenvolvimentistas concretizados através da construção de grandes empreendimentos hidrelétricos são reveladores do projeto unitário e homogeneizante da modernidade (Leff:2001). Na contracorrente desse processo estão as comunidades afetadas, representativas de diferentes modos de apropriação da natureza, bem como os ambientalistas, que reivindicam uma diversificação da matriz energética como forma alternativa para a produção sustentável de energia (Bermann, 2002). Assim, a promoção da justiça ambiental exige a incorporação da sustentabilidade enquanto princípio norteador para a reconstrução da ordem econômica, através de um efetivo processo de “reapropriação social da natureza” (Leff, 2001:76). Contudo, a corrida provocada pela privatização, a crise energética e a falta de planejamento adequado continuam trazendo o risco de impactos ainda mais significativos por causa da proliferação de projetos. No Brasil, já foram construídas mais de 2 mil barragens e o plano Eletrobrás 2015 prevê a construção de outras 496, das quais 180 seriam em Minas Gerais. As barragens hidrelétricas já inundaram 3,4 milhões de hectares de terras produtivas e desalojaram mais de um milhão de pessoas no País, em sua maioria comunidades com pouca possibilidade de participação no processo de licenciamento ambiental. O licenciamento ambiental é atualmente o principal instrumento de política ambiental no Estado de Minas Gerais (SEMAD, 1998:155). A Resolução 001/86 do CONAMA instaura a exigência do licenciamento para o setor de infra-estrutura, como no caso da construção de hidroelétricas e estradas. Um dos principais elementos do processo de licenciamento é a exigência de Estudos de Impacto Ambiental (EIA) e seu respectivo Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), elaborados por uma equipe técnica privada e apresentados ao órgão ambiental pelo empreendedor. Esses documentos devem ser de domínio público e disponíveis para todos os interessados. Alguns dos principais problemas no licenciamento ambiental decorrem da má qualidade e pouca eficácia dos EIA/RIMAS, assim como da falta de transparência e da desigual participação no processo decisório. As comunidades atingidas constituem um segmento social desfavorecido, com acesso limitado aos recursos políticos, econômicos e culturais capazes de viabilizar a participação. O caso da UHE Murta em Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha, é ilustrativo desse processo:são 30 comunidades rurais ameaçadas. Ou seja, aproximadamente 4.500 pessoas que vivem da agricultura familiar e do garimpo artesanal (turmalina, em geral). A maioria dos moradores tem pouca escolaridade, fato que agrava as dificuldades normalmente encontradas para a compreensão dos termos técnicos que recobrem os estudos de impacto ambiental. Outras limitações referem-se à falta de tempo, de recursos financeiros e o isolamento verificado pela precariedade de transporte e comunicação que comprometem o acompanhamento do processo junto ao órgão licenciador. Em geral, para as famílias atingidas pelos empreendimentos, uma ida à Belo Horizonte representa, além dos recursos financeiros não disponíveis e do 'deslocamento' cultural, uma ausência no trabalho e uma viagem de até um dia.

Destaca-se, portanto, uma assimetria entre as comunidades ameaçadas, de um lado, o Setor Elétrico e consórcio de empresas, de outro, no que se refere ao capital técnico, econômico e político para efetiva participação no processo de licenciamento. Além disso, a maioria dos EIA/RIMAs apresenta conteúdo genérico, que pouco contempla os aspectos de cunho social, e são geralmente escritos de forma a ocultar informações que poderiam inviabilizar o empreendimento do ponto de vista ambiental. A Audiência Pública seria a instância em que a população afetada poderia debater e opinar sobre a realização e os impactos da obra. Embora seja um instrumento da maior importância, de grande peso político, sua eficácia tem sido diluída tendo em vista a ausência de uma efetiva participação por parte das comunidades. A população pouco conhece sobre seus direitos, e sobre o processo institucional que leva ao licenciamento, sendo informada acerca do empreendimento muito mais tarde, quando

acordos entre empresas, prefeituras e setores interessados da comunidade já foram formulados. É neste contexto que se desenvolve nosso projeto de extensão. Ele tem como objetivo mais amplo viabilizar a efetiva participação popular no processo de licenciamento ambiental, subsidiando as populações atingidas com informações técnicas e capital político. Contribuímos, portanto, para minimizar a assimetria entre as partes e, sobretudo, para promover a justiça ambiental e social pela inclusão das comunidades atingidas no processo decisório. Acreditamos, assim, que este deve ser um compromisso da universidade pública em um país de enormes desigualdades como o Brasil.

Objetivos

Assessorar as comunidades atingidas por barragens em sua participação no processo de licenciamento ambiental, procurando minimizar a assimetria existente entre os órgãos ambientais, os empreendedores e as próprias comunidades, capacitando estas últimas para a defesa de seus direitos, promovendo, assim, a inclusão social; analisar e debater as concepções de "desenvolvimento sustentável" articuladas pelos diferentes segmentos, contribuindo para avanços em suas implementações, assim como avaliar a eficácia do licenciamento como instrumento de política ambiental no estado; contribuir para a implantação de uma matriz energética sustentável: descentralizada, diversificada, democrática e eficiente; proporcionar aos alunos a oportunidade de exercitarem e aprofundarem os conteúdos das disciplinas Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Cidadania; Introdução à Sociologia Ambiental e Sociologia do Licenciamento Ambiental, através de uma atuação prática. Com isso, procura-se estimular o trabalho interdisciplinar em equipe e a consciência da responsabilidade social de suas futuras atuações.

Metodologia

Atuação junto às comunidades atingidas: realizamos visitas a campo, nas localidades a serem afetadas por empreendimentos hidrelétricos no estado de Minas Gerais. Através dessas visitas, apresentamos as etapas do licenciamento para as comunidades atingidas, auxiliando-as na leitura dos EIA/RIMAs. Na maioria dos casos, elaboramos relatórios que contribuem para o reconhecimento de falhas e erros que estes estudos contêm. Além disso, colaboramos para as reivindicações e demandas das comunidades junto às empresas e órgãos ambientais. Dessa forma, na eventualidade de um reassentamento, as comunidades poderão articular suas necessidades nos termos apropriados para uma negociação que assegure os recursos naturais indispensáveis à manutenção de suas vidas. Construção de alianças entre as comunidades e dessas com entidades diversas: a equipe promove intercâmbio entre os atingidos e entre esses e as instituições de apoio no país e no exterior (como o MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens, Coalizão Rios Vivos, FIAN-Food International Action Network e Rede Internacional de Rios), agregando, assim, maior capital político à causa dos atingidos. Atuação junto aos órgãos ambientais: participamos de reuniões e audiências organizadas pelos órgãos de política ambiental do estado, além de trabalhar na elaboração de pareceres técnicos sobre EIA/RIMAs e licenças concedidas pelos mesmos. Divulgação da problemática de barragens junto à comunidade acadêmica e à sociedade mais ampla: trabalhamos também na divulgação de notas à imprensa, na publicação de artigos e na organização de conferências e palestras sobre o tema. Estabelecimento de parcerias: o projeto é desenvolvido interdisciplinarmente (áreas de sociologia, direito, geografia, engenharia, biologia, comunicação social) e procura promover parcerias com outras instituições, dentre elas, a PUC-MG (como a parceria já desenvolvida com a Clínica de Direito Ambiental) e a Universidade Federal de Viçosa). Auto-capacitação da equipe: a equipe do projeto se reúne semanalmente para atualização, troca de informações e elaboração de estratégias de ação. Paralelamente, fazemos levantamento e discussões da literatura sobre barragens e seus impactos (como o relatório produzido pela Comissão Mundial de Barragens, 2000), organizamos palestras e seminários junto às populações atingidas, bem como junto a outros especialistas e comunidade da UFMG.

Resultados e Discussão

Ao longo de sua existência, o GESTA tem obtido resultados significativos quanto aos objetivos propostos. Através de trabalhos de campo, conseguimos uma maior articulação das comunidades ameaçadas por barragens, tanto em sua organização local, quanto na sua participação em instâncias de licenciamento junto aos órgãos ambientais. Em complementação à atividade de extensão, no sentido estrito, foram realizadas pesquisas sobre as comunidades de

Irapé e Murta, no Vale do Jequitinhonha, além das barragens de Capim Branco 1 e 2, no Triângulo Mineiro e a PCH Aiuruoca, no Sul de Minas. Para essas pesquisas, obtivemos apoio financeiro da FAPEMIG e do CNPq (bolsas de Iniciação Científica e Produtividade em Pesquisa). Sobretudo, é possível verificar uma maior comunicação em relação aos órgãos ambientais em nível estadual e federal, gerando uma abertura para melhor compreensão da situação das comunidades ameaçadas e atingidas por barragens. Além disso, o GESTA ganhou considerável reconhecimento no âmbito acadêmico e uma intensiva articulação com o universo dos movimentos sociais e ONGs envolvidas com a questão da política energética, em nível nacional e internacional. Neste sentido, destaca-se o convite para apresentação de trabalho no seminário teuto-brasileiro sobre energias renováveis, organizado pela Fundação Heinrich Boell, da Alemanha. Nesta ocasião, a Fundação Boell também promoveu uma excursão a diversos locais, na Alemanha, comprometidos com experiências em energias renováveis, na busca de soluções adaptáveis à situação brasileira. O GESTA participou ainda de inúmeros encontros e seminários nacionais, fortalecendo sua formação e suas parcerias.

Produtos Gerados

Obtenção de duas recomendações para indeferimento do licenciamento da PCH Aiuruoca por parte do órgão técnico, a FEAM, sendo uma delas baseada no argumento inédito de inviabilidade ambiental da obra; Atuação do Ministério Público que obteve duas liminares concedidas pelo poder judiciário para não concessão da Licença Prévia para a PCH Aiuruoca; Preparação das comunidades ameaçadas pela UHE Murta para atuação na Audiência Pública realizada em 15 de outubro de 2002, na comunidade de Barra de Salinas, município de Coronel Murta; Participação da equipe do GESTA na Audiência Pública da UHE Murta; Participação na Audiência Pública em Aiuruoca e produção de vídeo sobre o evento em 2002; Palestra para o movimento dos atingidos do Vale do Rio Doce, Ponte Nova, 2002; Organização da palestra do prof. Célio Bermann (IEE/USP) na Semana de Recepção aos Calouros da UFMG de 2002; Integração ao Programa de Extensão Pólo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha (2002); Organização do seminário sobre os impactos das plantações de eucalipto em Minas Gerais (abril de 2003); Participação em duas reuniões do Grupo de Trabalho em Energia do Fórum Brasileiro de Movimentos Sociais e ONGs (Brasília, abril e outubro de 2003); Participação no Fórum Social Mundial (Porto Alegre, Janeiro de 2003). Oficinas do Fórum Carajás, sobre energia e indústrias de alumínio e da Food First Information and Action Network (FIAN), sobre o direito humano a alimentar-se; Participação no Encontro Nacional do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Brasília, junho /2003; Participação no Curso de Direitos Humanos da FIAN, Goiânia, agosto/2003; Elaboração e apresentação do Relatório sobre o Termo de Manifestação Prévia do IEF/ Aiuruoca no Conselho de Política Ambiental (COPAM), em agosto de 2003; Contribuição para Revisão da Lei 12.812/98, sobre direitos das famílias atingidas por barragens; Acompanhamento da visita de uma comissão de parlamentares mineiros às comunidades rurais atingidas pela barragem de Murta (outubro de 2003). Parecer técnico sobre as Informações complementares ao EIA/RIMA da UHE Murta (2002); Produção do Dossiê Eletroriver S.A (relatório sobre a PCH Aiuruoca, Sul de Minas) (2001); Produção do Vídeo MODEVIDA. "Hidrelétrica em Aiuruoca?"; Parecer sobre o EIA/RIMA da PCH Aiuruoca, 2001; Parecer sobre a Anuência do IBAMA para Eletroriver S.A, 2001; Parecer sobre Relatório do Centro de Matas Ciliares da Universidade Federal de Lavras, sobre a PCH Aiuruoca, 2002; Produção do Vídeo PCH Aiuruoca 2002; Produção do Vídeo sobre a Reunião da Câmara de Infra-estrutura do COPAM, para licença da UHE Irapé, 2002; Apresentação do projeto na Semana de Ciências Sociais, FAFICH-UFMG, 2002; Publicação dos artigos "Hidrelétricas e Sustentabilidade" (Estado de Minas, fevereiro de 2001) e "Sustentabilidade: dimensão apagada da crise energética". Apresentação em Power Point do artigo "Hydroeletric Dams and Sustainability" no Seminário teuto-brazileiro, 2-4 de Junho de 2003, Fundação Heinrich Boell, Berlim, Alemanha. (www.boell.de) Parecer sobre o Termo de Manifestação Prévia do IEF para a PCH Aiuruoca (2003). Revisão e complementação do texto base Infra-estrutura de Transportes e Energia para o documento da Pré-Conferência de Meio Ambiente (3 e 4 de novembro de 2003). Elaboração de propostas para o Plano Plurianual 2004-2007. Contribuição à redação do texto Plataforma do GT Energia do Fórum Brasileiro de ONGs e Movimentos Sociais para um modelo energético sustentável (2003). Oficina "Paisagens industriais e desterritorialização de populações locais: hidrelétricas e plantações de eucalipto". 8 de novembro de 2003. Entrevista ao Jornal da TV Assembléia que noticiou a visita da comissão parlamentar ao local da UHE Murta, (outubro de 2003).

Conclusão
O trabalho da equipe interdisciplinar do GESTA, ao conjugar ensino, pesquisa e extensão na atuação socioambiental, tem revelado grandes potencialidades na articulação da produção do conhecimento com a intervenção social. Destacamos o aprendizado recíproco entre professores e alunos de várias faculdades, comunidades locais alvo de nossa atuação, órgãos ambientais e instâncias políticas de decisão, assim como movimentos sociais. Entende-se isto como uma contribuição para uma maior transversalidade entre saberes acadêmicos e segmentos sociais diversos da sociedade, algo fundamental para a implementação de um desenvolvimento sustentável com base no princípio da solidariedade. Sabemos que o percurso é ainda longo. As comunidades rurais continuam ainda padecendo de uma invisibilidade social e política no que tange ao planejamento público, fato que se reflete diretamente no processo de licenciamento ambiental. O GESTA é um grupo limitado em relação ao poder econômico e político do Setor Elétrico e ao volume de projetos de barragens em análise pelo órgão ambiental em 2003 - um total de 100 projetos. Contudo, temos esperança que a atuação junto às comunidades possa encorajar, como efeito multiplicador, outras comunidades a uma maior participação, bem como sensibilizar os órgãos ambientais para uma maior observância em relação aos dilemas ambientais e sociais vividos pelas comunidades. Busca-se, assim, uma melhor eqüidade na distribuição do espaço ambiental e da participação política, econômica e social, para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão e Clínica de Direito Ambiental da PUC-Minas.

Referências
BARON, Sadi. “Reparação e indenização de perdas sofridas por populações atingidas por barragens” In O Grito das Águas: populações atingidas por barragens respondem à Comissão Mundial de Barragens, MAB, São Paulo, 2000;
BERMANN, Célio. Energia no Brasil: Para que? Para quem? Crises e alternativas para um país sustentável. Editora Livraria da Física, FASE, São Paulo, 2001;
LEFF, Enrique. Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder, Trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth, Petrópolis: Vozes, 2001;
LEMOS, Chélen Fischer de. Audiências Públicas, participação social e conflitos ambientais nos empreendimentos hidrelétricos: os casos de Tijuco Alto e Irapé, Rio de Janeiro, Dissertação (mestrado) IPPUR/UFRJ, 1999;
MATINEZ-ALIER, Joan “Justiça ambiental (local e global)” In: Clóvis Cavalcanti (org.) Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas, São Paulo: Cortez, 1999;
REBOUÇAS, Lidia Marcelino. O Planejado e Vivido, São Paulo: Annablume, 2000;
REIS, Maria José & BLOEMER, Neusa Maria (orgs). Hidrelétricas e Populações Locais, Florianópolis: Editora da UFSC, 2001;
RIBEIRO, Ricardo Ferreira. “As barragens do Jequitinhonha afogam os atingidos em progresso” In O Grito das Águas: populações atingidas por barragens respondem à Comissão Mundial de Barragens, MAB, São Paulo, 2000;
SEMAD, FUNDAÇÃO ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE, FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Centro de Estudos Históricos e Culturais. A Questão Ambiental em Minas Gerais; discurso e política. Belo Horizonte, 1998;
ZHOURI, Andréa. "Hidrelétricas e Sustentabilidade". In Seminário teuto-brasileiro para Energias Renováveis. Fundação Heinrich Boell, Berlim, 2-4 de junho de 2003. (www.boell.de).

PROJETO DE MEIO AMBIENTE

Marcos Antonio Nicacio, Oziel Mendes de Paiva Junior, Dúlio Garcia Sepúlveda, Silésia Dias dos Santos[1], Lilian Borges Brasileiro, Adilson Moreira, Nelson Alves Góes, Marcelo Vilhena, Heloísa Maria de Oliveira Horta Franklin, Tânia Mara Amâncio Guerra Peixoto, Ana Maria Dantas Barros[2], Maria Auxiliadora Drumond, Rafael Santana Faria, Ronaldo Alves Fumiã, Estevão José Marchesini da Fonseca[3], Ana Paula Lima Cerqueira, Leonardo Zambelli Loyola Braga, Rejane Mateus[4]

Introdução

O Programa de Educação Ambiental em Caparaó, iniciado em 1985, obteve o apoio da Fundação W.K. Kellogg para o Projeto Educação Ambiental em Caparaó – proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem, no período de 1999 a 2003, visando propiciar ações na Área de Meio Ambiente, interagindo com as outras áreas do Projeto - educação, saúde, cultura, trabalho, comunicação - em um trabalho social.

Objetivos

A partir da discussão da Gestão Ambiental na região dos Municípios de Caparaó e Alto Caparaó; envolvendo os profissionais locais direta e indiretamente ligados à questão, as comunidades escolar e geral, bem como os alunos do Coltec, que visava oportunizar uma sensibilização e uma formação técnica, foi apresentada um demanda da Oficina de Planejamento da Gestão Participativa da Área de Proteção Ambiental Municipal de Caparaó, quando foi solicitado o desenvolvimento de um monitoramento de agrotóxicos no município. Construiu-se então, em trabalho conjunto entre COPASA/MG, COLTEC/UFMG e outros parceiros, a proposta de trabalho Avaliação do impacto ambiental do uso de pesticidas em lavouras nos Municípios de Caparaó e Alto Caparaó – Minas Gerais: contaminação da água que tinha como objetivo principal diagnosticar e avaliar, junto com as comunidades, a qualidade de suas águas quanto ao uso de agrotóxicos; contribuindo para que as mesmas construam um conhecimento sobre a realidade vivida, e posteriormente os trabalhos Avaliação dos impactos ambientais do uso de agrotóxicos na micro bacia do Córrego do Vai e Volta, Determinação da presença de pesticidas em alimentos nos Municípios de Caparaó e Alto Caparaó – Minas Gerais e seu conseqüente impacto ambiental, Avaliação da presença de pesticidas em amostras de solo nos Municípios de Caparaó e Alto Caparaó – Minas Gerais, e Plantas medicinais, raizeiros e hortas medicinais.

Metodologia

Por solicitação da Prefeitura Municipal de Caparaó, foi desenvolvido o trabalho Área de Proteção Ambiental Municipal de Caparaó sendo realizado: reconhecimento da região da APA; levantamento de atores sociais locais; desenvolvimento de ações institucionais para a aprovação em nível estadual da APA para fins de ICMS - ecológico; contatos institucionais entre Prefeitura Municipal de Caparaó, EMATER, IBAMA, IEF, COLTEC/UFMG, COPASA; montagem de oficina de intercâmbio e planejamento; montagem de curso de métodos participativos para a mobilização social para as instituições envolvidas; montagem de um banco de dados sobre a APA; elaboração de mapas; reconhecimento das micro bacias da APA; montagem do curso de Gestão Participativa de Unidades de Conservação; estudo da informação viária na APA; estudo da documentação legal sobre a criação de Comitê de Bacia Hidrográfica para o Rio Caparaó; paralisação do início da demolição de antiga casa para a construção da Sede Administrativa e Centro Educativo da APA – Caparaó; redefinição do local de instalação dos painéis de energia alternativa do Projeto Fotovoltáico, da E.M. da Fazenda da Boa Vista (que agora já possui rede elétrica normal) para a Sede Administrativa e Centro Educativo da APA, dentro da proposta pedagógica de Energias Alternativas; construção coletiva do Projeto Água e Agrotóxico; restauração e construção da Sede Administrativa

---

[1]Coordenadores, [2]pesquisadores, [3]consultores, [4]bolsistas
Programa de Educação Ambiental em Caparaó e a Proposta de Construção de uma Comunidade de Aprendizagem
Número de Registro SiexBrasil: 48
Área Temática: Meio Ambiente
Colégio Técnico do Centro Pedagógico, Instituto de Ciências Biológicas, Escola de Veterinária e Faculdade de Farmácia
Contatos: proj-caparao@coltec.ufmg.br e (31) 3499-4962

e Centro Educativo da APA – Caparaó em antiga construção rural; planejamento e produção de 04 placas informativas sobre a APA. Para o trabalho de Avaliação do impacto ambiental do uso de pesticidas em lavouras nos Municípios de Caparaó e Alto Caparaó – Minas Gerais: contaminação da água foram realizadas as seguintes atividades, dentre outras: capacitação de estagiária rural em análise bacteriológica de águas na Escola de Veterinária/UFMG, em análise físico-química de águas no ICB/UFMG, análise química orgânica de águas no Laboratório Metropolitano da COPASA/MG, na UERJ (26 a 28/03/2001) e na CAESB; desenvolvimento da metodologia de pesquisa de agrotóxicos em água (método de análise apresenta uma sensibilidade da ordem de uma parte por bilhão - ppb); construção do Procedimento Operacional Interno da COPASA/MG para a análise de rotina de agrotóxicos; reuniões comunitárias sobre "Água e agrotóxico", dias 19/10/2002 (Alto Caparaó) 29/10/2002 (Caparaó); coletas de amostras de água; análises realizadas utilizando-se kit de Detecção Enzimática para Carbamatos e Fosforados em Água da UERJ. A Portaria nº 1469 do Ministério da Saúde (artigo 14, parágrafo 2) de 29/12/2000 recomenda como limite máximo, para a presença de pesticidas fosforados e carbamatos em água, a inibição de até 20% da enzima acetilcolinesterase, que está presente em nosso organismo e comanda, principalmente, o sistema nervoso central. Para o trabalho de Avaliação dos impactos ambientais do uso de agrotóxicos na micro bacia do Córrego do Vai e Volta, (a micro-bacia do Córrego "Vai e Volta" foi selecionada para realizarmos testes preliminares, posteriormente expandidos para os municípios de Alto Caparaó/MG e Caparaó/MG), foram realizadas as atividades: análise de contaminação por agrotóxicos da água, solo e alimentos desta micro bacia; levantamento preliminar das 47 famílias que residem nesta micro bacia; 1ª e 2ª Reuniões Comunitárias. A estreita vinculação entre solo e água levou ao desenvolvimento de outro trabalho Avaliação da presença de pesticidas em amostras de solo nos Municípios de Caparaó e Alto Caparaó – Minas Gerais que realizou as seguintes atividades: capacitação de bolsista em análise química orgânica de solos no Laboratório da COPASA/MG; pesquisa bibliográfica; solicitação das normatizações para análise de pesticidas em solos do CETEC/MG.. A uma prática e dúvida das comunidades (plantio de milho e feijão consorciado com o café e o uso de agrotóxicos no cafezal poderia contaminar os grãos), foi desenvolvido o trabalho Determinação da presença de pesticidas em alimentos nos Municípios de Caparaó e Alto Caparaó – Minas Gerais e seu conseqüente impacto ambiental que realizou as atividades: capacitação de bolsista em análise química orgânica de alimentos no Laboratório da FUNED; desenvolvimento do método de avaliação de pesticidas em alimentos (milho, feijão e banana) – teste com padrões, coletas de amostras e discussões de resultados com o IMA (Instituto Mineiro de Agricultura), COPASA/MG; pesquisa bibliográfica. O trabalho com "Plantas medicinais, raizeiros e hortas medicinais", que visava anteriormente o levantamento histórico local da presença, apanha, comercialização e uso da poaia alcançou novo patamar, ao introduzir uma possibilidade de manejo e comercialização, a saber: visita técnica para estudo de implantação pela Faculdade de Farmácia da UFMG e Centro de Pesquisas René Rachou/FIOCRUZ; estruturação de projeto para a clonagem da poaia, seu manejo, produção e comercialização para a fabricação de medicamento, FF/UFMG. As estratégias que nortearam os diversos trabalhos foram: a formação básica integrada nas áreas da saúde, meio ambiente, educação, cultura e memória histórica; o envolvimento em projetos de pesquisa na comunidade e em seu ambiente natural; a contribuição para a sustentação de uma gestão participativa ambiental local e o acompanhamento de projetos que procurem dar respostas concretas a problemas concretos da comunidade; contribuição na formação de alunos nas áreas de gestão e saúde ambiental.

Resultados e Discussão

No município de Caparaó foram coletadas 64 amostras sendo que: 4 apresentaram 0% de inibição, 52 mostraram-se abaixo do máximo legal e 8 superaram o limite de 20% de inibição enzimática. No município de Alto Caparaó foram coletadas 21 amostras que apresentaram os seguintes resultados: 15 posicionaram-se abaixo de 20% de inibição, 01 igualou-se com o máximo permitido e 5 superaram o limite de 20% de inibição da enzima. Observa-se que, de um total de 85 amostras coletadas, em aproximadamente 5% não foram detectados pesticidas; em cerca de 79% os valores ficaram abaixo do limite legal, em mais de 1% o valor encontrado igualou com o máximo estabelecido e em quase 15% foram medidas inibições acima do permitido pela Portaria. Detectou-se, então, a presença de pesticidas em cerca de 95% das amostras, isto é, nove em dez amostras. Por outro lado, uma em oito amostras apresentou-se fora do parâmetro legal.

Resultados de Precaução

Análise de pesticidas em águas do Município de Alto Caparaó (coleta em 08/05/2002)

Local de coleta	% de inibição
Parque Nacional do Caparaó	5%’
Caixa d’água Fazenda René Rabelo	23%
Bica d’água do “Jacy”	23%
Bica d’água da “Aparecida”	24%
E.M. Eugênio Tavares da Silva	23%
Casa na cidade Alto Caparaó	11%’
E.E. Américo Vespúcio de Carvalho – cidade	19%
E.M. Calixto Valério – zona rural	13%
E.M. Bragunça – zona rural	20%
E.M. São Domingos – zona rural	19%’
E.M. José Emerich – cidade	15%
Estação Tratamento de Água/Alto Caparaó – entrada	5%
Estação Tratamento de Água/Alto Caparaó – saída	9%’

Análise de pesticidas em águas do Município de Caparaó (coleta em 28/04/2002)

Local de coleta	% de Inibição
Nascente Córrego Vai e Volta	10%’
Córrego Vai e Volta – Fazenda Manuel Xavier	9%’
Caixa d’água - Fazenda dos Muzzy	5%
E.M. Taquaruna – zona rural Córrego Vai e Volta	12%’
Córrego Vai e Volta antes do Ribeirão do Fama	14%’
Casa na cidade de Caparaó	14%
Captação D’água COPASA Córrego Deus me Livre	9%’
Estação de Tratamento de Água COPASA/Caparaó – saída	6%’
Captação D’água COPASA Ribeirão Fama	24%
Ribeirão do Fama antes do Córrego Vai e Volta	12%’
Córrego dos Muzzy	8%’
Córrego dos Monteiros	16%
Poço artesiano COPASA – cidade Caparaó	8%’
Posto de Saúde – cidade de Caparaó	10%

Análise de pesticidas em águas do Município de Caparaó (coleta em 08/05/2002)

Local de coleta	% de Inibição
E.M. Sebastião Brinati – zona rural	28%

Conforme a Portaria 1.469/2000 do Ministério da Saúde é recomendável uma análise por semestre, apresentando um máximo de 20% de inibição enzimática. Na análise realizada pela COPASA, as amostras foram extraídas com diclorometano’. Na análise realizada pela UERJ, as amostras foram extraídas com diclorometano e acetato de etila com sulfato de sódio.

Foram encontradas resistências de algumas pessoas e Instituições, pois discutir a questão do agrotóxico é envolver de alguma forma a vida cotidiana das pessoas que nem sempre estão abertas para as discussões desse tipo, porque envolvem conflitos da hierarquia de valores (econômico, privado, individual, doença X vida, saúde, coletivo, social) bem como do modelo institucional, a filosofia e abordagem do processo educativo institucional, entre outros. Estes resultados estão sendo discutidos com as comunidades locais, tendo sido apresentados no Curso Básico de Vigilância Ambiental em Saúde, Manhumirim/MG, na Câmara Municipal de Alto Caparaó/MG (apresentação, a convite, dos “Resultados das Análises de Pesticidas em Água no Município de Alto Caparaó”, 16/05/2002), no Rotary Clube de Alto Caparaó, em reuniões com as Prefeituras Municipais de Alto Caparaó e Caparaó, na segunda reunião comunitária do Córrego do Vai e Volta (“Água e agrotóxico”, Caparaó/MG, 14/03/2002); no 3º módulo do Curso de Aperfeiçoamento em Educação, Saúde e Meio Ambiente em Caparaó e Alto Caparaó; Também contribuíram para as discussões, bem como para as decisões e ações a serem construídas participativamente através

de cursos e fóruns que fomentem discussões entre os vários segmentos e pessoas das comunidades. Como exemplo, representantes da comunidades de Caparaó e Alto Caparaó e das escolas locais decidiram organizar um grupo que discuta nas comunidades rurais a questão dos agrotóxicos com o objetivo de buscarem soluções conjuntas. A COPASA, uma das integrantes desse grupo, fechou a captação de água do córrego Deus me Livre e de seu poço artesiano na cidade de Caparaó. Alguns problemas foram: pequena permanência dos estagiários rurais na região; dificuldades com os equipamentos analíticos; falta de bibliografia sobre os pesticidas.

Produtos Gerados
Resumo: "Contaminação da água por pesticidas no córrego do Vai e Volta do Município de Caparaó/MG", CERQUEIRA, A.P.L.; NICACIO, M.A.; BRASILEIRO, L.B; GÓES, N.A., Caderno de Resumos da X Semana de Iniciação Científica da UFMG, 21 a 23/02/2002, página 261. Relatório Técnico: "Relatório Técnico para a Reunião Comunitária do Córrego Vai e Volta, Caparaó/MG, 14 de março de 2002", CERQUEIRA, A.P.L.; NICACIO, M.A.; BRASILEIRO, L.B; GÓES, N.A, 32 páginas, Projeto "Educação Ambiental em Caparaó – proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem", Fundação W. K. Kellogg. Resenha Técnica: "Resenha Técnica para a Reunião Comunitária do Córrego Vai e Volta, Caparaó/MG, 14 de março de 2002", CERQUEIRA, A.P.L.; NICACIO, M.A.; BRASILEIRO, L.B; GÓES, N.A.; 57 páginas, COLTEC/UFMG, Projeto "Educação Ambiental em Caparaó – proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem", Fundação W. K. Kellogg. Resumo "Avaliação do impacto ambiental do uso de pesticidas em lavouras nos municípios de Alto Caparaó e Caparão, MG – contaminação da água", CERQUEIRA, A.P.L.; NICACIO, M.A.; BRASILEIRO, L.B; GÓES, N.A; Livro de Resumos do VII Congresso Brasileiro de Ecotoxicologia - ECOTOX, 06 a 09/10/2002, Vitória/ES, página 77. Apostila: "Detecção de Pesticidas – técnica de análise enzimática (acetilcolinesterase) colorimétrica para a determinação de resíduos de pesticidas organofosforados e carbamatos em água", CERQUEIRA, A.P.L.; Apostila do Encontro de Laboratórios da COPASA, Varginha/MG, 21 a 23/08/2002, 09 páginas. Resumo: "Construção de Gestão Participativa da Área de Proteção Ambiental do Município de Caparaó/MG", CERQUEIRA, A.P.L. et ali; Caderno de Resumos da IX Semana de Iniciação Científica da UFMG, 18 a 23/09/2000, página 373. Relatório curricular: "Avaliação dos impactos ambientais do uso de agrotóxicos na micro bacia do Córrego do 'Vai e Volta'", BRAGA, L.Z.L.; 15 páginas, COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2003. Relatório Curricular: "Determinação quantitativa e qualitativa da presença de pesticidas em produtos de lavouras nos municípios de Caparaó e Alto Caparaó/MG e seu conseqüente impacto ambiental"; MATEUS, R.; 33 páginas; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG; 2002. Relatório Técnico: "Água e Agrotóxico"; Conselho Consultivo do Parque Nacional do Caparaó, reunião de 07/08/2002, CERQUEIRA, A.P.L.; NICACIO, M.A.; 40 páginas; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2002. Apostila: "Palestra sobre Detecção de Pesticidas – Método Enzimático"; 09 páginas; CERQUEIRA, A. P.L; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2002. Relatório Técnico: "Determinação quantitativa e qualitativa da presença de pesticidas em produtos de lavouras nos municípios de Caparaó e Alto Caparaó/MG e seu conseqüente impacto ambiental", CERQUEIRA, A.P.L.; NICACIO, M.A.; 2002; 33 páginas; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG. Apostila: "Curso Básico de Vigilância Ambiental – Estudo de Caso: avaliação do impacto ambiental do uso de pesticidas em lavouras nos municípios de Caparaó e Alto Caparaó/MG- contaminação da água", CERQUEIRA, A.P.L.; NICACIO, M.A.; 2002, 72 páginas. Relatório Técnico: "Reunião Comunitária do Córrego Vai e Volta – Avaliação do impacto ambiental do uso de pesticidas em lavouras nos municípios de Caparaó e Alto Caparaó/MG- contaminação da água", CERQUEIRA, A.P.L.; NICACIO, M.A.; 2002, 57 páginas. Apostila: "Curso Plantas Medicinais", BARROS, A.M.D.; 2002, 21 páginas. Relatório Técnico: "Poaia – Psychotria ipecacuanha Strokes", BARROS, A.M.D.; 2002, 04 páginas. Relatório Técnico: "Oficina de Planejamento da Gestão da Área de Proteção Ambiental de Caparaó", CERQUEIRA, A.P.L.; 07 páginas; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2000. Relatório Técnico: "Gestão dos Recursos Hídricos", CERQUEIRA, A.P.L.; 25 páginas; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2000. Apostila de Curso: "Gestão Participativa de Unidades de Conservação", DRUMOND, M.A.; 102 páginas, Belo Horizonte/MG, 2000. Relatório Técnico: "Curso de Gestão Participativa", CERQUEIRA, A.P.L.; 07 páginas; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2000. Relatório Técnico: "Oficina de Planejamento da Área de Proteção Ambiental de Caparaó", CERQUEIRA, A.P.L.;13 páginas; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2000. Painel: "Construção da Gestão Participativa da Área de Proteção Ambiental do Município de Caparaó/MG", 9ª Semana de Iniciação Científica; Semana e Conhecimento da UFMG; 18 a 23 de setembro de 2000; Belo Horizonte/

MG. Painel: “Contaminação da água por pesticidas no córrego do Vai e Volta do Município de Caparaó/MG”, X Semana de Iniciação Científica da UFMG, Belo Horizonte/MG, 21 a 23/02/2002.
Painel: “Avaliação do impacto ambiental do uso de pesticidas em lavouras nos municípios de Alto Caparaó e Caparaó, MG – contaminação da água”, Encontro Nacional de Agroecologia – ENA, 30/07 a 02/08/2002; Rio de Janeiro /RJ. Painel: “Avaliação do impacto ambiental do uso de pesticidas em lavouras nos municípios de Alto Caparaó e Caparaó, MG – contaminação da água”, VII Congresso Brasileiro de Ecotoxicologia - ECOTOX, 06 a 09/10/2002, Vitória/ES. Oficina: “Intercâmbio e planejamento da APA Caparaó”, professora. Maria Auxiliadora Drummond, 04 a 06/07/2000, 17 alunos. Curso: “Gestão Participativa de Unidades de Conservação”, Caparaó; 21 a 24/11/2000; professora Maria Auxiliadora Drummond; 20 alunos. Curso: “Plantas Medicinais e Fitoterapia”, Caparaó/MG, 18 a 19/05/2002; professora Ana Maria Dantas Barros, 12 horas/aula, 30 alunos. Curso: “O cidadão e o meio ambiente”; Alto Caparaó/MG, 20/05/2002; professor Luiz Cláudio dos Santos, 8 horas/aula, 12 alunos. Curso: “Vigilância Ambiental em Saúde”; apresentação do Estudo de Caso “Avaliação do Impacto Ambiental do uso de Pesticidas em Lavouras nos Municípios de Caparaó e Alto Caparaó – MG: Contaminação da Água”; professores Marcos Antonio Nicacio e Ana Paula Lima Cerqueira; SESMG, Diretoria de Vigilância Ambiental em Saúde, DRS – Manhumirim, 26/04/2002 , Manhumirim/MG, 4 horas.

Conclusão

O professor Oziel Mendes de Paiva Júnior, Diretor Municipal de Educação de Caparaó assim se expressou: “Na área do Meio Ambiente, criamos uma área de proteção ambiental (APA) e estamos viabilizando o processo de criação de mais uma. A criação destas áreas além de evitar o desmatamento, a pesca e a caça predatória, ainda gera mais recursos financeiros para o Município. Precisamos agora após a criação investir mais nestas áreas, para que elas possam não só gerar recursos financeiros, mas serem realmente áreas de proteção ambiental.” No Encontro Nacional de Agroecologia – ENA, realizado na cidade de Rio de Janeiro, entre 30/07 a 02/08/2002, foram aceitas propostas apresentadas pelo projeto ao Grupo 7º de Trabalho Temático “Manejo de Recursos Hídricos” (conforme Anais, página 90), a saber: “Propostas: (...) Construir grupos de trabalho locais, regionais e nacionais para discussão e formulação de proposições sobre o tema “Água e agrotóxicos”, visando influir nas políticas agrícola, industrial, de saúde, de educação, ambiental e de águas. Construir acordos comunitários nas microbacias para a gestão da água. Construção de “comunidades de aprendizagem” nas microbacias, envolvendo crianças, jovens, adultos e idosos, profissionais de todas as áreas e instituições como escolas, igrejas, fazendas, postos de saúde, comércio, indústria, etc. (...)” O Prefeito Municipal de Caparaó Itayr Horste Pinheiro, no Encontro Regional da COPASA com os Prefeitos e Vereadores da Zona da Mata e Vale do Aço, Ipatinga/MG, 06/05/03, apresentou emenda à Política de Desenvolvimento Tecnológico da COPASA, Diretriz: incorporar tecnologias novas e adequadas (página nº 15): “Constar que a COPASA dotará os escritórios regionais de equipamentos de análise da água para agrotóxicos e outros.”.

Parcerias

COPASA, UERJ, CAESB, CETEC/MG, FUNED, FUNASA, Secretaria de Estado da Saúde MG, Prefeitura Municipal de Caparaó, Prefeitura Municipal de Alto Caparaó, EMATER/MG, IBAMA. Instituto Otávio Magalhães, IEF/MG, Parque Nacional do Caparaó, Comunidade Rural do Vai e Volta; FUNDEP e Fundação W.K. KELLOGG.

Referências

ALMEIDA, W.F.; Intoxicações profissionais por pesticidas; In: MENDES, R.; Medicina do trabalho, doenças profissionais; São Paulo, Sarvier, 1980.
AUGUSTO, L.G.S.; FLORENCIO, L.; CARNEIRO, R.M.; Pesquisa(ação) em saúde ambiental – contexto, complexidade e compromisso social; Editora Universitária UFPE; Recife, 2001; 172 páginas.
GUEDES, R.N.C.; Manejo integrado para a proteção de grãos armazenados contra insetos; Ver. Bras. Armaz.; vol. 16; 1991.
GUIVANT, J.S.; Reflexividade na sociedade de risco: conflitos entre leigos e peritos sobre os agrotóxicos; 23 páginas; In: HERCULANO, S.; PORTO, M.F.S.; FREITAS, C.M.; Qualidade de vida e riscos ambientais; Editora da UFF; Niterói; 2000; 334 páginas.

MOURA, C.M.; Metodologia enzimática para a detecção de pesticidas organofosforados e carbamatos em água e frutas; dissertação de mestrado; UERJ, Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes; Rio de Janeiro; 1998; 76 páginas.
NUNES, M.V.; TAJARA, E.H.; Efeitos tardios dos praguicidas organofosforados no homem; Ver. Saúde Pública; Vol. 3; 1998.
OLIVEIRA, C.C.M.F.; Biodetecção e estudo do período de decaimento do pesticida organofosforado metil paration em uvas; dissertação de mestrado; UERJ, Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes; Rio de Janeiro; 2000; 68 páginas.
OLIVEIRA, G.H.; SALGADO, P.E.T.; LEPERA, J.S.; LARINI, L.; Comparação de dois métodos para determinação da atividade da colinesterase plasmática; Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, nº 74, vol. 19, julho/dezembro 1991; páginas 36 a 42.
RIBEIRO, M.A.M.; Determinação de pesticidas organofosforados e carbamatos utilizando técnica de baixo custo; Companhia de Água e Esgotos de Brasília - CAESB; apostila interna; Brasília, sem data, 07 páginas.
SANTO, D.E.; Detecção de organofosforado e carbamatos em água através do método enzimático e fisiologia; Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental – ABES; Associazone Nazionale di Engegneria Sanitari-Ambientale – ANDIS; documento interno nº VI - 028; sem data; 15 páginas.
SILVA, F.C., CARDEAL, Z.L., CARVALHO, C.R., Determinação de pesticidas organofosforados em água usando microextração em fase sólida e CCAR-EM, Química Nova, vol. 22, nº 2, páginas 197-200, 1999.
Lavagem de vidrarias para análises de resíduos de pesticidas; Companhia de Água e Esgotos de Brasília - CAESB, Procedimento Operacional nº 012, 02/05/2001; 03 páginas.
Determinação de pesticidas fosforados e carbamatos; Companhia de Água e Esgotos de Brasília - CAESB, Procedimento Operacional nº 026, 02/05/2001; 03 páginas.

SISTEMATIZAÇÃO DA ATUAL TECNOLOGIA DE CURATIVOS PARA IDOSOS PORTADORES DE FERIDAS CRÔNICAS - PARCERIA ENTRE CASA TRANSITÓRIA/UBS DO DISTRITO SANITÁRIO NORTE DE BELO HORIZONTE

Mércia Heloísa Ferreira Cunha[1], Cláudia Pereira Macedo[2], Ana Elisa Rocha Figueiredo[3]

Introdução

A implantação do novo currículo da Escola de Enfermagem da UFMG iniciou-se em 1996 e desde essa época torna-se de fundamental importância a implementação das principais concepções contidas no marco conceitual. Dentre as principais concepções do currículo destaca-se sua concepção pedagógica que prevê a educação para a transformação, ensino centrado no aluno e articulação entre ensino-pesquisa-extensão. Sob o ponto de vista operacional, a nova proposta exigiu a ampliação dos campos de práticas, e a utilização de serviços hospitalares, ambulatoriais, comunitários e do internato rural como forma de garantir os desempenhos necessários à formação do enfermeiro. O presente projeto pretende proporcionar aos docentes e discentes uma nova perspectiva acadêmica, uma vez que tem como meta a prestação de assistência a pessoas idosas atendidas em um serviço que foi fruto de conquistas de lideranças comunitárias de bairro situado na região norte da capital. O referido grupo, em parceria com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, construiu uma casa destinada a idosos com necessidades especiais que receberam alta hospitalar ou aqueles que não têm condições de serem cuidados pela família. Considerando o exposto acima, a Casa Transitória dos Idosos foi criada em Agosto de 2000 e destina-se ao atendimento de pessoas carentes acima de 60 anos. A referida instituição oferece assistência à saúde e desenvolve atividades de resgate da cidadania, visando o fortalecimento da auto-estima do idoso e sua reinserção familiar e comunitária. Os usuários deste serviço refletem a carência na assistência à saúde durante a fase adulta que repercute no envelhecimento, sendo, em sua grande maioria, hipertensos, diabéticos, sequelados de acidente vascular cerebral, portadores de doença pulmonar obstrutiva crônica, tais condições aliadas a outros fatores antecedentes como a alimentação inadequada, déficit de autocuidado, limitação física, dentre outros, favorecem o aparecimento de complicações. Dentre estas, as autoras do presente trabalho observam um número expressivo de idosos portadores de feridas crônicas. Esses usuários demandam uma assistência diferenciada devido ao tipo de tratamento e condições dos mesmos tais como a idade, estado nutricional, hidratação, oxigenação, higiene, aspectos psicológicos, dentre outros. No Brasil, atualmente, o tratamento de feridas recebe atenção especial dos profissionais da área da saúde, tendo como destaque a atuação da equipe de Enfermagem, que muito tem contribuído para o avanço e o sucesso do tratamento dos portadores de lesões crônicas. Os serviços de saúde buscam a globalização da assistência, visando a cura ou cicatrização, a melhoria da condição clínica e social dos clientes, a racionalização e maior eficiência dos procedimentos direcionados ao tratamento das lesões cutâneas, com a conseqüente otimização do atendimento (Maria e Aun, 2003). A prefeitura de Belo Horizonte vem sensibilizando e capacitando seus profissionais enfermeiros, desde o início de 2003, para atendimento especializado no tratamento a feridas e disponibilizou para uso nas U.B.S, inclusive Casa Transitória, a mais avançada tecnologia de coberturas. Nesse contexto, o presente estudo propõe sistematização da assistência prestada aos idosos portadores de feridas crônicas visando a uma integração entre Casa Transitória e Unidades Básicas- UBS do Distrito Sanitário Norte de Belo Horizonte, a fim de otimizar as intervenções junto a essa clientela. Ao propor-se a implantação de um projeto, as primeiras inquietações dizem respeito ao seu propósito e quanto ao seu custo/benefício para a clientela. O propósito do enfermeiro da Casa Transitória tratar de feridas, utilizando a nova tecnologia de curativos, surgiu da necessidade em manter o idoso em local que permita a troca de curativos a uma freqüência desejada, a possibilidade da realização dos exames necessários (albumina, hemograma, cultura de lesão), o equilíbrio dietético e a manutenção da higiene do paciente e do ambiente.Por tudo isso, a parceria com as UBS poderá beneficiar esse tipo de clientela e diminuir a demanda

[1]Coordenadora, [2]subcoordenadora, [3]bolsista
Promovendo a Qualidade de Vida das Pessoas Idosas: Contribuição da Enfermagem.
Número de Registro SiexBrasil: 63
Área Temática: Saúde
Escola de Enfermagem
Contatos: :mercia@enf.ufmg.br e (31) 3248-9854

para o serviço. De acordo com Santos (2003), na área do "cuidar de feridas", a todo o momento surgem novos produtos, protocolos, novas tecnologias e diretrizes. De acordo com os princípios da administração contemporânea utilizada nos serviços de saúde, todas as ações desenvolvidas pelos profissionais de saúde devem diminuir os custos sem prejuízo do benefício para a clientela assistida. Através de estudo realizado por docentes da Escola de Enfermagem da UFMG (Borges, Gomes e Saar,1999) constatou-se que o custo do curativo com a atual tecnologia de coberturas é inferior ao curativo tradicional e que a freqüência na troca do curativo constitui o fator de maior significância na elevação do seu custo. As autoras recomendam ainda, a implantação de um protocolo para padronizar a técnica da limpeza das feridas, os parâmetros para avaliação e evolução do paciente e da ferida e a indicação e o manuseio das coberturas. No setor de Estomaterapia do HC/UFMG, onde o estudo foi realizado, após a implantação do protocolo, a cicatrização das feridas vem ocorrendo em menor tempo e a custo mais reduzido. Segundo as autoras do estudo, os curativos com as novas coberturas exigem menor número de trocas semanais, além do custo final ser bem inferior ao dos curativos tradicionais. Observa-se que o grande diferencial dos custos encontra-se, principalmente, na limpeza, que se eleva bastante no curativo tradicional, em função do número de trocas. Nessa experiência aponta-se ainda uma significativa diminuição dos custos do tratamento preconizado, em decorrência da redução do tempo necessário para a cura e da otimização das horas de trabalho dos profissionais de saúde. Por tudo isso, os usuários atendidos por uma equipe capacitada, utilizando uma tecnologia que favoreça uma rápida recuperação garantirá o restabelecimento da saúde destes e sua resocialização, fator de grande importância considerando o tipo de população assistida. O Brasil é um país que está envelhecendo. A sociedade brasileira sempre teve o conceito de que éramos um país jovem e que o problema do envelhecimento era assunto dos países europeus, norte-americanos e orientais. No entanto, percebe-se um número cada vez maior de idosos nas ruas, tanto em cidades do interior como nas grandes cidades brasileiras. O envelhecimento populacional brasileiro resultou da queda de nascimentos que vem ocorrendo no país desde os anos 60, com a descoberta de vários métodos anticoncepcionais, principalmente a pílula, que se somou à queda progressiva das taxas de mortalidade que vêm se manifestando desde o final da segunda guerra mundial, nos anos 40. O fato mais importante do envelhecimento populacional brasileiro é a velocidade com que o mesmo vem ocorrendo (Ministério da Saúde, 2003). No Brasil, o crescimento da população de idosos está ocorrendo da mesma forma que nos Estados Unidos e Europa, mas de maneira mais rápida e, infelizmente, sem recursos. Os números do censo do IBGE (1996) mostram uma queda da taxa de crescimento de nossa população onde a número de idosos tende a aumentar e o de jovens a diminuir. Atualmente, a população de pessoas com mais de 65 anos de idade representa 5,4% da população brasileira (estimada em 157 milhões) e no ano 2020 será em torno de 9%. O aumento da participação de idosos na população sem dúvida muda o perfil de nosso país, sendo necessário revisão de suas prioridades (Azevedo, 2003). A velhice é um processo pessoal, natural, indiscutível e inevitável, para qualquer ser humano, na evolução da vida. Nessa fase sempre ocorrem mudanças biológicas, fisiológicas, psicossociais, econômicas e políticas que compõem o cotidiano das pessoas, como o aparecimento de rugas e progressiva perda da elasticidade e viço da pele; diminuição da força muscular, da agilidade e da mobilidade das articulações; aparição de cabelos brancos e perda dos cabelos entre os indivíduos do sexo masculino; redução da acuidade sensorial, da capacidade auditiva e visual; distúrbios do sistema respiratório, circulatório; alteração da memória e outras (França, 2003). A maior preocupação de uma pessoa que pensa no seu envelhecimento é chegar à terceira idade sem ter uma doença que limite seu dia-a-dia e a torne dependente de outras pessoas. Estudos realizados com pessoas idosas têm demonstrado que a maioria considera a saúde como o valor mais fundamental, reforçando o dito popular “o importante é estar com saúde” (Ministério da Saúde, 2003). A velhice está deixando de ser sinônimo de doença, uma vez que a doença crônica não é uma conseqüência inevitável da idade, mas o resultado de escolhas de estilos de vida. De acordo com Azevedo (2003) a alimentação correta, as atividades físicas e o bom estado psicológico formam a base destas mudanças. Do ponto de vista de saúde pública, a capacidade funcional, ou seja, a capacidade de manter as habilidades físicas e mentais necessárias a uma vida independente e autônoma, surge como um conceito de saúde mais adequado para instrumentar e operacionalizar uma política de atenção à saúde do idoso. As ações preventivas, assistenciais e de reabilitação em saúde, devem objetivar e melhorar a capacidade funcional do idoso, ou no mínimo mantê-la e, sempre que possível, recuperá-la. Um enfoque que transcende o simples diagnóstico e tratamento de doenças específicas (Ministério da Saúde, 2003). As autoras do presente trabalho entendem que as lesões cutâneas sejam um dos problemas que mais acometem os idosos e que mereçam uma assistência por parte de enfermeiros e acadêmicos de

enfermagem capazes de propiciarem ações voltadas para a prevenção e de cura. De acordo com Santos (2003) existem inúmeros conceitos, definições e formas de classificação de feridas. De um ponto de vista mais genérico, as feridas podem ser definidas como rupturas das estruturas anatômica e funcional normal do corpo. Para outros autores, elas são resultantes de um dano para o tegumento ou estruturas inferiores, que pode ou não resultar em perda da integridade, mas que leva ao comprometimento de função fisiológica tissular. Quanto à classificação das feridas, embora bastante variável, constitui importante forma de sistematização necessária para o processo de avaliação e registro. Assim, o tempo de reparação tissular pode ser um dos tipos de classificação e consiste em agudas e crônicas. As feridas agudas são oriundas de cirurgias ou traumas, cuja reparação ocorre em tempo adequado e seqüência ordenada, sem complicações, levando à restauração da integridade anatômica e funcional; as crônicas, contrariamente, são aquelas que não são reparadas em tempo esperado e apresentam complicações (Santos, 2003). As feridas crônicas são lesões graves da pele e tecidos subjacentes que causam imensos problemas como dor, sofrimento, gastos financeiros, afastamento do trabalho e alterações psicossociais que exigem do cuidador conhecimento e habilidade. Com freqüência, enfermeiros e sua equipe são submetidos ao desafio de prestar cuidados a pacientes portadores de feridas crônicas.A maioria das feridas crônica é associada a algumas entidades clínicas, particularmente, estase venosa crônica, diabetes mellitus e necrose por pressão E freqüentemente estão relacionadas a hipóxia e isquemia (Poletti, 2000). As feridas crônicas mais comuns são úlcera de pressão, úlceras diabéticas e úlceras venosas, que coletivamente são responsáveis por 70 % de todas as úlceras crônicas da pele e tecidos adjacentes. Ao se referir aos fatores sistêmicos que podem interferir na cicatrização das feridas Poletti (2000) especifica os seguintes elementos: comprometimento imune secundário a AIDS, uso de drogas (esteróides, quimioterápicos), radioterapia, as deficiências genéticas (notadamente o distúrbio de coagulação), doenças metabólicas como a diabetes, pressão ou edema que interferem com a liberação de oxigênio e nutrientes para a área da ferida, dificuldade de retorno venoso, secundário à trombose, que interfere com a distribuição do sangue. Cicatrizar é promover a cicatrização. Cicatrização é o fenômeno pelo qual se garantem a restauração e o fechamento de uma lesão, de um ferimento, ou da perda de substâncias dos tecidos. Cicatriz, marca, depois da cura, de um ferimento (Sevalhos, 2002). Poletti (2000) afirma que em pessoas idosas a reatividade da pele é reduzida, devido a diminuição dos vasos sanguíneos; a resposta inflamatória é mais lenta, e a migração, proliferação e maturação de células é diminuída. “É sabido que o paciente mais jovem tem uma cicatrização melhor que o idoso, pois os processos metabólicos diminuem com a idade. No tocante aos idosos pode-se ter ainda a ocorrência de doenças crônicas como diabetes mellitus, insuficiência renal e vascular, desnutrição e doenças oncológicas que reduzem a síntese de colágeno, dificultam a contração da ferida e diminuem a perfusão sanguínea” (Novato, 2000:47). No período que antecedeu 1960, as feridas eram tratadas através de sua exposição ao ar, para estimular a formação de crosta que mantinha a ferida seca. Acreditava-se que esta condição impedia a colonização bacteriana enquanto encorajava o crescimento de uma nova pele nas margens da ferida. O curativo oclusivo era evitado devido ao medo de que o calor e a umidade retida abaixo da cobertura pudessem promover crescimento bacteriano e putrefação. A filosofia desta prática era centrada na manutenção de um ambiente seco e limpo. Quando não se podia deixar a ferida aberta, aplicava-se um curativo de gaze altamente absorvente e violeta de genciana para dessecar a ferida (Poletti citando Cuzzel & Stotts, 2000). Historicamente, até a década de 60, os pacientes portadores de feridas agudas ou crônicas eram tratados por métodos não-científicos. Embora se reconhecendo a importância das condições globais do indivíduo para a restauração tissular, sempre houve verdadeira desconexão entre essas considerações e o tratamento tópico ou local. Para este, as verdades relacionavam-se ao uso de diversos agentes desinfetantes e anti-sépticos num processo de limpeza agressivo para a eliminação dos elementos não-viáveis e estranhos à lesão, de secagem da ferida após a limpeza e cobertura com gaze seca, para absorção de eventual exsudato, ou de sua manutenção de forma descoberta, para que a ferida pudesse "respirar" e, então, cicatrizar (Santos, 2003). O clássico trabalho de George D. Winter, publicado em 1962, revolucionou os conceitos tradicionais e empíricos no tratamento de feridas ao demonstrar que feridas de porcos com perda parcial de tecido, cobertas com filme de polietileno, evitavam a formação de crosta e mantinham o leito úmido, epitelizando quase duas vezes mais rapidamente do que aquelas mantidas em exposição ao ar, ou seja, secas (Santos, 2003). Santos (2003) afirma que os efeitos da manutenção do ambiente úmido sobre a cicatrização têm sido muito bem estudados, principalmente em feridas agudas. O aumento das taxas de epitelização, o maior estímulo à formação do colágeno e do tecido de granulação; a retenção do exsudato da ferida com todos os seus componentes fundamentais para a restauração e a redução da dor

é apenas alguns desses benefícios, completamente compreensíveis ao se retomar o processo fisiológico da cicatrização. Ao longo da história, inúmeros materiais de origens animal, vegetal e mineral vêm sendo empregados para "curar", manusear e tratar feridas. Na década de 60, o trabalho de Winter (1962) marcou o início da proliferação de materiais para coberturas, que evoluíram das "gazes sofisticadas" aos chamados "curativos inteligentes". Assim, nos anos 70 surgem os retentores de umidade, como os filmes transparentes e hidrocolóides e, a partir de 1980, ampliam-se as alternativas com o surgimento dos alginatos. Atualmente, encontram-se em pleno desenvolvimento os curativos biológicos e biossintéticos, que incluem o colágeno, os fatores de crescimento, as culturas de fibroblastos e os queratinócitos, dentre outros (Santos, 2003). Existem diversas classificações propostas para curativos e coberturas relacionadas, principalmente, aos componentes e propriedades dos produtos. Os hidrogéis, também denominados géis polímeros de água, contêm de 78 a 96% de água. São produtos únicos na prática clínica, não só pela capacidade de absorção do excesso de exsudato da ferida úmida como, principalmente, pela sua ação como “doador" de fluido à ferida seca, contribuindo para sua hidratação e autólise. Além dos efeitos mencionados, o hidrogel tem ainda marcante ação de alívio da dor, é fácil de manusear e remover, sem liberar partículas no leito da lesão e pode ser utilizado em presença de infecção (Santos, 2003). Alginatos são sais de polímero natural, o ácido algínico, derivado da alga marrom. Suas fibras têm a capacidade de absorver a exsudação de feridas e convertê-las em gel. Sua capacidade de absorção é muito superior à do gel tradicional, promovem ambientes úmidos, favoráveis à cicatrização - o gel se amolda ao contorno da ferida; auxiliam o desbridamento e ajudam a proteger o tecido novo; fazem o desbridamento autolítico do tecido macio ou crosta, propiciam a hemostase em feridas hemorrágicas; reduzem as trocas de curativos, são fáceis de aplicar e remover e preenchem o espaço morto (Azevedo, Kansaon, Matos et al, 2003). Hidrocolóides são formados por placas de espuma de poliuretano e/ou partículas de polímero que vão constituir os grânulos ou pasta e uma matriz adesiva de polímeros, na qual estão imersos três hidrocolóides (gelatina, pectina e carboximetil-celulose sódica). Apresenta-se sob três formas: placa de poliuretano, pasta, grânulos A placa de poliuretano, a pasta e os grânulos conferem ao curativo a propriedade de atuar como uma barreira oclusiva frente aos gases, líquidos e bactérias. Promovem proteção mecânica à ferida. Ao entrarem em contato com o exsudato da ferida, absorvem e convertem a estrutura em gel. Esse gel apresenta um pH ligeiramente ácido, com caráter bacteriostático. A presença do hidrocolóide cria um meio úmido que facilita a cicatrização e o umedecimento das terminações nervosas levando a um alívio da dor. Ele acelera a reepitelização e evita as possíveis lesões dos tecidos nas trocas de curativos. Também estimula a ação de enzimas desbridantes do organismo e facilita o desenvolvimento do tecido de granulação. (Azevedo, Kansaon, Matos et al, 2003). Carvão Ativado Com Prata possui ação bactericida, com alto grau de absorção do exsudato. Sua ação de limpeza do leito da ferida se dá pela remoção de moléculas do exsudato e das bactérias. Não é aderente à pele, preserva tecido epitelial e elimina o odor de feridas infectadas. A cicatrização da ferida torna-se acelerada pela função bactericida exercida pela prata, complementando a ação do carvão como estimulante do tecido de granulação (Azevedo, Kansaon, Matos et al, 2003). A seleção da terapia apropriada, pode resultar em alta precoce do paciente, reduzir gastos e amenizar o vazio emocional da prolongada recuperação em pacientes e familiares. Poletti (2000) esclarece que é essencial monitorar condições que podem complicar a situação do paciente portador de feridas; o enfermeiro não pode focalizar somente a úlcera; o tratamento de condições pré-existentes é muito importante no contexto de cuidados a feridas. E afirma que “a prática de cuidados a pacientes portadores de feridas é uma especialidade dentro da enfermagem, e, ao mesmo tempo, é um desafio que requer conhecimento específico, habilidade e uma abordagem holística” (Poletti, 2000:5). Saber o que usar, quando usar e quando trocar é uma tarefa que requer conhecimento, experiência técnica e uma profunda dedicação profissional para que a relação custo/benefício seja alcançada com sucesso. Sabemos que o enfermeiro tem um papel fundamental no cuidado integral do paciente.Tem sido este profissional, por estar mais tempo em contato com o paciente e por conhecer melhor suas respostas, que tem o maior domínio desta técnica. Os aspectos fundamentais no tratamento de feridas são: a avaliação constante, o planejamento do tratamento adequado, a implementação do plano e o cuidado educativo. É através de uma avaliação rigorosa e freqüente que o enfermeiro acompanha a evolução das várias etapas da ferida e faz a opção pelo melhor curativo a ser utilizado nas diversas etapas. Durante todo o tratamento são feitas inúmeras avaliações pelo enfermeiro responsável, que decide o que vai ser utilizado (Tenório & Bráz, 2002). Poletti (2000), citando Cooper, diz que os enfermeiros estão identificando gradualmente e organizando uma abordagem sistemática e terapêutica para a pele e cuidados com feridas, como uma atividade autônoma da enfermagem.

Objetivos

Sistematizar a atual tecnologia de curativos para idosos acamados portadores de feridas crônicas atendidos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) da Regional Norte de Belo Horizonte. Sensibilizar os profissionais de saúde das UBS para estabelecer uma parceria com a Casa Transitória no ao tratamento de feridas crônicas. Avaliar as tecnologias propostas para o tratamento de feridas. Padronizar a atual tecnologia de curativos para idosos com feridas crônicas. Viabilizar a construção de um ambiente adequado para utilização das tecnologias. Aplicar a técnica de curativos para idosos portadores de feridas crônicas.

Metodologia

Esse projeto foi realizado na Casa Transitória que funciona como rede de apoio para o atendimento do idoso, localizada na região Norte de Belo Horizonte. Essa instituição admite idosos com o seguinte perfil: portadores de deficiência motora leve devido a AVC agudo; doenças reumatológicas crônicas; fraturas, pós-operatório de cirurgias ortopédicas(sem complicações ou infecções); pós-operatório de cirurgias do aparelho digestivo(sem complicações ou infecções); portadores de úlcera de decúbito e pós-operatório de cirurgias ginecológicas(sem complicações ou infecções). Atualmente a instituição conta com 13 leitos, sendo quatro masculinos e nove femininos. Para operacionalização do projeto tornou-se necessário listar algumas etapas para o desenvolvimento do mesmo. A seguir, apresentaremos as diversas etapas: Levantar o número de idosos portadores de feridas crônicas admitidos na Casa Transitória, Apresentar ao Distrito Sanitário Norte a proposta para a sistematização da assistência aos idosos portadores de feridas crônicas a fim de estabelecer uma parceria entre a Casa Transitória e as U.B.S. pertencentes ao referido distrito, Agendar reunião, via distrito, com os gerentes das unidades a fim de esclarecer os objetivos da proposta e sua importância, Identificar os idosos, portadores de feridas crônicas, Utilizar a atual tecnologia de curativos nos idosos portadores de feridas crônicas, Acompanhar e avaliar os idosos portadores de feridas crônicas, numa tentativa de padronizar a assistência com a criação de um protocolo próprio.

Resultados e Discussão

Para o desenvolvimento do projeto utilizou-se na clientela as coberturas para o tratamento de feridas repassadas pela Prefeitura Municipal a partir de Julho de 2003. Os resultados serão apresentados através de quadro demonstrativo de acordo com a evolução das feridas crônicas.

Idoso	Localização da Ferida	Início/Término	Tipo de Cobertura	Evolução
A.S.P.	Região Tibial Posterior Direito	01/07/03 08/10/03	Hidrogel Alginato de Cálcio Carvão ativado	Alta com acompanhamento
M.G.A.	Calcâneo Esquerdo	04/08/03 em andamento	Hidrogel Alginato de Cálcio Carvão ativado Dermacerium Grânulo(Hidrocolóide)	Em andamento
		29/07/03 28/09/03	Hidrogel Alginato de Cálcio Dermacerium	Alta com acompanhamento

Inicialmente, o enfermeiro e o acadêmico de enfermagem selecionavam os idosos a serem assistidos de acordo com a demanda da Casa Transitória. Em seguida, avaliavam as condições da ferida para escolha do tipo de cobertura a ser utilizada. De acordo com o Quadro apresentado observa-se que o número de idosos assistidos até a presente data foi de 03(três). De acordo com a literatura verifica-se que o processo de cicatrização é mais lento para esse tipo de clientela assistida determinando um aumento do tempo de permanência no serviço. Cabe ressaltar que o projeto encontra-se em andamento e que a partir das observações e experiências adquiridas pelas autoras pretende-

se elaborar um protocolo de feridas para acompanhamento da clientela

Conclusão

A prescrição do tratamento de lesões cutâneas é uma atividade privativa do enfermeiro e constitui-se como desafio na busca de novos conhecimentos para a prática de enfermagem. Na medida em que a atual tecnologia de curativos possibilita ao enfermeiro testar e utilizar coberturas adequadas às necessidades da clientela, além de contribuir para a padronização das coberturas e diminuir significativamente os custos com o tratamento. O acompanhamento contínuo do portador de lesão cutânea pela equipe de enfermagem permite uma interação mais efetiva com o cliente, na medida em que possibilita o convívio diário, bem como uma avaliação mais acurada e diminuição dos seus agravos. Acreditamos que a utilização da atual tecnologia de curativos deva ser amplamente utilizada e implantada nas instituições de longa permanência e em especial nas instituições geriátricas, podendo assim contribuir para a melhoria da assistência prestada ao idoso, melhoria da qualidade de vida e possibilidade de aproximação entre as escolas, os serviços e as comunidades.

Referências

AZEVEDO,J.R.D. Velhice não é sinônimo de doença.Disponível em:<http://www.saudevidaonline.com.br/../artigo95.htm > Acesso em: 14 jul. 2003.
AZEVEDO, A.; KANSAON, M.; MATOS, M.; CUNHA, P.; VALADARES, P.; MAIA, P.; VILELA, R.; ÁVILA, R.; GONÇALVES, R. & SANTOS, R.Normas para realização de curativos. Disponível: <http://www.infomed.hpg2.ig.com.br/curativos9.html> Acesso em: 3 nov.2003.
BORGES, E.L.;GOMES,F.S.L.;SAAR, S.R.C. Custo comparativo do tratamento de feridas. Rev.Bras.Enfermagem, Brasília, v.52, n.2, p. 215-222, abr./jun. 1999.
FRANÇA, L.S.Quando o entardecer chega .... o envelhecimento ainda surpreende muitos. Disponível em:<http://www.guiarh.com.br/pp46.html> Acesso em: 8 jul. 2003.
MARIA, R.; AUN,R.O.DE. Um serviço de atendimento a pacientes portadores de feridas em uma instituição pública.Disponível em:<http://rrferidas.com/tema7.asp> Acesso em: 25 jun.2003.
MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde do Idoso.Disponível - em:http://portal.saude.gov.br/saude/visao.cfm?id_area=153. Acesso em: 8 jul. 2003.
NOVATO, D.A. Tratamento de feridas: uma contribuição ao ensino de enfermagem.Belo Horizonte, 2000. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais.
POLETTI, N.A.A. O cuidado de enfermagem a pacientes portadores de feridas crônicas.A busca de evidências para a prática. Ribeirão Preto, 2000. Dissertação
(Mestrado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.
SANTOS, V.L.C.G..Alguns aspectos do tratamento de feridas no domicílio. Disponível em:http://ids-saude.uol.com.br/psf/enfermagem/tema4/texto22_1.asp. Acesso em: 16 set.2000.
SEVALHOS, V.R. Feridas: etiologia e tratamento.Patos de Minas, 2002. Monografia (Pós-Graduação) – Núcleo Patos de Minas da Universidade Federal de Minas Gerais.
TENÓRIO,E.B.; BRÁZ, M.A Intervenção do Enfermeiro como Diferencial de Qualidade no Tratamento de Feridas.Disponível em www.pronep.com.br/cjp/feridas.pdf. Acesso em: out.2003.

ORIGEM DO FLÚOR DA ÁGUA SUBTERRÂNEA E SUA RELAÇÃO COM OS CASOS DE FLUOROSE DENTAL NO MUNICÍPIO DE SÃO FRANCISCO, MG

Leila Nunes Menegasse[1], Efigênia Ferreira e Ferreira, Lia Silva de Castilho, Lúcia Maria Fantinel[2], Frederico de Melo Moreira Sans[3]

Introdução

O município de São Francisco é parte integrante o polígono das secas da SUDENE, localizado em uma região carente do Estado de Minas Gerais, apresentando Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de 0,68 (633° lugar na classificação dos municípios mineiros de 2000, FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2003). A baixa precipitação pluviométrica anual (1132,9mm) concentrada em quatro meses do ano associada à sua infiltração nas extensas áreas de domínio de rochas carstificadas, promovem elevadas disponibilidades dos recursos hídricos subterrâneos em detrimento dos superficiais. Os recursos hídricos subterrâneos, constituem a mais importante fonte de abastecimento público humano no meio rural do município, por meio de poços tubulares, sob a responsabilidade da prefeitura, com exceção de duas localidades. A partir de 1995, a prefeitura começa a registrar o aparecimento de fluorose dentária em diversas localidades rurais. A fluoretação da água de abastecimento é utilizada para prevenir o aparecimento da cárie dentária em vários países em concentrações de no máximo 1 ppm (Budipramana et al., 2002). Sua ingestão excessiva por prolongados períodos durante a formação do esmalte dentário, entretanto, pode causar uma lesão de hipomineralização, sub-superficial profunda até a superfície de esmalte externo, bem mineralizado que, em casos mais severos, se rompe logo após a erupção (WHO, 1984; Fejerskov et al., 1991). Em maio de 2002 o Instituto de Geociências e a Faculdade de Odontologia da UFMG iniciaram os levantamentos geológicos, teores de fluoretos dos mananciais de água e da freqüência de aparecimento das lesões de fluorose, sua gravidade e faixa etária predominante. A investigação multidisciplinar, em fase final de execução, tem por meta visa estabelecer indicadores quantitativos e qualitativos para orientar soluções no sentido de prevenir e minimizar a curto e médio prazos o número de novos casos de fluorose dental e de alcançar sua erradicação a longo prazo. O levantamento epidemiológico permite dimensionar o problema, nos aspectos quantitativo e qualitativo e, conseqüentemente, possibilita a elaboração do programa de atendimento, que deverá necessariamente contar com o apoio da Secretaria Estadual de Saúde. A pesquisa foi realizada em parceria com a Prefeitura Municipal de São Francisco, que forneceu todo o apoio logístico durante a realização da pesquisa. Os exames foram feitos em quatro localidades do município de São Francisco que continham altos teores de fluoretos em seus poços de abastecimento: Alto São João, Novo Horizonte, Mocambo e Vaqueta. Em um quinto distrito que não possuía altos teores de flúor, Retiro, foram realizados exames com vistas à comparação das prevalências de fluorose e cárie. Foram examinados 285 jovens que compareceram aos locais pré-determinados pela Secretaria de Saúde de São Francisco. O diagnóstico de cárie e fluorose foi realizado após a escovação dos dentes com dentifrício fluoretado, secos com gaze estéril, sob luz natural, por um examinador. Foram usados os índices TF (Fejerskov, 1994) e CPOD – Dentes Cariados, Perdidos e Obturados (WHO, 1997). Os resultados demonstram que a faixa etária que apresenta as lesões de fluorose varia de 6 a 22 anos. Este dado não significa que indivíduos com idades abaixo de 6 anos não apresentarão as lesões fluoróticas mais tarde. O maior risco para o desenvolvimento da fluorose é a ingestão de excesso de flúor de 0 a 3-4 anos e estas crianças podem ter estado expostas ao risco. A prevalência da fluorose foi de 89,4% em média nos quatro distritos com histórico de alta ingestão de fluoretos e 0,3% no caso de Retiro (Fig.1).

---

[1]Coordenadora, [2]docentes, [3]bolsista
Número de Registro SiexBrasil: 475
Área Temática: Saúde
Instituto de Geociências e Faculdade de Odontologia
Contatos: menegase@lcc.ufmg.br e (31) 3499-5446

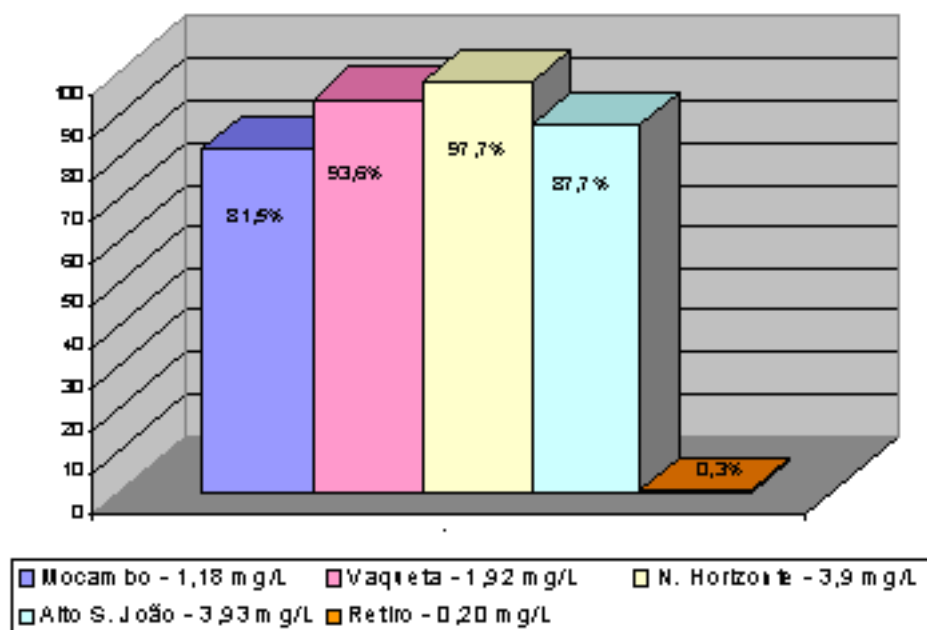



Figura 1: Prevalência de fluorose e concentração de fluoretos em poços tubulares na zona rural de São Francisco

Apesar do fluoreto presente, o CPO-d médio foi representativo em Mocambo (4,2), em Vaqueta (3,6) e em Novo Horizonte (3,2). Alto São João apresentou a menor prevalência de cárie dentária (1,9). Retiro, mesmo sem o flúor, apresentou resultado semelhante a Mocambo (4,0). Em relação à severidade da fluorose 102 indivíduos apresentaram graus de TF 4 ou mais em dentes anteriores, necessitando de intervenção odontológica estética. O município de São Francisco conta com equipe odontológica que atua na prevenção da doença cárie e, principalmente, nos casos de urgências odontológicas (tão comuns em populações com baixo poder aquisitivo) e que se caracterizam pelo seu caráter mutilador. Do total de dentes cariados, perdidos e obturados examinados, os componentes obturados e perdidos (que indicam a intervenção odontológica) correspondem com 24% do total. A questão estética é de menor importância, apesar de causar danos na auto-estima do jovem afetado pelas lesões, face às situações de dor, abscessos dentais e periodontais, pulpites, entre outras situações que caracterizam a urgência odontológica. Além disso, seu custo mais elevado inviabilizaria sua execução pelo serviço de saúde. A pesquisas geológicas e hidrogeológicas identificaram ocorrências do mineral fluorita como as responsáveis pela contaminação natural das águas subterrâneas. Dentre 78 poços tubulares, nove (9), além das localidades estudadas, apresentam águas contaminadas por flúor (acima do Valor Máximo Permissível de 0,80mg/L), ou seja, apresentam potencial de estar provocando novos casos de fluorose, ainda não diagnosticados. Está claro, pois, que a fluorose dentária na zona rural do município de São Francisco é um grave problema de saúde pública para o qual estão perfeitamente justificadas ações de extensão da UFMG para a atenuação dos danos, prevenção de futuras ocorrências e no trabalho junto às comunidades atingidas no esclarecimento das causas e conseqüências da doença. Os dois projetos propostos a seguir constituem as atividades extensionistas do projeto de pesquisa procurando reforçar a sua natureza integrada e multidisciplinar. Um aluno bolsista participa executando ações de ambos os projetos.
Projeto 1: Atendimento Odontológico a Pacientes com Fluorose Dental Severa no Município de São Francisco, MG

Objetivos
Proporcionar ao aluno de graduação embasamento teórico e prático sobre promoção de saúde bucal do paciente portador de lesões de fluorose. Em nível mais específico, os objetivos são: prestar atendimento odontológico básico (restaurações plásticas diretas em dentes anteriores e posteriores com resinas fotopolimerizáveis e cimento de ionômero de vidro, exodontias, tratamentos conservadores da polpa dental, procedimentos de raspagem e polimento e ações de educação para a saúde) a pacientes portadores de lesões fluoróticas; fornecer ao aluno de graduação conhecimento sobre como realizar atendimentos odontológicos em consultórios odontológicos móveis; preparar o aluno de graduação para atuação em zona rural não só sob o ponto de vista técnico, como também no

sentido de compreender as características sociais próprias da população em estudo; preparar o aluno de graduação para elaborar programas de atendimento a grupos de pacientes portadores de lesões cariosas e comprometimento estético por fluorose tanto no aspecto restaurador como também no controle da doença e manutenção da saúde bucal; e proporcionar ao aluno condições de desenvolvimento da consciência de sua importância como profissional de saúde em todos os setores da população.

Metodologia
O projeto será executado por aulas teóricas, seminários, grupos de discussão e prática clínica na forma de atendimento odontológico e escovação supervisionada daqueles indivíduos examinados em maio de 2002.

Resultados e Discussão
O aluno participou de trabalho de estruturação do banco de dados, tendo contato com o programa Excel e participando das análises dos dados. Esta experiência permitiu ao aluno bolsista conhecer a extensão do problema entre os indivíduos examinados e, a partir daí, iniciar a etapa de planejamento da realização das restaurações estéticas. O planejamento das ações de restauração iniciou-se com um levantamento bibliográfico da técnica que melhor cumprisse os quesitos de estética, custo/benefício e durabilidade. Em seguida, o aluno entrou em contato com a Prefeitura de São Francisco com a finalidade de levantar quais os instrumentais e equipamentos que a rede pública possui e quais os materiais de consumo que a prefeitura poderia disponibilizar para o trabalho. Subseqüentemente, foi elaborado o planejamento para atendimento de 102 jovens juntamente com a pesquisa de preços de materiais e equipamentos em 4 fornecedores da região Metropolitana de Belo Horizonte.

Produtos Gerados
O planejamento concluído está sendo submetido à apreciação da Organização Não-Governamental COGEA com vistas à obtenção de financiamento para a sua execução. O planejamento também serviu de base para a estruturação do projeto de pesquisa encaminhado à Fapemig "Atendimento Odontológico a Indivíduos Portadores de Fluorose Dentária da Zona Rural do Município de São Francisco, Minas Gerais, Brasil" que tem como objetivo principal a avaliação das restaurações executadas e relação custo benefício ao longo de 24 meses.

Conclusão
O aluno, apesar de não ter sido possível se deslocar à zona afetada, teve a oportunidade de aprender sobre a endemia em questão ao trabalhar com o banco de dados e com a Prefeitura de São Francisco. Ele também foi estimulado a participar das discussões do grupo, propor soluções e sistematizar estratégias de ação. O produto do seu trabalho, neste projeto de extensão, tem uma importância muito grande no sentido de que irá ajudar a viabilizar o resgate da auto-estima da população afetada pelo comprometimento do seu sorriso.

Projeto 2: Geologia e Saúde - Instrução de Comunidades Rurais sobre Aspectos Geoambientais da Incidência de Fluorose Dental em São Francisco, MG

Objetivos
O alvo deste projeto extensionista é desenvolver com as comunidades locais atividades de esclarecimento e materiais instrucionais sobre as causas da fluorose dental que afeta principalmente as crianças da zona rural e os cuidados peculiares a cada localidade para a prevenção da doença. Essa meta envolve ações de divulgação dos aspectos geoambientais da região, das características do meio físico, da distribuição dos minerais de fluor e do sistema de circulação de água subterrânea, culminando nos procedimentos preventivos e de remediação.

Metodologia
O projeto será executado sob a forma de aulas teóricas, seminários, grupos de discussão. A divulgação propriamente dita será conduzida em duas etapas, sendo que a primeira deverá ocorrer em comunidades em que tiverem sido constatados problemas graves de fluorose dental e a segunda em comunidades com potencial de risco elevado de incidência. Os meios de divulgação da pesquisa à sociedade local envolvem as seguintes atividades: elaborar

material instrucional e de divulgação sobre a relação da fluorose dental com as características do meio físico do município de São Francisco, incluindo: - painel (ou cartilha) com informações sobre fluorose e sua incidência no município, além de informações sobre tratamento e prevenção, - cartazes pedagógicos com dados censitários e mapas municipal, de relevo, hidrológico, geológico e hidrogeológico localizando e caracterizando as áreas de risco com relação à fluorose dental, - kit de minerais e rochas que ocorrem no município; discutir com professores, agentes de saúde e outros agentes sociais para definir a natureza desses materiais e as estratégias de utilização junto às comunidades afetadas pelo problema; contribuir de forma complementar na formação das crianças e adolescentes oferecendo material instrucional centrado na realidade e nos problemas locais e que poderá ser utilizado também no ensino; e oferecer aos alunos e professores a oportunidade de contato direto com os principais tipos de rochas e minerais que ocorrem em sua região possibilitando um maior entendimento de suas origens, formas de ocorrência, aplicações e implicações à saúde e ao meio ambiente.

Resultados e Discussão
O aluno concluiu a elaboração da Home page da pesquisa a ser disponibilizada no site da Faculdade de Odontologia. Para realizar tal tarefa, travou contato com a equipe do CEDECOM da UFMG que se prontificou a colocar um web-designer em contato com o aluno na etapa de conclusão da home page para auxiliá-lo. A home page contém dados sobre o solo, hidrogeologia e dados epidemiológicos sobre a fluorose dentária em São Francisco. Neste trabalho, o aluno teve contato com o banco de dados do IBGE, Fundação João Pinheiro e Assembléia Legislativa. Tal experiência é, sem dúvida, muito rica e poderá auxilia-lo no futuro, caso venha a trabalhar em saúde coletiva depois de formado. Como o bolsista já trazia conhecimentos sobre informática para construir pequenos sites, a experiência junto a este projeto de extensão foi uma boa oportunidade para que ele exercitar os seus conhecimentos em um projeto maior. Além deste trabalho, o bolsista assistiu a defesa pública de monografia por alunas do curso de geologia e participou de congresso científico.

Produtos Gerados
A home page do projeto de pesquisa estará ainda este ano no site da Faculdade de Odontologia. Estamos esperando apenas que o técnico responsável pelo sistema de informática da unidade troque informações com o LCC já que a referida unidade não possui um responsável pela manutenção da página. A participação do aluno na Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisas Odontológicas (SBPqO) em Brasília, apresentando resultados preliminares do trabalho, teve publicação de resumo em periódico nacional (Sans, Castilho e Ferreira, 2003).

Conclusão
O aluno, neste projeto, teve a oportunidade de trabalhar com o grupo de professoras do Departamento de Geologia da UFMG. Esta experiência específica de interdisciplinaridade, provavelmente, é pioneira entre os alunos de cursos de odontologia. A home page irá atingir em grande parte a comunidade científica e a comunidade de professores de São Francisco já que muitos deles possuem internet e se comunicam com a equipe de pesquisadores com relativa freqüência. Desta forma irá, indubitavelmente, auxiliar na disseminação da informação e, a partir da troca de experiências entre pesquisadores, irá viabilizar soluções mais efetivas para o problema em um prazo mais curto.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão e Prefeitura Municipal de São Francisco

Referências
BUDIPRAMANA, ES, HAPSORO, A, IRMAWATI, ES, KUNTARI, S: Dental fluorosis and caries prevalence in the fluorosis endemic área of Asembagus, Indonésia. International Journal of Paediatric Dentistry 2002; 12:415-422.
FEJESKOV, O . , YANAGISAWA, T., TOHDA, H., et al. Posteruptive changes in human dental fluorosis- a histological and ultrastructural study. Proce Finn Dent Soc, v.87, n.4, p. 607-619, 1991.
FEJESKOV, O. Fluorose dentária – um manual para profissionais da saúde. São Paulo: Editora Santos, 1994.
FundaÇão joão pinheiro. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) 1991 – 2000 [online]. Microsoft

Excel-sites-91-00. Belo Horizonte. [citado 13 maio 2003]. Disponível na Internet: www.fjp.gov.br.
SANS, F.M.M., CASTILHO, L.S., FERREIRA, E.F., Fluorose dentária endêmica em zona rural do município de São Francisco. Pesqui Odontol Bras, São Paulo, v.17, Suplemento 2, (Anais da 20ª Reunião Anual da SBPqO, p. 83, 2003
WHO (1984)- Envirommental Health- criteria 36- Fluorine and fluorides. Genebra. 136 p.
WHO. Oral Health Survey, Basic Methods, 4 th edn. Geneva: WHO, 1997: 35-36, 41-6.

PROJETO DE OFICINA DE ARTES COM PACIENTES E FAMILIARES

Dalete Tavares Teixeira[1]

Introdução

O Serviço Social do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais vem desenvolvendo trabalhos educativos tendo em vista a participação do usuário enquanto sujeito em seu processo de saúde, buscando sempre a melhoria e o aprimoramento dos trabalhos realizados. Essa nova forma de intervenção possibilitou durante os últimos 03 anos a criação de oficinas de trabalho que vêm sendo realizadas com êxito. Inicialmente com os portadores de Lesões por Esforços Repetitivos – LER/DORT. A proposta do Serviço Social prevê atividades que fortalece o indivíduo como pessoa, como ser humano, engajado dentro de um contexto social, familiar e político. Dessa forma as atividades foram planejadas com vistas a garantir o espaço aberto para a fala e ou relato de experiências, vivenciadas em trabalho de grupo e posteriormente durante a realização das oficinas. Assim percebemos que a importância de produção e vivência em grupo torna-se magnificada pela necessidade dessa pessoa falar de sua dor, da sua exclusão social, da ruptura das atividades profissionais e da forma como a família de alguns pacientes os trata. É na fala, nos depoimentos e na troca de experiência que a ansiedade é aliviada e cria-se a possibilidade dessa pessoa redimensionar e visualizar outras perspectivas no viver. O exercício das oficinas tem motivado à estes grupos de usuários a saírem do ciclo da doença e da dor para um convívio social/familiar mais dinâmico, trazendo motivação e novo sentido de vida. Nesta prática das oficinas torna-se necessário no momento a vivencia deste grupo de como comercializar seu produto, de otimizar o material e equipamento, como planejar e administrar seu pequeno negócio. Com a possibilidade que a Universidade oferece, de apresentar projetos de extensão para agregar outras áreas do conhecimento, é oportuno acrescentar nesta proposta das oficinas uma nova intervenção técnica para que os resultados dos trabalhos de artesanato confeccionados por pacientes do Hospital das Clínicas tenha nova perspectiva de ajuda no planejamento das atividades, otimização administrativas, e comercialização de seus produtos.

Objetivos

Proporcionar aos grupos oportunidade de obterem conhecimento mais aprimorado de comercialização e marketing, planejamento das atividades , propiciando sua interação com a sociedade e com o ciclo familiar e criar possibilidade de inserção social através de trabalho, onde este paciente encontre satisfação e saia do ciclo da doença para visualizar outras perspectivas de vida.

Metodologia

Formar grupos de pacientes, de no máximo 12 pessoas, com coordenação do Assistente Social, juntamanete com bolsistas: da Escola de Artes e da Escola de Administração e Marketing, para produção e comercialização dos objetos confeccionados.

Resultados e Discussão:

Exposição em feiras livres em Belo Horizonte, produção familiar auxiliando na complementação da renda; exercício do direito de cidadania; produção em grupo de pacientes no Hospital das Clínicas para gerir seus próprios recursos; manutenção do grupo para troca de experiência e de referência para acompanhar nas adversidades a que cada um está sujeito; a doença passa a ser mais um aspecto da vida da pessoa, contribuindo a sair deste ciclo, possibilitando outros olhares e outras saídas; envolvimento na interação sócio familiar; tentativa da inserção social; auto gestão dos custos. As questões financeiras que teve inicio com o Assistente Social mantendo as despesas, hoje o grupo

---

[1]Coordenadora
Número de Registro SiexBrasil: 3122
Área Temática: Saúde
Hospital das Clínicas e Escola de Belas Artes
Contatos:

tem uma estrutura financeira administrando ainda embrionariamente seu custo. Os trabalhos produzidos na oficina são vendidos e o dinheiro arrecadado é revestido em benefício do grupo e da compra de material. Os trabalhos que são feitos em casa , quando expostos em eventos promovidos pelo HC, 80% é do paciente e 20% do grupo. Desta forma as oficinas tem se mantido em funcionamento com novas atividades.

Produtos Gerados
Exposição em Feiras de Artesanato na Grande Belo Horizonte. Bem como na unidade de internação do Hospital das Clínicas e no espaço da Faculdade Medicina por intermedio da Nossacoop.

Conclusão
A proposta de criação e manutenção das oficinas de artes tem alcançado os objetivos acadêmicos e propiciado ao paciente a sua reinserção social e familiar. A produção das peças permite a possibilidade de exposições e venda dos produtos. O estágio realizado nas dependências do Hospital das Clínicas foi proposto como um conjunto de oficinas que se adequariam aos grupos de Emiplegia, Saúde do Adolescente e a Ala de Pacientes Isolados da Pediatria. Para o grupo de Emiplégicos, portadores de deficiências físicas e em recuperação de "derrame", as oficinas foram de artesanato. Os participantes variam de 43 a 60 anos, e, transformam as aulas de arte em um tempo de socialização que os ajuda a combater o abatimento causado pelas dores constantes. Esta é a primeira meta das oficinas: transformar um período de duas horas e meia de aula, em um tempo de investimento pessoal. A segunda meta é a de criar alternativas de complementação financeira através da venda dos trabalhos artesanais, em prol dos pacientes. No caso do grupo de Emiplégicos e também do grupo da Pediatria, o ensino é indireto, levantando questões de composição, relação de cores e demais questões de arte, de acordo com as oportunidades surgidas durante as oficinas. Aproveitando questionamentos dos participantes ou incentivando a criação de novos objetos utilizando estes conceitos. O contato com o artesanato regional foi incentivado para o grupo de Emiplégicos com a visitação do Espaço Artesão Cidadão situado no Shopping Bahia, localizado no centro de Belo Horizonte. O grupo pode participar de oficinas com os artesãos e conhecer o trabalho realizado por eles. Com relação ainda ao grupo de Emiplegia, algumas características são imprescindíveis para a realização das oficinas: o trabalho é feito em duplas, já levando em conta as dificuldades físicas decorridas da paralização de um dos lados do corpo e o incentivo ao exercício dos membros paralisados durante a prática da oficina. Ainda com relação à questão da oficina, esta modalidade foi escolhida por possibilitar um planejamento de aulas realizável em um período de 6 meses e passível de avaliação dos seus erros e acertos no final de um semestre. Assim, numa próxima oficina, os conhecimentos anteriores são devidamente avaliados para a realização de trabalhos artesanais mais elaborados. As mães e pais da Ala de Pacientes Isolados da Pediatria é um trabalho descaracterizado das oficinas. Inicialmente as aulas foram feitas no próprio ambiente das crianças internadas e seus pais. Diversos cuidados com relação a higienização dos materiais que entrassem neste setor foram propostos: não inclusão de objetos pequenos demais (para não serem engolidos pelas crianças), inflamáveis, substâncias tóxicas ou com cheiro forte, e quaisquer outros materiais que tenham algum risco de prejudicar as crianças internadas. Esses cuidados, embora as oficinas fossem direcionadas apenas às mães das crianças, eram complementados pela higienização das mãos e do espaço de realização da oficina (geralmente uma bancada ou mesa de canto) e a aula realizada em no máximo 1 hora de duração. Com o tempo, as oficinas deixaram o ambiente dos paciente isolados por atenderem no máximo 3 mães por semana. Assim, foram programadas oficinas para atender um número maior de mães tanto do isolado, quanto das áreas de internação de menor gravidade. Também estas oficinas centraram-se em trabalhos artesanais para a interação social das mães e pais das crianças, mas, principalmente como um tempo de distanciamento da realidade do hospital. Estas oficinas cumpriram um papel importante para ajudar o programa de humanização do Hospital das Clínicas, por proporem um espaço de descontração e alívio emocional. Para os adolescentes, a atenção foi voltada para o desenho e a prática das artes. Também em ritmo de oficinas, a proposta foi a de experimentação de diversos materiais e a apresentação de diversos artistas que utilizassem estes matérias em seus trabalhos. A oficina foi extremamente dinâmica, com aulas ao ar livre no Parque Municipal, visitação ao Palácio das Artes e algumas exposições ali realizadas. Os materiais foram os mais diversos, e a proposta era a experimentação e o desprendimento do desenho elaborado e dentro da perspectiva clássica. A escolha dos materiais respeitou os limites financeiros da equipe de Saúde do Adolescente, mas, também priorizou as necessidades artísticas do grupo. O começo foi feito

com técnicas de colagem, passando por tinta nanquim e suas possibilidades de aguada, desenho a pena, pena de bambu e embaúba. Em seguida, o carvão, o giz de cera e o lápis de cor. A partir daí, o desenho saiu do papel e foi para a madeira. Esta mudança de suporte foi interessante para que houvesse mais liberdade de combinação de técnicas, além de valorizar o trabalho como objeto. Também foram iniciadas algumas experiências com a terceira dimensão através da confecção de máscaras em gesso sobre a face dos adolescentes. Em seguida, cada um realizou suas próprias observações sobre os traços encontrados nas máscaras. Foi objeto da oficina de materiais abrir um campo de exploração para a oficina seguinte, a ser realizada a partir de setembro: a de desenho de observação. Com o conhecimento dos materiais, não haverá um estranhamento quanto a proposta de desenho de observação for realizada. Ficando a ênfase da oficina na elaboração do desenho. Como finalização desta primeira fase do estágio do Hospital das Clínicas, devo concluir que todas as oficinas foram produtivas com relação à inserção de uma nova visão de linguagem artística na vida dos pacientes. E este contato com tantas turmas diferentes e suas necessidades próprias propiciou um avanço importante quanto à sociabilização e integração dos pacientes com as pessoas com quem convivem e, uma melhor aceitação de si mesmo. Atender necessidades individuais e também de grupos com características em comum significa procurar alternativas que sustentem um aprendizado prazeroso e que incentive a procura da criatividade existente em cada um. E é uma grande vitória descobrir que, após a conclusão de uma etapa, esta criatividade foi despertada e o entendimento com o campo da arte ampliado.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão, Coordenadoria de Apoio a Pessoa Portadora de Deficiência, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e Espaço Artesão Cidadão de Belo Horizonte/Shopping Bahia

CONHECENDO A ADESÃO AO TRATAMENTO/QUIMIOPROFILAXIA PARA CO-INFECÇÃO TUBERCULOSE/HIV NO CENTRO DE TREINAMENTO E REFERÊNCIA EM DOENÇAS INFECTO-PARASITÁRIAS ORESTES DINIZ

Maria Imaculada de Fátima Freitas, Ricardo Alves Mesquita, Dirceu Bartolomeu Greco[1], Maria Cristina Dias[2], Maria do Carmo Teatini Tavares, Mônica Diniz Brandão[3], Camila Augusta dos Santos, Juliana Mara Felisberto, Marina Celly Martins Ribeiro, Ana Marina Murta Maciel, Luana Meneguelli Bonone[4]

Introdução
A infecção pelo vírus HIV ainda se constitui em grave problema de saúde pública em todo mundo e alavanca grandes empreendimentos resultando em desenvolvimento científico no que se refere ao controle da epidemia. A partir do uso disseminado da terapia anti-retroviral combinada potente, após o advento dos Inibidores de Protease (IP) e Inibidores da Transcriptase Reversa não Nucleosídios (ITRNN), o perfil da doença sofreu profundas transformações, sendo hoje considerada de caráter evolutivo crônico e potencialmente controlável. Percebe-se essa nova perspectiva pela diminuição das internações hospitalares, das ocorrências de complicações oportunistas e da diminuição da mortalidade associada ao HIV (VITÓRIA, 2003). Considerada uma doença oportunista, a Tuberculose em associação ao HIV constitui importante interação infecciosa em indivíduos portadores de Aids. A associação (HIV/TB) constitui, nos dias atuais, sério problema, podendo levar ao aumento da mortalidade pela tuberculose. A Rifampicina é atualmente considerada como uma das principais drogas no tratamento da tuberculose, sendo que os esquemas que utilizam essa droga apresentam taxas de sucesso terapêutico da ordem de 90% a 95% quando adequadamente utilizados. Um dos principais problemas encontrados pelo Plano Nacional de Controle da Tuberculose refere-se à não adesão dos pacientes com Tuberculose à terapêutica oferecida, tornando-se pacientes crônicos, tanto da doença quanto do serviço. A não adesão ao tratamento é apontada como uma das graves falhas no programa para combater a doença (RUFFINO, 2000). Como conseqüência há persistência da fonte de infecção, desenvolvimento da resistência bacteriana e aumento da mortalidade por TBC. Segundo Teixeira & Netto (2003) é importante considerar que a adesão adequada aos esquemas tuberculostáticos e anti-retrovirais, tomados de forma concomitante, é grande desafio para o paciente, devido à elevada quantidade de comprimidos/cápsulas a serem tomadas ao dia e a ocorrência de efeitos colaterais, particularmente nas primeiras semanas de tratamento. Essa complexidade do tratamento da co-infecção HIV/TBC exige que esse seja monitorizado constantemente, avaliando-se o perfil e evolução clínica dos pacientes a fim de identificar as falhas e sucessos desenvolvidos nos serviços. O Centro de Treinamento e Referência em Doenças Infecto-Parasitárias – Orestes Diniz (CTR/DIP – Orestes Diniz) da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, serviço de referência no atendimento à portadores de HIV/Aids em Minas Gerais, mantém parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e oferece assistência ambulatorial à pacientes com diagnóstico de Doenças Infecto-Parasitárias (esquistossomose, doença de Chagas, leishmaniose, toxoplasmose, hepatites B e C, histoplasmose, infecção pelo HIV e aids). Portanto, faz-se necessário conhecer a população co-infectada por TBC/HIV atendida nesse serviço, tendo em vista a importância da adesão do paciente ao tratamento. O Programa: Educação, Pesquisa e Prática em HIV/Aids está sendo desenvolvido no CTR/DIP Orestes Diniz desde 2000. Trata-se de atividades de caráter interdisciplinar e interinstitucional, com parcerias internas e externas, que têm como finalidade organizar, estruturar e articular o conjunto de atividades de ensino, pesquisa e atenção em HIV/Aids desenvolvidas no ambulatório. Estão inseridos três projetos, à saber: “Organização da atenção à saúde dos portadores do HIV e Aids no CTR/DIP Orestes Diniz”, “Assistência odontológica para pacientes HIV positivos” e “Projeto Horizonte”, coordenados respectivamente pela Escola de Enfermagem, Faculdade de Odontologia e Faculdade de Medicina.

---

[1]Coordenadores, [2]subcoordenadora, [3]enfermeiras CTR/DIP Orestes Diniz, [4]bolsistas
Programa: Educação, Pesquisa e Prática em HIV/Aids
Número de Registro SiexBrasil: 109
Área Temática: Saúde
Escola de Enfermagem e CTR/DIP Orestes Diniz
Contatos: peninha@enf.ufmg.br e (31) 3248-9835

Objetivos

Conhecer a incidência dos casos de abandono ao "Tratamento" e "Quimioprofilaxia" com tuberculostático dos pacientes com co-infecção HIV/TBC no Centro de Treinamento e Referência em Doenças Infecto-Parasitárias – Orestes Diniz, no período de 1º janeiro de 1998 a 31 de agosto de 2003.

Metodologia

Trata-se de estudo epidemiológico de natureza descritivo analítica desenvolvido no Centro de Treinamento e Referência em Doenças Infecto-Parasitárias – Orestes Diniz situado na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Esse centro foi escolhido por ser um serviço público ambulatorial de referência para pacientes infectados pelo HIV e ter acesso universalizado. Durante os meses de agosto e setembro de 2003 foram realizadas levantamento bibliográfico e coleta de dados por fonte secundária nos livros de Registro de Controle de Tuberculose deste serviço. Definiu-se como população a ser analisada indivíduos que apresentaram evidência laboratorial de co-infecção HIV/TBC e que iniciaram "Tratamento" ou "Quimioprofilaxia" neste serviço no período de 1º janeiro de 1998 a 31 de agosto de 2003. O abandono foi considerado segundo o conceito do Ministério da Saúde (Brasil, 1998), que classifica o doente que deixou de comparecer ao serviço de saúde por mais de 30 dias consecutivos após a data aprazada para seu retorno. As informações coletadas foram processadas e analisadas a apartir da utilização do aplicativo Excel.

Resultados e Discussão

Foram notificados no CTR/DIP Orestes Diniz no período proposto para análise 675 casos de tuberculose, sendo que um número significativo correspondente a 572 casos (84,74% do total) estava relacionado à co-infecção HIV/TBC. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2003), a prevalência de casos de tuberculose observada é maior em áreas de grande concentração populacional e precárias condições sócio-econômicas e sanitárias. A distribuição da doença é mundial, com tendência decrescente da morbidade e mortalidade em países desenvolvidos. Nas áreas com elevada prevalência de infecção pelo HIV, vem ocorrendo estabilização ou aumento do número de casos por tuberculose. A tabela 1 representa os resultados obtidos, mostrando a distribuições incidência de tuberculose X co-infecção HIV/TBC neste serviço.

Tabela 1**:** Incidência de Tuberculose X Co-infecção HIV/TBC entre os pacientes acompanhados no CTR/DIP Orestes Diniz 01/01/1998 a 31/08/2003 (n=675)

Nº. de casos TBC	%	Nº. de casos TBC/HIV	%
103	15,26	572	84, 74

Fonte: Coleta de dados no CTR/DIP Orestes Diniz, 2003

Referente aos casos de co-infecção HIV/TBC relacionou-se duas categorias, "Tratamento" e "Quimioprofilaxia", que nortearam a finalidade de notificação destes pacientes. Elaborou-se a Tabela 2 que demonstra como estas duas categorias estão representadas no serviço.

Tabela 2: Finalidade de Notificação de Tuberculose CTR/DIP
Orestes Diniz de 01/01/1998 a 31/08/2003 relacionado ao HIV (n=572)

Nº. pacientes em 'Quimioprofilaxia'	%	Nº. pacientes em 'Tratamento'	%
155	27,09%	417	72,90%

Fonte: Coleta de dados no CTR/DIP Orestes Diniz, 2003

De acordo com os dados obtidos, observa-se que 27,09% dos casos de co-infecção HIV/TBC foram notificados como "Quimioprofilaxia". e que 72,90% foram notificados como "Tratamento". O "tratamento" é indicado em indivíduos com evidência laboratorial e clínica de Tuberculose e Aids. Nesta categoria (n=417), 72,18% correspondem à indivíduos do sexo masculino e 27,82% à indivíduos do sexo feminino. A forma clínica

predominante foi a Pulmonar com 52,27% dos casos , seguida da Extrapulmonar com 37,41% e Pulmonar mais Extrapulmonar com 10,31% (Tabelas 3 e 4).

Tabela 3: Distribuição por Sexo dos Pacientes Co-Infectados com HIV/TBC em “Tratamento” no CTR/DIP Orestes Diniz de 01/01/1998 a 31/08/2003 (n=417).

Pacientes sexo masculino	%	Pacientes sexo feminino	%
301	72,18%	116	27,82%

Fonte: Coleta de dados no CTR/DIP Orestes Diniz, 2003

Tabela 4: Distribuição de Pacientes Co-Infectados por TBC/HIV em “Tratamento” por Forma Clínica de Notificação no CTR/DIP Orestes Diniz de 01/01/1998 a 31/08/2003

Pulmonar	%	Extrapulmonar	%	Pulmonar+Extrapulmonar	%
218	52,27%	156	37,41%	43	10,31%

Fonte: Coleta de dados no CTR/DIP Orestes Diniz, 2003

A situação atual dos pacientes nesta categoria mostra que 209 casos (50,12%) tiveram alta do tratamento por cura, 175 casos (41,96%) tiveram abandono, 14 casos (3,36% da categoria) ainda estão em tratamento e outros 19 casos (4,55%) referem-se a outras situações, como óbito, mudança de esquema terapêutico, falência de tratamento e transferência de serviço. A Tabela 5 representa esta distribuição.

Tabela 5: Distribuição de Pacientes Co-Infectados por TBC/HIV na “Tratamento” por Motivo de Saída do Programa no CTR/DIP Orestes Diniz de 01/01/1998 a 31/08/2003 (n=417)

Cura	%	Abandono	%	Tratamento	%	Outros	%
209	50,12%)	175	41,96%	14	3,36%	19	4,55%

Fonte: Coleta de dados no CTR/DIP Orestes Diniz, 2003

“Quimioprofilaxia” foi a segunda categoria norteadora, correspondente a 155 casos, identificada como indicado pelo Ministério da Saúde (2003): *“Indivíduo sem sinais ou sintomas sugestivos de tuberculose: A. Com radiografia de tórax normal e: 1) reação ao PPD maior ou igual a 5 mm(3); 2) contactantes intra-domiciliares ou institucionais de tuberculose bacilífera, ou 3) PPD não reator ou com enduração entre 0-4 mm, com registro documental de ter sido reator ao teste tuberculínico e não submetido à tratamento ou quimioprofilaxia na ocasião. B. Com radiografia de tórax anormal: presença de cicatriz radiológica de TB sem tratamento anterior (afastada possibilidade de TB ativa através de exames de escarro e radiografias anteriores), independentemente do resultado do teste tuberculínico (PPD).”* Neste grupo identificaram-se números semelhantes à categoria “Tratamento”, sendo 90 casos (58,06% da categoria) em alta de tratamento por cura, 51 casos (32.90% da categoria) em abandono, 12 casos (7,74% da categoria) ainda em tratamento e outros 2 casos (1,29%) referentes outras situações como óbito, mudança de esquema terapêutico, falência de tratamento e transferência de serviço. (Tabela 6)

Tabela 6**:** Distribuição de Pacientes Co-Infectados por TBC/HIV em “Quimioprofilaxia” por Motivo de Saída do Programa no CTR/DIP Orestes Diniz de 01/01/1998 a 31/08/2003

Cura	%	Abandono	%	Tratamento	%	Outros	%
90	58,06%	51	32.90%	12	7,74%	2	1,29%

Fonte: Coleta de dados no CTR/DIP Orestes Diniz, 2003

Produtos Gerados

A partir do estudo realizado, os bolsistas de extensão do "Programa de Educação, Pesquisa e Prática em HIV/AIDS puderam, de forma concreta, conhecer melhor a população de co-infectados por TBC/HIV a quem prestam assistência. A construção do projeto possibilitou melhor entendimento sobre o que é uma atividade de extensão, demonstrando o objetivo da Pró-Reitoria de Extensão de "*ampliar os espaços de aprendizagem e os contatos dos alunos com os diversos segmentos sociais e com os problemas práticos de seus campos profissionais*" (Pró-Reitoria de Extensão - PROEX, 2003). Colaborando com o serviço, o presente estudo/relatório oferece aos profissionais do CTR/DIP Orestes Diniz um retrato da amostra de pacientes analisadas e conseqüentemente a perspectiva de que a parceria com a Universidade proporciona a todos os envolvidos a construção de novos saberes.

Conclusão

O Programa: Educação, Pesquisa e Prática em HIV/Aids com presente trabalho atende aos objetivos do Programa de controle da Tuberculose (Brasil, 2003) que propõe um conjunto de ações integradas desenvolvidas pelos diferentes níveis de governo, com a participação da comunidade, visando modificar a situação epidemiológica através da redução da morbidade, da mortalidade e atenuar o sofrimento humano causado pela doença, mediante o uso adequado dos conhecimentos técnicos e científicos e dos recursos disponíveis e mobilizáveis, objetivando colocar a doença sob controle. Os dados obtidos no presente estudo revelam que o abandono ao "Tratamento" e "Quimioprofilaxia" ainda constituem-se número significativo de motivo de saída do programa. Em um ambulatório de referência para pacientes portadores de SIDA a atenção à co-infecção Tuberculose/HIV deve ser organizada visando implantação de um modelo de assistência interdisciplinar com triagem e acompanhamento dos pacientes sob maior risco de abandono. Considerando o que tange a resistência aos tuberculostáticos e conseqüente agravamento da evolução clínica faz-se necessário investimento institucional no acompanhamento e supervisão dos casos de Tuberculose criando estratégias de promoção da adesão, visando a redução da incidência do abandono e melhor controle dos casos.

Parcerias

Centro de Treinamento e Referência em Doenças Infecciosas e Parasitárias Orestes Diniz, Centro de Estudos em Imunologia e Imunodeficiências, Ministério da Saúde/Coordenação Nacional de DST/Aids, Unesco, Coordenação Estadual de DST/Aids, Coordenação Municipal de DST/Aids e Centro de Testagem e Aconselhamento

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST/Aids. Recomendações para tratamento da co-infecção HIV-Tuberculose em adultos e adolescentes (Ministério da Saúde, 1998). Disponível em www.aids.gov.br. Acesso em 16 de set. 2003.

NETTO, A.R. Controle da Tuberculose no Brasil. Jornal de Pneumologia, 2000, v.26, n.4, jul/ago, p.159-162.

PROEX. Pró-Reitoria de Extensão da UFMG. Conheça. Disponível em www.ufmg.br/proex. Acesso em: 02 de novembro de 2003.

TEIXEIRA, P. R.; NETTO A. R. Atualização das recomendações para tratamento da co-infecção HIV-Tuberculose em adultos e adolescentes (Ministério da Saúde, 2000). Disponível em www.aids.gov.br. Acesso em 16 de set. 2003.

VITÓRIA, M. A. A. Conceitos e recomendações básicas para melhorar a adesão ao tratamento anti-retroviral. Disponível em www.Aids.gov.br. Acesso em: 30 ago. 2003.

PROJETO DE EXTENSÃO: EDUCAÇÃO, PESQUISA E PRÁTICA EM HIV/AIDS

Maria Imaculada de Fátima Freitas, Ricardo Alves Mesquita, Dirceu Bartolomeu Greco[1], Maria Cristina Dias[2], Maria do Carmo Teatini Tavares[3], Camila Augusta dos Santos, Juliana Mara Felisberto, Marina Celly Martins Ribeiro, Ana Marina Murta Maciel, Luana Meneguelli Bonone[4]

Introdução

O manejo da epidemia HIV/AIDS vem adquirindo complexidade, principalmente em decorrência da mudança do perfil clínico e epidemiológico da doença, caracterizado pela tendência à expansão nos grupos sociais menos privilegiados, heterossexualização, feminilização, juvenilização e interiorização, somada à necessidade de disponibilização de conhecimentos relacionados às novas terapias antiretrovirais. Do ponto de vista clínico, percebe-se que as novas tecnologias para diagnóstico, tratamento e acompanhamento têm determinado o aumento da expectativa de vida dos portadores do vírus, sobretudo, pela introdução da terapia antiretroviral e pelo manejo adequado das infecções oportunistas. Essas tendências epidemiológicas e clínicas geram demandas cada vez maiores, tanto para a prevenção da doença, quanto para o tratamento e acompanhamento dos portadores do HIV e doentes com Aids nos serviços públicos de saúde, uma vez que são estes os serviços responsàveis em garantir o atendimento da maioria das pessoas que convivem com o HIV. Dessa forma, exigem-se serviços de saúde organizados com competência operacional, gerencial, assistencial e tecnológica, capazes de responder à complexidade e aumento da demanda. Esta resposta deve ter como pressuposto a realização de ações interdisciplinares, oportunas e de qualidade, proporcionando monitoramento tanto dos aspectos clínico-epidemiológicos, quanto naqueles relacionados à educação e prevenção das pessoas que vivem com HIV/AIDS. Assim, o programa de extensão Educação, Pesquisa e Prática em HIV/AIDS, em andamento desde 2000, tem caráter interdisciplinar, interinstitucional, com parcerias internas e externas, com finalidade de organizar, estruturar e articular o conjunto de atividades de ensino, pesquisa e atenção em HIV/AIDS desenvolvidas no Centro de Treinamento e Referência em Doenças Infecciosas e Parasitárias Orestes Diniz. Estão inseridos três projetos, a saber: "Organização da atenção à saúde dos portadores de HIV e AIDS no Centro de Treinamento e Referência em Doenças Infecciosas e Parasitárias Orestes Diniz", "Assistência odontológica para pacientes HIV positivos" e "Projeto Horizontes", coordenados respectivamente, pela Escola de Enfermagem, pela Faculdade de Odontologia e pela Faculdade de Medicina. O CTR/DIP Orestes Diniz, é uma unidade de atenção secundária da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura de Belo Horizonte. Constitui uma unidade de referência municipal e estadual para o atendimento em doenças infecto-parasitárias, principalmente para pacientes adultos e pediátricos com diagnóstico prévio estabelecido ou com suspeita diagnóstica de infecção pelo HIV. Acompanha os portadores de HIV/AIDS desde o início da epidemia no Brasil, quando o Serviço DIP estabeleceu o Setor de Imunodeficiências em agosto de1985. Este serviço mantém parceria com a Universidade Federal de Minas Gerias por meio de convênio institucional. Desde 1994, está credenciado pela Coordenação Nacional de DST/AIDS/ Ministério da Saúde como Serviço de Atenção Especializada (SAE), uma das principais estratégias para o atendimento ambulatorial, pautada por princípios de atenção integral e multidisciplinar aos portadores de HIV/AIDS. Também colabora para a capacitação de profissionais de saúde da rede de serviços públicos. É campo de prática de alunos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Medicina e mais recentemente, da Escola de Enfermagem, a partir da implantação de atividade de extensão. Na área de odontologia contribui para o desenvolvimento de atividade de extensão.

Objetivos

Organizar, estruturar e articular o conjunto de atividades de ensino, pesquisa e prática em HIV/AIDS desenvolvidas

---

[1]Coordenadores, [2]subcoordenadora, [3]enfermeira, [4]bolsistas

Programa: Educação, Pesquisa e Pràtica em HIV/AIDS

Número de Registro SiexBrasil: 109

Área Temática: Saúde

Escola de Enfermagem, Faculdade de Odontologia, Faculdade de Medicina e Centro de Treinamento e Referência em Doenças Infecciosas e Parasitárias Orestes Diniz.

Contatos: peninha@enf.ufmg.br e (31) 3248-9835

no CTR/DIP Orestes Diniz; colaborar para a organização do CTR/DIP buscando contemplar o atendimento integral das necessidades dos portadores do HIV/AIDS e demais usuários do serviço, constituindo-se em espaço para a incorporação de novas possibilidades e dimensões do trabalho, e a perspectiva de construção de novos saberes na área de HIV/AIDS; discutir e consolidar as experiências relacionadas ao manejo do HIV/AIDS em serviços de saúde para os estudantes de graduação e pós-graduação; desenvolver atividades acadêmicas curriculares integradas (flexibilização curricular) aos alunos de graduação e pós-graduação da UFMG; estimular o desenvolvimento de pesquisas clínicas, imunológicas, epidemiológicas, sociológicas e operacionais na área de HIV/AIDS; propor, implementar e colaborar na capacitação de recursos humanos em HIV/AIDS; desenvolver tecnologias educacionais dirigidas à prevenção, tratamento e reabilitação em HIV/AIDS no CTR/DIP Orestes Diniz; e estabelecer parcerias com instituições e organismos locais, nacionais e internacionais com a finalidade de contribuir no aperfeiçoamento de estratégias de prevenção e aconselhamento em HIV/AIDS no plano individual e coletivo;

Metodologia

O projeto é desenvolvido no CTR/DIP Orestes Diniz, considerando diretrizes e princípios gerais, a saber: interdisciplinaridade, articulação da universidade com o serviço e sociedade, interação entre ensino pesquisa e extensão. Estes princípios estimulam a participação dos estudantes de graduação e pós-graduação nos projetos, favorecendo assim a formação de recursos humanos em saúde com competência técnica e ética para lidar com a epidemia de HIV/AIDS. Para a definição das atividades a serem desenvolvidas, foi realizado um diagnóstico situacional, cujos resultados estabeleceram um projeto de trabalho. Os alunos bolsistas por meio de um plano de trabalho realizam as seguintes atividades: participação da implantação dos protocolos para a sistematização da assistência de enfermagem e odontologia no serviço; realização de ações médicas, de enfermagem e odontológicas relacionadas à assistência direta aos usuários e à organização do serviço; participação de implementação do Sistema de Informação em todas as suas fases: elaboração de instrumento de coleta e fluxo das informações; coleta, tratamento e análise dos dados; sensibilização e treinamento da equipe local; participação das reuniões de acompanhamento e execução do programa, realizada pela equipe responsável; participação da elaboração do Boletim Informativo BHIV; realização de ações educativas junto à clientela e família; participação da elaboração do Guia do Usuário do CTR/DIP Orestes Diniz; participação no Projeto Horizonte do processo de monitoramento, acompanhamento, divulgação e ações diretas com os voluntários; e participação do projeto de avaliação de intervenção para mudanças de comportamento em indivíduos portadores de HIV/AIDS.

Resultados e Discussão

Em seu 4º ano de execução, o projeto tem proporcionado aos alunos bolsistas a oportunidade de participação na organização do serviço de enfermagem e odontologia otimizando o atendimento dos usuários do serviço. Na odontologia, houve uma redefinição do modelo assistencial que refletiu na diminuição da fila de espera para atendimento odontológico, priorização das demandas, implementação de trabalho preventivo, levando a um aumento da resolutividade. A introdução do acolhimento de enfermagem aos pacientes com queixas clínicas, casos de abandono de tratamento, atendimento de gestantes HIV positivas referenciadas de outros serviços, dentre outras necessidades apresentadas pelos pacientes, proporcionou atendimento integral e conseqüente vínculo do paciente ao serviço. A interação entre universidade e serviço favorece no cotidiano uma troca de saberes, constituindo assim num espaço para a incorporação de novas possibilidades e dimensões do trabalho interdisciplinar e intersetorial, na perspectiva da construção de novos saberes e de uma intervenção cada vez mais eficaz em HIV/AIDS.

Produtos Gerados

Durante o desenvolvimento do programa, procurou-se construir e viabilizar propostas relacionadas à difusão do conhecimento em HIV/AIDS e contribuir na implementação e organização das ações assistenciais do serviço. Foram realizadas as seguintes atividades: reestruturação do fluxo de atendimento dos usuários no CTR/DIP Orestes Diniz; realização de Ciclos de Debates sobre temas atuais em HIV/AIDS; elaboração de cartilha para os usuários do serviço de odontologia; construção de um Banco de Dados sobre Gestantes HIV positivas; elaboração de Manuais e Rotinas de Enfermagem; realização de consultas de enfermagem; elaboração de Guia do Usuário do

CTR/DIP Orestes Diniz; elaboração e edição do Boletim Informativo BHIV; participação do planejamento e organização do I Seminário CTR/DIP Orestes Diniz; participação da “Feira do Cuidado” realizada na Barragem Santa Lúcia; participação do I Ciclo de Capacitação em Infectologia do CTR/DIP Orestes Diniz; participação da organização de Informação Epidemiológica; participação da elaboração de Protocolos de Assistência de Enfermagem e Odontologia; e realização de oficinas de Organização dos Serviços Básicos de Saúde Bucal e de Atenção dos portadores do HIV/AIDS.

Conclusão

O projeto tem grande impacto na comunidade, no meio acadêmico e no serviço. Em relação aos estudantes de graduação e pós-graduação, proporciona experiências relacionadas ao manejo do HIV/AIDS na sociedade e em serviços de saúde e ao exercício da prática interdisciplinar. Estimula o desenvolvimento de pesquisas de natureza clínica, epidemiológica, sociológica e operacional, esta última de modo a subsidiar o desenvolvimento de processos assistenciais e gerenciais face à complexidade assistencial referente à infecção pelo HIV. Para o serviço e usuários, o programa constitui-se numa possibilidade de troca de saberes, conhecimento e aplicação de tecnologias assistencias e educacionais no cotidiano do serviço, o que implica na melhoria da qualidade de assistência, com um processo contínuo de avaliação.

Parcerias

Centro de Estudos em Imunologia e Imunodeficiências, Ministério da Saúde/Coordenação Nacional de DST/AIDS, Unesco, Coordenação Estadual de DST/AIDS, Coordenação Municipal de DST/AIDS e Centro de Testagem e Aconselhamento

Referências

BRASIL, Ministério da Saúde. Aconselhamento em DST, HIV e Aids: Diretrizes e procedimentos básicos. Coordenação Nacional de DST e Aids, 2000.

BRASIL, Ministério da Saúde. Prevenção e controle das DST/Aids na comunidade. Coordenação Nacional de DST e Aids, 2001.

BRASIL, Ministério da Saúde. Recomendações para a profilaxia da transmissão materno infantil do HIV e terapia antiretroviral em gestantes. Coordenação Nacional de DST e Aids, 2001

BRASIL, Ministério da Saúde. Recomendações para terapia antiretroviral em adultos e adolescentes infectados pelo HIV. Coordenação Nacional de DST e Aids, 2001

ATENÇÃO ODONTOLÓGICA A PORTADORES DE FISSURAS LÁBIO-PALATAIS

Cláudia Silami de Magalhães[1], Maria Elisa Souza e Silva[2], Ênio Lacerda Vilaça, Telma Campos de Medeiros Lorentz[3], Alfonso Gala Garcia, Fernanda Carvalho Castro, Fernanda Tavares Borges, Renata Carla Castro Guimarães[4], Patrícia Franco Pedro[5], Isabela Cecília Mendes, Patrícia Corrêa Bahia[6], Gisele Silva Teixeira, Luciene Pinto Valle, Mariana de Souza Costa[7]

Introdução

Poucas Faculdades de Odontologia estão aptas a preparar seus alunos adequadamente para a necessidade de atendimento ao portador de fissura lábio - palatal. É importante que o estudante de Odontologia compreenda o papel do cirurgião-dentista na terapia dos pacientes fissurados, uma vez que o desconhecimento ou mesmo o receio de alguns profissionais dificulta ou até impossibilita a realização do tratamento deste grupo de pacientes.
A Faculdade de Odontologia da UFMG implementou, em 1996, um Projeto de Extensão com o objetivo de oferecer atenção odontológica ao portador de fissura lábio-palatal, devido a significativa demanda existente em Belo Horizonte e em Minas Gerais e da importância do cuidado odontológico para essa população. O projeto é oferecido semestralmente aos alunos do 5º, 6º, 7º, 8º e 9º períodos da FO/UFMG, contando também com a participação de cirurgiões-dentistas voluntários e de alunos matriculados no Curso de Mestrado em Odontologia, área de Clínica Odontológica. O atendimento é semanal, realizado durante 15 semanas, de 14 às 18 horas, na Clínica 03 da FO/UFMG. São atendidos pacientes portadores de fissuras lábio-palatais, de todas as faixas etárias, ambos os sexos, com ou sem cirurgia de queiloplastia e palatoplastia, oriundos dos serviços de Cirurgia Plástica, Pediatria e Fonoaudiologia do Hospital da Baleia e do Hospital das Clínicas, do Curso de Aperfeiçoamento em Ortodontia da Associação Brasileira de Odontologia (ABO/MG). São fornecidas, aos alunos participantes do projeto, informações teórico-práticas relativas ao diagnóstico e classificação das fissuras lábio-palatinas, suas alterações funcionais na sucção, deglutição, mastigação, respiração, fonação e na audição, implicações psicológicas e estéticas, a importância da atuação interdisciplinar no tratamento global do paciente, assim como a importância do cirurgião-dentista na equipe. A abordagem ao paciente enfatiza o controle do processo saúde-doença cárie e periodontal, visando um estado de equilíbrio que lhes permita serem submetidos à cirurgia plástica (queiloplastia ou palatoplastia), ao tratamento ortodôntico e protético. Após alta da Clínica Odontológica da FO/UFMG, os pacientes são inseridos no Programa de Manutenção Preventiva e acompanhados por meio de consultas periódicas. O resultado esperado é a inserção do estudante de Odontologia, e consequentemente do Cirurgião-Dentista, na equipe interdisciplinar envolvida no atendimento desta população, visando a melhoria de sua qualidade de vida.

Objetivos

Contribuir para a inserção do estudante de Odontologia, e consequentemente do cirurgião-dentista, na equipe interdisciplinar envolvida no atendimento de portadores de fissura lábio-palatal, visando à melhoria de sua qualidade de vida. atuar como serviço de referência para atendimento a pacientes fissurados pelo Sistema Único de Saúde de Minas Gerais - SUS/MG; prestar assistência odontológica ao paciente portador de fissura, através da atuação clínica dos discentes da FO/UFMG; interagir com outros profissionais membros da equipe interdisciplinar, buscando reabilitar o paciente física, estética e socialmente; formar recursos humanos para atuarem neste problema; e desenvolver projetos de pesquisa sobre o problema em questão.

Metodologia

Cerca de 12 alunos regularmente matriculados no curso de Odontologia (50, 60, 70, 80 e 90 períodos) da UFMG são selecionados, semestralmente, para prestarem atendimento clínico semanal, sob a supervisão do corpo docente.

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenadora, [3]docentes, [4]pesquisadores, [5]cirurgiã-dentista, [6]bolsistas, [7]voluntários
Projeto de Referência: Atendimento Clínico a Pacientes Fissurados
Número de Registro SiexBrasil: 4347
Área Temática: Saúde
Faculdade de Odontologia
Contatos: silamics@dedalus.lcc.ufmg.br e (31) 3499-2456

É oferecido suporte teórico aos alunos a respeito da abordagem ao paciente fissurado, por meio de aulas expositivas dialogadas e sugestões para pesquisa bibliográfica. A clínica odontológica aborda o paciente fissurado lábio-palatal quanto às suas necessidades odontológicas e atua na prevenção e tratamento das doenças cárie e periodontal, visando a promoção da saúde. Os alunos procedem à execução da ficha clínica, classificação do tipo de fissura, levantamento de necessidades de tratamento, exames complementares, índice de higiene oral, escovação orientada, raspagens supragengival e subgengival, controle profissional de placa bacteriana, fluorterapia, restaurações dentárias diretas, tratamentos endodônticos e cirúrgicos. O atendimento clínico visa oferecer atenção básica à saúde bucal, e após a obtenção do controle do processo saúde-doença, os pacientes são incluídos em um programa periódico de manutenção preventiva. De acordo com as necessidades específicas, os pacientes são referenciados para tratamento ortodôntico, fonoaudiológico, cirúrgico e/ou protético.

Resultados e Discussão

As fissuras lábio-palatais estão entre as malformações congênitas mais comuns em nosso pais, apresentando uma incidência relativamente alta na população-15 a 25% quando incluídas crianças natimortas e 4 a 5% quando essas são excluídas. Dentre estas anomalias, as fissuras de lábio-palato são as que têm recebido maior atenção por parte dos pesquisadores. Sabe-se que as fissuras são resultantes da falta de fusão dos processos embrionários formadores da face e palato e são exteriorizadas clinicamente pela ruptura de lábio, palato ou ambos, resultando em notórias deficiências anátomo-funcionais. Estas fissuras surgem precocemente na vida pré-natal, uma vez que a formação da face completa-se até a oitava semana de vida intra-uterina e a do palato até a décima segunda. As pesquisas nessa área ainda não identificaram todas as causas dessa malformação. Há evidências de que problemas de nutrição, ameaças de aborto, fumo e alcoolismo durante a gravidez, drogas de um modo geral, estresse emocional no primeiro trimestre de gravidez e rubéola podem gerar o problema. Alguns estudos indicam que a idade dos pais também seria um fator predisponente, pois crianças, filhas de pais mais velhos, apresentam maior risco para nascerem com fendas lábio-palatais. Outros estudos demonstram que uma combinação de fatores genéticos e ambientais, assim como falta de ácido fólico e vitamina B12 na dieta da mãe, podem levar ao aparecimento de um lábio ou palato fissurado. As fissuras lábio-palatais acometem todos os grupos raciais e étnicos, independentemente de sexo e classe sócio-econômica, muito embora a influência das variações sazonais, demográficas, raciais e metodológicas provoquem resultados controversos obtidos em diversos estudos epidemiológicos. Projetos de pesquisa envolvendo o grupo de pacientes fissurados atendidos no Projeto de Extensão têm sido propostos, servindo de referencial para o planejamento, plano de tratamento e a implementação de novas atividades a serem desenvolvidas com esses pacientes. Neste sentido, o estudo de caracterização da população no período de 1996 a 2001 demonstrou que: ambos os sexos foram atingidos com a mesma frequência; em 20% dos pacientes, a hereditariedade pode ter sido o principal fator etiológico causador da fissura lábio-palatina; o tipo de fissura mais frequentemente encontrada foi a trans-forame incisivo (TIPO II), sendo a maioria do tipo unilateral esquerda; não foram encontradas casos de fissura mediana na amostra; as fissuras pós - forame incisivo foram mais frequentes no sexo feminino; não houve predominância quanto ao sexo ao se analisar as fissuras pré e trans-forame incisivo; quanto à gravidade, o sexo masculino foi mais frequentemente atingido. Dentre os 146 milhões de habitantes do Brasil (IBGE/1991) e dada a incidência de fissuras na população (1:650 nascimentos), a estimativa do números de casos é de 225.000 portadores dessas lesões. Atualmente, a reabilitação integral do indivíduo fissurado tornou-se uma das prioridades médico-sociais dentro dos programas de saúde comunitária nos países desenvolvidos. Atualmente, no Brasil, o único serviço de atenção terciária especializado no tratamento das deformidades crânio-faciais é o HPRLLP (Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais) localizado na cidade de Bauru – SP. Este hospital conta hoje com cerca de 21.000 casos matriculados (aproximadamente 10% do universo de pacientes com más formações lábio-palatais) procedentes de todo o país. Qualquer hospital que se habilite a tratar do paciente fissurado deve necessariamente envolver a ação de uma equipe interdisciplinar, numa relação de reciprocidade, de mutualidade e diálogo. Os pacientes portadores de fissuras lábio-palatais necessitam de atenção em diferentes áreas de atuação dos profissionais de saúde. Dependendo de sua extensão, a fissura de lábio e/ou palato normalmente afeta outras áreas funcionais do desenvolvimento da criança. Podem surgir problemas na amamentação, aparência facial, fala, deglutição, função oclusal e desenvolvimento psicológico. Todos estes problemas podem ser melhor avaliados e tratados mediante a presença de uma equipe constituída por profissionais especializados aptos a lidar com estas

alterações. O paciente portador de fissura lábio-palatal apresenta alterações dentárias e esqueletais significativas. Dentre as alterações dentárias podemos citar as de número (supranumerários e agenesias, principalmente nas regiões adjacentes à fenda), de forma (dentes em forma de T, conóides, hipoplasias e hipocalcificações), de posição (devido à ocorrência da fissura) e de erupção (dentes neonatais). Estas alterações ocorrem geralmente na área fissurada e dependem do tipo e extensão da fenda. Vários trabalhos demonstram a relação entre fissuras lábio-palatinas e uma maior dificuldade de higienização pelos pacientes devido a alterações da anatomia na área da fissura, cicatrizes residuais e falta de elasticidade do lábio, resultando em um risco aumentado de desenvolvimento de cárie dentária.

Produtos Gerados

Durante o ano letivo de 2003 o Projeto de Extensão "Atendimento Clínico a Pacientes Fissurados" apresentou a seguinte produtividade, em termos de procedimentos executados pelos alunos participantes:

Procedimento/Quantidade
Consulta Odontológica (1a consulta)/41
Aplicação terapêutica intensiva com flúor p/sessão/53
Aplicação de selante por dente/12
Capeamento pulpar direto em dente permanente/3
Controle da placa bacteriana/ 59
Confecção / Re-embasamento de Coroa provisória/6
Curetagem sub-gengival e polimento dentário por hemi-arcada/13
Escariação por dente/23
Exodontia de dente decíduo/10
Exodontia de dente permanente/4
Gengivectomia/8
Pulpotomia em dente decíduo ou permanente e selamento provisório/2
Radiografia panorâmica/2
Radiografia peri-apical, interproximal (bite-wing)/76
Rap – Raspagem, alisamento e polimento por hemi-arcada/29
Remoção de resto radicular/12
Restauração com amálgama de duas ou mais faces/2
Restauração com ionômero de vidro de duas ou mais faces/14
Restauração com ionômero de vidro de uma face/31
Restauração de resina fotopolimerizável de duas ou mais faces/7
Restauração de resina fotopolimerizável de uma face/7
Selamento de cavidades com cimento provisório – p/ dente/10
Tratamento endodôntico em dente permanente bi-radicular/1
Tratamento endodôntico em dente permanente uni-radicular/2
Tratamento endodôntico em dente decíduo/1

As atividades do Projeto de Extensão geraram a publicação de um artigo em periódico nacional. Estão em andamento o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa intitulado "Associação entre cárie dentária, doença periodontal e a localização da fissura lábio-palatal" e o relato de caso clínico "Uso de medicamentos com ação cariogênica em pacientes portadores de fissuras lábio-palatais".

Conclusão

Embora a fissura lábio-palatal não possa ser prevenida, todas as suas complicações podem ser minimizadas, senão evitadas, desde que o paciente seja assistido adequadamente por uma equipe multidisciplinar, constituída por profissionais das áreas de Enfermagem, Nutrição, Cirurgia Plástica, Medicina, Fisioterapia, Odontologia, Fonoaudiologia, Psicologia, Assistência Social e Pedagogia, que proporcione a adequação a um plano de tratamento

integral que respeite o indivíduo como um todo, visando uma reabilitação morfológica, funcional e psicossocial do paciente. Essa assistência deve ser instituída, se possível, logo após o nascimento, pois apenas dessa forma certos fatores podem ser controlados: (a) a alta percentagem de óbitos; (b) a desnutrição provocada por má orientação, principalmente devido à dificuldade de amamentação; (c) a inibição do crescimento do complexo nasomaxilar; (d) o aparecimento de deformidades oclusais; (e) seqüelas auditivas; (f) alterações na fala; (g) o desajustamento psicossocial e a intervenção nociva de profissionais despreparados que na realidade causam seqüelas tão ou mais agressivas quanto o não tratamento. Intervenções cirúrgicas, ortodônticas e protéticas desempenham um papel importante na reabilitação do paciente fissurado, e aliados a elas programas profiláticos intensivos devem ser implantados tão cedo quanto possível, com supervisão das medidas de higiene bucal e manutenção profissional através de um sistema de rechamadas regulares, ao longo da vida do paciente. Neste sentido, os objetivos do projeto de extensão têm sido alcançados e sua ampliação torna-se dependente da crescente integração entre as áreas envolvidas e de subsídios para as ações de atenção secundária e terciária.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão, Hospital da Baleia (Fundação Benjamim Guimarães) e Associação Brasileira de Odontologia

Referências

LAGES, E. M. B.; MARCOS, B.; PORDEUS, I. A. Saúde bucal em portadores de fissura lábio-palatal: revisão. Revista do CROMG, v.6, n.2, p. 88-93, Mai./Ago. 2000.

TURNER, C.; ZAGIROVA, A.; FROLOVA, L.; COURTS, F. J.;WILLIAMS, W. N. Oral Health Status of Russian Children with Unilateral Cleft Lip and Palate. Cleft Palate-Craniofacial Journal, v.35, n.6, p.489-494, Nov./1998.

WONG, F. W. L.; KING, N. M. The Oral Health of Children with Clefts – A Review. Cleft Palate-Craniofacial Journal, v.35, n.3, p.248-254, May/1998.

TOMITA, N. E.; COSTA, B.; GOMIDE, M. R.; SANTOS, C. F.dos; PALMA, R. G.;LOPES, E. S. Prevalência de Cárie Dentária em Crianças Portadoras de Fissuras Lábio-Palatais. Revista da Faculdade de Odontologia de Bauru, v.4, n.3/4, p.33-38, jul./dez. 1996.

PREVENÇÃO DO ÓBITO INFANTIL E PERINATAL EM BELO HORIZONTE E A AVALIAÇÃO DAS INVESTIGAÇÕES REALIZADAS

Deborah Carvalho Malta[1], Sônia Lansky, Elisabeth Barbosa França[2], César Coelho Xavier, Adélia Maria da Silva, Edna Maria Rezende, Maria da Conceição Juste Werneck Côrtes, Lúcia Maria Horta Figueiredo Goulart, Marislaine Lumena de Mendonça[3], Tathiana Muniz Bomfim, Paula Piedade Garcia[4], Aline Maria de Castro, Ana Carolina Fernandes Esperança, Aline Azevedo Bianchetti, Alessandra Pinheiro Caminhas, Gerival Vieira Junior, Marcelo Juste Werneck Côrtes, Juliana Nunes Santos[5]

Introdução
O Projeto Prevenção ao Óbito Infantil e Perinatal em Belo Horizonte articula parceria entre a Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte (SMSA) e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), representada pela Escola de Enfermagem (Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública) e Faculdade de Medicina (Departamento de Medicina Preventiva e Social e Departamento de Pediatria), buscando desenvolver ações que contribuam na redução do óbito infantil e perinatal no município. O projeto apoia o Comitê Prevenção do Óbito Infantil e Perinatal do município, estruturado desde 2002, que realiza a investigação dos óbitos infantis avaliando, acompanhando, divulgando os índices de mortalidade perinatal e infantil, contribuindo na identificação de fatores de risco e propondo a melhoria da qualidade da assistência à saúde e medidas para a redução dos óbitos. O atual projeto articula a extensão, o ensino e a pesquisa. Na prática do ensino, o projeto tem possibilitado trazer a temática da mortalidade infantil para os conteúdos curriculares dos 3o e 4o períodos da Escola de Enfermagem, através das disciplinas Saúde Coletiva I e Epidemiologia I, onde foram inseridos conteúdos sobre a mortalidade infantil e perinatal, além da estruturação de laboratórios em que são apresentadas as investigações realizadas extraindo-se reflexões sobre a evitabilidade dos óbitos e contato com o tema em questão. Na Escola de Medicina foi criada a disciplina Tópicos em Saúde Coletiva – Vigilância da Mortalidade Infantil I e II que tem como objetivo refletir sobre os fatores ligados à mortalidade infantil, com o referencial teórico necessário, conjuntamente com o conteúdo prático realizado nas atividades em campo, ou seja, desenvolvendo investigações de óbitos e levando essa realidade para o contexto da sala de aula. A extensão, sua principal finalidade, tem sido promovida através da inserção dos bolsistas e voluntários no cotidiano das unidades de saúde, realizando investigações dos óbitos infantis ocorridos na sua área de abrangência, discutindo fatores responsáveis pelo óbito, identificando aspectos relacionados à evitabilidade do mesmo e as ações de saúde dirigidas à prevenção de novas ocorrências. Foram selecionados dois alunos bolsistas (financiados pela Pro-reitoria de Extensão da UFMG) e oito alunos voluntários. Os bolsistas e voluntários foram capacitados nos temas mortalidade infantil e evitabilidade dos óbitos, através de leituras de artigos, apresentação das investigações realizadas, discussão sobre os formulários de investigação, treinamento em técnicas de entrevista, em coleta de dados, na entrada de dados e análise no programa Epi-info. Os alunos participam de um programa de orientação permanente junto aos docentes envolvidos. As atividades dos bolsistas e voluntários envolvem ainda processos de organização das atividades do Comitê, como a estruturação de planilhas para controle dos dados para investigação pelos Comitês Distritais e Hospitalares; análise e conclusão sobre os óbitos; elaboração de resumos e relatórios sobre os casos para divulgação e discussão junto aos serviços de saúde; participação nas discussões sobre evitabilidade junto a estes serviços e retorno dos resultados para os técnicos de hospitais e centros de saúde e em especial para a comunidade. As atividades de extensão implicam, ainda, na participação em atividades com a comunidade, que são realizadas através de visitas domiciliares e preenchimento dos formulários de investigação junto aos familiares, acompanhado de profissional do Centro de Saúde, e visitas aos hospitais e Instituto Médico legal para preenchimento dos formulários de investigações. Os alunos bolsistas de extensão participam ainda da monitoria dos demais alunos. Esse processo visa a capacitá-los a desenvolver ações

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenadoras, [3]docentes, [4]bolsitas, [5]voluntários
Projeto Prevenção do òbito Infantil e Perinatal em Belo Horizonte
Número de Registro SiexBrasil: 1142
Área Temática: Saúde
Escola de Enfermagem e Faculdade de Medicina
Contatos: dcmalta@ufmg.br

e formá-los com enfoque na saúde coletiva, nas necessidades e nas desigualdades sociais e na importância de se desenvolver ações que promovam a equidade em saúde. A atividade de pesquisa tem sido incentivada nas unidades da UFMG, através da integração dos docentes, discentes e técnicos da SMSA na temática da evitabilidade do óbito. Importante salientar que o projeto está articulado com linhas de pesquisas previamente existentes nas duas unidades, buscando na sua integração e convergência, estimular a condução de projetos de pesquisa e publicação dos principais resultados, inserindo docentes, alunos da pós-graduação, bolsistas e alunos. A redução da mortalidade infantil no Brasil é ainda um desafio para os serviços de saúde e a sociedade como um todo. Esta é considerada um indicador da qualidade de vida da população e, apesar do declínio nas taxas, a velocidade de queda está aquém do desejado. A situação é agravada quando se reconhece que, em sua maioria, essas mortes precoces podem ser consideradas evitáveis, determinadas pelo acesso em tempo oportuno a serviços qualificados de saúde (LANSKY et al, 2002a). Acrescente-se a isso o fato de que a mortalidade infantil não se distribui de maneira homogênea na população, estando o risco de morrer relacionado com o seu nível sócio-econômico e a desigualdade social na nossa sociedade. Tal condição tem gerado graves disparidades na chance de sobrevida das crianças (MALTA et al., 2001). A queda na mortalidade infantil observada em Belo Horizonte na última década ocorreu basicamente às custas de redução da mortalidade pós-neonatal (28 dias a 1 ano vida), passando de 54,1 óbitos por mil nascidos vivos em 1980 para 18,2 em 1999. Essa redução foi decorrente de vários fatores como as intervenções ambientais, melhoria do saneamento básico, ampliação do acesso a serviços de saúde, avanço das tecnologias assistênciais, em especial a imunização e a terapia de reidratação oral, melhoria do grau de instrução das mulheres, diminuição da taxa de fecundidade, entre outros. Como decorrência, a mortalidade neonatal (0 a 27 dias de vida) passou a ser o principal componente da mortalidade infantil em termos proporcionais a partir dos anos 90 e, diferentemente do observado na mortalidade pós-neonatal, manteve-se estabilizada em níveis elevados até 1999. A partir daquele ano foi detectada uma significativa redução do componente neonatal precoce (30% em dois anos) e em 2001 a taxa de mortalidade infantil foi de 14,1 para cada mil nascidos vivos, queda atribuída, em parte, às ações de saúde desenvolvidas pela Comissão Perinatal da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, dirigidas à melhoria do acesso e da assistência à saúde da gestante e ao recém-nascido (BELO HORIZONTE, 2001). A maioria dos óbitos infantis ocorre no primeiro dia de vida e um número significativo acontece ainda nas primeiras horas de vida, evidenciando a estreita relação entre os óbitos infantis e a assistência de saúde em maternidades. Tanto quanto a mortalidade pós-neonatal, a mortalidade neonatal está vinculada a causas preveníveis, relacionadas ao acesso e utilização dos serviços de saúde, além da qualidade da assistência pré-natal, ao parto e ao recém-nascido (LANSKY et al, 2002b; HARTZ, 1996). A redução da mortalidade aos níveis desejados deverá ocorrer através da mobilização dos profissionais, serviços de saúde e de toda a sociedade. Um dos fatores importantes nessa mobilização é a investigação dos óbitos, que pode adicionar informações que não estão disponíveis ou, são de baixa confiabilidade nas declarações de óbitos, permitindo assim identificar sua relação com os fatores de risco, além dos diversos aspectos da assistência de saúde relacionados com os óbitos, possibilitando, dessa maneira, a identificação das intervenções de saúde mais eficazes para a redução da mortalidade considerada prevenível. A redução da mortalidade infantil em Belo Horizonte é ainda um desafio, pois essas mortes precoces podem ser consideradas evitáveis, determinadas pelo acesso em tempo oportuno a serviços qualificados de saúde e relacionadas com o nível sócio-econômico da população, o que gera graves disparidades na chance de sobrevida das crianças. A classificação dos óbitos quanto à evitabilidade é realizada segundo o enfoque de Wigglesworth (1980), que classifica óbitos perinatais em cinco grandes grupos mutuamente excludentes: óbitos antes do trabalho de parto, malformações congênitas, condições associadas com prematuridade ou imaturidade, óbitos intraparto (óbitos relacionados com eventos que ocorreram durante o nascimento) e, por último, óbitos ocorridos por condições específicas. Esta classificação originou-se de estudos de observação clínica e anatomo-patológica, visando refletir sobre as causas determinantes dos óbitos e implicações na sua abordagem no que se refere à prevenção e manejo clínico (WIGGLESWORTH 1980; KEELING et al., 1989; LANSKY et al., 2002a). Cada grupo de classificação destes óbitos se relaciona com momentos da assistência, apontando falhas no atendimento à gestante e ao recém- nascido.

Objetivos

Promover parceria/ação integrada entre UFMG/SMSA/PBH contribuindo para o êxito das ações de redução do óbito infantil e perinatal em Belo Horizonte, especialmente nas áreas de risco; apoiar as atividades do Comitê de

Prevenção da Mortalidade Infantil e Perinatal, nas suas ações de analisar e monitorar a distribuição dos óbitos infantis e perinatais; investigar os óbitos infantis e perinatais de residentes no município; identificar os fatores de risco; divulgar de forma sistemática os índices de mortalidade perinatal e infantil às instituições, profissionais e comunidade através de boletins, reuniões, seminários, entre outros, para ampla discussão e proposição de medidas para a sua redução; ampliar as linhas de investigação e pesquisa existentes sobre mortalidade infantil, objetivando seus determinantes e melhoria da qualidade de vida e equidade; ampliar a interface com o SUS, contribuindo nas investigações sobre acesso e qualidade dos serviços de saúde; ampliar a percepção dos alunos quanto ao quadro sanitário, as causas dos óbitos infantil e perinatal, desigualdades intraurbanas, aspectos relacionadas à assistência, acesso aos serviços e educação em saúde; ampliar a inserção dos alunos da UFMG nos serviços de saúde, abrindo novos campos de estágio e extensão, que permitam ampliar sua compreensão sobre os serviços de saúde e SUS, incentivando a sua formação como profissionais de saúde compromissados com a saúde coletiva; incentivar e subsidiar a estruturação de comitês hospitalares; promover a melhoria da qualidade do preenchimento da declaração de óbito através de treinamentos e reuniões com profissionais de saúde; propor medidas para a redução da mortalidade perinatal e infantil e melhoria da qualidade da assistência à saúde.

Metodologia
Foram investigados todos os óbitos de crianças residentes em Belo Horizonte, considerando-se caso para a investigação os óbitos fetais e neonatais de crianças com peso ao nascer acima de 1500 g e todos os óbitos pós-neonatais (excluindo-se os óbitos por malformação congênita), selecionados a partir das declarações de óbito.
As investigações dos óbitos ocorridas na área de abrangência de Centros de Saúde consistem em avaliar os fatores responsáveis pelo óbito, identificando aspectos relacionados à evitabilidade do mesmo, procedendo à busca de informações junto às famílias e nos prontuários (unidades de Saúde e hospitais). O resultado da investigação dos óbitos é devolvido às instituições e aos profissionais que participaram do processo assistencial, seja através de reuniões, seminários e, futuramente, através de boletins informativos e publicações, possibilitando ampla discussão e proposição de medidas para a sua redução. Foram utilizados formulários e manuais de instruções específicos para cada tipo de óbito, contendo a entrevista domiciliar e levantamento dos registros de prontuários dos serviços de saúde. As investigações domiciliares e dos serviços de atenção primária e urgências foram realizadas pelas equipes de Centros de Saúde e Distritos Sanitários da SMSA e alunos da extensão da UFMG.. As investigações hospitalares foram realizadas pelos Comitês Hospitalares, alunos bolsistas e voluntários de extensão da UFMG, juntamente com um representante do Comitê. As investigações no Instituto Médico Legal foram realizadas pelos bolsistas da extensão. A análise dos casos foi realizada em conjunto com a Coordenação do Comitê, utilizando-se metodologia com enfoque na evitabilidade dos óbitos, que classifica cada óbito investigado conforme proposta de Wigglesworth (1980).

Resultados e Discussão
Serão apresentados a seguir os principais resultados das investigações realizadas pelo Comitê e pelo projeto de Extensão, no período de maio de 2002 a abril de 2003. Em um ano de trabalho foram recebidos 339 Declarações de Óbito. Aplicando-se o critério de seleção de caso (óbitos fetais e neonatais com peso ao nascer maior que 1500g e todos os óbitos pós-neonatais, excluindo malformação congênita), 293 casos foram selecionados para o estudo (86,4%) e 46 casos (13,6%) foram excluídos (Tabela 1). Os motivos de exclusão desses 46 casos foram: 34,8% (n = 16) possuíam peso menor que 1500g, 28,0% (n = 13) malformação congênita, 24,0% (n = 11) óbitos ocorridos em outros municípios, 4,4% (n = 2) óbitos ocorridos em crianças maiores de 1 ano, 4,4% (n = 2) foram por síndromes (Síndrome de Cimitarra e Síndrome de Prader-Welli) e os outros 4,4% (n = 2) foram por causa ignorada (Tabela 2). Das 293 investigações conduzidas no período, 236 (80,6%) foram concluídas e 57 (19,4%) encontram-se em andamento. Houve um incremento no andamento das investigações com a entrada dos alunos da extensão, o que motivou os técnicos dos serviços e possibilitou maior agilidade dos processos internos (Tabela3). Quanto ao local de ocorrência do óbito, dos 293 casos selecionados para estudo, 93,2% (n = 273) ocorreram em hospitais, 4,0% (n = 12) ocorreram em Centro de Saúde ou Posto de Atendimento Médico, 2,8% (n = 8) ocorreram em domicílio. Os casos ocorridos em domicílio revelam a dificuldade de acesso aos serviços de saúde ainda existente (Tabela 4). Quanto à faixa etária, a maioria foi óbitos fetais 48,5% (n = 142); seguidos dos óbitos neonatais

precoces que somam 25,6% (n = 75) dos óbitos; os óbitos neonatais tardios corresponderam a 17,0% (n = 50) e os óbitos pós-neonatais representaram a menor parcela 8,9% (n= 26). Essa distribuição demonstra a maior participação da mortalidade perinatal e neonatal no contexto atual (Tabela 5). Em relação ao peso chama a atenção o alto percentual (27,7%; n = 81) de crianças acima de 3000g, as crianças com peso ao nascer (PN) entre 2500 a 2999g foram 17,4% (n=51); com PN entre 2000 e 2499g foram 19,8% (n = 58), e com PN entre 1500 e 1999g foram 19,1% (n = 56) e crianças que não possuem registro de peso ao nascer foram 16% (n=47) (Tabela 6). Quanto à classificação de evitabilidade segundo Wigglesworth 50,2% (n = 147) tiveram uma classificação de evitabilidade, o que mostra o potencial de óbitos evitáveis no município (Tabela 7). Estes números chamam a atenção sobre a necessidade do envolvimento dos profissionais de saúde, gestores, universidade e outros, no trabalho da pesquisa das causas e na busca da prevenção do óbito infantil.

Produtos Gerados
A partir das demandas deste projeto foi criada na Faculdade de Medicina a disciplina Tópicos em Saúde Coletiva-Vigilância de Mortalidade Infantil I e II, com 15h de duração abrangendo a parte teórica e prática. Nesta disciplina foram matriculados 18 alunos, dentre estes estavam os bolsistas e voluntários deste projeto de extensão; apresentação no Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva; resumo nos ANAIS do Congresso Internacional de Fonoaldiologia; apresentação no Fórum Social Brasileiro; palestra na reunião nacional sobre Saúde da Criança no Ministério da Saúde; apresentação do Projeto para alunos matriculados nas disciplinas: Epidemiologia do sexto período da Faculdade de Medicina e quarto período de Enfermagem.

Conclusão
Mesmo considerando os avanços realizados no município em relação à redução da mortalidade infantil, conclui-se que esta ainda constitui um desafio pois, em sua maioria, estas mortes precoces podem ser consideradas evitáveis. A parceria em questão envolve diversos atores, somando esforços na perspectiva de redução do óbito infantil em Belo Horizonte, especialmente nas áreas de risco da cidade. Podemos contabilizar outros avanços no andamento do projeto como a ampliação da interface do ensino de graduação com o Sistema Único de Saúde, além de contribuir com a abertura de novos campos de estágio e extensão, ampliando a compreensão dos alunos sobre o quadro sanitário, incentivando a sua formação como profissionais de saúde compromissados com a saúde coletiva. Essa última dimensão tem aumentado a percepção nos alunos sobre as causas de óbito infantil, as desigualdades intraurbanas, os aspectos relacionados à assistência e ao acesso a serviços, e educação em saúde. Ressalte-se a importância do fomento às linhas de investigação e pesquisas existentes sobre mortalidade infantil, identificando os seus determinantes e a melhoria da qualidade de vida e equidade. Nos serviços de saúde o projeto tem possibilitado a discussão sobre a qualidade assistencial, a dificuldade de acesso, as práticas profissionais, levando a intensos debates e buscas na melhoria da assistência. Nos serviços conveniados têm sido incentivada a criação de comitês hospitalares de prevenção ao óbito infantil, promovendo a melhoria da percepção dos fatores resultantes no óbito, melhorando a qualidade da assistência à saúde, além da melhoria da qualidade do preenchimento da declaração de óbito e consequentemente das informações. A maior beneficiária deste projeto é a população infantil de Belo Horizonte e suas famílias, devido ao alcance da ação, que deverá causar impacto positivo na redução do óbito infantil. Este benefício estende-se à população em geral, pela melhoria de indicadores de saúde, em especial a mortalidade infantil. Essa parceria traduz o envolvimento interinstitucional, mobilizando profissionais, serviços de saúde e toda a sociedade, somando esforços em um projeto em Defesa da Vida.

Parcerias
Secretaria Municipal de Saúde e Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Perinatal da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte.

Referências
BELO HORIZONTE, Secretaria Municipal de Saúde/ Comissão Perinatal de Belo Horizonte – Projeto do Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Perinatal em Belo Horizonte. mimeo, 2001.
LANSKY, S.; FRANÇA, E.; LEAL, M.C. Mortalidade perinatal e evitabilidade: revisão da literatura. Rev. Saúde

Pública; v.36, n.6, p.759-772, 2002.
LANSKY, S.; FRANÇA, E.; LEAL, M.C. Mortes perinatais evitáveis em Belo Horizonte, Minas Gerais,1999. Cadernos de Saúde Pública,Rio de Janeiro, v.18, n.5, p.1389-1400, set-out, 2002.
MALTA, D.C.et al. A mortalidade infantil em Belo Horizonte, Minas Gerais, por área de abrangência dos Centros de Saúde (1994-1996). Cadernos Saúde Pública, v.17, n.5, p.1189-1198, set-out, 2001.
HARTZ, Z. M. A. Mortalidade Infantil "evitável" em duas cidades do Nordeste do Brasil: indicador de qualidade do sistema local de saúde. Revista de Saúde Pública; v.30, n.4, p.310-318, 1996
WIGGLESWORTH, J. S. Monitoring perinatal mortality: a pathophysiological approach. The Lancet, v.2, p.684-686,set 27, 1980.
KEEL ING, J. W. et al. Classification of perinatal death. Archives of Disease in Childhood, v.64, p. 1345-1351, 1989.

Anexos

Tabela 1- Distribuição dos óbitos pelo Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Perinatal por critérios para investigação. Belo Horizonte maio 2002 - abril de 2003

Casos estudados	N	%
Total de casos selecionados	293	86,4
Total de casos excluídos	46	13,6
Total de casos recebidos	339	100,0

Fonte: Comitê de Prevenção do óbito Infantil – Fichas de Investigação de Óbito/ Atenção à Criança/ SMSA

Tabela 2- Distribuição dos óbitos pelo Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Perinatal por causas de exclusão. Belo Horizonte maio 2002 - abril de 2003

Motivo da exclusão	N	%
peso <1500g	16	34,8
malformação congênita	13	28,0
Residentes de outros municípios	11	24,0
Síndromes (Cimitarra e Prader-Welli)	2	4,4
Maiores de 1 ano de idade	2	4,4
Ignorado	2	4,4
Total	46	100,0

Fonte: Comitê de Prevenção do óbito Infantil – Fichas de Investigação de Óbito/ Atenção à Criança/ SMSA

Tabela 3- Distribuição das investigações concluídas e em andamento pelo Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Perinatal. Belo Horizonte maio 2002 - abril de 2003

Casos selecionados	N	%
Investigações concluídas	236	80,6
Investigações em andamento	57	19,4
Total	293	100,0

Fonte: Comitê de Prevenção do óbito Infantil – Fichas de Investigação de Óbito/ Atenção à Criança/ SMSA

Tabela 4- Distribuição dos óbitos selecionados para investigação pelo Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Perinatal por local de ocorrência. Belo Horizonte maio 2002 - abril de 2003

Local de ocorrência dos óbitos selecionados para estudo	N	%
Hospitais	273	93,2
CS e PAM	12	4,0
Domicílio	8	2,8
Total	293	100,0

Fonte: Comitê de Prevenção do óbito Infantil – Fichas de Investigação de Óbito/ Atenção à Criança/ SMSA

Tabela 5- Distribuição dos óbitos investigados pelo Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Perinatal por faixa etária. Belo Horizonte maio 2002 - abril de 2003

Tipo de óbito	N	%
Obito fetal	142	48,5
Óbito neonatal precoce	75	25,6
Óbito neonatal tardio	50	17,0
Óbito pós-neonatal	26	8,9
Total	293	100,0

Fonte: Comitê de Prevenção do óbito Infantil – Fichas de Investigação de Óbito/ Atenção à Criança/ SMSA

Tabela 6- Distribuição dos óbitos investigados pelo Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Perinatal por faixa de peso ao nascer. Belo Horizonte maio de 2002 a abril de 2003

Peso ao nascer (g)	N	%
1500 - 1999	56	19,1
2000 - 2499	58	19,8
2500 - 2999	51	17,4
Acima de 3000	81	27,7
Ignorado	47	16,0
Total	293	100,0

Fonte: Comitê de Prevenção do óbito Infantil – Fichas de Investigação de Óbito/ Atenção à Criança/ SMSA

Tabela 7- Distribuição dos óbitos investigados pelo Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Perinatal quanto classificação de evitabilidade*. Belo Horizonte maio 2002 - abril 2003

Classificação evitabilidade	N	%
Foram classificados	147	50,2
Não classificados	146	49,8
Total	293	100,0

Fonte: Comitê de Prevenção do óbito Infantil – Fichas de Investigação de Óbito/ Atenção à Criança/ SMSA
**Foi adotada a classificação evitabilidade de WIGGLESWORTH (1980).*

O ABANDONO DA CONSULTA DE ENFERMAGEM POR MÃES ADOLESCENTES EM UM CENTRO DE SAÚDE DE BELO HORIZONTE

Anézia Moreira Faria Madeira[1], Kenia Ribeiro Gabriel [2], Cíntia Alves Araújo[3]

Introdução

A consulta de enfermagem é uma atividade implícita nas funções do enfermeiro que, usando de sua autonomia profissional, assume a responsabilidade quanto às ações e intervenções de enfermagem a serem determinadas frente aos problemas detectados, com a finalidade de prestar os cuidados que se fizerem necessários; ministrar orientações indicadas no momento; encaminhar para outros profissionais quando a competência de resolução do problema fugir do seu âmbito de ação (CAMPEDELLI, 1988)1. A consulta de enfermagem à criança, é uma das atividades realizadas pelo enfermeiro dentro do sistema de saúde, com a finalidade de produzir serviços destinados a alcançar os objetivos do Programa de Atenção Integral à Saúde da Criança-PAISC. Este programa foi instituído pelo Ministério da Saúde em 1984, com o propósito de desenvolver um acompanhamento sistemático do crescimento e desenvolvimento, bem como resolver, a partir das unidades básicas de saúde, a maioria dos agravos à saúde da criança menor de cinco anos de idade (BRASIL, 1984)2. O acompanhamento e a avaliação contínua do crescimento e desenvolvimento da criança põe em evidência, precocemente, os transtornos que afetam a sua saúde e, fundamentalmente, sua nutrição, sua capacidade mental e social. É capaz, ainda, de permitir a visão global da criança, inserida no contexto em que vive, individualizada na sua situação pregressa e evolutiva, humanizando o atendimento, na medida em que se conhece melhor as suas relações no ambiente familiar (BRASIL, 2003)3. Com a implantação e implementação das ações do PAISC, através da consulta de enfermagem nos serviços básicos de saúde, reascende uma nova esperança para a criança em termos da melhoria da assistência prestada e, para o enfermeiro, um melhor posicionamento a nível profissional. As ações governamentais do PAISC voltadas para a prevenção e promoção à saúde da criança contribuíram para o aumento, cada vez maior, do contingente das crianças que vêm sobrevivendo em nosso país, tendo como indicador desse processo a queda na taxa de mortalidade infantil de 70,9 óbitos por 1000 nascidos vivos em 1984, para 28,6 óbitos por 1000 nascidos vivos em 2001 (BRASIL, 2002)4. Em 1997 implantou-se a consulta de enfermagem em um Centro de Saúde de Belo Horizonte/ MG, como forma de se acompanhar o crescimento e desenvolvimento dos filhos de mães adolescentes. Esta atividade passou a fazer parte de um Projeto de Extensão da Escola de Enfermagem da UFMG, intitulado “Assistência Sistematizada à Adolescente e seu filho no Centro de Saúde São Paulo”, no qual integra docentes e alunos/bolsistas da graduação. Inicialmente, com o decorrer do projeto, fomos percebendo que aumentava a cada dia o número de mães adolescentes freqüentes à consulta de enfermagem, sendo necessário ampliarmos o número de consultas diárias. Mas, para nossa surpresa, observávamos que algumas adolescentes, consideradas assíduas, não mais vinham às consultas. Preocupadas com esta situação, sentimos necessidade de desenvolver um estudo que indicasse os motivos que as levaram a abandonar a consulta de enfermagem. Apesar de todo empenho dispensado pelas enfermeiras e alunas bolsistas, na sensibilização das adolescentes para a continuidade do acompanhamento do crescimento e desenvolvimento do filho através da consulta de enfermagem, mesmo assim elas estavam se afastando desta atividade. Isso nos levou a questionar: O que levaria as mães adolescentes a abandonar a consulta de enfermagem direcionada para o crescimento e desenvolvimento de seus filhos? Os motivos do abandono estariam relacionados à forma como são atendidas na consulta? Os seus filhos, atingindo determinada idade, não precisariam mais do acompanhamento do crescimento e desenvolvimento? Deixariam a consulta por não acreditarem nesta atividade? Ou ainda por questões sócio-econômicas culturais?

---

[1]Coordenadora, [2]bolsista (Programa de Bolsas de Extens/ao/Proex), [3]bolsista PAD
Assistência sistematizada à adolescente e seu filho no Centro de Saúde São Paulo.
Número de Registro SiexBrasil: 1165
Área Temática: Saúde
Escola de Enfermagem
Contatos: aneziamfm@enf.ufmg.br e (31) 3284-9864

Objetivos

Identificar os motivos que levaram as mães adolescentes a abandonar a consulta de enfermagem direcionada ao crescimento e desenvolvimento de seu filho, na faixa etária de 0 a 5 anos. Acredita-se que este estudo poderá indicar formas de melhorar a assistência prestada às mães adolescentes e seus filhos no Centro de Saúde, assim como contribuir para a produção científica na enfermagem e na saúde, considerando que ao fazermos o levantamento bibliográfico nas várias fontes de informação do conhecimento, identificamos a carência de temas relacionados com a temática abordada.

Metodologia

Trata-se de estudo exploratório, retrospectivo, realizado no Centro de Saúde São Paulo, unidade da Prefeitura de Belo Horizonte-MG.. Os sujeitos que participaram do estudo foram as adolescentes que abandonaram a consulta de enfermagem, para o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento de seus filhos, atendidas pelo projeto. Foi considerada mãe adolescente, aquela que tinha até 20 anos de idade na data de nascimento de seu filho. Caracterizou-se abandono, a partir de três faltas consecutivas da criança à consulta de enfermagem. A coleta de dados, inicialmente, foi feita por meio do levantamento de todos os prontuários das crianças agendadas no período de fevereiro a dezembro de 2002, em busca de mães adolescentes que abandonaram a consulta de enfermagem. Foram identificados 17 abandonos. Deste total, 13 participaram do estudo, já que 4 mães não residiam mais no bairro. Após o levantamento do número total de abandonos, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com as mães adolescentes em seus domicílios, utilizando-se para isto um questionário contendo questões abertas e fechadas. Este continha dados pessoais e residenciais; além da seguinte questão aberta: “O que levou você a abandonar o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento de seu filho(a)?” (ANEXO). Antes de responder ao questionário, todas as mães adolescentes assinaram um termo de compromisso de livre consentimento, que esclarecia sobre os objetivos da pesquisa, a preservação do anonimato e a importância da participação delas na pesquisa, obedecendo assim, à Resolução 196/965, que trata de pesquisas envolvendo seres humanos. Os dados foram analisados à luz da literatura e de acordo com a experiência das autoras com o objeto de estudo.

Resultados e Discussão

De posse dos prontuários das crianças, identificamos um total de 56 mães adolescentes que freqüentaram a consulta de enfermagem direcionada ao crescimento e desenvolvimento do filho em 2002. Destas, 17 mães abandonaram a consulta e, 13 participaram do estudo. A análise do estudo foi dividida em dois momentos: inicialmente caracterizamos a população estudada e posteriormente levantamos os motivos que levaram ao abandono da consulta de enfermagem, de acordo com os relatos das mães adolescentes. Das 13 mães adolescentes que participaram do estudo, 38,46% tinham de 17 a 19 anos e 61,54% de 20 a 22 anos, como é mostrado no gráfico 1.

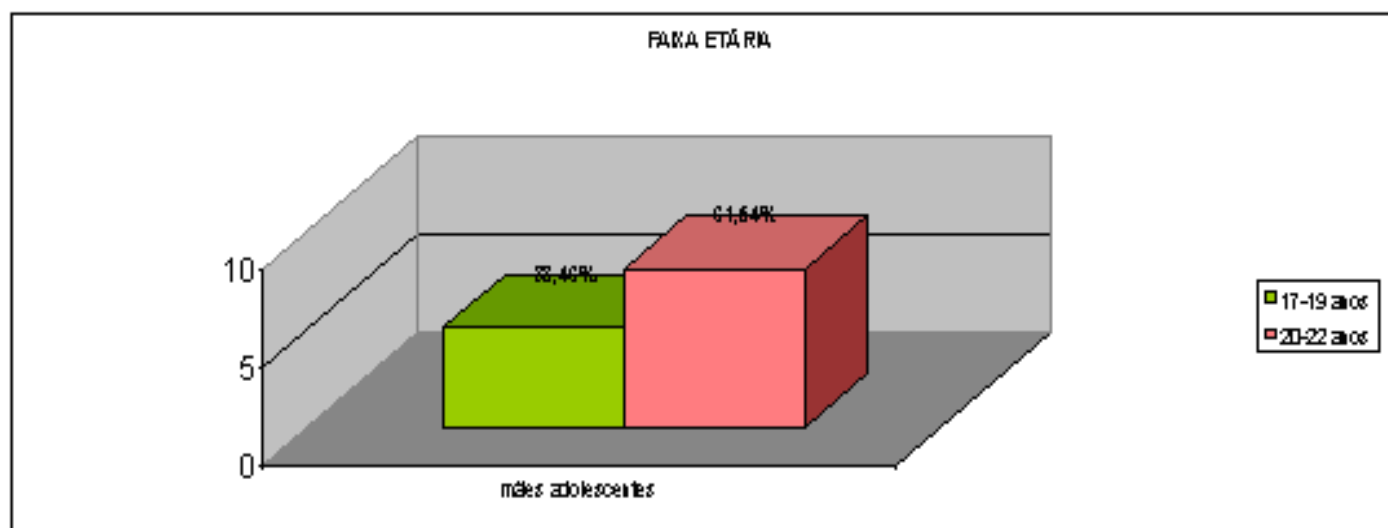



Gráfico 1-Mães adolescentes que abandonaram a consulta de enfermagem, segundo faixa etária.CSSP- Belo Horizonte/MG-2002.

A adolescência é definida, cronologicamente, pela OMS, como a faixa etária compreendida entre 10 a 20 anos. No estudo a idade de 22 anos, apesar de não se caracterizar como adolescência, foi considerada porque as adolescentes que abandonaram a consulta de enfermagem iniciaram no projeto ainda com 20 anos. O gráfico 1 apresenta um percentual maior de mães adolescentes acima dos 19 anos, que abandonaram a consulta de enfermagem. Contrariamente ao que é apresentado na literatura, e discursado pelos profissionais de saúde, de que quanto mais jovem, mais irresponsável o é. Em relação ao estado civil das adolescentes, o gráfico 2 evidencia que 69,23% são solteiras; 30,77% amasiadas e nenhuma é casada.

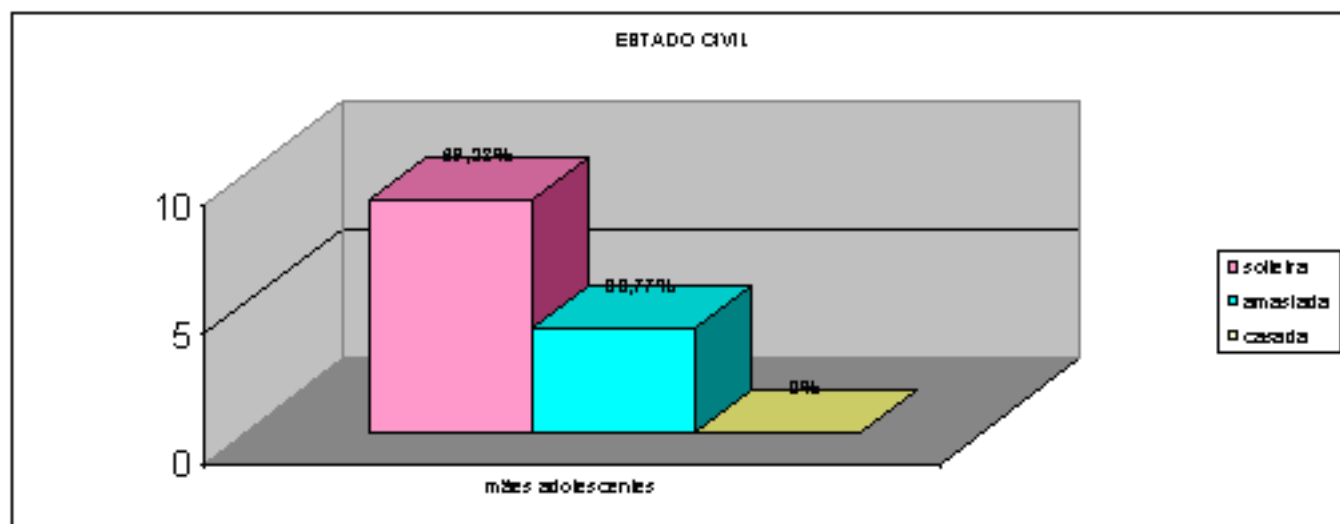



Gráfico 2- Mães adolescentes que abandonaram a consulta de enfermagem, segundo estado civil. CSSP-Belo Horizonte/MG-2002.

Pode-se inferir, pelos achados da pesquisa, que a presença do companheiro como co-participante nos cuidados dos filhos, é fator facilitador para que a mãe continue freqüentando a consulta de enfermagem. Na nossa prática é comum a vinda do casal ao "controle" da criança. Além disso, por sabermos que grande parte delas vive com seus familiares, consideramos também haver alguma influência nos cuidados assumidos pelas adolescentes com o filho, por exemplo, o acompanhamento do seu crescimento e desenvolvimento. Machado et al. (2003)6, em estudo realizado acerca das percepções da família sobre a forma como a adolescente cuida do filho, afirmam que muitas condutas assumidas pelas adolescentes, contrárias ao que é recomendado pelo serviço de saúde, são decorrentes da dependência financeira à família para sobreviverem, ficando muitas vezes indecisas sobre qual conduta tomar. Apresentamos no gráfico 3 o abandono da consulta de enfermagem conforme o grau de escolaridade das mães adolescentes. Como podemos observar, 46,15% possuem o 1o grau incompleto; 15,38% apenas o 1o grau; 23,08% o 2o grau incompleto e 15,39% o 2o grau completo.

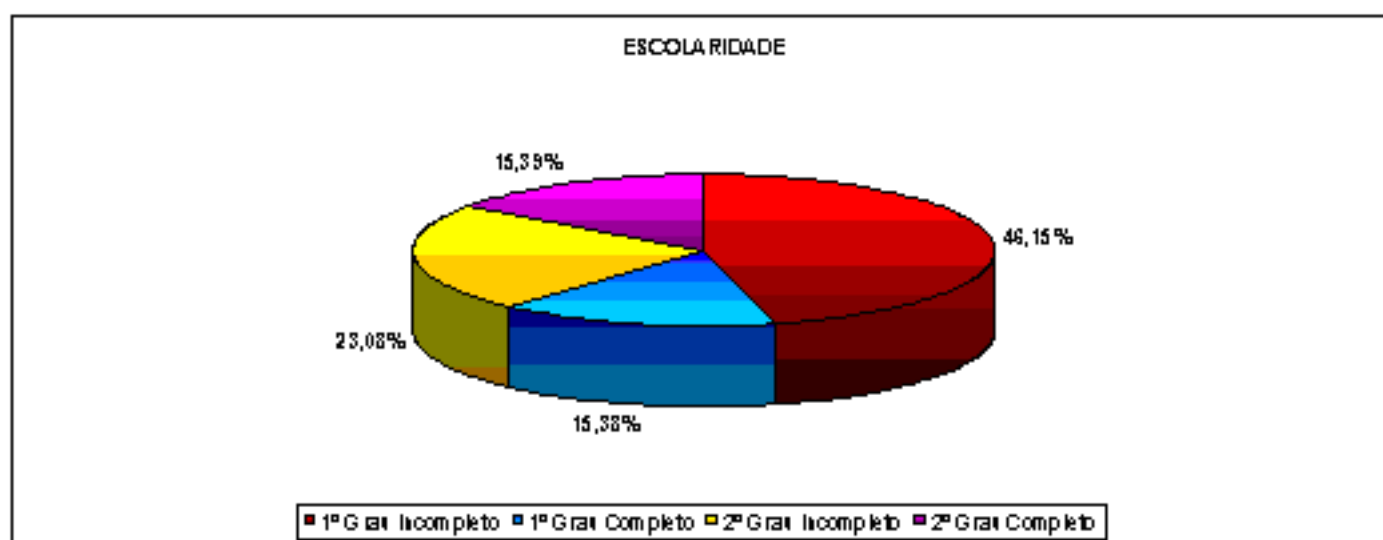



Gráfico 3- Mães adolescentes que abandonaram a consulta de enfermagem, segundo escolaridade. CSSP-Belo Horizonte/MG-2002.

Sabemos que o fator educação é ponto positivo para assimilação e aplicação das orientações recebidas durante a consulta de enfermagem. Quanto maior o grau de escolaridade, mais possibilidade a adolescente terá de cuidar melhor do filho. O cuidar bem implica em dar continuidade ao acompanhamento do crescimento e desenvolvimento até a alta da criança. O grau de escolaridade das mães é um fator influenciador do estado de saúde da criança. Segundo ALMEIDA et al. (1999)7, em um estudo avaliando a influência do grau de escolaridade dos pais sobre o estado nutricional dos filhos, houve associação entre a subnutrição das crianças e a baixa escolaridade dos pais, que interfere na escolha dos alimentos no que diz respeito à sua qualidade e adequação. A análise do gráfico 4 nos mostra que 53,85% das adolescentes que abandonaram a consulta de enfermagem não exercem nenhuma atividade fora do lar e 46,15% trabalham fora.

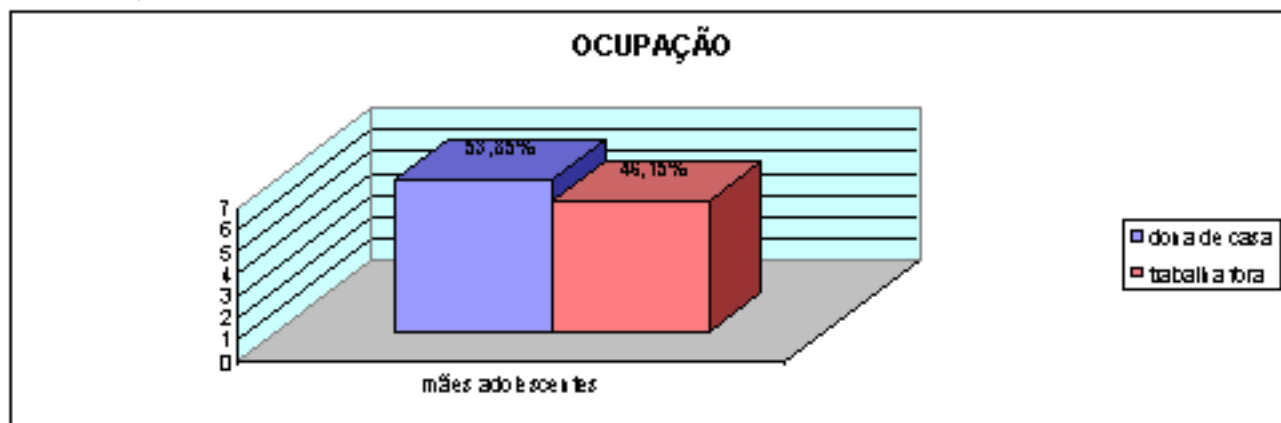



Gráfico 4- Mães adolescentes que abandonaram a consulta de enfermagem, segundo ocupação. CSSP-Belo Horizonte/MG-2002.

Pressupomos que a mãe adolescente tendo mais tempo em se dedicar ao filho, naturalmente, se preocupa mais com a sua saúde, dando continuidade ao acompanhamento do crescimento e desenvolvimento da criança. No entanto, os achados do estudo retratam o contrário, já que as mães que mais abandonaram a consulta, foram as que exercem atividades no lar. A nosso ver, a cotidianidade dos cuidados maternos, atrelada à ausência de intercorrências de saúde, faz com que as mães adolescentes percebam o filho como “saudável”, culminando assim no abandono do acompanhamento do crescimento e desenvolvimento. Conforme observamos no gráfico 5, o fato da mãe adolescente residir em bairro ou favela, não influenciou significativamente no abandono da consulta de enfermagem; pois 53,85% moram em bairro e 46,15% em favela, mostrando assim uma aproximação relativa nesta variável. Vale ressaltar que as moradias, em sua grande maioria, estão localizadas próximo ao Centro de Saúde, o que não justifica o abandono da consulta de enfermagem.

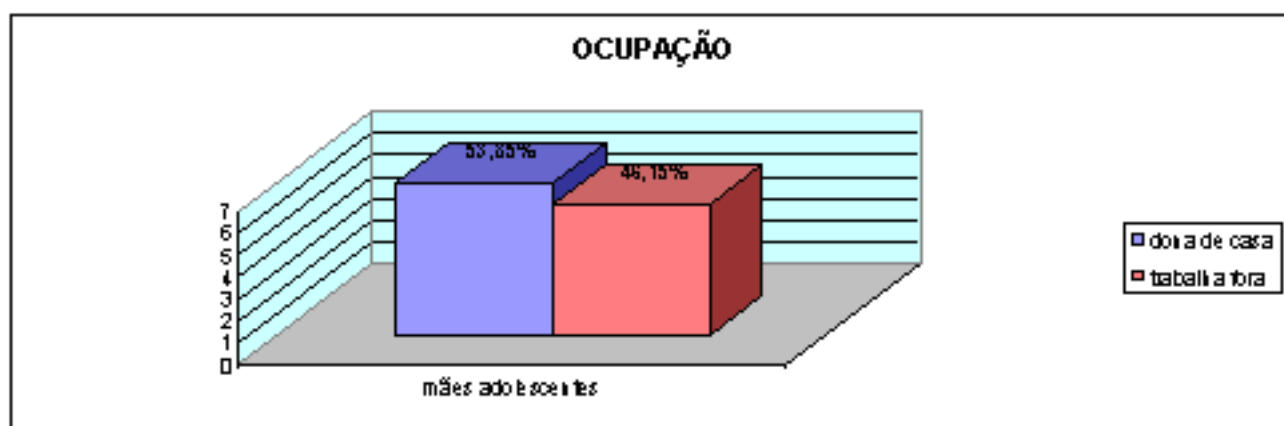



Gráfico 5- Mães adolescentes que abandonaram a consulta de enfermagem, segundo a localização da moradia. CSSP-Belo Horizonte/MG-2002.

Ao questionarmos as adolescentes sobre os motivos que as levaram a abandonar a consulta, alegaram: A ausência de problemas de saúde na criança (15,38%); transferência do acompanhamento do crescimento e desenvolvimento para o pediatra (15,38%); transferência da responsabilidade em levar o filho à consulta de enfermagem para os

familiares (7,69%); dificuldade de remarcação de consultas (23,08%); falta de estímulo às mães por parte dos profissionais para dar continuidade ao acompanhamento do crescimento e desenvolvimento de seu filho (23,08%); e a não remarcação dos retornos (53,84%). Evidencia-se a não remarcação dos retornos como o motivo principal que levou as adolescentes a abandonar a consulta. Na sistematização da consulta de enfermagem, o retorno faz parte das condutas do enfermeiro; cabe, portanto, garantir o retorno da adolescente, para que ela dê continuidade ao acompanhamento do crescimento e desenvolvimento do filho.

Conclusão

Dentre os fatores que levaram as mães adolescentes a abandonar a consulta de enfermagem, apresentados pela pesquisa, verificamos que em muitos deles é possível a intervenção do profissional enfermeiro. A deficiência de informações por parte das mães adolescentes tanto sobre a necessidade de dar continuidade ao acompanhamento do crescimento e desenvolvimento do filho, quanto sobre a importância deste programa na prevenção de doenças e na promoção da saúde, são exemplos de falhas ocorridas na consulta de enfermagem que contribuíram para o abandono da mãe à consulta da criança. A pediatria trata de pessoas essencialmente dependentes de fatores familiares e ambientais, de modo que é necessária uma intensa ação educativa sobre a família e a comunidade, a fim de garantir que orientações sejam dadas para facilitar o suprimento das necessidades da criança; necessidades biológicas e psicossociais específicas que, são inerentes ao processo de crescimento e desenvolvimento humanos, predominantemente nos primeiros anos de vida (DUPAS, 1993)8. Frente o desafio de trabalhar com a consulta de enfermagem direcionada para o acompanhamento do crescimento e desenvolvimento da criança, ao lidarmos com as mães adolescentes, devemos utilizar uma linguagem simples e acessível e dispormos de mais tempo para orientá-las; facilitando o entendimento das informações repassadas. Além disso, é importante procurarmos conhecer seus recursos sócio-econômicos e suas particularidades culturais, para transformarmos nossas orientações em medidas acessíveis à realidade de cada uma. Dentro do contexto da pesquisa, as visitas domiciliares surgem como proposta para os profissionais de saúde, como forma de resgatar estas mães adolescentes que abandonaram a consulta de enfermagem, na tentativa de que dêem continuidade ao acompanhamento do crescimento e desenvolvimento dos seus filhos. Faz-se necessário, também, a sensibilização dos demais profissionais que atuam no Centro de Saúde, no sentido de divulgarem melhor o projeto de assistência à mãe adolescente e seu filho, a fim de estimulá-la a continuar freqüentando a consulta de enfermagem.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão e Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Referências

CAMPEDELLI, M. C.; FRIEDLANTER, M. R. Cuidados com recém-nascidos e puérperas executados por enfermeira durante a consulta de enfermagem. Rev. Gaúcha de Enfermagem. Porto Alegre, v. 9, nº 2, p. 82-89, dez. 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Programa de Assistência Integral à Saúde da Criança: ações básicas. Brasília, Centro de Documentação do Ministério da Saúde, 1984 (Textos Básicos de Saúde, 7).

BRASIL. Ministério da Saúde. Crescimento e desenvolvimento. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/sps>. Acesso em 15 jul. 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde. Atenção Integrada às Doenças Prevalentes na Infância (AIDPI). Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Resolução 196/96. Inform. Epidemiol. SUS. Brasília, n.6, p. 12-41, abr./jun. 1996.

MACHADO, F. N. et al. Percepções da família sobre a forma como a adolescente cuida do filho. Rev. Esc. Enfermagem USP. São Paulo, v. 37, nº 1, p. 11-8, 2003.

ALMEIDA, C. A. N. et al. Determinação da influência da escolaridade dos pais no estado nutricional de crianças. Rev. Pediatria Moderna. São Paulo, v. 35, nº 9, p. 707-12, 1999.

DUPAS, G. Considerações sobre o estado de saúde da criança. Rev. Esc. Enfermagem USP. São Paulo, v. 27, nº 3, p. 362-71, dez. 1993.

Anexo

FORMULÁRIO PARA COLETA DE DADOS

Nº do Prontuário: _____________________.

1- Nome da adolescente: ____.
2- Nome(s) do(s) filho(s): ____.
3- Idade da adolescente: ___________anos.
4- Estado civil: ( ) casada ( ) amasiada ( ) solteira
5- Escolaridade: ( ) analfabeta ( ) 1º Grau Incompleto. Estudou até______série.
( ) 1º Grau Completo ( ) 2º Grau Incompleto. Estudou até ______série.
( ) 2º Grau Completo
6- Ocupação: ____.
7- Com quem mora:
( ) pai da criança ( ) próprios pais ( ) amigos
( ) outros parentes. Especifique: ____.
8- Endereço atual: ____
____.
9- Local onde mora: ( ) casa ( ) barraco ( ) outros. Especifique; ________________.
10- Onde mora é: ( ) adquirido ( ) cedido ( ) alugado. Valor do aluguel_________.
11- Nº de cômodos: _______ 12- Nº de moradores: ________
13- Localização da moradia: ( ) bairro ( ) favela
14- Saneamento:
a) Água: ( ) água própria tratada(Copasa) ( ) água cedida
( ) outros. Especifique_______________________________.
b) Esgoto: ( ) esgoto canalizado ( ) fossa séptica ( ) fossa rudimentar
( ) outros. Especifique_______________________________.
15- O que levou você a abandonar a consulta de enfermagem para acompanhamento do crescimento e desenvolvimento de seu filho (“controle”)?
____
____

PROPOSTA DE AMPLIAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO LÚDICO-SOCIALIZANTE - SERVIÇO DE TERAPIA OCUPACIONAL, HC/UFMG

Wilma Guimarães[1], Patrícia Machado Albernaz, Vânia Maria Fernandes Nunes[2], Karine Silva Santos, Ana Maria Correa de Paula, Lilian de Castro Silva, Débora Mariz, Lilian Brasil Nogueira[3], Mercedes Queiroz Zuliani, Hândula Janine S. Leandro, Zélia Maria Machado Pinheiro, Bruna Cristina de Faria Silva, Érica Ellen Braga Fialho, Patrícia Assis Nunes, Valdiane Alves Leal, Darlene Prates Costa[4]

Introdução
"O homem tem uma natureza ocupacional ...em atividade é, antes de tudo um homem vivo. A inércia absoluta corresponde à morte. Ócio enquanto morte da atividade, significa não só a morte do homeme, mas um retorno do mesmo a um estágio anterior de seu desenvolvimento" (CHAMONE, 1981). Historicamente, a Terapia Ocupacional sempre utilizou atividades/ocupações de diferentes naturezas para a realização de ações de promoção, prevenção, tratamento, cura e reabilitação. No Hospital das Clínicas/UFMG (unidades de internação e ambulatórios), os brinquedos, livros e jogos, adaptados ou não, materiais e ferramentas para trabalhos manuais e outros, são recursos terapêuticos utilizados com objetivos específicos variados, de acordo com as áreas de atuação, necessidades e possibilidade apresentadas pelos pacientes de diferentes faixas etárias (crianças, adolescentes, adultos e idosos). "Kilhofner (1994) propondo uma definição para ocupação, escreve: ocupação é a atividade dominante dos seres humanos que inclui além das atividades formais e produtivas, comportamentos jocosos, criativos, prazeirosos. É o resultado de processos evolutivos que culminam numa necessidade biológica, psicológica e social da atividade lúdica e produtiva"(Apud Caníglia, 1991). Entendemos que a ludicidade, o lazer, "a recreação apresenta valores específicos para todas as fases da vida humana" (GAELZER, 1979), tendo estas atividades caráter pedagógico, formativo, compensador. Tais atividades canalizam as tendências anti-sociais, favorecem o equilíbrio emocional, alivia as tensões individuais, age como elemento integrador e unificador e amplia as oportunidades do desenvolvimento cultural. Em 1993, percebemos que muitos pacientes adolescentes e adultos que procuravam o Setor queriam "somente algo para passar o tempo mais depressa...", "alguma coisa para distrair..., pra brincar junto com o colega da enfermaria", "para descontrair, relaxar". Até mesmo alguns pacientes que estavam em atendimentos específicos, individual ou grupal (muito freqüente naquela época), ao final destes, solicitavam empréstimos de livros, revistas e jogos a serem levados para as enfermarias, principalmente quando chegava o final da semana ou feriados, quando não havia atendimento de Terapia Ocupacional. Passamos a registrar, sistematicamente, os empréstimos destes materiais, dando as orientações pertinentes para seu uso. Diante da crescente demanda espontânea, em maio de 1994 realizamos a primeira campanha de doações, dentro do HC-UFMG, solicitando jogos, livros, revistas, fitas para audio e vídeo, equipamentos eletrônicos e outros materiais, a fim de ampliar os poucos recursos existentes utilizados para atender os pacientes adolescentes e adultos nas unidades de internação (Hospital São Vicente de Paulo). Desta forma, também estaríamos propiciando encontros de pacientes, trocas de experiências e detectando necessidades específicas de atendimentos, sendo estes momentos de triagem. Em 1997, realizamos nova campanha de doações, envolvendo a população de Belo Horizonte e grande BH, via Jornal do ônibus (BHTRANS) e TV, quando recebemos um grande número de livros, revistas, jogos, brinquedos e outros tipos de materiais para trabalhos manuais, comumente utilizados pelo Serviço. Estes foram destinados para o Espaço Lúdico-socializante (ELS) e para outras áreas de atendimento do Serviço de Terapia Ocupacional no complexo hospitalar (ambulatórios e internação), inclusive para a Brinquedoteca. Desde o ano 2001, as campanhas de doações para o Espaço Lúdico-socializante têm sido anuais. Em janeiro de 1999 tentamos a inclusão de estagiária (o) bolsista do curso de biblioteconomia, sem sucesso. Um ano depois, a "Proposta de Reestruturação e Ampliação do Espaço Lúdico-socializante" foi registrada e aprovada pelo CENEX/HC e PROEX/UFMG, ocorrendo, desde então, a inclusão de estagiários bolsistas e, a partir do 1º semestre/2003, de estagiários voluntários, acadêmicos do

[1]Coordenadora, [2]subcoordenadoras, [3]bolsistas (Programa de Bolsas de Extensão/Proex), [4]voluntárias
Número de Registro SiexBrasil: 3141
Área Temática: Saúde
Hospital das Clínicas
Contatos: wgui@hc.ufmg.br e (31) 3248-9459

curso de Terapia Ocupacional da UFMG. No projeto, propõe-se a inclusão de estagiários de outras unidades acadêmicas, como da Biblioteconomia, Belas Artes e outros. Busca-se prover um público cada vez mais abrangente (pacientes e acompanhantes, familiares ou não), de condições adequadas e seguras dentro do hospital, de estímulos e orientações para usar o período de tratamento/internação de forma mais ativa, lúdica, criativa e construtiva, buscando assim a melhoria da qualidade de vida e da saúde. O Espaço Lúdico-socializante tem sido divulgado de diferentes formas: Cartazes, conversas das terapeutas e estagiários com outros profissionais e pacientes nas diversas Unidades, correio eletrônico, apresentação em eventos do HC, campanhas de doações e outras.

Objetivos

Prover espaço para descontração e relaxamento, reduzir o estresse gerado pela doença e tratamento/hospitalização; prover os grupos e indivíduos de oportunidades (espaço físico, materiais, equipamentos adequados ao ambiente hospitalar e pessoal capacitado e disponível) para usar de forma criativa/construtiva o seu período de hospitalização e tratamento no HC/UFMG; favorecer a exploração, conhecimento, domínio e compreensão dos espaços físicos e rotinas e seu "ajustamento ao ambiente hospitalar"; promover encontros de pacientes e trocas de experiências e conhecimentos; favorecer a interação e colaboração entre pacientes da mesma enfermaria, ala ou andar, conforme suas possibilidades; estimular os grupos e indivíduos para a realização de atividades lúdicas (leitura, jogos, musica, vídeo e outras), sendo facilitadores/mediadores neste processo; rRealizar triagem de pacientes com necessidades de atendimentos mais específicos, individual e/ou grupal; e promover atividades educativas, principalmente voltadas à promoção, prevenção e recuperação da saúde.

Metodologia

Os pacientes são convidados e recebidos por estagiárias e/ou terapeutas ocupacionais, diariamente, no Espaço Lúdico-socializante (90 andar, ala norte do HC-UFMG), onde são estimulados a participar das atividades lúdicas, tendo à sua disposição um acervo com 2000 livros (literatura brasileira e estrangeira, infanto-juvenil, poesias, contos, fábulas, crônicas, religião, auto-ajuda, entre outros), diversos jogos (mesa e eletrônicos), revistas (Veja, Época, Isto É, Planeta, Super Interessante, Caras, Quadrinhos e outras), televisão, vídeo cassete, fitas para vídeo, aparelho de som e outros. Aqueles que não têm condição de se locomover são atendidos nos leitos das enfermarias, nas salas de quimioterapia e hemodiálise. Neste contato com o paciente é feita uma triagem quanto à existência de uma demanda de atendimento mais específico de terapia ocupacional e outras intervenções possíveis naquele momento. Basicamente, são disponibilizados os materiais citados acima, com incentivo e orientação para o uso adequado e os cuidados necessários em relação ao controle de infecção hospitalar. A equipe executora do projeto é responsável pelo gerenciamento do espaço físico, materiais e equipamentos, limpeza e desinfecção dos materiais. Além destas atividades, são realizadas oficinas de trabalhos manuais, abertas a qualquer paciente interessado, em datas comemorativas (semana das mães, dos pais, das crianças, natal), possibilitando assim a expressão da criatividade, envolvimento com a atividade e com os outros, "atenção, satisfação, motivação e espontaneidade na atividade feita com ludicidade" (CANÍGLIA, 1991). São realizadas sessões de vídeo escolhidos por pacientes ou proposto pela equipe, às vezes é feita discussão sobre o mesmo (ex: "Tá Limpo" – aborda tema sobre o lixo e o meio ambiente). É cumprido um plano pedagógico que inclui orientação prática (treinamento em serviço) e supervisões teóricas quinzenais. Tudo é devidamente registrado, tendo em vista pesquisa e publicações.

Resultados e Discussão

Após a inserção deste projeto no Programa de Humanização do HC/UFMG e sua aprovação pelo CENEX-HC e PROEX-UFMG, ele ganhou maior visibilidade institucional, sendo, de fato ampliado e reestruturado, em processo contínuo. Atualmente, o projeto é mais divulgado em eventos do hospital e fora dele, sendo mais reconhecido na instituição. Um número cada vez maior de acadêmicos, não só do curso de Terapia Ocupacional e da UFMG, tem demonstrado interesse em participar do Espaço Lúdico-socializante, como bolsista ou voluntário. Nos dois últimos anos contamos com a participação de 12 estagiários, acadêmicos de Terapia Ocupacional da UFMG (5 bolsistas de extensão e 7 voluntários) e 1 profissional voluntária (terapeuta ocupacional). Tal fato possibilitou aumento significativo do número de pacientes e acompanhantes atendidos, bem como aumento da freqüência dos atendimentos (mais de 2000 no ano passado, os dados referentes a 2003 estão sendo levantados). Houve aumento

do número de clínicas alcançadas, inclusive os ambulatórios de Quimioterapia e Hemodiálise e Pronto Atendimento. Conseguimos tornar o ambiente mais atrativo e organizado, com pintura das paredes e ampliação do acervo de livros, vídeos e jogos. Integramos o Espaço Lúdico-socializante e Projeto Biblioteca Viva em Hospitais (Institucional), com a participação das estagiárias. Embora tenhamos proposto a inserção de alunos de outras unidades acadêmicas da UFMG, até agora nossos estagiários são somente do curso de Terapia Ocupacional, situação decorrente da restrição de bolsas de extensão (apenas uma) e por ser esta a nossa área de atuação e conhecimento específico. Sabemos que isto é pouco diante do muito que a Terapia Ocupacional pode fazer pelos clientes (pacientes). Porém, antes de sermos terapeutas ocupacionais, somos profissionais da saúde. Temos discutido formas de inclusão de acadêmicos de outros cursos, pois temos certeza de que o trabalho interdisciplinar só enriquecerá esta experiência. Temos clareza de que a proposta e gerenciamento deste projeto poderia vir de qualquer outro profissional, não necessariamente do terapeuta ocupacional. Entretanto, é em nosso Serviço que o paciente busca, há muitos anos, satisfazer uma necessidade que é inerente ao ser humano, de sair do passivo e resgatar-se enquanto ser ativo, autônomo, cheio de desejos e vontade, vivo, num espaço-tempo em que luta para sobreviver a uma doença e tenta redescobrir seu potencial de saúde, melhorar sua qualidade de vida.
.

Produtos Gerados

Apresentação de pôster no I Seminário de Humanizaçào da Assistência do HC/UFMG, Salão Nobre da Faculdade de Medicina/UFMG, em abril/2002; apresentação do Projeto em mesa redonda - Semana de Enfermagem do HC/UFMG, cujo tema foi “Humanizaçào e Trabalho – Razão e Sentido da Enfermagem”, em maio de 2002; selecionado pela PROEX e apresentado no pôster da Humanização no “I Congresso Brasileiro de Extensão Universitária”, em João Pessoa, Paraíba, de 9 a 12/09/2002; apresentação de pôster na “Semana Nacional de Humanizaçào da Assistência – hall de entrada do HC/UFMG, durante 15 dias do mês de novembro de 2002; nota sobre o Espaço Lúdico-socializante, entre as ações humanizadoras do HC-UFMG,publicada na Revista Viva, edição comemorativa dos 75 anos do Hospital das Clínicas, em agosto de 2003.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão, White Martins Gases Industriais Ltda, Oldemburg Marketing Cultural, Grupo Editorial Record e BH TRANS

Referências

CANÍGLIA, M. Modelos Teóricos Utilizados na Prática da Terapia Ocupacional. Belo Horizonte: Expressa Artes Gráficas e Editora Ltda, 1993. p. 53-58.

_____________. Rumo ao Objeto da Terapia Ocupacional. Belo Horizonte: Cuatiara, 1991. p.47-58

GAELZER, L. Lazer: benção ou maldição? Porto Alegre: Sulina, 1979. 191 p.

GUIMARÃES, W. Terapia Ocupacional EM Unidades de Internação do HC/UFMG - Hospital Geral e Universitário. In Cadernos de Terapia Ocupacional, ano X n 1 – OUT. 98, Belo Horizonte: GES.TO, 1998 p. 36 - 73

JORGE, R.C. Discurso proferido em Belo Horizonte em 4 de novembro de 1987. In Cadernos de Terapia Ocupacional, ano XI- n 1 – set. 99, Belo Horizonte: GES.TO, 1999 p.10-13

____________. O objeto e a especificidade da Terapia Ocupacional. [s.ed.], Belo Horizonte, GES.TO, 1990, 95p.

Terapeuta e bolsistas organizando o Espaço Lúdico

Pacientes, terapeutas e estagiárias na oficina de trabalhos manuais- semana das Mães (2003)

Pacientes na oficina de trabalhos manuais- semana das Mães (2003)

Pacientes lendo no Espaço Lúdico

Pacientes jogando no Espaço Lúdico- socializante

Comemoração do Natal na Unidade de Transplantes- Participação de acompanhantes

INFECÇÕES HOSPITALARES: MONITORAR PARA PREVENIR

Edna Maria Rezende[1], Guilherme Augusto Armond[2], Adriana Cristina de Oliveira Iquiapaza[3], Marilza Rodrigues Ribeiro, Glaucia Helena Martinho[4], Soraia Menezes Gontijo[5], Adriana Jorge Barbosa, Lisiane Cristina Lopes[6] (Bolsista Fump).

Introdução

A existência das infecções hospitalares (IH) remonta-se à criação dos primeiros hospitais, quando ainda não se conhecia o princípio da transmissão das doenças. Já em 1847 o médico húngaro, Ignaz Semmelweis, mostrou que medidas simples como a lavação de mãos com solução clorada poderia evitar a transmissão de infecções e reduzir a mortalidade entre puérperas. Demonstrou com isso a eficácia da vigilância quando não se dispunha ainda do conhecimento da bacteriologia e dos princípios de anti-sepsia (Eickhoff, 1981; Selwyn, 1991). Também Florence Nightingale, em 1858, destacou-se por seu trabalho relacionado aos cuidados com o paciente, de forma a minimizar os riscos de infecções. A primeira década do século XX foi marcada pela disseminação das infecções estreptocócicas, atribuída a maior permanência nos hospitais e a superlotação das enfermarias (Selwyn, 1991). Eickhoff (1981) e Halley (1992) ressaltam que a descoberta dos antimicrobianos em 1940 possibilitou o tratamento das doenças infecciosas e a redução das infecções em pacientes hospitalizados. Entretanto o aparecimento do Staphylococcus resistente à penicilina, em meados de 1950 e os conseqüentes surtos em crianças e idosos hospitalizados nos hospitais americanos demandaram, além de antibióticos de largo espectro, a estruturação de comissões para controlar e prevenir as infecções (Shaffer, 1974). Em 1963 o Center for Disease Control (CDC) recomendou, como medidas de controle, o uso de métodos epidemiológicos para investigações, a organização de sistemas de vigilância e a educação de profissionais (Halley, 1992). No Brasil, apesar das diversas iniciativas do Ministério da Saúde, as infecções hospitalares constituem ainda um sério problema de saúde, considerando os precários mecanismos de controle, o aumento da complexidade assistencial relacionada aos avanços tecnológicos e a baixa adesão dos profissionais às medidas preventivas. As IH destacam-se, portanto, como causa relevante de morbimortalidade, ocasionando sérios danos de ordem social e econômica. A Portaria 2.616(Brasil, 1998) preconiza a existência de Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), em todos os hospitais do país e estabelece como competência técnica dessa comissão avaliar todos os cuidados prestados ao paciente, apontar soluções e medir o risco de adquirir infecção hospitalar, otimizando os recursos técnicos e financeiros da instituição (Fernandes, 2000). A interdisciplinaridade deve nortear o trabalho de prevenção e controle de infecção hospitalar, favorecendo a interseção entre a CCIH e os diversos serviços de assistência direta ou indireta aos pacientes, demonstrando a responsabilidade comum no processo assistencial. Segundo Fernandes (2003) o custo direto das infecções hospitalares inclui diárias adicionais, novos exames laboratoriais ou de imagem, gastos com recursos humanos e os custos com medicamentos e insumos. A média de permanência de cada paciente com infecção hospitalar aumenta em quatro dias, seus custos diretos elevam-se cerca de US$ 2.100,00 e o risco de falecer em decorrência desta nova patologia é 3,6%. Nos hospitais universitários embora alguns fatores, como recursos humanos qualificados, possam facilitar a prevenção, os índices de IH são geralmente mais elevados, considerando as características inerentes a um hospital escola, como o tipo de clientela atendida, o tempo prolongado de hospitalização e a maior manipulação dos pacientes. Rezende (1994), em um estudo de prevalência de IH em hospitais gerais de Belo Horizonte, evidenciou que de 100 pacientes internados em hospitais de ensino, 17,6 adquiriam infecção hospitalar. O Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG), através da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar, vem mantendo esforços conjuntos visando ao monitoramento das infecções nosocomiais e a implementação de medidas preventivas, incluindo parcerias como a mantida com a Escola de Enfermagem da UFMG, desde 1997, oficializada através de um Programa de Extensão. Esta integração tem contado com a

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenador, [3]docente, [4]enfermeiras, [5]bolsistas (Programa de Bolsas de Extensão/Proex), [6]bolsistas Fump
Programa Controle das Infecções Hospitalares
Número de Registro SiexBrasil:
Área Temática: Saúde
Escola de Enfermagem e Hospital das Clínicas
Contatos: ednarez@enf.ufmg.br e (31) 3248-9864

participação efetiva de professores e estudantes, possibilitado a interface com o ensino através da flexibilização curricular e com a pesquisa, culminando com a divulgação e publicação de produções científicas.

Objetivos
Monitorar as infecções hospitalares no Hospital das Clínicas da UFMG; construir indicadores epidemiológicos; implementar ações educativas; e capacitar o acadêmico de enfermagem.

Metodologia
As infecções hospitalares foram detectadas através da busca ativa de casos, realizada por um enfermeiro da CCIH ou por um acadêmico de enfermagem. As fontes de dados utilizadas foram os prontuários dos pacientes, os resultados de exames microbiológicos, os relatórios de enfermagem e as informações da equipe multiprofissional. A metodologia utilizada para coleta de dados foi a recomendada pelo sistema NNIS-National Nosocomial Infection Surveillance (Emori et al, 1991), com algumas adaptações. Os critérios para classificação e diagnóstico das infecções hospitalares foram os definidos pelo CDC (Garner et al, 1988) e pelo Ministério da Saúde, através da Portaria 26l6 (Brasil, 1998). Nas Unidades de Terapia Intensiva, de Neonatologia-Berçário e de Diálise os dados foram coletados diariamente, seguindo protocolos específicos. Nas unidades de clínica cirúrgica e de transplantes (fígado, rim e medula) a busca foi feita três vezes por semana. Após coletados os dados foram digitados, consolidados e analisados pela CCIH. Rotineiramente e sempre que necessário foram realizadas inspeções técnicas aos setores de internação, apoio e serviços ambulatoriais para identificação de problemas, emissão de pareceres e orientação dos profissionais. As ações educativas direcionadas à comunidade hospitalar, decorrentes das ações de vigilância, foram realizadas pelos enfermeiros da CCIH e pelos acadêmicos de enfermagem, através de orientações abrangendo a adoção de condutas para prevenção e controle das doenças infecto-contagiosas e bactérias multirresistentes; prevenção e controle de acidentes com material biológico no ambiente hospitalar e ações educativas para profissionais, alunos, pacientes, acompanhantes e visitantes.

Resultados e Discussão
O número de pessoas que circulam diariamente no Hospital das Clínicas, entre pacientes, acompanhantes, visitantes, profissionais e alunos, é de aproximadamente 11.000. A capacidade total instalada é de 372 leitos ativos e 257 consultórios para atendimento ambulatorial. A população atendida é quase que exclusivamente do convênio SUS(85%), sendo que cerca de 40% dessa é procedente do interior do Estado. Os resultados apresentados neste estudo referem-se ao período de janeiro a junho de 2003 e os relacionados à vigilância dos pacientes cirúrgicos, apesar de monitorados, não serão apresentados neste trabalho. Considerando as competências técnicas e legais da CCIH, de desenvolver ações de vigilância epidemiológica, práticas educativas, elaboração de pareceres e protocolos quanto a prevenção e controle, com definição de prioridades e otimização dos recursos humanos e materiais, foi elaborado, em 2002, um plano de ação para ser implementado em 2003 no HC-UFMG.. A vigilância epidemiológia das infecções priorizou os pacientes hospitalizados com maior risco, totalizando o monitoramento de 1.101 pacientes para infecção hospitalar (IH). Observa-se que as taxas mais elevadas referem-se às Unidades de Neonatologia-Berçário e de Transplantes de Medula Óssea. Embora o número de leitos destinados à internação dos pacientes com indicação de terapia intensiva representem 5% a 10% do total de leitos de um hospital, respondem por cerca de 25% das infecções hospitalares. Esse fato é atribuído a doença, susceptibilidade do paciente, sua idade, uso de imunossupressores, doença de base, condições nutricionais, colonização nova ou preexistente com agentes mais agressivos e procedimentos com quebra das barreiras naturais do corpo (Fernandes, 2000). Para os neonatos, além dos fatores de risco já relatados anteriormente, são incluídos ainda a prematuridade e o baixo peso de nascimento. Em relação aos pacientes admitidos na Unidade de Transplante, sabe-se que possuem imunossupressão grave além da invasibilidade assistencial (cateterismo venoso central, procedimentos cirúrgicos, entre outros). Para todos os pacientes monitorados, o risco para infecção aumenta ainda com a permanência do paciente na unidade. Há de se considerar que a definição de casos em IH pode variar de um hospital para o outro, bem como para os setores priorizados. Além disso deve-se salientar que os hospitais possuem clientelas diferentes, com características específicas e conseqüentemente diferentes fatores de risco. A comparação de taxas entre diferentes hospitais deve ser vista com cautela. No HC tem sido feita a análise dos dados, através de comparação interna entre diferentes

períodos, para definição de prioridades na prevenção e controle de infecções. **(Atenção: ver anexo Infecções248.doc, documento do Word).** Além do acompanhamento dos pacientes hospitalizados, foi realizada também a vigilância dos pacientes atendidos na Unidade de Diálise conforme exigência da Ministério da Saúde (BRASIL, 1996). O regulamento técnico para o seu funcionamento nos estabelecimentos de saúde, inclui a recomendação para realizar a vigilância dos eventos adversos, como pirogenia, além da infecção. O HC, desde 1998, possui um sistema de vigilância direcionado para a população assistida por este serviço e, em 2000, adequou-se à nova legislação (BRASIL 2000). Os procedimentos dialíticos são invasivos e conseqüentemente tem complicações infecciosas freqüentes. Os fatores que contribuem para ocorrência de infecções nos pacientes dialisados são o uso e manutenção de acesso vascular e/ou uso de cateter peritoneal para diálise domiciliar, doença de base, além das condições imunológicas dos portadores de insuficiência renal. A ocorrência de infecções nestes pacientes tem conseqüências sérias, relacionadas ao aumento da morbimortalidade, ao aumento dos custos decorrentes da necessidade de internação hospitalar e ao uso de antimicrobianos (Martins, 2001). Na Unidade de Diálise tem-se duas modalidades de procedimentos dialíticos: a hemodiálise e diálise peritoneal ambulatorial contínua (DPAC). Os pacientes de hemodiálise comparecem à unidade, três a quatro vezes por semana para tratamento dialítico e uma vez por mês para consulta médica. Por outro lado, os pacientes de DPAC realizam o procedimento no próprio domicílio, comparecendo à unidade, no mínimo uma vez por mês para controle ambulatorial. De janeiro à setembro de 2003, foram submetidos a hemodiálise em média 55,1 pacientes/mês e notificadas em média 0,8 sepses/mês, 0,1 infecções de acesso vascular/mês, 0,1 infecções de sítio cirúrgico/mês e 1,0 reação pirogênica/mês. Em DAPC foram acompanhados em média 29,6 pacientes/mês e notificadas em média 0,2 sepse/mês, 3,2 peritonites/mês e 3,0 infecções no local de inserção de cateter de tenckhoff/mês. Como evidenciado a complicação mais freqüente da DPAC foi a peritonite. Por se tratar de procedimento repetitivo e de longa duração que requer uma rotina metódica, acredita-se que falhas no processo poderão estar ocorrendo no domicilio do paciente. Neste sentido é necessário que sejam feitas visitas periódicas aos domicílios desses pacientes para avaliação, identificação das falhas e elaboração de estratégias de prevenção. A reação pirogênica, complicação mais freqüente na hemodiálise, pode estar associada a problemas com a qualidade da água utilizada nas sessões, sendo necessário para seu controle, análise microbiológica mensal. Uma das principais preocupações da CCIH é a prevenção e o controle da disseminação dos microrganismos multirresistentes e de doenças infecto-contagiosas. A partir de 1996, após atualização da publicação do Guidelines for Isolation Precaution pelo Center for Disease Control and Prevention (CDC, 1996), reformularam-se, no HC, os referidos protocolos, conforme os conceitos e princípios descritos a seguir: precaução em doenças infecto-contagiosas ou isolamento é a segregação de pessoas infectadas durante o período de transmissibilidade ou segregação de pacientes colonizadas por bactérias multirresistentes durante o período de internação hospitalar. São classificadas em duas categorias - precaução padrão (usada com todos os pacientes internados) e por vias de transmissão, tais como precaução por contato, precaução por ar e por perdigotos. No HC-UFMG, todas as medidas recomendadas são avaliadas e classificadas segundo o protocolo citado. A indicação das precauções, orientações pertinentes e supervisão são realizadas diariamente. Os dados coletados são informatizados para posterior analise e elaboração de relatórios. Os relatórios têm a finalidade de subsidiar a atuação conjunta da equipe da CCIH e equipe assistencial na avaliação da assistência dos diversos setores, além de incluir os custos econômicos das medidas implementadas.

Produtos Gerados

Elaboração de normas para procedimentos técnicos assistenciais: troca de dispositivos hospitalares (equipos de ie de resíduos hospitalares; elaboração de rotinas para reprocessamento de aparelhos/artigos utilizados no processo assistencial; atividades de biossegurança relacionadas a exame periódico, estado vacinal dos profissionais, situações de risco de exposição a agentes biológicos e químicos, padronização de EPI - Equipamento de Proteção Individual, acidentes pérfuro-cortantes e levantamentos epidemiológicos dos profissionais quanto ao estado de imunidade; pareceres técnicos referentes a toda construção e reforma de área física do Hospital das Clínicas e Ambulatórios da UFMG. (no período analisado foram emitidos 9 pareceres); realização do 6º Simpósio de Prevenção e Controle da Infecção Hospitalar:Multirresistência, em maio de 2003, com 837 participantes (profissionais da área de saúde e acadêmicos), carga horária de 15 horas e parceria com a Secretária de Estado da Saúde; treinamento introdutório para os profissionais de enfermagem recém-admitidos pela UFMG com a participação de 168 pessoas; capacitação

de auxiliares de enfermagem da UFMG para instrumentação cirúrgica - 30 participantes; treinamento de enfermeiros e técnicos de enfermagem do Centro de Terapia Intensiva Infantil e Unidade de Internação Pediátrica - 18 participantes; reunião de orientação sobre os cuidados de prevenção e controle de doenças dentro do ambiente hospitalar, para os acompanhantes na Unidade de Internação Pediátrica - freqüência semanal, 1.440 participantes no 1º semestre de 2003; orientações diárias sobre as indicações e cuidados relacionados aos pacientes portadores de microrganismos multirresistentes e doenças infecto-contagiosas - 503 orientações; treinamento no Serviço de Nutrição e Dietética - 47 participantes; treinamento introdutório para médicos residentes do HC/UFMG - 70 participantes; curso teórico prático para profissionais de saúde e alunos de graduação e pós-graduação - 25 participantes; elaboração de dois artigos científicos, em fase final de redação e encaminhamento de dois trabalhos para a Semana de Iniciação Científica da UFMG.

Conclusão

A importância da infecção hospitalar no aspecto epidemiológico, humano, social e econômico se traduz na necessidade do envolvimento cada vez maior dos profissionais e das instituições de saúde, de caráter público e privado. A infecção hospitalar é um evento que representa o desequilíbrio da relação do homem com sua microbiota e com o ambiente, em processo contínuo de adaptação. Na atualidade, a perspectiva é de prevenir e controlar. Portanto faz-se necessário ações desenvolvidas de forma deliberada e sistematizadas, objetivando a redução máxima possível da incidência e da gravidade das infecções hospitalares. No âmbito do hospital das clínicas, a prioridade é desenvolver sempre um plano estratégico de prevenção e controle das infecções hospitalares, com a participação da comunidade hospitalar e em parcerias com as diversas áreas da saúde e com outras como, estatística, engenharia clínica, arquitetura e comunicação, além de interseção com instituições de saúde e órgãos governamentais. A integração da CCIH e Escola de Enfermagem tem possibilitado a expansão com qualidade das atividades desenvolvidas pela CCIH no Hospital das Clínicas e maior aproximação da teoria e prática, pela ação conjunta de docentes e técnicos. Para os acadêmicos de enfermagem tem permitido desenvolver o censo crítico em relação à importância das infecções hospitalares e ainda a oportunidade do trabalho em equipe, preparando-o para o enfrentamento do problema na vida profissional.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.616 , 12/05/1998. Diário Oficial, Brasília, 1998
BRASIL.Ministério da Saúde. Portaria nº 2.042, 11/10/1996.Diário oficial, Brasília, 1996
BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 82, 03/012000. Diário Oficial, Brasília 2000.
Center for Disease Control and Prevention. Guideline for isolation precautions in hospitals. Part 1. Evolution of pratices. Am infect control 1996; 1 (24): 24-31.
Center for Disease Control and Prevention. Guideline for isolation precautions in hospitals. Part 2. Recomendations for isolation in hospitals. Am infect control 1996; 1 (24): 32-52.
EICCKHOFF, T. C. Nosocomial infetions. A 1980 view: progress, priorities and prognosis. Am. J. Med., v.70, p.3381-388, 1981
EMORI, T. G.; CULVER, D. H.; HORAN, T. C. et. al. National Nosocomial infections surveillance system(NNIS): Description of surveillance methods. Am. J. Infect. Control.,v.19, p. 19-35, 1991
FERNANDES.A.T; FERNANDES.M.O, FILHO.N.R.Infecções Hospitalares e suas Interfaces na Área da Saúde. Editora Atheneu.Rio de Janeiro: 2000.Vol 1. 953 p.
FERNANDES.A.T; FERNANDES.M.O, FILHO.N.R.Infecções Hospitalares e suas Interfaces na Área da Saúde. Editora Atheneu.Rio de Janeiro: 2000.Vol 2. 1721 p.
FERNANDES,A .T. O desafio emergente das infecções hospitalares. Disponível em < http:// www.ccih.med.br/desafioemergente.html>. Acessado em 5/11/2003.
GARNER, J. S., JARVIS, W. R., EMORI, T. G. et al. CDC definitions for nosocomial infections, 1998. Am. J. Infect. Control., v. 16, p. 128-140, 1988

HALLEY, R. W.; GAYNES, R. P.; ABER, R. C. et al. Surveillance of nosocomial infections. In: BENNETT, J. V.; BRACHMAN, P. S. Hospital Infection 3 ed. Boston; Little, Brown and Company, 1992, p.79-108

Infection Control and Epidemiology (APIC). Infection control and aplied epidemiology principles and pratice. In: Russel N. Olmisted.Mosby year – Books, 173-186, 1996.

ARTINS, M.A. Manual de Infecção Hospitalar .Epidemiologia, Prevenção e Controle.2º ed MEDSI. Belo Horizonte:2001,1116 p.

, E. M. Prevalência das Infecções Hospitalares em Hospitais Gerais de Belo Horizonte, 1992. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1994. 156p. Dissertação(Mestrado)

SELWYN, S. Hospital infection: the first 2500 years. J. Hosp. Infec., v.18, p.5-64, 1991

, J. G.; GOLDIN, M. Epidemiologia hospitalaria. In: DAVIDSON, I. & HENRY, J. B. Diagnóstico clínico por el laboratorio. 5 ed. Salvat Editores, 1974 p. 1041-1059

6º Encontro de Extensão da UFMG – Belo Horizonte, 9 a 12 de dezembro de 2003
ANAIS

INFECÇÃO DE SITIO CIRÚRGICO: UM DESAFIO PARA A VIGILÂNCIA

Adriana Cristina de Oliveira[1], Guilherme Augusto Armond[2], Edna Maria Rezende[3], Marilza Rodrigues Ribeiro, Gláucia Helena Martinho[4], Bruna Adriene Gomes de Lima[5]

Introdução

Desde os primórdios, as infecções do sítio cirúrgico (ISC) têm se destacado dentre os demais sítios de infecção devido à alta mortalidade e morbidade apresentadas, além dos relevantes custos atribuídos ao seu tratamento (FERRAZ, 1987, FERRAZ, 1997, GRIMBAUM, 1997, RABHAE; RIBEIRO FILHO; FERNANDES, 2000). Considere-se também os danos causados ao paciente com o afastamento do seu convívio familiar, de sua atividade profissional, e os prejuízos econômicos, por manifestar-se na maioria das vezes numa faixa etária onde o indivíduo é economicamente produtivo. Outra situação ainda considerável são os processos litigiosos, cada vez mais freqüentes, além da preservação da imagem do hospital enquanto marketing como prestador de assistência de qualidade. A cirurgia constitui um procedimento de risco por si só, devido ao rompimento da barreira epitelial, desencadeando uma série de reações sistêmicas ao organismo e facilitando a ocorrência do processo infeccioso, quer seja pelo ato em si, onde ocorre a alteração do pH, hipóxia e deposição de fibrina que afetam os mecanismos locais de defesa, seja por uma infecção a distância ou outro procedimento invasivo (FERRAZ, 1987, RABHAE; RIBEIRO FILHO; FERNANDES, 2000). A maioria das ISC ocorre em média dentro de quatro a seis dias após o procedimento. Algumas vezes são encontrados curtos períodos da manifestação de acordo com a etiologia da infecção (RABHAE; RIBEIRO FILHO; FERNANDES, 2000); outras vezes, o período é mais longo e, de acordo com a definição do Centro de Controle de Doenças de Atlanta dos Estados Unidos (CDC), a ISC pode ocorrer até trinta dias da cirurgia ou até um ano quando houver o implante de prótese (MANGRAN et al., 1999). Constata-se porém, que na maioria das instituições a vigilância da ISC está limitada somente ao período de internação do paciente, portanto, não traduz necessariamente a sua incidência efetiva, uma vez que a ISC pode se manifestar após alta hospitalar, levando a uma subnotificação da sua real incidência (FERRAZ, 1997). As conseqüências da subnotificação da incidência da ISC são muitas, destacando-se a obtenção de taxas que não traduzem a situação real das ISC, assumindo-se uma falsa realidade de que não existem problemas e impedindo ações que traduzam esforços de melhorias do serviço prestado. As causas da subnotificação das ISC podem ser atribuídas na maioria das vezes à curta permanência do paciente cirúrgico, que tem alta hospitalar cada vez mais precoce, geralmente em torno do segundo ou terceiro dia. Acrescente-se, o crescimento das cirurgias ambulatoriais, quando o paciente geralmente recebe alta no mesmo dia, inviabilizando a vigilância da ISC durante a internação. Torna-se importante ressaltar ainda que a grande maioria das ISC é de resolução espontânea (principalmente aquelas decorrentes de cirurgias limpas), portanto, não necessitam de re-hospitalização, bastando apenas tratamento local. Algumas vezes o paciente também pode se dirigir ao centro de saúde da sua comunidade ou a um ambulatório de urgências médicas de outro hospital ou até mesmo do próprio hospital onde foi operado. Contudo, na ausência de serviço de notificação pós-alta, estas infecções não são compiladas. Por último e, talvez de forma mais importante, um fator essencial neste processo está diretamente relacionado à ausência do acompanhamento do paciente cirúrgico após a alta hospitalar. Muitas vezes, pela própria falta de estrutura da instituição e do serviço de controle de infecção hospitalar.

Objetivos

A partir da discussão realizada, o presente estudo tem a finalidade de demonstrar a importância do acompanhamento pós-alta para a obtenção de índices confiáveis das infecções hospitalares (IH) e, principalmente, das ISC. Propõe-se determinar a incidência de ISC em pacientes operados no HC/UFMG de janeiro a agosto de 2003 e comparar a freqüência de ISC diagnosticada durante a internação e no seguimento de egresso.

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenador, [3]docente, [4]técnicos-administrativos, [5]bolsista
Programa Controle das Infecções Hospitalares
Número de Registro SiexBrasil:
Área Temática: Saúde
Escola de Enfermagem e Hospital das Clínicas
Contatos: adriana@enf.ufmg.br e (31) 3248-9383

Metodologia

Tratou-se de estudo descritivo realizado no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais, (HC/UFMG). Essa instituição é considerada centro de referência no tratamento de várias doenças e principalmente no controle de infecções hospitalares, inclusive com acompanhamento de pacientes egressos cirúrgicos desde 1998. O desenvolvimento deste trabalho refere-se ao seguimento de todos os pacientes cirúrgicos do HC/UFMG que atenderam aos critérios de inclusão no estudo conforme aclarado adiante. Porém, cabe ressaltar que a especialidade que mais contribui com o número de cirurgias realizadas foi a cirurgia do aparelho digestivo (CAD), por constituir a grande maioria dos procedimentos cirúrgicos realizados nessa instituição, dentre as demais especialidades cirúrgicas. Os pacientes internados no serviço de cirurgia do HC recebem alta em média no terceiro ou quarto dia de pós-operatório. A partir da alta foram selecionados aleatoriamente uma amostra mensal e significativa de pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos. Após a discriminação dos pacientes em relatório com tipo de cirurgia realizada, data de internação, de alta e telefone para contato, os mesmos foram contactados por telefone considerando o período de até 30 dias após a data do procedimento cirúrgico. Todos os pacientes selecionados aleatoriamente foram submetidos a procedimentos cirúrgicos classificados como NNIS e preencheram os critérios definidos pela Metodologia NNIS recomendados pelo CDC a partir de 1992 e, no Brasil, pela Portaria 930 de 27 de agosto de 1992 (BRASIL, 1992), com o objetivo de se avaliar o comportamento epidemiológico das infecções e obter dados comparativos para avaliação das medidas de prevenção e controle utilizadas, além de possibilitar uma homogênea coleta de dados. As definições adotadas para inclusão do paciente neste estudo foram as seguintes (EMORI et al., 1991): Infecção de Sítio Cirúrgico: é a infecção que ocorre na incisão cirúrgica ou em tecidos manipulados durante o procedimento cirúrgico e diagnosticada até 30 dias após o procedimento, podendo ser classificadas como incisional superficial, profunda ou de órgão/cavidade. - Incisional superficial – restringe-se a pele e subcutâneo, desde que não haja envolvimento de qualquer tecido manipulado durante o procedimento e que não esteja localizado abaixo da fáscia muscular. - Profunda – localiza-se abaixo da fáscia muscular, com ou sem envolvimento de tecidos superficiais, mas na ausência de comprometimento de órgãos ou cavidades profundas manipuladas durante o procedimento. - Órgão/cavidade – acomete tecidos profundos manipulados durante a operação, com ou sem envolvimento da incisão cirúrgica. Procedimento cirúrgico: é aquele onde se registra uma única entrada do paciente ao bloco cirúrgico, onde o cirurgião faz, no mínimo, uma incisão na pele ou membrana mucosa, e fecha a incisão antes do paciente deixar a sala cirúrgica. Paciente NNIS: é aquele que permanece no hospital de um dia para o outro, mudando a data no calendário, ou seja, admissão e alta ocorrem em dias diferentes no calendário. Os dados coletados para este estudo se deram a partir de dois instrumentos. O primeiro constituiu um padrão do serviço de controle de infecção hospitalar (SCIH) para o monitoramento de pacientes internados e o segundo, também já utilizado para o seguimento do paciente por contato telefônico. A coleta de dados foi realizada em dois momentos distintos, inicialmente, durante o período de internação do paciente e, posteriormente, pelo contato telefônico no qual o paciente é questionado sobre sinais característicos de infecção na ferida operatória como: hiperemia, calor, rubor, deiscência, presença de secreção no local da incisão e aspecto da secreção, quando presente. Foram considerados para análise dos dados a presença da ISC e o momento do diagnóstico (se durante a internação ou após a alta hospitalar). A fim de se evitar a supernotificação da ISC, as notificações foram checadas durante a internação com as dos pacientes egressos, através da conferência periódica dos relatórios, verificando que não houvesse dados incompletos ou faltosos, bem como nenhuma ficha de notificação duplicada, ou seja, o diagnóstico da ISC no Hospital e no relatório de egresso de um mesmo paciente.

Resultados e Discussão

No período do estudo foram realizadas 3.626 cirurgias no HC/UFMG, sendo diagnosticadas durante a internação 216 ISC, representando uma incidência de 5,9%. A distribuição da incidência da infecção do sitio cirúrgico foi assim representada, considerando a vigilância durante na internação e após a alta hospitalar. Tabela 1. **(Atenção: ver anexo SítioCirúrgico252.doc, documento do Word).** Dos 3.625 pacientes operados foram notificadas 171 ISC durante a internação e 45 (20,9%) no seguimento pós-alta, conforme apresentado na Tabela 1. A ISC diagnosticada durante a internação representou 79,5% do total de ISC notificada no período do estudo (216) e o impacto da notificação pela vigilância após a alta hospitalar foi de 20,9%. Apesar do importante resultado pode-se dizer que este percentual comparado ao de outros estudos que realizaram a vigilância dos casos através de carta-

questionários e contatos telefônicos se encontra abaixo do encontrado, pois nesses as incidências variaram entre 51% a 72% (MANIAN; MEYER, 1990, HOLTZ; WENZEL, 1992); quando eram confirmados por contatos telefônicos variaram de 72 a 94% (HOLTZ; WENZEL, 1992). Segundo COUTO (1997), a forma mais eficiente de se obter tais dados ainda se constitui na vigilância ativa das ISC através de ambulatório, apesar de todas as dificuldades encontradas, principalmente relacionadas a estrutura institucional e os recursos humanos. Os métodos de vigilância recomendados são diversos e a escolha da forma ideal é difícil, pois cada instituição deve desenvolver e utilizar um método de vigilância pós-alta de acordo com seus recursos, estrutura e perfil da clientela. Entretanto, o importante é realizar algum tipo de vigilância do paciente cirúrgico após alta hospitalar (SHERERTZ et al., 1992, GRINBAUM, 1997). A partir da Tabela 2, verifica-se que o maior percentual de cirurgias realizadas foram classificadas como limpa, seguida das potencialmente contaminada e contaminada. Esse achado se encontra em consonância com a literatura que afirma que para hospitais gerais cerca de 70% dos pacientes são submetidos a cirurgia limpa (FERRAZ, 1987). A atual ênfase no controle pós-alta do paciente cirúrgico fundamenta-se na questão de que índices reais de ISC não são obtidos sem este seguimento, dando uma falsa idéia de que a incidência "real" obtida muitas vezes não constitui um problema no controle da infecção cirúrgica. Muitos estudos têm confirmado a importância do seguimento pós-alta com incidências diversas, mas que, ao mesmo tempo, traduzem a seriedade deste tipo de vigilância. Somente através de uma incidência fidedigna é que o SCIH/CCIH estará fundamentado a atuar, implementando medidas de prevenção e controle e reavaliando suas ações. Para inúmeros autores, de 12 a 84% das ISC são diagnosticadas pós-alta hospitalar (BURNS; DIPPE, 1992; FROGGATT; MAYHALL, 1989, GRINBAUM, 1997, MANGRAM et al., 1999, OLIVEIRA, 1999). Outro aspecto importante a ser considerado é que a grande maioria dos pacientes cirúrgicos em hospitais gerais são submetidos a procedimentos classificados como limpos, cuja alta hospitalar ocorre no espaço de horas até 48 horas, impedindo a detecção precoce da ISC no período da internação.Estas colocações também são reafirmadas por FERRAZ (1995), quando relata que um aspecto que justifica o sistema de vigilância pós-alta onde a grande maioria dos pacientes cirúrgicos de hospitais gerais, especialmente nos países mais pobres, recebem alta precoce devido ao número reduzido de leitos e ao alto custo dos tratamentos. E, para GRINBAUM (1997), as ISC obtidas somente de pacientes internados não refletem a real ocorrência de infecção, em especial, procedimentos onde o tempo de permanência pós-operatório é curto. Observa-se que do total de ISC diagnosticadas a grande maioria localizou-se em nível superficial da ferida cirúrgica. Tais dados estão de acordo com os achados de vários autores que relatam que a maioria das ISC são superficiais (FERRAZ, 1997, GRIMBAUM, 1997, OLIVEIRA, 1999). Constata-se que é no acompanhamento pós-alta que uma parte considerável das ISC superficiais são notificadas Assim sendo, a ausência de acompanhamento pós-alta refletiria principalmente na subnotificação da ISC superficial. Por outro lado, a notificação de ISC em nível profuntir a condição da patologia de base do paciente mais grave exigindo assim maior tempo de internação e, com isso, uma maior possibilidade de detecção da ISC se manifestando ainda no ambiente hospitalar.

Produtos Gerados

Seguimento intra-hospitalar de 3.626 procedimentos cirúrgicos realizados no HC/UFMG durante o período do estudo; seguimento pós-alta em ambulatório de egressos e por contato telefônico do pacientes submetidos a cirurgia no HC/UFMG no período discriminado; orientações a pacientes e acompanhantes sobre bactérias multirresistentes, medidas de precauções por vias de transmissão; revisão de protocolos do paciente cirúrgico abordando a revisão de procedimentos de importância para a ocorrência da ISC como: realização da tricotomia; rotina do banho pré-operatório; rotina de curativo no pós-operatório imediato; rotina de degermação das mãos pela equipe cirúrgica; rotina de preparo da área operatória no bloco cirúrgico; .realização do VII Seminário do Hospital das Clinicas em Controle de Infecção Hospitalar. Realizado em maio, de 15 a 17, no Hotel Granville em Belo Horizonte, abrangendo 870 pessoas com carga horária de 16 horas; realização de Inspeção Técnica à Lavanderia do HC/UFMG, para levantamento da situação de funcionamento, abordando questões relacionadas ao controle de infecção hospitalar, saúde e segurança ocupacional, gerando relatório próprio, seguido de recomendações específicas para este setor e profissionais que nele atuam; participação em Palestra sobre a Importância de Indicadores Físicos e Biológicos na Central de Esterilização de Materiais, em 23 de setembro. Abrangência de 25 pessoas, envolvendo profissionais do HC/UFMG, comunidade externa ao HC e profissionais da Universidade Federal de Diamantina; participação no Seminário de Cuidados no Tratamento e Recuperação de Instrumentais Cirúrgicos oferecido pela EDLO;

realização do II Seminário do Hospital das Clínicas em 09 de outubro de 2003 com o tema: “Multirresistência: responsabilidade de todos”; realização de curso teórico-prático de controle de infecção Hospitalar, registrado como extensão e aberto a comunidade externa ao HC/UFMG.; realização de palestra sobre Infecção em cirúrgica, medidas de prevenção e controle relacionadas ao pré, trans e pós-operatório para a comunidade externa e profissionais atuantes no bloco cirúrgico do HC/UFMG.; publicação de “Complicações Infecciosas em Pacientes da Unidade de Diálise em um Hospital Universitário de Belo Horizonte”, artigo em fase de conclusão - orientanda: Lisiane C. Lopes (a ser encaminhado para a publicação em revista de abrangência nacional); “Vigilância Pós-alta dos Pacientes Cirúrgicos”, artigo em fase de conclusão, orientanda: Bruna Adriene G. de Lima (a ser encaminhado para a publicação em revista de abrangência nacional); com base na demanda verificada pelo Projeto e necessidade de preencher esta lacuna do conhecimento nos currículos dos graduandos foi criada a disciplina “Tópicos em Epidemiologia das Infecções Hospitalares” sendo proposta e já oferecida (II semestre/2003) na Escola de Enfermagem/UFMG com 15 vagas, estando programada seu oferecimento em caráter multiprofissional a partir de 2004.

Conclusão

Os dados apresentados neste estudo permitem concluir que as ISC têm se mostrado cada vez mais importantes no cenário das IH, sendo que a sua manifestação pós-alta hospitalar constitui um indicador de qualidade da vigilância epidemiológica do serviço de controle de infecção hospitalar. A maior incidência de ISC detectada tanto durante a internação quanto durante a vigilância pós-alta por telefone foi aquela ISC localizada em nível superficial. Dessa forma reforça-se a necessidade de se manter um serviço de vigilância pós-alta, quer seja através de busca ativa, contato telefônico, envio de questionário aos cirurgiões e pacientes, levando em consideração o tipo de instituição, clientela e recursos humanos disponíveis. O mais importante é manter sob vigilância o evento de ocorrência da ISC e, independente do método adotado, validar os dados obtidos de forma a se implementar medidas efetivas de ação e controle a partir de taxas fidedignas da ISC.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 930 de 22 de agosto de 1992. Normas para o controle das infecções hospitalares. Brasília, Diário Oficial da União, 04/09//92, p.1227-86, 1992.
BURNS, J.J, DIPPE, S. E. Postoperative wound infections detected during hospitalization and after discharge in a community hospital. Am J Infect Control, v.8, p. 249-54, 1987.
COUTO, R.C. PEDROSA, TM. G. NOGUEIRA. J.M. Infecção hospitalar: epidemiologia e controle. Rio de Janeiro: MEDSI, 1997.
EMORI T.G., CULVER, R.D.H.; HORAN T.C. et al. National nosocomial infection sueveillance sistem (NNIS). Description of surveillance methods. Am J Infect Control., v.19, p.19-35, 1991.
FERRAZ, E. M. et al. Postdischarge surveillance for nosocomial wound infection: Does judicious monitoring find cases? Am J Infect Control, v. 23, n.5, p.290-94, 1995.
FERRAZ E. M. Infecção da ferida operatória em cirurgia abdominal. In: ZANON, U & NEVES, J. Infecções hospitalares prevenção, diagnóstico e tratamento. Rio de Janeiro: MEDSI, 1987. Cap.12, p. 371-87.
FERRAZ, A. B., FERRAZ, E. M., BACELAR, T. S. Infecção da ferida cirúrgica. In: FERRAZ, E. M. Infecção em cirurgia. São Paulo, MEDSI, 1997. Cap.20, p.267-277.
FROGGATT, J. W. ,MAYHALL, C.G. Development and validation of a surveillance system for postoperative wound infections in a university center. Annual meeting of the American society for Microbiology. New Orleans:, may, p.14-18, 1989.
FUCHS, P. C. Will the real infection rate please stand up? Infect control, v. 8, p. 235-6, 1987.
GARNER, J.S.CDC guidelines for prevention of surgical wound infections, 1985. Infect control, v. 7, p.193-200, 1986.
GRINBAUM, R, S. Infecções do sitio cirúrgico e antibioticoprofilaxia em cirurgia. In: RODRIGUES, E. A. et al. Infecções hospitalares: prevenção e controle. São Paulo, SARVIER, 1997. Cap.2 (Parte III), p.149-61.

HOLTZ, T. H.; WENZEL, R. P. Postdischarge surveillance for nosocomial wound infection: a brief review and commentary. Am J Infect Control, v.20, n.4, p.206-213, 1992.
MANGRAN, A . J. et al. Guideline for prevention of surgical site infection. Am J Infect Control, v. 27, n. 2, p.97-120, 1999.
MANIAN F. A .; MEYER, L. Comprehensive surveillance of surgical wound infection in impatient surgery. Infect control hosp epidemiol v.11, p.515-20, 1990.
OLIVEIRA, A. C. Controle de egresso cirúrgico: impacto na incidência da infecção de sitio cirúrgico em hospital universitário. Belo Horizonte, 1999, 97p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais.
RABHAE, G. N., RIBEIRO FILHO, N., FERNANDES, A . T. Infecção do sítio cirúrgico. In: FERNANDES, A . T. et al. Infecções Hospitalares e suas interfaces na área de saúde. São Paulo: Atheneu, 2000. Cap. 19, p.479-505.
SHERERTZ, R. J. et al. Consensus paper on the surveillance of surgical wound infections. Infect ccontrol hosp epidemiol, v. 20, n. 5, p.263-270, 1992.

IMPLANTAÇÃO DO TESTE DE AMES: AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE MUTAGÊNICA DE AMOSTRAS DE ÁGUA DE ABASTECIMENTO PÚBLICO DA GRANDE BH

Sérgia Maria Starling Magalhães1, Edmar Chartone de Souza, Maria Ângela Gonçalves Zanon2, Marcela Maria de Castro Campos3

Introdução

O crescimento populacional, a industrialização, o aumento da demanda de alimentos e bens de consumo têm como conseqüência a geração de um grande número de dejetos químicos, produtos secundários dos processos industriais ou oriundos do meio agrícola. Tais produtos acabam por ganhar o meio ambiente levando a alterações do ecossistema, eliminando populações sensíveis ou alterando o patrimônio genético destas populações. A população humana, direta ou indiretamente, pode ser atingida, levando a efeitos deletérios e limitantes da vida (Rolla, 1995). Os processos industriais, de modo geral, consomem grandes volumes de água, que são devolvidos aos corpos d'água receptores na forma de efluentes, com expressiva carga poluente, os quais podem eventualmente atingir bacias hídricas utilizadas para abastecimento, tornando-se assim um sério problema de saúde pública. Dentre os inúmeros problemas que a contaminação de águas de abastecimento podem causar, destaca-se a atividade mutagênica dos contaminantes, uma vez que estas alterações podem levar a danos do material genético da população e das futuras gerações e, principalmente, devido à existência de uma correlação entre atividade mutagênica e carcinogênese. Existem evidências que sugerem que as neoplasias originam-se em processos complexos através de alterações específicas do DNA, produzindo lesões em genes que controlam o crescimento celular (Weisburger & Willians, 1991). A monitorização da qualidade da água é estratégica como medida preventiva a ser adotada pelas políticas de saúde pública. A avaliação do potencial mutagênico de amostras ambientais utilizando bioensaios com microrganismos tem demonstrado aplicabilidade nos programas de monitoramento por serem testes sensíveis, de diagnóstico seguro, rápidos, de baixo custo e boa confiabilidade (Vargas, 1992). Considerando a importância do monitoramento ambiental da poluição por mutagênicos, o Laboratório de Análise de Água da Faculdade de Farmácia em parceria com os Laboratórios de Genética de Microrganismos e de Biologia Molecular de Substâncias Naturais do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, e com a cooperação da Companhia de Saneamento de Minas Gerais – COPASA-MG – tem investido no estudo, padronização e implantação do teste de Ames para avaliação da atividade mutagênica de poluentes das águas de abastecimento público de Belo Horizonte. Considerando-se que não existe uma avaliação de atividade mutagênica da água de abastecimento público de Belo Horizonte justifica-se a implantação do teste de Ames como uma primeira abordagem da qualidade da água dessa região. Teste Salmonella/ microssoma Ensaio de mutação gênica reversa em Salmonella typhimurium (teste de Ames). O teste de Ames ou salmonella/microssoma é o teste bacteriano mais utilizado mundialmente para avaliação do potencial mutagênico de substâncias químicas e misturas complexas de diversas origens. Grande parte de sua popularidade deve-se à sua simplicidade, baixo custo, sensibilidade e rapidez de execução (Josephy, 1997). Este teste foi desenvolvido por Ames e colaboradores na década de 70 (Ames et al, 1975, Maron & Ames, 1983), e avalia a indução de mutação reversa em linhagens de Salmonella typhimurium auxotróficas para o aminoácido histidina (hist-) a qual é revertida a prototrofia (hist+). Assim, a bactéria no estado auxotrófico exige que seja fornecido pelo meio, o nutriente, no caso o aminoácido histidina, cuja rota metabólica foi interrompida pela mutação de um gene envolvido na sua síntese. A restauração pode ocorrer devido à reversão exata do defeito original do gene que codifica para a enzima requerida na síntese do aminoácido, enquanto que a compensação deste defeito pode ocorrer devido à mutação secundária dentro do gene (Rolla, 1995). Assim, uma mutação adicional, seja causada pela amostra teste ou originada a partir de mutação espontânea, é requerida para reverter a célula ao estado selvagem (prototrófico). A freqüência de mutação reversa é medida pela contagem do número de colônias revertentes após a exposição de uma população a um agente mutagênico (Maron & Ames, 1983). São considerados mutagênicos

---

1Coordenadora, 2docentes, 3bolsista
Número de Registro SiexBrasil:
Área Temática: Saúde
Faculdade de Farmácia e Instituto de Ciências Biológicas
Contatos: sergiams@farmacia.ufmg.br e (31) 3339-7689

agentes que aumentam significativamente o número de células revertentes, considerando que cada linhagem tem uma taxa de reversão espontânea característica (Maron & Ames, 1983). Existe na literatura um grande número de trabalhos de aplicação de teste de genotoxicidade à águas superficiais constatando a contaminação dos mananciais em diversas regiões do planeta (Vargas, 1992). Dentre as fontes de contaminação o próprio processo de cloração, amplamente utilizado para a desinfecção da água, eleva o nível de genotoxinas (Meier et al, 1988, Cerná et al, 1998). Aparentemente, derivados clorados formados durante o processo são os responsáveis pela genotoxicidade (Maroka &Yamanaka, 1980). Este fato é extremamente relevante em regiões com alto conteúdo de Húmus, conforme relatado por Vartiainen e Liinrainen (1986) em água de consumo na Finlândia. No Brasil, estudos realizados em São Paulo avaliando amostras de água bruta, água tratada e esgotos (Martins et al., 1982), corpos d'água receptores de efluentes industriais (Sanches et al., 1988) e diversos rios e represas (Valent, 1990) demonstraram a presença de atividade mutagênica em todos estes segmentos. Vargas (1992), e Rolla (1995) utilizaram o teste para análise de água e sedimentos de rios do Rio Grande do Sul, nas áreas de influência do polo petroquímico e da indústria de papel e celulose, respectivamente, detectando a presença de atividade mutagênica em parte dos pontos amostrais avaliados. O mesmo foi observado por Gonçalves (1997) em efluentes gerados em processos de branqueamento de celulose.

Objetivos

Padronizar e implantar o "Teste de Ames" para avaliação de atividade mutagênica de amostras de água nos locais de captação da bacia do Rio das Velhas e represa Várzea das Flores.

Metodologia

A três tubos de ensaio esterilizados e protegidos da luz, contendo dois mililitros de ágar de superfície, previamente fundido e estabilizado a 45ºC, acrescentam-se 200mL de uma solução de histidina e biotina e 100mL de cultura bacteriana (crescimento de 1-2x10^9 células/mL em meio NB). Adiciona-se , em seguida, 100mL do extrato teste ou do controle. Paralelamente, faz-se um controle de reversão espontânea sem a adição de qualquer agente potencialmente mutagênico. O conteúdo de cada tubo é homogeneizado em agitador tipo vórtex e vertido sobre a superfície de uma placa contendo meio mínimo (MM). Nos testes com ativação metabólica adicionam-se 500mL da fração microssomal S9 (S9mix). As placas são incubadas em estufa a 37ºC com circulação de ar por 48 horas . Após o período de incubação as placas são retiradas da estufa e o número de colônias revertentes por placa é contado. Os resultados dos testes são expressos como número de colônias revertentes induzidas por placa, por peso (mg) ou volume (mL) equivalente da amostra. Sendo considerado potencialmente mutagênico extratos com contagem de revertentes duas vezes maiores que o número de revertentes espontâneos. Estão sendo utilizadas as linhagens de Salmonella typhimurium TA98 e TA100 e TA102. Como controle positivo para TA100 é utilizada a azida sódica e para TA98 e TA102 a 4-óxido-1-nitroquinoleína. Amostragem: as amostras de água de abastecimento público, pré e pós-tratamento, foram coletadas nos pontos de captação do Rio das Velhas e da represa Várzea das Flores e foram fornecidas pelo Laboratório Metropolitano da COPASA. As amostras foram coletadas em frasco âmbar, no volume de dois litros e mantidas sob refrigeração até o processamento. A concentração das amostras foi efetuada segundo a técnica descrita por Vargas (1988 e 1992) utilizando extração líquido-líquido. O volume de um litro foi transferido para funil de extração e procedeu-se à extração líquido-líquido, utilizando-se como solvente o diclorometano grau pesticida. O processo de extração ocorreu em três fases: primeira fase - o pH foi ajustado para neutralidade usando-se ácido sulfúrico 1:1 ou hidróxido de sódio 6N. Procedeu-se a extração utilizando-se inicialmente o volume de 80mL de diclorometano. A operação foi repetida com duas porções de 30mL de diclorometano, e as frações reunidas; segunda fase - o pH foi ajustado para 2.0 com ácido sulfúrico 1:1 e procedeu-se à mesma seqüência de extração descrita na primeira fase; terceira fase - o pH foi ajustado para 11 utilizando-se hidróxido de sódio 6N e a amostra submetida à mesma seqüência de extração. Os extratos foram reunidos e evaporados em evaporador rotatório à temperatura de 35°C. Após evaporação os extratos foram retomados com diclorometano e transferidos para tubos graduados. O solvente foi evaporado à temperatura ambiente até secura. Para o teste, o resíduo foi retomado com um mililitro da mistura DMSO /H_2O 1:1, correspondendo a um fator de concentração de 1000 vezes. Este procedimento foi realizado em duplicata, sendo uma amostra destinada ao teste sem a fração microssomal S9 e outra com o fator de ativação metabólica..

Resultados e Discussão

O projeto encontra-se na fase de triagem dos pontos amostrais estabelecidos, como uma primeira abordagem para rastreamento de potencial mutagênico das águas de abastecimento público da região de BH.

Nesse contexto, foi estabelecida uma colaboração com a COPASA que forneceu semanalmente amostras das captações do Rio das Velhas e da represa Várzea das Flores.

As amostras foram submetidas aos protocolos de extração e, depois de processadas e concentradas por um fator de 1000 vezes, foram acondicionadas sob refrigeração até a execução do teste.

Os testes são realizados semanalmente, uma vez que o grande volume de trabalho envolvido não permite a programação de vários testes simultaneamente. Até o momento, foram processados cerca de 30% das amostras.

Como o objetivo inicial era a triagem para detecção rápida de pontos de maior impacto do ponto de vista da genotoxicidade, decidiu-se não testar as frações isoladamente (neutro, ácido e básico) e sim, se fazer uma avaliação do “extrato bruto”. O que não deve, em princípio, comprometer essa avaliação inicial.

A partir dessa primeira triagem, se forem detectados pontos de maior mutagenicidade as analises serão reestruturadas prevendo um acompanhamento sazonal, em várias concentrações e a avaliação dos extratos isolados com o objetivo de identificar o possível agente mutagênico.

As amostras foram coletadas conforme descrito abaixo:

TABELA 1
Relação de datas e local de coleta das amostras

Amostras	Datas	Local de coleta das amostras (pré e pós-tratamento)
I	05/08	Rio das Velhas e Várzea das Flores
II	13/08	Rio das Velhas e Várzea das Flores
III	20/08	Rio das Velhas e Várzea das Flores
IV	27/08	Rio das Velhas e Várzea das Flores
V	03/09	Rio das Velhas e Várzea das Flores
VI	10/09	Rio das Velhas e Várzea das Flores
VII	17/09	Rio das Velhas e Várzea das Flores
VIII	24/09	Rio das Velhas e Várzea das Flores

Até o presente momento tem sido observado um discreto aumento no potencial mutagênico, sem o uso do ativador metabólico, em um dos pontos amostrais, particularmente na amostra bruta. Como apenas 30% dos extratos foram testados, ainda não se pode afirmar que esta tendência irá se manter com representatividade estatística.

Conclusão

A avaliação do potencial mutagênico das águas de abastecimento público é de grande relevância no contexto da Saúde Pública. Esse estudo busca dar uma contribuição no sentido de se avaliar a qualidade da água da região metropolitana de BH. Os resultados são preliminares e buscam inicialmente uma triagem de possíveis pontos de maior impacto. Até o momento os resultados não permitem conclusões acerca do potencial genotóxico dos pontos amostrais avaliados.

Parcerias

Companhia de saneamento de Minas Gerais

Referências

AMES, B.N., McCann J, Yamasaki E. Methods for detecting carcinogens and mutagens with the salmonella/ mammalian-microsome mutagenicity test. Mutation Research, Amsterdan, v.31, p.347-364, 1975.

CERNÁ M., Pastorkoveá A., Smid J., Dobiás L., Rössner P. The use of YG bacterial tester strins for the monitoring of drinking water mutagenicity. Toxicology Letters, v.96, n.97, p. 335-339, 1998.

HOUK V.S. The genotoxicity of industrial wastes and effluents – a review. Mutation Research, Amsterdan, v. 277, p. 91-138, 1992.

JOSEPHY P.D., Gruz P., Nohmi T. Recent advances in the construction of bacterial genotoxicity assays. Mutation Research, Amsterdan. v.386, p.1-23, 1997.
MARON D.M. & Ames B.N. Revised Methods for the Salmonella mutagenicity test. Mutation Research, Amsterdan, v.113, p.173-215, 1983.
MARTINS M.T. Sanches P.S., Sato M.I.Z., Gaglianone, S. Detecção de substâncias mutagênicas em águas- resultados preliminares,. In: VI Simpósio Anual da ACIESP, 1982, v.3 p. 114-9.
MARUOKA S., Yamanaka S. Productin of mutagenic substances by chlorination of waters. Mutation Research, Amsterdan, v.79, p. 381-386,1980.
MEIER J.R. Genotoxic activity of organic chemicals in drinking water. Mutation Research, Amsterdan, v.198, p.211-245, 1988.
ROLLA H.C. Avaliação da atividade mutagênica de amostras de sedimento do rio Guaíba e lodo proveniente da industria de papel e celulose. Porto Alegre: UFRGS- Faculdade de Agronomia, 1995. 114p. (Dissertação de mestrado em Microbiologia Agrícola e do Meio Ambiente)
SANCHEZ P.S., Sato, M.I.Z., Paschoal C.M.R.B., AlvesM.N., Furlan E., Martins M.T. Toxicity assessment of industrial effluents from São Paulo state, Brazil, using short-term microbial assays. Toxicity Assessment, v.3, p. 55-80, 1988.
VALENT, G. MV. Avaliação da atividade mutagênica de extratos orgânicos de corpos d'água do estado de São Paulo através do teste de Ames. Campinas: Universidade Estadual de Campinas- Instituto de Biologia, 1990. 138p. (Tese Doutorado em Ciências Biológicas / Genética).
VARGAS V.M.F. Avaliação de testes para triagem e diagnóstico de agentes genotóxicos ambientais. Porto Alegre: UFRGS, 1992. 273p. (Tese Doutorado em Ciências)
WEISBURGER J.H. Williams G.M. Critical effective methods to detect genotoxic carcinogens and neoplasm – Promoting agents. Environmental Health Perspectives, Triangle Park, v.20, p.121-126, 1991.

ESTRESSE NO TRABALHO: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM UMA UNIDADE FUNCIONAL DO HC/UFMG

Sonia Maria Soares, Maria Edila Freitas de Abreu1, Izabela Guimarães Torquetti dos Santos2

Introdução

O estresse acompanha o ser humano desde as suas origens sendo considerado na atualidade uma das maiores epidemias do mundo ocidental. Este consiste nas respostas físicas da pessoa a determinados fatores estressores, podendo estes serem físicos, psíquicos ou ambientais (Seyle, 1993) . Uma questão que tem sido muito discutida atualmente é como o estresse diário afeta o ambiente de trabalho e conseqüentemente a produtividade do trabalhador. As inovações tecnológicas e organizacionais vêm causando importantes mudanças no mundo do trabalho, seja na produção, seja na sociedade como um todo, com repercussões que parecem ser bastante profundas. Esta nova relação faz surgir novos riscos para a saúde dos trabalhadores, aqui entendida em um conceito mais amplo, envolvendo seus aspectos físico, mental e social. Foi a partir dessas questões que um grupo de docentes da Escola de Enfermagem/UFMG decidiu criar, em 1998, o Projeto "Cuidar..Cuidando-se!" com enfoque no desenvolvimento humano. Ao longo desses anos, o Projeto realizou várias atividades de prestação de serviços à comunidade buscando a consolidação de uma linha de trabalho e pesquisa sobre qualidade de vida, trabalho e humanização que foi inserida no sub-projeto Humanização do Processo de Trabalho. Recentemente surgiu a necessidade de expandir a atuação do Projeto, conforme recomendação da PROEX/UFMG. Assim, foi estabelecida uma parceria institucional com o Projeto Qualidade de Vida e Trabalho- QVT/HC/UFMG, a partir de uma demanda gerada pela própria Diretoria de Recursos / HC sobretudo considerando o capital humano nas organizações como elemento fundamental para a gerencia organizacional (CRAWFORD, 1994). Sabe-se que um alto nível de estresse cotidiano pode levar a síndrome de Burnout (BEHN,1990) que é uma expressão usada para denominar um quadro de esgotamento físico e emocional caracterizado por pessimismo, imagens negativas de si mesmo, atitudes desfavoráveis em relação ao trabalho e uma perda de interesse no atendimento aos clientes. Wolfagang (1988), descreve esta síndrome como uma condição psicológica ocasionada pelo estresse continuo e que contribui para o absenteísmo, alcoolismo, suicídio, doenças mentais e conflitos conjugais, podendo também ser entendida como estafa ou esgotamento profissional. Para Seligmann-Silva (1995), a síndrome Burnout se refere a um incêndio interno que reduz a cinzas a disposição da pessoa, suas expectativas e auto-imagem. Godoy fez um levantamento no Serviço de Atenção a Saúde do Trabalhador- SAST/ Campus da Saúde/ UFMG, e constatou que das 3019 consultas realizadas entre janeiro a dezembro de 1999, pelos trabalhadores do Hospital das Clínicas 64,42% resultaram em afastamento por motivo de doença. A concessão de licenças médicas aumentou de 4,8% em fevereiro para 8,5% em março, alcançando 12,2% em junho, foi decrescendo em agosto e setembro respectivamente com 10,4% e 11,0%, atingindo em dezembro o percentual de 7,4%. Este fato se agrava por se tratar de um hospital universitário, que desempenha atividades de ensino-aprendizagem para estudantes de diversas áreas da saúde, apresentando intensa movimentação de pessoal e aumento da demanda de trabalho para os trabalhadores, no decorrer do semestre letivo. Os dados apresentados pelo Departamento de Recursos Humanos (DRH) do Hospital das Clínicas sobre o absenteísmo dos funcionários de uma referida Unidade Funcional no período de janeiro a maio, indicam 62,4% dos funcionários afastados por diversos motivos, entre estes a licença saúde é a que tem maior proporção, sendo de 74,2% do total de afastamentos. Encontramos também uma reincidência dos funcionários afastados pelos motivos mencionados 30,7%. Diante destes dados observa-se que a situação é preocupante e exige uma intervenção imediata. Assim, este trabalho é resultado de uma aproximação de um projeto institucional da Escola de Enfermagem com o Hospital das Clínicas da UFMG abordando o estresse ocupacional suas manifestações e riscos.

1Coordenadoras, 2bolsista
Projeto Cuidar..Cuidando-se!
Número de Registro SiexBrasil: 1157
Área Temática: Saúde
Escola de Enfermagem e Hospital das Clínicas
Contatos: efreitas@dedalus.lcc.ufmg.br e (31) 9942-5152

Objetivos

Elaborar proposta de intervenção para o manejo do estresse no ambiente de trabalho; identificar, a partir de diagnóstico situacional, fatores determinantes do estresse no ambiente de trabalho; e estabelecer estratégias e mecanismos que viabilizem a criação de um programa contínuo de controle dos fatores estressores no ambiente de trabalho.

Metodologia

Trabalho realizado numa das unidades funcionais do Hospital das Clínicas. A coleta de dados foi feita por meio de oficinas no período de junho a agosto de 2003. O estudo contou com a participação de quarenta profissionais entre enfermeiros, técnico e auxiliares de enfermagem e outros funcionários técnico-administrativos do setor. O trabalho constou das seguintes etapas: Primeira etapa: Aproximação com a coordenação Os contatos ocorreram através de reuniões com os enfermeiros da Unidade, representantes da área administrativa, incluindo a participação da DRH. Nesta etapa buscou-se subsídios para estruturar o primeiro momento levantando sugestões e possíveis técnicas para um contato prévio com os funcionários desta Unidade. Na primeira reunião expusemos o Projeto Cuidar...Cuidando-se, seus objetivos e qual a contrapartida que o referido Projeto poderia oferecer. Realizamos uma sondagem inicial divulgando o Projeto e solicitando aos interessados que se inscrevessem com a coordenadora da Unidade, esta participação foi voluntária tendo como prioridade os funcionários que trabalhassem nesta área, incluindo equipe de enfermagem, funcionários técnicos-administrativos e demais integrantes da equipe de trabalho. Segunda etapa: planejamento das oficinas A oficina foi escolhida como ponto de partida para elaboração de um projeto maior. A escolha das oficinas deve-se ao fato de que esta tem uma dimensão terapêutica, na medida que facilta o insight e a elaboração de questões subjetivas e interpessoais. Os participantes foram distribuídos em três turmas que aconteceram em dias diferentes sendo uma pela manha e duas à tarde, facilitando desta forma o aproveitamento e a disponibilidade dos participantes. Terceira etapa: desenvolvimento das oficinas As oficinas permitiram que os funcionários fossem ouvidos acerca de suas percepções e sobre a questão em pauta, estresse ocupacional, para posteriormente estabelecermos outras formas de intervenção, previamente acordados com eles. Sabemos que qualquer proposta passa antes pelo desejo de se pactuarem-se com novas possibilidades de existência no contexto do trabalho. As oficinas foram estruturadas com exercícios de aquecimento e concentração, atividades lúdicas e teatro . No encerramento das oficinas fazia-se um relaxamento, utilizando a visualização criativa.

Resultados e Discussão

As oficinas permitiram que cada participante refletisse sobre as crenças acerca do estresse dismistificando-as e ao mesmo tempo expressassem situações do cotidiano geradoras do mesmo. Emergiram do conteúdo das oficinas situações de estresse relacionado: ao contato com a paciente e com as colegas de trabalho; à falta de tempo para si próprio e o autocuidado e as cobranças institucionais. Discutiu-se ainda as condições de trabalho e os riscos advindos do estresse laboral, principalmente ao lidarem com as pressões externas da gerência do serviço.O trabalho de enfermagem aponta para uma situação em condições insatisfatórias, com excessivo número de tarefas, ritmo desordenado, funcionários mal preparados, falta de material com constante improvisação e absenteísmo. Esta situação interfere na saúde mental dos trabalhadores e também na qualidade da assistência prestada. Assim, é importante desenvolvimento de novos estudos a fim de avaliar as implicações psicológicas inerentes à organização e divisão do trabalho, como possibilidade de analisar na prática as situações geradoras de satisfação e insatisfação favorecendo a conscientização e o conhecimento das necessidades psicossociais da equipe de enfermagem, além de predispor o diagnóstico da qualidade de vida no trabalho. O relacionamento interprofissional na equipe de enfermagem e suas consequências para o processo de trabalho foi o fator mais explorado pelas profissionais em seus depoimentos. Foram apresentadas várias sugestões para a construção de um projeto único para manejo do estresse. Os gráficos apresentados abaixo indicam a avaliação da primeira etapa das oficinas.

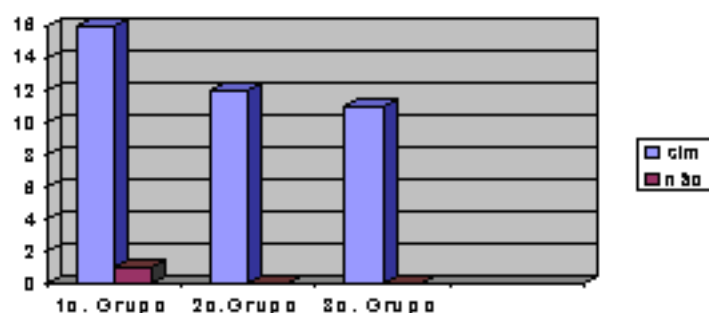
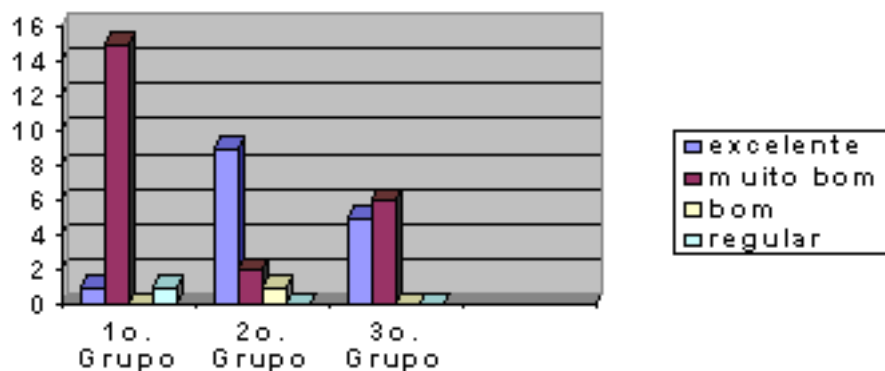
Gráfico1: Variação das expectativas dos participantes da oficina/HC

Fonte: Projeto Cuidar...Cuidando-se! oficina estresse no trabalho

Gráfico 2: Variação da avaliação dos participantes da oficina/HC

Fonte: Projeto Cuidar...Cuidando-se!oficina estresse no trabalho

Produtos Gerados

Projeto de manejo do estresse ocupacional na unidade funcional do Hospital das Clínicas/UFMG com o objetivo de apresentar técnicas criativas para o controle do mesmo, sensibilização dos participantes para a prática de exercícios físicos para controle do estresse. Este projeto encontra-se em conclusão e irá beneficiar mais de 150 funcionários técnico-administrativos do Hospital das Clínicas/UFMG..

Conclusão

Ao finalizar a primeira etapa do diagnóstico situacional conclui-se que tem aumentado o desgaste físico e emocional dos trabalhadores da área de saúde. Assim, acreditamos que estudos dessa natureza devem servir de base para o planejamento e a implementação de ações que busquem uma melhoria na qualidade de vida, pela conseqüente redução do estresse ocupacional destes profissionais.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão

Referências

BEHN, V. T El Síndrome de Burnout: autocuidado y cuidado de quienes ensenan autocuidado. Revista EPAS, Santiago do Chile, Universidade Católica, v.7, n.3, p.12-14.1990.

CRAWFORD, R. Na era do capital humano: o talento, a inteligência e o conhecimento como forças econômicas, seu impacto nas empresas e nas decisões de investimento. São Paulo: Atlas, 1994.182p.

DEJOURS, Cristophe. A loucura do trabalho Estudo de psicopatologiado trabalho. 5a edição. Cortez: São Paulo, 1998. 168p.

FREITAS, M. E. A O significado da autonomia do enfermeiro no cotidiano hospitalar á luz da fenomenologia

existencial de Maurice Merleau-Ponty. Rio de Janeiro, 1993. 212p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade do Rio de Janeiro.
GODOY, Solange Cervinho Bicalho. Absenteísmo – Doença entre Funcionários de um Hospital Universitário. 2001. 141f. Dissertação (Mestrado em Absenteísmo) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte
LIMA, Elenice D.R. de Paula. Estresse Ocupacional e a Enfermagem de centro Cirúrgico. 1997. 133f. Dissertação (Mestrado em estresse ocupacional) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
PITTA, Ana. Hospital Dor e Morte como Oficio.3oedição. HUCITEC: São Paulo, 1994. 198p.
SEYLE, H. The Stress Syndrome. American journal of nursing. V. 65, n. 3, p. 97-9. March 1965
SELLIGMAN – SILVA, E. Psicopatologia e psicodinâmica no trabalho. IN-------- Mendes, R. Patologia do Trabalho. Atheneu : Rio de Janeiro, 1995. p.287-310 cap. 3
WOLFGANG, A. P. Job Stress in the health profession a study of physicians, nurses and pharmacts. Hospital Topics. V. 66, n.4, p.24 – 8 1988

EDUCAÇÃO EM SAÚDE: UMA BUSCA PARA TRANSFORMAÇÃO DE REALIDADES

Eliana Aparecida Villa[1,] Rogéria de Castro[2], Patrícia de Oliveira Salgado, Thaís Lima Santiago dos Reis[3], Hozana Reis Passos, Maria Luciene Guimarães[4]

Introdução

O projeto Práticas Educativas na Atenção à Saúde de Mulheres tem sido realizado desde abril de 2001, através de ações educativas desenvolvidas na República Maria Maria, local em que abriga mulheres com trajetória de vida nas ruas. É um projeto de extensão do Centro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Foi desenvolvido inicialmente, com estudantes voluntárias e a partir de 2002, por uma bolsista e duas voluntárias do curso de Graduação em Enfermagem. Atualmente, o projeto conta com duas bolsistas e duas voluntárias do curso. A República Maria Maria é uma instituição caracterizada como moradia provisória que acolhe, em média, cinqüenta mulheres, e no momento quatro crianças. A instituição é mantida pela prefeitura Municipal de Belo Horizonte, através do Programa para a População de Rua. Além do caráter de moradia, tem como proposta a reinserção das mulheres na sociedade por diferentes formas: regulamentação da documentação pessoal, encaminhamento para emprego ou ocupações, cursos profissionalizantes, ou seja, meios que possibilitem a sua subsistência, culminando com uma saída definitiva das ruas. Através da construção do perfil do público alvo, constatamos que a maioria das mulheres encontra-se desempregada, sem nenhum tipo de renda e passa o dia vagando pelas ruas ou na própria instituição. Aquelas que têm família, de modo geral, desconhecem seu paradeiro e as que conhecem, via de regra, não são bem-vindas sequer para reverem os filhos. Sofrem com essa situação e, quase sempre, procuram não falar sobre o assunto. Verificamos que os problemas familiares (abandono ou conflitos) estão entre os principais motivos pelos quais essas mulheres vão morar na rua. Outros motivos se referem aos problemas econômicos. A maioria dessas mulheres se encontra na faixa etária de 51 a 60 anos; são advindas, na maior parte, do interior de Minas Gerais. Esses dados são coerentes com o 1º Censo da População de Rua do município de Belo Horizonte, instrumento este que buscou caracterizar a população de rua em 1998. Vale ressaltar que a maioria das moradoras da República apresenta mais de uma afecção de saúde (HIV, alcoolismo, depressão) estando o sofrimento mental presente em mais de 50% das mulheres. Identificamos que o desconhecimento ou a não valorização de cuidados a própria saúde e a de seus filhos são fatores determinantes para reforçar ainda mais a exclusão social dessas mulheres. Diante dessa realidade, justificamos nosso trabalho na República Maria Maria, uma vez que dentro do contexto de vida deste público, vimos a possibilidade de desenvolver uma proposta de educação na qual buscamos a reflexão sobre o processo saúde-doença, a necessidade do autocuidado, a importância da prevenção de doenças e, principalmente, os meios de promoção a saúde. Para isso, através de ações educativas, trabalhamos os diferentes aspectos desse processo e discutimos as possíveis estratégias de intervenção, através de práticas de cunho crítico e emancipatório, utilizando metodologias participativas, fundamentadas na concepção problematizadora de educação (FREIRE, apud, TORRES, 1979).

Objetivos

Promover espaços de reflexão sobre o processo saúde-doença, através de um enfoque positivo; sensibilizar as mulheres quanto à importância do autocuidado e suas implicações para a melhoria da qualidade de vida; aprimorar os conhecimentos e habilidades discentes na área de educação popular em saúde; valorizar as características pessoais dos indivíduos envolvidos no processo, estimulando a auto-estima e o resgate de autonomia; e resgatar a cidadania através da resignificação de valores.

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenadora, 3bolsistas, [4]voluntárias
Práticas Educativas na Atenção à Saúde de Mulheres
Número de Registro SiexBrasil: 1145
Área Temática: Saúde
Escola de Enfermagem
Contatos: evilla@enfufmg.br e (31) 3248-9833

Metodologia

Com o intuito de viabilizar a implementação das atividades, foram estipuladas algumas determinações norteadoras dos aspectos referentes às competências: das discentes, da coordenadora, dos funcionários da República Maria-Maria e outras referentes ao planejamento, implementação, avaliação das ações educativas, além dos aspectos relativos à avaliação do projeto (tipo de avaliação a ser realizada, periodicidade, sujeitos envolvidos, objetivos, indicadores e instrumentos a serem utilizados). Para realizarmos as ações educativas, os temas são levantados junto às moradoras da República segundo seus interesses, necessidades e sugestões; também mediante demandas observadas pelas facilitadoras e quando necessário, por sugestão da coordenação da República, contando sempre com a aprovação das mulheres. Discutimos temas relacionados ao cotidiano destas, buscando o envolvimento, a reflexão e a sensibilização para uma possível conscientização e mudança de hábitos. Acreditamos que é preciso construir o processo de "aprender a aprender", que se centra na aprendizagem como forma de construção do conhecimento (MONTEIRO, 2000).Tal fato se deve ao entendimento de que um planejamento pedagógico não deve ser feito somente por um dos pólos nele interessados. Se fosse assim, a dialogicidade da educação romperia e cair-se-ia numa concepção bancária de educação (FREIRE, apud, TORRES,1979). Atualmente, é dado um enfoque positivo aos temas tratados, ou seja, uma abordagem voltada para as questões referentes à saúde num sentido ampliado, isto é, enfatizando práticas de prevenção e, primordialmente promoção à saúde, diferente das práticas do antigo enfoque, voltadas para os riscos e processos patológicos. Através de uma dimensão mais abrangente do conceito na prática das ações educativas em saúde, com a participação em grupos, possibilitamos aos indivíduos ampliar o controle sobre suas vidas, visando transformações das realidades social e política. Além disso, buscamos a contextualização dos assuntos, visto que o processo saúde-doença é decorrente da forma como a sociedade se organiza e que os diferentes segmentos sociais apresentam distintos perfis epidemiológicos (CHIESA, 2003). Nessa perspectiva, foram abordadas durante as práticas educativas, temáticas como noções do corpo humano, reflexões acerca do que é ser mulher, ciclo menstrual, sexo seguro, alimentação saudável, cuidados com o corpo no banho e na utilização do vaso sanitário, ambiente saudável, cuidando das mamas, a importância da respiração etc. Em relação às estratégias de ensino-aprendizagem, utilizamos as formas que facilitariam a compreensão e a participação ativa durante as ações. Foram elas: encenações interativas, dinâmica de "Acordar o Corpo" (exercícios de respiração acompanhados de movimentos de alongamento), teatro de fantoches, dança, discussão em grupo através de interpretação de figuras e objetos, simulações, vivências etc. Os recursos didáticos são adaptados a cada estratégia de forma que contribuam para que as mesmas se concentrem na atividade sugerida e se envolvam com os mesmos. Dessa forma, acreditamos que lidar com o concreto, com o palpável é uma das melhores maneiras de promover a conexão do saber das mulheres com os conhecimentos científicos trabalhados durante as ações. Além disso, os elementos do psicodrama pedagógico nos auxiliam na tentativa de resgate dos valores de cidadania que foram podados ao longo da vida destas.

Resultados e Discussão

Através das ações educativas temos adquirido experiências que nos possibilitam a construção de um processo ensino-aprendizagem cada vez mais enriquecedor, tanto para as discentes, quanto para o público alvo. Além disso, tem nos auxiliado na compreensão e a valorização dos sentimentos, emoções, desejos e superações de medos, evitando assim, a reprodução, a repetição e a rotinização das atividades. Utilizando a comunicação como recurso terapêutico para identificar e lidar com inseguranças e resistências do grupo, conseguimos desenvolver a habilidade de escutar, observar, perguntar e responder, para que conseguíssemos uma comunicação efetiva (CHIESA, 2000). Isso nos possibilita a partilha de vivências, a identificação e o atendimento das necessidades individuais e do grupo. Dessa forma, temos conquistado a confiança do público alvo, que, para nós, tratou-se de um dos principais desafios para o desenvolvimento do nosso trabalho. Constatamos que há um produto das nossas ações em construção: um saber que se elabora durante o processo. Fato que nos serve de grande estímulo. Além disso, a construção do perfil dessas mulheres, através de entrevistas semi-estruturadas, propiciou uma maior aproximação, entre estas e as discentes. Dessa forma, abriu-se um espaço para um diálogo informal e, ao mesmo tempo, enriquecido pela emoção de quem relembrava fatos da vida: *"Quando minha mãe era viva, ela cuidava de mim"* (moradora da República). Temos conseguido manter um grupo constante e freqüente durante todas as ações educativas (12 a 15 participantes), o que nos tem motivado ainda mais para a construção de estratégias e recursos didáticos inovadores.

Percebe-se
que elas se sentem muito à vontade em falar sobre os assuntos abordados (questionam e são questionadas) e, além disso, é nítida a constatação de que elas são capazes de construir conhecimento próprio sobre estes assuntos: *"O mofo é ruim para a alergia, porque ataca os pulmões"* (moradora da República). Diante disso, avaliamos nossos resultados como muito positivo.A cada momento nos surpreendemos mais com as moradoras, o que vem nos confirmar, na prática, a afirmação de que o educador sempre aprende, enquanto ensina (FREIRE,1998).

Produtos Gerados
Participação em mesa redonda: "Práticas educativas em Saúde"- EEUFMG – (21 de maio de 2003); VI Seminário Nacional de Diretrizes da Educação em Enfermagem (17 a 21 de setembro de 2003); ·eminásrio do PAD: Integração multiprofissional e interdisciplinar na área de atenção básica em saúde; II Encontro de Movimentos e Práticas Educativas Popular em Saúde de Minas Gerais (BH- 20 a 22 de outubro de 2003); 55º Congresso Brasileiro de Enfermagem – Rio de Janeiro (10 a !5 de novembro de 2003) - apresentação de trabalho.

Conclusão
Verifica-se que o momento da ação educativa acaba se tornando único e inesquecível, pois a cada dia aprendemos algo novo e o contato com as mulheres nos faz refletir e avaliar muito além da aprendizagem dos conteúdos. Percebemos que as relações de ensino-aprendizagem extrapolam a situação de educador ou educando e transcendem para uma troca de vivências e emoções humanas, em que as relações se tornam horizontais, possibilitando o real aprendizado. Nesse sentido, acreditamos que *"a educação não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a um e a outro e que é visto de maneiras diferentes e de pontos de vista diferentes. As diferentes visões do mundo são impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças que fornecerão a base para o conteúdo programático da educação"*.(FREIRE,1979:126). Confiamos na capacidade do outro de construir seu próprio caminho.

Referênciass
BELO HORIZONTE. Secretaria da Ação Social da Prefeitura Municipal. Iº Censo de população de rua de Belo Horizonte. 1998, 75p.
CHIESA, A. M.; VERISSIMO,M.L. A educação em saúde na prática do PSF. Disponível em: < http: // www.ids-saúde.uol.com.;br/psf >. Acesso em 19 jan.2003.
Freire,Paulo.Consciência e história: a práxis educativa de Paulo freire, antologia.São Paulo:Loyola,1979.148p.
FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.165p.
MONTEIRO, M.A. Aprender a aprender: garantia de uma educação de qualidade? Presença Pedagógica, v.6, n. 33,p.47-57, mai./jun.2000

CUIDAR DE SI E SER CUIDADO: POSSIBILIDADE DE SUBJETIVAÇÃO PARA O PORTADOR DE SOFRIMENTO MENTAL EM CRISE

Teresa Cristina Silva[1], Teresa Cristina Ricaldonni[2], Aline Cerqueira Cruz[3]

Introdução

O contato com portadores de sofrimento mental em crise em um serviço de atendimento público de Belo Horizonte e as discussões com a equipe de profissionais desse serviço, culminaram na idéia de que a construção de uma oficina de trabalhos com os pacientes usuários do serviço seria uma forma oportuna de instituir um vínculo do docente com o serviço no qual realizava atividades de ensino clínico, bem como uma chance de oferecer mais uma atividade a esses portadores de sofrimento mental que freqüentam o serviço. Analisando as necessidades do serviço e a área de formação dos profissionais envolvidos nessa discussão, entendeu-se que seria interessante uma oficina na qual se discutissem e realizassem atividades de cuidados. As modificações propostas pelo Movimento de Reforma Psiquiátrica fizeram com que inúmeras iniciativas de criação de serviços substitutivos surgissem pelo país. Nesses serviços, entendidos como espaços substitutivos ao modelo asilar e de exclusão social, até então exclusivamente vigente na assistência psiquiátrica, são oferecidos aos seus usuários, além dos tratamentos individuais e mais tradicionais, atividades artísticas e educativas diversas sempre tomando como norteadora a idéia da reinserção social desse sujeito, bem como o exercício pleno de sua cidadania (AMARANTE, 1996; AMARANTE, 1995; DESVIAT, 1999). A cada um desses usuários é proposto um Projeto Terapêutico flexível que privilegia a escuta desse sujeito, o oferecimento de oficinas e o permanente contato com a família e a sociedade, ou seja, não há o tradicional e excludente regime de internações e isolamento social, até então tomado como única forma de tratamento a ser oferecido ao doente mental. É nesse intuito e contexto que se criou a Oficina de Cuidados. As oficinas terapêuticas tornam-se espaços privilegiados nos quais se pode unir saúde, convívio social e cultura. Segundo JEOLÁS e FERRARI (2003: 02) "*o que define uma oficina é sua proposta de aprendizagem compartilhada, por meio de atividade grupal, face a face, com o objetivo de construir coletivamente o conhecimento. Os coordenadores apenas facilitam o debate, partindo sempre de dúvidas, opiniões e valores dos próprios participantes. Os exercícios e os temas trabalhados estimulam questionamentos*..." . Nessa Oficina de Cuidados entende-se que o conceito de saúde, assim como os conceitos de sanidade, qualidade de vida e inclusão, são tomados de forma tal que se possibilite e crie condições de uma possível transformação desse sujeito - até então assujeitado - em um sujeito desejante, capaz de cuidar de si e dos outros, digno de respeito e inclusão social. Nas oficinas terapêuticas, o paciente tem a possibilidade de resgatar o seu desejo com o trabalho realizado dentro das mesmas: a produção e expressão livres. Numa Oficina em que se propõe o cuidado de si mesmo, ser cuidado e cuidar de outros que não se encontram em condições de fazê-lo, o produto que nela se obtém torna-se algo diferente do que se vê nas demais oficinas. Nesse projeto tinha-se em mente introduzir, sem pedagogizar ou sem fazer ortopedias, o desejo e o prazer de ter seu corpo higienizado e cuidado, além de se criar um espaço de convivência no qual a fala de cada um é valorizada, as conversas informais sobre aspectos da vida cotidiana surgem e incremetam a convivência rompendo com o tradicional isolamento e a imaginária e estigmatizada idéia de que o louco não é mais senhor de sua razão e vontade. O cuidar de si ou autocuidado como é muito difundido na área da saúde, em especial na enfermagem, traz consigo algumas importantes reflexões. De acordo com FERREIRA (1999), na forma reflexiva – cuidar-se – significa ter cuidado consigo mesmo, com a sua saúde, a sua aparência ou apresentação. De acordo com CASTIEL (2002) pode-se considerar que a idéia de cuidado de si veicula uma conotação ditada por aspectos cognitivos, conscientes e, sobretudo, volitivos. Tomado desse forma, o cuidar-se traz consigo a idéia de individualidade e de identidade. A noção individualista de identidade-de-si que conhecemos se ancora nas chamadas fontes ortodoxas do *self* da tradição filosófica ocidental, cuja gênese, desde os gregos, até os dias de hoje, configurou uma noção de

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenada, [3]bolsista
Oficina de cuidados: um caminho para a reinserção social.
Número de Registro SiexBrasil: 1139
Área Temática: Saúde
Escola de Enfermagem
Contatos: teresa@ufmg.br e (31) 3248-9846

identidade individuada, destacada do coletivo – singularizada, estabilizada e que se define reflexivamente (TAYLOR, 1994). Se, por um lado, as discussões sobre a modernidade introduzem severas críticas à primazia do individualismo (FRIDMAN, 1999), por outro, na área da saúde mental, na qual o direito à essa individualidade sempre foi negado ao doente mental, propiciar um espaço no qual esse sujeito pode-se diferenciar dos demais cortando seu cabelo, cultivando uma barba ou se propondo a dar um novo formato a ela, cuidar e pintar da unhas e pele, realizar cuidados higiênicos da cavidade bucal e dos cabelos, tudo isso, pode conferir-lhe uma individualidade, que nem sempre estará de acordo com os padrões sociais pré-estabelecidos, mas antes de tudo será concordante com seu desejo. Como profissionais de saúde, a oportunidade criada por essa oficina, tornou-se ainda um espaço de orientações e ações educativas. Essa idéia que inicialmente aconteceu de maneira espontânea à partir das demandas dos usuários, passou a ser mais discutida e surgiram demandas para que se pudesse abordar as questões que envolvessem a sexualidade e a vivência sexual dos pacientes inscritos no serviço. Tal idéia foi acatada pela equipe coordenadora desse projeto e surgiu assim, um sub-projeto, exclusivamente voltado para ações educativas de promoção à saúde.

Objetivos
Articular, a partir de uma atividade assistencial, ações de ensino, pesquisa e extensão; realizar uma oficina Terapêutica com o tema “O Cuidado” com os usuários do CERSAM Noroeste; realizar ações educativas com temas variados sobre promoção da saúde e prevenção de doenças; construir e divulgar essa experiência enquanto metodologia de intervenção coletiva, junto aos usuários; realizar ações de vigilância em saúde, a partir da constatação de doenças infecto-parasitárias; propiciar a aprendizagem e as discussões sobre o papel da enfermagem em psiquiatria e saúde mental; e formalizar um espaço de integração das atividades de docência com atividades assistenciais.

Metodologia
O Projeto vem sendo desenvolvido nas instalações do Centro de Referência em Saúde Mental - regional Noroeste- da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (CERSAM - Noroeste). A Oficina de Cuidados acontecem duas vezes por semana com uma carga horária de 2 horas por dia e o sub-projeto de Educação para a Saúde acontece semanalmente com uma duração de 1h e 30 min cada encontro. A participação nessas atividades é espontânea e pelo tempo que o usuário desejar ou conseguir permanecer. Desde o projeto original optou-se pela metodologia descrita a seguir: Primeira fase - Planejamento - os profissionais responsáveis, em inúmeras reuniões, definiram os aspectos básicos, tais como horário, local, concepções que nortearão o trabalho, formas de participação dos usuários, temas a serem discutidos, formas de avaliação e acompanhamento e definição das responsabilidades. O produto de tais discussões é encaminhado à gerência do serviço e consequentemente aos demais profissionais do serviço, através da reunião semanal de equipe para dar conhecimento, ampliar as discussões e obter sugestões. As propostas são, então, encaminhadas para discussões na reunião de usuários do serviço. O sub-projeto de educação em saúde seguiu os mesmos passos descritos acima. Segunda fase - Execução - inicialmente foi realizada uma reunião preparatória com os usuários para levantamento de interesses e construção coletiva das formas de participação. Após esse momento passou-se a realizar reuniões semanais com os usuários do CERSAM-Noroeste, nas quais os mesmos são convidados a executarem ações de cuidado corporal, em si mesmo e em seus pares. Optou-se por realizar no sub-projeto de Educação em Saúde um amplo programa educativo, tomando-se por base a Pedagogia Relacional, na qual se buscou, a partir do vivido pelo educando, introduzir elementos do conhecimento científico para a construção de novos conceitos e representações que poderão assim, culminar em mudanças de comportamento. Após inúmeras discussões, entendeu-se que deveríamos tratar em cada encontro de um tema ou sub-tema, partindo da orientação anatômica (céfalo-caudal) e tomando de cada uma das partes do corpo humano, algo sobre sua anatomia, fisiologia, os cuidados a ela relacionados, bem como possíveis doenças mais comuns e suas formas de prevenção. Para a execução desse subprojeto fez-se o seguinte programa e cronograma dos encontros de ação educativa:
Período: julho/2003 - Tema: O conceito de saúde e doença - Recursos: Desenho livre e discussão em grupo - Avaliação: produção realizada pelos presentes sobre o tema da oficina; exposição da produção em mural do serviço.
Período: agosto/2003 - Tema: Cabelos e Couro Cabeludo; Olho, Nariz e ouvido; Cavidade bucal e Nutrição; Pele; Axilas. Recursos: Desenho livre, colagem, modelos e discussões em grupo. Avaliação - Produção realizada pelos

presentes sobre o tema da oficina, eExposição da produção em mural do serviço.
Período: setembro/2003 - Tema: mamas; abdome; membros superiores; membros inferiores - Recursos: Modelos, demonstrações, levantamento entre os presentes sobre a realização do auto-exame das mamas periodicamente e discussões em grupo. - Avaliação: Produção realizada pelos presentes sobre o tema da oficina, realização do auto-exame das mamas pelos presentes.
Período: outubro/2003 - Tema: Sexualidade e afetividade; aparelho genital masculino e feminino; doenças sexualmente transmissíveis (DST's) e suas formas de prevenção; gravidez e métodos mais comuns de contracepção; modelos; demonstração dos métodos; demonstração de alguns sinais mais freqüentes de DST's; discussões em grupo. - Avaliação: Levantamento entre os presentes sobre a realização do exames preventivos para o câncer de colo de útero e de próstata; registro do resultado desse levantamento no livro de ocorrências do setor; comunicação dos resultados ao profissionais de referência de cada um dos usuários que se encontram com exame atrasado; produção realizada pelos presentes sobre o tema da oficina; discussão sobre o tema; avaliação oral dos participantes; e discussão dessa experiência na reunião de equipe.
Terceira fase: Avaliação - a oficina de cuidados é avaliada ao final de cada encontro, sendo essa uma avaliação verbal realizada pelos usuários presentes e pelos coordenadores. A avaliação serve de parâmetros para a reorganização da atividade quando se faz necessário. Com o passar do tempo, sentiu-se a necessidade de realizar uma avaliação mais sistematizada de todo esse processo. Nesse sentido, construiu-se formulário de avaliação para todos os profissionais do serviço, desde o gerente até os que atuam através de serviços terceirizados (portaria, cozinha, faxina, manutençao). Após discussões desse formulário nas diversas instâncias, o mesmo foi distribuído juntamente com uma declaração de livre consentimento, para respeitar os princípios éticos de uma pesquisa com seres humanos. No momento, esse questionário está sendo respondido e devolvido. A partir da análise de seus resultados realizaremos novas publicações e introduziremos mais modificações no Projeto original. Quarta fase: Produção Com o decorrer das atividades, os profissionais envolvidos estão planejando estudos teóricos sobre assuntos pertinentes à oficina e seu funcionamento, bem como a divulgação de experiência que tem se mostrado muito enriquecedora.

Resultados e Discussão

Trata-se de um Projeto que vem sendo desenvolvido ao longo de alguns anos e apresentando progressivamente resultados que tem contribuído para alcançar os objetivos aqui propostos. Antes de mais nada, é fundamental explicitar que cada resultado aqui apresentado significa, na verdade, um enorme esforço conjunto dos profissionais da Universidade e da Prefeitura de Belo Horizonte, envolvidos direta ou indiretamente nesse Projeto. Diante da proposta do serviço, firmemente bancada, de se realizar um verdadeiro trabalho em equipe com participação dos usuários do serviço (através da reunião semanal de usuários), busca-se uma pactuação de um projeto ético-político, tal como propôe VASCONCELOS (2000). Exige-se, assim, que toda e qualquer inovação proposta para esse serviço, seja amplamente discutida. Dessa forma, tem-se por um lado, um maior envolvimento dos diversos atores, mas também demanda-se um maior tempo para a concretização de metas. Para melhor falar dos resultados alcançados optou-se por seguir as fases da metodologia aqui explicitada. Em relação ao Planejamento, entendendo-o como algo dinâmico que tem perpassado todas as fases dessa oficina, pode-se dizer que vem sendo cumprido rigorosamente, embora de forma mais demorada que o esperado. Dentro dessa fase, ocorreram reformas da planta física do serviço, busca freqüente de alternativas (festas, obtenção e venda de material para sucata) para conseguir fundos e adquirir os materiais de consumo e equipamentos necessários. Hoje contamos com uma oficina relativamente bem equipada, embora os esforços para adquirir material de consumo e realizar a manutenção dos equipamentos, tenham que ser constantes. Ainda em relação ao planejamento do sub-projeto de Educação em Saúde, foram necessárias inúmeras reuniões pois, diante da falta de outras experiências similares com essa mesma clientela relatadas na literatura científica, inúmeras questões foram sendo colocadas e que nos deixaram em verdadeiros impasses. Esses impasses trouxeram ricos momentos de discussão, tanto da equipe coordenadora e executora do projeto, quanto dos profissionais do serviço. Algumas dessas questões, foram discutidas anteriormente à execução, mas muitas delas só foram compreendidas a partir do fazer e de cada encontro. Questionáva-se muito sobre como abordar a questão do corpo e de fazê-lo a partir de um referencial anatômico (ou seja, por partes) para uma clientela de pacientes na sua maioria, psicóticos em crise, que tal como sabemos trazem consigo questões e

vivências a cerca do corpo, em especial do despedaçamento do mesmo (LACAN (1955/1956 [1981]; LACAN, 1966 [1998]). Tal questão só foi resolvida após muitas discussões, nas quais se decidiu iniciar o trabalho educativo e observar as repercussões dessa decisão. Outras questões, não menos intrigantes surgiram, tais como, se haveria adesão dos usuários a esse tipo de atividade que exige concentração e atenção; a melhor forma de abordar e iniciar esse trabalho educativo, no qual não se possuía experiência, a duração mais conveniente das discussões, a metodologia mais adequada e se a opção metodológica adotada propiciaria a participação, a compreensão e despertaria o interesse dos presentes. Além disso, abordar temas tais como a sexualidade para esse grupo específico, implicou em inúmeras discussões e opiniões divergentes. Felizmente dispunha-se de profissionais de diversas área de conhecimento (Psiquiatria, Psicologia, Serviço Social, Terapia Ocupacional, Enfermagem) que faziam contribuições e discussões bastante enriquecedoras. Entretanto, somente a realização das discussões com os usuários trouxeram respostas um pouco mais definitivas, e, é claro, novas questões. Em relação à Execução da Oficina de Cuidados, algumas questões são relevantes. Observa-se que, a participação esporádica de profissionais ou estagiários do serviço não muito cientes das diretrizes de autonomia, estímulo ao autocuidado e participação espontânea que norteiam esse projeto, fazem com que esses colaboradores, restrinjam-se a executar aqueles cuidados que ele (o profissional) julga necessários e podem por vezes, desconsiderar o desejo daquele sujeito, que mesmo em crise, tem direito a manifestá-lo. Tal impasse aponta para a necessidade de ampliar a discussão sobre esse Projeto junto aos que circulam no serviço. Em relação à fase de Avaliação da oficina, devido às avaliações positivas tanto dos usuários como dos executores e dos demais profissionais, a Oficina de Cuidados vem sendo continuada e acontece duas vezes por semana. Uma outra forma de avaliação se dá pela demanda crescente de participantes e o interesse e iniciativa em apresentar a oficina aos usuários recém-inscritos no serviço. Tem se tornado comum também a iniciativa de diversos usuários de levar para a equipe que coordena e executa a oficina, problemas de saúde deles mesmos ou por eles observados em outros pacientes. Como exemplo, pode-se citar a preocupação com a escabiose, pediculose ou mesmo a precariedade da higiene pessoal de alguns usuários. Quanto ao sub-projeto de Educação para Saúde, houve um momento avaliativo na reunião de equipe dos profissionais, que, em geral, julgou muito positiva a iniciativa, mas insistiram na necessidade de continuar tal atividade. Discutiu-se a necessidade de propiciar condições para a realização dos cuidados cotidianos pelos usuários do serviço. Como exemplo, pode-se citar, a necessidade de conseguir um local para guardar as escovas de dentes com identificação, para que se possa proceder à higiene bucal após as refeições. Outro exemplo, foi a sugestão da intensificação da articulação dos profissionais de referência com a equipe de Saúde da Família, responsável pela área de abrangência, na qual reside um determinado usuário, com o intuito de incrementar ações de higiene no ambiente familiar, encaminhar o usuário para exames preventivos, realizar a manutenção de cuidados e tratamentos iniciados no CERSAM-Noroeste. No momento, aguarda-se o retorno dos questionários de avaliação para dar continuidade ao processo de avaliação do Projeto como um todo.

Produtos gerados

Finalmente, na fase de Produção pode-se dizer que, além de uma dissertação de mestrado realizada pelo docente coordenador da oficina, a referida dissertação e seu projeto foram apresentados em cinco eventos de pesquisa em Enfermagem (sendo dois internacionais) e no momento está-se encaminhando artigos para revistas científicas artigos oriundos da mesma. A partir da entrada do bolsista de extensão nesse projeto foi possível realizar pesquisas bibliográficas sobre o tema que subsidiaram e subsidiarão a produção científica. A sistematização da avaliação desse projeto também figura como um produto imprescindível para a continuidade dos trabalhos. Estão em fase de produção dois posteres para serem apresentados no próximo Encontro de Pesquisadores de Saúde Mental, realizado pela Escola de Enfermagem da USP-Ribeirão Preto, além de dois artigos a serem publicados em veículos de divulgação científica. Planeja-se que até o fim do ano teremos estes produtos concluídos e encaminhados.

Conclusão

Ao longo do período de execução desse projeto várias considerações devem e podem ser feitas. A primeira delas vem reforçar as afirmações sobre a importância de se propiciar ao portador de sofrimento mental, mesmo que em crise, uma nova forma de tratamento, na qual ele se coloque como sujeito de seu desejo. Vale salientar que, a assistência psiquiátrica até então oferecida aos portadores de sofrimento psíquico, se pautava no funcionamento

da instituição com suas normas, regras e horários rígidos, aos quais só restavam aos pacientes, submeter-se. Nesses locais, os cuidados eram definidos em todos os seus aspectos (horários, forma de acontecer, padrões) pelos profissionais responsáveis por executá-los, de acordo com seus próprios princípios. Percebe-se uma perplexidade e, por vezes, dificuldade extrema de alguns pacientes nos momentos nos quais se abre a possibilidade para que esse paciente - que, muitas vezes passou por tratamentos em instituições fechadas - possa realizar escolhas. Essa situação interroga-o sobre seu desejo e introduz-se aí uma possibilidade de subjetivação. Ao propor a uma paciente para que ela escolha a cor do esmalte que deseja usar, ao oferecer um espelho para que ele(a) penteiem seus cabelos da forma como gostam, ao oferecer o barbeador para que eles façam a barba ou ajudem os outros a fazerem a sua, esses simples atos, encerram em si algo dessa possibilidade de subjetivação, uma vez que introduzem a dimensão do desejo. Sabe-se, entretanto, que tal subjetivação é algo complexo e que só se torna possível pelo somatório de todo o projeto ético, político e assistencial do serviço e não apenas de uma atividade isolada. Em relação ao sub-projeto de Educação em Saúde pode-se constatar que, se a teoria funciona como norteador, a prática surge como a comprovação inequívoca de que o portador de sofrimento mental tem muito a contribuir, o que só reforça as diretrizes e a real possibilidade de lutar por sua reinserção social. O aprendizado que esse sub-projeto trouxe foi algo substancial. Pode-se comprovar que a Pedagogia Relacional se aplica também à essa clientela, uma vez que, por sua experiência cotidiana eles têm muito à contribuir. A receptividade deles aos conhecimentos científicos e a espontaneidade para expor suas questões e dúvidas contribuíram para o sucesso dessa empreitada. Outra questão que se impõe, diz respeito às relações entre universidade e serviço. Embora se saiba que os profissionais do serviço vivem completamente atarefados pelo excesso de atividades, a oportunidade de discutir cada passo do projeto com toda a equipe é algo de fundamental importância. É ainda fundamental que se consiga envolver cada vez mais os profissionais do serviço também na execução dessas atividades. Esses profissionais trazem a contribuição de sua vivência constante no serviço, além de se inteirarem do projeto e poderem dar continuidade ao mesmo. Finalmente, a presença de um aluno bolsista nesse momento do projeto mostrou o quanto se perde quando o ensino é deixado de lado em projetos como esses. A participação do aluno em todas as fases desse projeto e, fundamentalmente em sua execução, trouxe inegáveis questionamentos aos que vinham desenvolvendo o projeto, bem como contribuiu para a formação acadêmica, científica, política e pessoal do bolsista. Todas essas considerações apontam para a premência de se continuar investindo nesse projeto e agregando a ele novas experiências, novos alunos e profissionais, além de incrementar cada vez mais a produção científica nessa área.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão e Centro de Referência em Saúde Mental/Regional Noroeste da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Referências

AMARANTE, Paulo. O homem e a serpente - outras histórias para a loucura e a psiquiatria. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 1996. 141p.

AMARANTE, Paulo. Loucos pela vida: a trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 1995. 136p.

CASTIEL, Luis David . Internet e o autocuidado em saúde: como juntar os trapinhos? Hist. cienc. saude v.9 n.2 Rio de Janeiro maio/ago. 2002

DESVIAT, Manuel. A Reforma Psiquiátrica. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 1999. 168p.

FRIDMAN, L. C.: 'Pós-modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento'. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, VI(2), 353-75, jul.-out. 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda 1999 Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

JEOLÁS, Leila S e FERRARI, Rosângela A.P. . Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. Ciênc. saúde coletiva v.8 n.2 São Paulo 2003

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 3: As Psicoses. Trad. Aluísio Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981. (Texto original de 1955-1956).

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: ______. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 96 – 103. (Texto original de 1966)

TAYLOR, Charles 1994 *As fontes do self. A construção da identidade moderna*. São Paulo, Loyola.
VASCONCELOS, Eduardo. O caminho das pérolas: novas formas de cuidar em saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2000.

ATENDIMENTO ODONTOLÓGICO A PACIENTES COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Vera Lúcia Silva Resende[1], Lia Silva de Castilho[2], Cristiano Pires e Silva[3], Frederico de Melo Moreira Sans, Grimaldo Martins Maia de Oliveira Bicalho, Lara Cristina Caldeira Nunes, Michael Campos Ribeiro, Tatiana Rodrigues Constatino[4]

Introdução

São considerados Pacientes Especiais aqueles que apresentem qualquer tipo de condição que os façam necessitar de atendimento diferenciado por um período ou por toda sua vida. Nesse grupo estão incluídos os portadores de doenças metabólicas como o diabetes, alterações dos sistemas, como a hipertensão, condições transitórias, como gravidez, pessoas que perderam sua condição de normalidade como as vítimas de acidentes, os idosos, os deficientes mentais, entre outros (Resende, 1998). Estimava-se, na década de 90, que no Brasil cerca de 15.000.000 de pessoas eram portadoras de deficiências mentais, visuais, auditivas, múltiplas e físicas (Brasil, 1993). As pessoas portadoras de deficiências neuropsicomotoras muitas vezes apresentam doenças bucais que comprometem seriamente os dentes levando a sua perda (Brasil, 1993). São pessoas que geralmente não têm habilidade para promoverem uma higiene oral satisfatória e muitas vezes não permitem que outras o façam, ou o façam de maneira adequada por possuírem comportamento agressivo ou mesmo por apresentarem movimentos involuntários que dificultam a higienização. Entretanto, aquelas que se apresentam com auto-suficiência e independência em relação à escovação têm a higiene oral negligenciadas pelos cuidadores (Martens et al., 2000). Além disso, freqüentemente recebem um tratamento especial dos familiares que manifestam seu carinho em forma de alimentos açucarados e com uma freqüência muito grande. Este paciente, geralmente, possui uma alimentação mais pastosa, usa mamadeira por mais tempo, apresenta deglutição atípica e utiliza medicamentos contendo em sua composição a sacarose ou que podem causar xerostomia (Fourniol Filho e Facion, 1998). O tratamento Odontológico dessas pessoas também se torna difícil necessitando de um tempo mais prolongado nas seções e um número maior delas, além de exigir muito mais paciência e dedicação do operador. Como existe um grande número de pessoas com deficiência mental na de baixo poder aquisitivo, elas ficam sem opção de tratamento, dependendo do serviço público. Por constituírem um grande número e com grandes necessidades são encaminhadas para tratamento sob anestesia geral através do Serviço Único de Saúde (SUS). São grandes os riscos para o usuário oferecidos pela anestesia geral por se tratar de injeção de um grande número de altas doses de depressores do Sistema Nervoso Central, devendo tal procedimento ser indicado para casos de indicação restrita. O tratamento Odontológico feito sob anestesia geral se torna ineficaz no controle do processo saúde/doença por ser esporádico e ser puramente cirúrgico/ restaurador (Serra, 1996; Resende, Castro e Abreu, 1997). Existe uma grande deficiência nos currículos das Escolas de Odontologia com relação à formação do profissional para atender pessoas com deficiências físicas e mentais. Os cirurgiões-dentistas não se sentem seguros para o atendimento e terminam por indicar o paciente para a anestesia geral, talvez como uma forma de se tornar livre do problema. Infelizmente, o sistema não comporta a demanda nem dos que realmente precisam e não está organizado adequadamente para atendê-los. Uma nova proposta de diretrizes curriculares recomenda para a introdução desse conteúdo no curso de graduação, mas até que isso aconteça, torna-se necessária a inserção dessa área de conhecimento na formação do futuro profissional de Odontologia como Projeto de Extensão. O projeto de Extensão "Atendimento Odontológico a Pacientes com Necessidades Especiais" iniciou suas atividades no ano de 1996, conduzido pela Faculdade de Odontologia da UFMG em parceria com o Sistema Único de Saúde e Fundação Benjamim Guimarães. Paralelamente, atividades de pesquisa e extensão foram implementadas em 1998 na Associação Mineira de Reabilitação (AMR) pela Faculdade de Odontologia com o objetivo de atender principalmente indivíduos portadores de deficiências neuropsicomotoras em tratamento no setor de reabilitação desta instituição, bem como alunos da Escola Estadual Dr. João Moreira Salles que funciona em anexo à AMR. Em 1999, devido à não renovação do contrato entre o Sistema Único de Saúde e Fundação Benjamim

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenadora, [3]bolsista, [4]voluntários
Número de Registro SiexBrasil: 3269
Área Temática: Saúde
Faculdade de Odontologia
Contatos: silres@dedalus.lcc.ufmg.br e (31) 3499-2453

Guimarães, o atendimento realizado nas dependências do Hospital da Baleia foi suspenso, restando o atendimento ambulatorial realizado nas dependências da clínica odontológica da AMR. Em ambas as frentes de trabalho, o referido projeto de extensão já recebeu em torno de mil pacientes novos e vem prestando atendimento odontológico regular de manutenção, atualmente, a 286 pacientes. O público alvo deste projeto são 360 crianças atendidas pelo setor de reabilitação da AMR e 160 jovens matriculados na Escola em 2003. Dentre as atividades realizadas pelos alunos de odontologia participantes do projeto podem ser enumeradas ações de promoção da saúde bucal envolvendo estratégias de educação em saúde para pacientes, equipe de saúde multidisciplinar, professores, pais e cuidadores, intervenções no cardápio da merenda da escola no sentido de diminuição do volume de açúcar dispensado em sucos, achocolatados e mingaus, escovação supervisionada semanal na escola e atendimento clínico cirúrgico-restaurador no ambulatório odontológico da AMR (Abreu, Castilho e Resende, 2001; Castilho, Resende e Marinho, 2002). Os alunos que participam deste projeto têm a oportunidade de trabalhar em conjunto com a área da educação e, principalmente, com outras áreas da saúde como fonoaudiologia, psicologia, fisioterapia, terapia ocupacional e medicina. Esta participação é sistematizada através do sistema de referência e contra-referência e também na freqüência aos seminários de discussão de casos clínicos realizados todas as quintas-feiras no auditório da AMR com a presença não só dos profissionais supra-citados, como de alunos da Universidade Católica de Minas Gerais dos cursos de fisioterapia e terapia ocupacional. A pesquisa e produção de textos visando a participação em Congressos e publicações em periódicos científicos também são constantes neste projeto rendendo, até mesmo, menções honrosas. Tais projetos de pesquisa sempre são submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa Médica da UFMG. Como principais realizações podem ser citadas: a produção de uma dissertação de Mestrado, uma monografia de especialização (em andamento), um artigo publicado em periódico internacional (Abreu et al., 2002) e três em periódicos nacionais (Abreu, Paixão e Resende, 1999; Castilho et al., 2000; Abreu, Castilho e Resende, 2001). O projeto de Extensão também gerou uma disciplina optativa para o 8º semestre e outra para o 9º (Atendimento de pacientes especiais em bloco cirúrgico). As participações em congressos científicos de renome são inúmeras e sempre informadas no final da vigência do período letivo em formulários da Pró-reitoria de Extensão. A escolaridade materna é um dos indicadores econômicos bastante pesquisados na odontologia em relação à cárie (Gonçalves, Peres e Marcenes, 2002) e que tem demonstrado peso considerável, juntamente com a idade, entre os pacientes portadores de deficiências neuropsicomotoras que participam deste projeto de extensão (Cabral, Castilho e Resende, 2003). Além do trabalho com verificação da influência da escolaridade materna na determinação da cárie dentária, outras variáveis têm sido estudadas tais como: diagnóstico médico do paciente (Apolônio, Castilho e Resende, 2002), prematuridade (Silva et al., 2003), o papel da escola na saúde bucal do paciente com deficiências neuropsicomotoras (Ruas, Castilho e Resende, 2002), tipos de procedimentos odontológicos mais realizados (Abreu, Castilho e Resende, 2002) e dados obtidos no Inventário de Avaliação Pediátrica de Disfunção (Pediatric Evaluation of Disability Inventory- PEDI). Neste caso, o grau de comprometimento motor e a capacidade de segurar escova de dentes tiveram correlação significativa com a cárie dentária. As autoras creditam este resultado ao fato de que os pais ou cuidadores do portador de deficiência neuropsicomotora que possui certa destreza manual acabam por delegar a ele a limpeza dos dentes (Cabral, Castilho e Resende, 2003). Este resultado também já foi descrito por Martens et al. (2000) em Flandres, Bélgica, com relação à remoção da placa bacteriana. A questão do traumatismo dentário anterior entre os alunos que conseguem caminhar e aqueles que usam cadeira de rodas também foi tema de pesquisa entre os estudantes de odontologia da graduação não sendo encontradas diferenças significativas entre os dois grupos (Silva et al., 2003). Atualmente, o projeto tem abrigado estudos que tentam mensurar o papel dos medicamentos, escolaridade paterna e influência da equipe multidisciplinar no desenvolvimento da cárie dentária. Futuramente, alunos do curso de fisioterapia irão desenvolver estudos que envolvam dados sobre comprometimento motor e desenvolvimento de cárie como monografias de conclusão de curso.

Objetivos

Proporcionar ao aluno conhecimentos teóricos e práticos para o atendimento ao paciente portador de necessidades especiais; prestar atendimento odontológico a pacientes portadores de necessidades especiais, selecionando os casos possíveis de serem tratados em ambulatório; encaminhar, via SUS, ao Hospital Odilon Behrens, os casos indicados para anestesia geral; fornecer ao aluno conhecimentos teóricos e práticos sobre as deformidades, defor-

mações, síndromes e outras condições que levam as pessoas a se tornarem portadores de necessidades especiais; preparar o aluno para ser um profissional completo, não excluindo os casos que apresentem maiores dificuldades; e preparar o aluno para planejar e gerir atividades de promoção de saúde bucal em uma instituição de ensino especial.

Metodologia

O projeto é executado em aulas teóricas, na forma de seminários, grupos de discussão e a parte prática na forma de atendimento clínico a pessoas com necessidades especiais. O atendimento ambulatorial é na Clínica Odontológica da Associação Mineira de Reabilitação (AMR) prestando atendimento aos usuários da AMR e da Escola Estadual Dr. João Moreira Salles (anexa à AMR). Este atendimento se dá em estreita colaboração entre os estudantes da graduação em odontologia e demais profissionais da equipe multidisciplinar do setor de reabilitação da AMR. Estes alunos também travam contato com estagiários dos cursos de fisioterapia e terapia ocupacional da PUC-MG. O aluno é estimulado a participar de pelo menos um Congresso com publicação de resumos em Anais. É cobrado do aluno também uma monografia ou artigo científico ao final do curso. O projeto de extensão tem potencial para envolver diretamente o trabalho de estudantes de outros cursos de graduação nas ciências da saúde ou de pós-graduação nesta mesma área desde que esteja relacionado com a promoção de saúde bucal.

Resultados e Discussão

De janeiro a outubro de 2003 foram realizados 442 atendimentos odontológicos no ambulatório. Estes atendimentos incluíram exodontias, restaurações de amálgama, resina e cimento de ionômero de vidro, tratamentos endodônticos, sutura de lábio, aplicações tópicas de flúor, raspagens supra e subgengivais, orientações dietéticas, radiografias e anamnese. Nas terças-feiras, a equipe era dividida e um grupo assumia a escovação supervisionada com os alunos da escola. Os alunos de graduação participaram, também, de seminários de discussão de casos clínicos realizados pelas equipes médica, de fisioterapia, de fonoaudiologia, de psicologia e terapia ocupacional nas quintas-feiras no auditório da AMR. Os participantes são acompanhados constantemente para avaliação de sua satisfação, satisfação dos responsáveis pelos usuários e avaliados em todas atividades teóricas e práticas, sendo a presença obrigatória em 85%. Serão avaliados: envolvimento com a atividade, compromisso e conhecimento. A AMR recebe mensalmente um consolidado de todas as atividades clínicas realizadas nas dependências do Ambulatório de Odontologia e, semestralmente, um resumo não só das atividades clínicas como também cópia dos trabalhos apresentados em congressos e seminários e participação dos alunos nas atividades comuns à área da saúde.

Produtos Gerados

1 trabalho na III Semana de Iniciação Científica da UFMG, 1 trabalho no 21º Congresso Internacional de São Paulo e 2 trabalhos na 20ª Reunião Anual da SBPqO. A monografia de conclusão da aluna Juliana Cristina Meneses de Cabral está participando do Prêmio Colgate e a aluna Maria Cristina Rocha Tinoco, aluna do curso de especialização em Saúde Pública está em fase de conclusão.

Conclusão

Tendo em vista a ampla participação do projeto de extensão em atividades que envolvam a escola e o setor de reabilitação da AMR, detectável não só na prestação de serviços, como também no desenvolvimento no aluno de uma postura crítica em relação à sua profissão e ao impacto dela sobre a doença bucal, está correto afirmar que este projeto tem cumprido com excelência o seu papel social de promover a saúde bucal do paciente portador de necessidades especiais da AMR e Escola Dr. João Moreira Salles.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão, Associação Mineira de Reabilitação e Escola Estadual Dr. João Moreira Salles

Referências

ABREU, M.H.N.G., PAIXÃO, H.H., RESENDE, V.L.S., PORDEUS, I. A . Mechanical and chemical home plaque control: a study of Brazilian children and adolescents with disabilities. *Spec.Care Dentist.* V.22, n.2, p. 59-64,

2002**.**
ABREU, M.H.N.G., PAIXÃO, H.H., RESENDE, V.L.S., Portadores de Paralisia cerebral: aspectos de interesse na odontologia. *Arquivos em odontologia*, v.37, n.1, p. 53-60, Janeiro/Junho, 2001.
ABREU, M.H.N.G., CASTILHO, L.S., RESENDE, V.L.S., Assistência Odontológica a indivíduos portadores de deficiências: o caso da Associação Mineira de Reabilitação e Escola Estadual "João Moreira Salles". *Arquivos em odontologia*, v.37, n.2, p. 153-162Julho/dezembro, 2001.
ABREU, M.H.N.G., CASTILHO, L.S., RESENDE, V.L.S., Evaluation of dental treatment to physically disability at UFMG. *Journal of Dental Resarch*, v.81, (Spec Iss B), p. B-112, 2002.
APOLÔNIO, A .C.M., CASTILHO, L.S., RESENDE, V.L.S. Principais causas de deficiências neuropsicomotoras X promoção de saúde. *Arquivos em Odontologia*, Belo Horizonte, v.38, suplemento, p.62, julho/2002.
BRASIL. Ministério da Saúde. Atenção à pessoa portadora de deficiência no Sistema Único
de Saúde. Brasília, p.48, 1993.
CABRAL, J.C.M., CASTILHO, L.S., RESENDE, V.L.S., Levantamento de necessidades odontológicas em pacientes especiais utilizando um índice simples (INTO), *Pesqui. Odontol. Brás*., v.16, Suplemento (Anais da 19ª Reunião Anual da SBPQO) 2002, p.44**.**
CABRAL, J.CM., CASTILHO, L.S., RESENDE, V.L.S., Determinantes sociais e comportamentais de doença bucal em pacientes portadores de necessidades especiais. *Pesq. Odontol. Brás,*v.17, Suplemento (Anais da 20ª Reunião Anual da SBPqO) 2003, p. 42.
CASTILHO, L.S. et al"Utilização do Índice de Necessidades de Tratamento Odontológico para triagem de grandes grupos populacionais: a experiência com pacientes especiais". *Revista do CROMG*, v.6, n.3, p.141-145, setembro/dezembro de 2000.
CASTILHO, L.S., RESENDE, V.L., MARINHO, K.C., Analysis of the diet in patients with neuropsicomotor deficiencies. *Journal of Dental Resarch*, v.81, (Spec Iss B), p. B-112, 2002.
FOURNIOL FILHO, A . , FACION, J.R., Excepcionais- Deficiência Mental. In: FOURNIOL FILHO, A ., *Pacientes especiais e a odontologia*. São Paulo: Santos, p.339-375, 1998.
MARTENS, L., et al., Oral higiene in 12 –year- old disabled children in Flandres, Belgium, related to manual dexterity. *Community Dentistry and Oral Epidemiology*, Munksgaard, v.28, 73-80, 2000.
RESENDE, VLS, CASTRO, WH, ABREU, MHNG. Uma proposta para atendimento odontológico a pacientes com distúrbios neuropsicomotores. V Encontro de Pesquisa da Faculdade de Odontologia da UFMG. Belo Horizonte: *Arq. Centro Est. Curso Odonto*. 1997: 65.
RESENDE, V.L.S., A odontologia e o paciente especial. *Jornal da Odontologia CROMG*. V.18, p.12, 1998.
RUAS, R. O . CASTILHO, L.S., RESENDE, V.L.S., The role of the school in the buccal health in patients with disability. *Journal of Dental Research*, v.81, (Spec Iss B), p.B- 112, 2002.
SERRA, CG. Promoção de saúde para pacientes especiais. Obstáculos e Desafios. *Jornal da Aboprev* 1996; 13.
SILVA, C.P., CABRAL, J.C.M., CASTILHO, L.S., RESENDE, V.L.S., Traumatismo dental anterior em protadores de deficiências neuropsicomotoras. In: CARDOSO, R.J. A ., MACHADO, M.E.L., *Anais do 21º CIOSP*, São Paulo: Editora Associação Paulosta de Cirurgiões-dentistas. Co-editora/produtora: Ajna Interactive Ltda. CD-ROM, 2003.
SILVA, C.P., SANS, F.M.M., CASTILHO, L.S., REENDE, V.L.S., Cárie dentária em pacientes especiais: influências da idade, prematuridade e escolaridade materna. *Pesq. Odontol. Brás,*v.17, Suplemento (Anais da 20ª Reunião Anual da SBPqO) 2003, p. 84.

PROJETO DE SAÚDE

Marcos Antonio Nicacio, Gisele Brandão Machado de Oliveira, Oziel Mendes de Paiva Junior, Silésia Dias dos Santos1, Alda Lima Falcão, José Dilermano de Andrade Filho, Reginaldo Peçanha Brazil, Zélia Profeta da Luz, Agnaldo Simione de Souza, Isabel de Almeida Filha, Edelvira Eller Emerich, Elciene Eller Emerich, Waltency Roque de Sá, Estevão José Marchesini Fonseca2, Lara Saraiva, Juliana dos Santos Lopes, Ana Carolina Dias Bocewicz, Lídia Teodoro Santo Augusto, Michelle Helene Machado de Souza3

Introdução

O Programa de Educação Ambiental em Caparaó, iniciado em 1985, obteve o apoio da Fundação W.K. Kellogg para o Projeto Educação Ambiental em Caparaó – proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem, no período de 1999 a 2003, visando propiciar ações na Área da Saúde; interagindo com as outras áreas do Projeto - educação, cultura, meio ambiente, trabalho, comunicação - em um trabalho social.

Objetivos

Apoiar as atividades locais para a realização de Conferências Municipais (2ª Conferência Municipal de Saúde de Alto Caparaó, 09/1999) e desenvolver trabalhos que procurassem dar respostas concretas a problemas concretos da comunidade resultaram na construção do Estudo epidemiológico da Leishmaniose Tegumentar Americana nos municípios de Alto Caparaó e Caparaó – Minas Gerais que foi demandado e que visava o desenvolvimento: de um monitoramento da saúde e qualidade de vida, da atenção primária ambiental e da participação social (com controle, planejamento e execução) nas comunidades rurais e urbanas, contribuindo para a sustentação de uma gestão ambiental local.

Metodologia

A organização e realização da 2ª Conferência Municipal de Saúde de Alto Caparaó contou com a participação efetiva de parceiros do Projeto (CEMEA, Prefeitura e Diretoria Municipal de Saúde de Alto Caparaó, Diretoria Regional de Saúde - Manhumirim), bem como dos estudantes do COLTEC e da comunidade, que de forma coletiva decidiram sobre a estruturação do evento, os temas e documentos do Ministério da Saúde que subsidiariam as discussões nos grupos de trabalho; discussão prévia dos assuntos a serem abordados na Pré-conferência e 2ª Conferência Municipal de Saúde de Alto Caparaó; construção, pelos alunos do COLTEC/UFMG, de documento sintético para apoio às discussões de grupo e coletivas durante a Pré-conferência; participação nas reuniões comunitárias que escolheram os delegados para os eventos programados; organização da infraestrutura para estes eventos; preparação dos alunos do COLTEC/UFMG para os eventos, com a participação do CEMEA. As estratégias utilizadas foram: fomentar a participação da comunidade no processo de tomada de decisão; democratizar as informações; aumentar a compreensão do funcionamento da administração municipal e seus orçamentos; solicitar aos pais exemplos de cursos que poderiam ser oferecidos visando a uma melhor aprendizagem; animação de grupos da comunidade com o objetivo da sua organização em comissões e associações. O Estudo epidemiológico da Leishmaniose Tegumentar Americana nos municípios de Alto Caparaó e Caparaó – Minas Gerais foi uma demanda da Conferência de Saúde, e visava o maior esclarecimento sobre os fatores que estariam contribuindo para o crescente número de casos humanos de Leishmaniose Tegumentar nos dois municípios. Dentre as atividades desenvolvidas, destacam-se: a busca de parceiros para o apoio técnico/científico com outras instituições/ pesquisadores que estudavam os vários aspectos que definem a epidemiologia da doença; a efetivação das parcerias com o Centro de Pesquisas René Rachou da Fundação Oswaldo Cruz, responsável então pelo estudo sazonal dos insetos vetores e pela realização do diagnóstico sorológico humano e canino, e com a Fundação Nacional de

---

1Coordenadores, 2pesquisadores, 3bolsistas
Programa de Educação Ambiental em Caparaó e a proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem
Número de Registro SiexBrasil: 4208
Área Temática: Saúde
Colégio Técnico do Centro Pedagógico e Escola de Enfermagem
Contatos: proj-caparao@coltec.ufmg.br e (31) 3499-4962

Saúde que se comprometeu com o acompanhamento dos trabalhos de campo e estudo de propostas para a implementação de um programa de controle e vigilância a ser implementado na região; a estruturação do sub-projeto, dentro dos rigores científicos; a aprovação pelos Comitês de Ética da UFMG e do Centro de Pesquisas René Rachou; realizadas reuniões comunitárias para esclarecimentos sobre a doença, os riscos aos agravos à Saúde e o potencial de disseminação, a coleta informal de dados, e a sensibilização das comunidades para a colaboração e participação nas várias etapas da pesquisa; a participação nas reuniões de profissionais da área da Saúde e Educação, estudantes do ensino médio dos municípios e os alunos do Coltec participantes do Projeto; a coleta de dados dos casos oficialmente notificados pelas Diretorias Municipais de Saúde; a estruturação e implementação de uma pesquisa piloto para definição da amostra (pontos de coletas de flebótomos, mapeamento preliminar das áreas citadas pelas populações como sendo as de maior ocorrência de casos humanos e investigação sobre a real incidência de doença canina), para o refinamento da metodologia definitiva da pesquisa; a oferta de um curso de atualização em Leishmanioses a ser oferecido aos profissionais da área da Saúde dos municípios, especialmente os que trabalham diretamente com o Programa de Saúde da Família e estudantes locais e do Coltec, estagiários do Sub-projeto; o estudo sazonal dos vetores da Leishmaniose Tegumentar na região, para o esclarecimento não somente dos espécimes, mas também das áreas de maior potencial de risco de contaminação humana (peridomicílio, cafezal, mata e abrigo de animais); a definição das áreas e pontos de investigação, através de uma pesquisa piloto que mapeou algumas áreas rurais e urbana; a capacitação no Laboratório de Leishmanioses do Centro de Pesquisas René Rachou - FIOCRUZ dos bolsistas no reconhecimento, estudo taxonômico e identificação de flebotomíneos; a coleta quinzenal dos insetos (esse estudo, de 12 meses consecutivos, permitirá definir quais os meses de maior freqüência dos flebótomos e consequentemente a época de maior risco de transmissão da doença, vindo a contribuir para a definição de programas de controle e vigilância epidemiológica pautados em dados cientificamente comprovados); realizadas 22 viagens para as coletas, sendo expostas 33 armadilhas luminosas distribuídas em nove pontos distintos nos dois municípios, sendo que um dos pontos se refere a um local no interior do Parque Nacional do Caparaó; a participação efetiva dos membros das comunidades (contribuem na colocação das armadilhas, desenvolvem um interesse maior pelo conhecimento do que seja a leishmaniose e também estabelecem elos de afetividade muito grande com os bolsistas que estão à frente desta etapa da pesquisa); preparação do inquérito humano e canino da Leishmaniose; o desenvolvimento de pesquisa piloto (mapeamento mais detalhado da região juntamente com outros segmentos do projeto e com membros das comunidades (jovens, adultos, profissionais da Saúde e Fundação Nacional de Saúde) para a definição do grupo amostral; o levantamento dos casos de Leishmaniose Tegumentar Americana através da aplicação de questionário elaborado pelos estudantes e equipe da saúde dos dois municípios, sob orientação da equipe de coordenação e pesquisadores parceiros; a preparação para a busca ativa dos casos humanos de LTA a partir do questionário (diagnóstico positivo, a pessoa contaminada será encaminhada para tratamento pelas equipes locais do Programa de Saúde da Família e Prefeituras); o estudo da estruturação de levantamento histórico epidemiológico da hanseníase nos municípios de Alto Caparaó e Caparaó; a analise estatística do dados do estudo sazonal; a realização do Mutirão de Levantamento da Leishmaniose Humana e Canina em Caparaó (duas semanas; participaram alunos do COLTEC, estagiários da graduação do Projeto, técnicos de saúde da FUNASA e os agentes comunitários de saúde de Caparaó com questionários a respeito da casa e seu entorno, (aspectos sócio-econômicos, percepção e infeção pela leishmaniose tegumentar); pesquisa de percepção (questionários sobre a doença, como por exemplo, sinais e sintomas, estigma e modos de transmissão) de Hanseníase nos municípios de Alto Caparaó e Caparaó/MG; realização do Mutirão de Levantamento da Leishmaniose Humana e Canina em Alto Caparaó. Foram estratégias: o envolvimento ativo dos vários seguimentos das comunidades, dos alunos do ensino médio de Alto Caparaó e Caparaó, dos alunos do COLTEC (Estagiários Rurais, alunos do Programa de Vocação Científica do Centro de Pesquisas René Rachou, alunos dos 2º e 3º anos), e de outras unidades da UFMG (graduação); a busca de parcerias institucionais efetivas; o reforço aos Postos de Saúde locais que são reconhecidos pelas comunidades como centros educativos; a articulação e integração com os diversos cursos da UFMG; a realização do estágio rural; a realização de diagnósticos participativos com os jovens; a ampliação das oportunidades dadas aos alunos do Ensino Médio dos municípios de Caparaó e Alto Caparaó de terem uma formação nas áreas da saúde, meio ambiente, educação e memória histórica, com projetos pedagógicos na escola/comunidade; a interrelação dos jovens dos municípios com os alunos do COLTEC e graduação; a contribuição para o desenvolvimento de recursos humanos comunitários.

Foram iniciativas locais no período: criação de grupos de estudo sobre a hanseníase nos municípios; desenvolvimento de ações nas escolas sobre a hanseníase, FUNASA - Alto Caparaó; construção de diretrizes para a estruturação e implantação de Programa Municipal de Prevenção e Controle da Hanseníase.

Resultados e Discussão

A 2ª Conferência Municipal de Saúde de Alto Caparaó (antecedida por quatro reuniões comunitárias onde participaram um total de 148 pessoas) ocorreu no dias 25 e 26/09/1999 e contou com a participação de 129 pessoas, de 28 categorias de delegados dos prestadores de serviço e 74 categorias de delegados dos usuários, que discutiram as questões de Gestão, Programa e Financiamento para o Setor da Saúde, tendo sido eleito o Conselho Municipal de Saúde de Alto Caparaó. Os problemas apontados são: o curto prazo para organizar todo o processo da Conferência Municipal de Saúde de Alto Caparaó; o adiamento das outras conferências por parte dos poderes públicos; a inibição dos delegados frente ao poder público nos grupos de trabalho; a influência do poder público na eleição dos membros dos prestadores de serviço do Conselho Municipal de Saúde; a interferência de política partidária nas conferências; falta de informação a alguns pais sobre a parceria entre a Prefeitura e a Fundação Kellogg. O Estudo epidemiológico da Leishmaniose Tegumentar Americana nos municípios de Alto Caparaó e Caparaó – Minas Gerais encontra-se, hoje, na etapa final de sistematização dos dados e análise final. Os problemas detectados foram: distância geográfica das comunidades rurais que para as pesquisas de campo demandam veículos que muitas vezes as prefeituras não têm como disponibilizar; baixo nível de compreensão e conhecimento das populações em geral sobre os riscos potenciais de saúde aos quais estão submetidas; desarticulação das associações comunitárias locais; pouca expressividade e ação efetiva dos membros dos Conselhos Municipais de Saúde; prática assistencialista das lideranças políticas locais no que tange as questões de Saúde; impedimentos na atuação dos Conselhos Municipais de Saúde locais; prática de vigilância epidemiológica recente e centrada na fiscalização sanitária e sem equipe capacitada; equipe de atuação na área da Saúde com capacitação baixa inclusive no que diz respeito à atenção básica; lideranças locais fracas e mais centradas nos poderes políticos e religiosos locais; a pouca participação dos alunos do ensino médio de Alto Caparaó; disponibilidade na grade curricular dos alunos de Curso Técnico do COLTEC, principalmente os de 3º ano para participação mais efetiva nos trabalhos; pouca articulação entre as ações desenvolvidas nas diferentes áreas do projeto, o que tem dificultado o estabelecimento de pontos ideológicos mais comuns no que se refere à construção de comunidade de aprendizagem; pouca atuação mais contínua de jovens dos municípios; disponibilidade de tempo para uma maior permanência nos municípios; dificuldade em ampliar a equipe de profissionais do projeto, principalmente com interesse e disponibilidade para trabalho nas comunidades; dificuldades em manter o “interesse do grupo” de alunos das escolas de ensino fundamental; dificuldades inerentes aos estudantes, principalmente aqueles que moram nas áreas rurais que sempre alegavam a impossibilidade de comparecimento em horários distintos do período de aulas.

Produtos Gerados

Na sub-área da 2ª Conferência Municipal de Saúde de Alto Caparaó: relatório técnico: “Anais da Pré-conferência Municipal de Saúde de Alto Caparaó e da 2ª Conferência Municipal de Saúde de Alto Caparaó/MG - 25 e 26/09/1999”, 67 páginas, NICACIO, M.A., COLTEC/UFMG, EMERICK, W.C. PMAC, Belo Horizonte/MG; 1999. Na sub-área do Estudo epidemiológico da Leishmaniose Tegumentar Americana nos municípios de Alto Caparaó e Caparaó – Minas Gerais: resumo: “A integração dos diferentes conteúdos disciplinares em um projeto comunitário de educação em saúde”, OLIVEIRA, G.B.M., LOPES, J.S., SARAIVA, L.; 4º Encontro Nacional de Biólogos ; 2º Encontro de Biólogos do CRBio4 e 1º Encontro de Biologia de Ouro Preto, 2002, Ouro Preto-MG; página 111; resumo: “Estudo Sazonal de vetores da Leishmaniose Tegumentar americana nos municípios de Alto Caparaó e Caparaó-MG”; OLIVEIRA, G.B.M., LOPES, J.S., SARAIVA, L., BATISTA, F.A., FALCÃO, A.L., ANDRADE FILHO, J.D.; II Semana do conhecimento e X Semana de Iniciação Científica da UFMG, Belo Horizonte. 2002. página 259 (trabalho premiado); resumo: “A sazonalidade de flebotomíneos dentro de um estudo epidemiológico da leishmaniose tegumentar americana nos municípios de Caparaó e Alto Caparaó-MG - Resultados totais”, SARAIVA, L; LOPES, J.S.; ANDRADE FILHO, J.D., OLIVEIRA, G.B.M., FALCÃO, A.L.; BATISTA, F.A.; III Semana do Conhecimento e XI Semana de Iniciação Científica da UFMG, 2002, Belo Horizonte; resumo: “A sazonalidade de flebotomíneos dentro de um estudo epidemiológico da leishmaniose tegumentar americana nos

municípios de Alto Caparaó e Caparaó-MG”; LOPES, J.S.; SARAIVA, L; FALCÃO, A.L.; BATISTA, F.A; ANDRADE FILHO, J.D., BRAZIL, R.P.; OLIVEIRA, G.B.M.; II Congresso Mineiro de Epidemiologia e Saúde Pública; Revista Médica de Minas Gerais; Belo Horizonte; Cooperativa e Editora de Cultura Médica, 2002. V.12, página 42; resumo: “Estudo sazonal de flebotomíneos de Alto Caparaó e Caparaó-MG”; LOPES, J.S.; SARAIVA, L; ANDRADE FILHO, J.D., FALCÃO, A.L.; BATISTA, F.A; OLIVEIRA, G.B.M.; 54ª Reunião Anual da SBPC / 9ª Jornada Nacional de Iniciação Científica; Goiânia-GO; 2002; página 83; rResumo: “Study of phlebotomine sandflie in the Alto Caparaó e Caparaó towns-MG-Brazil”; SARAIVA, L; LOPES, J.S.; ANDRADE FILHO, J.D.; OLIVEIRA, G.B.M.; FALCÃO, A.L.; BATISTA, F.A.; International Symposium on phlebotomine sandflies - ISOPS IV. Salvador – BA; Universidade Gama Filho; Editora Gama Filho, 2002; V.9, página 125; resumo: “A Educação Ambiental e a perspectiva de uma comunidade de aprendizagem”, OLIVEIRA, G.B.M., NICÁCIO, M.A., MOREIRA, J.E.B., OLIVEIRA, P., ALVES, R.N., RESENDE, A.E.; 4º Encontro Nacional de Biólogos; 2º Encontro de Biólogos do CRBio4 e 1º Encontro de Biologia de Ouro Preto, 2002, Ouro Preto- MG; páginas 109-109; resumo: “Pesquisa piloto do estudo epidemiológico da Leishmaniose Tegumentar Americana nos municípios de Alto Caparaó e Caparaó-MG”; SARAIVA, L.; OLIVEIRA, G.B.M; LOPES, J.S.;. RABELO, A; ANDRADE FILHO, J.D.; Bragança Paulista - São Paulo. Caderno de resumos do VI Encontro da Iniciação Científica da Universidade de São Francisco; 2001; página 18; resumo: “Estudo epidemiológico da Leishmaniose Tegumentar Americana nos municípios de Alto Caparaó e Caparaó-MG”; SARAIVA, L.; LOPES, J.S.; OLIVEIRA, G.B.M.; ANDRADE FILHO, J.D.; RABELO, A.; 53º Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência; 13 a 18/07/ 2001, Salvador/Bahia (trabalho apresentado à convite da comissão organizadora do evento); rResumo: “Estudo epidemiológico da Leishmaniose Tegumentar Americana nos municípios de Alto Caparaó e Caparaó-MG”, SARAIVA, L.; LOPES, J.S.; OLIVEIRA, G.B.M.; ANDRADE FILHO, J.D.; RABELO, A.; 2000, Belo Horizonte. Caderno de resumos da IX Semana de Iniciação Científica da UFMG; 2000; páginas 378-378; apresentação oral: Projeto Educação Ambiental em Caparaó – proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem no “VII Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia” e I Simpósio Latino Americano da IOSTE (International Organization for Science and Technology Education), São Paulo, 02 a 04/02/2000; resumo: “Experiência de um programa de Educação Ambiental dentro de uma perspectiva de construção de comunidade de aprendizagem nos municípios de Alto Caparaó e Caparaó”, OLIVEIRA, G.B.M.; MOREIRA, J.E.B.; NICÁCIO, M.A.; OLIVEIRA, P.; ALVES, R.N.; VII Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia e Simpósio Latino-americano da IOSTE, 2000, São Paulo. Coletânea do VII Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia e Simpósio Latino Americano da IOSTE. 2000. páginas185-187; apostila: “Curso de Capacitação em Hanseníase”; junho 2002; Governador Valadares/MG, 139 páginas; apostila: “Curso de Atualização em Leishmanioses”, 47 páginas; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2001; apostila “Subsídios para Discussão - 2ª Conferência Municipal de Saúde de Alto Caparaó/MG”, CEMEA-Centro Mineiro de Estudos Epidemiológicos e Ambientais, setembro 1999, 15 páginas; painel: “Estudo Epidemiológico da Leishmaniose Tegumentar Americana nos municípios de Alto Caparaó e Caparaó”, 9ª Semana de Iniciação Científica; Semana do Conhecimento da UFMG; 2000; (premiado); Belo Horizonte/MG.; curso: “Atualização em Leishmanioses”, Belo Horizonte/MG, 3 a 7/12/2001, 30 horas/aula, 19 alunos; curso: “Atualização em Leishmanioses”, Belo Horizonte/MG, 20 a 24/08/2001, 09 alunos, 30 horas/aula; curso: “Capacitação em Hanseníase”, Centro de Referência em Hanseníase - Governador Valadares/MG, 10 a 14/06/2002, vários professores, 24 alunos, 40 horas/aula; LOPES, J.S.; “As contribuições de um projeto de comunidade de aprendizagem na formação do graduando”; monografia de conclusão do curso de graduação em Ciências Biológicas; FaE/UFMG, Belo Horizonte/MG, fevereiro 2003; 23 páginas.

Conclusão
O professor Oziel Mendes de Paiva Júnior, Diretor Municipal de Educação de Caparaó assim relatou: “Na área da Saúde temos buscado novos convênios, parcerias, aperfeiçoamento dos funcionários, principalmente dos agentes de saúde. Construímos uma moderna policlínica e hoje já podemos contar com atendimento de uma ginecologista, coisa até então distante da realidade do nosso Município, onde as mulheres de baixa renda não podiam realizar seus exames ginecológicos.” A estagiária rural Lara Saraiva escreveu: “Estas duas semanas me valeram mais que um ano de escola, posso afirmar, conheci tantas pessoas, ouvi tantos relatos fantásticos, tantas formas de viver, perceber diferente, trabalhar ao lado das agente comunitárias foi muito bom, gente simples com um saber incrível

e que não aprendemos na escola. Houve momentos difíceis, de confrontos de diferenças muito grandes, mas talvez estes tenham sido os de maior crescimento. Ver o(a)s “menino(a)s” do colégio (COLTEC) juntamente comigo que há tão pouco era a “menina” do Coltec, aplicando os questionário e conversando com as pessoas, vivenciando tudo de forma tão responsável, comprometida e calma, foi muito bonito! Percebi mais uma vez onde estava o ganho, vivenciar as coisas de diferentes formas e ao mesmo tempo de forma tão própria, foi muito bom! Sentimento semelhante tive em relação a mais uma convivência com as agentes comunitárias e também percebi o quanto se beneficiaram, tal momento me pareceu ser para elas um momento de grande estímulo e reconhecimento pelo seu trabalho, nas famílias que visitamos elas falavam com segurança e propriedade sobre a Leishmaniose, ouviam e foram ouvidas com respeito, coisa que sempre nos relataram que na maioria das vezes não acontecia. As dificuldades de trabalho das agentes ficaram mais uma vez para nós muito claras, enfrentam dificuldades não somente em relação aos Kms de serra que sobem e descem na maioria a pé para atenderem uma família que mora isolada no meio da zona rural. Percebemos que o reconhecimento do outro não se faz somente pelo seu esforço, pelo o que ele consegue doar, e o trabalho dos agentes comunitários nos parece muito isso, a falta de reconhecimento se faz em todos os espaços: dentro de si mesmo, na região onde trabalha, e principalmente na “equipe” da qual pertence institucionalmente. (...) Lidamos com muitas dificuldades junto(a)s, como o fato de as pessoas não estarem em casa, as distâncias percorridas em estrada esburacada, debaixo de chuva, o cansaço, fome, a kombi agarrada no barro ...”. A E.M. Eugênio Tavares da Silva, Alto Caparaó/MG escreveu no Relatório da Campanha da Febre Amarela e Dengue: “Quanto ao alerta à dengue, no dia 23/03 vieram as estagiárias Lara e Michele da UFMG, apresentar uma pequena encenação nos turnos da manhã e da tarde, mostrando a necessidade de se prevenir da dengue e o quanto é fácil; basta disposição de cuidar da nossa casa e arredores, não deixando água parada. Este alerta também foi feito nas turmas vinculadas. Devido ao interesse das crianças pelos personagens, as estagiárias voltaram à escola para confeccionar máscaras de mosquitos, também nos dois turnos e turmas vinculadas.” O médico Maurélio Carlos da Silva (Programa de Saúde da Família de Alto Caparaó) assim se expressou: “Manter constante via de intercâmbio entre instituições que participam neste processo de aprendizagem para que o aperfeiçoamento seja concreto”. A professora Gisele Brandão Machado de Oliveira relatou: “A parceria com o Centro de Pesquisas René Rachou da FIOCRUZ contribuiu para que os estudantes desenvolvessem habilidades específicas no campo da ciência, investigação, bem como no enfrentamento das dificuldades nos trabalhos de campo.”

Parcerias

Centro de Pesquisas René Rachou da Fundação Oswaldo Cruz, Prefeitura Municipal de Caparaó, Prefeitura Municipal de Alto Caparaó, Centro Mineiro de Estudos Epidemiológicos e Ambientais – CEMEA, IBAMA, Fundação Nacional de Saúde, Prefeitura Municipal de Governador Valadares, Centro de Referência em Hanseníase/ Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais, Diretoria Regional de Saúde/Manhumirim, Parque Nacional do Caparaó e Fundação W.K. KELLOGG.

Referências

FALCÃO, A; Armadilhas luminosas de FALCÃO; 1981.

FONTANIVE, N.S.; Controle da hanseníase: uma proposta de integração ensino-serviço; Rio de Janeiro, DNTS/ NUTES; 1989, 124 páginas.

FORATTINI, OP.; Entomologia Médica; vol. 4, São Paulo, Edgard Blucher/Edusp; 1973.

GANDRA, D.S.; A lepra: uma introdução ao estudo do fenômeno da estigmação; Belo Horizonte, Tese Doutorado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 1970, 126 páginas.

LANA, F.C.F.; Políticas sanitárias em hanseníase: história social e cidadania; Ribeirão Preto, Tese doutorado, Escolas de Enfermagem de Ribeirão Preto e São Paulo da USP, 1997, 308 páginas.

LUZ, Z.M.P.; PIMENTA, D.N.; VIANNA-CABRAL, AL.L.; FIUZA, V.OP.; RABELLO, A; A urbanização das leishmanioses e a baixa resolutividade diagnóstica em municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte; Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, 34 (3); páginas 249-254; 2001.

MARZOCHI, M.C.A; Leishmanioses no Brasil: as leishmanioses tegumentares; Jornal Brasileiro de Medicina; Rio de Janeiro, vol.63, nº 6/6, páginas 82-99, 1992.

PASSOS, V.M.A; FALCÃO, AL.; KATZ, N.; Urban cutaneous Leishmaniasis in the Metropolitan Region of Belo Horizonte, Minas Gerais State, Brazil; Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, v85, páginas 243-244, 1990.
TSUKI, S.; CAMPOS, G.P.; OLIVEIRA, M.L.W.; MACEDO, H.C.M.; CASTRO, M.; YOUNG, D.G.; DUNCAN, M.; Guide the identification and geographic distribution of Lutzomya Sand Files in Mexico, the Weast Indies Central and South America (Diptera: Psychodidae); Associated Publishers American Entomological Institute, Florida, USA, 1994.
WALMAN, E.A; et al; Informe epidemiológico do SUS; vol. 8, nº 23, jul/set 1999.
MINAS GERAIS, Secretaria de Estado da Saúde, Coordenadoria de controle da hanseníase; Encontro Estadual de avaliação das ações de controle da hanseníase; Belo Horizonte, junho 2001
MINAS GERAIS, Secretaria de Estado da Saúde, Coordenadoria de controle da hanseníase Plano de eliminação da hanseníase como problema de saúde pública em Minas Gerais – 1997 a 2001; Belo Horizonte.
BRASIL, Ministério da Saúde; Guia para implantar / implementar as atividades de controle da hanseníase nos planos estaduais e municipais de saúde; Brasília, Ministério da Saúde, 1999.
DATASUS - http://www.datasus.gov.br OMS - http://www.who.int

ASSISTÊNCIA FISIOTERAPÊUTICA A IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

Raquel Rodrigues Britto[1], Leani Souza Máximo Pereira[2], Juciela Salviano, Nívea Costa Valadares[3], Eduardo Ferreira Soares Pereira, Marcos Dal Bianco Ribeiro, Simone Morato Ramiro[4]

Introdução:
O envelhecimento populacional é, atualmente, um fenômeno mundial de destaque. A população idosa apresenta hoje um crescimento mais elevado em relação aos demais grupos etários. Segundo projeções da Organização Mundial de Saúde (OMS), no período de 1950 a 2025, a população idosa no Brasil crescerá dezesseis vezes, enquanto a população geral crescerá cinco vezes, situando-nos como a sexta população de idosos no mundo (CAMARANO, A.A; 2002). O aumento da expectativa de vida provocou uma modificação do perfil de saúde da população no Brasil. Houve uma multiplicação de pessoas portadoras de doenças crônico-degenerativas e suas complicações. Estudos da Organização Mundial de Saúde em 1984 estimam que, numa *coorte* na qual 75% dos indivíduos com idade acima de 70 anos, um terço dos sobreviventes será de portador de doenças crônico-degenerativas, e pelo menos 20% terão algum grau de incapacidade funcional associada. Esse novo perfil provoca um forte impacto na qualidade de vida ou sobrevida dos idosos constituindo uma ameaça à sua autonomia e independência (CAMARANO, A.A; 2002). Os idosos constituem um grupo especial de pacientes. Apresentam estilo de vida, rendimentos, necessidades e condições sociais e de saúde diferentes do restante da população.O envelhecimento é um processo dinâmico e progressivo onde há modificações morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas decorrentes da ação do tempo. Esse processo envolve todos os órgãos e sistemas do corpo e interfere no desempenho funcional do indivíduo. A predisposição genética, estilo de vida, experiências culturais, fatores psicossociais e co-morbidades são fatores que também causam influência na queda do nível funcional do idoso (FREITAS, E. V.; MIRANDA, R. D.; NERY, M. R; 2002). A qualidade de vida da população geriátrica é julgada mais pelo nível funcional e o grau de independência do que pela presença de limitações específicas. Portanto, a condição funcional do paciente idoso é um dos parâmetros mais importantes da avaliação gerontológica global (FREITAS, E. V.; MIRANDA, R. D.; NERY, M. R; 2002). Uma boa avaliação do idoso deve ter como base o conhecimento sobre as alterações fisiológicas decorrentes do envelhecimento e suas manifestações na função (VIEIRA, S. C.; MADER, T. H.; 1998). A avaliação, portanto, deverá ser multidimensional, interdisciplinar e abordar tanto as capacidades funcionais como os problemas médicos e psicossociais, permitindo classificar o paciente quanto à fragilidade, capacidade funcional e habilidade de auto-cuidado (FREITAS, E. V.; MIRANDA, R. D.; NERY, M. R; 2002). A identificação das disfunções no paciente, associadas ou não às co-morbidades, permitirá o desenvolvimento de um plano adequado de intervenção retardando o aparecimento das limitações funcionais. (FREITAS, E. V.; MIRANDA, R. D.; NERY, M. R; 2002). Considerando-se o crescimento da população geriátrica e as peculiaridades apresentadas por esta parcela da população, torna-se cada vez mais necessário o surgimento de instituições destinadas a prestar assistência aos idosos. Além disso, fatores como: perda de autonomia causada por incapacidades físicas e mentais; ausência de familiares para prestar-lhes assistência; insuficiência de aporte financeiro fazem com que as instituições de longa permanência sejam cada vez mais necessárias. “As instituições de longa permanência para idoso são estabelecimentos para atendimento integral institucional, cujo público alvo são as pessoas de 60 anos e mais, dependentes ou independentes, que não dispõem de condições para permanecer com a família ou em seu domicílio” (SBGG- SP, Biênio 2002-2003). O projeto de extensão desenvolvido desde 1997, na Casa do Ancião da Cidade Ozanam faz parte do Núcleo de Geriatria e Gerontologia da UFMG – NUGG e tem como relevância social proporcionar uma melhora na qualidade de vida dos 102 idosos instiucionalizados nesta instituição através da abordagem fisioterapêutica juntamente com uma equipe multidisciplinar.

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenadora, [3]bolsistas, [4]voluntários
Assistência a Idosos Institucionalizados
Número de Registro SiexBrasil: 62
Área Temática: Saúde
Faculdade de Medicina
Contato: rbrito@ufmg.br

Objetivos
Avaliar e intervir com ações fisioterápicas nos três níveis de atenção à saúde - primário, secundário e terciário - junto aos idosos da Casa do Ancião da Cidade Ozanan; proporcionar aos alunos da graduação e pós-graduação a oportunidade de acompanhar e estudar os casos dos idosos institucionalizados; possibilitar o desenvolvimento do conteúdo programático prático da disciplina de Fisioterapia Aplicada a Geriatria, permitindo aos alunos do sétimo período do curso de graduação, efetuar ocasionalmente avaliações dos idosos residentes na instituição; manter o serviço de fisioterapia da Instituição em funcionamento, propopiciando dessa maneira, a assistência fisioterapêutica aos idosos através de alunos de vários períodos da graduação que semanalmente atuarão na instituição; fornecer aos alunos o conhecimento das peculiaridades de uma instituição asilar no atendimento ao idoso; realizar a formação de grupos de idosos objetivando o aspecto preventivo e educativo para o auto-cuidado, socialização e integração. - manter contato com a equipe multiprofissional do asilo com a finalidade de conhecer e abordar mais adequadamente os problemas de saúde dos idosos; produzir e manter, junto aos funcionários do asilo, um processo educativo e contínuo sobre os temas básicos de assistência ao idoso; propor adaptações ambientais e prescrição de acessórios para deambulação quando necessários, visando aumentar a autonomia dos idosos na instituição; produzir trabalhos científicos para publicações e/ou apresentações em congressos; e promover a integração entre o asilo, os Centros de Saúde e outras instituições locais, objetivando a melhor assistência ao idoso.

Metodologia:
O projeto de extensão é realizado na Casa do Ancião da Cidade Ozanan situado na Rua Ozanan, número 730, Cidade Ozanan, Belo Horizonte-MG. Este asilo é mantido pela Sociedade São Vicente de Paula. Todos os idosos internados estão sendo, progressivamente, matriculados no Núcleo de Geriatria e Gerontologia da UFMG e são acompanhados e avaliados periodicamente pela equipe multidisciplinar. Semanalmente dois alunos bolsistas e alunos voluntários do curso de Fisioterapia da UFMG realizam atendimento fisioterapêutico aos idosos institucionalizados orientados pelos professores responsáveis pelo projeto. São realizados atendimentos individuais aos idosos mais dependentes e em grupo para aqueles mais independentes. Todos os procedimentos são registrados em prontuários. Uma fisioterapeuta contratada pela instituição presta assistência fisioterapêutica aos idosos em conjunto com os alunos do projeto de extensão. Os idosos que necessitam de atendimento fisioterapêutico individual são submetidos a uma avaliação gerontológica global. São avaliados os impactos da senescência e senilidade nos níveis de estrutura e função do corpo, de atividade e de participação social. Dessa forma, é feita uma anamnese que é composta de dados pessoais, história familiar, diagnósticos médicos, exames complementares, interrogatório sobre sistemas do organismo (cardiovascular, gênito-urinário, digestivo, respiratório, nervoso, músculoesquelético), medicamentos, hábitos, sono, atividade física, postura, saúde dentária, imunização, quedas, fraturas, cirurgias, órteses/próteses, estado nutricional e presença de úlceras de pressão. O exame físico (avaliação funcional) inclui a avaliação da mobilidade, coordenação, marcha, equilíbrio, AVDs, cognição, endurance, sensibilidade, força muscular e flexibilidade. A partir desta avaliação são estabelecidas metas de abordagem individualizada e prioridade de atendimento. Os alunos participam também de avaliação permanente do ambiente e sugerem adaptações com o objetivo de prevenir as quedas. Além disto, realizam orientações aos funcionários da instituição sobre os cuidados e posicionamentos dos idosos e sobre a prevenção de problemas ortopédicos nos próprios cuidadores. São realizadas reuniões mensais para discussão dos casos clínicos com toda a equipe multiprofissional.

Resultados e Discussão:
No ano de 2003 a diretoria da instituição realizou algumas adaptações ambientais tendo como referência as orientações oriundas deste Projeto de Extensão. Este projeto possibilitou nos anos anteriores o desenvolvimento de diversos projetos de pesquisa e atividades de ensino junto ao curso de Fisioterapia. Em 2003, foram desenvolvidas atividades acadêmicas específicas de Fisioterapia na área de Geriatria e Gerontologia: - desenvolvimento de atividades práticas das seguintes disciplinas: Fisioterapia Aplicada às Geriatria e Gerontologia (Graduação - Fisioterapia), Movimento e Desevolvimento Humano II (Graduação - Fisioterapia), Técnicas de Avaliação e Abordagens Fisioterápicas do Idoso (Especialização - Fisioterapia); Flexibilização Curricular: 3 alunos voluntários geraram aproveitamento da atividade, dispensando 2 créditos de atividade optativa. O quadro a seguir ilustra o atendimento fisioterapêutico prestado pelos alunos bolsistas e voluntários do Projeto de Extensão em 2003:

Idoso(a)	Idade(anos)	Sexo	Diagnóstico
D.S.P.	49	Masculino	Hemiparesia (AVC)
A.F.S.	64	Feminino	Hemiparesia (AVC)
A.F.F.	85	Feminino	Fratura do quadril / Diminuição da Mobilidade
S.F.B.	84	Feminino	Diminuição da Mobilidade
I.R.	73	Feminino	Paraplegia
G.G.O.	91	Feminino	Hemiparesia (AVC) / Diminuição da Mobilidade
V.S.	82	Feminino	Diminuição da Mobilidade
J.G.R.	74	Feminino	Osteoartrite
M.L.S.	65	Feminino	Hemiparesia (AVC)
E.H.P.	55	Feminino	Paraparesia espástica
M.M.G.	85	Feminino	Demência de Alzheimer
A.L.P.	98	Feminino	Cegueira / Diminuição da Mobilidade
J.B.	73	Masculino	Hemiparesia (AVC)
J.B.	93	Feminino	Hemiparesia (AVC)
M.C.O.	83	Feminino	Dor lombar crônica
M.C.	79	Feminino	Artrite reumatóide
M.C.S.	56	Feminino	Ataxia
M.M.A.M.	71	Feminino	Hemiparesia (AVC)
M.G.R.	81	Feminino	Osteoartrite
N.P.R.	61	Feminino	Diminuição da Mobilidade
M.M.J.	68	Feminino	Hemiparesia (AVC)
C.P.M.	80	Feminino	Doença de Parkinson
M.L.F.S.	67	Feminino	Paraplegia / Hemiparesia(AVC)

No total, 23 idosos foram avaliados e receberam atendimento fisioterapêutico no decorrer deste ano, sendo a maioria do sexo feminino. Todos eles apresentaram doenças crônico-degenerativas. A média de idade e o desvio padrão são de 74,65 ± 12,73 anos. A maioria dos idosos avaliados apresentou hemiparesia em decorrência de acidente vascular cerebral (39,13%), e diminuição da mobilidade (26,08%) devido à restrição do paciente ao leito por algum motivo. Os idosos institucionalizados são mais fragilizados e, portanto, são mais susceptíveis às complicações das doenças crônico-degenerativas e às suas conseqüentes limitações funcionais. Todos os idosos avaliados apresentaram declínio na capacidade funcional. A maioria deles apresentou declínio na mobilidade, na marcha e no equilíbrio.

Produtos Gerados

Projetos de pesquisa em fase de elaboração: A Correlação das Alterações Posturais da Coluna Cervical e o Mecanismo da Deglutição em Idosos Institucionalizados (Coordenação: Profa. Leani Souza Máximo Pereira).

Conclusão

A reabilitação geriátrica é ampla, objetivando o bem estar físico, psicológico e social do idoso, potencializando suas funções para torná-lo mais independente, interagindo satisfatoriamente com o ambiente e mantendo suas relações sociais. Devido à complexidade desta intervenção, faz-se necessária uma equipe multi e interdisciplinar com médicos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, enfermeiros, psicólogos, nutricionistas, assistentes sociais, pedagogos e outros profissionais que, trabalhando com o idoso, tentam conseguir esses objetivos propostos. O papel da Fisioterapia é realizar a avaliação dando ênfase ao estado funcional e à qualidade de vida do idoso. Realizando uma avaliação funcional adequada, o fisioterapeuta poderá intervir no sentido de adiar o estabelecimento de incapacidades, recuperar ou manter a função, proporcionando um envelhecimento mais saudável e aumentando a independência do idoso.

Parcerias
Sociedade São Vicente de Paula

Referências:
CAMARANO, A. A. Envelhecimento da População Brasileira: Uma Contribuição Demográfica. In: FREITAS, E. V. *et al*. Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2002. Cap.6, p.58-71.
FREITAS, E. V., MIRANDA, R. D., NERY, M. R. Parâmetros Clínicos do Envelhecimento e Avaliação Geriátrica Global. In: FREITAS, E. V. et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2000. Cap.72, p.609-617.
SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA – Seção São Paulo. Instituição de Longa Permanência Para Idosos. Manual de Funcionamento, Biênio 2002-2003.
VIEIRA, S. C., MADER, T. H. Avaliação Objetiva da Performance Funcional do Indivíduo Idoso; Desenvolvimento e Estudo Estatístico. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, departamento de Fisioterapia,1998. (Monografia de Conclusão de Curso, Graduação em Fisioterapia).

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DO LABORATÓRIO DE ANÁLISES CLÍNICAS E TOXICOLÓGICAS

Fabíola Florinda Lopes Liboredo[1], Suzete Tavares Reis, Márcio Jacinto de Oliveira, Lázara Luíza das Graças, Ana Maria Arcanjo da Silva, Maria José de Oliveira Soares, Aline Toledo de Almeida[2], Mayla Santos Pereira[3], Zilma A. de Jesus Araújo, Débora Fernandes Resende, Gabriel Aparecido Ferreira, Angélica Souza de Ázara, Leonardo Albuquerque Merlo[4]

Introdução

O Laboratório de Análises Clínicas e Toxicológicas pertence ao Departamento de Análises Clínicas e Toxicológicas (DACT), da Faculdade de Farmácia e presta serviços de diagnóstico laboratorial à comunidade universitária, comunidade em geral e aos diversos convênios firmados. Oss serviços compreendem as áreas de: bioquímica, hematologia, parasitologia, urinálise, citologia hormônios, imunologia, bacteriologia e micologia. Conta com suporte técnico-científico de professores da Faculdade, profissionais de nível superior e técnicos. O Laboratório se encontra regularizado quanto à documentação exigida pelos órgãos competentes. Possui Alvará Sanitário expedido pela Vigilância Sanitária de Belo Horizonte, Alvará de localização e funcionamento, também pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e está registrado no Conselho Regional de Farmácia/MG. O Laboratório está se adequando com a finalidade de buscar certificação de qualidade. A biossegurança tem sido uma realidade no LACT, através de treinamento, motivação e educação continuada. A parte financeira do LACT é gerenciada pela FUNDEP (Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa). No entanto, o Laboratório é obrigado a prestar contas anualmente à Congregação da Faculdade de Farmácia da UFMG.

Objetivos

Realizar exames clínico-laboratoriais em atendimento à comunidade universitária, comunidade em geral e aos convênios firmados; funcionar como laboratório-escola oferecendo estágio supervisionado aos alunos do curso de Graduação em Farmácia regularmente matriculados na Habilitação Análises Clínicas e estagiários extracurriculares; Fornecer às Disciplinas afins, quando solicitado, material biológico e informações de interesse ao ensino, pesquisa e extensão; e dar suporte a realização de projetos de pesquisa dos docentes do DACT, objetivando a implantação de novas metodologias para a prestação de serviços.

Metodologia

As atividades do laboratório são desenvolvidas com base nos procedimentos analíticos dos diversos setores. Os clientes recebem todas as informações necessárias para a realização dos exames tais como: tipo de amostra, jejum, repouso, interferência de medicamentos. A coleta das amostras biológicas é toda feita com material descartável. Os exames de Hematologia são realizados através do contador de células Coulter T-890 do coagulômetro OPTION 2 Plus, colorações específicas e microscopia. Os exames de bioquímica são realizados através de reações químicas e leitura no espectrofotômetro Micronal 380. Os de urinálise através de reações químicas e de microscopia e os exames parasitológicos através de microscopia. As análises de bacteriologia e micologia através de técnicas específicas, colorações e de microscopia. Os exames de Imunologia e Hormônios são realizados no equipamento MINIVIDAS. Após análise, as amostras são liberadas para digitação em programa específico e os laudos assinados pelo responsável técnico e são arquivados para posterior entrega ao paciente. O número de vagas para estágio e os critérios para preenchimento das vagas são estabelecidos pelo Conselho Técnico–científico, que é composto pelo chefe do ACT, coordenador e sub-coordenador do LACT, três docentes indicados pela Câmara Departamental e um representante dos funcionários do laboratório.

---

[1]Coordenadora, [2]técnicos-administrativos, [3]bolsista, [4]estagiários
Laboratório de Análises Clínicas e Toxicológicas (Análises Laboratoriais)
Número de Registro SiexBrasil: 155
Área Temática: Saúde
Faculdade Farmácia
Contatos: fabiola@farmacia.ufmg.br e (31) 3292-4419

Resultados e Discussão

Pacientes atendidos em 2003 (resultado parcial) de janeiro a outubro. O laboratório atendeu 1.552 pacientes no período.

CONVÊNIO	PACIENTES	%
FUMP	1040	67%
PARTICULARES	467	30%
OUTROS	45	3%

Em média, anualmente são atendidos no LACT em torno de 2.000 (dois mil) pacientes, sendo que predomina o atendimento à comunidade universitária, (convênio FUMP), assim o atendimento é de aproximadamente: 60% comunidade universitária, 40% particulares e outros convênios. Semestralmente, são oferecidas quatro vagas para estágio no LACT; sendo duas vagas na área de Análises Clínicas e duas vagas na área de Citologia. No ano de 2003, o Laboratório está colaborando com a coleta de amostra de sangue em três projetos de pesquisa a saber: Alterações bioquímicas e hemostáticas no diabetes-mellitus (coordenadora do projeto: Profª Marinez de Oliveira Sousa0; Dosagem das atividades das calicreínas tissular e plasmática nos plasmas de indivíduos normais e de pacientes com insuficiência cardíaca. (coordenadora do projeto: Profª Amintas Fabiano de Souza Figueiredo); Influência da ingestão da gelatina nos níveis de lipides e glicemia em um grupo de mulheres de 20 a 40 anos (coordenadora do projeto: Profª Jacqueline Isaura Alvarez Leite).

Produtos Gerados

Estágios para alunos do Curso de Farmácia, habilitação Análises Clínicas; eEstágios para alunos do Curso Técnico em Patologia Clínica; aquisição de novos equipamentos e melhoria do Laboratório, através dos recursos captados; contratações de técnicos e auxiliares técnicos através da FUNDEP; informativos sobre diversos temas para esclarecer à população sobre patologias comuns em nosso meio, vaga para bolsa de trabalho da FUMP

Conclusão

O Laboratório de Análises Clínicas e Toxicológicas/FAFAR funciona de segunda a sexta-feira, das 8 às 17h. Horário de coleta: de 8 às 10h. Entrega de resultados e recebimento de exames citológicos: de 8 às 17h. O Laboratório vem cumprindo o seu papel na prestação de serviços e ensino, mas há uma estrutura e um potencial humano para a realização de um maior número de exames. Com a mudança para a região do Campus-Pampulha no próximo semestre, há uma expectativa que ocorrerá maior demanda dos serviços prestados, dados a facilidade da comunidade universitária chegar até o Laboratório e considerando a ampliação da área física prevista no prédio novo. Esforços serão envidados no sentido de uma maior divulgação do LACT junto aos bairros vizinhos e junto à comunidade acadêmica.

Parcerias

Fundação Mendes Pimentel, Caixa de Assistência à Saúde da UFMG, Sindicato dos Farmacêuticos do Estado de MG, Instituição Beneficiente Martim Lutero, Associação Profissional dos Docentes da UFMG, Fundação Educacional Caio Martins e Associação dos Servidores da UFMG.

Referências

SHCOLNIK, Wilson. Acreditação de laboratórios clínicos. Rio de Janeiro: [s.n], 2000.

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS. Belo Horizonte. Estatuto do Laboratório de Análises Clínicas e Toxicológicas da Faculdade de Farmácia de Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ANÁLISES CLÍNICAS – SBAC. Manual para Credenciamento do Sistema da Qualidade de Laboratórios Clínicos. 1. ed. Rio de Janeiro: [s.n], 1998.

PERFIL DIAGNÓSTICO E DE ENGAJAMENTO NO AUTOCUIDADO DE CLIENTES HIPERTENSOS ATENDIDOS NO AMBULATÓRIO DE UM HOSPITAL ESCOLA DE BELO HORIZONTE

Tânia Couto Machado Chianca[1], Salete Maria de Fátima Silqueira[2], Hivina Vaz, Rúbia Cristina Brandão Santos[3]

Introdução

A implantação do programa de Hipertensão Arterial (HA) ocorreu num momento em que, a Faculdade de Medicina implantava o novo currículo e como estratégia propôs a implantação de um modelo assistencial no HC/UFMG baseado no "cuidado progressivo". Estando a Escola de Enfermagem da UFMG (EE/UFMG) articulada administrativamente ao HCUFMG e Faculdade de Medicina, estimulando seus docentes e discentes a participarem desta implantação e a defender este modelo. A escola tem papel relevante na definição de políticas assistenciais, gerenciais e de recursos humanos do HC e tem buscado estimular a inserção de seus docentes e discentes nos espaços do hospital em parceria com profissionais de enfermagem do mesmo. Esta inserção da referida Escola teve como objetivo viabilizar estratégias para mudanças de atitudes nas práticas de saúde de forma a contribuir para a melhoria das condições de saúde da população. Desta forma o Programa de Educação para o Autocuidado aos Clientes Hipertensos tornou-se uma experiência docente assistencial desenvolvida pela EE/UFMG desde a década de 70 no ambulatório Bias Fortes do Hospital das Clínicas da UFMG. As atividades do enfermeiro buscam organizar o trabalho assistencial, priorizar o atendimento de demandas específicas considerando que até então ocorria uma reprimida demanda de pacientes crônicos atendidos apenas por profissionais médicos. O serviço atende clientes em grupo ou individualmente. Atualmente este trabalho é desenvolvido por enfermeiros docentes e discentes da Escola de Enfermagem da UFMG. No atendimento de enfermagem a assistência foi sistematizada e as fases de consulta, planejamento, implementação e avaliação de enfermagem, estiveram respaldados na Teoria do Autocuidado de Dorothy Orem (1995). A Hipertensão Arterial é ao mesmo tempo causa e efeito das doenças cardiovasculares. O MINISTÉRIO DA SAÚDE afirma que "a H.A. é um grande problema de Saúde Pública no Brasil. Estima-se que 15% das pessoas com 20 anos ou mais sejam hipertensos, o que leva à evidência de que, aproximadamente 12 milhões de brasileiros sejam hipertensos" (MS, 1996). As condições sociais de uma população tem peso expressivo na determinação de seu perfil de saúde. Desvantagens como o pequeno desenvolvimento social e as precárias condições de vida são acompanhadas, de modo geral, por um maior risco de adoecer e de morrer em todas as idades e precocemente e em ambos os sexos devido a HÁ. Riscos e causas para a elevação da pressão arterial, destacando os fatores constitucionais, familiares, sociais e ainda os ambientais são apontados pelo M.S. (1996) que coloca a H.A. como fator de risco para doenças do coração e vasos, inclusive lesando órgãos importantes como os rins, cérebro, retina e coração. A assistência sistematizada de enfermagem para a prevenção e controle de doenças cardiovasculares crônicas visa o autocuidado e envolve um processo educativo, onde os riscos para doenças cardiovasculares são trabalhados para promover mudanças de hábitos de vida, diminuição de obesidade, sedentarismo, consumo de álcool, tabaco, entre outros. O autocuidado é "o conjunto de atividades que a pessoa executa, consciente e deliberadamente, em seu benefício para a manutenção da vida, da saúde e do bem-estar" SANTOS & SILVA (2002). O autocuidado é terapêutico na sustentação da vida e da saúde, na recuperação da doença ou da lesão ou no enfrentamento dos efeitos dos mesmos. OREM (1995) afirma que quando é percebido em um adulto a ausência da habilidade para uma contínua manutenção da quantidade e qualidade do autocuidado é necessário a assistência de enfermagem para auxiliar no desenvolvimento de ações necessárias ao funcionamento e desenvolvimento humanos como os universais, desenvolvimentais e de desvio de saúde. Sistematizar a assistência de enfermagem consiste na utilização do método científico na prática assistencial de enfermagem. Uma assistência

---

[1]Coordenadora, [2]docente, [3]bolsistas (Programa de Bolsas de Extensão/Proex)
Programa de Assistência Sistematizada de Enfermagem para a Prevenção e Controle de Doenças Cardiovasculares Crônicas Visando ao Autocuidado
Número de Registro SiexBrasil: 568
Área Temática: Saúde
Escola de Enfermagem e Hospital das Clínicas
Contatos: tchianca@enf.ufmg.br e (31) 3248-9826

de enfermagem sistematizada freqüentemente utiliza o processo de enfermagem que tem sido dividido em cinco passos distintos: coleta de dados, diagnóstico de enfermagem, planejamento, intervenção e avaliação. Já há alguns anos esforços têm sido envidados por enfermeiros para implementar na prática e no ensino a metodologia de assistência de enfermagem. O trabalho sistemático de assistir a clientela é desenvolvido por enfermeiros docentes e discentes de enfermagem no controle da hipertensão arterial no serviço tem o objetivo de prevenção e controle das doenças cardiovasculares, já que as mesmas constituem hoje, a primeira causa de morte nos países industrializados (NAKAJIMA, 1993). Um modelo de enfermagem aplicável a situação foi selecionado e aplicação do mesmo foi iniciada em agosto de 2002.

Objetivos
Apresentar os diagnósticos de enfermagem mais freqüentes identificados na população de clientes hipertensos atendidos no Ambulatório Bias Fortes do Hospital das Clínicas da UFMG.

Metodologia
Trata-se de um estudo descritivo e transversal. A população de hipertensos cadastrados é de 212 clientes hipertensos (SILQUEIRA, 2001). Neste estudo foram avaliados 39 clientes, sendo 8 excluídos da amostra por apresentarem preenchimento do instrumento incompleto. Foram levantados problemas, identificados os diagnósticos de enfermagem e estabelecido os perfis de engajamento no autocuidado de 31 clientes atendidos no ambulatório em uma primeira consulta de enfermagem. Os clientes hipertensos foram avaliados durante a consulta utilizando-se um instrumento de coleta de dados proposto por SANTOS & SILVA (2002). A clientela atendida no serviço de atendimento a hipertensos no ambulatório tem sido de clientes com pressão arterial alta, com diagnóstico médico de HA e a grande maioria em tratamento farmacológico. As estratégias utilizadas incluem a consulta inicial (avaliação do estado de saúde, determinação dos riscos, estabelecimento de diagnósticos, metas e intervenções de enfermagem, determinação de demandas de auto-cuidado), consulta de seguimento (determinação de [indice de auto-cuidado, nível de controle de riscos, uso de medicação, exame físico ambulatorial, problemática de vida do cliente, estabelecer estratégias que conduzam o a autodiagnóstico e estabelecimento de metas conjuntas a serem atendidas), grupo operativo (estratégia de atendimento para aumentar o conhecimento do cliente, trabalhando dúvidas, reforçando conceitos, conduzindo à participação na assistência, pela troca de opiniões, enfrentamento dos problemas, busca de soluções e controle de riscos). Os clientes foram avaliados utilizando um instrumento de coleta de dados apresentado por SANTOS & SILVA (2002) que propõe um modelo de educação em saúde para o autocuidado de clientes portadores de hipertensão arterial o autocuidado universal (oxigenação, hidratação, alimentação, atividade e repouso, solidão e interação social, prevenção de riscos para doença cardiovascular e cerebrovascular, promoção da saúde); autocuidado desenvolvimental (etapa de vida com suas mudanças, significado e adaptação, reprodução, sexualidade); autocuidado por desvio de saúde (descoberta da doença, tempo do diagnóstico e tratamento, tipos de tratamentos, conhecimentos sobre a doença e o tratamento, execução das condutas orientadas, existência de outros problemas de saúde) e exame físico. Além disto foram avaliadas as demandas de autocuidado identificadas nos clientes, estabelecidos os diagnósticos de enfermagem e o perfil de engajamento no autocuidado na consulta de seguimento.

Resultados e Discussão
Entre a clientela avaliada identificaram-se 22 diagnósticos de enfermagem (NANDA, 2002). Ressaltam os diagnósticos de Manutenção da Saúde Alterada (14,81%), Controle do Regime Terapêutico (12,96%), Padrão de Sono Perturbado (9,26%), Nutrição Alterada (7,41%) e Processo Familiar Alterado (7,41%). Apresentam-se na Tabela 1 os diagnósticos levantados para os 31 clientes. Vale salientar que alguns clientes apresentaram mais de um diagnóstico de enfermagem. A média de diagnósticos de enfermagem por cliente foi de 1,41.

Tabela 1: Levantamento dos diagnósticos de enfermagem na clientela de hipertensos atendidos no Ambulatório Bias Fortes do HCUFMG – 2002

Diagnósticos de enfermagem	F (nº)	f (%)
1.Déficit de autocuidado	2	3,70
2.Manutenção da Saúde Alterada	8	14,81
3.Intolerância a atividade	4	7,41
4.Nutrição Alterada	5	9,26
5.Padrão de Sono Perturbado	1	1,85
6.Padrão Respiratório Ineficaz	2	3,70
7.Comportamento de Busca de Saúde	2	3,70
8.Dor	4	7,41
9.Processo Familiar Alterado	2	3,70
10.Risco para Constipação	1	1,85
11.Risco para Desequilíbrio Hidroeletrolítico	7	12,96
12.Controle Ineficaz do Regime Terapêutico	1	1,85
13.Ansiedade	1	1,85
14.Pesar relacionado a perda de Pessoa Significativa	1	1,85
15.Ingesta Alimentar Maior que as Necessidades Corporais	2	3,70
16.Deficit de Conhecimento	2	3,70
17.Déficit de Autocuidado	2	3,70
18.Integridade da Pele Prejudicada	1	1,85
19.Proteção Alterada	2	3,70
20.Déficit de Volume de Líquido	1	1,85
21.Déficit de Lazer	2	3,70
22.Tensão Devido ao Papel de Cuidador	1	1,85
TOTAL	54	100

Para o perfil de engajamento no autocuidado SANTOS & SILVA (2002) consideram escore entre 80 e 100 um excelente perfil de engajamento; entre 60 e 79 como bom; entre 40 e 59 regular e, menor que 39 como mau. Encontrou-se nesta amostra um perfil de engajamento médio no autocuidado de 67. Este perfil é considerado como um bom engajamento no autocuidado, o que demonstra a adesão ao tratamento de enfermagem apresentada pelos clientes e a eficácia do trabalho que tem sido desenvolvido.

Produtos Gerados

Nas atividades acadêmicas, até 2002 a disciplina Semiologia da EEUFMG utilizava o campo para o estágio curricular de alunos do 5º período. Atualmente, os alunos da disciplina Saúde do Adulto (7º período) desenvolvem atividades de assistência previstas no currículo semestralmente e desenvolvem as etapas do processo de enfermagem. Uma das autoras do presente estudo, que integra a Equipe desse Projeto de Extensão, desenvolveu sua dissertação de mestrado, concluída em 2001, com esta clientela, tendo gerado artigos publicados em periódicos de circulação

nacional e internacional. Trabalhos foram publicados e apresentados em Semana de Iniciação Científica e Congressos, frutos do trabalho que é desenvolvido neste Projeto de Extensão.

Conclusão
Os diagnósticos mais freqüentes foram: Manutenção da Saúde Alterada, Controle do Regime Terapêutico, Padrão de Sono Perturbado, Nutrição Alterada e Processo Familiar Alterado. Os clientes que fizeram parte do estudo já estavam cadastrados no serviço e participavam das atividades para elevar o engajamento no auto-cuidado. Eles apresentaram um perfil de engajamento no autocuidado bom. As habilidades dos clientes para engajarem-se no autocuidado tem sido trabalhada pelo grupo de enfermagem (docentes e discentes}da Escola de Enfermagem, principalmente no que tange aos seus fatores condicionantes (idade, sexo, estado de desenvolvimento, estado de saúde, orientação sociocultural, fatores familiares, padrões de vida, fatores ambientais e adequação e disponibilidade de recursos). Para a "aquisição de conhecimentos e habilidades", sobre o processo saúde-doença, autoestima e autocuidado, considera-se que esses clientes participam das programações e atividades propostas pelo grupo de atendimento de enfermagem que tem o objetivo de construir o conhecimento numa concepção da educação de adultos, analisando estratégias viáveis e adequadas à adequação/mudança de hábitos de vida do cliente e seus familiares, para controle (prevenção secundária) e prevenção primária da Doença Vascular Arterial. Cartazes, manequins, dados estatísticos e a visão do mundo de cada um dos participantes são utilizados. São os grupos educativos que preveêm no máximo dez participantes. Utiliza-se também como material didático uma cartilha com o objetivo de gerar a discussão para adesão também da família. Na proposta trabalha-se o conceito de autocuidado e as opiniões e expectativas do grupo; anatomia e fisiologia humana (o corpo humano, o sistema cardiovascular, o processo/doença, opiniões, crenças do grupo: como o meio social influi nas funções do corpo); o indivíduo no contexto psicossocial (o que pensam a respeito de estarem hipertensos, o mundo atual, o cotidiano dos clientes, fatores de risco para as doenças cardiovasculares, os fatores de risco e o processo de vida (produção de trabalho, qualidade de vida, morbidade), sugestões de como controlá-los, fatores facilitadores e dificultadores, vantangens e desvantagens de enfrentar a adequação de hábitos, experiências anteriores com a H.A., experiências pessoais, familiares e na comunidade, aspectos culturais: crenças, mitos, tabus; motivação para cuidar-se, autoestima, e aspectos da saúde mental individual e da família, hipertensão arterial e doenças cardiovasculares (morbidade, o processo fisiopatológico, o que sabem, como pensam a respeito, crenças e mitos, opiniões e expectativas do grupo; tratamento medicamentoso e não medicamentoso (controle dos riscos modificáveis e uso de drogas).

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão

Referências
Brasil. Ministério da Saúde. Doenças cardiovasculares no Brasil/Sistema Único de Saúde – SUS: dados epidemiológicos, assistência médica. Brasília: Ministério da Saúde, 1996. 42p.
Nanda. Diagnósticos de enfermagem da NANDA: Definições e classificação. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
Orem, D.E. Nursing: concepts of practice. 5 ed, Atlanta: Mosby Co, 1995.
Resende, S.M.F.S. Relação de índice de sobrepeso, obesidade e hipertensão arterial. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.
Santos, Z.M.S.A; Silva, R.M. Hipertensão arterial: Modelo de educação em saúde para o auto-cuidado. Fortaleza; UNIFOR, 2002.

SAÚDE MENINO NO PARQUE

Mara Vasconcelos, Maria Regina de Almeida Viana[1], Juliano Cláudio de Souza Dias[2], Ana Marina Campos de Faria, Mariana Montandon, Fernanda Carceroni Cotta[3], Mariana Costa Alves, Paula Costa Alves, Joana Baccin, Alan Alves de Souza, Rodrigo Valério Costa, Guilherme Garcia Rodrigues[4]

Introdução

> "Nas trilhas de um Parque me divirto, das ruas desta cidade, me demito."
> Leandro Miranda, menino do Parque.

O Projeto Menino no Parque (PMP) foi criado em 1993, a partir de iniciativa da própria comunidade local (Associação dos Amigos do Parque das Mangabeiras), que percebeu a necessidade de um local onde poderiam ser desenvolvidas atividades que auxiliariam e atenderiam às necessidades vinculadas à educação integral das crianças e jovens da região. Dessa forma, poder-se-ia oferecer alternativa de educação complementar e ocupação para as crianças e adolescentes que residem no entorno do Parque das Mangabeiras, em várias vilas que compõem o "Aglomerado da Serra", região de maior concentração de favelas da Grande Belo Horizonte, com população de mais de 49 mil habitantes. Essa população passou a ter no PMP ponto de apoio fundamental na busca de uma melhor dinâmica familiar, consciente de seus direitos e deveres, executando esforços para alcançar melhores condições de vida. O PMP funciona dentro da área do Parque das Mangabeiras, atendendo por volta de 150 crianças e adolescentes de 5 a 17 anos, em horário complementar à escola formal, nos turnos de amanhã e de tarde. As atividades são elaboradas por educadores treinados, que se dividem em oficinas específicas: Circo, Horta, Capoeira, Harmonia, Teatro, Reciclagem, Leitura (no momento, em processo de reestruturação) e Informática. A parceria com a UFMG veio a se concretizar dois anos mais tarde, com a criação do Projeto Saúde Menino no Parque, em que alunos de Medicina e Odontologia foram integrados ao projeto, com o propósito de desenvolver atividades educativas e preventivas, além de atividades de avaliação de saúde e curativas, com assistência médica e odontológica às crianças que participam do projeto.

Objetivos

Consistem numa "Proposta para Crescer", fornecendo subsídios para processo de transformação humana e social dos indivíduos e da coletividade, pelo desenvolvimento de potenciais, habilidades e competências que cada criança e adolescente é capaz de revelar. Inserido no contexto global do PMP, o Projeto Saúde Menino no Parque tem o intuito de somar forçar a esses objetivos, com proposta de trabalhar lado a lado com as crianças, auxiliando no exercício de promoção de desenvolvimento dessas crianças em todos os aspectos: formação do caráter, estabelecimento de boa convivência e troca de conhecimentos, entre outras ações que auxiliem na construção da "Proposta para Crescer". O Projeto Saúde Menino no Parque também pretende fornecer conhecimento básico às crianças de temas fundamentais relacionados à saúde e que devem fazer parte da vida de todo cidadão, temas esses que estão sendo trabalhados como Temas Transversais. A preocupação com a atenção à saúde das crianças é um trabalho eixo, onde atividades que visam uma análise do estado de saúde geral dessas crianças assim como o suporte adequado frente a um problema detectado são efetuados. Com relação aos alunos da UFMG, faz parte dos objetivos do projeto estimular a capacidade de autonomia e iniciativa dos alunos frente a situações não previstas, possibilitar uma vivência com as famílias das crianças e adolescentes em situação de risco social e possibilitar o "fazer interdisciplinar" e a apropriação do conhecimento em outras áreas. O objetivo do Projeto Saúde Menino no Parque não consiste apenas em disponibilizar "médicos" e "dentistas" para que sejam realizadas consultas clínicas em salas de atendimentos isoladas dos demais trabalhos que estão sendo realizados com as crianças, mas sim

---

[1]Coordenadoras, [2]bolsista (Programa de Bolsas de Extensão/Proex), [3]outros bolsistas, [4]voluntários
Projeto Meninos no Parque
Número de Registro SiexBrasil**:** 2508
Área Temática: Saúde
Faculdade de Medicina e Faculdade de Odontologia
Contatos: maravas@uol.com.br e (31) 3287-7520

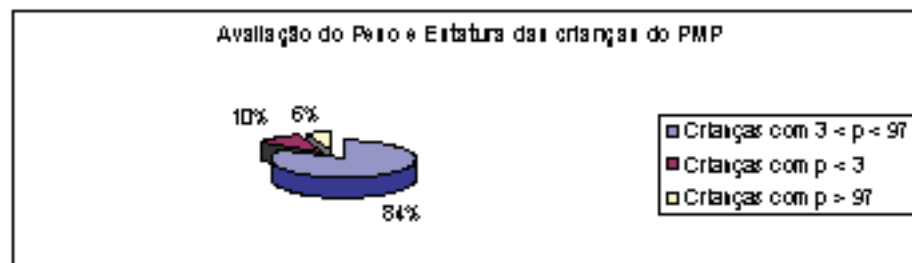
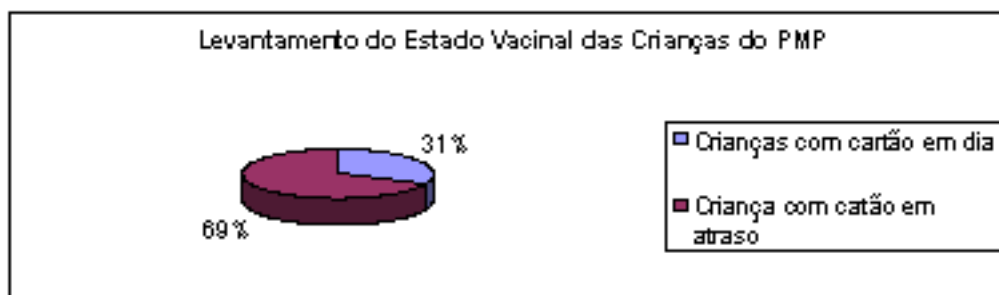
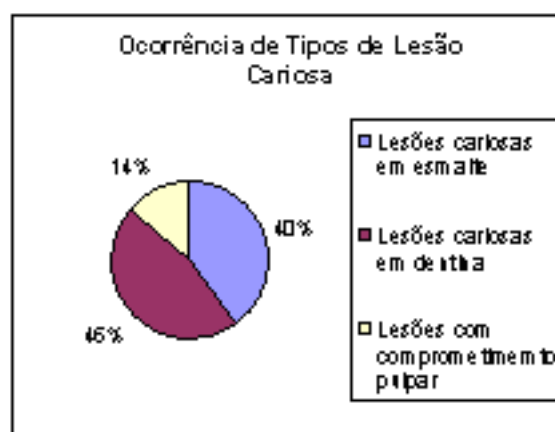
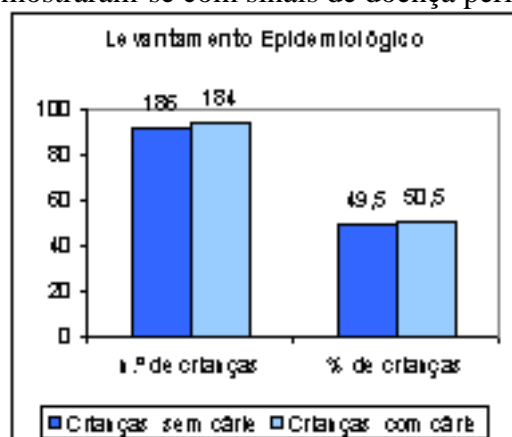
inserí-los em um contato direto e permanente com essas crianças, pois, dessa forma, consegue-se ter uma visão do grupo e, também, individualizada de cada criança em seu próprio "habitat", local onde melhor se consegue avaliar o conhecimento que foi passado à criança, assim como corrigir, instantaneamente, aquilo que não foi assimilado, e ter certeza, assim, de que o objetivo foi alcançado.

Metodologia

O Projeto Menino no Parque tem suas atividades fundamentadas em três áreas principais: cultura e esporte, meio ambiente e comunicação. Tais atividades são organizadas a partir de módulos temáticos, sendo que cada módulo é formado por 2 oficinas, cada uma com uma média de 20 crianças e adolescentes. Essas oficinas são dirigidas por educadores treinados para cada área temática: Módulo I – Oficinas de Horta e Circo; Módulo II – Oficinas de Capoeira e Harmonia; Módulo III – Oficinas de Teatro e Reciclagem; e a Oficina de Informática, em que todas as crianças participam. É importante salientar que a proposta metodológica do Projeto Saúde Menino no Parque é uma construção coletiva entre todos os parceiros envolvidos e sofre adaptações freqüentes com o intuito de se adequar aos objetivos do Projeto de formar crianças cidadãs. Tendo essa perspectiva, a principal metodologia atualmente selecionada para atuação dos estudantes de medicina e odontologia, no ano de 2003, foi o emprego dos "Temas Transversais" nas ações dirigidas às crianças e adolescentes. A incorporação desses temas ao programa de saúde da UFMG partiu da concepção de que a transversalidade pressupõe um tratamento integrado das diversas áreas de atuação no Projeto e um compromisso das relações interpessoais e sociais das crianças e adolescentes com as questões que estão envolvidas na saúde, a fim de que haja uma coerência entre os valores experimentados na vivência diária, no Projeto e na família. A transversalidade e a interdisciplinaridade são modos de se trabalhar o conhecimento e a reintegração de aspectos que ficaram isolados uns dos outros pelo tratamento disciplinar. Com isso, questiona-se a segmentação dos diferentes campos de conhecimento. Busca-se, assim, os possíveis pontos de convergência entre as várias oficinas desenvolvidas e a área da saúde numa abordagem conjunta, propiciando uma relação de construção coletiva integrada e hierárquica do conhecimento entre as áreas. Durante o ano de 2003 foram selecionados como temas transversais a Alimentação e Higiene [3,4] para serem desenvolvidas com os educadores, crianças e adolescentes. Foram necessários vários encontros com os educadores, coordenador pedagógico, estudantes e coordenadores da UFMG na construção de um eixo comum de ação, com o objetivo de propor estratégias em cada oficina para que os temas fossem abordados de forma harmoniosa e proveitosa, sem causar impaciência e/ou exaustão por parte das crianças e para capacitação dos educadores. Foram realizadas várias reuniões com os gerentes das Unidades Básicas de Saúde, próximas ao Parque das Mangabeiras com o objetivo de elaborar um prontuário único das crianças do Projeto através dos dados do Programa Saúde da Família - BH Vida, dados obtidos com os alunos da UFMG. Esse prontuário permitiria englobar informações sobre a saúde geral e bucal das crianças, bem como aspectos psicológicos e socioeconômicos. Além dessa abordagem transversal e global, realizada tanto pelos estudantes de Medicina quanto de Odontologia, cada área desenvolveu, também, em paralelo, atividades voltadas para a sua especificidade. Dessa forma, os alunos de Medicina, visando uma análise global do estado de saúde das crianças e o cumprimento dos demais objetivos propostos, desenvolveram as seguintes atividades: - revitalização da sala de saúde (Pediatria), com proposta de aquisição de novos materiais para propiciar um melhor suporte curativo; - mobilização para uma avaliação do peso e altura das crianças do projeto e, naquelas que foram detectados valores acima ou abaixo dos limites considerados normais, foram realizadas consultas médicas detalhadas com a presença do responsável, utilizando-se uma ficha de avaliação própria desenvolvida pelos alunos e orientadores, com o objetivo de colher uma história mais detalhada e realizar um exame físico mais minucioso, na busca de dados que viessem a esclarecer tais alterações; - levantamento do estado vacinal das crianças, através dos cartões de vacinação, e na falta de alguma vacina, as crianças eram encaminhadas às Unidades Básicas de Saúde para que fossem vacinadas; - apresentações, com demonstração prática, de orientações sobre primeiros socorros, para os educadores e coordenadores, com intuito de transmitir condutas básicas (como a realização de curativos simples limpos) que deveriam ser tomadas em caso de acidentes; - avaliação de saúde global de todas as crianças do projeto (anteriormente feita apenas com as crianças em que se tinha detectado algum problema de peso e/ou estatura). Tal avaliação visa construir um banco de dados que, unindo as informações obtidas junto às Unidades Básicas de Saúde, proporcionaram uma avaliação e condutas mais individualizadas e

direcionadas; - encaminhamento à Unidades Básicas de Saúde, facilitado por esse inter-relacionamento PMP - Unidades de Saúde, de crianças com necessidade de avaliação mais detalhada por médico. Da mesma forma que os alunos da Medicina, os alunos da Odontologia, além de desenvolverem atividades educativas e preventivas e orientar e participar da implantação dos temas transversais promoveram atividades específicas de sua área como: - introdução da escovação na rotina das atividades diárias do projeto. Os hábitos de higiene bucal foram ensinados e incentivados através de instruções de escovação durante as consultas odontológicas e demonstração das técnicas de escovação em modelos gigantes da cavidade oral após as refeições; - abordagem educativa em relação à higiene bucal, iniciada com a aquisição de novas escovas de dente, que receberam capas e etiquetas com os nomes de todas as crianças e adolescentes freqüentes no projeto. Procedeu-se à montagem e organização do "Escovódromo", local onde as escovas ficam guardadas e separadas por idade e turno. O escovódromo fica localizado no refeitório para que as crianças, após as refeições, lembrem-se de realizar a higiene bucal. Além disso, as crianças foram instruídas para a boa manutenção desse local e das escovas de dente; - treinamento de primeiros socorros em Odontologia, dando ênfase ao traumatismo dentário, pela sua alta freqüência na faixa etária em que se enquadram os alunos do projeto. Também foram abordados os temas dor de dente, cárie e outras doenças bucais, alimentação e higiene bucal; - levantamento das necessidades de saúde bucal das 186 crianças e adolescentes que freqüentam o projeto, realizado no mês de junho, em que foram analisadas as condições do periodonto, cárie dentária, manchas nos dentes (fluorose) e traumatismos. Esse levantamento permitiu estimar o volume de necessidades e possibilitou o planejamento das atividades clínicas a serem desenvolvidas; - a existência de um consultório odontológico disponível no projeto viabiliza uma ação curativa, onde são realizados procedimentos básicos em saúde bucal: exodontia, raspagem, polimento coronário, adequação do meio bucal, fluorterapia e restaurações com cimento ionomérico.

Resultados e Discussões
Os Temas Transversais foram, sem dúvida, os que apresentaram maior dificuldade de implementação. Nas várias reuniões realizadas entre o pessoal da área de saúde, educadores e coordenador pedagógico várias sugestões foram levantadas, várias atividades propostas, mas nem todas foram levadas adiante devido às dificuldades que alguns educadores encontraram em como abordar tais temas em suas oficinas. Essas dificuldades estão analisadas de modo a tentar encontrar uma forma de inserção de tais temas em todas as oficinas, sem exceção. Vale, relatar, no entanto, vários sucessos obtidos na abordagem dos temas em algumas oficinas. Na Oficina de Reciclagem foram realizadas várias atividades envolvendo a alimentação e a higiene. Foi discutida, em grupos separados, a importância dos alimentos, a importância de uma alimentação balanceada, assim como foi proposta pelas crianças a realização de entrevistas às demais pessoas do projeto em busca de esclarecimentos sobre o assunto. Foram pesquisados livros[4,5] , revistas e internet para aquisição de mais informações. As crianças construíram uma pirâmide alimentar com frutas feitas em papel marche e de alimentos com as vasilhas e embalagens que elas traziam de casa. Foi elaborado um enorme cartaz contendo todos os alimentos em se podiam encontrar os nutrientes e que foi colocado no refeitório. Foi realizada uma atividade em que as crianças discutiram o processo de absorção dos diferentes nutrientes no aparelho digestivo, que resultou na criação de um cartaz, também colocado no refeitório. Da mesma forma, a Oficina de Horta conseguiu desenvolver um bom trabalho sobre alimentação, em que as crianças relataram a importância dos alimentos que lá eram produzidos, assim como elaboraram cartões com o valor nutritivo de cada alimento plantado, identificando os nutrientes e sua função no organismo. Na Oficina de Informática, além de a Internet ter servido como banco de dados, está se tentando elaborar receitas com valor nutricional dos alimentos para montagem de um livro com dieta balanceada e possível de ser utilizado pelo projeto. Nas Oficinas de Capoeira e Circo será discutido como se formam músculos e outras partes do corpo relacionando a importância dos nutrientes nesse processo de formação. O tema Higiene, por sua vez, foi introduzido nas oficinas de forma lúdica e participativa, levando as crianças a compreender as noções de higiene: como e porque lavar as mãos, tomar banho, beber água filtrada, não mexer no lixo, não levar mão suja à boca, além de aprenderem como e quando escovar os dentes.
Atividades Específicas dos Alunos da Medicina Foram conseguidos materiais necessários para a sala da saúde (medicamentos, gazes, crepons, esparadrapos, etc), que facilitam o exercício de atividades básicas como realização de curativos limpos em caso de acidentes. Além disso, foram encaminhadas à Unidades Básicas de Saúde 8 crianças em que foram detectados problemas que exigiam acompanhamento mais especializado (hipertensão arterial,

controle de obesidade, cisto sebáceo, hérnia umbilical, dentre outros). Com relação à avaliação do peso e altura de um total de 167 crianças, 40 não foram avaliadas, por terem entrado no projeto em um período posterior a essa avaliação. Das 127 crianças avaliadas, 107 apresentaram valores dentro dos limites da normalidade (entre percentis 3 e 97), 13 apresentaram valores abaixo do percentil 3, e 7 crianças com medidas acima do percentil 97, como se vê no gráfico:.

Já na avaliação do estado vacinal das crianças, de um total de 167 crianças, 73 não tiveram seus cartões analisados ou por terem entrado no projeto há pouco tempo ou por não terem trazido seus cartões. Das 94 crianças que tiveram seus cartões analisados, 29 estavam com o cartão em dia e 65 estavam com a vacinação atrasada, como mostra o gráfico:

É importante salientar que esse número elevado de crianças com atraso vacinal devia-se, principalmente à crianças que não tinham tomado vacina contra Hepatite B, Febre Amarela e Anti-Hemófilo. Atividades Específicas dos Alunos da Odontologia: além do sucesso na criação do escovódromo e do estabelecimento da prática diária de escovação, foi constatado, na avaliação das necessidades de saúde bucal, que 50,5% das crianças e adolescentes eram acometidas pela doença cárie dentária. Para essa atividade os alunos foram capacitados pela coordenadora. Procedendo a uma qualificação e distribuição das doenças verificou-se que a maioria dos adolescentes apresenta alterações no periodonto necessitando de intervenções como raspagem do cálculo e polimento coronário, enquanto outras crianças apresentam um maior número de lesões cariosas que demandam procedimentos de restaurações e exodontias. Através do levantamento, verificou-se, 98 lesões de cárie em esmalte, 113 lesões em dentina, 33 lesões que já atingiram a polpa e 34 dentes indicados para exodontia. Aproximadamente 3,8% das crianças mostraram-se com sinais de doença periodontal, e 3,2% possuem fluorose, como se vê nos gráficos a seguir:

Produtos Gerados

Foi elaborado um prontuário único para avaliação global da saúde das crianças, a ser utilizado pelos alunos da medicina e odontologia, para o acompanhamento das crianças e adolescentes (anamnese, exame físico, saúde bucal, hipótese diagnósticas, encaminhamentos feitos). As informações contidas nesse prontuário, o levantamento das necessidades da saúde bucal e as informações obtidas nas reuniões com os gerentes e nas Unidades Básicas de Saúde estão sendo alocados em um banco de dados no programa EPIINFO. Na área médica, deve-se salientar a realização de anamnese aprofundada e exame físico em 20 crianças nas quais inicialmente foi detectado algum problema de baixo peso ou sobrepeso, sendo constatado, na maioria dos casos, tratar-se de Retardo Constitucional do Crescimento. Com exceção de um caso específico, em que se detectou problemas de ordem sócio-econômica-familiar que estão comprometendo o estado de saúde da criança, mas que já está sendo estudada uma solução cabível para resolução do problema. Na área odontológica, a existência de um consultório odontológico disponível no projeto viabilizou uma ação curativa e preventiva. Após o levantamento de necessidades constatou-se duas doenças mais prevalentes, nas crianças e adolescentes: a cárie e a doença periodontal, sendo organizado uma estratégia de intervenção que contemplasse estas doenças. Nesse sentido, foram realizados procedimentos básicos em saúde bucal, quais sejam: raspagem, polimento coronário (para os problemas do periodonto), exodontia, adequação do meio bucal, fluorterapia e restaurações com cimento ionomérico (para os problemas de cárie). O tratamento odontológico veio sendo realizado através de atendimento semanal, e desde o final de junho, das 186 crianças e adolescentes examinados, 35 crianças já foram atendidas, perfazendo um total de 58 dentes já tratados. Os procedimentos realizados somaram 60 restaurações, 02 pulpotomias, 12 fluorterapias, 03 raspagens e polimento coronário. Vale ressaltar que as crianças que tinham necessidade de várias intervenções são as que estão sendo tratadas em primeiro ligar, daí o número pequeno de crianças que efetuaram o tratamento. Foi elaborada uma ficha individual para levantamento das necessidades em odontologia assim como uma autorização para o tratamento odontológico. Para as reuniões com os educadores foram elaborados dois folhetos sobre primeiros socorros da medicina e odontologia. Os instrumentos para parte do desenvolvimento das atividades transversais foram a criação do escovódromo, adaptação do lavatório para higiene das mãos com a aquisição de toalhas e sabonetes, aquisição de filtro de água e uma participação ativa de educadores e alunos na obtenção desses objetivos. Como instrumento facilitador das ações conjuntas das unidades de saúde com o projeto foi adquirido, junto à Secretaria Municipal de Saúde – regional Centro –Sul, um mapa da área de abrangência do Projeto Menino no Parque, com a localização das ruas e becos do aglomerado da Serra.

Conclusões

As atividades desenvolvidas possibilitaram o crescimento profissional e pessoal dos estudantes de Medicina e Odontologia, por favorecer o contato freqüente com os educadores, cozinheiras, vigias, coordenador pedagógico, crianças e adolescentes numa proposta de integração de ações e planejadas em conjunto com todos os atores do processo de construção das intervenções. Esta ação organizada permitiu ao aluno um outro olhar sobre as práticas educativas, tornando-as menos impositivas, normativas e mais voltadas para o cotidiano de crianças excluídas do usufruto dos bens que a sociedade estipula em cada contexto social.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão, Unicentro Newton de Paiva, Ação e Cidadania dos Funcionários da Caixa Econômica (ONG), Sociedade dos Amigos da Serra.

Referências

RADESPIEL, M. C. B. Alfabetização sem segredos: temas transversais. Contagem: Lemar, v.5, n.4, 1998.
Temas Transversais. Disponível em www. http. Temas transversais. Acesso em 30/10/2003, 09:00 horas.
LEÃO E., CORRÊA E. J., VIANA M. B., MOTA J. A. C. Pediatria ambulatorial. Belo Horizonte: Coopmed. 908p. 1998.
ALVES, C.R.L. e VIANA, M.R.A (org.). Saúde da Família: cuidando de crianças e adolescentes. Belo Horizonte: Coopmed. 282p. 2003.
VASCONCELOS, M. et al. Atenção à saúde da criança e do adolescente. Cadernos de Saúde. CORRÊA, E. ,

O BRINCAR E A TERAPIA OCUPACIONAL NO PROJETO CRECHE DAS ROSINHAS

Maria Elizabeth Neves Magalhães[1], Egléa Maria Melo[2], Ariane Batista de Souza, Luciane Batista Maia Floresta[3]

Introdução

Os teóricos da Terapia Ocupacional compreendem que o papel ocupacional da criança é o de “brincante” ou “brincador”, ou seja, “ser um brincador é um legítimo papel ocupacional porque é pela recreação que as regras, capacidades e hábitos essenciais são adquiridos a fim de promover a competência em papéis ocupacionais posteriores. ” (PARHAM & PRIMEAU, 1999). A importância do brincar e seu significado para o crescimento da competência exigem que sejam tomadas medidas para favorecer e estimular o brincar por todo o desenvolvimento. Há certos tipos de condições ambientais e individuais que facilitam o brincar da criança e outras que o inibem. É importante que essas condições sejam avaliadas, estimulando, facilitando e propiciando boas condições para o desenvolvimento infantil. Além destes, é importante a observação do ambiente escolar como forma de prevenir déficits ou atrasos provocados ou acentuados pelo ambiente. “Faz-se necessário valorizar e promover a atividade de brincar das crianças, seja através da garantia de tempo e espaço para que ela aconteça ou seja através da providencia de materiais e brinquedos que facilitam este brincar. O momento e espaço do brincar devem ser respeitados como fundamentais para o desenvolvimento da criança” (PIERRE & KUDO, 2000). Na área do desenvolvimento infantil, a Terapia Ocupacional utiliza técnicas, métodos, manuseios específicos, orientação e intervenção no ambiente, visando a estimulação e facilitação do desenvolvimento, buscando a aquisição de uma maior independência nas atividades de autocuidado, nas relações sociais, na escola, no brincar. Dentro do Projeto Creche das Rosinhas, entende-se o papel da Terapia Ocupacional de acordo com a proposta de prevenção e promoção da saúde. Dentro desta perspectiva, o projeto “O Brincar e a Terapia Ocupacional no Projeto Creche das Rosinhas” realiza um acompanhamento do desenvolvimento das crianças, análise das interferências no mesmo, orientação a pais e professores, intervenções individuais ou grupais e encaminhamentos quando necessário, além de orientar aos acadêmicos participantes no que se refere ao envolvimento das crianças nos trabalhos realizados por eles através de brincadeiras. O brincar, dentro desta proposta, vem como recurso básico de observação das crianças e como forma de intervenção, proporcionando momentos para o desenvolvimento de potencialidades, expansão do repertório da criança e da habilidade de interagir com o ambiente em que brinca, assim como estimulação para a promoção de habilidades sensório-motoras, cognitivas e perceptivas. A forma como as crianças brincam revela capacidades físicas e cognitivas, e mecanismos de participação social, imaginação, independência e imitação. O brincar, principal atividade infantil, é um instrumento que facilita o crescimento, aprendizagem e desenvolvimento bem equilibrado. Através do brincar, a criança inicia seu processo de autoconhecimento, sente, percebe, pensa e age. Toma contato com a realidade externa, estabelece relações com o outro, expressa-se, aprende regras e limites, cria, descobre e aprende a lidar com os efeitos que pode causar no ambiente e vice-versa. (PIERRE & KUDO, 2000; MORRISSON, D. C. & METZAER, et al, 1996). Através das brincadeiras, a criança desenvolve seu comportamento exploratório, além de descobrir, experimentar e exercitar suas habilidades. O brinquedo estimula sua curiosidade, levando-a a iniciativa, que auxilia na consolidação da autoconfiança. As diferentes situações que surgem nessas atividades levam a criança a desenvolver seu pensamento, sua concentração e atenção, além de criar a necessidade de uma forma de interação mais eficiente, promovendo o aperfeiçoamento da linguagem. No decorrer do desenvolvimento o brincar propicia à criança a ampliação de suas habilidades em termos perceptivos, cognitivos, motores e sociais. “Nenhuma outra atividade capacita a criança para adquirir um senso de domínio e competência semelhantes em relação a si própria, assim como em relação ao seu meio ambiente” (MICHELMAM, 1971). Entende-se que o brincar é um fenômeno biológico, psicológico e sócio-cultural que pode facilitar o desenvolvimento em diversas

[1]Coordenadora, [2]subcoordenadora, [3]monitoras
Projeto Creche das Rosinhas
Número de Registro SiexBrasil: 3217
Área Temática: Saúde
Faculdade de Medicina
Contatos: eglea@medicina.ufmg.br e (31) 3283-2950

áreas e pode refletir um nível de desenvolvimento nessas áreas. De acordo com ARAÚJO (1997), a falta do brincar rompe ou provoca barreiras, impedindo que o desenvolvimento evolua normalmente. Entende-se também, que diversos fatores físicos, sociais, emocionais e psíquicos influenciam a forma e expressão do brincar. A Terapia Ocupacional entende o brincar dentro desta perspectiva e o utiliza como um recurso em suas avaliações e intervenções. A função da Terapia Ocupacional está relacionada à capacitação de pessoas a se evoluírem em papéis, tarefas e atividades que tenham sentido no seu dia-a-dia e que definem suas vidas (TROMBLY, 1993). É a profissão da saúde e reabilitação que ajuda o indivíduo a recuperar, desenvolver e construir habilidades que são importantes para sua independência funcional, saúde, segurança e integração social (AOTA, 1991). Assim, dentro do Projeto Creche da Rosinhas, entende-se o brincar como um recurso de prevenção e promoção da saúde.

Objetivos

Fornecer embasamento teórico sobre o desenvolvimento infantil e o brincar para orientação dos acadêmicos na prática realizada nas creches; acompanhamento do desenvolvimento das crianças das creches nos aspectos cognitivo, motor, social e emocional; oOrientação de pais e professores no que se refere à promoção do brincar e sua relação com o desenvolvimento global das crianças; e proporcionar oportunidades para que as crianças desenvolvam suas potencialidades.

Metodologia

Para a realização deste trabalho que vem sendo efetivado desde o início do 2º semestre de 2002 é utilizada a seguinte metodologia: são realizadas reuniões semanais com os acadêmicos de medicina em grupos de discussão de temas referentes ao desenvolvimento infantil. A orientação de pais e professoras é realizada através de reuniões mensais com exposição e discussão sobre o brincar e sobre temas de maior interesse ou demanda da comunidade, distribuição de folhetos informativos e esclarecimentos de questões individuais trazidas pela população em questão. O contato com os pais e professores fora das reuniões é realizado semanalmente nas creches. Além disso, faz-se uma orientação para modificações ambientais e comportamentais para o favorecimento do brincar e do desenvolvimento. Desenvolvimento de brincadeiras no pátio e nas salas, baseadas no nível de desenvolvimento das crianças e em observações do brincar. Encaminhamento das crianças ao Centro de Saúde de referência quando é detectado algum problema relacionado ao desenvolvimento da criança. Observação do desenvolvimento através da “Escala Lúdica Pré-escolar” de Susan Knox (KNOX, 1996). Para uma melhor compreensão da observação realizada pela monitoria de terapia ocupacional, faz-se necessário um esclarecimento sobre a escala utilizada. A “Escala Lúdica Pré-escolar” é uma ferramenta de avaliação do desenvolvimento da criança, baseada na observação do brincar, projetada para fornecer uma descrição evolutiva do comportamento recreativo típico de crianças de zero a seis anos. O brincar é descrito em termos de incrementos semestrais até os 36 meses e anuais de 36 a 72 meses, em quatro dimensões: direção espacial, direção material, imitação e participação. A dimensão da direção espacial descreve a forma pela qual as crianças aprendem a controlar o corpo e o espaço ao redor delas, abrange os fatores de atividade motora grosseira, o território ou a área usada para brincar e a exploração. A dimensão da direção material é a forma pela qual as crianças lidam com os materiais e os objetivos para os quais são usados, engloba os fatores de manipulação, construção, interesse ou atenção a tipos específicos de atividades e alcance da atenção. A dimensão da imitação é a forma pela qual a criança obtém um entendimento sobre o mundo social, envolve a imitação, imaginação, dramatização e o uso de recursos como música e livros. A dimensão da participação abrange a quantidade e tipo de interação com as pessoas contidas no ambiente e o nível de independência e cooperação demonstradas nas atividades recreativas; contém os fatores do tipo ou nível de interação social, cooperação com os outros e a linguagem. Esta observação é realizada em salas ou ao ar livre com vários brinquedos disponíveis. Pode ser realizada em grupos nos ambientes da creche sem interferência do observador.

Resultados e Discussão

No decorrer deste trabalho observa-se um maior envolvimento dos acadêmicos, pais e professores das crianças envolvidas no projeto, no que se refere ao desenvolvimento global das crianças, ampliando a visão do conceito de saúde compreendendo o indivíduo dentro de seu contexto, ou seja, passa-se a considerar as influências ambientais, familiares, culturais, socioeconômicas, além de sua estrutura biológica. Pelos relatos dos acadêmicos em reuniões

de discussões sobre o brincar, observa-se que há uma melhor interação com as crianças e uma facilitação no incremento de trabalhos relacionados ao Projeto Creche das Rosinhas como um todo, que envolve temas como prevenção de acidentes, autocuidado, alimentação entre outros. Entende-se com isto que o brincar e a melhor compreensão do desenvolvimento pelos acadêmicos proporciona às crianças um maior envolvimento com temas de saúde básicos que são abordados com maior tranqüilidade e interesse. Há uma melhora do relacionamento dos pais e professoras com as crianças devido ao maior entendimento relatado por eles no que tange à importância do brincar e aspectos do desenvolvimento. Dessa forma os responsáveis passam a valorizar suas atuações junto às crianças, buscando esclarecimento de suas dúvidas e orientações para melhorar a interação e assim contribuir para a saúde das mesmas. Através de interações com as crianças pelo brincar, relatas pelas professoras, observa-se que o interesse e motivação, assim como a iniciativa nas atividades aumentou. Constata-se também que a divulgação do trabalho realizado nas creches vinculadas ao Projeto Creche das Rosinhas vem despertando o interesse e participação de outras creches da comunidade nas discussões levadas aos pais e professoras por meio de reuniões.

Produtos Gerados

O presente projeto já faz parte dos produtos gerados de um projeto maior do qual pertence – Projeto Creche das Rosinhas. Como produto deste trabalho se tem um envolvimento e compreensão da comunidade no que se refere à abrangência da promoção e prevenção de saúde, entendendo a mesma com maior amplitude. Através da implementação deste trabalho, há a possibilidade da manutenção de uma favorável interlocução entre comunidade e universidade. Os produtos vêm sendo colhidos no decorrer das atividades realizadas como discutido nos resultados e discussão.

Conclusão

Entende-se que o projeto “O Brincar e a Terapia Ocupacional no Projeto Creche das Rosinhas” tem grande importância tanto para a comunidade envolvida quanto para a universidade. Os resultados que vêm sendo alcançados no decorrer destes semestres e o interesse das creches (pais, funcionários) pelo projeto mostram que o mesmo tem uma boa aceitação e valorização. Com este trabalho ocorre a troca de saberes entre a universidade e a comunidade, ambas contribuindo para a melhoria das estratégias de atuação na promoção e prevenção da saúde junto às crianças de zero a seis anos. O melhor entendimento sobre o brincar e desenvolvimento infantil possibilita um acompanhamento das crianças pelos pais, professoras e acadêmicos mais global e contextualizado. Tendo em vista os resultados alcançados, a abrangência do projeto, o envolvimento e interesse dos participantes, a entrada de novas crianças nas creches todos os semestres e a demanda de informação, orientação e acompanhamento no que se refere ao desenvolvimento infantil, conclui-se que este projeto deve ter uma continuidade, fazendo parte do Projeto Creche das Rosinhas de forma mais prolongada ou definitiva. Lidamos com crianças – seres brincantes, portanto o brincar deve estar sempre presente nas atuações junto às creches. O projeto “O Brincar e a Terapia Ocupacional no Projeto Creche das Rosinhas”, pela sua relevante contribuição na saúde das crianças e pelo sucesso obtido até então, será mantido nas creches como forma de dar continuidade ao trabalho.

Referências

AOTA – American Occupational Therapy Association (1991). Essential and guidelines for an accredited program for the occupational therapist. In: American Journal of occupational therapy, vol.45, p.1077-1084.

ARAÚJO, R. P. Z. O brincar como recurso terapêutico. In: Cadernos de Terapia Ocupacional. Ano X, nº 1, out. 98. Tema apresentado no V Congresso de Terapia Ocupacional e IV Simpósio Latino Americano de Terapia Ocupacional. Belo Horizonte, 1997.

KNOX, S. Desenvolvimento e uso corrente da escala lúdica pré-escolar de Knox. In: Recreação em Terapia Ocupacional pediátrica.

MICHELMAN, S. A importância do brincar criativo. In: The American Journal of Occupational Therapy. Vol. XXV, nº 6, p.285-290, 1971.

MORRISSON, D. C. & METZAER, P. N. Play. In: SMITH, J.; ALLEN, S. & PRATT, P Occupational therapy for children. Ed. Mosby, Stª Louis, 3ª edição, p.504-523, 1996.

PARHAM, L. D. & PRIMEAU, L.A. Recreação em Terapia Ocupacional. In: Recreação em Terapia Ocupacional

pediátrica.
PIERRE, S. & KUDO, A. Brinquedos e brincadeiras no desenvolvimento infantil. In: Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional em pediatria. P. 247-252. 2000
TROMBLY, C. A. Occupational therapy for physical dysfunction . Baltimore: Willians e Wilkins, 3ª edição, 1993

PROJETO MORADA NOVA

Elza Machado de Melo[1], Fabrício Guimaraes Santos Resende[2], Graziela Paronetto Machado[3], Israel Gonçalves Vilaça, Gabriel Silva Oliveira, Maria Tereza Taroni, Flávia Araujo Milhomem, Henrique Rezende Cançado, Marcos Vinicius Leite, Pedro Carvalho Diniz, Sabrina Azevedo Hemni, Leonardo Cristiano Frigini, Elisa Antunes Lopes, Carlos Alfredo Júnior[4]

Introdução

Há cerca de dois anos, grupo de alunos da Faculdade de Medicina começou a discutir a necessidade de um contato mais próximo com a realidade social, desde os primeiros períodos da Graduação. Dessa iniciativa e sob a orientação de Professores do Departamento de Medicina Preventiva e Social surgiu o Projeto Morada Nova, cujo princípio fundamental é o desenvolvimento de uma atuação fundada no reconhecimento de todos os envolvidos como sujeitos portadores de direitos e competências e a partir daí, a construção de saberes e práticas coletivas que pudessem contribuir para mudar o mundo e melhorar a qualidade de vida. Propúnhamos um projeto que buscasse efetivar a indissociabilidde entre Ensino, Pesquisa e Extensão, de tal forma que o processo de aprender, no seu próprio acontecer, gerasse intervenções conseqüentes e participativas na realidade e contribuísse, a partir de demandas do próprio trabalho e da abertura de espaço de pesquisa que ele cria, para o processo de produção do conhecimento. Como estratégia definimos atuar segundo uma seqüência composta: a) pela realização de um diagnóstico da realidade, utilizando instrumentos técnicos qualitativos e quantitativos, tais como o inquérito domiciliar, a história de vida, informações e saberes apreendidos na própria vivência na integração com os atores sociais envolvidos, etc. b) pela definição conjunta de problemas prioritários e c) pela abordagem integral, logo, participativa e interdisciplinar desses problemas. Por tudo isso, o Projeto Morada adotou, desde o começo, a participação de todos os envolvidos – professores, alunos e população - na definição e execução de propostas como elemento metodológico essencial. Desse processo coletivo e do conhecimento da realidade nele adquirido originaram todas as atividades que deram corpo ao Projeto Morada Nova até o momento. Assim nasceu também a decisão de, a partir de 2002, eleger a adolescência como tema prioritário pela sua importância e pela conhecida e sentida situação de riscos à qual se encontra exposta. Esse também será o tema do Projeto As Gentes de Ibiaí, que surge como um desdobramento do Projeto Morada Nova e constitui, no nosso entender, um dos seus mais importantes resultados. Aliás, para o tema adolescência confluem todos os Projetos que estamos desenvolvendo[1].

Objetivos

Buscar, junto com a população, a melhoria de qualidade de vida, através de saberes e práticas coletivos, contribuindo para a construção de uma nova prática de saúde; contribuir para o desenvolvimento do processo de formação de todos os envolvidos; contribuir para o desenvolvimento integral do adolescente, dentro de um processo de formação de cidadãos portadores de direitos e responsabilidades; integrar várias práticas extramuros da Universidade; promover a integração docente/discente/assistencial; permitir aos estudantes acompanhar os processos de gestão de saúde no nível municipal, fornecendo-lhes conhecimentos de saúde pública; trabalhar com os profissionais locais na construção efetiva da atenção básica de saúde; aproveitar experiências do Projeto para fomentar as discussões sobre educação médica; contribuir para modificar as condições da atenção à saúde, em especial as condições de trabalho e relacionamento.

Metodologia

O projeto possui na sua base três grandes princípios: indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; reconhecimento dos envolvidos como sujeitos portadores de competências; abordagem integral de saúde. A partir daí, algumas diretrizes foram definidas: vinculação ao Internato Rural da Faculdade de Medicina e de Psicologia,

---

[1]Coordenadora, [2]bolsista, [3]monitora, [4]voluntários
Número de Registro SiexBrasil: 3446.
Área Temática: Saúde.
Faculdade de Medicina
Contatos: elzamelo@medicina.br e (31) 3411-9097

estágio obrigatório realizado em cidades do estado de Minas Gerais, integrado ao serviço de saúde e à população; integração aos Serviços de Saúde, em especial à Atenção Básica; estímulo constante à participação da população; trabalho em equipe; multidisciplinaridade, buscando sempre, alcançar a transdisciplinaridade; definição, a partir de 2002, da adolescência, como tema central do projeto, a partir de uma demanda da própria população. Adolescência: a abordagem desse tema segue os mesmos princípios e diretrizes já citados anteriormente. Utilizamos como referência, ajustada para a realidade de Morada Nova, o Projeto Pirapora Adolescente,[2] cuja metodologia tem sido, em nossa opinião, bem sucedida, tanto para a mobilização do adolescente e dos demais atores sociais, como para a elaboração e execução de propostas. Na prática, esses princípios e diretrizes se traduzem: na realização de Seminários deliberativos, que apontam as primeiras demandas, interesses e aspirações dos envolvidos; na criação de Fóruns Permanentes, com participação aberta, onde todos os cidadãos possam trazer suas contribuições e influenciar nas decisões e, na organização da atuação em eixos de intervenção. Eixo I: o desenvolvimento político e social: Refere-se ao estímulo e desenvolvimento de práticas organizativas e participativas, pela criação de espaços de participação nas tomadas de decisão (conferências, fóruns, audiências públicas, etc.); pela organização de eventos que sejam a um só tempo atraentes, estimulantes e deliberativos; enfim, pelo desenvolvimento de práticas que se pautem pela solidariedade social e pela realização de direitos. Esse eixo é a base de sustentação do Projeto. Eixo II: Capacitação: a capacitação de profissionais e de adolescentes envolvidos através de seminários multidisciplinares, cursos e oficinas com temas específicos. Eixo III: Geração de Renda e Trabalho: Desenvolvimento de atividades familiares - pequenas produções agrícolas; fabriquetas, artesanato, etc. que incluam o adolescente. Eixo IV: Desenvolvimento Intelectual, físico e Artístico do Adolescente: através de filmes, esporte, música, dança, teatro, literatura, etc.; Eixo V: Controle e Prevenção de Riscos: Práticas educativas, abordando vários temas: drogas, violência, sexualidade, contracepção, prevenção de doenças, entre elas DST e AIDS etc. Eixo VI: Pesquisa: Produção de conhecimentos ainda não disponíveis, mas necessários, para que o Projeto se desenvolva de forma conseqüente e fundamentada ou para suprir demandas e necessidades dos grupos envolvidos. Para isso, foi elaborada e aplicada a pesquisa “Riscos para a Saúde do Adolescente e suas Determinações”, que abordaremos em seguida. O Projeto é desenvolvido nas Escolas, junto ao Programa de Saúde da Família e em todas as organizações/associações de adolescentes e conta aproximadamente 30 alunos por ano. Tem apoio financeiro e acadêmico da Proex/UFMG.. Ensino - o método pedagógico é sempre o “aprender fazendo”, desenvolvido em forma de trabalho em equipe, democrático, multidisciplinar e responsável, representado, prioritariamente, por grupos de discussão, seminários, oficinas e pesquisa para as discussões teóricas; treinamento em serviço para os trabalhos práticos e realização orientada de tarefas e solução de problemas para os técnicos. O processo de aprendizagem é recíproco, de forma que todos os envolvidos, sem exceção, aprendam e possam ensinar dentro de competências que lhes são próprias ou que tenham desenvolvido no processo. Conteúdo Teórico: Políticas Públicas de Saúde, com ênfase para a Atenção Básica e estratégias para sua estruturação, como o Programa de Saúde da Família; planejamento em Saúde, com ênfase para o planejamento estratégico e o planejamento democrático; bases Conceituais da Saúde: concepções filosóficas, políticas e sociológicas; introdução à Metodologia de Pesquisa; aspectos Teóricos (clínicos, epidemiológicos e sociais) correspondentes aos problemas definidos como prioritários: Adolescência. Conteúdo Prático: atuação junto às Equipes de Saúde da Família; atuação de Saúde com participação popular voltada para a promoção e prevenção; atuação em equipe: estímulo e treinamento para este tipo de trabalho; prestação de cuidados a adolescentes com algum nível de comprometimento da sua saúde, junto com as equipes de saúde locais; práticas de prevenção de riscos para os adolescentes, estimulando hábitos de vida saudáveis (esporte, lazer, alimentação, combate à violência e uso de drogas, etc); iniciação à prática de pesquisa e sua aplicação. Conteúdo Técnico e Desenvolvimento de Habilidades: elaboração e aplicação de inquéritos e roteiros de pesquisa quantitativa e qualitativa; aprendizagem dos principais programas de computação utilizados, a saber, EpiInfo e SPSS, Power Point, Internet e Microsoft Word; elaboração de Protocolos de Abordagem de Problemas, a partir da análise dos dados e de discussões com a equipe de trabalho e com a comunidade; confecção de relatórios técnicos, resumos de trabalhos, artigos, pôsteres, etc.; aprendizagem de procedimentos utilizados no trabalho teórico (métodos de estudo, organização de seminários e oficinas, técnicas pedagógicas, etc.) e no trabalho prático (atendimento de saúde, grupos operativos, trabalho com população, palestras, oficinas, seminários, dramatização, mutirões, etc.). Programação das atividades: encontros semanais, em Belo Horizonte, para estudo, planejamento e avaliação; reunião executiva semanal para dar os encaminhamentos necessários ao projeto; encontros mensais no município

para informes, discussão, planejamento coletivo e execução das atividades; divisão do grupo em equipes (cada equipe vai ao município pelo menos uma vez ao mês); Seminário Anual contemplando: avaliação do grau de aprendizado proporcionado pelo projeto e o desenvolvimento de habilidades, a formação de concepções e atitudes, a apropriação de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidade crítica, de criatividade e de autonomia de todos os envolvidos, alunos, professores, profissionais, gestores e cidadãos; avaliação dos principais erros, falhas, necessidades e reformulações do projeto como um todo; planejamento Geral do projeto para o próximo ano. Acompanhamento e Avaliação: constitui parte integrante da metodologia, uma vez que, realizada também de forma processual, desempenha importante papel no planejamento e execução dos trabalhos, pelas reformulações implementadas e pelo conhecimento que possibilita das dificuldades, das necessidades, dos problemas e possíveis e soluções. Não poderia ser diferente, se estamos tratando de prática fiel ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Obviamente que, para alguns problemas e situações mais complexas, a avaliação será feita através de projeto de pesquisa específico. A avaliação é feita de forma processual, em que cada ação é sempre acompanhada do processo de avaliação, no sentido de detectar a participação, o aprendizado e o crescimento da equipe em cada momento, assim como o enriquecimento do processo, de forma a potencializar as suas possibilidades de acerto e sucesso. Isso é feito avaliando os resultados da abordagem de cada problema, o impacto do projeto como um todo e apresentando todos estes dados às instituições envolvidas. Além disto, é claro, há a avaliação formal de cada participante, pelo coordenador do projeto, através dos quesitos participação, cumprimento das tarefas e relatório final. Pesquisa: o universo da pesquisa foi constituído por adolescentes de 10 a 19 anos que freqüentam as escolas públicas de Morada Nova. Segundo os pressupostos centrais da nossa abordagem, essa pesquisa exige o estabelecimento de uma relação de sujeito para sujeito entre o pesquisador e os atores sociais envolvidos na situação pesquisada (Habermas,1987,1989,1990; Minayo,1998; Thiollent,1992). Logo, tem como princípio central a existência de processos interativos e participativos, que foram construídos pela nossa longa inserção naquela realidade através do ensino e da extensão. São eles: a mobilização social e criação de instâncias de participação (Thiollent,1992; Brandão, 1985); a escolha conjunta do tema da pesquisa a partir de demandas sentida intensamente por eles; a construção sólida da articulação institucional necessária; a garantia de que todos os resultados serão discutidos com os atores sociais envolvidos; o compromisso de elaborar e avaliar projetos a partir dos resultados e a associação de várias técnicas de coleta de dados. As técnicas utilizadas foram: autoaplicação de questionário semi-estruturado anônimo e secreto; entrevistas abertas ; observação participante; e grupos focais; sendo esses dois últimos ainda em andamento (Tótora, 2000; OMS, Ibiá, 1999; Projeto Morada Nova,2000; Contrim-Carlini,2001; TopolsKi et al,2001; Minayo,1998; Morse, 2003; Thiollent, 1992).

Resultados e Discussão

Ensino: dentro dos fundamentos do Projeto está o debate do Ensino Médico, que gera crítica ao modelo tradicional e fomenta novo formato de aprendizado à medida que estabelece o vínculo de alunos de diferentes períodos do curso médico com a comunidade assistida. Estimula sua autonomia ao lidar com a busca, construção e acepção do conhecimento quando enfrentam a realidade, num processo onde são indissociáveis o Ensino, Pesquisa e Extensão. O trabalho é integrado com a comunidade e planeja, de forma participativa, ações para enfrentar os problemas apresentados, estimulando a criação de método e hábito de procura e síntese de saberes da academia e populares capazes de suprir demandas de capacitação geradas. Assim, a reflexão gera: prática onde todos se constituem como sujeitos; formação de profissional autônomo frente ao processo de aprendizado; contribuição para uma metodologia de construção de saberes adequados à realidade percebida e socialmente responsáveis; reflexão sobre o formato de aprendizado estimulado pela prática. Pesquisa: Os dados apresentados referem-se apenas à aplicação dos questionários e ao trabalho de observação participante em andamento. Foram aplicados 742 questionários a partir de uma amostra organizada segundo escola, turno e idade. Por questão de espaço, não é possível, aqui, mostrar todos os dados, suas associações e sua comparação com os aspectos qualitativos detectados. Listaremos apenas os que mais chamaram a atenção: 1) 98,2% dos adolescentes de 14 a 19 anos acreditam em Deus; 33,9% relatam o uso de álcool; 1,0% relataram terem sido vítimas de estupro; 10,0% de racismo; 3,7% de abuso sexual; 13,6 % de violência doméstica, 27,4% de agressão; 10,9 % de agressão na rua; 51,9% relataram vida sexual ativa; 40,2% trabalham e 45,0 % teve pelo menos uma reprovação na escola; 2) entre os adolescentes de 10 a 14 anos, destacam-se: 20,3% relatam uso de álcool; 17,8% têm vida sexual ativa; 38,5% “ficam”; 30,4% trabalham e

32,6% relatam agressão; 3) os dados referentes à drogadição e à gravidez adolescente encontrados foram muito abaixo dos esperados e da média nacional, apesar da intensa preocupação da população em geral com os mesmos. Serão apresentadas as análises referentes à realização do piloto, à aplicação do questionário, à observação participante e à realização de grupos focais sobre sexualidade. a) Piloto: houve uma modificação radical do questionário da pesquisa: muitos termos, palavras e expressões intensamente veiculados pela mídia e por profissionais das diferentes áreas não foram entendidos pelos adolescentes e tomados pelos seus usos predominantes no contexto, muitas vezes, absolutamente diferentes dos que estavam sendo dados pelos pesquisadores. b) Aplicação do questionário: destaque para a existência de adolescentes que apesar de cursar séries adiantadas eram totalmente analfabetos. A receptividade e a disposição em participar da pesquisa foram intensas. Foi possível detectar uma certa delegação de responsabilidade e a expectativa de que as soluções para os problemas seriam trazidas pelos pesquisadores, além de pouca preocupação em relação ao anonimato do questionário. c) Observação Participante: o acompanhamento dos adolescentes foi realizado durante todas as atividades de extensão que ocorreram em vários locais e em diferentes modalidades, tais como, grupos de discussão, oficinas temáticas, eventos culturais, artísticos e esportivos. Podemos destacar a imensa capacidade de mobilização do adolescente para participar das atividades propostas; a grande necessidade da fala e de criação de espaços para se manifestar e influenciar nas situações; a importância da interação com o outro. Paradoxalmente, constata-se simultaneamente um sentimento de descrença, desorientação e de medo; a desresponsabilização; uma certa cegueira quanto aos próprios recursos; uma certa desvalorização de si e do seu mundo e submissão ao que é externo e distante. A sexualidade perpassa todas as atividades, em todos os momentos, há demonstrações claras e generalizadas de violência, nas suas mais variadas formas. d) Grupos focais sobre o tema sexualidade: entre os alunos de 10 a 12 anos há uma estranheza em relação ao tema abordado, eles não vivenciam ainda as experiêcias do sexo e não possuem espaço para discutir suas dúvidas e curiosidades. É entre os alunos de 13 a 14 anos que começam aparecer as vivências da sexualidade, eles se mostram muito curiosos e entusiasmados com o tema mas também reclamam da falta de abertura para falarem sobre o tema em casa e na escola. As discussões foram mais ricas com os alunos de 15 a 19 anos, eles já vivenciam o sexo, e têm dificuldades de diferenciar sexo de sexualidade, reivindicam a presença de alguém para solucionar suas dúvidas e “dar conselhos”. Em todas as faixas etárias os alunos foram muito receptivos e estiveram muito `a vontade durante as discussões. A articulação e entendimento de todos esses pontos, qualitativos e quantitativos, detectados na pesquisa e aqui mostrados apenas nos traços mais marcantes demandaram uma longa e complexa discussão que infelizmente não pode ser reproduzida em tão pouco espaço. Como síntese, configura-se uma situação marcada pela caráter imprescindível do mundo da vida para dar as respostas às demandas de socialização, formação e construção de identidade dos adolescentes, corroboradas por diversas análises e estudos: o seu processo dialético de individuação e socialização; (McCarthy, 1989, Habermas, 1987.); a associação entre eventos de vida negativos e existência de problemas psicossociais do adolescente e o caráter protetor dos vínculos estabelecidos; (Bru et al., 2001); a associação entre as expectativas quanto aos efeitos do álcool e o início e manutenção do seu uso (Araújo e Gomes, 1998): associação entre a qualidade de vida e o comportamento de risco à saúde dos adolescentes (Topolski e cols. 2001); a influência das épocas e das sociedades relativos a vários aspectos, incluindo a própria definição do que seja adolescência; sua inserção no trabalho, (Maakaroun, 2000); seu comportamento sexual, afetivo e social, sua cultura e suas aspirações. (Maakaroun, 2000; Unicef, 1992; Maakaroun, 1998; Souza, 1991; Wagner et al, 1977). Contraditoriamente, esse mesmo mundo da vida, tão imprescindível, sofre, nas sociedades globalizadas e altamente tecnicizadas atuais, a ameaça de colonização pelos mecanismos sistêmicos, num processo crescente de reificação, gerando as crises de racionalidade, de motivação e perda de sentido que atravessam o capitalismo tardio, (Habermas (1975a e 1975b). Esse mundo que literalmente “entope” os adolescentes de informações técnicas, praticamente elimina o seu poder de influenciar e construir novos rumos, torna o mercado senhor absoluto de todas as coisas e com ele o individualismo, substituindo todas as demais referências é o mundo onde nossos adolescentes são socializados. E, talvez, explique uma das nossas perplexidades diante do fato que, apesar de ser informado, o adolescente assume comportamentos de risco: é que a informação técnica, o dado, lhe é externo, não pertence ao seu mundo nem foi apropriado por ele, não pode nem sabe aplicá-lo. E se relaciona sobremaneira com um fenômeno atualmente presente no mundo todo, a gravidez adolescente. (Reis e Oliveira, 2000; Amazarray et al 1998).

Produtos Gerados
As ações do projeto têm criado uma série de benefícios para a comunidade de Morada Nova, pois vem ocorrendo uma mobilização dos adolescentes e sensibilização destes, das instituições e de parte da comunidade para conhecer a situação vivenciada pelos jovens e refletir sobre a questão, buscando dialeticamente propostas que sirvam de melhora da qualidade de vida das pessoas. Nunca antes este tipo de organização havia sido conseguida na cidade, que hoje pára com a intenção de rediscutir os rumos de sua juventude, buscando vislumbrar um futuro melhor para toda a comunidade. Foram realizadas durante o trabalho oficinas com os adolescentes abordando temas como o adolescer e a sexualidade, torneio de futesal (intitulado de I Jogos da Saúde de Morada Nova), apresentações de seções de cinema com distribuição de pipocas, apresentações teatrais que abordam temas trabalhados pelo projeto.

Conclusão
Todas as ações do projeto que inserem o estudante na realidade criam demanda por capacitação e reflexão sobre o aprendizado autônomo. O convívio entre alunos de diferentes períodos do curso permite o diálogo entre as várias formas de se abordar os problemas, além de estimular a revisão de conceitos por aqueles oriundos dos últimos anos da faculdade e direcionar os estudos dos estudantes mais novos. Mais que o aprendizado estritamente biológico, tem-se notado o desenvolvimento de habilidades de articulação política e a valorização da busca de material do gênero à medida que os próprios alunos percebem sua necessidade e do entendimento do funcionamento da rede de relações configurada para a efetiva implementação de ações voltadas para promoção da saúde da população.
Da síntese relatada no item 2 da Discussão, poderíamos dizer que não há caminhos alternativos sobrando. Ou bem se é devorado pelo curso próprio e intangível das coisas ou se insiste no fortalecimento e descompressão do mundo intersubjetivamente construído. Talvez, tão importante quanto produzir conhecimentos, nossa pesquisa devesse ter esse papel que poderia ser detonado por um gesto tão simples quanto o de levar os seus resultados para a discussão com aqueles que são os interessados mais imediatos: os adolescentes. O Projeto se tornou muito importante na medida em que, criando coesão entre os atores envolvidos, tornou-se legítimo na cidade. Conseguiu, ainda, de uma forma efetiva promover a indissociabilidade entre a pesquisa e o ensino pelas vias da extensão, ao permitir uma análise de situação crítica ao inserir precocemente as pessoas de uma forma mais engajada na realidade. O sucesso do projeto pode ser medido não só pela satisfação dos participantes, mas também pelo impacto que tem tido na Faculdade de Medicina, a se julgar, inclusive, pelo grande número de alunos inscritos interessados em integrar o corpo de trabalho do próximo ano.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão, Pró-Reitoria de Graduação, Prefeitura Municipal de Morada Nova e PSF de Morada Nova.

Referências
Demo, P. Pesquisa e Construção do Conhecimento. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
HABERMAS, J. Teoria de la Acción Comunicativa. Madri: Tacurus, 1987. V. I e II.
_________________ The Theory of Communicative Action. Boston: Beacon Press, 1987. vol. I e II
_________________ Pensamento Pós-Metafísico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
_________________ O Que Significa Pragmática Universal? In Teoria de la Acción Comunicativa: Complementos y Estudios Previos. Madrid: Cátedra,1989.
_________________Observaciones Sobre el Concepto de Acción Comunicativa In Teoria de la Acción Comunicativa: Complementos y Estudios Previos. Madrid: Cátedra,1989.
_________________Direito e Democracia. Entre Facticidade e Validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. v. I.
_________________A Nova Intransparência. A Crise do Estado de Bem-Estar Social e Esgotamento das Energias Utópicas. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, 18, 103-114, set. 1987.
_________________La Reconstrucción del Materialismo Histórico. Madrid: Taurus, 1981.
_________________“Técnica e Ciência como Ideologia.” In: Os Pensadores, VLVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1975b.

Melo, E.M. Além do Estado Social: A Teoria da Ação Comunicativa de Habermas. Belo Horizonte: Departamento de Ciência Política/FAFICH, 1995. 145p. Tese de Mestrado em Ciência Política.
- - - - - - - - Fundamentos para uma Proposta Democrática de Saúde: A Teoria da Ação Comunicativa de Habermas. FMRP/USP. Tese de Doutorado, 1999.
Melo, E. M; Faria, H.P. Silveira, A.M., Vilaça, I.G. Paronetto, G.M. Milhomen, F. Meninos do Rio. Investigação dos Riscos de Saúde e seus Determinante. VI Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, Brasília, Julho/Agosto de 2003. Trabalho Completo.
Mendes, E.V. (org.) A Organização da Saúde no Nível Local. São Paulo: Hucitec, 1998. Capítulo I: A Descentralização do Sistema de Serviços de Saúde no Brasil: Novos Rumos e um Outro Olhar sobre o Nível Local. Capítulo II: A Reengenharia do Sistema de Serviços de Saúde no Nível Local: a Gestão da Atenção à Saúde.
- - - - - - - - - - -. Uma Agenda para a Saúde. São Paulo: Hucitec, 1996.
Minayo, M.C.S. O Desafio do Conhecimento. 3ª ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Abrasco-Hucitec, 1998.

[1] Pioneiro foi o Projeto Pirapora Adolescente, desenvolvido pelo Internato Rural de Medicina, desde o início de 2000, com metodologia participativa, que conseguiu ampla mobilização da sociedade local, especialmente, dos adolescentes e constitui a referência para os demais, a saber, o Projeto Buritizeiro Adolescente, o Projeto As Gentes de Ibiaí e o Projeto Morada Nova.

[2] No Projeto de 2001, propusemos a utilização de protocolos para a abordagem integral dos temas prioritários. Foi esse instrumento que utilizamos para montar o Projeto Pirapora Adolescente. Vamos aproveitar o acúmulo de uma experiência bem sucedida, respeitando as especificidades locais.

IMPRESSÕES DO COTIDIANO DAS OFICINAS TERAPÊUTICAS EM UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA

Simone Costa de Almeida[1], Ana Maria Matoso Pastor Cruz[2]

Introdução

No Brasil, no início da década de 1980, com o fim da ditadura e a democratização do país, convencionou-se chamar de Reforma Psiquiátrica o processo de crítica às instituições asilares e a busca de alternativas de transformação. O movimento nacional foi inspirado na experiência italiana ocorrida no final da década de 1960, que teve como pedra fundamental o conceito de desinstitucionalização, entendido como um movimento de dentro – do manicômio- para fora – em direção a comunidade - rompendo paradigmas seculares em relação ao tratamento do portador de sofrimento mental. “ ao propor a desconstrução do manicômio, colocou-se em xeque a própria instituição psiquiátrica e seu paradigma, buscando realizar a utopia de uma sociedade capaz de construir uma nova forma de relação com a loucura” (MÂNGIA & NICÁCIO, 2001: 68). A Reforma Psiquiátrica trouxe em seu bojo a Reabilitação Psicossocial desencadeando uma mudança total da política dos serviços de saúde mental com ênfase na criação de serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico: centros ou núcleos de atenção psicossocial, centros de convivência, centros de referência em saúde mental, cooperativas sociais e moradias assistidas. Para Pitta (1996:19), “ a Reabilitação Psicossocial representa um conjunto de meios (programas e serviços) que se desenvolvem para facilitar a vida de pessoas com problemas severos e persistentes de saúde mental”. O Projeto de Saúde Mental de Belo Horizonte foi formulado pelo movimento dos trabalhadores de Saúde Mental de Minas Gerais, na esteira da reforma psiquiátrica no mundo e a luz da experiência italiana. Foi apresentado à administração municipal em 1992 e no ano seguinte iniciaram-se as atividades sob a coordenação da Secretaria Municipal de Saúde de BH. Os Centros de Convivência surgem nessa estrutura como o espaço da expressão e criação propiciador de inclusão social. Oferta atividades criativas e diferenciadas, relacionadas à cultura, onde a interação com objetos de arte, o fazer artesanal com a aprendizagem, a descoberta de talentos e os eventos na cidade, possibilitam circular pela vida, gerar renda, ancorar os tratamentos de saúde mental e refazer laços. Segundo Lopes (1999) apud Mulati (2003: 98) o processo de convivência ocorre num movimento pelo qual “ (...) os indivíduos se reconhecem e se estranham, trocam de lugares e conquistam novos ou velhos lugares modificados. Um processo com a natureza viva, porém não natural, instrumentalizando o exercício de conviver, favorecendo um flagrar-se que amplia repertórios, compreensões e oportunidades individuais e coletivas.” O Centro de Convivência São Paulo (CCSP), uma das unidades piloto instalado num centro de apoio comunitário, o CAC São Paulo – regional nordeste, recebe as marcas de um batismo de fogo, ao desfazer os mitos da periculosidade e incapacidade do louco. Enfim, ao reverter valores e prioridades, inverte uma lógica transformando o olhar sobre a loucura (SOARES e cols, 2003).

Objetivos

O projeto é desenvolvido no Centro de Convivência São Paulo, serviço substitutivo ao modelo manicomial que tem como finalidade prestar assistência a psicóticos e neuróticos graves, oferecendo oficinas terapêuticas com atividades expressivas, físicas e de lazer. O projeto de extensão está envolvido na oferta e coordenação das oficinas de atividades pela acadêmica bolsista.

Metodologia

A partir da condução dos atendimentos grupais nas oficinas terapêuticas, no período compreendido entre maio e setembro, foram observados: a interação social dos usuários, a forma como eles lidam com as atividades realizadas

---

[1]Coordenadora, [2]bolsista
Assistência Interdisciplinar ao Usuário do Serviço de Saúde Mental do Centro de Convivência São Paulo.
Número de Registro SiexBrasil: 494
Área Temática: Saúde
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Contatos: salmeida@eef.ufmg.br e (31) 3499-4790

e também os relatos que os mesmos fazem de suas relações familiares. A coleta desse material forneceu os subsídios para a elaboração do presente texto que retrata os elementos existentes no cotidiano das oficinas. Será relatada a participação dos usuários (usando nomes fictícios) nas oficinas de bijuteria, macramê e culinária. Oficina de Bijuteria: Daniel é um jovem tímido, sempre envolvido com questões de ordem afetiva, sendo sua maior demanda encontrar uma namorada. Tema que se repete com freqüência em seu discurso. Na oficina, realiza trabalhos com habilidade, mas necessita de um incentivo mais freqüente para diversificar suas produções (que variam entre colares, tiaras e pulseiras) e não permanecer vivenciando uma experiência sem significado e alienante, resumida em simplesmente encaixar contas nos fios de naylon. Sua relação com os demais participantes condiz com sua timidez, é calado e necessita de alguém mais expansivo e falante para intermediar e incentivá-lo a iniciar uma conversa. Embora não existam no CCSP prontuários que possam informar sobre diagnósticos dos usuários, uma vez que este não é um espaço para tratamento, há casos, como o de Daniel, em que é possível perceber estampado no olhar, nos gestos e na expressão os conflitos e a angústia. Foram estas características que chamaram minha atenção quando o vi com seu olhar perscrutador, ao mesmo tempo atento e alheio, no qual por vezes percebe-se um temor e seu sofrimento explícito. Roberta também é uma participante desta oficina. A postura dela traduz uma passividade marcante. Ela chega, senta-se e fica a espera de uma ação minha, como se fosse eu a responsável pela escolha do que ela irá fazer. Como minha postura difere deste pensamento, procuro incentivá-la a ter iniciativa na escolha de seu fazer e do como fazer, na tentativa de ajudá-la a conferir um significado à atividade. Assim, suas produções, principalmente colares, têm se mostrado mais harmoniosas e mais elaboradas. Seu comportamento com os outros usuários é tranqüilo, mas sem muito diálogo, apenas em certas ocasiões estabelece maior contato, dependendo de alguém para iniciar uma conversa. Durante as oficinas, observa-se ainda, um discurso repleto de queixas, principalmente em relação à família, revelando em certos momentos sentimentos ambíguos e confusos, especialmente destinados aos irmãos. Uma outra usuária citada neste trabalho é Valéria . O contato com esta usuária é mais difícil e delicado, devido a seu comportamento mais arredio, demonstra não gostar muito de estabelecer contato com os demais usuários, preferindo sentar-se mais afastada deles, mesmo diante dos constantes convites para se unir ao grupo. Sua postura é passiva diante das atividades, também permanecendo a espera de instruções minhas para iniciar um projeto. Como não assumo este papel, insisto que ela busque o material por si mesma, ainda que sua fala apresente argumentos do tipo “as miçangas estão feias” (sic), comportamento que ela repete, sem nem ao menos olhar com atenção devida para as peças disponíveis. Em certos momentos fica impossível intervir em sua firme decisão de repetir o mesmo tipo de trabalho, sendo preciso equilibrar momentos de insistência por uma produção mais criativa, com momentos de produções, aparentemente, sem muito significado. Não há dúvidas de que há um potencial e uma habilidade para este trabalho, pois quando ela se concentra produz peças elaboradas, principalmente pulseiras. Possui um olhar um tanto denunciador de seu sofrimento, os gestos são por vezes estereotipados, há uma agitação e uma aparente inexpressividade. Com relação a Sálvio, que participa da oficina de bijuteria, foi possível perceber em pouco tempo de contato, que é um indivíduo inseguro sobre suas capacidades, com baixa auto-estima, provavelmente resultante de uma relação conturbada com a família, que parece não ser solidária com seu sofrimento, colocando-o no papel de inútil. Apesar disso, durante o fazer é habilidoso, produzindo peças elaboradas e bem feitas que lhe rendem variados elogios e evidente satisfação em estar neste espaço, onde é possível ser criativo e capaz. Estabelece bom contato com os colegas, sendo sempre receptivo quando convidado a participar de uma conversa e emitir suas opiniões. Vitório, tambem, participa da oficina de bijuteria, demonstrando falta de crítica em suas produções, utiliza indiscriminadamente uma profusão de cores e formas, que condiz com sua desorganização do pensamento. É passivo diante da realização de atividades, demorando para iniciar seus projetos, sendo preciso incentivo constante para que escolha e busque o material necessário. Sua fala é pouco compreensível e as idéias desconexas dificultam o contato com os demais usuários, o que não parece incomodá-lo. Há uma espécie de alheiamento em relação ao mundo exterior, não tendo muita importância o que ocorre ao seu redor. Oficina de Macramê: Estela participou poucas vezes da oficina de macramê. Possui um comportamento muito próprio: ela chega, corta os fios sem muita preocupação com as medidas e realiza suas produções, mostrando grande domínio da técnica. Este fato surpreende, pois apresenta um quadro de delírios, com desorganização de idéias e falta de conexão do pensamento, que parece ser seu estado “normal”, mas que não interfere na sua produção de peças elaboradas e harmoniosas. Minhas tentativas de intervir em suas produções, ensinando as etapas a serem seguidas, foram um completo fracasso, já que Estela não consegue se ater

a um diálogo coerente. Este fato interfere também em seu contato com os demais usuários mas, como acontece com Vitório, isto não parece incomoda-la. Ela participa da forma que lhe é suportável, sem cobranças e preconceitos, talvez por isso sempre retorne mesmo após um tempo maior de ausência. Desta oficina também participa Márcia, uma senhora (48 anos) cuja relação familiar mostra-se conflituosa, repleta de medo e dominação. Durante a oficina, apresenta-se passiva e com uma auto-estima baixa, sendo necessária uma constante estimulação e orientação para que o trabalho tenha progresso. Além disso, possui dificuldade para se concentrar na atividade, perceber erros e solucioná-los. Seu relacionamento com o grupo resume-se a alguns poucos diálogos, que em geral trazem à tona seus conflitos familiares e sua insegurança emocional, aliás estes são sempre os temas de seu discurso. Percebo ainda que sua relação com a atividade está ligada a um desejo de fugir deste lugar de incapaz que possui em casa e mais ainda à possibilidade de estar longe deste ambiente que tanto a deprime. Outro usuário que participa da oficina de macramê é Diogo (32 anos), que apresenta além do transtorno psiquiátrico, uma história de alcoolismo, estando afastado do vício há dois anos. Ele considera a oficina suporte muito importante para sua recuperação, uma forma de canalizar sua energia para uma atividade positiva que o impede de recorrer às bebidas nos momentos de dificuldade. Durante o fazer mostra-se muito habilidoso e concentrado, realizando trabalhos belos, criativos e diversificados, variando entre cintos, pulseiras e colares, que lhe rendem elogios diversos. Mantém uma boa relação com todos, apesar de se considerar tímido, envolve-se com os assuntos do CCSP, sempre solícito e disposto a ajudar. Eric comporta-se passivamente nas oficinas, apresentando baixa auto-estima. Se lhe for permitido, faz somente um tipo de produção, de preferência bem simples "que não precise pensar muito" (sic). Foi necessário insistir com ele, para que diversificasse seus trabalhos, pois apresenta facilidade para fazer peças mais elaboradas. O problema é que ele não parece acreditar muito em sua competência e pelo fato de visar sempre a venda de seus produtos, considera que quanto maior o número de peças produzidas, maior o rendimento. Seu discurso é carregado de frases depreciativas a si mesmo, "eu sou burro", "você deve estar cansada de me ensinar e eu não aprendo" (sic), revelando um senso de competência diminuído. Sua relação com os demais usuários é tranqüila, não estabelece longas conversas, mas interage bem com todos. Rosa não tem sido muito freqüente, mas observo que ela gosta de estar em atividade, comportando-se passivammas na maioria das vezes está sonolenta e com baixa concentração, errando os pontos e produzindo peças menos elaboradas, principalmente colares e pulseiras. Este fato pode estar ligado à medicação, que parece estar com uma dosagem inadequada. Não estabelece muito contato com o grupo, excetuando-se o filho, que também realiza esta oficina. A relação deles parece envolver carinho e cuidado por parte do filho que costuma incentivá-la e uma certa dependência por parte da mãe, mas é uma parceria que tem dado certo. Cristiano estabelece com a família uma relação bastante difícil, pois, a ele é delegado o lugar de inútil, incapaz, sendo por isso vítima de agressões físicas freqüentes. É constantemente comparado aos irmãos mais novos, que estudam e já tem uma vida mais independente. Todo este sofrimento faz com que ele busque na bebida o alívio para seus problemas, o que somente agrava a situação. Seu discurso é sempre repleto de frases que mostram sua baixa auto-estima e carência. Percebo que em certos momentos, deseja uma atenção diferenciada e cobra este comportamento, principalmente dos monitores, o que exige dos mesmos atitudes que imponham limites. Ainda sim, mostra um bom relacionamento com todos, sendo sempre prestativo e com uma participação freqüente em todos os eventos que envolvem o CCSP. Durante a oficina, Cristiano mostra-se concentrado e realiza trabalhos bem feitos. Oficina de Culinária: Amélia participa da oficina de Culinária já há bastante tempo. Relaciona-se de forma muito interessante com as atividades, enxergando nas mesmas uma fonte de rendimentos, fato facilmente compreendido quando se conhece sua situação sócio-econômica: possui pouca instrução, sendo quase analfabeta; está desempregada e precisa recolher latinhas nas ruas para melhorar a renda da família. Embora pareça possuir um déficit cognitivo, mostra-se capaz de lidar com seus problemas, sendo uma pessoa comunicativa, que se relaciona bem com todos, estando sempre aberta para novas amizades. A história de Amélia envolve relação conflituosa com a família, principalmente com um de seus irmãos, que parece incomodá-la bastante. Continuando o relato, cito Rodolfo também participante assíduo da oficina. O usuário apresenta grande identificação com a culinária, dizendo já ter participado desta atividade em outro serviço. No decorrer da oficina relata não exercer esta função em casa, já que mora sozinho e faz suas refeições na casa do irmão, encontrando no espaço do CCSP, a possibilidade de estar mais próximo desta atividade que lhe traz recordações de quando era criança e observava a mãe preparando as refeições. Percebi que não consegue lidar muito bem com imprevistos (atrasos, ambiente muito cheio, falta de algum utensílio, etc.) que atrapalhem o andamento da oficina. Se algo acontece, fica ansioso

e agitado. Mas se tudo correr bem, demostra imensa satisfação e saboreia com prazer as guloseimas preparadas. Mostra-se participativo nas tarefas, mas não estabelece muita conversa com os demais usuários, apenas responde ao que lhe é perguntado. As vezes repete as mesma histórias, principalmente sobre as receitas que conhece e eu o escuto com a atenção que ele demanda, pois percebo sua necessidade de falar e ser ouvido com paciência, sem pressa e sem medo de ser considerado mais um "louco chato" que não merece atenção. Outro usuário que faz parte deste trabalho é Flávio. É um jovem (22 anos) comunicativo, envolvido com os assuntos do CCSP e com ótimo relacionamento com os demais usuários, sempre disposto a ajudar e consolar seus colegas em momentos difíceis. Em relação a seu interesse pela atividade, parecia estar preocupado somente com a preparação do "café", tarefa tradicional desta oficina. Foi necessária uma intervenção junto a ele, no sentido de conscientizá-lo de que a oficina não se resumia à esta etapa. Medida que mostrou-se eficaz, pois, tem participado mais ativamente de todo o processo de realização das receitas, saindo menor número de vezes da cozinha e iniciando espontaneamente os procedimentos das receitas escolhidas. Fabíola também participa da oficina de culinária. Mostra-se um pouco tímida e reservada, não estabelecendo muita conversa com os demais usuários. Está sempre atenta aos procedimentos, embora sinta-se insegura em realizar atividades como quebrar ovos. Relata não ter possibilidade de cozinhar em casa, mas considera importante aprender para no futuro ser mais independente. Percebo uma auto-estima pouco desenvolvida ou talvez pouco incentivada, que acentua seu receio de errar. De acordo com as observações feitas durante a realização das oficinas terapêuticas, foi possível perceber que há características comuns e divergentes quanto à forma como os usuários do serviço lidam com as atividades, incluindo a auto-percepção dos mesmos como competentes ou não, e também quanto à inserção dos mesmos no meio familiar. O comportamento dos usuários em relação a si mesmo revela, em sua maioria, uma baixa auto-estima com pouco senso de competência e descrença em suas reais potencialidades. São em geral indivíduos tímidos ou reservados, provavelmente pelo sofrimento advindo de anos de exclusão e preconceito, que somente lhes permitiam o silêncio. Possuem uma relação de submissão ao outro, sempre esperando por quem lhes diga como, quando e o que fazer. Mas há aqueles que já conseguiram se libertar deste modelo e começam a dar os primeiros passos rumo a uma condição menos dependente. Estes conseguem revelar em suas produções toda a capacidade que possuem de serem criativos e participantes no meio social. Quanto ao destino ou relação que os usuários tem com seus produtos, a maioria vislumbra nos mesmos a possibilidade de obter algum ganho financeiro, por isso objetivam a venda das peças desde o início. Desta forma é estimulado o senso crítico deles, sem impedir que durante o fazer imprimam seu estilo ou característica pessoal, de modo que percebam a importância de se fazer um trabalho bem finalizado e harmonioso para conseguir comercializá-lo. A venda é realizada em feiras, bazares e/ou exposições proporcionadas pelo CCSP ou através de convites de outras instituições e eventos da área de saúde mental. Mesmo que não exista grande facilidade para vender todas as peças, uma vez que não são freqüentes estes espaços e a comunidade local possui um baixo poder aquisitivo dificultando um escoamento adequado dos produtos, a possibilidade de obtenção de algum lucro serve de incentivo para os usuários. Castro e cols. (2001) alertam que não podemos nos furtar de enfrentar a difícil questão do trabalho no mundo contemporâneo e buscar alternativas de inserção, nessa esfera da vida social, para indivíduos que estão dela excluídos. A possibilidade de produzir significa para estes indivíduos estar mais próximo do meio social do qual estão afastados pelo sofrimento. Mesmo que, amiúde, a relação com a atividade não contenha, aparentemente, um significado ou sentido, revelando uma espécie de alienação do fazer, ainda assim é um importante suporte do tratamento, pois, permite revelar algo sobre quem a realizou. Para Feriotti (2003: 90) "a atividade humana tem uma dinâmica própria, oferece sensações, dificuldades, solicita resoluções, estimula e provoca novas ações e novas reflexões. A atividade carrega consigo a potencialidade da transformação (...)". A história familiar dos usuários, em sua grande maioria, envolve uma relação carente de afeto, repleta de preconceitos e rejeição. Ou os familiares não conseguem compreender a dimensão do sofrimento de seus parentes ou simplesmente preferem ignorá-lo, deixando-os abandonados à sua própria sorte. Durante as reuniões de família do CCSP, este fato é facilmente percebido, pelo mínimo número de participantes. Porém, essa dificuldade familiar deve ser contextualizada num cenário em que falta apoio social, político e econômico. Foi observado que muitos usuários estão no CCSP há muitos anos (4-8 anos), tornando este serviço uma referência única para sua convivência social, o que revela a dificuldade destes indivíduos serem aceitos pela sociedade, restando poucas opções para que aconteça este contato. Pelo fato de permanecerem um tempo extenso no serviço (que deve funcionar mais como uma passagem),acabam criando dependência em relação ao mesmo, que oferece sensação de segurança e aceitação

de sua “loucura” . É importante ressaltar que algumas mudanças e conquistas ocorreram com a Reforma Psiquiátrica, mas é necessário ampliar a rede de serviços que contemple a demanda dos portadores de sofrimento mental e confira aos mesmos mais autonomia. A experiência de coordenar as oficinas terapêuticas no CCSP revelou-se rica pela possibilidade de confirmar o quanto estas pessoas com histórias sofridas, excluídas de seu meio social, impedidas de terem identidade, são capazes de ser ativas, de conviver, de construir laços, de produzir belezas, de sentir, de fazer e de ser. Na sala de oficinas, muitas vezes, aprendi mais do que ensinei, enganam-se aqueles que pensam que o “louco” não possui inteligência, que são vazios. Muitas vezes são mais observadores, mais criativos e mais intensos em suas colocações do que os ditos “normais”. A impressão que fica é que é possível estar neste lugar, que o meu papel não é apenas ensinar técnicas, corrigir erros, mas também é escutar as demandas, interagir com os outros serviços da rede, auxiliar os usuários na construção de novas saídas para suas questões, estimular o contato social, auxiliar na descoberta de novas possibilidades, enfim de junto com eles descobrir uma forma melhor de estar no mundo e de se sentir parte dele. “(...), por meio do fazer (atos, ações, atividades), o paciente [pode] reconhecer-se como sujeito que cria, atua, reconhece, organiza e gerencia o seu cotidiano concreto. (...) a convivência com as contradições vividas pelas suas ações cotidianas[pode] ser trazida para o fazer concreto – manuseio de diferentes materiais/atividades/situações – abrindo, assim, a possibilidade de reconhecimento e enfrentamento de suas dificuldades cotidianas, na busca por um enriquecimento de suas necessidades concretas, no interior da coletividade.”(FRANCISCO, 2001 apud FERIOTTI, 2003: 85)

Resultados e Discussão

A elaboração de um texto referente ao perfil da clientela usuária do Centro de Convivência São Paulo, no que tange à lida com a atividade, o sentimento de competência e capacidade diante da possibilidade de produzir (e, portanto, diante da vida) e a inserção no meio familiar soma-se a informacoes já existentes, fornecendo uma diversidade de dados que permitem ao serviço reformular suas ações junto aos monitores das oficinas, aos técnicos (psiquiatras, psicólogos e terapeutas ocupacionais) que acompanham os usuários em atendimento ambulatorial, bem como rever as estratégias de intervenção com os familiares.

Produtos Gerados

Elaboração do presente texto, cujo teor sera apresentado e discutido junto à equipe do Centro de Convivência São Paulo.

Conclusão

A realização de mais um ano de atividades contribui para o bom funcionamento do serviço, favorecendo a comunidade que dele usufrui, e amplia o arsenal teórico-prático de aluno e professor participantes, gerando reflexões acerca da atuação do terapeuta ocupacional no processo de desinstitucionalização.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão e Centro de Convivência São Paulo

Referências

CASTRO, Eliane D., LIMA, Elizabeth, F., BRUNELLO, Maria Inês B. (2001). “Atividades Humanas e Terapia Ocupacional” . In: CARLO, Mara M.R.P. e BARTALOTTI, Celina C. (orgs). Terapia Ocupacional Teoria e Prática. São Paulo: Papirus, p. 41-62.

FERRIOTI, Maria L. (2003). “A Atividade como Instrumento de Transformação das Relações Institucionais: Uma Experiência no Interior da Instituição Psiquiátrica”. In: PÁDUA, Elisabete M.M. e MAGALHÂES, Lílian V. (orgs.). Terapia Ocupacional: Teoria e Prática. São Paulo: Papirus, p. 79-92.

MÂNGIA, Elisabete F. e NICÁCIO, Fernanda. (2001). “Terapia Ocupacional em Saúde Mental : Tendências Principais e Desafios Contemporâneos”. In: CARLO, Mara M.R.P. e BARTALOTTI, Celina C. (orgs.). Terapia ocupacional no Brasil: Fundamentos e Perspectivas. São Paulo: Plexus. p. 63-80.

MULATI, Denise. (2003). “Os Centros de Convivência e Cooperativas: Desejos e Ações compartilhadas”. In: PÁDUA, Elizabete M.M. e MAGALHÂES, Lílian V. (orgs.). Terapia Ocupacional: Teoria e Prática. São Paulo:

Papirus, p. 95-109.
PITTA, Ana. (1996). “ O que é Reabilitação Psicossocial no Brasil ? ”. In: PITTA, A. (org). Reabilitação Psicossocial no Brasil. São Paulo: Hucitec, p.19-26.
SOARES, Marta e cols. (2003). “Projeto Dez”. Belo Horizonte, mimeo.

ESPORTE APLICADO À REABILITAÇÃO DE DEFICIENTES FÍSICOS

Pedro Américo de Souza Sobrinho[1], Daniel Bahia, Daniela Drummond Bahia, Larissa de Mendonça Bahia[2], Naiara Avelar Cunha, Rodrigo Cata Preta Bahia[3]

Introdução

Pessoas com deficiências físicas, especialmente portadores de seqüelas de acidente vascular cerebral (AVC), paralisia cerebral, esclerose múltipla, distrofia muscular, entre outras, podem ser beneficiadas pela aplicação sistemática de estímulos adequados da educação física e do esporte na compensação ou regeneração de distúrbios funcionais de ordem física, psíquica e social, prevenir distúrbios secundários e promover um comportamento orientado para a saúde. O CEPODE – Centro de Estudos do Esporte para Portadores de Deficiência vem se dedicando, há vinte e cinco anos, ao estudo e à aplicação de conhecimentos, muitos deles gerados no próprio CEPODE, de teorias do esporte e da psicologia à esporteterapia e esporte de reabilitação, como complemento às ações da medicina, da fisioterapia e da psicologia, especialmente em seqüelas de disfunções neurológicas.

Objetivos

Desenvolver conhecimentos no âmbito da neuroplasticidade, da psicologia da reabilitação e da inclusão social, enquanto procura qualificar, em serviço, futuros profissionais de educação física para o trabalho no âmbito da esporteterapia e do esporte de reabilitação. Também visa a disponibilizar à comunidade de pessoas com deficiência física metodologias da esporteterapia e do esporte de reabilitação, promovendo estimulações neuromotoras, contribuindo para o bem estar emocional e a inclusão social, no contexto da filosofia CEPODE, de que pessoas com deficiência também são pessoas com competência.

Metodologia

São utilizados estímulos funcionais inerentes à educação física e teorias do treinamento esportivo, tais como estímulos crescentes-decrescentes, sessões em circuito, estimulação em ambientes variados, tais como solo e água, bem como utilizando equipamentos de musculação ou a cadeira de rodas como elemento lúdico, com adequações metodológicas voltadas para a superação emocional, elevação da força de vontade, da melhora da coordenação motora, da percepção cinestésica e da neuroplasticidade. A dinâmica das cargas, seleção dos estímulos e sua aplicação, bem como a prevenção de intercorrências obedece a metodologias próprias, desenvolvidas no CEPODE ao longo de seus vinte e cinco anos de atuação.

Resultados e Discussão

Aproximadamente sessenta pessoas são atendidas semanalmente no âmbito da esporteterapia e esporte de reabilitação, ao longo do ano; os resultados, em alguns casos, inovam pela sistemática aplicada (esporteterapia e esporte de reabilitação) e pelos resultados aceitos como de neuroplasticidade, bem como no âmbito da superação emocional e da inclusão social; alguns resultados abrem novas perspectivas na reabilitação de pessoas com seqüelas de lesões neurais ocorridas há décadas; há resultados que indicam a possibilidade de que o processo de reabilitação, em casos de paralisia cerebral, possa se estender por tempo mais longo do que o prognosticado até agora; embora a literatura mundial cite a musculação como contra-indicada em casos de esclerose múltipla, os resultados obtidos no CEPODE, apesar do número expressivamente pequeno dos pesquisados, indicam que a musculação pode e deve ser usada como um recurso importante na manutenção tanto de funções motoras quanto na superação emocional e inclusão social de pessoas com esclerose múltipla; o mesmo tem sido observado em relação a pessoas com seqüelas de distrofia muscular; um número relativamente reduzido de estudantes de educação física tem sido qualificado para o atendimento caracterizado acima que, no entanto, não encontra demanda no mercado de trabalho

---

[1]Coordenador, [2]bolsistas (Programa de Bolsas de Extensão/Proex), [3]voluntários
Número de Registro SiexBrasil: 573
Área Temática: Saúde
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional e Escola de Engenharia
Contatos: pedro@eef.ufmg.br e (31) 3499-2345

tradicional. Apesar da relevância dos resultados obtidos, torna-se necessária a implantação de um laboratório de análise do movimento para que se possa fazer uma documentação mais sistematizada, especialmente pelo fato de que os protocolos existentes referem-se, quase que totalmente, a situações específicas da vida diária, desconsiderando detalhes importantes, por exemplo, da reabilitação locomotora. Houve um caso de paralisia cerebral (hemiparesia) em que os progressos obtidos se estenderam por mais de uma década e um outro (atetose) em que os progressos foram obtidos trinta anos (30) após a ocorrência da paralisia cerebral, o que contraria a literatura existente. Os casos estão documentados em filmes.

Produtos Gerados

Redação do tema A Esporteterapia como Indutora da Neuroplasticidade na Paralisia Cerebral, aceito para publicação como capítulo do livro Paralisia Cerebral, de autoria de Luiz Fernando Fonseca e César Luiz Ferreira de Andrade Lima, a ser lançado, pela Editora Medsi, em abril de 2004; redação do tema Aspectos Motivacionais na Reabilitação da Paralisia Cerebral, aceito para publicação como capítulo do livro Paralisia Cerebral, de autoria de Luiz Fernando Fonseca e César Luiz Ferreira de Andrade Lima, a ser lançado, pela Editora Medsi, em abril de 2004; reportagem, apresentada no dia 6 de novembro de 2003, pela Rede Globo Minas de Televisão, sobre o CEPODE/UFMG; realização do Congresso Brasileiro de Inclusão UFMG/SOBAMA e do V Congresso Brasileiro da SOBAMA, de 24 a 27 de outubro de 2003, no Auditório da Reitoria da UFMG, tendo a participação de aproximadamente 250 pessoas, com discussões sobre políticas públicas de inclusão na educação, na saúde, no lazer e esporte, no trabalho e renda; apresentações artísticas de pessoas com deficiência e dança em cadeira de rodas; bem como conferências sobre aspectos da psicologia, da odontologia, esporte adaptado e paraolímpico, esporteterapia e esporte de reabilitação, luta antimanicomial, fisioterapia e terapia ocupacional, organizado pelo CEPODE em parceria com a Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, e apoio da Coordenadoria de Assuntos Comunitários, Pró-Reitoria de Extensão, PAIE, e de empresas.

Conclusão

O projeto Esporte Aplicado à Reabilitação de Deficientes Físicos inseriu-se no contexto de indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, tendo desenvolvido e difundido novos conhecimentos, estabelecendo parcerias entre diversos cursos e órgãos da UFMG, estimulando a interação entre profissionais e estudantes das mais diversas áreas profissionais, bem como de instituições públicas ou privadas de todo o Brasil. O referido projeto possibilitou a pessoas com seqüelas de acidente vascular cerebral, esclerose múltipla, câncer, diabetes, distrofia muscular, lesões medulares, paralisia cerebral, trombose e traumatismo braquial obstétrico, na faixa etária dos oito aos oitenta e dois anos de idade, a inclusão social, a elevação da autoestima, a superação emocional e a melhora dos respectivos padrões motores.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão, Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Esporte de Minas Gerais, Associação Mineira de Reabilitação, Igreja Batista da Lagoinha, Carla Barrio & Companhia, Laboratório Pfizer; AmBev; CEMIG, AÇOMINAS, USIMINAS, Vallourec & Mannesmann, Grupo FIAT, Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada, Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais, Comitê Paraolímpico Brasileiro, Conselho Regional de Educação Física/MG e Federação das APAEs de Minas Gerais.

Referências

CASALIS, M.E.P.: Reabilitação/Espasticidade. Rio de Janeiro, Atheneu 1990
DUUS, P.: Diagnóstico Topográfico em Neurologia. Trad. BUCKUP, H.T., Rio de Janeiro, cultura Médica 1989
FRONTERA, W. R., DAWSON, D. M., SLOVIK, D.M.: Exercício Físico e Reabilitação. Traad. SILVA, M.G.F. e BURNIER, J. Porto Alegre, Artmed 2001
LAGERSTROM, D.: Grundlagen der Sporttherapie bei koronarer Krankheit. Colônica, Echo 1994
LIANZA, S. et SPOSITO, M.M.M.: Reabilitação. A locomoção em pacientes com lesão medular. São Paulo, Sarvier 1994
RUOTI, R.G., MORRIS, D.M. et COLE, A.J.: Reabilitação Aquática. Trad. OLIVEIRA, N.G. São Paulo, Manole 2000
SCHÜLE, K. et HUBER, G. (Ed.): Grundlagen der Sporttherapie. Prävention, ambulante und stationäre

Rehabilitation. Munique, Urban & Fischer 2000
SIBLEY, W. A. et al. Therapien der multiplen Sklerose. Zurique, SMSG 1996
SOUZA, P. A. de: O Esporte na Paraplegia e Tetraplegia. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan 1993
SOUZA, P. A. de: Gehschule für Cerebralparetiker. Eine sporttherapeutische orientierte Methode zur Verbesserung der Gehfähigkeit von Körperbehinderten. In:
SEIDEL, E. J. et al. (Ed.): Konzepte der Bewegungstherapie nach Schlaganfall. Bad Kösen, GFBB 1995

EDUCAÇÃO FÍSICA E ENVELHECIMENTO: UM RELATO DO PROJETO EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A TERCEIRA IDADE

João Francisco Magno Ribas[1], Gisele de Cássia Gomes[2], Silene Ferreira Coutinho, Ruth Carolina de Paula Frade[3], Cristiane Alves[4], Rosana Assunção Pedrosa, Thiago Assad Cury, Marcella de Castro Campos, Ronivaldo Lopes de Oliveira, Luiz Fernando C. Saade, Francisco Teixeira Coelho, Luiz Gustavo Nicacio, Renata Lane de Freitas Passos, Flávia da Cruz Santos[5]

Introdução

O fenômeno do envelhecimento populacional já é realidade em países europeus e começa a tornar-se mais presente na realidade brasileira. Um importante dado demográfico que vem sendo apresentado pelos principais centros de estudos se refere ao percentual de idosos que passará de 7,5% (1991) para 15% em 2025, em números significa que de 11 milhões pularemos para 32 milhões de idosos (Acosta, 2002). Os números são significativamente altos e as ações governamentais devem ser rápidas e precisas para que possamos atender a esse novo perfil populacional brasileiro. O processo de envelhecimento é caracterizado por uma série de mudanças, dentre elas, a perda nas capacidades físicas, como, capacidade aeróbica, força muscular, resistência muscular, flexibilidade e habilidade motora. Este quadro se agrava se os espaços sociais do idoso forem menores e se suas atividades se resumirem a um número reduzido de tarefas domésticas. Em grandes centros como o caso de Belo Horizonte, as dificuldades são ainda maiores em função dos problemas já conhecidos dos grandes centros brasileiros como a violência, trânsito, poluição, transporte dentre outros. “Todo idoso, como cidadão que é, pode e deve ter o direito de ainda escolher as atividades de que quer participar/compartilhar/, a que quer pertencer e o que quer desenvolver, porque ainda tem muita coisa para dar e não só receber” (Loureiro, 1998 citado por Sequenzia, 2002: 01). É com este olhar que o projeto de Educação Física para a Terceira Idade, do Departamento de Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional vem se comprometendo desde 1993, com o desenvolvimento de atividade física orientada para uma comunidade com faixa etária superior a 55 anos. O projeto pertence ao programa “Promovendo a Autonomia e a Independência de Idosos da Comunidade” e, conseqüentemente, ao Núcleo de Geriatria e Gerontologia da Universidade Federal de Minas Gerais. O intuito do projeto é despertar na comunidade acadêmica a vivência e reflexão da prática de dança, atividades lúdicas e exercício físico nessa fase da vida, assim como facilitar o diálogo com a comunidade em geral, para ampliar as atuações e espaços do idoso em nossa sociedade. Através da vivência e reflexão da cultura corporal de movimento, propõe-se neste projeto construir com o idoso novas formas de avaliar e conhecer suas possibilidades e limites em relação à atividade física, administrar e organizar suas próprias atividades, desfrutar das práticas da cultura corporal de movimento, atender às necessidades de movimento do seu cotidiano, educando-o para a sua autonomia. A cultura corporal de movimento é representada através dos jogos e exercícios na piscina, ginástica (localizada, ginástica rítmica desportiva, consciência corporal, postura, atividade física diária, respiração e alongamento), danças, caminhadas, construção de jogos e brincadeiras, passeios e eventos festivos (baile, festa junina...).

Objetivos

Possibilitar aos idosos a prática de atividades físicas e recreativas programadas, que contribuam para melhorar as capacidades físicas, que, consequentemente, irão corroborar os âmbitos sociais e afetivos; fornecer, discutir e construir conhecimento relativo a atividade física junto aos alunos que fomente as ações profissionais eficazes para essa faixa populacional; criar, junto com os alunos do projeto, novas possibilidades, espaços e formas de práticas de atividade física em nossas comunidades; estabelecer a interdisciplinaridade com programas ou projetos afins da UFMG, especialmente os de âmbito gerontológico; provocar o diálogo com outros segmentos da sociedade,

---

[1]Coordenador, [2]subcoordenadora, [3]bolsista (Programa de Bolsas de Extensão/Proex), [4]outro bolsista, [5]voluntários
Educação Física para a Terceira Idade
Número de Registro SiexBrasil: 487
Área Temática: Saúde
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Contatos: ribasjfm@uol.com.br e (31) 3499-2333

principalmente com o governo municipal, a fim de discutir os espaços dos idosos em nossa sociedade, no que se refere a atividade física e recreativa; construir, paralelamente ao projeto da terceira idade, eventos e atividades físicas e recreativas como passeios, caminhadas, bailes e danças; possibilitar melhora na qualificação discente, principalmente, no que se refere ao planejamento, administração e controle da atividade em circunstâncias reais de trabalho, contribuindo para a formação acadêmica e profissional do aluno.

Metodologia

O formato desse projeto de extensão se caracteriza pela intervenção pedagógica com idosos. Atualmente temos uma série de estudos que revelam as características dessa fase da vida, que possibilitam parâmetros seguros para nossas práticas. Entretanto, estamos lidando com pessoas, que riem, choram sentem-se felizes ou tristes, ou seja, com seres humanos. Isso nos leva a processos metodológicos dinâmicos. Assim, tomamos como base para nosso estudo a metodologia da ação-reflexão (ver Gandin, 1999) que consiste em uma dinâmica do estudo vinculado a prática e da prática vinculada ao estudo. Com isso, cada ação será esclarecida pela reflexão e toda reflexão irá ter como ponto de partida aquilo que aconteceu na prática. As principais ações do projeto neste instante estão construídas em quatro grandes momentos: 1) intervenção com os idosos três vezes por semana; 2) reuniões semanais entre bolsista e voluntários para avaliar e reconstrução das intervenções; 3) reuniões quinzenais com a coordenação para estruturação de condutas e programação das intervenções e ações gerais do projeto; 4) reuniões científicas mensais de atualização sobre temas referentes a fundamentação teórica das intervenções. O projeto destina-se a indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos, de ambos os sexos, pertencentes à comunidade em geral, sendo indispensável a apresentação de Atestado Médico para o ingresso no Programa. Para isso, foi elaborado um documento para encaminhamento ao serviço médico onde são apresentados os objetivos e características das atividades desenvolvidas no projeto. As atividades do Projeto " Educação Física para a Terceira Idade" são realizadas nas dependências da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. As práticas são desenvolvidas em três sessões semanais, com duração de uma hora aproximadamente, para cada grupo de 30 pessoas (07 grupos), distribuídos entre os turnos da manhã e tarde. O projeto conta com três bolsistas, sendo dois da Proex e um pago pela Fundep, e nove voluntários, todos alunos regularmente matriculados no curso de Graduação em Educação Física. No início de cada semestre letivo realizamos o planejamento anual das atividades e ao final do semestre, verificamos se os objetivos foram alcançados, realizando assim uma avaliação final de nossas práticas.

Resultados e Discussão

O projeto de Educação Física para a Terceira Idade atendeu em 2003 em média 240 idosos da comunidade por semestre. Durante o ano foram realizadas inúmeras atividades acadêmicas que contemplaram também os âmbitos da graduação e pesquisa, cumprindo, em grande parte, os objetivos traçados para o ano de 2003. Com o propósito de apresentar as novas perspectivas do projeto assim como, o novo grupo de trabalho, no início do semestre de 2003 foi realizada uma reunião com os idosos. Na oportunidade foi apresentada a estrutura geral e objetivos do projeto. Aproveitou-se o momento para realizar uma rápida avaliação dos anos anteriores do projeto. Com relação a graduação, o projeto possibilitou a retomada da disciplina optativa "Introdução ao Estudo do Envelhecimento" ofertada no primeiro semestre de 2003. A disciplina foi coordenada pelos professores João Francisco Magno Ribas e Gisele de Cássia Gomes e também contou com a participação das professoras Marcela Tirado e Christiane D. Gomes. O momento de intervenção, onde os alunos da disciplina preparam aula e refletiram sobre essas, contou com a participação dos idosos do projeto. A produção de novos conhecimentos relativos a atividade física e envelhecimento também ocorreu de diferentes formas. Na oportunidade, dois estudos de conclusão de curso aconteceram neste período e contou com a participação direta dos coordenadores do projeto no processo de orientação desses alunos. A acadêmica Silene Ferreira Coutinho preparou o projeto que trata da Prescrição do Treinamento Aeróbico para idosos. Já o acadêmico Luis Flávio Prosdocimi Bacelar realizou um estudo sobre motivação para a prática de atividade física na terceira idade como trabalho de conclusão de curso. De outra forma, favoreceu também a interface entre pesquisa e extensão com a realização de estudos e coleta de dados junto a população assistida pelo projeto. A professora Eliza Lages, aluna do curso de especialização em Treinamento Esportivo, desenvolveu um estudo comparativo de força de membros superiores e inferiores entre idosas e jovens. Com o intuito de conhecer melhor a população que vem participando do projeto, estamos realizando uma pesquisa para

identificar o perfil sócio-demográfico da população assistida, suas características de saúde, tipo de assistência médica que utiliza, e ainda, o nível de bem estar e satisfação com a vida. As reuniões científicas acontecem mensalmente. Inicialmente eram feitas reuniões semanais que tinham como principal objetivo de estudar os aspectos fisiológicos do envelhecimento. Para o segundo semestre, após um prévia avaliação, decidiu-se por realizar apresentações mensais de revisão bibliográfica de temas científicos realizados pelos bolsistas e orientado pelos coordenadores. Os temas foram escolhidos a partir da necessidade apontada pelo grupo (docente e discente). Os temas foram os seguintes: “Prescrição do treinamento Aeróbico para indivíduos Idosos” – Acadêmica Silene Ferreira Coutinho, apresentado no dia 03 de outubro de 2003; “Treinamento de força e Envelhecimento” – Acadêmica Cristiane Alves, apresentado no dia 07 de novembro de 2003; “Flexibilidade e envelhecimento” – Acadêmica Ruth Carolina de Paula Frade, a ser apresentado no dia 28 de novembro de 2003. Outra atividade desenvolvida no ano de 2003 foram as palestras destinadas aos idosos. Totalizaram três, sendo que todas partiram de sugestões do próprio grupo. São elas: ·“Envelhe....ser” nos dias atuais: realidades e perspectivas – Professora Gisele de Cássia Gomes (EEFFTO-UFMG); A Função da Memória para a Terceira Idade – Professora Marcella Tirado (EEFFTO-UFMG); Direitos do idoso – Maria Cláudia Moura Borges (Assistente Social da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto, SP). Com relação a interdisciplinaridade, foi possível realizar as primeiras aproximações entre os projetos do programa “Promovendo Autonomia e a Independência de Idosos da Comunidade” através de reuniões mensais. O objetivo desses encontros foi apresentar os caminhos e ações de cada projeto, buscando as interfaces, assim como proporcionar a discussão acadêmica acerca do envelhecimento com apresentação de artigos e temas científicos. Outras ações interdisciplinares aconteceram da seguinte forma: participação de outros docentes na intervenção direta com os idosos. Os professores Evandro Passos e Gustavo Côrtes do Departamento de Educação Física da EFFTO-UFMG realizaram atividades de dança com a população assistida; aproximação de disciplinas de graduação do Curso de Educação física como o projeto. Os alunos das disciplinas de Recreação e Lazer e Danças Folclóricas prepararam e desenvolveram atividades com os idosos do projeto; ações conjuntas com outros projetos de Extensão. No dia 28 de junho foi realizada uma festa junina junto com o projeto Sarandeiros (Grupo de Danças Folclóricas da EEFFTO-UFMG). Em outro momento aconteceu a participação das crianças do projeto Guanabara em uma aula de jogos e brincadeiras, organizada juntamente com os idosos do projeto. Essas ações favoreceram a interdisciplinaridade, assim como a troca de experiências intergeracionais; reunião com a equipe de Educação Física e Esportes da prefeitura municipal de Belo Horizonte como o intuito de conhecer os projetos e aproximar ações. No final do primeiro semestre foi realizado um passeio ecológico na Serra do Rola Moça, atividade elaborada em conjunto com o professor Tulio Max Ferreira Leite e com bolsistas do Centro de Estudos do Lazer –EEFFTO/ UFMG. Uma das avaliações mais importantes extraídas dessa vivência se referiu a responsabilidade assumida pelo projeto em realizar as atividades extra-muros, assim como a grande quantidade de tarefas envolvidas para organizar esse tipo de atividade, fugindo do eixo central da proposta do projeto.

Produtos Gerados

O Programa assessorou, através do Projeto Educação Física para a Terceira Idade, o Centro de Saúde Ouro Preto, situado no Bairro Ouro Preto, atividade coordenada pela Assistente Social Fátima Regina Mendonça Brites. Esta assessoria objetivou identificar as possibilidades de práticas físicas em função dos espaços e recursos disponíveis no Centro de Saúde Ouro Preto - Regional Pampulha junto com os funcionários do posto, assim como a realização de atividade física para os idosos da comunidade local. O Projeto foi apresentado em uma palestra “Educação Física e Terceira Idade” aos idosos do projeto Maioridade, UFMG.

Conclusão

O Projeto Educação Física para a Terceira Idade vem executando de forma satisfatória suas propostas, desenvolvendo um trabalho de prestação de serviço de qualidade à comunidade idosa de Belo Horizonte, além de propiciar aos alunos da graduação do curso de Educação Física a reflexão e transformação do conhecimento relacionados à atividade física e o processo de envelhecimento. Um ponto de destaque nas ações do projeto foi o avanços nas relações interdisciplinares, que contou com a participação de outros docentes nas intervenções diretas com os idosos, aproximação com disciplinas de graduação e atividades com outros projetos de extensão. Por outro lado, identificou-se a necessidade de implementar o diálogo com outros segmentos da sociedade possibilitando assim,

um retorno social mais significativo, cumprindo dessa forma, o papel importante da Universidade para com a sociedade. O primeiro contato com a Prefeitura Municipal ficou limitado à apresentação dos projetos, não provocando maiores resultados com um debate mais aprofundado dessa relação. As perspectivas levantadas pelo grupo de trabalho para os próximos semestres estão direcionadas na consolidação de um espaço de debate e construção do conhecimento relacionados ao estudo do envelhecimento e a Educação Física. Entende-se que esses objetivos serão alcançados a partir da normalização da disciplina Introdução ao estudo do envelhecimento; da ênfase na realização de investigações e implementação dos grupos de estudos.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão e Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Referências

ACOSTA, Marco Aurélio. Contribuições para o trabalho com a terceira idade. Santa Maria, 2002.
GANDIN, Danilo. Planejamento como prática educativa. São Paulo: Edições Loyola. 9ª ed., 1999.
SEQUENZIA, Vito Angelo. Uma abordagem política com a terceira idade. Núcleo Acadêmico Carlos de Faria. www.nacaf.com.br. Consulta realizada em 23 de outubro de 2002. Enviado em 16 de abril de 2002

ATENDIMENTO PRIMÁRIO DE PACIENTES COM DOENÇAS ENDÓCRINAS: UMA PROPOSTA DE APROXIMAÇÃO

Lucas José de Campos Machado1, Rafael Oliveira Caiafa2, Ana Letícia Antunes Dib, Ana Carolina Perez Rabelo, Ana Helena Macedo de Pádua, Bárbara Silva Neves, Heloísa Helena Gonçalves de Moura, Letícia Nogueira Cardoso, Wagner José Martorina3, Bárbara Érika Caldeira Araújo Sousa, Maisa de Bessa Menezes4

Introdução

O SEEM tem sede no Campus da Saúde e caráter multiprofissional, atendendo pacientes com doenças endócrinas por equipes de médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, nutricionistas e psicólogos. A população assistida é oriunda sobretudo da Grande BH, não se impondo limites geográficos à população alvo. As doenças endócrinas, em particular o diabete melito (DM) e as doenças da tireóide, têm importância em qualquer processo de organização e/ou discussão de um sistema de Saúde Pública por suas altas e crescentes prevalências, bem como pelo impacto na morbi-mortalidade da população. O diabete, por sua complexidade e alto custo sócio-econômico, é desafio para todos os profissionais de saúde. A insuficiência dos serviços de saúde em atender à população é um problema mundial, sendo agravada nos países em desenvolvimento como o Brasil, face a desorganização e escassez dos recursos. Uma grande dificuldade é a ausência de um trânsito eficaz, seguro e democrático das informações. O nosso sistema de refererência e contra-referência (RCR) se caracteriza pela ineficácia. Os ambulatórios de especialidade atuam mais como "centros primários modificados", atendendo clientela abordável ao nível primário, além de realizar preferencial ou exclusivamente a interconsulta clássica, formal, com a presença física do paciente. E, no outro lado, os ambulatórios na atenção primária (AP) tendem a ser ineficientes, pouco resolutivos, podendo ter em situações extremas um caráter de mero triagista. Isto amplia a percepção ou o senso comum de valorização do especialista. Os pacientes sentem-se freqüentemente inseguros com o ato do clínico geral. Assim, forma-se um círculo vicioso, perpetuando a inoperância do sistema. Adicionalmente, os médicos, particularmente os clínicos gerais na Atenção Primária (AP), sofrem e têm à sua disposição um grande e crescente conjunto de informações que precisam ser criticamente filtradas e ajustadas à sua prática diária. Isto agrava ou talvez até inviabilize a necessária atualização e sistematização da experiência acumulada, pois este profissional atua num ritmo intenso. Os atos ou atendimentos médicos praticados são incontáveis, chegando freqüentemente à exaustão. Muito tem sido feito no sentido de reverter o quadro. Este projeto propõe e executa modificação da sistemática no RCR, entendendo-o como eficaz instrumento de capacitação, resolvendo os problemas do dia-a-dia - permitindo processo contínuo e inesgotável de educação médica inserida na prática profissional ou vinculada diretamente à assistência por profissionais que têm pouco tempo disponível para atividades de educação (capacitação) presencial. Desde abril de 1999, estabelecemos canais (formas) ágeis para realizar as interconsultas em endocrinopatias, como telefone fixo e celular, fax, e-mail, além de reforçar o sistema de interconsultas convencionais (físicas). O público alvo é composto por pacientes, adolescentes e adultos, e profissionais de saúde da região metropolitana de BH (RMBH). A equipe é constituída de professores endocrinologistas e outros profissionais do SEEM e acadêmicos de Medicina. Inicialmente o projeto focalizou o Distrito Sanitário Nordeste (DISANE), ampliando, a partir de 2001, para toda a RMBH. Em levantamento das primeiras consultas (interconsultas) realizadas no primeiro semestre de 2001 foi observado que 90% das mesmas não eram oriundas do DISANE. Na oportunidade, observou-se que 27 % das interconsultas ocorriam através do sistema não convencional, sendo que 87 % dessas eram por telefone celular. A mudança na estratégia de nossa atuação ocorreu devido a essa distorção e, sobretudo, à ausência de uma formalização de apoio ao projeto pela PBH. Houve grande dificuldade de manter a sensibilização dos médicos, que era feita pelos acadêmicos de Medicina, em visitas pessoais e por telefone, além de reuniões com gerentes dos centros de saúde e médicos. Adicionalmente, optou-se por enfocar os profissionais

---

1Coordenador, 2bolsista, 3monitores, 4voluntários
Programa Pró-Saúde
Número de Registro SiexBrasil: 3105
Área Temática: Saúde
Faculdade de Medicina, Hospital das Clínicas e Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Contatos: lucasjcm@mkm.com.br e (31) 3542-9848

que a princípio estivessem com um problema específico (um paciente com endocrinopatia). Assim, por uma necessidade pré-estabelecida, estes médicos são, pelo menos em teoria, mais susceptíveis de estabelecer uma interface com o SEEM. Além disto, naquele momento entendíamos que haviam dificuldades que precisaríamos entender melhor e procurar resolvê-las. Passaou-se a observar de modo mais sistemático as características das interconsultas, além de discutir com colegas, consultores e consulentes e procurar uma leitura sistemática da experiência mundial no RCR. Em 2003, iniciamos uma nova etapa. Estamos focalizando e redistribuindo nossas atividades: 1- manutenção dos instrumento de comunicação para uma adequada contra-referência; 2- organização de uma avaliação sistemática na forma de projeto de pesquisa-extensão para se avaliar o RCR (vide produtos); 3- implementação da abordagem através de grupos operativos, também na forma de projeto de pesquisa e extensão (vide produtos); 4- organização de cursos não presenciais em Endocrinologia. Estamos fazendo o curso de Educação a Distância ministrado pela BIBLIOMED, patrocinado pela RECRIAR e CENEx Medicina. Também será efetivado na forma de um projeto de pesquisa e extensão. Desse modo, modificou-se a estratégia, mantendo a essência do trabalho seus objetivos, metodologia e a experiência. E por fim, ressalte-se que este projeto realiza de modo bem objetivo a fundamental integração entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão - que são a essência da Universidade.

Objetivos

Implementar sistema que pretende associar simplicidade e eficácia, de suporte ambulatorial aos profissionais de saúde no atendimento primário de pacientes com doenças endócrinas que, além de ampliar a capacidade de atendimento, permita a necessária educação continuada; facilitar o acesso ao SEEM pelos profissionais nos cuidados primários; promover a capacitação dos profissionais de saúde envolvidos nos cuidados primários, observando e estimulando as suas potencialidades particulares; reforçar o papel do SEEM de referência em Endocrinologia, para todo o sistema de saúde. D- Desenvolver e fortalecer a cultura de atendimento em grupo e com caráter multiprofissional e interdisciplinar no âmbito da saúde; contribuir para a abordagem integral do indivíduo pelos profissionais nos cuidados primários; criar e consolidar modelo(s) e/ou instrumento(s) de atuação no sistema de interconsultas (referência e contra-referência); desenvolver instrumentos pedagógicos vinculados à assistência, tornando-a mais eficaz e contribuindo para a melhora da qualidade de vida de todos atores do processo, profissionais de saúde e pacientes; e consolidar o modelo acadêmico de ensino baseado em problemas, treinando-o para trabalho em equipe e para comunicação interprofissional objetiva e eficaz.

Metodologia

Esta proposta está de acordo com a tendência atual de fortalecer o sistema de referência e contra-referência. Caracteriza-se por ser interinstitucional e multiprofissional. Envolve a Universidade com seus docentes, profissionais não-docentes, estagiários e estudantes vinculados ao Serviço Especial de Endocrinologia e Metabologia e o Serviço Municipal de Saúde — PBH, principalmente seu pessoal operativo. É multidisciplinar por contar com a atuação de médicos, enfermeiros, assistentes sociais, psicólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e dentistas. Estes profissionais são estimulados a participar em todas as etapas do processo, desde a análise, passando pela programação, operacionalização, implementação, sistematização, e avaliação do projeto. Propõe tornar realmente disponível a estes profissionais mais um centro de referência no tocante às doenças endócrino-metabólicas: o Serviço de Endocrinologia do Hospital das Clinicas. Metas: operacionalizar o sistema de comunicação formal, para acesso imediato e direto, através de telefones, FAX e e-mail, com definição de cobertura a mais completa possível. Manter atualizados os telefones de contato dos serviços envolvidos; sensibilizar continuamente os profissionais na atenção primária para o projeto; definir claramente a disponibilidade dos envolvidos no sistema, procurando reavaliá-la continuamente; consolidar as reuniões clínicas, ampliando sua divulgação; estimular os estágios no Serviço de Endocrinologia pelos profissionais do atendimento primário; organizar cursos de treinamento em Endocrinologia, baseados em problemas, presenciais e, sobretudo, não-presenciais; continuar a elaboração de manuais ou cartilhas de orientação para a(s) prática(s) dos profissionais, procurando sempre viabilizar a impressão (publicação) dos manuais; desenvolver os (sub)projetos de Grupos Operativos, Interconsulta a Distância e Educação a Distância; divulgar os critérios para a clientela cativa do SEEM. Ampliar e consolidar o papel do SEEM no atendimento de sua clientela, com enfoque à orientação e suporte especializados aos profissionais na atenção

primária, fortalecendo o caráter de interconsulta do atendimento; ampliar a capacidade de atendimento de primeiras consultas (interconsultas físicas) pelo SEEM, fortalecendo (estimulando) as interconsultas à distância; ampliar e consolidar a interação com a equipe da EE-UFMG, por intermédio da professora Heloísa de Carvalho Torres voltada para a capacitação e atendimento em grupos operativos; manter e aprimorar a sistemática de avaliação contínua do projeto; cadastramento da clientela atendida, pacientes e profissionais de saúde; e divulgar o trabalho através de panfletos, cartilhas, e-mail, entrevistas, artigos e participação em reuniões cientificas e/ou de extensão. Procedimentos padrões: A- Interconsultas - a forma de se estabelecer esta comunicação depende das circunstâncias. Caso esteja diante de um problema que necessite uma solução imediata, a melhor forma é a via telefone. Por outro lado, é indiscutível a superioridade de um interconsulta escrita. Estas podem ser feitas por fax, e-mail ou mesmo através de um relatório enviado pelo paciente ou seu representante legal ou ainda por um sistema de malote. Casos complexos, sobretudo diante de uma insegurança no exame clínico, devem sempre ter uma interconsulta convencional, física, devendo o paciente ser examinado pelo consultor. A figura 1 esquematiza a sistemática de contra-referência. As interconsultas físicas são submetidas a uma pré-avaliação (triagem). Todas solicitações de interconsulta, atendidas ou não, têm sua contra-referência. Os relatórios (contra-referência) seguem modelo: listagem dos problemas, medicamentos em uso, recomendações, sendo anexado um impresso com as formas de contato e normas de funcionamento do projeto (anexo 1). B- Estágios Médicos e demais áreas: são oferecidos estágios médicos que consistem em treinamento voltado para clínicos gerais atuando nos cuidados primários. Também são oferecidos estágios para enfermeiros, terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas. C- Reuniões Clínicas: ocorrem mensalmente, das 19 às 20 h, na sala 3052 da Faculdade de Medicina, com enfoque para discussão e apresentação de casos clínicos.Estão abertas a todos os médicos, especialmente para aqueles que atuam nos cuidados primários. D- Cartilhas: a elaboração de cartilhas de temas específicos em endocrinologia, escolhidos a partir da demanda objetiva de interconsultas realizadas. Estes manuais (cartilhas) são voltados para os clínicos gerais atuando na atenção primária. E- Ensino a distância: a elaboração de cursos não presenciais, independente do RCR, mas centrados nos problemas e dificuldades identificados pelo sistema RCR. A metodologia está sendo desenvolvida em curso específico da BIBLIOMED. A estratégia será curso não presencial, com carga presencial ambulatorial mínima de 12h. H- Grupos operativos: a formação de grupos de pacientes portadores das mesmas doenças endócrinas, moderados por acadêmicos de Medicina, sob orientação do coordenador do projeto.

Resultados e Discussão

Iimplantação deste projeto produziu modificações na dinâmica de atendimento do SEEM, priorizando a sua atuação como centro de referência, reforçando sua função acadêmica. Adicionalmente, observou-se um aumento do número de primeiras consultas (interconsultas) e modificação do perfil da clientela, com aumento da complexidade e diversidade. Ampliação de canais de comunicação, com outras linhas de telefone, e disponibilização de FAX, além de e-mail e telefone celular. Cadastramento da clientela atendida. Criação de parâmetros para avaliação também quantitativa de nossas atividades. Treinamento dos acadêmicos com a softer EPI INFO. Sistematização de sistema seguro de triagem (pré-avaliação) das solicitações de interconsultas convencionais (físicas). São frequentes os encaminhamentos sem referência médica nos cuidados primários. O fato de estarmos no Campus da Saúde (UFMG) e a própria forma de desorganização do sistema de saúde reforça o problema. E isto é resolvido, pelo menos parcialmente, através das triagens (pré-avaliações) e da contra-referência sistemática ao clínico no centro de saúde local. Encaminhamentos indevidos, seja pela má indicação, seja pela falta de dados objetivos e até mesmo ilegíveis, são muito comuns. Alguns profissionais sistematicamente referem-se a indivíduos que não são seus pacientes, não tendo os examinado. Estabelecimento de uma hierarquização de prioridade de atendimento das interconsultas físicas solicitadas. Como era de se esperar tem sido observado uma demora no atendimento das interconsultas físicas, em média de 3 meses. Após a pré-avaliaçâo (triagem), as consultas são liberadas para o agendamento segundo uma classificação: prioridade 1 ou “urgente”, atendida no máximo em duas semanas, independentemente da disponibilidade de vagas pré-estabelecidas, eletivas de prioridade 2 e 3. Essa última será agendada sempre após as demais. Realização de “mutirões” mensais de primeiras consultas, numa tentativa de aumentar nossa capacidade de interconsultas físicas. Interação com outros projetos de extensão. Estamos trabalhando com a professora da Escola de Enfermagem, Heloísa de Carvalho Torres, coordenadora do projeto “Programa educativo através de jogos para o grupo operativo de diabéticos”, desde outubro de 2000. Reuniões clínicas do

GEPSEEM. Definição de clientela cativa do SEEM (anexo 1). Estabelecimento de parceira com o Ambulatório do Carmo-Sion. Desenvolvimento do subprojeto "GRUPOS OPERATIVOS: uma alternativa pedagógica", em fase piloto desde setembro de 2003 com um grupo de obesos. Esse instrumento, que integra atividades de extensão e pesquisa, está em fase de implantação (projeto piloto) e baseia-se no fato de que o trabalho em grupo amplifica o atendimento individual. Tem como objetivo incentivar troca de experiência entre os pacientes, assim como o aprendizado a respeito da própria doença e estímulo a mudanças no estilo de vida. Também os profissionais de saúde, um dos alvos desta atividade, ao se defrontar com as dificuldades encontradas pelos pacientes na convivência com a doença, modificam/ampliam sua visão do problema; participação dos acadêmicos nas atividade de Grupo Operativo em Diabetes Mellitus do Ambulatório do SEEM (Borges da Costa), todas segundas-feiras e quartas-feiras. Nestas oportunidades têm sido convocados para realizar exposições de temas específicos. Por considerarmos a referência e contra-referência como instrumento inesgotável de capacitar e formar profissionais na área de saúde, nos propomos a investigar as suas características atuais, procurando identificar as dificuldades e as soluções para sua efetivação. Considera-se este um potente instrumento de capacitação, pois se baseia numa situação/problema concreta e em curso. Todos agentes/atores do processo, consultor, estagiário (aluno), consulente e paciente aprendem/ exercem, cada um a seu modo, a estabelecer a necessária conexão clínico geral (cuidado primário) - serviço de referência (especialidade). O sub-projeto de "interconsultas à distância", parte do instrumento "interconsultas", vem cumprir tal papel. Estamos desenvolvendo os seguintes subprojetos, todos em fase de discussão: "INTERCONSULTAS À DISTÂNCIA: Uma Avaliação do Sistema de Referência e Contra-Referência sob o ponto de vista de um Serviço de Referência em Endocrinologia em Belo Horizonte", "INTERCONSULTAS A DISTÂNCIA: Uma Avaliação do Sistema de Referência e Contra-Referência sob o ponto de vista da Atenção Primária em Belo Horizonte", "INTERCONSULTAS À DISTÂNCIA: Uma Avaliação do Sistema de Referência e Contra-Referência sob o ponto de vista dos Pacientes em Belo Horizonte". O primeiro está sendo desenvolvido pelo Prof Josemar de Almeida Moura, como projeto de dissertação de mestrado, para o Curso de Pós-Graduação em Clínica Médica, recentemente criado. Capacitação em Educação à Distância (EAD), em curso, voltada para viabilizar a capacitação dos clínicos na atenção primária. EAD será, juntamenta com a própria RCR, a nossa estratégia de capacitar – educação continuada. Cursos à disância têm como objetivo viabilizar a capacitação de profissionais, sobretudo os médicos atuando nos cuidados primários. O coordenador do projeto está sendo submetido à um treinamento de Ensino à Distância ministrado pela Bibliomed. Em um futuro próximo estaremos discutindo a organização de cursos não-presenciais voltados para os clínicos atuando nos cuidados primários (especialmente os clínicos gerais e do programa saúde da família), acadêmicos de medicina e médicos residentes. Estudo do método de pesquisa qualitativa, necessário para uma efetiva avaliação de nossas atividade. Estabelecemos interface com o grupo de oficinas da Pediatria, através da mestranda Patrícia Guimarães, orientada pelo Prof Roberto Assis Ferreira. Este projeto foi apresentado na Semana do conhecimento da UFMG - 3° Encontro de Extensão - IV Semana da Graduação, ocorrido entre os dias 18 e 22 de setembro de 2000 e na 2a. Semana do Conhecimento da UFMG - 4° Encontro de Extensão - V Semana da Graduação, ocorrido entre os dias 21 a 23 de fevereiro de 2002 18- Foram elaborados manuais (cartilhas) de orientação de temas específicos como tireotoxicose, hipotireoidismo e nódulos da tireóide, que foram publicados pela Cooperativa Médica (COOPMED) em outubro de 2001. Estes temas foram escolhidos a partir da demanda objetiva de interconsultas realizadas. Atualmente estamos em fase de publicação da cartilha de Diabetes Melito, diagnóstico e terapia, e Pé Diabético. Reconhecimento da atividade dos alunos pelo Colegiado do Curso Médico, dentro da proposta de flexibilização curricular. Dentro da estratégia de divulgar o projeto e melhorar a interface com outras instituições, o coordenador deste projeto ministra aulas presenciais em Doenças da Tireóide aos médicos do PSF, desde final de 2002, por intermédio do Pólo de Capacitação, Formação e Educação Permanente de Pessoal para Saúde da Família (UFMG). Foi elaborado um manual "Tireóide para Clínicos" a partir de nossa cartilha, disponível na internet (site do BHVida).

Conclusão

Pode-se concluir que desde 1999, quando o trabalho foi inicado, conseguiu-se de modo sistemático identificar dificuldades e resolvê-las, sempre ajustando-as à realidade sócio-econômica. Conseguiram-se inúmeros "produtos", incorporou-se experiência – uma práxis no sistema de referência e contra-referência integrando atividade assistencial, ensino e pesquisa, pois é esta é a nossa essência, o curso natural de uma atividade crítica e sustentada em um

ambiente universitário. Consideramos que o nosso projeto é ambicioso, complexo, podendo ser considerado como um programa de extensão. Inicialmente, um sonho, hoje uma dura experiência a ser trabalhada. Aos poucos vamos lapidando-o, focalizando as nossas atividades a partir da experiência. Todo o nosso esforço se concentra na crença do seu ilimitado potencial pedagógico e as suas inúmeras implicações na assistência em saúde ao indivíduo.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão, Centro de Saúde do Carmo-Sion, Ambulatório Carmo-Sion/Província Carmelitana de Santo Elias

Referências

Alsever RN. Specialist versus primary care: not an easy question. Physician Exec. 1995;21(1):39-41.
Bemfam. Brasil: Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde, 1996. BEMFAM, Rio de Janeiro, 1997.
Bergus GR, Sinift SD, Radall CS, Rosenthal DM. Use of an E-mail curbside consultation service by family physicians. J Fam Pract. 1994;47(5):357-60.
Bertakis KD, Callahan EJ, Azari R, Robbins, JA. Predictors of patient referrals by primary care residents to specialty care clinics. Fam Med. 2001; 33(3):203-9.
Hernando AJY, Ramos MTB, Juez, AAJ. An analysis of the referrals to specialist consultations made in a health center. Aten Primaria. 1991; 8(6):472-6.
Kuo D, Gifford DR, Stein MD. Curbside consultation practices and attitudes among primary care physicians and medical subspecialists. JAMA. 1998; 280(10): 905-9.
Javalgi R, Joseph WB, Gombeski WR Jr, Lester JA. How physicians make referrals. J Health Care Mark. 1993; 13(2), 6-17.
Lee T, Pappius EM, Goldman MD. Impact of Inter-Physician communication on the Effectiveness of Medical Consultations. Am J Med. 1983; 74(1):106-12.
Leinung MC, Gioanoukakis AG, Lee DW, Jeronis SL, Desemone J. Comparison of diabetes care provided by an endocrinology clinics and primary-care clinic. Endocri Pract. 2000; 6(5): 361-6
Palma VM, Delgado H, Fischer M. Incap: Atualización de conocimientos de medicos utilizando tecnicas de educación a distancia. Educ Med Salud. 1991; 25(3):315-324.
Pena-Dolhun E, Grumbach K, Vranizan K, Osmond D, Bindman AB. Unlocking Specialists’ Attitudes Toward Primary Care Gatekeepers. J Fam Pract. 2001; 50(12):1032-7.
Rozenbojm J, Palladino E, Azevedo AC. Sistema experto de diagnóstico clínico para el apoyo de la primera consulta. Salud Publica Mex. 1993; 35(3):321-5
Roulidis ZC, Schulman KA.Physician Communication in Managed Care Organizations: Opinions of Primary Care Physicians. J Fam Pract. 1994; 39(5):446-51.
Mego RA, Khakoo RA, Burnside CA, Lewis MJ The benefits of telephone-access medical consultation. J Rural Health. 1993; 9(3): 240-5.
Sonis A. Educación em ciências de la salud y atención médica: análisis de su interrelación. Educacion Medica y Salud. 1976; 10(3):233-253.
Williams PT, Peet G. Differences in the value of clinical information: referring physicians versus consulting specialists. J Am Board Fam Pract. 1994; 7(4):292-302.

Anexo 1

Do: Grupo de Extensão e Pesquisa do Serviço Especial de Endocrinologia e Metabologia (GEPSEEM) / H das Clínicas da UFMG.
Para: Médicos e demais Profissionais de Saúde

Orientações para interconsultas no GEPSEEM

1)- O ambulatório atende pacientes com mais de 12 anos.
2)- Nossas avaliações têm caráter preferencial de INTERCONSULTA. Portanto, na grande maioria das situações, o paciente será contra-referenciado ao médico consulente e/ou à sua referência médica nas unidades primárias.
3)- Os clínicos na atenção primária não acumulam experiência suficiente na abordagem de alguns transtornos, necessitando referir ao endocrinologista. Deve ficar claro que isto não implica num desligamento do paciente à sua referência na atenção primária. Ao contrário, sempre que possível e necessário o paciente deverá ter um acompanhamento conjunto, de ambos clínico geral e especialista. São estas as condições que a princípio o clínico deve referir: (a)- nódulos da tireóide; (b)- tireotoxicose; (c)- câncer da tireóide; (d)- DM tipo 1; (e)- doenças do hipotálamo e hipófise; (f)- doenças das adrenais; (g)- HAS endócrina; (h)- disfunções gônadas; (i)- hirsutismo e hiperandrogenismo; (j)- ginecomastia; (k)- desordens da diferenciação sexual; (l)- transtornos endócrinos da puberdade; (m)- transtornos do metabolismo mineral e doenças metabólicas ósseas; (n)- transtornos endócrinos na gravidez. Estes mesmos transtornos endócrinos (item 3) são os que um especialista de outra área ou um médico atuando fora do contexto dos cuidados primários (p ex numa policlínica ou pronto atendimento) pode encaminhar o paciente sem uma avaliação prévia de um clínico, médico referência do paciente na unidade primária. EVITAR ENCAMINHAR PACIENTES COM HIPOTIREOIDISMO PRIMÁRIO e DM TIPO 2, principalmente os que já tenham clínicos assistindo ao paciente, salvo situações (problemas) específicos.
4)- Nosso ambulatório não atende obesidade isolada, salvo as com suspeição de obesidade secundária a um transtorno endócrino.
5)- A solicitação de interconsulta deve ser preenchida com o diagnóstico suspeito, procurando, sempre que possível, explicitar as dificuldades encontradas. Devem conter os achados (alterações) clínicos e laboratoriais.
6)- URGÊNCIAS: Caso um paciente precise de uma avaliação mais rápida, este aspecto deve estar explicitado. Sugere-se que o médico consulente telefone ao SEEM. Se necessário, ligar para Dr Lucas José de Campos Machado, nos tel 32489551 ou 32489552 (2ª f tarde) ou 99768852 (preferencialmente às 2ª, 3ª e 6ª feiras, à tarde)
7)- Alternativamente às interconsultas físicas (com a presença do paciente), estamos realizando interconsultas por: e-mail (gepseem@medicina.ufmg.br); FAX (3248-9745); telefones fixos (32489552 e 32489551); celular (99768852; preferencialmente às 2ª f tarde).
8)- O agendamento das interconsultas é feito diretamente nos ambulatórios (Borges da Costa), desvinculado da Central de Consultas. O paciente (ou seu representante) deve deixar a solicitação na secretaria do ambulatório. É necessário que deixe também os exames laboratoriais. INFORMAÇÕES nos telefones 32489551 e 32489552.
9)- Ambulatório Borges da Costa: (a)- telefones: 32489552 e 32489551; (b)-localização: Campus da Saúde, entre os prédios da Faculdade de Medicina e do Ambulatório Bias Fortes, com entrada pela Av.Alfredo Balena, 190 – entre Hospital das Clínicas e o “Pronto Socorro”.

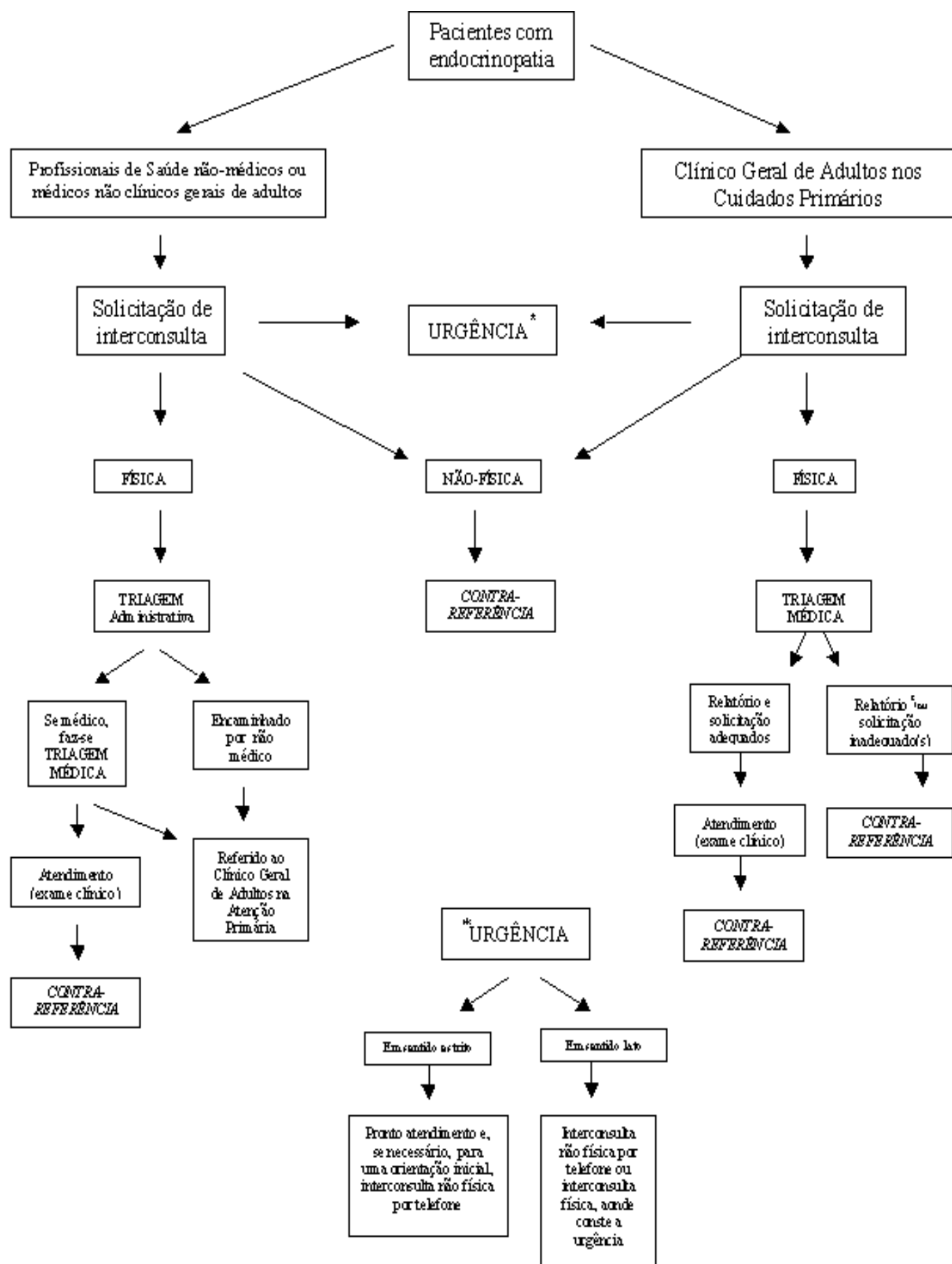



Fig 1 – Fluxograma do sistema de consultoria médica

CIRURGIA E TRAUMATOLOGIA BUCO-MAXILO-FACIAL

Wagner Henriques Castro[1], Juliana Diogo de Almeida Sampaio, Daniel Quintela Maia[2], Janaína Gandra Lages, Cátia Mantini[3]

Introdução

A Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial (CTBMF) tem ocupado um lugar de destaque entre as especialidades odontológicas, sendo cada vez mais amplo seu campo de atuação e conseqüentemente maiores os benefícios oferecidos aos pacientes que dela necessitam. Paralelamente a isso, é crescente o número de pessoas que buscam, nas instituições públicas de saúde, o atendimento para suas necessidades odontológicas, em virtude de verem sua limitada condição sócio-econômica lhes fecharem as portas dos consultórios particulares. A Faculdade de Odontologia da UFMG (FO-UFMG) historicamente, através de seus organismos e especialmente da Extensão, tem-se mostrado coesa com o compromisso de trabalhar com as classes populares, procurando, na medida do possível, criar programas e projetos, que beneficiem as comunidades econômico e socialmente carentes. O restabelecimento da saúde bucal, muitas vezes, passa pela necessidade de intervenções cirúrgicas especializadas. Entretanto, o currículo de graduação em odontologia oferece poucas oportunidades para alunos se aprofundarem em temas mais específicos da CTBMF. Este Projeto de Extensão, criado em 1996, pretende ampliar as oportunidades de reflexão sobre temas relacionados à cirurgia odontológica, além de estender as condições de treinamento da prática cirúrgica, de modo que isto venha a contribuir para a melhoria na formação do profissional de odontologia, bem como beneficiar um número maior de pacientes.

Objetivos

Ampliar as oportunidades de estudo e prática da CTBMF pelos alunos de graduação da FO-UFMG.; proporcionar atendimento clínico-cirúrgico especializado aos pacientes que procurarem a FO-UFMG.; confeccionar material didático; produzir trabalhos científicos; e apresentar trabalhos em eventos científicos.

Metodologia

Três alunos do curso de graduação em odontologia da FOUFMG, cursando 6°, 7° e 8° períodos, foram selecionados através de entrevista, análise do currículo e avaliação teórica. Ao final de cada período letivo, um novo acadêmico do 6° período é selecionado pelo mesmo critério supracitado para substituir o aluno do 8° período que, assim, terá concluído a sua participação no Projeto. Cada aluno de extensão possui atribuições diferenciadas e desempenha atividades específicas dentro do Projeto, sendo que estas apresentam um nível crescente de complexidade, de modo que cada período representa uma etapa evolutiva dentro da formação do curso de graduação. As atribuições individuais são entregues a cada aluno no início de sua participação no projeto. O aluno do 8° período, coordenador-acadêmico, exerce funções de coordenação dentro do projeto, sendo responsável pelo controle da agenda cirúrgica, marcação de seminários, distribuição e fiscalização das tarefas, etc. Em linhas gerais, a participação dos alunos envolve: eExame clínico pré e pós-operatório dos pacientes e preenchimento dos prontuários dos mesmos; planejamento das cirurgias a serem executadas dentro do projeto, junto ao professor-coordenador; auxílio e instrumentação em cirurgias em nível ambulatorial e hospitalar; execução de procedimentos cirúrgicos em nível ambulatorial pelo monitor do 8° período, sob a orientação do professor-coordenador; documentação fotográfica dos casos clínicos; auxílio na confecção de material didático e montagem das aulas a serem ministradas pelo coordenador do projeto em cursos; auxílio na montagem e participação no desenvolvimento das disciplinas nas quais o coordenador do projeto coordena ou atua; horário de estudo na biblioteca da FO UFMG para preparação dos seminários; apresentação de seminários semanais; participação na confecção de trabalhos científicos (artigos

---

[1]Coordenador, [2]bolsistas, [3]voluntárias
Projeto de Extensão em Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial
Número de Registro SiexBrasil: 3275
Área Temática: Saúde
Faculdade de Odontologia
Contatos: wagnercastro@ufmg.br e (31) 3499-2413

de revista, apostilas etc); apresentação de trabalhos em eventos científicos; desenvolvimento de atividades junto ao ambulatório de Semiologia da FO UFMG no período de férias curriculares. Os atendimentos são realizados pelos alunos e/ou professor-coordenador do projeto, dependendo do grau de dificuldade do procedimento e da capacidade dos alunos para executá-los. Os pacientes referenciados ao Projeto são atendidos pelos alunos de extensão, sob a supervisão do professor-coordenador, às segundas-feiras na Clínica 04 e no Núcleo de Cirurgia da FOUFMG, no período entre às 13:00 e 18:00 horas. O atendimento dos casos não-cirúrgicos, a preparação pré-operatória dos pacientes cirúrgicos e o controle ambulatorial dos pacientes em fase pós-operatória são realizados no horário compreendido entre às 13:00 e 14:00 horas e as cirurgias ambulatoriais executadas das 14:00 às 18:00 horas. Os casos cirúrgicos em nível hospitalar e os pacientes do Projeto de Extensão para Atendimento de Pacientes com Necessidades Especiais de Tratamento, que necessitarem de procedimentos odontológicos realizados sob anestesia geral, são tratados às terças-feiras no horário de 7:00 às 12:00 horas no Hospital das Clínicas da UFMG.. Ainda às segundas-feiras, às 19h, são realizadas na sala 3330 da FOUFMG, reuniões para discussão dos casos clínicos atendidos naquele dia e avaliação dos novos casos do Projeto, com a elaboração de seus respectivos planos de tratamento. Além disso, aos sábados das 8:00 às 12:00 horas, os alunos de extensão prestam atendimento aos pacientes do Projeto de Extensão de Assistência Odontológica à Pacientes Transplantados de Medula Óssea. Seminários sobre temas de interesse do grupo relacionados à CTBMF são desenvolvidos semanalmente, na sala 3330 da FOUFMG, em horários convenientes aos integrantes do Projeto. A casuística do Projeto, bem como os estudos efetuados no mesmo, possibilitarão a confecção de trabalhos científicos que serão enviados a periódicos para publicação ou apresentados pelos alunos de extensão em eventos científicos. Os alunos de extensão auxiliam o professor-coordenador em suas atividades acadêmicas desenvolvidas em nível de graduação e pós-graduação. O público alvo atendido pelo Projeto são pacientes portadores de alterações congênitas, patológicas ou traumáticas que acometam a cavidade bucal ou face, e cujo tratamento implique na necessidade de atendimento clínico e/ou de intervenções cirúrgicas especializadas, em âmbito ambulatorial ou hospitalar. O projeto é avaliado semestralmente pelos integrantes do mesmo (professor coordenador e monitores de extensão), tendo como referência o cumprimento dos objetivos para o qual ele foi criado.   Quanto a orçamentos e captação de recursos, não há recebimento de nenhum recurso financeiro específico. A Faculdade de Odontologia e o Hospital das Clínicas lançam as atividades clínicas realizadas no Projeto de Extensão na fatura mensal encaminhada ao SUS (Convênio SUS/UFMG). A realização das atividades é feita de forma ininterrupta durante o semestre letivo e período de férias do curso de graduação.

Resultados e Discussão

O projeto tem se revestido de grande relevância social, uma vez que através dele têm sido proporcionado a muitos pacientes o restabelecimento da saúde bucal através de intervenções cirúrgicas especializadas. Em seus 84 meses de atuação, foram treinados dezoito alunos, foram realizadas consultas ambulatoriais (530), cirurgias em âmbito ambulatorial (350) e cirurgias em âmbito hospitalar (27), foram produzidos materiais de estudo (09) e artigos que foram publicados em revistas nacionais e internacionais (quatro), foram apresentados trabalhos em eventos científicos (27) e houve a promoção de seminários para discussão de casos clínicos e assuntos de interesse do grupo relacionados à CTBMF (346). Além de procedimentos clínicos e cirúrgicos, os alunos do Projeto participam com efetividade, juntamente com os demais bolsistas de extensão, dos eventos promovidos pelo CENEX/FOUFMG. Alguns exemplos são os encontros UFMG Jovem e Domingo no Campus, nos quais são realizadas atividades de conscientização e educação para a saúde geral e bucal, confecção de pôsteres e jogos educativos, instruções de higiene oral para a população em geral e promoção de mini-palestras. Os alunos têm participação em fóruns de discussão promovidos pela PROEX, reafirmando o compromisso acadêmico com a Universidade.

Produtos Gerados

Pode-se ressaltar a importante produção direta do Projeto através de dados já citados, os quais estão presentes na Tab. 1. Os produtos indiretos do Projeto não podem ser expressos em números e são representados pela resolução de problemas de inúmeros pacientes. A promoção de saúde a pacientes com alterações patológicas; a redução do desconforto de pacientes com sintomatologia dolorosa relacionada a fraturas ósseas, dentes inclusos e infecções na região buco-maxilo-facial; o atendimento de qualidade a pessoas sócio-economicamente desfavorecidas; o

diagnóstico de alterações malignas em conjunto com o ambulatório de Patologia Odontológica da FOUFMG, seguido de encaminhamento para tratamento em centros especializados; e restabelecimento da estética facial e satisfação pessoal do paciente são alguns dos benefícios sociais promovidos.

Alunos treinados	18
Consultas ambulatoriais	530
Cirurgias em âmbito ambulatorial	350
Cirurgia em âmbito hospitalar	27
Materiais de estudo produzidos	09
Artigos publicados em revistas nacionais e internacionais	04
Trabalhos apresentados em eventos científicos	27
Seminários	346

TAB.1 Resumo dos produtos diretos gerados pelo Projeto de Extensão.

Conclusão
O Projeto de Extensão em Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial tem demonstrado efetividade no atendimento a pacientes com necessidades cirúrgico-odontológicas. A produção científica, intimamente vinculada à aplicação dos conhecimentos na prática odontológica, mostra-se fundamental para a formação acadêmica de futuros cirurgiões-dentistas, conscientes de sua função de promotores de saúde. O projeto vem cumprindo seus objetivos e tem como perspectivas a ampliação das atividades de pesquisa e das cirurgias hospitalares, a partir de convênio já firmado com o Hospital das Clínicas da UFMG.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão

PRESTAÇÃO DE SERVIÇO ASSISTENCIAL AMBULATORIAL DE TERAPIA OCUPACIONAL EM SAÚDE FÍSICA

Ciomara Maria Pérez Nunes[1], Liliane Moraes Amaral[2], Adriana M Valladão N. Rodrigues, Johanna Noordhoek, Gisele Beatriz Alves[3], Amanda Alves Medeiros, Ana Cristina Floriano de Oliveira, Andreza G. Guimarães Medina, Ariane, Batista de Souza, Camila Alves de Oliveira, Carolina Schaper, Christiane Souza Vilela, Cláudia Garcia Perrout de Lima, Flávia Aparecida Porto Guimarães, Gabriela Nunes Ferreira, Igor Simões Andrade, Laniele Cristine Muniz, Luciana Reis Beraldo, Luciana de Freitas Bechtlufft, Luciana Fossali Martins, Mara Cristina Alves Parreira, Míriam Almeida Natias, Sabrina P. Neisen Gonçalves, Vívian Fonseca Pena, Vanessa Pio Diniz Gomes[4]

Introdução

O serviço de assistência à saúde desenvolvido pelo Núcleo de Saúde Física do Departamento de Terapia Ocupacional no Ambulatório Bias Fortes do HC/UFMG remonta à criação da Terapia Ocupacional nesta universidade. É um serviço que, além de atender à demanda gerada dentro do próprio complexo HC/UFMG, tem gerado recursos importantes, financeiros e de pessoal, para o desenvolvimento da prática clínica hoje inserida no currículo de graduação. O Departamento de Terapia Ocupacional investiu seus recursos, advindos do programa ProGrad da UFMG, na reforma e adequação do espaço físico e compra de equipamentos, sempre visando a resguardar o bom atendimento à comunidade e propiciar a prática Terapêutica Ocupacional prevista no currículo. O Projeto "Prestação de Serviço Assistencial Ambulatorial de Terapia Ocupacional em Saúde Física", fruto da aspiração e planejamento das professoras do Núcleo de Saúde Física, assistiu à população de pacientes adultos e idosos com alteração da performance ocupacional devido às disfunções físicas. É demanda histórica e integrada da atividade de Terapia Ocupacional no Ambulatório Bias Fortes do Complexo Hospitalar das Clínicas da UFMG com as demais Clínicas/ Especialidades e é a continuação do Projeto "Prestação de Serviço Assistencial para a Manutenção, Adequação e Ampliação da Terapia Ocupacional em Saúde Física do Ambulatório Bias Fortes/HC/UFMG, n.º de registro SIEX Brasil 6166, encerrado em junho de 2002. Funcionando em atividade regular de vinte horas semanais, todos os dia, com participação direta das professoras do Núcleo de Saúde Física DTO/EEFFTO que dedicam oito horas semanais ao Projeto, duas Terapeutas Ocupacionais voluntárias, recém formadas e ex-alunas da UFMG, além dos alunos de graduação em Terapia Ocupacional voluntários que variaram em número entre junho e novembro, devido a passagem do 1º para o 2º semestre letivos de 2002, recesso escolar e suas respectivas alternâncias de disponibilidade de horários, tendo dado oportunidade de experiência clínica a muitos aluno. As principais disfunções físicas vêm das clínicas neurológicas, Ortopédicas, Reumatológicas, entre outras. Os pacientes têm sido encaminhados do próprio Ambulatório Bias Fortes, espontaneamente, e por outras instituições públicas municipais e estaduais. É campo rico para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas multe e interdisciplinares, terreno sólido para as futuras propostas acadêmicas de adequação curricular, através da prática continuada ao longo do curso, em lugar de concentrada nos últimos períodos como atualmente, cursos de pós-graduação lato senso para, inclusive, fomentar a geração de recursos do Departamento de Terapia Ocupacional, além da verba já recolhida com a assistência prestada e, não menos importante, antecipação do contato dos alunos com a prática clínica tão almeja, compartilhando o trabalho diretamente com os docentes. Não onera financeiramente o Ambulatório Bias Fortes por utilizar recursos da própria geração percentual de verbas dos atendimentos, além de administrar agendamentos e comunicações internas no próprio Setor de Terapia Ocupacional pelos alunos. É trabalho que honra os investimentos das verbas ProGrad/UFMG em 2000 e 2001, investidos em reformas e compra de equipamentos e materiais Terapêuticos Ocupacionais, permite que tentemos manter, sem interrupções, a assistência à população em decorrência dos diferentes períodos letivos da UFMG, amplia a integração e a divulgação da Terapia Ocupacional entre as outras Clínicas/Especialidades. Mantendo os atuais atendimentos lá prestados, adequando os horários, metas,

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenadora, [3]docentes, [4]voluntários

Número de Registro SiexBrasil: 6674

Área Temática: Saúde

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Contatos: ciomara_nunes@uol.com.br e (31) 3499-4790

procedimentos e intervenções, e ampliação a demanda específica através de contatos sistemáticos com outras equipes e especialidades, estamos construindo e moldando aquele atendimento também à pesquisa e pós-graduação.

Objetivos
Prestar serviço de Terapia Ocupacional à população com afecções em Saúde Física do Ambulatório Bias Fortes; potencializar uso de recursos humanos e materiais para atender às reais demandas do ensino de graduação; desenvolver atenção à comunidade pela extensão e construção e ordenação do serviço à pesquisa e pós-graduação, sem interromper ou deixar desassistida a população atualmente vinculada ao atendimento de Terapia Ocupacional em Saúde Física daquele ambulatório; prestar serviço assistencial de Terapia Ocupacional em Saúde Física à população, sem interrupções atreladas aos calendários letivos da universidade; ampliar a capacidade de assistência para suprir a demanda represada, cumprindo importante papel sócio-assistencial da universidade para com a comunidade externa carente em serviços de saúde especializados; propiciar educação continuada aos alunos de graduação em Terapia Ocupacional orientada ao aprofundamento clínico, técnico e científico; e garantir e ampliar geração de recursos do Departamento de Terapia Ocupacional, através repasses percentuais referentes aos atendimentos e a geração de novos recursos com o planejamento e a execução de outros Projetos.

Metodologia
Os atendimentos foram realizados pelos/as alunos e alunas sob supervisão direta e integral dos professores envolvidos no projeto e na última semana, a primeira, de março/2003, os alunos tiveram desempenho avaliado segundo critérios anexados no Projeto.

Resultados e Discussão
Foram feitos, em média, 240 atendimentos semanais, o que totaliza, em média 2400 atendimentos nos dez (10) meses de vigência do projeto. A atenção às desordens musculoesqueléticas tiveram a maior parte dos horários – vinte e oito horas semanais (28), enquanto a atenção às desordens do controle motor, saúde do trabalhador e às afecções reumatológicas tiveram quatro (04) horas de atendimento semanal cada especialidade, totalizando o período semanal de atendimento em quarenta (40).horas, conforme planejado. **(Atenção: ver anexo SaúdeFísica333.doc, documento do Word).**

Produtos Gerados
Assistência especializada de Terapia Ocupacional em 2409 atendimentos em 10 meses de funcionamento; três novos Projetos de Extensão Assistencial Especializados de Terapia Ocupacional: SiexBrasil 576, 577 e 574; dezesseis trabalhos apresentados em eventos científicos como poster ou palestras; aulas práticas de três disciplinas do Curso de Graduaçâi e apresentações do PID; dois Projetos de Pesquisa e a criação do CAMTO: Centro de Estudos e Pesquisas de Avaliação e Medidas em Terapia Ocupacional; geração de material didático na forma de Casos Clínicos e imagens de procedimentos de avaliação e intervenção; prestação de Serviço de Terapia Ocupacional na Saúde do Trabalhador e Fibromialgia - SiexBrasil 576. **(Atenção: ver anexo SaúdeFísica333.doc, documento do Word).**

QUADRO 1: Alunas envolvidas no Projeto SIEX 576.
Daniela Borel de Menezes – 9942734 - 20 horas semanais – 08 meses - bolsista
Iza de Faria - 9942815 - 20 horas semanais – 08 meses - voluntária
Marina Pontelo Costa - 9942955 - 04 horas semanais - 06 meses - voluntária
Christiane Souza Vilela – 9842012 – 04 horas semanais – 03 meses - estagiária
Carina Iracema Bigonha - 9841989 - 04 horas semanais – 04 meses - voluntária
Cláudia Guimarães Rocha Miranda – 0039663 - 08 horas semanais – 01 mês - voluntária
Daniela Campos de Almeida - 9844597 - 08 horas semanais – 01 mês - voluntária
Isabella Mendes B. Santos - 1041572 - 08 horas semanais – 01 mês – voluntária
Cristiane Regina Reis Ribeiro – 0039671 - 08 horas semanais – 01 mês - voluntária
Quadro 1: Alunas envolvidas no Projeto com tempo de atividade, horas semanais e vínculo.

8 pôsteres e palestras, 2 monografias de Curso, 1 Pesquisa, 1 Especialização.

9. Prestação de Serviço de Terapia Ocupacional nas Disfunções do Controle Motor - SiexBrasil 577
Prestação de Serviço de Saúde à Comunidade, Integração de Trabalho entre Equipes e Especialidades, Educação Continuada através da Assistência Ambulatorial em Terapia Ocupacional Programada para os Distúrbios dos Sistemas Nervosos Central e Periférico. **(Atenção: ver anexo SaúdeFísica333.doc, documento do Word).**

QUADRO 1: Alunas envolvidas no Projeto.
Iza de Faria - 9942815 - 20 horas semanais – 08 meses - bolsista
Daniela Borel de Menezes – 9942734 - 20 horas semanais – 08 meses - voluntária
Marina Pontelo Costa - 9942955 - 04 horas semanais - 06 meses - voluntária
Lílian Castro da Silva - 9942904 - 04 horas semanais – 06 meses – monitora
Christiane Souza Vilela – 9842012 – 04 horas semanais – 03 meses - estagiária
Carina Iracema Bigonha - 9841989 - 04 horas semanais – 04 meses - voluntária
Thaís Helena Ferreira Cardoso – 0040165 - 08 horas semanais – 01 mês - voluntária
Luciana Gomes - 0039990 - 08 horas semanais – 01 mês - voluntária
Fabiana Fernandes Neves - 0039787- 08 horas semanais – 01 mês - voluntária
Quadro 1: Alunas envolvidas no Projeto com tempo de atividade, horas semanais e vínculo.

6 pôsteres e palestras, 2 Monografias de Curso, 1 Pesquisa, Material didático.

10. Prestação de Serviço Terapêutico Ocupacional junto a pacientes Portadores de Desordens Musculoesqueléticas no Ambulatório Bias Fortes / HC / UFMG - SiexBrasil 574
1123 pacientes foram atendidos, em sua maioria, procedentes das clínicas de Ortopedia e Traumatologia, pós-cirúrgicos recentes,.a confecção de órteses (aparelhos acrescentados ao corpo para substituir uma função motora ausente, para restaurar a função, auxiliar na função de músculos debilitados, para posicionar uma parte do corpo ou corrigir deformidades) tem sido regularmente utilizada como um dos recursos de tratamento desta clientela. Foram fabricadas, em média., cinco órteses por mês, com controle sistemático do terapeuta e equipe. Vem-se tornando referência para as várias especialidades do HC e outras instituições de saúde de Belo Horizonte; um bolsista de extensão e 20 acadêmicos voluntários, 10 no 1º semestre e 10 neste 2º; 1 projeto de pesquisa para investigar órtese na recuperação do pós-cirúrgico imediato de pacientes portadores de Síndrome do Túnel do Carpo em fase de coleta de dados.

Conclusão
O projeto ofereceu oportunidade aos alunos do curso, inclusive àqueles dos períodos iniciais, de entrarem contato com o paciente da Clínica de Terapia Ocupacional em Saúde Física propiciando aprofundamento de estudo, e a aplicação dos conhecimentos teóricos à prática clínica. Este trabalho gerou outros projetos de extensão e pesquisa, hoje em desenvolvimento, ampliou a demanda e a especialização da clínica de Terapia Ocupacional do Ambulatório, e mantém envolvidos todas as professoras do núcleo em 8 horas semanais de atividade naquele ambulatório. Com a concessão de apenas três (03) das doze (12) bolsas solicitadas nos projetos vigentes no momento como decorrência direta deste trabalho, a ampliação no número de atendimentos foi de quase 50% e a produção científica de, pelo menos, quinze (15) trabalhos acadêmicos, a partir da criação do CAMTO: Centro de Estudos e Pesquisas de Avaliação e Medidas em Terapia Ocupacional: “Gerenciamento da dor crônica: estruturação do controle diário da dor por associação de imagens”; “Avaliação funcional: comparação da sensibilidade de instrumentos padronizados na aferição do desempenho ocupacional entre pacientes com diagnósticos diferentes”; “Avaliação funcional: comparação da sensibilidade dos instrumentos padronizados em D.O.R.Ts. e Fibromialgia – Katz, Barthel e HAQ”; “Associação de resultados da avaliação funcional – DASH, com protocolos específicos de dor – ‘Brief Pain’, e de Fibromialgia – FIQ”; “Comparação do desempenho funcional de adultos e idosos com disfunções neurológicas medido por observação e auto-percepção”; “Índice de qualidade de vida dos pacientes com dor crônica – Perfil de Saúde de Nottingam (PSN)”; Revisão de literatura: Indicador de Barthel”; Revisão de literatura: Índice de Katz”;

"Intervenção clínica & estratégia pedagógica: o caso de uma portadora da síndrome de Charcot-Marie-Tooth"; "Comparação da sensibils resultados da utilização de instrumentos de avaliações funcionais padronizadas nos DORT e Fibromialgia: Katz, Barthel e HAQ."; "Ficha de CONTROLE DIÁRIO DA DOR: Instrumento intermediário entre a Terapia Ocupacional e a reformulação do cotidiano do paciente com dor crônica"; "A Terapia Ocupacional e as Disfunções Neuroló dos Instrumentos Padronizados em Disfunções do Controle Motor"; "Análise das áreas de desempenho ocupacional a partir da Ficha de Controle Diário da Dor"; "Análise de variância da Medida de Independência Funcional – MIF, em diferentes disfunções neurológicas de adultos hospitalizados."; "Terapia Ocupacional no gerenciamento da dor crônica: ambulatório Bias Fortes". Os resultados apresentados também demonstram a relevância deste projeto para a comunidade externa, não só no que diz respeito ao número de atendimentos como à qualidade do serviço prestado. Destacamos a clientela atendida que constitui-se essencialmente de indivíduos com seqüelas relacionadas a patologias ou traumas que demandam acompanhamento sistemático de modo a evitar a instalação de incapacidades e permitir o retorno precoce às atividades cotidianas. As atividades de extensão, particularmente fundamentadas na assistência à saúde e na saúde e segurança no trabalho, é a base para o desenvolvimento não só da própria atividade estensionista, mas o alicerce para o desenvolvimento das atividades de ensino e pesquisa. Para o ensino, observa-se com este projeto que a inserção do aluno mais precocemente na clínica possibilita o aprendizado mais efetivo do conteúdo discutido nas disciplinas curriculares. Além disso, o aluno tem despertado para a clínica investigatória, essencial para desenvolver conhecimento. Com este projeto foi possível confeccionar material didático por imagens e construção de casos clínicos ilustrativos dos conteúdos das disciplinas da graduação, foi possível desenvolver aulas práticas de pelo menos três (03) disciplinas do curso e é fonte inesgotável de temas que alimentam projetos da graduação com PID e PAD. Para a pós-graduação nos permite formular palestras, cursos e aperfeiçoamento e, recentemente, estamos em processo de institucionalização do Curso de Especialização em Terapia Ocupacional, Saúde e Trabalho. Para a pesquisa embasa atividades de iniciação científica e a estruturação de linha de pesquisa própria destes professores com suas especialidades nas áreas de desempenho funcional humano. Sem este programa de extensão não poderíamos explorar e canalizar o potencial de desenvolvimento da nossa prática profissional para a essência do trabalho universitário, a integração entre extensão, ensino, pesquisa e pós-graduação. Mesmo tendo ocorrido sem a solicitação e, portanto, m alunos bolsistas, sua conseqüência foi a concessão de três bolsas de extensão vigentes neste mesmo ano e esperamos ampliar nossa capacidade de trabalho.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão

ASSISTÊNCIA MULTIPROFISSIONAL AOS IDOSOS DA CASA DO ANCIÃO DA CIDADE OZANAN

Edgar Nunes de Moraes[1], Maria Ercília Souza[2]

Introdução

O Brasil está envelhecendo rapidamente. De um país predominantemente jovem que, em 1940, tinha 42% de sua população com idade inferior a 15 anos, o Brasil vai experimentando um processo de envelhecimento, com a faixa etária jovem declinando para 30,3% em 1999, e projetando-se para o ano de 2020 uma proporção de apenas 24,3%. Em contrapartida, a população de 60 anos ou mais passa de 4%, em 1940, para 8% em 1999, projetando-se para o ano de 2020, uma proporção de 12%, correspondendo a uma população superior a 25 milhões. As instituições destinadas a prestar assistência aos idosos se tornam cada vez mais necessárias devido ao aumento da expectativa de vida populacional. Além disso, fatores tais como: perda de autonomia causada por incapacidades físicas e mentais, casos de ausência de grupos familiares para prestar-lhes assistência, insuficiência de aporte financeiro do idoso e/ou do seu grupo familiar fazem com que as instituições de longa permanência voltadas para a assistência aos idosos sejam cada vez mais solicitadas. O envelhecimento é um processo dinâmico caracterizado pela redução da reserva funcional do organismo, aumentando sua susceptibilidade às agressões do meio interno e externo. Embora, no plano biológico a ciência tem se preocupado com o prolongamento da vida humana, presencia-se uma situação de marginalização social, pobreza, abandono e baixa qualidade de vida da população idosa. O envelhecimento normal não está necessariamente, relacionado com patologias e incapacidades, entretanto quase todas as patologias crônicas são freqüentemente encontradas nessa faixa etária. Como conseqüência, os idosos necessitam de constante acompanhamento dos serviços de reabilitação com profissionais especializados. A reabilitação requer interdisciplinaridade, e consiste num conjunto de intervenções necessárias para a otimização, preservação ou recuperação das potencialidades bio-psico-sociais do idoso, buscando sua independência funcional. O preceito básico é: "acrescentar vida aos anos e não simplesmente anos à vida". A reabilitação geriátrica é ampla, objetivando o bem estar físico psicológico e social do idoso, potencializando suas funções para torná-lo mais independente, interagindo satisfatoriamente com o ambiente e mantendo suas relações sociais. Devido à complexidade desta intervenção, faz-se necessária uma equipe multi e interdisciplinar com médicos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais que trabalhando com os idosos tentam conseguir esses objetivos propostos.

Objetivos

Avaliar e intervir sob o ponto de vista multiprofissional nos três níveis de atenção à saúde primário, secundário e terciário, junto aos idosos da Casa do Ancião da Cidade de Ozanan; propiciar aos alunos da graduação a oportunidade de vivenciar as experiências no atendimento dos idosos institucionalizados e de estudar sobre suas particularidades; promover a formação de profissionais capacitados para o atendimento aos idosos e para o trabalho em equipe multiprofissional, que requer capacidade de interação e habilidade para absorver novos conhecimentos e acatar diferentes opiniões; promover melhor atendimento aos Idosos Institucionalizados da Casa do Ancião da Cidade de Ozanan, através de um trabalho articulado entre diversos profissionais e principalmente promover a integração do atendimento a estes idosos para que o mesmo tenha coesão e culmine em melhor qualidade de vida para os mesmos.

Metodologia

Assistência médica prestada aos idosos da Casa do Ancião da Cidade de Ozanan pelos residentes de clínica médica (R3 Geriatria) e pelos especializandos em Geriatria do Hospital das Clínicas da UFMG. Reunião semanal para

---

[1]Coordenador, [2]bolsista (Programa de Bolsas de Extensão/Proex)
Número de Registro SiexBrasil: 3253
Área Temática: Saúde
Faculdade de Medicina/Núcleo de Geriatria e Gerontologia da UFMG e Hospital das Clínicas
Contatos: racfled@dedalus.lcc.ufmg.br e (31) 9115-7141

discussão dos casos, entre o coordenador, os alunos e os médicos onde diversos olhares sobre os casos atendidos eram expostos e os casos discutidos promovendo enriquecimento tanto para o grupo que prestava a atenção como para os idosos atendidos. Reunião mensal de toda equipe multiprofissional da Casa do Ancião da Cidade de Ozanan com discussão dos casos por diferentes profissionais, médicos, psicólogos terapeutas ocupacionais, nutricionista, fisioterapeutas, levando em conta os vários aspectos da saúde dos idosos e principalmente sendo sempre levantada a possibilidade de reabilitação e ganho funcional, visando melhor qualidade de vida

Resultados e Discussão

Atendimento aos cem idosos da Casa do Ancião da Cidade de Ozanan proporcionando atenção global voltada para reabilitação e para recuperação da funcionalidade, buscando um envelhecimento bem sucedido que seria definido como perda fisiológica mínima, com preservação da função robusta em uma idade avançada. O processo de envelhecimento é "puro", isento de danos causados por hábitos de vida inadequados, ambientes inapropriados e doenças. É inaceitável a atribuição de toda perda funcional do processo de envelhecimento a senilidade , e não é raro que os próprios profissionais da área de saúde desconheçam que várias das patologias apresentadas pelos idosos são completamente evitáveis, através de uma abordagem precoce dos fatores de risco , e que a maior parte das patologias pode ter seu curso alterado devido uma atenção multiprofissional que priorize a reabilitação funcional e a atenção global ao idoso , buscando o seu bem estar bio-psico-social. Os 100 idosos da Casa do Ancião da Cidade de Ozanan receberam atenção global, que buscava atingir todo o potencial de saúde destes idosos, minimizando as perdas funcionais e buscando a priori evitá-las ou retardá-las. Capacitação de futuros médicos, geriatras e gerontólogos além de outros profissionais de saúde voltados para atenção aos idosos, pois a presença de polipatologia e os níveis múltiplos de intervenção, além da necessidade avaliação ambiental, psico-social e familiar, fazem da atenção ao idoso um campo de atuação único, que torna indispensável a formação de profissionais aptos para atender esta crescente parcela da população. As habilidades que devemos desenvolver são, portanto, inúmeras e impossíveis de serem contempladas integralmente por um único profissional. Daí a importância do trabalho multiprofissional, sem o qual dificilmente otimizaremos a qualidade de vida do nosso paciente. Houve também desenvolvimento de habilidades para trabalho em equipe onde cada um contribuiu para um melhor atendimento ao paciente e também com o enriquecimento mútuo da própria equipe.A Casa do Ancião da Cidade de Ozanan conta com psicólogo, fisioterapeutas, terapeuta ocupacional, nutricionista, enfermeiro e médicos o que proporciona aos 100 idosos atendidos uma atenção global, evitando a fragmentação do paciente que tanto prejudica a sua avaliação. Entretanto, para melhor integração, a discussão dos casos entre os diversos profissionais se torna condição indispensável para que os diferentes olhares sobre o idoso se traduzam em benefício para o mesmo. As discussões semanais proporcionaram crescimento profissional, aprimoramento docente aos alunos que acompanham o projeto, formação de profissionais capazes de atuar futuramente no mercado promovendo uma atenção adequada aos idosos e além disso proporcionou um serviço de qualidade aos idosos atendidos. As discussões mensais foram extremamente enriquecedoras pois promoveram a interação de todos os profissionais que entraram em contato com os idosos e capacitou estes mesmos profissionais a ouvirem opiniões diferentes, os ensinaram a lidar com outros olhares sobre um mesmo problema.

Produtos Gerados

Promoção de melhor assistência à saúde dos 100 idosos da Casa do Ancião da Cidade de Ozanan. Com melhora do padrão funcional e minimização de perdas decorrentes do processo de senescência; capacitação dos profissionais de saúde, para melhor assistência aos idosos visando a formação de profissionais atentos para as particularidades dos idosos; aprimoramento docente aos alunos que acompanham o projeto, iniciando sua formação em uma área ainda carente de profissionais qualificados.

Conclusão

Envelhecer é tornar-se mais vulnerável às agressões do meio interno e externo e, portanto, caracteriza-se por uma maior susceptibilidade nos níveis celular, tecidual, órgãos/aparelhos/sistemas, individual, familiar e social, ou seja, nos diversos níveis da existência humana. Não significa adoecer. Senilidade não é diagnóstico. Um idoso portador de uma doença poderá sentir-se saudável, desde que seja capaz de desempenhar funções, atividades:

capaz de alcançar expectativas e desejos; capaz de manter-se ativo em seu meio, ter alguma função social, efetivar projetos, conseguindo, assim, boa qualidade de vida, podendo realizar-se como ser humano e - o que é mais importante- ser feliz. É importante que a sociedade comece a valorizar os idosos , e que todas as áreas de atuação tanto na saúde como fora dela, aprendam a lidar com esta faixa crescente da sociedade. É preciso oferecer condições para um envelhecimento saudável, e além disso a universidade deve se comprometer com a formação de profissionais capacitados para atender corretamente aos idosos, e que estes profissionais possam aprender a respeitar e a valorizar a atenção multiprofissional ,que tanto os beneficia. A variabilidade é, portanto, cada vez maior na medida em que envelhecemos. A singularidade individual torna-se mais exuberante quando se avalia a dimensão psíquica, familiar e social, ou seja, a integralidade do indivíduo. E, finalmente, trata-se de um processo natural e, conseqüentemente, irreversível. Até o momento, não dispomos de intervenções capazes de reverter ou retardar o envelhecimento fisiológico. A Geriatria e a Gerontologia, numa atenção multiprofissional, buscam preservar ou recuperar a funcionalidade global do indivíduo em todas as dimensões da existência humana. Programas que proporcionam melhoria na qualidade de vida dos idosos e além disso, formam profissionais capazes de promover e fomentar as mudanças para uma melhor atenção destes idosos devem ser incentivados e se mostram valiosos onde há ganhos para a comunidade na figura do paciente atendido, para os docentes e para os profissionais e discentes envolvidos.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão, Sociedade São Vicente de Paula e Centro de Referência em Atenção ao Idoso Caio Benjamin Dias

Referências

BLOOM H.G. Preventive medicine. When to screen for disease in older patients. Geriatrics, v. 56, p. 41- 45, 2001.
CALLAHAN E.H., PARIS B. Midlife periodic health exam in the primary care practice. Geriatrics, v. 52, p. 60-76, 1997;
SOX H.C. Preventive health services in adults. The New England Journal of Medicine, v. 330, p.1589-1595, 1994;
GUDMUNDSSON [a], CARNES M. Geriatric assessment: making it work in primary care practic. Geriatrics, v. 51, p. 55-65, 1996;
PARMER R.M. Geriatric assessment. Medical Clinics of North America, v. 83, p. 1503-1523, 1999.
WARD G, JAGGER C., HARPER W. A review of instrumental ADL assessment for use with elderly people. Reviews in Clinical Gerontology, v. 8, p. 65-71, 1998;
ANCOLI-ISRAEL S. Sleep problems in older adults: putting myths to bed. Geriatrics, v. 52, p. 20-30, 1997.
KUPFER D.J., REYNOLDS. Management of insomnia. The New England Journal of Medicine, v. 336, p.341-346, 1997.
BEAVOIR S. A velhice. Editora Nova Fronteira, 2ª ed., RJ, 1990;
FRIES J.F.Aging, natural death, and the compression of morbidity. The New England Journal of Medicine, v. 303, p.130-135, 1980;
ROWE J.W. Health care of the elderly. The New England Journal of Medicine, v. 312, p.827-835, 1985;
O"NEIL PA. Aging homeostasis. Reviews in Clinical Gerontology, v. 7, p.199-211, 1997;
IBGE, Censo 2000.

PROJETO MAIORIDADE - UNIVERSIDADE ABERTA PARA A TERCEIRA IDADE

Marcella Guimarães Assis Tirado, Rosângela Corrêa Dias[1], João Francisco Magno Ribas, Janine Gomes Cassiano, Luci Teixeira Fuscaldi Salmela, Gisele de Cássia Gomes[2], Nayere Rodrigues Ruas[3], Talita Romila Galdino[4]

Introdução

A população idosa hoje no Brasil ultrapassa os 15 milhões de brasileiros e em 20 anos deverá atingir um total de 32 milhões (VERAS, 2002; CAMARANO, 1999). O envelhecimento populacional tem se processado de forma muito rápida e tem gerado novas e diferentes demandas sociais e de saúde. O País precisa se preparar para responder a estas demandas com propostas atuais e factíveis. A universidade brasileira tem um papel fundamental a assumir neste processo, no sentido de preparar as pessoas que estão envelhecendo para viverem sadiamente e com qualidade esta fase da vida, e por outro lado, necessita investir na formação e qualificação de recursos humanos para atuarem junto à população idosa (VERAS, 2003). Os idosos brasileiros ganharam visibilidade nesta última década que foi marcada pela criação de espaços voltados para esta faixa etária, como as "universidades abertas para a terceira idade" (DEBERT, 1999). Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) temos, há 11 anos, o "Projeto Maioridade - Universidade Aberta para a Terceira Idade", que é um projeto de extensão ligado à Pró-Reitoria de Extensão. O projeto se propõe a contribuir para a preparação dos indivíduos para um envelhecimento bem sucedido, uma vez que os programas educacionais podem possibilitar o aprendizado de conhecimentos fundamentais para que o idoso possa buscar seu bem-estar físico e emocional (SANTOS e SÁ, 2000). O projeto contribui também para formação de recursos humanos através das atividades desenvolvidas pelo Programa "Promovendo a Autonomia e Independência do idoso na Comunidade" do qual é integrante.

Objetivos

O projeto tem como objetivo principal permitir às pessoas idosas o acesso à Universidade numa perspectiva de educação permanente, e nesta perspectiva, busca estimular o cidadão idoso a encontrar outras formas de reinserção social na valorização de sua experiência de vida. O projeto objetiva, portanto, oferecer às pessoas idosas informação sobre os aspectos biopsicossociais do processo de envelhecimento, capacitando-as para viver com qualidade, e possibilitar a integração de profissionais de diversos cursos da UFMG e da comunidade que há muito vêm trabalhando nas áreas de geriatria e gerontologia, em trabalho interdisciplinar e interdepartamental.

Metodologia

O Projeto Maioridade é destinado a pessoas com 60 anos e mais, independente de seu nível de escolaridade. O projeto é oferecido, semestralmente, de agosto a dezembro, totalizando 96 horas/aula. A metodologia de ensino visa privilegiar o idoso como sujeito de seu próprio processo de aprendizagem, através de uma relação participativa entre professor e aluno. Deve-se destacar a importância do ambiente de aprendizagem que deve ser encorajador e positivo para que o idoso sinta-se a vontade para expressar críticas e fazer avaliações (SANTOS e SÁ, 2000; Novaes, 2000). Os diferentes conteúdos são distribuídos em módulos e no ano de 2003 foram oferecidos os seguintes módulos: Módulo I: Envelhecimento e saúde, Módulo II: Movimento e Qualidade de Vida, Módulo III: Aspectos Psicológicos e Sociais, Módulo IV: Cotidiano e Cultura. O Módulo I "Envelhecimento e saúde " constitui-se em um conjunto de conferências, palestras, mesas redondas, oficinas, dinâmicas e aulas práticas sobre os processos naturais do envelhecimento e as medidas de promoção de saúde. O módulo II "Movimento e Qualidade de Vida" privilegiou atividades práticas relacionadas à importância das atividades físicas e recreativas na velhice. O módulo III "Aspectos Psicológicos e Sociais" apresentou a mesma estrutura e dinâmica do primeiro módulo, e abordou temas psicológicos relacionados à memória, humor, auto-estima e aspectos sociais referentes às redes de relações sociais na terceira idade e ao trabalho voluntário. O módulo IV "Cotidiano e Cultura" mesclou diversas apresentações

---

[1]Coordenadoras, [2]docentes, [3]bolsista, [4]voluntária
Promovendo a Autonomia e a Independência de Idosos da Comunidade
Número de Registro SiexBrasil: 485
Área Temática: Saúde
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Contatos: mga@eeffto.ufmg.br e (31) 3499-4790

culturais - música e cinema - com questões do cotidiano visando abrir horizontes, assimilar traços culturais e aumentar a crítica para o exercício da cidadania. Atividades de socialização foram realizadas nos módulos II , III e IV visando a propiciar maior convivência entre os idosos. Neste semestre foi realizado um passeio ao Hotel Fazenda Vale Verde, onde os idosos passaram o dia realizando diversas atividades de lazer e recreativas; uma visita ao Centro Esportivo Universitário, quando tiveram prática de alongamento e atividade de confraternização. As atividades desenvolvidas tem um caráter interdisciplinar, coerente com os objetivos da política de extensão universitária, e congregam professores da UFMG e profissionais de destaque da comunidade de diversas áreas, como por exemplo, da enfermagem, medicina, fisioterapia, terapia ocupacional, psicologia, serviço social, educação física, música, belas artes, ciências biológicas e direito. Para avaliação do Projeto foi elaborado um questionário semi-estruturado que permite traçar um perfil sócio-demográfico dos idosos, conhecer os seus interesses em relação aos conteúdos programáticos, avaliar as atividades realizadas no semestre letivo e fornecer subsídio para que as ofertas posteriores, adequando-as aos questionamentos e as sugestões dos idosos. A aplicação do questionário de avaliação ocorre no último mês de desenvolvimento das atividades. Em relação ao grupo de professores, a avaliação do trabalho é realizada através de reuniões semestrais, nas quais cada um tem a oportunidade de relatar sua experiência de trabalho, a metodologia utilizada e suas implicações, e suas propostas de reformulação ou ampliação do conteúdo programático. Os bolsistas são avaliados através de relatórios individuais, do acompanhamento direto das atividades e pela participação nas reuniões científicas do Programa "Promovendo a Autonomia e Independência do Idoso na Comunidade".

Resultados e Discussão

No ano de 2003 participaram do projeto 48 idosos, 43 mulheres e 5 homens. Este predomínio do público feminino também é observado em outras Universidades da Terceira Idade no Brasil e em outros países. As mulheres são quem mais buscam novas redes de relações sociais e formas de preenchimento do tempo livre (PEIXOTO, 1997). Quanto a média de idade dos idosos participantes está em torno dos 66,8 anos. Em relação ao estado civil observou-se um predomínio de idosos casados, seguidos pelos viúvos. Os demais dados sócio-demográficos ainda estão sendo analisados. Em relação aos conteúdos programáticos a grande diversidade de temas agradou aos idosos, segundo foi relatado nos questionários de avaliação e também através de manifestações e depoimentos informais. Quanto à metodologia de ensino utilizada, inicialmente alguns alunos demonstraram preferência pelos conteúdos apresentados de maneira mais formal, através de aulas expositivas e com material por escrito em forma de apostilas. Mas durante o desenvolvimento do programa, os próprios alunos perceberam os efeitos nas relações interpessoais resultantes das dinâmicas das aulas práticas de exercícios físicos, alongamentos, dança e Tai-chi-chuan. O Projeto contou com a participação de 32 professores que, de forma interessada, criativa e competente, procuraram despertar a motivação dos idosos para trabalhar os temas abordados, valorizando as histórias de vida e o contexto social do idoso. Para a próxima oferta do projeto coordenadores e bolsista detectaram necessidade de realizar reuniões bimestrais com os professores para aprofundar as discussão sobre as metodologias de ensino utilizadas. Neste ano contamos com a participação de uma aluna bolsista e de duas alunas voluntárias. A aluna bolsista participou de todas as etapas de preparação da oferta do projeto:1) realização de levantamento bibliográfico visando pesquisar novas atividades para serem incluídas no programa, 2) discussão com a coordenação do projeto e com os alunos antigos do novo programa de atividades, 3) preparação dos materiais de consumo e do material didático-pedagógico para as aulas. As alunas bolsista e voluntárias, acompanharam as aulas, auxiliaram os idosos em suas diversas demandas e participaram de um momento de aprendizagem único onde receberam informações de diferentes profissionais que integram a equipe interdisciplinar do projeto. As alunas participaram de forma efetiva na organização e durante a atividade de socialização - viagem para o Hotel Fazenda Vale Verde. Este momento de socialização tem ao longo dos anos de realização do projeto se caracterizado como uma atividade muito especial e esperada pelos idosos. Nesse tipo dte viagem muitos dos idosos levam seus familiares e amigos, o que sem dúvida, contribui para aumentar o caráter especial desta atividade. As alunas auxiliaram à coordenação na aplicação do questionário de avaliação do projeto, na análise dos dados e na elaboração do relatório final. As alunas participaram das reuniões científicas do Programa "Promovendo a Autonomia e Independência do Idoso na Comunidade" e apresentaram dois seminários sobre o tema educação e terceira idade.

Produtos Gerados

O Projeto Maioridade – Universidade Aberta para a Terceira Idade, realizou um trabalho de assessoria ao Sindicato dos Aposentados e Pensionistas nas Empresas de Saneamento do Estado de M.G. - Sindagua, orientando a organização e realização de palestras e oficinas para os membros do sindicato sobre o processo do envelhecimento. O Projeto participou do Congresso Brasileiro de Inclusão UFMG/SOBAMA realizado em Belo Horizonte, no período de 24 a 27 de outubro de 2003, onde a coordenadora proferiu uma palestra sobre “Terceira Idade e Inclusão”. Cabe ainda destacar que duas alunas do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional têm como tema da monografia de conclusão do curso “A Qualidade de Vida dos Idosos que freqüentam o Projeto Maioridade - Universidade Aberta para Terceira Idade”.

Conclusão

O Projeto Maioridade tem possibilitado uma reflexão constante e subsidiado a construção de um saber mais sistematizado e crítico em relação ao trabalho na Universidade Aberta para a Terceira Idade. É importante ressaltar a grande força atrativa deste Projeto que tem proporcionado à população idosa não apenas um conjunto de palestras formativas e/ou informativas sobre os aspectos biopsicossociais que interferem no processo de envelhecimento, mas o projeto tem despertado nos idosos a capacidade de estabelecer novas e significativas redes de relações sociais. O Projeto proporciona, ainda, aos profissionais das diversas áreas, a possibilidade de integração e de discussão de questões relevantes do processo de envelhecimento, resultando em um conhecimento mais amplo da problemática específica dos idosos .

Referências

SANTOS, A. T. e SÁ, M. A. A. S. De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade. In: NERI, A L. E FREIRE, S. A. (org.) E por falar em boa velhice. Campinas, S.P., Papirus, 2000. P.91-100.

CAMARANO, A. A. et al. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, A. A. (org.) Muito além dos 60. Os novos idosos brasileiros. Rio de Janeiro, IPEA, 1999. P.19-71.

DEBERT, G. G. A Reinvenção da Velhice. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1999.

NOVAES, Maria Helena. Psicologia da Terceira Idade. Conquistas possíveis e rupturas necessárias. Rio de Janeiro, Nau, 2000.

PEIXOTO, C. De Volta às Aulas ou de como ser Estudante aos 60 anos. In: VERAS, R. (org.) Terceira Idade. Desafios para o terceiro milênio. Rio de Janeiro, Relume-Dumará,1997.p.41-74.

VERAS, R. Em busca de uma assistência adequada à saúde do idoso: revisão da literatura e aplicação de um instrumento de detecção precoce e de previsibilidade de agravos. In: Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2003. P.705-715.

VERAS, R. Terceira idade: gestão contemporânea em Saúde. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2002.

PROMOVENDO A AUTONOMIA E A IDEPENDÊNCIA DE IDOSOS DA COMUNIDADE

Marcella Guimarães Assis Tirado[1], João Francisco Magno Ribas[2], Janine Gomes Cassiano, Luci Teixeira Fuscaldi Salmela, Gisele de Cássia Gomes, Rosângela Corrêa Dias, Fátima Valéria Rodrigues Lamêgo de Paula Goulart[3], Nayere Rodrigues Ruas, Ruth Carolina de Paula Frade, Silene Ferreira Coutinho, Cristiane Alves, Amanda Alves Medeiros, Renata Birchal Braga, Cléia Madeira e Silva, Cristina Mendes Barbosa[4], Flávia da Cruz Santos, Renata Lane de Freitas Passos, Luiz Gustavo Nicácio, Francisco Teixeira Coelho, Luiz Fernando C. Saade, Ronivaldo Lopes de Oliveira, Rosana Assumção Pedrosa, Thiago Assad Cury, Marcella de Castro Campos, Talita Romila Galdino[5]

Introdução

Os idosos são o segmento da população que mais cresce hoje no Brasil. Em 1960, a população brasileira era constituída por 3 milhões de idosos, este número cresceu para 7 milhões em 1975 e 14 milhões em 2002 (COSTA e VERAS, 2003). No Brasil, estima-se que hoje a população de idosos corresponda a 7% da população, mas projeções recentes apontam que este segmento poderá corresponder a 15% da população total em 2020 (CAMARANO et al, 1999). Este acelerado processo de envelhecimento populacional cria novas demandas sociais e torna cada vez mais urgente a discussão de políticas para promoção de um envelhecimento saudável e com qualidade. As Universidades Públicas deverão participar da discussão e da construção de projetos sociais factíveis nesta área contribuindo para um envelhecimento saudável. Visando a atender demanda criadas pelo processo de envelhecimento criou-se, em 2002, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) o Programa Promovendo a Autonomia e a Independência do Idoso da Comunidade, que integra o Núcleo de Geriatria e Gerontologia da UFMG (NUGG), e é constituído por quatro Projetos a saber: 1) Educação Física para a Terceira Idade, 2) Projeto Maioridade – Universidade Aberta para a Terceira Idade, 3) Vale a Pena Viver – Uma proposta de intervenção, 4) Convivendo bem com a doença de Parkinson – uma proposta de intervenção educativa promovendo a qualidade de vida para pacientes parkinsonianos. A proposta deste Programa é integrar as ações destes projetos que visam a promover a autonomia do idoso da comunidade. Cabe destacar que esta proposta está em consonância com a Política Nacional de Saúde do Idoso que propõe: "... a promoção do envelhecimento saudável, a manutenção e a melhoria, ao máximo, da capacidade funcional dos idosos, a prevenção de doenças, a recuperação da saúde dos que adoecem e a reabilitação daqueles que venham a ter a sua capacidade funcional restringida, de modo a garantir-lhes permanência no meio em que vivem, exercendo de forma independente suas funções na sociedade" (Brasil, 1999). Nesse sentido, propõe-se a realização das seguintes ações conjuntas: palestras, conferências, debates, seminários, mesas redondas, atividades físicas, recreativas, terapêuticas e sócio-culturais. Cabe ressaltar que tal programação já vem sendo desenvolvida em cada um dos projetos mas com a criação do Programa ela foi ampliada e assumiu caráter predominantemente interdisciplinar. Essas ações conjuntas são direcionadas à população de adultos e idosos (a partir de 55 anos), a profissionais que atuam na área do envelhecimento e na formação de acadêmicos. Os quatro projetos que constituem este Programa têm atendido a uma crescente demanda de adultos e idosos ao longo desses 11 anos. Cabe destacar que a demanda da população tem sido muito maior que a oferta de vagas nos diferentes projetos. Os coordenadores estão atentos a essa questão e têm buscado discutir estratégias, visando a atender às necessidades da população. uanto a relevância acadêmica o Programa desempenha papel importante articulando a extensão ao ensino e a pesquisa. Nos processos de seleção de acadêmicos bolsistas e de voluntários tem sido observado um grande interesse por parte do corpo discente. A participação de acadêmicos voluntários tem promovido o incremento da flexibilização curricular.

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenador, [3]docentes, [4]bolsistas, [5]voluntários
Promovendo a Autonomia e a Independência de Idosos da Comunidade
Número de Registro SiexBrasil: 485
Área Temática: Saúde
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Contatos: mga@eeffto.ufmg.br e (31) 3499-4790

Objetivos
Integrar os projetos da UFMG que visam promover a autonomia do idosos na comunidade e aumentar a sua qualidade de vida; fornecer informações sobre os diversos aspectos (biológicos, psicológicos e sócio-culturais) do processo de envelhecimento; criar oportunidades de compartilhar e valorizar experiências vividas com pessoas da mesma faixa etária; criar condições para o aprendizado de novas habilidades, ampliando assim o interesse pelo mundo à sua volta; proporcionar aos idosos a ampliação das redes de relações sociais; proporcionar alternativas visando a utilização e o aprimoramento das habilidades manuais e intelectuais dos participantes; possibilitar aos idosos a prática de atividades físicas e recreativas programadas que contribuam para melhorar as capacidades físicas, sociais e afetivas; e promover melhor qualidade de vida a portadores de doenças de Parkinson e outros tipos de parkinsonismos, através de uma abordagem interprofissional e prioritariamente educativa.

Metodologia
O Programa vem realizando discussões sobre as interfaces dos quatro projetos envolvidos com propósito de ampliar as ações conjuntas e implementar uma ação mais interdisciplinar. Para isso, são realizadas as seguintes atividades: reuniões de planejamento e avaliação semestrais, reuniões científicas mensais, promoção de cursos para capacitação de cuidadores e profissionais da área, promoção de Seminário sobre qualidade de vida, para a população de adultos e idosos. Reunião de Planejamento: o Programa realiza reuniões de planejamento semestrais. Essa reunião, realizada no início do semestre, tem como objetivo elaborar plano de ações integradas, ajustar ações, detectar falhas, traçar estratégias de execução das propostas e elaborar o cronograma anual de atividades. Montagem da estrutura e cronograma das reuniões científicas; definição dos propósitos para os referidos encontros; divisão dos alunos para discussão dos temas; definição dos temas para serem apresentados pelos bolsistas. Reuniões Científicas: inicialmente foram apresentados os quatro projetos para todo o grupo de trabalho com o intuito de conhecer e identificar as primeiras aproximações das ações do programa. Neste instante os bolsistas e coordenadores começaram a estabelecer as possibilidades de trabalho em conjunto. Foi possível identificar também o tema comum aos projetos, no caso, a Educação Permanente do Idoso, que tem um caráter de suprimento, postulando a permanência na educação, em qualquer fase da vida, como um direito de cidadania. Dando continuidade às reuniões científicas mensais foram discutidos temas atuais e específicos sobre o envelhecimento. Bolsistas e acadêmicos voluntários participaram das reuniões e apresentaram seminários sobre os seguintes temas: conhecimento e especificidade da educação física, alternativas para a educação para a erceira idade, perspectiva epidemiológica do envelhecimento, educação e promoção da saúde na doença de Parkinson. Após cada apresentação seguiu-se um debate que possibilitou aprofundar o tema apresentado, sanar algumas dúvidas e criar o suporte para uma intervenção interdisciplinar. Visando a aumentar a iniciativa dos acadêmicos foi estimulado que cada um pesquisasse um tema de relevância para apresentar nestas reuniões. Esta atividade possibilitou o aprimoramento técnico-científico e o desenvolvimento de postura para o trabalho interdisciplinar. Em uma das reuniões científicas contou-se com a participação da Assistente Social Maria Cláudia Moura Borges, da Prefeitra de Ribeirão Preto, SP, que abordou o assunto “Direitos do Idoso”. A convidada discutiu com os integrantes do Programa o Estatuto do Idoso e apresentou sua experiência profissional bem sucedida em um Centro de Convivência de Ribeirão Preto.As reuniões científicas e a apresentação dos seminários pelos discentes têm possibilitado a implementação e o aprofundamento da articulação entre os quatro projetos. Os coordenadores, bolsistas e voluntários têm ampliado a participação nos projetos uns dos outros através de atividades como palestras, oficinas e seminários. Neste ano observou-se também o início de algumas atividades conjuntas como a aula inaugural do Projeto Maioridade que contou com a participação dos idosos dos projetos Educação Física para a Terceira Idade e Vale a Pena Viver. E a festa junina promovida pelo projeto Educação Física para a Terceira Idade que contou com a presença de idosos dos outros projetos. Para o próximo ano vários outras estratégias de trabalho conjunto já foram pensadas e estarão sendo executadas. As reuniões científicas apresentaram ainda como resultados uma articulação dos coordenadores na área do Ensino de Graduação que foi iniciada na disciplina optativa "Introdução ao Estudo do Envelhecimento" do Curso de Educação Física. Esta disciplina, no primeiro semestre de 2003, contou com a contribuição de coordenadores de diferentes projetos do Programa, enfatizando a importância da interdisciplinaridade. Esta experiência inicial serviu para realçar a necessidade e a importância da implementação efetiva da abordagem interdisciplinar nos demais cursos de graduação que abordam a questão do envelhecimento. Atividades previstas até o final do semestre: Seguindo uma programação

elaborada na reunião de planejamento ainda este semestre serão realizados um seminário e a reunião de avaliação. O Programa estará promovendo, no mês de janeiro/2004, um Seminário sobre "AUTONOMIA E QUALIDADE DE VIDA NA TERCEIRA IDADE", para a população de adultos e idosos do Município de Belo Horizonte. Este seminário contará com a participação dos professores do Programa, de outros professores da UFMG que trabalham na área do envelhecimento e de profissionais de destaque da comunidade científica. A programação inclui temas como o envelhecimento saudável, a qualidade de vida e autonomia na velhice. A reunião de avaliação acontecerá ao final do segundo semestre de 2003 envolvendo todos os docentes e discentes para identificar quais e como os objetivos gerais e específicos foram ou não atingidos. Esse encontro contemplará três grandes momentos: apresentação e avaliação dos 4 diferentes projetos, avaliação do seminário e avaliação das reuniões científicas do Programa. A proposta de realização de cursos voltados para a formação de recursos humanos na área do envelhecimento está sendo estruturada para ser implementada nos próximos semestres. No Brasil a necessidade de profissionais treinados com formação específica na área de gerontologia e de cursos com qualidade acadêmica é grande (VERAS, 2003; NOVAES, 2000).

Resultados e Discussão

O Programa, neste primeiro ano de atividades, conseguiu ampliar a ação interdepartamental e possibilitou a discussão e implementação de atividades interdisciplinares que são fundamentais para uma intervenção efetiva junto à população idosa e vão ao encontro da proposta das diretrizes extensionistas da UFMG (UFMG/PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO, 2000). A intervenção interdisciplinar possibilitou aprofundar os conhecimentos sobre a heterogeneidade dos idosos que freqüentam os diferentes projetos, contribuindo assim para um conhecimento melhor do idoso em geral, e adequar as propostas de atividades as reais necessidades desse segmento da população. Esta intervenção conjunta resultou ainda em debates e discussões sobre a necessidade da utilização de um instrumento de avaliação comum para os quatro projetos que integram o Programa. Os coordenadores, bolsistas e voluntários estarão aprofundando estas discussões nos próximos semestres. O Programa através da democratização do saber vem atingindo seu objetivo de integrar os projetos da UFMG que visam promover a autonomia e a independência de idosos da comunidade.

Produtos Gerados

O Programa prestou assessorias a duas instituições do Município, participou de um Congresso de abrangência nacional e gerou a publicação de diversos resumos e de dois artigos completos. Cabe ainda destacar que duas alunas do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional têm como tema da monografia de conclusão do curso "A Qualidade de Vida dos Idosos que freqüentam o Projeto Maioridade - Universidade Aberta para Terceira Idade". O Programa assessorou, através do Projeto Educação Física para a Terceira Idade, o Centro de Saúde Ouro Preto, situado no Bairro Ouro Preto. Esta assessoria objetivou identificar as possibilidades de práticas físicas em função dos espaços e recursos disponíveis no Centro de Saúde Ouro Preto junto com os funcionários do posto, assim como a realização de atividade física para os idosos da comunidade local. O Projeto Maioridade – Universidade Aberta para a Terceira Idade, realizou outro trabalho de assessoramento ao Sindicato dos Aposentados e Pensionistas nas Empresas de Saneamento do Estado de M.G. - Sindagua, visando propiciar um envelhecimento saudável e melhorar a qualidade de vida dos funcionários do sindicato através de palestras, oficinas e seminários sobre os diferentes aspectos do processo de envelhecimento. O Programa foi apresentado em uma palestra “Terceira Idade e Inclusão” no Congresso Brasileiro de Inclusão UFMG/SOBAMA realizado em Belo Horizonte, no período de 24 a 27 de outubro de 2003. Trabalhos Resumidos em Eventos: TEIXEIRA-SALMELA LF, SOUZA AC, MAGALHÃES LC, LIMA RCM, GOULART F. A Utilização de perfil de Saúde de Nottingham na Avaliação da Qualidade de Vida em Idosos, Hemiplégicos e Parkinsonianos: Um Estudo de Adaptação Transcultural. Anais do III Congresso de Geriatria e Gerontologia de Minas Gerais. Poços de Caldas: SBGG, 2003, 1: 29-29. TEIXEIRASALMELA LF, CASSIANO JG, OLIVEIRA FGT; ROCHA TT, SANTIAGO L, LANA DM, LIMA RCM, CAMARGOS FO. Análise das Variáveis Preditoras de Desempenho Funcional Associadas ao Destreinamento em Idosos Comunitários. Anais do III Congresso de Geriatria e Gerontologia de Minas Gerais. Poços de Caldas: SBGG, 2003, 1: 44-44. TEIXEIRASALMELA LF, FARIA CDCM, MATOS ACS, LIMA RCM, LANA DM, SANTIAGO L, CASIANO JG, OLIVEIRA FGT. Efeitos de um programa de treinamento seguido por um período

de destreinamento na erformance funcional de idosos comunitários. Anais do VII Ciclo de Extensão em Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 2003, 1:15-15. TEIXEIRASALMELA LF, SOUZA AC, MAGALHÃES LC, LIMA RCM, GOULART F. O Perfil de Saúde de Nottingam como Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida: Adaptação Transcultural e Análise das Propridades Psicométricas. Anais do III Congresso Internacional e III Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte, 2003, 1: 34-34. TEIXEIRASALMELA LF, LIMA RCM, SOUZA AC, CASSIANO JG. Qualidade de Vida Associada com Prograas de Treinamento e Destreinamento em Idosos. Anais do III Congresso Internacional e III Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte. 2003, 1: 34-34. Artigos Completos em Periódicos: TEIXEIRASALMELA LF, SOUZA AC, MAGALHÃES LC, LIMA MC, LIMA RCM, GOULART F. Adaptção do Perfil de Saúde de Nottingham: Um Instrumento Simples de Avaliação de Qualidade de Vida. Cadernos de Saúde Pública, RJ (No prelo), 2003. TEIXEIRASALMELA LF, SANTIAGO L, LIMA RCM, LANA DM, CAMARGOS FO, CASSIANO JG. Functonal Performance and Quality of Life Related to Training and Detraining with Community-dwelling Elderly. Submitted to Age and Ageing, Inglaterra 2003.

Conclusão

O Pograma, através das atividades individuais e conjuntas realizadas pelos quatro projetos, tem criado oportunidades paa o idoso compartilhar e valorizar experiências com pessoas da mesma faixa etária, aprender novas habilidades, ampliar a redes de relações sociais e o interesse pelo mundo, aprimorar habilidades, realizar atividades físicas e recreativas proramadas. Assim, cria-se um espaço dentro da Universidade para troca de experiências, convívio intergeracional e podução de conhecimentos visando possibilitar um envelhecimento mais saudável e com qualidade.

Parcerias

Secretária de Esportes da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Referências

BRASIL. Portaria do Gabinete do Ministro de Estado da Saúde de nº 1395, de 9 de dezembro de 1999, que aprova a Política Nacional de Saúde do Idoso e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, nº 237-E, p. 20-24, 13 dez., seção 1.

CAMARANO, A. A. et al. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, A. A. (org.) Muito além dos 60. Os novos idosos brasileiros. Rio de Janeiro, IPEA, 1999. P.19-71.

LIMA-COSTA, M. F. L.; VERAS, R. Saúde Pública e Envelhecimento. In: Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2003. P.700

NOVAES, Maria Helena. Psicologia da Terceira Idade. Conquistas possíveis e rupturas necessárias. Rio de Janeiro, Nau, 2000.

UFMG/PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO. Bases e Diretrizes para Plano de Trabalho. 2002

VERAS, R. Em busca de uma assistência adequada à saúde do idoso: revisão da literatura e aplicação de um instrumento de detecção precoce e de previsibilidade de agravos. In: Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2003. P.705-715

TRATAMENTO DA LEUCOPLASIA PILOSA BUCAL: ESTUDO PILOTO

Ricardo Alves de Mesquita[1], Maria Inês Barreiro Senna[2], Linaena Mericy da Silva Fonseca[3], Mariela Dutra Gontijo de Moura[4], Ana Marina Murta Maciel[5], Marla Garcia Greco[6]

Introdução

Manifestações bucais relacionadas à infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (VIH/do inglês "Human Immunodeficiency Vírus"-HIV) têm sido relatadas desde o início da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/do inglês "Acquired Immunodeficiency Syndrome"-AIDS). Entre elas, a leucoplasia pilosa bucal (LPB) tem demonstrado ser de grande importância no curso da infecção por ser considerada como um dos marcadores de progressão da doença, de grande valor no diagnóstico precoce e como indicador de prognóstico para a infecção pelo HIV (Greenspan & Grenspan, 1992; Lifson et al., 1994; Lifson, 1995; Ravina et al., 1996). Clinicamente a LPB aparece como uma lesão branca, localizada em borda lateral de língua, uni ou bilateral, de limites imprecisos, superfície plana, corrugada ou pilosa, não removível quando raspada, assintomática, variando em tamanho de milímetros a centímetros e de caráter benigno (NETO et al., 1995; GREENSPAN & GREENSPAN, 1992; KING et al., 1994; MABRUK et al.,1995; NICOLATAU et al., 1999; DYLEWSKI et al., 1987). Apesar da LPB ser, na maioria das vezes, uma lesão assintomática, representa um nicho para microorganismos e alguns pacientes relatam ardência, além do comprometimento estético com prejuízos para a relação social do indivíduo. Por este motivo, tem-se indicado o tratamento da LPB. O tratamento tópico tem sido o mais indicado e são poucos os estudos que se preocupam em estabelecer uma comparação com medicamentos, com o objetivo de conhecer e estabelecer uma melhor terapia (Giovani, 2000). Esse trabalho vem auxiliar, nesse contexto, ao realizar o tratamento tópico nas lesões de LPB dos pacientes HIV/AIDS em tratamento no Centro de Treinamento e Referência em Doenças Infecciosas e Parasitárias Orestes Diniz (CTR/DIP), em Belo Horizonte / MG, com solução alcoólica de podofilina a 25%, ácido retinóico a 0,05% e aciclovir a 5%.

Objetivos

Realizar a análise comparativa entre quatro modalidades terapêuticas no tratamento tópico da LPB em pacientes HIV/AIDS, atendidos no Centro de Treinamento e Referência em Doenças Infecciosas e Parasitárias Orestes Diniz (CTR/DIP), em Belo Horizonte / MG, para avaliar a eficácia dos medicamentos utilizados (solução alcoólica de podofilina a 25%, a solução alcoólica de podofilina a 25% associado ao aciclovir-creme, o ácido retinóico a 0,05% e o ácido retinóico a 0,05% associado ao aciclovir-creme) no tratamento tópico da LPB considerando-se os parâmetros: eliminação das rugosidades da borda lateral da língua e restabelecimento do conforto e estética para o paciente.

Metodologia

Pacientes: estão sendo observados 40 pacientes com LPB, atendidos no Centro de Treinamento e Referência em Doenças Infecciosas e Parasitárias Orestes Diniz (CTR/DIP), em Belo Horizonte / MG, subdivididos em 04 grupos iguais. Todos os pacientes submetidos à pesquisa tem o diagnóstico positivo para HIV/AIDS, de ambos os sexos, com idade acima de 13 anos, de qualquer procedência, sem distinção do grupo social e estão em acompanhamento ambulatorial no CTR/DIP. Esses pacientes foram encaminhados pelo médico para o Setor Odontológico do CTR/DIP. Métodos: coleta dos dados e diagnóstico da LPB - A coleta de dados, no decorrer da pesquisa, esta sendo realizada por uma única examinadora, consistindo de exame da cavidade bucal dos pacientes, segundo critérios de seqüência propostos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (World Health Organization, 1997): lábios (pele, mucosa labial inferior, superior e sulco), comissura labial, mucosa jugal, processos alveolares, língua, assoalho bucal, palato duro e palato mole. Todas as alterações da mucosa bucal foram anotadas em ficha própria, denominado

---

[1]Coordenador, [2]subcoordenadora, [3]docente, [4]pesquisadora, [5]bolsista, [6]voluntária
Educação, Pesquiisa e Prática em HivAids
Número de Registro SiexBrasil: 3291
Área Temática: Saúde
Faculdade de Odontologia
Contatos: ramesquita@ufmg.br e (31) 3499-2478

prontuário odontológico do CTR/DIP. São submetidos à pesquisa somente os pacientes portadores de LPB, em borda lateral de língua, diagnosticada, inicialmente, pelo exame clínico como lesão branca, não removível quando raspada com gaze, de limites imprecisos e com superfície plana, corrugada ou pilosa, mas, posteriormente, submetida à citologia esfoliativa, para confirmar o diagnóstico. Os pacientes que apresentaram outras lesões de mucosa ou ósseas e necessitaram de exames complementares para o diagnóstico, bem como tratamento, também são manejados no setor odontológico do CTR/DIP. Todos os procedimentos são realizados segundo as normas universais de biossegurança. O exame físico intrabucal é realizado sempre pelo mesmo profissional, sob iluminação artificial, com o auxílio de espátulas de madeira, espelhos clínicos e gazes. As lesões de LPB são fotografadas antes e após o tratamento, com o objetivo de comparação. Forma do tratamento: O grupo 1 é tratado com solução alcoólica de podofilina a 25%, o grupo 2 com solução alcoólica de podofilina a 25% e aciclovir tópico. O critério para a escolha do tipo de medicamento tópico aplicado em cada paciente foi a ordem de atendimento. Para a aplicação do medicamento no grupo 1, a língua do paciente é imobilizada com uma gaze, afastando-a em direção lateral com a mão da examinadora. Logo em seguida, é feita a secagem com a gaze da lesão de LPB e a aplicação do respectivo medicamento (solução alcoólica de podofilina a 25% no grupo) com o auxílio de um cotonete, com leves toques, durante 60 segundos. São aguardados dois minutos e, em seguida, a cavidade bucal será enxaguada com água da seringa tríplice. O grupo 2 seguiu a mesma seqüência dos grupos 1, sendo que o aciclovir é aplicado após o enxágüe com água da cavidade bucal. A aplicação do aciclovir-creme é realizada com um cotonete, após a secagem da lesão de LPB com o ar da seringa tríplice, depois do afastamento da língua em direção lateral contrária à lesão, com ligeira pressão por 60 segundos. Após a aplicação do aciclovir, a cavidade bucal não é enxaguada com água e o paciente é orientado para não alimentar durante um período de 60 minutos. As aplicações são feitas com intervalo de sete dias até o desaparecimento clínico da lesão. Após a remissão da lesão, o paciente tem um acompanhamento de três meses e de seis meses, para avaliar a presença ou não de recidiva. Antes, durante e após o tratamento da lesão até o seu desaparecimento e acompanhamento do paciente é aplicado um questionário com o objetivo de verificar a eficácia do tratamento e a satisfação do paciente. Os dados referentes ao número de aplicações de cada grupo serão submetidos à análise estatística.

Resultados e Discussão

Foram examinados e tratados dez pacientes. Cinco tratados com solução alcoólica de podofilina a 25% (grupo 1) e cinco com a associação desse medicamento ao aciclovir a 5% (grupo 2). O número médio de aplicações para a solução alcoólica de podofilina a 25% foi 5. O número médio de aplicações para a solução alcoólica de podofilina a 25% associado ao aciclovir a 5% foi 8,4 aplicações. Na figura 1 e 2 pode-se observar um caso clínico de LPB tratado com solução alcoólica de podofilina a 25%. Itin (1993) relatou algumas opções de tratamento para LPB, tais como a aplicação tópica de ácido retinóico, antifúngicos tópicos e sistêmicos, o aciclovir e a remoção cirúrgica da lesão. O autor afirmou que é necessário tratar a LPB, porque os cílios presentes na lesão tornam-se ideais para o EBV replicarem e estarem atuando no organismo do paciente, além disso, existe a queixa de desconforto quanto à estética e fonação. De acordo com Sanchez et al. e Lozada Nur et al. em 1992, resultados do uso da podofilina foram significantes, na primeira semana após o tratamento, e alguns efeitos colaterais presentes foram inferiores aos benefícios que o tratamento proporcionou: melhora na estética, fonação e eliminação dos nichos para a replicação do EBV. Lozada-Nur et al. (1992) obtiveram bons resultados com o tratamento tópico da LPB com a solução alcoólica de podofilina a 25%. Os autores relataram que o medicamento possui um gosto muito amargo e desagradável, mas, após uma hora da aplicação, o paladar retorna ao normal. Ainda, em poucos casos, citam que alguns pacientes queixavam de uma discreta indisposição gástrica, em função do gosto amargo do medicamento. Concluem, acreditando ser vantajoso o uso desta terapia tópica para o tratamento da LPB. Sanchez et al. (1992) trataram um grupo de seis pacientes com lesões de LPB em bordas laterais de língua, com a aplicação tópica com cotonetes da solução alcoólica de podofilina a 25%. Relataram que houve desaparecimento das lesões. Notaram recorrência em dois pacientes, após seis meses e nove meses da conclusão do tratamento. Os autores citam que o tratamento sistêmico com aciclovir, ganciclovir são eficientes para a regressão das lesões, mas, muitas vezes, não são aceitos pelo paciente. Assim, concluem que o tratamento tópico é o mais indicado, pois é mais barato e exibe poucos efeitos colaterais. Desta forma, em nosso estudo tem-se preconizado o uso do aciclovir de forma tópica e em associação com a solução alcoólica de podofilina. Entretanto, Ravina et al. (1996) consideram difícil escolher

o adequado tratamento da LPB e concordam que terapias antivirais, como o aciclovir e ganciclovir, apresentam bons efeitos na regressão da lesão. Triantos et al. (1997) em suas pesquisas citam a inconveniência de usar medicação sistêmica, como os antivirais, pois os efeitos secundários não são desejáveis, podendo desenvolver resistência do vírus, em relação ao medicamento. Os autores recomendam o uso de agentes tópicos, como o ácido retinóico e a solução alcoólica de podofilina como tratamento na resolução das lesões de LPB. Citam, ainda, que o ácido retinóico é mais caro em relação à solução alcoólica de podofilina. Ambos são efetivos, apesar das recidivas. Arendorf et al. (1998), estudando um grupo de 600 pacientes soropositivos para o HIV, com manifestações bucais de LPB, na África do Sul, concluíram que, mesmo a queixa sendo em relação à função estética, o tratamento da LPB deve ser preconizado para a eliminação das pilosidades. Elas serviriam de nichos de bactérias e fungos que são importantes agentes de outras alterações patológicas bucais. Giovani (2000) realizou estudo comparativo entre o ácido retinóico a 0,05% e o da solução alcoólica de podofilina a 0,25%, no tratamento da LPB em 36 pacientes HIV positivos, atendidos no período de março de 1998 a agosto de 1999, concluindo que o tratamento tópico das lesões de LPB é efetivo e recomendado, pois leva a uma melhora do paladar, diminuição da ardência na língua e aumento de quantidade de saliva na cavidade bucal em proporções semelhantes. Ambos os tratamentos necessitaram do mesmo número de aplicações para a remissão das lesões, embora a solução alcoólica de podofilina tenha custo menor e possibilidade da identificação visual da área impregnada, durante a aplicação em relação ao creme de ácido retinóico.

Conclusão

O tratamento da LBP com solução alcoólica de podofilina a 25% associado ou não com aciclovir a 5% é eficaz, porém casos adicionais são necessários para verificar os efeitos da desta associação.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão, FAPEMIG, CNPq.

Referências

ARENDORF, T. M.; BREDEKAMP, B.; CLOETE C. A. C.; SAUER, G. Oral manifestations of HIV infection in South African patients. J. Oral Pathol. Med., v. 27, n. 3, p. 176-179, Apr. 1998.

DYLEWSKI, J.; PRCHAL, J. Oral hairy leukoplakia: a clue to HIV-I exposure. CMAI, v. 136, p. 729-730, 1987.

GIOVANI, E. M. Estudo comparativo entre o uso de ácido retinóico a 0,05% e o da solução alcoólica de podofilina a 0,25% no tratamento da leucoplasia pilosa oral em pacientes HIV positivos.2000. 130p. Dissertação (Mestrado em Patologia Bucal - Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de São Paulo).

GREENSPAN, D., GREENSPAN, J. S. Significance of oral hairy leukoplakia. Oral Surg. Oral Med. Oral Pathol., v.73, p. 151-154, 1992.

LIFSON, A. R. Oral lesions and epidemiology of HIV. In:GREENSPAN, J. S.; GREENSPAN, D. Oral manifestations of HIV infection, v. 79, n. 5, p. 570-571, May. 1995.

LIFSON, A. R.; HILTON, J. F.; WESTENHOUSE, J. L.; CANCHOLA, A. J.; SAMUEL, M. C.; KATZ, M. H.; BUCHBINDER, S. P.; HESSOL, N. A.; OSMOND, D. H.; SHIBOSKI, S.; LANG, W.; GREENSPAN, D.; GREENSPAN, J. S. Time from HIV seroconversion to oral candidiasis or hairy leukoplakia among homosexual and bisexual men enrolled in three prospective cohorts. AIDS, v. 8, p. 73-79, 1994.

LOUZADA-NUR, F.; COSTA, C. Retrospective findings of the clinical benefits of podophyllum resin 25% sol on hairy leukoplakia. Oral Surg. Oral Med. Oral Pathol., v. 73, n. 5, p. 555-558, May 1992.

MABRUK, M. J. E. M. F.; FLINT, S. R.; TONER, M.; LEONARD, N.; SHEILS, O.; COLEMAN. D. C.; ATKINS, G. J. Detection of Epstein-Barr virus DNA in tongue tissues from AIDS autopsies without clinical evidence of oral hairy leukoplakia. J. Oral Pathol. Med., v. 24, n. 3, p. 109-112, Mar. 1995.

NETO, M. M.; RADOS, P. V.; BARBACHAN, J. J. D. Leucoplasia pilosa: revisão de literatura e apresentação de um caso. Revista Fac. Odontol., v. 36, n. 1, p. 15-17, 1995.

NICOLATOU, O.; THEODORIDOU, M.; MOSTROU, G.; VELEGRAKI, A.; LEGAKIS, N. J. Oral lesions in children with perinatally acquired human immunodeficiency virus infection. J. Oral Pathol. Med., v. 28, n. 2, p. 49-53, Feb. 1999.

RAVINA, A., FICARRA, G.; CHIODO, M.; MAZZETTI, M.; ROMAGNANI, S. Relationship for circulating CD4+ T-lymphocytes and p24 antigenemia to the risk of developing AIDS in HIV infected subjects with oral hairy leukoplakia. J. Oral Pathol. Med., v. 25, p. 108-111, 1996.

SANCHEZ, M.; SPIELMAN, T.; EPSTEIN W. Treatment of oral hairy leukoplakia with podophylin. Arch. Dermatol., v. 128, n. 12, p. 1659, 1992.

TRIANTOS, D.; PORTER, S. R.; SCULLY, C.; TEO, C. G. Oral Hairy Leukoplakia: clinicopathologic features, pathogenesis, diagnostic, and clinical significance. Clin. Infect. Dis., v. 25, p. 1392-1396, 1997.

TREINAMENTO E DESTREINAMENTO EM IDOSOS COMUNITÁRIOS: IMPACTO NO DESEMPENHO FUNCIONAL E NA QUALIDADE DE VIDA

Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela, Janine Gomes Cassiano[1], Marcella Guimarães Assis Tirado, João Francisco Magno Ribas[2], Aline Cristina de Souza, Renata Cristina Magalhães Lima[3], Renata Birchal Braga, Amanda Alves Medeiros[4], Christina Danielli Coelho de Morais Faria[5]

Introdução

Segundo dados do IBGE, em 2030 o Brasil terá a sexta população mundial de idosos em número absolutos. O aumento da expectativa de vida é associado à co-morbidades advindas do processo de envelhecimento, resultando em um declínio no Desempenho Funcional (DF) e em uma piora da Qualidade de Vida (QV) dos indivíduos. Uma forma de intervir nessas alterações relacionadas com a idade é a prática regular de atividade física, que tem demonstrado ser uma estratégia simples, barata e efetiva para minimizar esses efeitos e, conseqüentemente, reduzir o custo social e econômico para o sistema de saúde[1]. É de consenso na literatura os benefícios psicológicos advindos com a prática de atividade física, como melhora da auto-estima, da auto-confiança e da QV[1,2,3], assim como os benefícios fisiológicos, incluindo ganhos de força muscular[4,5], melhora do equilíbrio e do desempenho na marcha[2,6], aumento da flexibilidade[4] e do VO_2 max, proporcionando aos indivíduos uma maior independência para realizar suas atividades de vida diárias. Semelhante a jovens, idosos respondem bem a programas de fortalecimento muscular associado com condicionamento aeróbio[2,7]. Com relação ao destreinamento, reduções nas medidas fisiológicas, como força muscular[4,5,8] e condicionando aeróbio, são bem documentadas na literatura. Porém, alterações em medidas fisiológicas com relação ao destreinamento não se constituem, necessariamente, em requisitos para alterações psicossociais[3]. Assim, apesar de ser forte a evidência de que declínios fisiológicos ocorrem durante o destreinamento, ainda não está claro na literatura a relação entre o DF, QV e o destreinamento, uma vez que essas medidas envolvem processos mais complexos[9].

Objetivos

Investigar o comportamento das medidas de DF e QV após um programa de treinamento, seguido por um período de interrupção de três meses, em idosos da comunidade.

Metodologia

Participantes: vinte e três idosos que fazem parte do Projeto Vale a Pena Viver participaram do estudo, completaram todo o treinamento e realizaram todos os testes. Todos apresentaram atestado médico liberando para a atividade física e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, antes de ingressarem no programa. Dados sócio-demográficos foram coletados de todos os participantes para documentar idade, sexo, estado civil, nível educacional, nível sócio-econômico e uso de medicamentos. Medidas Avaliadas: medidas de desfecho relacionadas com o DF (velocidade da marcha e habilidade para manusear escadas) e com a QV (investigada através do Perfil de Saúde de Nottingham –Brasil, PSN – Brasil) foram obtidas antes, imediatamente após o treinamento e no follow-up (um, dois, e três meses após a interrupção do treinamento). A velocidade da marcha foi avaliada solicitando aos indivíduos a caminharem numa velocidade "confortável" ao longo de um corredor de 16 metros. O tempo gasto para completar os 12 metros centrais foi registrado com um cronômetro digital de dois dígitos. A média do tempo de três testes completados foi utilizada para calcular a velocidade da marcha, expressa em m/s. A habilidade para manusear escadas foi avaliada solicitando aos indivíduos que subissem e descessem um lance de escada com 5 degraus (tendo cada degrau 18 cm de altura) numa velocidade "confortável", sendo permitido o uso do corrimão quando necessário. O tempo gasto para subir e descer a escada foi determinado utilizando um cronômetro digital. O teste

---

[1]Coordenadoras, [2]docentes, [3]pesquisadoras, [4]bolsistas, [5]voluntária
Promovendo a Autonomia e a Independência do Idoso na Comunidade
Número de Registro SiexBrasil: 485
Área Temática: Saúde
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Contatos: lfts@dedalus.lcc.ufmg.br e (31) 3499-4783

foi realizado três vezes e a média do tempo gasto foi utilizada para determinar a cadência (degraus/min) para subir e descer escadas, seguindo o protocolo de Teixeira-Salmela et al.[3] O PSN, recentemente adaptado para o portugûes-Brasil[10], um indicador simples da percepção do indivíduo com relação à sua saúde física, emocional e social, foi utilizado para investigar a QV. Os 38 itens do PSN -Brasil, baseados na classificação de incapacidades descrita pela Organização Mundial de Saúde, têm um formato de resposta de sim/não agrupados em seis domínios: habilidade física, nível de energia, dor, reações emocionais, qualidade do sono e interação social. O escore varia de zero a 38, sendo zero indicativo de percepção de saúde perfeita. O instrumento demonstra um bom índice de confiabilidade (r=0.75 a 0.88). Programa de Treinamento: O programa de treinamento consistiu de sessões de exercícios em grupo, supervisionadas, realizadas duas vezes/semana, durante nove meses. Cada sessão tinha em média uma duração de 60 minutos e eram acompanhadas por músicas apropriadas às atividades e aos interesses dos participantes. A Freqüência Cardíaca (FC) era monitorada constantemente por cardiofrequencímetros e a pressão arterial mensurada no início e no final das sessões. Cada sessão incluía: 1) Período de aquecimento (5 min), com exercícios de alongamento de grande amplitude articular e calistênicos; 2) Exercícios aeróbios e de fortalecimento muscular (25 min), utilizando bastões, halteres e steps; 3) Caminhada (20 min), sendo a intensidade graduada de forma que a FC de cada indivíduo ficasse entre a faixa de 75 a 85% da sua FC máxima; 4) Período de resfriamento (10 min), com exercícios de alongamento e de relaxamento. Análise Estatística: estatísticas descritivas e testes para normalidade (Shapiro-Wilk) foram calculados para todas as variáveis investigadas através do SPSS para Windows (versão 11.0). ANOVA medidas repetidas com contrastes pré-planejados foi utilizada para investigar diferenças significativas entre as medidas obtidas nos cinco momentos. O nível de significância estabelecido foi de a<0.05.

Resultados e Discussão

Vinte e três idosos, 20 mulheres e três homens (63.78 ± 8.35 anos) completaram uma média de 33.17 ± 13.04 sessões de treinamento e, desses, 21 concluíram os testes de follow-up. Dos 23, 13 eram viúvos e 10 casados. A renda média dos indivíduos foi de um salário mínimo e o nível de escolaridade variava de semi-analfabeto a ensino médio. A grande maioria (80%) faz uso de medicação antihipertensiva. ANOVA medidas detectou que com o treinamento, houve uma melhora significativa em todas as variáveis analisadas. Os resultados da ANOVA revelaram também que todos os ganhos observados nas medidas de DF no pós- treinamento foram perdidos no follow-up. Entretanto, os ganhos observados na medida de QV permaneceram. Os valores obtidos nas cinco avaliações estão demonstrados na Tabela 1 e ilustrados nos Gráficos 1, 2 e 3. O treinamento proporcionou melhoras em todas as medidas de DF, demonstradas através de ganhos significativos navelocidade da marcha e na habilidade para manusear escadas. Além disso, os ganhos funcionais relacionados com o treinamento físico também foram clinicamente significativos, uma vez que os participantes relataram melhor capacidade de realizar atividades de vida diária e recreacionais, o que pode ter contribuído para a uma maior autonomia e para a melhoria da QV, como relatado por Skelton e McLaughlin.[11]. Medidas de velocidade da marcha têm sido reconhecidas como indicadoras de performance na marcha, de auto-percepção de função física, de independência, de nível de atividade social e de saúde funcional, e têm demonstrado ser fidedignas e sensíveis para detectar mudanças na recuperação motora, independente do nível funcional inicial. Estudos demonstram que treinamento com idosos[3,4,7] e com hemiplégicos[2,6] resultou em aumento na velocidade da marcha. Neste estudo, os ganhos de 17,14% observados na velocidade da marcha estão de alguma forma de acordo com estudos prévios, que demonstraram ganhos de 25% com idosos da comunidade[9] e de 28% com hemiplégicos crônicos[6]. Nesses estudos, o princípio de especificidade[12] deve ter sido levado em consideração, uma vez que caminhada era uma atividade incluída em todas as sessões. No presente estudo, foi observado também que os ganhos na velocidade da marcha foram perdidos após um mês de destreinamento. Este achado demonstra que a velocidade da marcha, além de ser uma medida sensível ao treinamento, é também um preditor importante de independência funcional para o idoso[9]. É bem documentado que a força muscular possui um papel importante no desempenho da marcha. Análise de variáveis temporais, cinemáticas e cinéticas da marcha hemiplégica revelou que a potência produzida pelos flexores/extensores do quadril e flexores plantares do tornozelo são os melhores preditores da velocidade da marcha[6]. Como já foi demonstrado que após quatro semanas de destreinamento há perda significativa na força muscular[8], essa pode ser uma possível explicação para a redução da velocidade da marcha encontrada na nossa análise. No presente estudo, medidas de força muscular não foram obtidas. A habilidade para manusear escadas é também aceita como uma medida sensível para

detectar mudanças no DF associadas com o treinamento em mulheres idosas[11] e em hemiplégicos[2,6]. Fiatarone et al.[13] relataram ganhos de 28% após um programa de fortalecimento da musculatura de quadril e de extensores de joelho durante 10 semanas em nonagerianas. Skelton e MacLaughlin[11] observaram ganhos de 12% após um programa de oito semanas de exercícios de intensidade moderada em um grupo de mulheres idosas. Os ganhos de 37% relatados por Teixeira-Salmela al. com hemiplégicos crônicos[2] e de 30% com idosos[3] foram maiores que os relatados em estudos prévios. Como as tarefas funcionais, como por exemplo o manuseio de escadas, abrangem vários componentes que requerem equilíbrio e coordenação, os efeitos de treinamento de grupos musculares específicos podem não ser suficientes para causar mudanças em tarefas motoras mais complexas. Além disso, considerando o princípio de especificidade do treinamento, é provável que para promover melhoras nas medidas de DF, como a habilidade para manusear escadas, seja necessário um treinamento mais especificamente relacionado com as tarefas que se objetiva melhorar, como os atletas requerem especificidade para os seus esportes particulares. A hipótese apoiada no presente estudo suporta que exercícios aeróbios, como stepping associados com exercícios de fortalecimento de músculos envolvidos em tarefas funcionais, aumentariam a habilidade do indivíduo para executar uma determinada atividade. Os ganhos observados na habilidade de manusear escadas foram também perdidos no follow-up, com os valores para descer e subir degraus retornando aos níveis de pré-treinamento após dois e três meses de follow-up, respectivamente. Medidas de manusear escadas também têm se mostrado sensíveis para detectar mudanças associadas com o treinamento e destreinamento, embora tenham mostrado menos sensíveis que a medida de velocidade da marcha. É possível que os efeitos do destreinamento fossem observados mais cedo, utilizando essa medida, se um número maior de degraus tivesse sido utilizado no teste. No presente estudo, o número de degraus foi relativamente pequeno e, talvez, insuficiente para demonstrar efeitos imediatos do destreinamento, uma vez que todos os participantes eram comunitários e, por isso, desafiados a lidar com degraus em suas rotinas diárias. Estudos futuros para avaliar a habilidade para lidar com escadas, deve incluir um número maior de degraus, principalmente para indivíduos mais ativos. A velocidade de descer escadas retornou ao nível de pré-treinamento após dois meses de follow-up, antes de observar diminuições na velocidade de subir escadas. Isso pode ser explicado pelo fato de que a tarefa de descer escadas requer um grande controle excêntrico e a fraqueza muscular associada com o processo de envelhecimento envolve mais contrações excêntricas do que concêntricas[4,5]. Novamente, os efeitos do destreinamento também poderiam ter sido observados precocemente se um maior número de degraus fosse utilizado na avaliação. A QV mostrou o maior ganho após o treinamento (50%), os quais persistiram no follow-up. Teixeira-Salmela et al.[2], empregando o mesmo instrumento, também detectou maiores ganhos na QV comparados com outros ganhos nas medidas motoras e funcionais com hemiplégicos crônicos. É provável que o programa de treinamento tenha aumentado os níveis de energia e de habilidade física e as sessões realizadas em grupo proporcionado oportunidades de socialização positivas. Prazer e socialização são reconhecidos como componentes chaves de programas de sucesso e aumento da adesão, uma vez que o treinamento é compartilhado com outros. Interações sociais também proporcionam estimulação cognitiva, além de a participação em programas de exercícios resultarem em melhora da aptidão física, que afeta de forma positiva medidas de auto-estima em indivíduos com incapacidades física, emocional e mental.[9] A habilidade para reter os ganhos obtidos na QV pode ser devido ao fato de os indivíduos se sentirem mais hábeis fisicamente, conduzindo-os a um estilo de vida mais ativo. Outros estudos demonstraram uma tendência positiva geral entre atividade física e bem-estar psicológico tanto em grupos controle quanto portadores de incapacidade[3,14]. É ainda discutido o fato de que ganhos fisiológicos advindos do treinamento não implicam necessariamente em ganhos psicológicos. Como Berger e Motl[1] sugerem: “Doses diárias de prazer podem contrabalançar o estresse e a tensão da vida cotidiana". Essas tensões e estresses podem ser mesmo mais acentuados para idosos de classe econômica baixa no contexto do Brasil e talvez, um poderoso efeito Hawthorne de receber um tratamento especial através do programa de treinamento tenha provado ser mais positivo.

Produtos Gerados

Trabalhos resumidos em eventos: TEIXEIRA-SALMELA LF, SOUZA AC, MAGALHÃES LC, LIMA RCM, GOULART F. A Utilização de perfil de Saúde de Nottingham na Avaliação da Qualidade de Vida em Idosos, Hemiplégicos e Parkinsonianos: Um Estudo de Adaptação Transcultural. Anais do III Congresso de Geriatria e Gerontologia de Minas Gerais. Poços de Caldas: SBGG, 2003, 1: 29-29. TEIXEIRASALMELA LF, CASSIANO

JG, OLIVEIRA FGT; ROCHA TT, SANTIAGO L, LANA DM, LIMA RCM, CAMARGOS FO. Análise das Variáveis Preditoras de Desempenho Funcional Associadas ao Destreinamento em Idosos Comunitários. Anais do III Congresso de Geriatria e Gerontologia de Minas Gerais. Poços de Caldas: SBGG, 2003, 1: 44-44. TEIXEIRASALMELA LF, FARIA CDCM, MATOS ACS, LIMA RCM, LANA DM, SANTIAGO L, CASSIANO JG, OLIVEIRA FGT. Efeitos de um programa de treinamento seguido por um período de destreinamento na performance funcional de idosos comunitários. Anais do VII Ciclo de Extensão em Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 2003, 1:15-15. TEIXEIRASALMELA LF, SOUZA AC, MAGALHÃES LC, LIMA RCM, GOULART F. O Perfil de Saúde de Nottingham como Instrumento de Avaliação da Qualidade de Vida: Adaptação Transcultural e Análise das Propriedades Psicométricas. Anais do III Congresso Internacional e III Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte, 2003, 1: 34-34. TEIXEIRASALMELA LF, LIMA RCM, SOUZA AC, CASSIANO JG. Qualidade de Vida Associada com Programas de Treinamento e Destreinamento em Idosos. Anais do III Congresso Internacional e III Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte. 2003, 1: 34-34. Artigos Completos em Periódicos: TEIXEIRASALMELA LF, SOUZA AC, MAGALHÃES LC, LIMA MC, LIMA RCM, GOULART F. Adptação do Perfil de Saúde de Nottingham: Um Instrumento Simpels de Avaliação de Qualidade de Vida. Cadernos de Saúde Pública, RJ (No prelo), 2003. TEIXEIRASALMELA LF, SANTIAGO L, LIMA RCM, LANA DM, CAMARGOS FO, CASSIANO JG. Functonal Performance and Quality of Life Related to Training and Detraining with Community-dwelling Elderly. Submitted to Age and Ageing, Inglaterra 2003. Orientações de bolsas de extensão: Fernanda Gracielle Teles de Oliveira. Projeto Vale a Pena Viver: Uma Proposta de Intervenção Interdisciplinar para o adulto maduro e o idoso. 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Proex; Thelma Toledo Rocha. Projeto Vale a Pena Viver: Uma Proposta de Intervenção Interdisciplinar para o adulto maduro e o idoso. 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Proex.; Renata Birchal Braga. Projeto Vale a Pena Viver: Uma Proposta de Intervenção Interdisciplinar para o adulto maduro e o idoso. 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Proex; Amanda Alves Medeiros. Projeto Vale a Pena Viver: Uma Proposta de Intervenção Interdisciplinar para o adulto maduro e o idoso. 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Proex. Orientações a acadêmicos voluntários: Luciana Santiago - graduação em Fsioterapia, Flávia de Oliveira Camargos - graduação em Fisioterapia; Christina Danielli Coelho de Morais Faria - graduação em Fisioterapia, Aline Cristina de Souza - mestranda em Ciências da Reabilitação, Renata Cristina Magalhães Lima - especialização em Fisioterapia em Neurologia.

Conclusão

Ganhos nas medidas de velocidade da marcha, de descer e de subir escadas retornaram aos níveis basais após um, dois e três meses de destreinamento, respectivamente. A velocidade da marcha foi o parâmetro mais sensível para detectar mudanças associadas ao destreinamento. A percepção de QV foi a medida mais resistente a mudanças durante o destreinamento, permanecendo estável durante todo o período de follow-up. Baseado nesses achados, recomenda-se que programas delineados para idosos não sejam interrompidos, afim de manter os benefícios funcionais adquiridos.

Parcerias

Associação Batista Bem Viver

Referências

BERGER BG, MOTL R. Physical activity and quality of life. In: PHYSICAL ACTIVITY AND QUALITY OF LIFE Handbook of sport psychology. New York: Wiley, 2001. p. 636-71.

TEIXEIRA-SALMELA,LF, OLNEY SJ, NADEAU S, BROUWER B. Muscle Strengthening and Physical Conditioning to Reduce Impairment and Disability in Chronic Stroke Survivors. Archives of Physical Medicine and Rehabilitation, 80(10): 1211-18, 1999.

TEIXEIRA-SALMELA LF, SANTOS LD, GOULART F CASSIANO JG, HIROCHI TL.. Efeitos de atividades físicas e terapêuticas em adultos maduros e idosos. Fisioterapia Brasil, 2(2): 99-106, 2001.

SMITH K, WINEGARD K, HICKS AL, MCCARTNEY N. Two years of resistance training in older men and women: the effects of three years of detraining on the retention of dynamic strength. Canadian Journal of Applied

Physiology, 28(3): 462-74, 2003.
TAAFFE DR, MARCUS R..Dynamic muscle strength alterations to detraining and retraining in elderly men. Clinical Physiology, 17(3):. 311-24, 1997.
TEIXEIRA-SALMELA LF, NADEAU S, MCBRIDE I, OLNEY SJ. Effects of muscle strengthening and physical conditioning training on temporal, kinematic and kinetic variables during gait in chronic stroke survivors. Journal of Rehabilitation Medicine, 33: 53-60, 2001.
SAUVAGE LR, MYLKLEBUST BM, CROW-PAN J, NOVACK S, MILLINGTON P, HOFFMAN MD, HARTZ AJ, RUDMAN D. A clinical trial of strengthening and aerobic exercises to improve gait and balance in elderly male home residents. American Journal of Physical Medicine and Rehabilitation, 71(6): 333-42, 1992.
CONNELY DM., VANDERVOORT AA .Effects of detraining on knee extensor strength and functional mobility in a group of elderly women. Journal of Orthopaedics Sports Physical Therapy, 26(6): 340-46,1997.
SPIRDUSO WW, CRONIN DL. Exercise dose-response effects on quality of life and independent living in older adults. Medicine and Science Sports Exercise, 33(6): S598-S608, 2001.
TEIXEIRA-SALMELA, LF, SOUZA AC, LIMA MC, MAGALHÃES LC, LIMA RCM.. Adaptação do perfil de saúde de Nottingham: um instrumento simples de avaliação de qualidade de vida. Cadernos De Saúde Pública, In Press, 2003.
SKELTON DA, MCLAUGHLIN AW. Training functional ability in old age. Physiotherapy, 82(3): 159-67, 1996.
MORRISEY M., HARMAN EA, JOHNSON MJ. Resistance training modes: specificity and effectiveness. Medicine and Science in Sports and Exercise, 27: 648-60, 1995.
FIATARONE MA, MARKS EC, RYAN ND. High-intensity strength training in nonagenarians. Journal of the American Medical Association, 263(22):3029-34, 1990.
BENIAMINI Y, RUBENSTEIN JJ, ZAICHKOWSKY LD, CRIM MC.. Effects of high-intensity strength training on quality-of-life parameters in cardiac rehabilitation patients. American Journal of Cardiology, 80(7): 841-46, 1997.

Tabela 1: Média e Desvio Padrão das Variáveis Analisadas

Variável	Avaliações				
	1ª (n=23)	2ª (n=23)	3ª (n=18)	4ª (n=19)	5ª (n=21)
Velocidade (m/s)	1,40 ± 0,19	1,64 ± 0,19	1,41 ± 0,25	1,40 ± 0,16	1,41 ± 0,19
Subir escadas (degraus/min)	97,61 ± 17,59	115,78 ± 17,98	109,39 ± 21,19	102,87 ± 16,66	97,79 ± 12,76
Descer escadas (degraus/min)	116,80 ± 20,88	143,13 ± 26,88	137,32 ± 25,85	120,44 ± 18,65	119,63 ± 18,31
PSN	3,70 ± 5,83	2,96 ± 5,33	2,28 ± 3,77	2,00 ± 3,46	3,52 ± 5,58

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Médias e Desvios Padrões da Velocidade da Marcha obtidas nas Cinco Avaliações

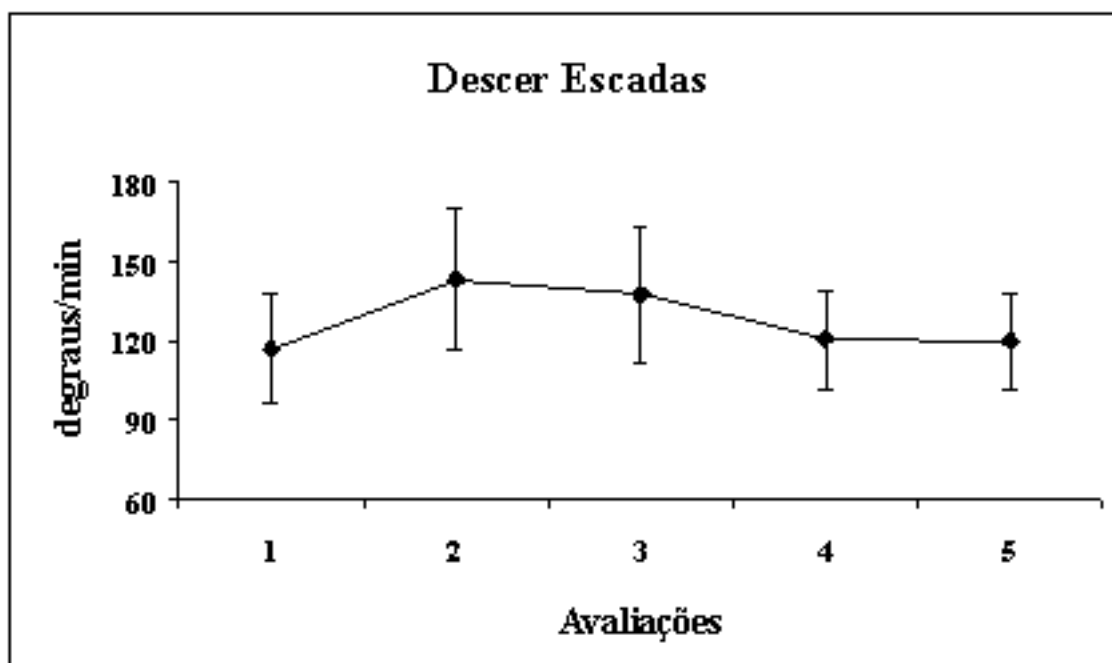



Gráfico 2: Médias e Desvios Padrões na Variável Descer Escadas obtidas nas Cinco Avaliações

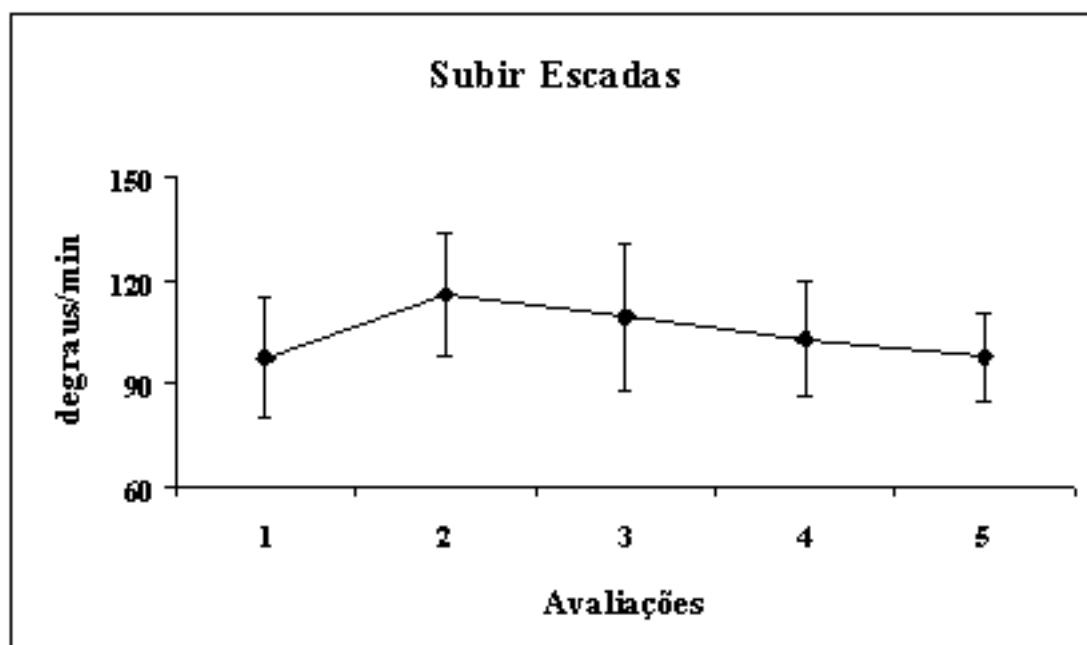



Gráfico 3: Médias e Desvios Padrões na Variável Subir Escadas obtidas nas Cinco Avaliações

TERAPIA PERIODONTAL DE SUPORTE: MONITORAMENTO DA SAÚDE GENGIVAL

Telma Campos Medeiros Lorentz[1], Alysson Nogueira Moreira2, André Luiz Pataro[3], Cristina Soares dos Santos[4], Cristina Martins de Souza[5], Címtia Pinto Braga, Simone Silva e Silva, Ana Cristina Cotrim Arantes, Ana Luiza Ferreira Pinto Moreira, Bernardo Barcelos Greco, Bruna Gonçalves Garcia, Carine Esther Muniz Tavares Branco, Carolina Teixeira Louzado, Cíntya Corrêa de Tassis, Deborah Campos Telles, Denise Silveira Mezencio, Fernanda de Souza Foureaux, Flávia Lúcia Souza Carvalho, Glauber Sartório Menegardo, Hennio José Ximenes Lopes de Oliveira, Hilda Maria Soares Rios Moreira, Juliana Angélica Pereira de Araújo, Leandro Martins Diniz, Lívia Maria Gonçalves de Miranda Nogueira, Marcos Barbosa Pains, Marina Sena Lopes da Silva, Melissa Soares Loureiro, Priscila Moreira Pires, Rafaela da Silveira Pinto, Túlio Cardoso dos Santos, Virgínia Graciano Silva Avelar[6]

Introdução

Tanto a cárie como a doença periodontal são problemas prioritários em termos de saúde bucal no Brasil e no mundo. São patologias que acometem a quase totalidade da população com altos níveis de prevalência e incidência. (DUTRA, 2000). A placa bacteriana é um dos fatores determinantes dessas patologias. Uma das maiores dificuldades enfrentadas é a redução de seu acúmulo sobre as estruturas dentais e conseqüentemente evitar seus efeitos sobre o periodonto. Nesse sentido, são implementados sistemas de controle periódico de pacientes pós-tratamento odontológico, denominados Manutenção Preventiva ou Terapia Periodontal de Suporte (WILSON, 1989). RAMFJORD (1993) conceituou Terapia Periodontal de Suporte como procedimentos para sustentar os resultados da terapia inicial através de um sistema de rechamadas periódicas profissionais e a manutenção de um ótimo controle de placa supra e subgengival, tanto quanto descobrir e remover irritantes que não foram eliminados durante o tratamento e a fase de cicatrização. Assim, a Terapia Periodontal de Suporte representa um programa de rechamada de pacientes que necessitam de um monitoramento de sua saúde periodontal com o objetivo de evitar a recorrência de uma doença (ZIMMER, 1992). Tem sido demonstrado que, após a instrumentação radicular, a microbiota subgengival fica significantemente alterada em quantidade e qualidade (LISTGARTEN et al., 1978) e que o restabelecimento da doença associada à microbiota subgengival pode levar vários meses (LISTGARTEN et al., 1978; SLOTS et al., 1979; MAGNUSSON et al., 1984). Através de uma rígida vigilância dos pacientes, envolvendo visitas profissionais com intervalos regulares, a reinfecção pode ser prevenida ou mantida em uma incidência mínima em muitos indivíduos (LINDHE, 1997). A fim de se atender às necessidades periodontais de manutenção dos pacientes da Faculdade de Odontologia da UFMG, este projeto (LORENTZ & MOREIRA, 2003) seleciona, a cada semestre, uma equipe de alunos da graduação que uma vez por semana atende os pacientes rechamados para as sessões clínicas. Durante o atendimento, acompanhados pelos coordenadores e monitores do projeto, cada aluno realiza o monitoramento periodontal, procedimentos de raspagem e alisamento radicular, o reforço da higiene oral e uma avaliação da possível reincidência da doença, objetivando interromper sua progressão ou o restabelecimento desta.

Objetivos

Realizar levantamento das atividades desenvolvidas pelos alunos da graduação da FO-UFMG selecionados para o projeto de extensão Terapia Periodontal de Suporte (TPS) durante o atendimento de pacientes que necessitam de um acompanhamento periódico de sua saúde periodontal; i integrar o conhecimento entre as diversas disciplinas da Faculdade de Odontologia; esclarecer os pacientes sobre o processo saúde-doença através da conscientização do seu problema odontológico e motivação para incorporar práticas de higiene oral adequadas; promover o aprendizado dos alunos na prática de raspagem supra e subgengivais e alisamento das superfícies radiculares e outros procedimentos periodontais correlacionados.

---

[1]Coordenadora, [2]subcoordenador, [3]pesquisador, [4]técnica-administrativa, [5]bolsista (Programa de Bolsas de Extensão/Proex), [6]voluntários
Número de Registro SiexBrasil: 1788
Área Temática: Saúde
Faculdade de Odontologia
Contatos: telmalorentz@ufmg.br e (31) 3499-2412

Metodologia

O Projeto de Extensão Terapia Periodontal de Suporte foi criado em 1993 e desde esta data vem atendendo à demanda preventiva dos pacientes anteriormente vinculados à Disciplina de Periodontia da Faculdade de Odontologia da UFMG, após alta de procedimentos periodontais cirúrgicos ou não. Sua relevância acadêmica se caracteriza pela oportunidade que os alunos do 4º período têm em adquirir parte dos conhecimentos de Periodontia antes mesmo de passarem pela disciplina que é ofertada somente no 7º período. No projeto TPS os discentes aprendem a fazer raspagens supra e subgengivais, o que facilita também no trabalho prático das disciplinas de Clínica Integrada de Atenção Primária, que constituem o eixo curricular. O Curso de Especialização em Periodontia realiza muitos procedimentos de cirurgia e requisita que alguns pacientes possam ter acesso à manutenção periodontal através do projeto TPS. O projeto TPS tem atividades semestrais em que são selecionados 24 alunos do 4º período que trabalham em duplas num sistema de rosetas. Conta também com a atuação anual de um bolsista de extensão e de monitores voluntários, que têm a oportunidade de sedimentar conhecimentos adquiridos na disciplina de Periodontia. Ao início de cada semestre, é ministrada uma aula teórica na qual são ensinadas todas as etapas dos procedimentos da aula prática: ficha periodontal, índice de placa, raspagem e alisamento radicular. É distribuído material didático para os alunos, incluindo o cronograma do projeto e referências bibliográficas do assunto. As aulas práticas são realizadas todas as terças-feiras no período de 14 às 18h, na clínica 2 da Faculdade de Odontologia, onde os alunos realizam os seguintes procedimentos: aAtualização da ficha clínica da FOUFMG; preenchimento da ficha periodontal (diagnóstico de doença periodontal, mobilidade dentária, envolvimento de furca, profundidade de sondagem e perda de inserção clínica); determinação do índice de placa visível; escovação orientada; raspagens supragengivais; polimento coronário; aplicação tópica de flúor gel com moldeira; raspagens subgengivais por sextante sob anestesia local em áreas com bolsas periodontais maiores ou iguais a 5 mm; tomada radiográfica de áreas com bolsa periodontal maiores ou iguais a 5 mm; encaminhamento para a disciplina de Periodontia ou para o Curso de Especialização em Periodontia se houver recidiva de doença periodontal; rReagendamento. A prática clínica envolve quantos horários clínicos forem necessários para o paciente reaver o seu estado periodontal saudável. Os alunos trabalham em dupla e cada aluno dispõe de uma sessão clínica de aproximadamente 2 horas de duração, totalizando 4 horas diárias. Terminado o tratamento em um paciente ele é reagendado e o próximo rechamado por telefone ou telegrama. Para este trabalho foi feita uma análise dos procedimentos executados pelos alunos da graduação que participaram do projeto, no período de março a outubro de 2003, correlacionando o número de pacientes tratados e as atividades clínicas desenvolvidas. Os dados foram obtidos a partir das produtividades que eram preenchidas por cada um dos 24 alunos, em cada sessão de atendimento.

Resultados e Discussão

O funcionamento do Projeto ocorreu no período de maio a julho e no mês de setembro de 2003, sendo interrompido nestes intervalos por motivo de férias letivas e greve de funcionários. A realização do projeto só se dá durante o período letivo devido ao funcionamento da Central de Esterilização e da presença de funcionários nas rosetas clínicas (conjunto de 6 equipos odontológicos). Portanto, neste ano o primeiro semestre iniciou-se em maio e terminou em setembro. Em relação ao ano passado tivemos a participação de um menor número de alunos e de pacientes atendidos. No entanto o projeto reiniciará suas atividades em novembro de 2003, seguindo o segundo semestre letivo. Houve a participação de 24 alunos do 4º período, os quais cumpriram um carga horária de 52 horas/ aula no período de 06/05/2003 à 30/09/2003. Os discentes acompanharam o estado periodontal dos pacientes de manutenção, executando raspagens supra e subgengivais, alisamentos radiculares, polimentos coronários, aplicações tópicas de flúor, além do controle de placa e reforço das instruções de higiene oral. Com base nos dados obtidos através das produtividades analisadas, pode-se avaliar o número de pacientes atendidos no período em questão (TAB. 1), bem como o número de procedimentos clínicos executados (TAB. 2).

TABELA 1

Nº de pacientes atendidos no projeto TPS, maio a setembro de 2003

Tipo de Atendimento	Quantidade
Atendimentos seqüenciais	69
Atendimentos de emergência	03
Total	72

A TAB. 1 mostra o número de pacientes atendidos (72) no período de maio a setembro de 2003, sendo que 69 foram atendimentos seqüenciais e 3 de emergência. Pode-se inferir que o paciente era atendido mais de uma vez na clínica da faculdade (semanalmente) para a conclusão de seu tratamento. Deve-se ressaltar que este tipo de paciente necessita de um controle rigoroso e de terapias (como a raspagem subgengival) que dependem de um maior tempo clínico, principalmente tendo-se em vista que o aluno que executa o procedimento não tem tanta prática quanto um profissional formado. Os atendimentos de emergência (3) são importantes para desenvolver a capacidade de diagnóstico clínico dos alunos, além de trazer alívio para os pacientes necessitados.

TABELA 2

Nº de procedimentos clínicos executados no projeto TPS, maio a setembro de 2003

Procedimento executado	Quantidade
Ficha clínica e ficha periodontal	69
Índice de placa visível	69
Instruções de higiene oral	69
Raspagem supra-gengival por hemi-arco	73
Raspagem sub-gengival por hemi-arco	107
Polimento coronário e controle de placa	69
Aplicação tópica de flúor com moldeira	81
Uso de aparelho ultra-sônico para remoção de tártaro	1
Exodontia de resto radicular	1
Radiografias	8
Restauração com Ionômero de vidro (2 faces)	1
Gengivectomia	3
Frenectomia	1
Esplintagem por dente	4
Drenagem de abscesso por dente	2

Pela TAB.2 pode-se observar que diversos procedimentos são realizados durante os atendimentos clínicos prestados desde os mais simples, como a atualização de ficha clínica e aplicação tópica de flúor, até os mais complexos, como as cirurgias periodontais (gengivectomia, frenectomia). Estas últimas realizadas pelo mestrando que acompanhava o projeto. Raspagens subgengivais por hemi-arco constituem os procedimentos clínicos mais executados (107) por se tratarem de condutas terapêuticas essenciais para a manutenção da integridade dos tecidos periodontais. A raspagem supragengival para remoção de cálculos (73) e o polimento coronário para o controle da placa bacteriana dental (69) constituem também métodos preventivos e de tratamento na terapia periodontal. Outros procedimentos como a esplintagem de dentes (4) são importantes quando necessários no controle da mobilidade de um dente, principalmente nos pacientes com doença periodontal avançada, evitando a sua perda. Em casos de maior presença de cálculos (tártaros) nas superfícies dentais utiliza-se um aparelho ultra-sônico (1) para facilitar a remoção, o que agiliza o tratamento. Pode-se observar que o projeto tem um caráter interdisciplinar na medida em que procedimentos comuns em outras disciplinas, como restaurações na área de Dentística, obtenção de imagens radiográficas na Radiologia, exodontias na Cirurgia, também são realizados. Isto traz benefícios tanto para os pacientes (pois agiliza o atendimento e contribui para o restabelecimento mais rápido de sua saúde oral) quanto para os alunos (que adquirem mais segurança, experiência e agilidade na prática clínica).

Produtos Gerados

Questionário de avaliação da qualidade de vida dos pacientes atendidos no projeto TPS. Relatório final das atividades de cada aluno.

Conclusão

O paciente com doença periodontal tem a oportunidade de ser controlado e monitorado, o que é imprescindível para a preservação de sua saúde oral; as visitas periódicas de manutenção incentivam os pacientes em relação ao autocuidado quanto à sua higiene oral; os alunos, ao exercerem a prática clínica no projeto colaboram para a promoção de saúde na comunidade; o projeto TPS tem consolidado a prática interdisciplinar, motivando uma troca de experiências entre as diversas áreas do conhecimento odontológico.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão

Referências

DUTRA, C. M. R. Educação em Saúde Bucal Individual e Grupal: práticas para a motivação do auto cuidado de pacientes em manutenção periodontal. 2000.103p. Dissertação (Mestrado em Odontologia - área de concntração Saúde Coletiva) Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

INDHE, J. Terapia Periodontal de Suporte (TPS).IN: LINDHE, J. Tratado de periodontia clínica e implantologia oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1999. Cap. 27, p.602-619.

LISTGARTEN, M.A. et al.Relative distribution of bacteria at clinicaly healthy and periodontally diseased sites in humans. J. Clin. Periodontol., Copenhagen, v. 5, p.115-132.1978.

ORENTZ, T.C.M.; MOREIRA, A.N. Terapia Periodontal de Suporte. Belo Horizonte: Centro de Extensão da Faculdade de Odontologia da UFMG, 2003, 8p. Relatório.

MAGNUSSON et al. Recolonization of a subgingival microbiota following scaling in deep pockets. J. Clin. Periodontol., Copenhagen, v.11, p.193-207.1984.

RAMFJORD, S. P. Maintenance care and supportive periodontal threrapy. Quint. Int, Minessota, v.24, n.7, p.465-471, Jul. 1993

SLOTS et al. Periodontal therapy in humans. I .Microbiological and clinical effects of a single course of periodontal scaling and root planing and of adjunctive tetracycle therapy. J. Periodontol., Chicago, v.50, p.495-509. 1979.

WILSON Jr., T. G. A typical maintenance visit. IN: WILSON Jr., T.G. Dental maintenance for patients with periodontal disease. Chicago: Quintessence, 1989, Cap. 6, p. 90-96.

ZIMMER, W.M. et al. Maintenance in periodontal therapy. Nortwest Dent., St. Paul, v.71, n.2, p.21-25, Mar/Apr.1992.

CONVIVENDO BEM COM A DOENÇA DE PARKINSON

Fátima Goulart[1], Francisco Cardoso2, Cléia Madeira e Silva, Cristina Mendes Barbosa[3], Cecília Nasciutti[4]

Introdução

A doença de Parkinson (DP) é uma doença crônica e degenerativa do sistema nervoso central que acomete os gânglios da base. Neuroquimicamente é caracterizada pela redução de dopamina na via negroestriatal resultante da morte de neurônios da substância negra cerebral. Sua etiologia é desconhecida, embora tenha sido sugerida uma associação de fatores genéticos e exposição a toxinas ambientais com a sua manifestação. É uma patologia lentamente progressiva que afeta 1 em cada 1000 pessoas acima de 65 anos e 1 em cada 100 com idade acima de 75 anos, acometendo mais homens que mulheres na proporção de 2:1. Com o envelhecimento da população, estima-se que em 2020 mais de 40 milhões de pessoas no mundo terão essa enfermidade (Morris, 2000). Os principais sinais e sintomas são bradicinesia, tremor, rigidez, instabilidade postural, fraqueza muscular e alterações da marcha e alterações do comportamento como tendência ao isolamento e depressão. O tratamento da DP envolve abordagens não-farmacológicas além da terapia medicamentosa convencional. Essas abordagens incluem a fisioterapia, a fonoaudiologia, terapia ocupacional e cirurgias. A fisioterapia é, atualmente, amplamente usada dentro do processo de neuroreabilitação. Em geral, o tratamento fisioterápico na DP tem como objetivo evitar as seqüelas da imobilização como contraturas e dor, reduzir anormalidades do tônus muscular, melhorar a execução de movimentos voluntários, aumentar as atividades sociais e melhorar a qualidade de vida dos enfermos (Homberg, 1993). Considerando o aumento do número de idosos e a alta prevalência da DP nesta camada da população, fazem-se necessários enfoques interdisciplinares de tratamento voltados para essas pessoas. O Ambulatório de Distúrbios do Movimento do Hospital das Clínicas da UFMG, sediado no 6º andar do Ambulatório Bias Fortes, atende uma parcela considerável de pacientes parkinsonianos e foi detectada a existência de um importante número de pacientes cuja presença freqüente no ambulatório para uma abordagem fisioterapêutica era absolutamente inviável. As razões para isto são déficits motores somados a baixa condição sócio-econômica, acarretando dificuldades com transporte e necessidade constante de um acompanhante. Detectando esta demanda, o projeto de extensão Convivendo Bem com a Doença de Parkinson foi criado em 1999 para oferecer uma abordagem diferenciada a estes pacientes, promovendo a saúde física e emocional através de uma intervenção educativa, em grupo e pouco dispendiosa.

Objetivos

Proporcionar atendimento fisioterapêutico a pacientes portadores de DP e outros tipos de parkinsonismos de baixa renda do Ambulatório de Distúrbios do Movimento da UFMG; estimular os pacientes à prática domiciliar de atividades físicas e funcionais orientadas e adaptadas; estimular e orientar a participação dos cuidadores/familiares nas atividades praticadas e treinadas para que os mesmos possam auxiliar os pacientes na realização dos exercícios a nível domiciliar; estimular a maior independência funcional possível; criar oportunidades de convivências e trocas de experiências; orientar quanto à patologia e aspectos relacionados com ela; promover auto-estima e auto-cuidado e promover uma melhor qualidade de vida a essa população por abordagem interprofissional e prioritariamente educativa.

Metodologia

O projeto conta, atualmente, com 25 pacientes portadores de DP e outros tipos de Parkinsonismos, acima de 40 anos, atendidos no Ambulatório de Movimentos Anormais da UFMG que se interessem em participar das atividades promovidas pelo projeto. Os pacientes são recrutados no dia de suas consultas médicas ao neurologista, onde são esclarecidos quanto aos objetivos do projeto e convidados a participar do mesmo. Ao ingressar no projeto, cada

---

[1]Coordenadora, [2]colaborador, [3]bolsistas, [4]voluntária
Número de Registro SiexBrasil: 488
Área Temática: Saúde
Escola de Medicina e Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Contatos: fgoulart@metalink.com.br e (31) 3292-5313

participante tem sua ficha de dados preenchida. É feita uma avaliação funcional do paciente, além da aplicação de questionários como UPDRS (Escala Unificada para Avaliação da Doença de Parkinson) e o PDQ-39, que são escalas clínico-funcional e de qualidade de vida, respectivamente. Tais escalas são utilizadas como indicadores de avaliação do andamento do projeto e como dados para a elaboração de trabalhos científicos. Os pacientes também respondem a um questionário qualitativo elaborado para detectar necessidades de mudanças e de diferentes intervenções. As atividades do projeto são realizadas todas as terças-feiras e sextas-feiras das 13:00 às 16:00 horas. O espaço físico de que o projeto dispõe é: uma sala equipada com mesa, cadeiras, maca, estepes, colchonetes, um conjunto de bancos com cinco alturas, bastões e uma bicicleta ergométrica disponível no 6º andar do Ambulatório Bias Fortes. Além disso, os pacientes são atendidos em grupo no Laboratório do Movimento, localizado no campus da saúde. As atividades desenvolvidas incluem: monitoração da pressão arterial inicial e final, orientação e treinamento prático de atividades motoras e funcionais de acordo com as necessidades. Essas atividades incluem: exercícios de flexibilidade de diversos grupos musculares; exercícios de mobilidade de tronco, membros superiores e inferiores; exercícios de fortalecimento; treino de atividades funcionais como se levantar e assentar em cadeiras, rolar e elevar-se da cama; treino de equilíbrio e de marcha; além de exercícios para os músculos mímicos e exercícios respiratórios. Orientação e treinamento junto aos cuidadores/familiares para favorecer as atividades realizadas a nível domiciliar; orientação e treinamento de exercícios para a fala, segundo orientação de fonoaudióloga.

· Orientações e esclarecimentos para diminuir ou minimizar os déficits funcionais; promoção e estímulo a atividades que poderão ser desenvolvidas no ambiente doméstico; promoção de um período de caminhada, no qual são dadas orientações e "dicas" para melhorar o padrão de marcha e diminuir possíveis dificuldades; atendimento individual dos pacientes integrantes para a abordagem de problemas motores ou funcionais relacionados ou não à doença; periodicamente, o paciente é acompanhado em suas consultas de retorno ao neurologista; periodicamente, são promovidas palestras sobre temas de interesse com a participação dos membros da equipe (fisioterapeutas e neurologistas) e de outros profissionais convidados (fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, geriatras,etc).

Resultados e Discussão

Como pode ser visto, este projeto tem uma abordagem educativa ampla. Assim, para alcançar os nossos objetivos de educação e conscientização do paciente e do cuidador quanto à doença e a importância da prática domiciliar das atividades físicas e funcionais orientadas, tornou-se extremamente necessário a elaboração de uma cartilha contendo um guia de informações e orientações que pudesse ser utilizado pelos pacientes em suas residências. Portanto, optamos por destacar como nosso principal resultado referente ao ano de 2003 a cartilha que se encontra em anexo. Este material foi resultado de uma importante parceria feita entre a coordenação do projeto e o laboratório Boehringer Ingelheim do Brasil. A cartilha foi elaborada por fisioterapeutas, um neurologista e uma fonoaudióloga e traz informações sobre a doença, suas causas, o tratamento medicamentoso e uma ênfase na abordagem da fisioterapia e fonoaudiologia, além de orientações à família. A cartilha ainda conta com orientações para diminuir ou minimizar os sinais e sintomas da doença, além de exercícios ilustrados para facilitar a realização dos mesmos em casa. Foram confeccionados 5.000 exemplares que ficaram prontos em setembro do corrente ano e estão sendo distribuídos entre os atuais e novos pacientes do projeto. Além disso, a cartilha já vem sendo distribuída gratuitamente em congressos, entidades, médicos e pacientes de todo o Brasil. A avaliação qualitativa realizada periodicamente entre os pacientes, mostra um alto índice de aceitação e adesão dos mesmos ao projeto. As avaliações periódicas de qualidade de vida fornecidas pelos questionários e a avaliação funcional demonstram uma melhora dos pacientes em suas atividades de vida diária, atividades funcionais, melhora das alterações emocionais e socialização.

Produtos Gerados

Cartilha: Doença de Parkinson: Exercícios e Orientações para viver melhor de autoria principal da coordenadora do projeto e do neurologista colaborador do mesmo. Tal êxito foi de extrema importância para completar os objetivos do projeto, que agora conta com um material didático de alto nível essencial à realização das atividades domiciliares. Além disso, pacientes e profissionais de todo Brasil poderão ter acesso a esse material. O projeto gerou ainda várias apresentações em congressos com respectivas publicações, como: III Congresso de Geriatria e Gerontologia de Minas Gerais/2003, X Congresso Brasileiro de Biomecânica/2003, VII Ciclo de Extensão em

Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG/2003 e X Congresso Brasileiro e III Congresso Internacional de Psicologia do Esporte/2003.

Conclusão

O projeto em questão tem sido de fundamental importância para a participação discente como bolsistas e voluntários, para as aulas práticas de disciplinas de Fisioterapia aplicada a neurologia, sendo a única oportunidade que os alunos tem de acompanhar o tipo de paciente atendido no projeto. Os pacientes do projeto têm participado de pesquisas que envolvem monografias de conclusão de curso, trabalhos de conclusão do Curso de Especialização em Fisioterapia do Departamento de Fisioterapia e, principalmente, tem sido fonte de pacientes para os projetos de pesquisas atualmente desenvolvidos por mestrandos do Mestrado em Ciências da Reabilitação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Além disso, a integração dos alunos do curso de Fisioterapia junto aos neurologistas, residentes e fonoaudiólogos que atuam no 6° andar do Ambulatório Bias Fortes tem sido extremamente enriquecedor para todos, ampliando os horizontes de uma atuação interdisciplinar. Com o exposto, pode-se destacar a importância acadêmica e social do projeto em questão.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão e Laboratório Boehringer Ingelheim do Brasil.

Referências

HOMBERG, V. Motor training in the therapy of Parkinson’s disease. Neurology. 1993, 43 (suppl): S45-S46

MARSDEN, C.D. Parkinson’s disease. J. Neurosurg Psychiatry. 1994, 57 (6): 672-681

MONTGOMERY E. B.; SING, G. Patient education and health promotion can be effective in Parkinson’s Disease: A randomized trial. American Journal of Medice. 1994, 97: 429-435

MORRIS, M.E. Moviment disorders in people with Parkinson Disease: a model for physical therapy. Physical Therapy. V.8, p.578-97, jun. 2000.

PROJETO LAR DOS IDOSOS

Geral Almir Tavares[1], Arquimedes Nascentes dos Santos Coelho, Fernando Volpe, João Carlos Barbosa Machado, Letícia Renault, Denise Nascimento, Breno Satler de Oliveira Diniz[2], Gisela Magalhães Braga, Giselle Campos Freire, Vanessa Miranda Pereira[3], Débora Balabram[4], Lara Veira Marçal, Fernanda Maria Farage Osório, Nívea Olímpia, Guilherme Ribeiro Loss, Clara Rodrigues Alves de Oliveira, Maísa de Bessa Menezes, Renata Toledo Lopez, Séphora Cardoso, Pedro Tourinho Siqueira[5]

Introdução

Existente desde 1987, o Projeto Lar dos Idosos torna-se uma atividade apoiada pela PROEX da UFMG em 1996. Várias atividades vêm sendo desenvolvidas desde então. Trabalha-se com instituições residenciais de longa permanência para idosos. A análise institucional favorece a compreensão da sua problemática e busca o seu aprimoramento. São oferecidos avaliação e cuidado clínico aos moradores dessas instituições. A atividade se processa por meio de visitas periódicas a essas instituições. Um curso de atualização em Neuropsiquiatria geriátrica é ofertado semestralmente na Faculdade de Medicina da UFMG, incluindo docentes especializados, o que possibilita o aprimoramento dos profissionais da área. Reuniões clínicas em conjunto do projeto e da Sociedade Mineira de Neuropsiquiatria Geriátrica, onde há supervisão de casos clínicos e revisão de temas de maior relevância, acontecem semanalmente. Projetos de pesquisa vêm sendo desenvolvidos pelos alunos, sendo que alguns já foram publicados em periódicos científicos. Estudantes e profissionais da área de Medicina, Enfermagem, Psicologia, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Comunicação, Direito, e outras áreas são os agentes dessas ações e se engajam em processo de estudo e de treinamento com vistas à compreensão da situação bio-psico-social do idoso. Com o objetivo de atender ainda mais às demandas da comunidade, tem-se buscado ampliar a área de atuação do projeto. Dessa forma, está em formação uma organização não governamental, e já está em processo de consolidação, a Sociedade Mineira de Neuropsiquiatria Geriárica. O Ambulatório de Alzheimer, em processo de implantação nas dependências da Faculdade de Medicina da UFMG, oferecerá a oportunidade de atendimento especializado aos idosos, bem como será responsável pelo controle e distribuição de medicamentos à população. Um convênio com Prefeituras do interior de Minas Gerais pode vir a se estabelecer, de forma que comunidades carentes possam ter acesso a esses recursos.

Objetivos

Contribuir, através de trabalho multidisciplinar e integrado, para melhoria das condições das instituições residenciais de longa permanência para idosos, através de processo continuado de análise institucional das instituições já conveniadas com o Projeto Lar dos Idosos; Introduzir estudantes de Medicina, de Enfermagem e de outras áreas no estudo da problemática bio-psico-social do idoso residente em instituições residenciais de longa permanência, instituições que atendem a clientela das mais difíceis dentre aquela constituída de idosos; Oferecer consultoria acerca de como racionalizar e melhorar o funcionamento de outras instituições, ainda não ligadas ao Projeto Lar dos Idosos; Contribuir para elevar o bem estar e a qualidade de vida do idoso em instituições de longa permanência, que são muito baixos hoje em dia; Treinar pessoal administrativo e atendentes das casas para idosos conveniadas; Contribuir para aperfeiçoar e profissionalizar os serviços de Enfermagem existentes nessas instituições; Compreender o processo de financiamento dessas instituições e contribuir para aprimorá-lo, quando for possível; Compreender o processo de estabelecimento e a dinâmica de funcionamento dos grupos de voluntários associados a essas instituições; Treinar estudantes de Medicina e de Enfermagem (e de outras áreas que se fizerem necessárias) no exame do estado mental e na detecção e acompanhamento de transtornos cognitivos do idoso; Aperfeiçoar banco de dados contendo parâmetros clínicos e institucionais referentes às instituições em questão; Desenvolver um projeto acadêmico de estudos acerca do processo de envelhecimento; Visitar instituições consideradas como de

[1]Coordenador, [2]subcoordenadores, [3]bolsistas (Programa de Bolsas de Extensão/Proex), [4]outra bolsista, [5]voluntários
Número de Registro SiexBrasil: 3175
Área Temática: Saúde
Faculdade de Medicina
Contatos: almirtav@medicina.ufmg.br e (31) 3217-7201

elevado nível, para transportar idéias oriundas desse modelo para instituições menos favorecidas; Estimular o trabalho em equipe entre estudantes; Integrar os estudantes do ciclo profissionalizante com estudantes do ciclo básico do curso médico. Bem como, estimular a integração com estudantes de outras áreas. Estimular os estudantes a escreverem artigos científicos, relacionados aos temas de neuropsiquiatria geriátrica, para posterior publicação. Estimular estudantes a apresentar trabalhos científicos em congressos.

Metodologia
Grupo de Supervisão Clínica: o estudante deverá comparecer a reuniões semanais, às sextas-feiras, de 12 às 13h, que têm o seguinte conteúdo: a) discussão de casos clínicos mais interessantes e que geraram dúvidas; b) breve apresentação de temas teóricos, pelos bolsistas, previamente determinados no início de cada semestre; c) aspectos administrativos. Grupos de estudantes: os estudantes são divididos em 6 grupos, cada um dos quais ligados a uma instituição residencial para idosos. Cada grupo é composto de: um monitor, com um pouco mais de experiência com as atividades do Projeto Lar dos Idosos; estudantes de nível intermediário de experiência (5º. ao 7º. períodos de Medicina ou equivalente); e estudantes de nível inicial (1º. ao 4º. períodos de Medicina ou equivalente). O estudante deverá visitar semanalmente a instituição residencial para idosos à qual estiver ligado. Deverá permanecer nessa instituição durante uma manhã ou uma tarde. Deverá fazê-lo em grupo, no qual sempre haverá um estudante de período mais avançado no seu curso de graduação e outros mais jovens. O estudante não pode assumir responsabilidade clínica. Mas, poderá auxiliar no processo de tratamento e de reabilitação dos idosos, com finalidade de aprendizagem, orientado pelo professor, pelos preceptores do Projeto Lar dos Idosos e por profissionais já formados que trabalham nessas instituições. Visita a Delegacia do Idoso: o projeto DEPI visa otimizar o funcionamento da delegacia do idoso através da realização de anamneses com as vítimas com o objetivo de fazer uma triagem para identificação de possíveis transtornos psiquiátricos. Realizamos encontros com as vítimas nos quais procuramos ouvir suas reclamações, angústias e sofrimentos internos, dando atenção e tentando identificar se há ou não algum transtorno mental. Foi criado para nós um formulário da Academia de Polícia Civil de Minas Gerais onde deixaremos por escrito um relatório da nossa impressão sobre a vítima. Tal relatório será anexado à ficha da vítima e poderá ser útil até para os juizes, policiais ou delegados na investigação policial do caso da vítima. Os casos são discutidos com o coordenador do projeto, proporcionando a nós acadêmicos uma melhor compreensão dos problemas psíquicos e incentivando a busca de novos conhecimentos sobre os temas. Com o suporte profissional da área de saúde mental, a DEPI poderá orientar de maneira correta e adequada o encaminhamento desses idosos. Além disso, iremos fazer parte de uma proposta da delegacia de multidisciplinaridade, juntamente com assistentes sociais, psicólogos, fisioterapeutas, gerontólogos e policiais. Projeto individual de pesquisas. Cada estudante é estimulado a desenvolver um projeto de pesquisas seu próprio, individual, a partir do qual planejará integração com as atividades do Projeto Lar dos Idosos. A seguir, o estudante deverá procurar obter os recursos necessários para executar o projeto. Por fim, elaborar relatórios e publicar artigos. Os seguintes estudos estão em andamento: A percepção da morte por estudantes, médicos e pacientes; um estudo evolutivo Todos os seres humanos se deparam necessariamente com a morte e, dentre eles, os médicos em especial se envolvem neste acontecimento. Portanto, revela-se a importância da tanatologia na formação médica, em especial na dos geriatras e oncologistas. Por outro lado, sabe-se que há uma diferença no lidar com a morte entre os alunos de medicina, nos diferentes níveis de sua formação. Este trabalho objetiva analisar o medo dos estudantes de medicina em relação à morte em diversas etapas do curso, bem como de médicos já formados e determinados grupos de pacientes geriátricos, envolvidos no Projeto Lar dos Idosos. Também, busca possibilitar o enriquecimento da formação médica no que diz respeito à relação médico-paciente diante da morte. Será aplicado um questionário padronizado, denominado “The Revised Collett-Lester Fear of Death and Dying Scale”, nos grupos estudados, e, posteriormente, será feita a análise estatística dos resultados. Avaliação cognitiva em idosos de uma comunidade de BH – MG: um estudo prospectivo Esse trabalho consiste em um estudo prospectivo através do qual será feita uma reavaliação dos idosos previamente selecionados e avaliados no período de agosto de 2001 a julho de 2002, sob projeto de mesmo título. Os idosos serão submetidos à aplicação dos seguintes testes: mini exame do estado mental (MEEM), escala de demência de Blessed (EDB) e escala de atividades da vida diária (AVD). Os mesmos serão aplicados em cento e sessenta e quatro idosos (indivíduos com mais de sessenta e cinco anos, segundo classificação da OMS) residentes na área de abrangência do centro de saúde Amílcar Vianna Martins,

localizado na região oeste de Belo Horizonte, Minas Gerais. A aplicação será feita por estudantes de medicina devidamente treinados para tal fim. O objetivo desse trabalho é investigar fatores que predispõem a um maior comprometimento cognitivo nos idosos da amostra, como idade, nível educacional e idade de início da escolaridade. Saber a influência de tais fatores é importante porque quadros demenciais possuem elevada morbidade e pioram o prognóstico de inúmeras patologias não psiquiátricas, além de causar um grande ônus biopsicossocial para os familiares e cuidadores.

Produtos Gerados
Curso de Neuropsiquiatria Geriátrica Atividade vinculada ao Projeto Lar dos Idosos que tem como objetivos principais fornecer aos alunos da Faculdade de Medicina informações teóricas sobre o processo de envelhecimento normal e patológico e de divulgar o projeto para toda comunidade acadêmica ou para a população em geral e fornecer um intercâmbio com outros centros universitários e projetos vinculados à Geriatria. Ambulatório de Alzheimer Está em andamento a criação do primeiro ambulatório da Faculdade de Medicina direcionado ao estudo e acompanhamento de pacientes portadores da Doença de Alzheimer. Servirá como uma extensão na faculdade do Projeto Lar dos Idosos e permitirá a preparação dos alunos de medicina para a principal doença cognitiva dos idosos e melhor avaliação cognitiva de idosos residentes nos asilos conveniados. Apresentação de trabalhos em congressos: Diniz BSO, Volpe FM, Tavares A. Avaliação cognitiva em idosos: o impacto da idade, do nível educacional e da idade de início da escolaridade. XIII Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia, Rio de Janeiro, Brasil, 2002. Diniz B, Tavares A, Volpe FM. Cognitive function in elderly: the effect of age, educational level, and age of education onset. 8th International Conference on Alzheimer's Disease and Related Disorders, Estocolmo, Suécia, 2002. Diniz B, Volpe F, Tavares A. Heterogeneidade da performance cognitiva em idosos com baixa escolaridade. VI Fórum Brasileiro de Neuropsiquiatria Geriátrica, Rio de Janeiro, Brasil, 2002. Trabalhos publicados: Diniz BSO, Tavares A. Suicídio: fundamentos para a prática clínica. Rev Med Minas Gerais, 2002 (no prelo). Diniz BSO, Volpe FM Tavares A. Cognitive function in elderly: the effect of age, educational level, and age at education onset. Neurobiology of Aging 2002; 23 (suppl 1): S452. Diniz BSO, Volpe FM, Tavares A. Heterogeneidade da performance cognitiva em idosos com baixa escolaridade. Jornal Brasileiro de Neuropsiquiatria Geriátrica 2002 (no prelo). Diniz BSO, Volpe FM, Tavares A. Avaliação cognitiva em idosos: o impacto da idade, do nível educacional e da idade de início da escolaridade. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia, nº 234.

Conclusão
As atividades possibilitaram aos alunos o aprendizado e aperfeiçoamento da técnica semiológica aplicada à geriatria, que apresenta suas peculiaridades. Embora o quadro clínico seja na maioria das vezes complexo, o tempo de entrevista não deve ser muito longo, não ultrapassando 60 minutos, pois o paciente demonstra sinais de cansaço, o que interfere na colheita adequada dos dados e realização do exame físico. O paciente idoso requer em sua entrevista, obrigatoriamente, avaliação da sua função cognitiva, através de testes neuropsicológicos, do seu humor e capacidade de desenvolver as atividades de vida diária com maior ou menor independência. Aprendeu-se a importância do estabelecimento de uma boa relação médico-paciente, bem como da estrutura de trabalho multidisciplinar. Na geriatria é fundamental parceria com fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, psicológos e assistentes sociais, para abordagem mais adequada e eficaz. Foi possível aumentar os conhecimentos referentes à clínica geriátrica, o que inclui patologias mais frequentes no idoso e peculiaridades da terapêutica aplicada. Nessa faixa etária, usualmente, o paciente apresenta vários diagnósticos associados, que se mostram de maneiras atípicas, o que requer cautela na propedêutica e no tratamento. Com o propósito de evitar iatrogenia, é fundamental observar possíveis interações medicamentosas, considerando que há o uso de vários medicamentos associados. E, principalmente, foi uma oportunidade para se enriquecer valores e relações humanas, possibilitando aprimoramento pessoal para os alunos. Dessa maneira, foi possível obter conhecimentos ampliados na área de geriatria, importante diante do processo de envelhecimento da população brasileira.

Parcerias
Pró-Reitoria de Extensão e CNPq.

ESCOLA & EMPRESA COM VISÃO DE MERCADO NAS PRÁTICAS ACADÊMICAS EM ORÇAMENTO INFORMATIZADO DE OBRAS CIVIS

Bernadete Trifilio[1], Luiz Henrique Coelho da Rocha[2]

Introdução

Tendo em vista a atualização do mercado em termos de planejamento orçamentário de obras civis, torna-se necessário um avanço em informações acadêmicas nas técnicas construtivas, de modo a levar aos alunos os subsídios técnicos atualizados com a realidade de mercado. Ainda, visando a fornecer aos alunos mecanismos operacionais no ramo da informática, além do sistema implantado atualmente no CCE da EE.UFMG, a professora da disciplina EMC 018 – Tecnologia das Edificações II desenvolveu um estudo de viabilidade para outro programa de mercado, verificando se o mesmo tinha condições de ser adaptado nos trabalhos práticos atualmente propostos aos alunos do curso. O projeto intitulado "Estudo de Viabilidade de Uso de Programa de Orçamento de Obras na Disciplina EMC018 – Tecnologia das Edificações II", aprovado em 14/05/2003 pelo CENEX – Centro de Extensão da EE, através de memorando nº 61/2003, registro SIEXBRASIL nº 2095, foi desenvolvido no DEMC - Departamento de Engenharia de Materiais e Construção da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais, tendo como equipe técnica a atuação de um professor coordenador, a Profª Bernadete Trifilio e de 01 (um) aluno de graduação, Luiz Henrique Coelho da Rocha. Foi efetuado convênio com a empresa responsável pelo programa, denominada Plana Informática Ltda., na concessão de bolsas para o aluno, num período de 02 (dois) meses de pesquisa, ou seja, de maio a junho/2003. A seleção do estudante foi feita com base na atuação do mesmo aluno bolsista do Programa de Bolsas Acadêmicas Especiais PAE 14/2001 e PAE-17/2002, anteriormente desenvolvido, o qual atuou juntamente com a Coordenadora na implantação do sistema orçamentário no CCE, possuindo grande prática, o que se tornou essencial para o desenvolvimento deste trabalho nos breves 02 (dois) meses de projeto, já que o aluno se apresentava com todos os conhecimentos necessários em orçamentação e a devida prática.

Objetivos

O objetivo principal deste Projeto é, sem dúvida alguma, a melhoria da qualidade do ensino de graduação. A disciplina EMC 018 – Tecnologia das Edificações II do Curso de Engenharia Civil da EE.UFMG apresenta no seu programa curricular os assuntos: Orçamento e Planejamento de Obras, Licitações e Contratos, dentre outros. Tendo em vista que este programa da disciplina requer a execução de trabalhos práticos, essenciais para o aprendizado, é muito importante que o curso dê condições aos alunos de terem uma visão do que irão encontrar no mercado de trabalho, especialmente na área de orçamentação, onde o conhecimento de uma planilha eletrônica é muito importante, além de todo o mecanismo de um processo licitatório, como por exemplo, a interpretação de um edital de licitação. O intuito deste trabalho foi propiciar aos alunos outra alternativa para que eles pudessem executar os seus trabalhos práticos de orçamento em suas próprias residências, mediante a compra de licença de uso de um programa orçamentário. Esta alternativa foi solicitada pelos próprios alunos à professora, existindo o interesse de adquirirem um programa particular, a preço acessível. Devido ao fato do DEMC, através da Profª Bernadete, ter implantado no CCE da Escola de Engenharia, um programa de orçamento denominado RM Solum, advindo dos Projetos PROGRAD PAE14/2001 e PAE 17/2002, a indicação de outro programa orçamentário para utilização dos alunos do curso, além de desafogar a demanda no CCE, iria atender aos alunos que pretendem adquirir um programa e manuseá-lo em suas residências, tendo condições de utilizá-lo, futuramente, em suas demandas profissionais. A atividade favorece uma visão atual do mercado no ramo orçamentário, podendo ser considerado uma complementação das atividades didáticas, incentivando os alunos a conhecerem a técnica orçamentária praticada pelas empresas de engenharia civil.

---

[1]Coordenadora, [2]bolsista
Estudo de Viabilidade de Uso de Programa de Orçamento de Obras na Disciplina EMC018 - Tecnologia das Edificações II
Número de Registro SiexBrasil: 2095
Área Temática: Tecnologia
Escola de Engenharia
Contatos: trifilio@demc.ufmg.br e (31) 3238-1899

Metodologia

Sabe-se que, em Orçamento de Obras, uma das etapas mais importantes é a montagem das CPUs - Composições de Preços Unitários de serviços, após o cadastramento dos respectivos insumos (materiais + mão-de-obra + equipamentos). O programa da empresa Plana Informática Ltda, que se intitula CCI – Módulo Orçamento, apresenta um acervo de insumos e composições de preço unitário de serviços cadastrados, estas últimas adotando-se as TCPOs (Tabelas de Composições de Preços para Orçamentos) da Editora Pini, de São Paulo. O projeto efetuou a verificação destes dados, face ao que foi desenvolvido no Projeto-Piloto criado nos projetos PAE/PROGRAD, baseado em análises comparativas nas fontes de mercado, revistas de custos da região, tabelas, etc e colocando-o no mesmo nível de acesso de informações ao que o aluno teria no programa instalado anteriormente no CCE da EE.UFMG.. Todo o estudo relativo ao trabalho de orçamento, mostrado na apostila da disciplina aprovada pelo Colegiado do Curso de Engenharia Civil, inclusive o manual de operação do programa instalado no CCE, foi desenvolvido para este novo programa, estudando a viabilidade de adaptação de uso para os estudantes. Para isto, foi reavaliado o Projeto Piloto Edificações – Aluno, com o fornecimento de outras composições de custos pesquisadas no mercado e através da Revista Informador das Construções, com abrangência na região de nosso estado, propiciando ao aluno a oportunidade de fazer um estudo comparativo com as composições fornecidas pelo programa CCI e as fornecidas pelo Projeto-Piloto e, assim, estudar preços mais competitivos. O Projeto-Piloto considerado para o trabalho prático da disciplina refere-se à construção de um Conjunto Habitacional, do tipo COHAB, seguindo-se todo o disposto de um edital de licitação, de maneira que o aluno possa montar Planilhas Orçamentárias do tipo: Planilha de Custo e Planilha de Venda, conciliando todas as informações que ele adquiriu em sala-de-aula, através de conhecimentos básicos, tais como: coleta de preços de insumos, custos diretos, custos indiretos, composição do B.D.I, encargos sociais, garantias de proposta e execução, obrigações tributárias etc.

Resultados e Discussão

Com a verificação dos insumos e composições já cadastradas pelo programa orçamentário CCI e mais os insumos e composições cadastradas pela equipe deste projeto , o aluno teve ao seu dispor um acervo de informações necessárias para ele poder montar as Planilhas Orçamentárias correspondentes aos requisitos de seu trabalho acadêmico-prático. Para ilustração, apresenta-se na próxima página o quadro extraído de Planilha Orçamentária criada para o Projeto-Piloto, elucidando a montagem da mesma, a qual deverá ser feita pelo aluno, desde a pesquisa de preço do insumo, passando pela fase intermediária de pesquisa de composição de custo adequada ao serviço proposto pela planilha e, finalmente o preço unitário do serviço, atentando-se para a devida atualização dos preços, conforme data-base do edital de licitação. O principal enfoque neste trabalho prático é fazer o aluno associar todos os parâmetros estudados em aula, ir passo a passo nas operações orçamentárias de forma a montar a planilha, conciliando, além de atualizações de preços do mercado, as noções básicas de um preço de custo e preço de venda, abrindo um mecanismo de discussão para com todos os alunos da turma, em termos de preços competitivos, preços inexeqüíveis, proposta vencedora, em requisito ao cumprimento do edital, tal como se processa na vida prática entre as empresas.

Produtos Gerados

A equipe do projeto, tal como fez para o Projeto PROGRAD, elaborou um Manual Prático para os alunos, especificamente com o intuito de conduzi-los na confecção dos trabalhos práticos propostos pela disciplina, constituindo-se de um instrumento para os orientar passo a passo nas operações de uso do programa CCI - Módulo Orçamento e as atividades solicitadas no Projeto-Piloto, de maneira a tornar estas operações autodidatas. Este Projeto-Piloto desenvolvido, bem como o Manual Prático se encontram em perfeita operacionalidade de uso e acessíveis aos alunos nos seus trabalhos. A Empresa parceira tem atuado diretamente com os alunos que optarem por este programa, no fornecimento do mesmo através de CDs, com licença de uso para 04 (quatro) meses, a preço módico, bem como, tem efetuado a instalação do mesmo na sala da cProfª Coordenadora do Projeto, além de palestras a cada semestre, para a demonstração do produto

PLANILHA ORÇAMENTÁRIA PROJETO PILOTO PROGRAD-PAE 2001/2002

PLANILHA ORÇAMENTÁRIA - OBRA: Conjunto Habitacional do Trabalhador

Código	Descrição	Unid	Quant	Pr. Unit. R$	Pr. Total -
001	**Serviços Inicias**				
001.01	Locação do lote inclusive marco de concreto	vb	1,00	10,64	10,64
001.02	Locação da obra	m^2	44,75	4,32	193,32
002	**Fundações**				
002.01	**Trabalhos em terra, contenções**				
002.01.01	Escavação de cavas de fundação	m^3	3,91	9,95	38,90
002.01.02	Reaterro compactado de valas	m^3	7,12	13,57	96,62
002.01.03	Apiloamento de fundo de valas	m^2	13,06	2,74	35,78
002.02	**Alicerces / Sapatas corridas**				
002.02.01	Concreto ciclópico 1:3:5 c/ 40% de pedra de mão	m^3	3,91	137,66	538,25
002.03	**Vigas - Baldrames**				
002.03.01	Bloco de concreto 20x20x40cm c/alvéolos ...	m^3	1,79	186,81	334,39
003	**Estrutura**				
003.01	Laje pré-moldada p/forro, esp.=8cm	m^2	42,29	21,78	921,08
004	**Paredes e painéis**				
004.01	**Paredes**				
004.01.01	Alvenaria em bloco de concreto esp.=10cm	m^2	112,83	15,03	1.695,83
004.02	**Vergas e contra-vergas**				
004.02.01	Vergas, contra-vergas esp.=10cm	m	16,00	11,82	189,12
004.02.02	Contra-vergas	m	8,10	13,46	109,03

COMPOSIÇÃO DE PREÇOS UNITÁRIOS

CÓDIGO	DESCRIÇÃO			UNID.	
004.01.01	**Alvenaria em bloco de concreto esp.=10cm**			m^2	
Código	Descrição	Unidade	Coeficiente	Pr. Unit.-R$	Pr. Parcial-R
02.03.01.01	**Argamassa 1:6**	m^3	0,0110	R$87,00	R$0,96
F00005	Servente	H	0,5000	R$ 2,41	R$1,21
F00103	Pedreiro de massa	H	1,0000	R$ 3,70	R$3,70
M00148	Bloco de concreto 40x20x10cm	milh	0,0120	R$ 421,50	R$5,06

TOTAL .CUSTO = R$ 10,93 TOTAL VENDA = R$ 10,93 x B.D.I(1,3756) = R$15,03

COMPOSIÇÃO AUXILIAR DE PREÇOS UNITÁRIOS

CÓDIGO	DESCRIÇÃO			UNID.	
02.03.01.01	**Argamassa 1:6**			m^3	
Código	Descrição	Unidade	Coeficiente	Pr. Unit.-R$	Pr. Parcial-R
F00005	Servente	h	6,0000	2,41	14,46
M00004	Cimento	kg	241,0000	0,23	55,43
M00111	Areia comum	m^3	1,1800	14,50	17,11
			TOTAL	**R$ 87,00**	

DESCRIÇÃO	Un.	Forn.1	Forn. 2	Forn. 3	Preço Médio	Análise da Média		Inf.Const	Contr.
Cimento Portland	sc	R$ 11,50	R$ 11,50	R$ 11,80	R$11,60	NF>N	válido	R$ 10,89	R$10,4

NF = número de fornecedores consultados; N = número de fornecedores necessários – cotação: jul/2001

Conclusão

Considera-se que o Projeto contribuiu muito para a disciplina de graduação, gerando material didático de cunho prático para os trabalhos escolares, podendo ser considerado uma complementação das atividades didáticas, ao mesmo tempo que propiciou uma visão da engenharia atual de mercado, no ramo orçamentário, incentivando os alunos a ingressarem no ramo de gerenciamento e custos da construção civil.

Parcerias

Plana Informática Ltda.

Referências

ABNT ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Coletânea de normas. Rio de Janeiro. 1972.

BRASIL. Lei nº 8.666 – 21 jun. 1993 (com alterações introduzidas pela Lei nº 8.883 de jun. 1994 e Lei nº 9.648 de 27 de maio 1998). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997. 64p.

COHAB Companhia de Habitação de Minas Gerais. Edital de licitação, projetos, planilhas de serviços, especificações técnicas. Belo Horizonte: DP e PVAT, 1999.

REVISTA INFORMADOR DAS CONSTRUÇÕES, Órgão quinzenal de informações de custos para a indústria da construção leve e pesada. Belo Horizonte: Informador das Construções Ltda.

SILVA, Mozart B. da, Curso básico de orçamento de obras. São Paulo: Pini, 1997. 145p. (Notas de aulas).

TCPO 9, 10 e 2000, Tabelas de composições de preços para orçamento. São Paulo: Pini.

TRIFILIO, Bernadete. Apostila do curso da disciplina EMC018-Tecnologia das Edificações II. Belo Horizonte, 2002. 394p. (Notas de aulas).

TRIFILIO, Bernadete, LIMA, Helenize M.R., ROCHA, Luiz H.C. Pesquisa sobre consumos adotados em composições de preço unitário de serviços. Belo Horizonte: Revista Informador das Construções, ed. 1475, 15 set 2002. p. 28-29.

TRIFILIO, Bernadete. A lei das licitações na escola. Belo Horizonte: Revista Informador das Construções, ed. 1501, 15 out 2003. p. 4.

PARAMEC – PROJETOS PARA ACESSIBILIDADE

Marcos Pinotti Barbosa[1], Eduardo Romeiro Filho[2], Johana Noordek[3], André Dupin Viotti Pinto, Gustavo Rodrigues Pereira, Rodrigo de Souza Moraes, Luciana Gomes, Lucas Figueiredo Grilo, Bárbara Correa Lotzniker, Bernardo Pereira Foresti, Caciana da Rocha Pinho[4], Christina Dutra Baptista, Claysson Bruno Santos Vimieiro, Luciana Fossali Martins, Michele Fernandino Westin[5]

Introdução

O Paramec foi criado por grupo de alunos da Engenharia Mecânica com o intuito de projetar dispositivos de baixo custo para portadores de necessidades especiais. Fundado há sete anos, esse laboratório para desenvolvimento de projetos é composto e auxiliado por estudantes de graduação dos cursos de Engenharia Mecânica, Engenharia de Controle e Automação, Fisioterapia, Terapia Ocupacional e Arquitetura, além de contar com a colaboração de médicos. Hoje, o Paramec trabalha com os conceitos de acessibilidade e inclusão social, ou seja, projetos que permitam a todos os portadores de necessidades especiais participar da vida em sociedade, sem nenhuma desvantagem. O Paramec já desenvolveu projetos como a cadeira de rodas popular (de baixo custo), a cadeira com verticalização de posição (que dá mais liberdade ao cadeirante), o andador com assento e rodinhas inteligentes (que facilitam a utilização do andador), a plataforma de percurso inclinado (para cadeira de rodas) entre outros. Com a execução de projetos desse tipo, os integrantes do Paramec não só têm a possibilidade de colocar em prática aquilo que aprendem em sala, mas também podem tomar consciência da importância social dos programas de extensão. Espera-se, cada vez mais, que os projetos desenvolvidos no Paramec possam ajudar no tratamento e conforto dos portadores de necessidades especiais. Sabe-se que o número de portadores de necessidades especiais é uma parcela expressiva da população brasileira (24,5 milhões de pessoas, segundo o Censo 2000) e que a maioria dessas pessoas têm condição de vida muito simples. Assim sendo, muitos portadores de necessidades especiais não podem usufruir dos benefícios de equipamentos desenvolvidos para atendê-los. Por isso se faz necessário desenvolvimento de projetos direcionados a essas pessoas – equipamentos de baixo custo. Além disso, mesmo que o portador tenha condições de adquirir um equipamento para seu tratamento ou conforto, muitas vezes não há disponibilidade no mercado. Então, também é importante a execução de novos projetos para que a acessibilidade e inclusão social dos portadores de necessidades especiais sejam cada vez maiores.

Objetivos

Desenvolvimento e criação de produtos e soluções para o dia-a-dia dos portadores de necessidades especiais, visando principalmente ao atendimento à população menos favorecida; e proporcionar, por meio da tecnologia, a inclusão social de portadores de necessidades especiais.

Metodologia

A metodologia adotada pelo Paramec é baseada nos conceitos do livro "Projeto de produto – Guia prático para o desenvolvimento de novos produtos". O autor, Mike Baxter, define quatro etapas do processo criativo: preparação, a geração de idéias, a seleção de idéias e a avaliação do processo criativo. Quando se estiver projetando um novo produto deve-se procurar atender às necessidades de uma ampla faixa de consumidores, explorar todos os canais de marketing e as possibilidades de venda do produto. A preparação exige respostas a várias questões, como a definição exata do problema, sua causa, a melhor solução, as características da solução e as restrições que dificultam alcançá-la, ajudando, dessa forma, a elaborar o mapa do problema. O objetivo, as fronteiras e seu espaço. A preparação para definir o problema começa com o pensamento divergente, de modo que se permita explorar uma ampla gama de alternativas para solucioná-lo, examinando todos os ângulos possíveis de sua solução. Na etapa

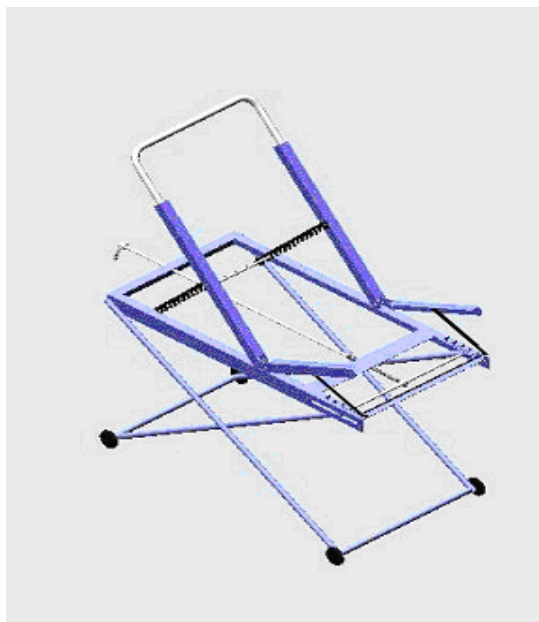
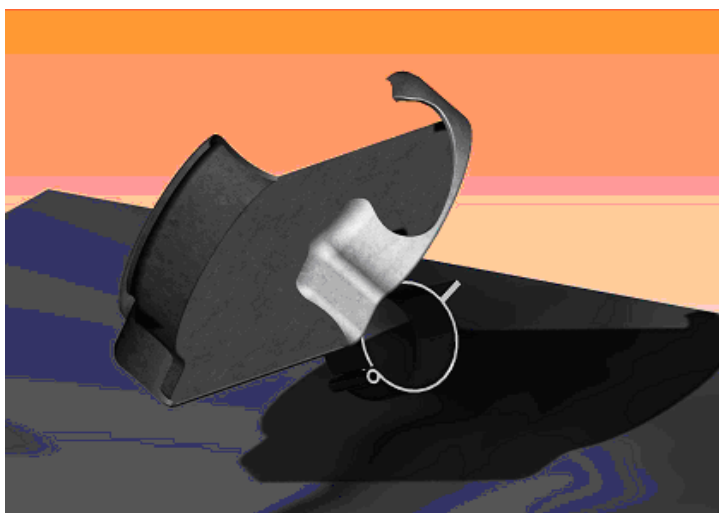
[1]Coordenador, [2]subcoordenador, [3]docente, [4]bolsistas, [5]voluntários
Programa Paramec – Projetos Para Acessibilidade
Número de Registro SiexBrasil: 6428
Área Temática: Tecnologia
Escola de Engenharia e Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Contatos: pinotti@demec.ufmg.br e (31) 3499-5242

seguinte, aplica-se o processo convergente, para reduzir as diversas alternativas a apenas uma definição para o projeto a ser desenvolvido. Baxter (1998) caracteriza a geração de idéias como o coração do processo criativo. A inspiração criativa pode resultar do pensamento bissociativo, juntando-se as idéias que antes não estavam relacionadas entre si. No processo de geração de idéias é também utilizado o brainstorming, cujo principal aspecto é que as idéias de uma pessoa inspiram outras e assim as idéias vão fluindo, a velocidades cada vez maiores, apesar de as idéias do grupo acabarem convergindo para um número limitado de linha de raciocínio. Se alguém apresenta uma idéia, as outras pessoas acabam desenvolvendo e expandindo essa idéia, girando em torno dela. A seleção de idéias, procedimento mais importante no projeto de produto, consiste em pensar em todas as possíveis soluções e escolher a melhor delas. Dessa forma, é necessário ter uma especificação do problema que oriente a escolha da melhor alternativa. Isso demonstra a importância da fase de preparação. Durante todo o procedimento de desenvolvimento e criação são feitas constantes avaliações do processo criativo, visando à implementação de melhorias e correções para que o projeto seja finalizado com sucesso.

Resultados e Discussão
O Paramec atingiu os objetivos propostos, desenvolvendo produtos e soluções para portadores de necessidades especiais, com projetos que atingem, principalmente, a população de baixa renda.

Produtos Gerados
O Paramec produziu no ano de 2003 os seguintes produtos:
Telefone Acessível - telefone público com sistema de regulagem de altura, para uso em locais externos ou internos. O dispositivo permite, tanto para uma pessoa em uma cadeira de rodas como para uma pessoa em pé, ajustar uma altura confortável e acessível para o manuseio do telefone.

Bandeja Portátil para Cadeira de Rodas - o objetivo desse dispositivo é incrementar a tecnologia já existente em outras bandejas para cadeira de rodas. Esse produto é retrátil e dobrável, logo, quando não está em operação, tem seu tamanho diminuído em relação aos produtos de mesmo gênero. A Bandeja Portátil para Cadeira de Rodas é de fácil instalação e uso.

Banheira para Portadores de Paralisia Cerebral - banheira para facilitar o banho de portadores de paralisia cerebral. Permite que o cuidador atue de forma mais saudável e prática. A banheira evita sobrecarga na coluna do cuidador, tornando fácil a transferência da cama para o banheiro.

Dispositivo Substituidor de Preensão - as adaptações atualmente utilizadas no auxílio do controle da direção de automóveis adaptados aos portadores podem ser desconfortáveis por não permitirem movimentação mais livre da mão. Alguns tipos específicos de deficiências não possibilitam uma preensão adequada do volante, o que torna insegura a condução do veículo. Com base nesses fatos, foi desenvolvido dispositivo que permite movimentação ampla, segura e confortável, com o mínimo de interferência nos dispositivos de segurança aos usuários que possuem uma preensão manual debilitada.

Conclusão

Os projetos desenvolvidos representaram intenso aprendizado para os executores, bem como, acredita-se, grande abertura de oportunidades de acessibilidade para portadores de necessidades especiais. O sentido amplo da palavra acessibilidade está representado na diversidade das finalidades dos projetos, uma vez que estes auxiliam na realização das atividades da vida diária e prática como o banho, a alimentação e a locomoção, tanto em ambientes internos quanto externos. Dessa forma, abordagens como melhor qualidade de vida, funcionalidade e inserção social estão inteiramente presentes, o que traz enorme satisfação pessoal e profissional para os executores. Contudo, acredita-se que vários projetos podem e devem ser melhorados, sendo que em muitas situações surgiram reações de impotência devido à complexidade dos mesmos. Algumas vezes foram priorizadas certas características, sendo eliminadas outras que poderiam integrar o projeto em maior abrangência. No entanto, acredita-se também que essas avaliações fazem parte do processo de aprendizado e portanto, são essenciais; além de motivar, instigar

ainda mais a busca de soluções simples, importantes e definidoras para a vida dos indivíduos a que o Projeto Paramec se dedica.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão, Associação Mineira de Reabilitação, CREA – MG, FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos, Rawmec LTDA. (Empresa metal-mecânica) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - NBR 9050 Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaço mobiliário e equipamentos urbanos, 1997.
BAXTER, M. Projeto de Produto: guia prático para o desenvolvimento de novos produtos. São Paulo: Ed. Edgard Blücher Ltda., 1998. 261p.
DefNet - Banco de dados para e sobre pessoas com deficiências. Disponível em www.defnet.org.br. Acesso em 10 jul 2003.
Dreyfuss, H. The Measure of Man - Human Factors in Design. 2 ed. S.L. 1968.
LM Criações e Adaptações para Deficientes Físicos. Disponível em: www.lmrio.com.br/link4.htm. Acesso em 20 abr 2002.
WOODSON, W. E., TILLMAN B., TILLMAN P. Human factors design handbook: information and guidelines for the design of systems, facilities, equipment and products for human use. 2.ed. New York: McGraw-Hill, 1992.

A UFMG, O MUNDO DO TRABALHO E A INCLUSÃO SOCIAL

Ricardo Alexandre de Souza, Thiago de Carvalho Guadalupe e Ada Ávila Assunção[1]

Em relação à grande dívida social da universidade pública para com a sociedade, surgem projetos variados e tentativas de interação com amplos espectros de ação. As atividades laborativas, hoje, pecam pela excludência social e, portanto, a UFMG cria e estuda diversos tipos de efeitos e melhorias para o problema.

Objetivos

Oferecer conhecimento e articulação de ações da UFMG tendo como núcleo a categoria trabalho; promover fortalecimento da articulação entre princípios e diretrizes comuns para atuação de impacto na área; avaliar perspectivas de flexibilização curricular, tendo em vista propiciar formação interdisciplinar que gere competências para desenvolvimento de ações de inclusão no mundo do trabalho; e destacar projetos com fins semelhantes, para possibilitar resultados mais abrangentes.

Metodologia

Realizou-se estudo exploratório, no final de 2002, utilizando-se de questionário semi-aberto, que foi aplicado a professores envolvidos com o tema trabalho na UFMG.. Para tal, a Universidade foi dividida em regiões, cada uma sob responsabilidade de um professor e sua equipe. Os dados foram tratados pelo programa SPSS versão10.0. Os resultados da pesquisa ainda são parciais, em fase de análise de dados.

Resultados e Discussão

Viram-se diferenças quantitativas quando comparadas as unidades. Entre as unidades estudadas (tabela 1) a Faculdade de Medicina concentra maior produção, sendo responsável por 29% dos projetos desenvolvidos ou em desenvolvimento. Em segundo lugar está a Faculdade de Educação, com 20% dos projetos. Em terceiro, a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, com 13% dos projetos e, em quarto, a Faculdade de Engenharia, com 11%. Nota-se que a maior concentração em algumas unidades vem acompanhada de sinalizações de produção nas demais, configurando-se universo de produção que abarca diferentes temas, abordagens e metodologias de análise. Dezessete unidades da UFMG estão envolvidas em projetos articulados em torno do tema trabalho.

Tabela 1 Freqüência de projetos desenvolvidos ou em desenvolvimento com o tema trabalho, por unidade de ensino.

Unidade de ensino	Freqüência	Percentual
Belas Artes	1	0,5
Escola de Arquitetura	1	0,5
Escola de Engenharia	23	10,6
Escola de Música	1	0,5
Faculdade de Odontologia	3	1,4
Escola de Veterinária	3	1,4
Escola de Ciência da Informação	16	7,4
Faculdade de Ciências Econômicas	9	4,1
Faculdade de Direito	1	0,5
Faculdade de Educação	44	20,3
Faculdade de Letras	1	0,5
Faculdade de Medicin a	63	29,0
FAFICH	29	13,4
Faculdade de Farmácia	1	0,5
ICB	2	0,9
ICEX	12	5,5
Instituto de Geociências	6	2,8
Total	217	100,0

[1]Coordenadores
Área Temática: Trabalho
Faculade de Medicina, NESTH e UNITRABALHO
Contatos: ra.souza@terra.com.br

Na tabela 2, vê-se a distribuição dos recursos por unidade de ensino. Nota-se que, segundo os dados levantados, a Faculdade de Engenharia e a Faculdade de Educação concentram a maior parte dos recursos investidos, seguidas pela Escola de Veterinária, com R$ 772 mil para os projetos da unidade.Observa-se, portanto, uma discrepância entre o volume de recursos e os números de projetos em desenvolvimento ou desenvolvidos, pelas nas respectivas unidades.

Tabela 2 - Volume aproximado de recursos recebidos, para os todos os projetos da unidade de ensino correspondente.

Unidade de ensino	Volume de recursos (em reais)
Belas Artes	
Escola de Arquitetura	100.000
Escola de Engenharia	772.000
Escola de Música	
Faculdade de Odontologia	83.000
Escola de Veterinária	680.000
Escola de Ciência da Informação	1.440
Faculdade de Ciências Econômicas	70.842
Faculdade de Direito	800
Faculdade de Educação	759.310
Faculdade de Letras	
Faculdade de Medicina	12.199
FAFICH	306.688
Farmácia	1.800
ICB	
ICEX	27.425
Instituto de Geociências	30.000

Na tabela 3, observa-se o tipo de apoio financeiro que o projeto recebe. Para as tabelas 3, 4, 5 e 6, a entrada “outros” é resultado da soma do percentual de respostas “não sabe” e “não se aplica”, para a respectiva variável. Pode-se observar que 24% dos projetos recebiam apoio interno, contra 39% para os projetos apoiados por financiamentos externos à universidade. Além disso, apenas 12% do total de projetos recebiam, concomitantemente, apoio interno e externo.

Tabela 3 Freqüência da disponibilidade de recursos financeiros, por apoio interno e externo, para a atividade em questão

	Percentual	
	INTERNO	EXTERNO
Sim	24	39
Não	71	59
Outros	5	3

Na tabela 4, observa-se o tipo de apoio institucional, externo à universidade que o projeto recebe. Interessante notar que, embora grande parte dos recursos obtidos seja de origem externa (vide tabela 3), 29% desses recursos são oriundos de instituições públicas e 5% advêm de instituições públicas e privadas, contra somente 6% dos recursos financeiros que são fornecidos por instituições privadas.

Tabela 4 - Freqüência da natureza do apoio institucional externo recebido

	Percentual
Publica	29
Privada	6
Publica e privada	5
Outros	61

Na tabela a seguir observam-se as diferentes áreas de abrangências dos projetos citados. Como era se de se esperar, grande parte dos projeo são locais (56%). Em segundo lugar estão os trabalhos regionais, com 18%, seguidos pelos trabalhos em nível regional, com 14%. Ressalte-se que 7% dos projetos são de área de abrangência internacional, evidenciando a expressão externa da UFMG..

Tabela 5 - Localização espacial da atividade em questão - âmbito de intervenção

	Percentual
Local	56
Regional	14
Nacional	18
Internacional	7
Outros	5

Na tabela 6 notam-se as áreas acadêmicas de atuação da ação ou projeto. Para fins didáticos, agruparam-se as diversas categorias, em graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão, sendo essa última dividida em cursos, prestação de serviço, intervenção, publicações e programas. Observa-se que a extensão é responsável por 52% dos projetos sobre o tema, em que 25% se fazem por meio de publicações e outros produtos acadêmicos. Já a pesquisa é responsável por 18% dos projetos, seguida de perto pela pós-graduação, com 17% do total de projetos e, por fim, da graduação, com 12% dos projetos.

Tabela 6 - Área de atuação do projeto

	Percentual
Graduação	12
Pós-graduação	17
Pesquisa	18
Extensão	52
Outros	2

Produtos Gerados

Será produzido caderno com os temas de trabalho de professores envolvidos no evento.

Conclusão

É interessante observar que, apesar do grande volume de material produzido pela UFMG sobre o tema trabalho, não foi possível verificar iniciativas expressivas que articulem as diferentes unidades e seus departamentos. Infelizmente, os dados não são animadores quanto ao montante dos recursos captados, sendo a maioria dos projetos desenvolvidos com parcos recursos. Os dados permitem afirmar que a política da Universidade voltada para as ações locais tem sido alcançada, pois, apesar da falta de congruência e coesão entre as diversas unidades, fatos positivos surgem com a análise do trabalho, como nos dados da tabela 5, onde se observa que 56% dos projetos são realizados na região, contribuindo para o resgate da dívida social que a universidade brasileira pública tem com os trabalhadores. No geral, apesar do caráter parcial das análises, a pesquisa indica a necessidade de reforçar a discussão mais ampla visando a aprimorar a interdisciplinaridade no tratamento das questões em torno do trabalho e dos trabalhadores.

Parcerias

Pró-Reitoria de Extensão

.

Referências

ASSUNÇÃO, A.A., Impactos da reestruturação produtiva sobre o exercício profissional da medicina do trabalho. Anais do XI congresso da associação nacional de medicina do trabalho. Belo Horizonte, 29 de Abril-03.

CASTELS, M. Trajetórias organizacionais na reestruturação do capitalismo e na transição do industrialismo para o informacionalismo. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e terra, 1999, p174-187.

CIPMOI: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA, ORGANIZAÇÃO E PERFIL DAS PESSOAS ATENDIDAS PELO PROGRAMA

Flávio Hara[1], Lúcio Flávio de Souza Villar, Alexandre Queiroz Bracarense[2], Eder Alves Lemos, Leandro Emanuel Alves Pereira Fróes, Luciana de Castro Teixeira, Sérgio Ribeiro Silva, Sílvia Regina Alvarenga Martins, Ana Carolina Pimenta, Anísio Eduardo Silva, Bruno Marciano Lopes, Carlos Guilherme O. Silva, Cíntia Rodrigues de Almeida, Cíntia Yoshihara, Fernanda Castro Carvalho, Lílian Lís Andrade Cantuário, Marlon Resende Macedo, Natanael Zanata Braga, Rafael Augusto Araújo Rodrigues, Ricardo Loureiro Marques, Sandra Mara de Araújo Rodrigues, Saul Fernando de Carvalho Filho, Ulisses Edgard Barbosa, Weber Guadagnin Moravia, Wilton Leite Araújo[3]

Introdução

Em 1957, alunos do Diretório Acadêmico da Engenharia da UFMG criaram o *Curso para Mestres-de-Obras*, motivados pelo crescimento da construção civil e pela identificação da necessidade de que a mão de obra precisava ser capacitada para acompanhar esse crescimento. Estes alunos eram, então, motivados a levar cultura e alguns conhecimentos adquiridos nas salas de aula da Escola de Engenharia para trabalhadores da indústria da construção civil, que de uma forma geral não tiveram acesso a informações que poderiam melhorar muito a sua eficiência no emprego e também a sua relação de trabalho com os engenheiros. Ou seja, os próprios alunos já estavam se envolvendo, capacitando e melhor conhecendo um de seus futuros parceiros de profissão, o operário da construção civil. Após 46 anos de atuação quase ininterrupta, essa proposta veio evoluindo, procurando se ajustar às transformações que o país e conseqüentemente a própria área de atividade profissional na qual ele se propôs atuar também experimentaram ao longo deste tempo. Ele passou a ser um programa de extensão universitária, o CIPMOI – Curso Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra Industrial – e oferece agora, gratuitamente, três cursos: Encarregado Geral de Obras, Eletricidade de Baixa Tensão e Soldagem Geral. São cursos noturnos e como já dito, gratuitos, com duração de 480 horas-aula e o objetivo principal de aperfeiçoar trabalhadores da indústria da construção civil, eletricidade e soldagem. Todas as aulas são ministradas por alunos de diversos cursos da UFMG e, junto com o aperfeiçoamento profissional, também é buscada uma maior interação entre os alunos-instrutores e estes operários, cientes que estes últimos poderão estar intimamente ligados à futura profissão da maioria destes que agora lhes ensinam. Com isso, uma nova forma de relacionamento dentro do canteiro de obra poderá ser desenvolvida e melhorada. Atualmente, o Programa conta com 22 (vinte e dois) instrutores. Só alunos de graduação e pós-graduação (Mestrado) da UFMG podem ser instrutores do CIPMOI, sendo que todos devem passar por um processo seletivo que inclui uma prova escrita, uma didática e uma entrevista. Todo o trabalho administrativo é realizado por cinco instrutores coordenadores, juntamente com três professores, cada um responsável por uma das áreas de atuação do Programa (Encarregado Geral de Obra - EGO, Eletricidade de Baixa Tensão – EBT, e Soldagem). A interação entre todos os Professores Coordenadores e alunos-coordenadores, bem como a checagem do andamento do Programa, é feita por meio de reuniões mensais, das quais todos os instrutores devem participar. Cada área isoladamente (EGO; EBT e Soldagem) promove o tanto de encontros extras que julgar necessário, sendo que o dia-a-dia do curso é administrado basicamente pelos alunos-coordenadores (são cinco), que são eleitos para mandatos de dois anos. Além das aulas e destas reuniões mensais, todos os instrutores devem participar das diversas atividades extra-classe que são promovidas (Semana da Cultura, Semana Técnica, palestras e visitas, distribuição de lanche diário e gratuito a todos os alunos) e colaborar com a administração do projeto. Para ingressar em um dos cursos, o trabalhador interessado deve submeter-se ao processo seletivo que ocorre anualmente, durante os meses de fevereiro e março. A seleção é constituída por duas etapas: prova escrita e entrevista. Em princípio, o público alvo é aquele operário já em atividade, ou seja, empregado, e alfabetizado. Alguns candidatos que por ventura estão

---

[1]Coordenador, [2]subcoordenadores, [3]bolsistas
Programa CIPMOI - Curso Intensivo de Preparação de Mão de Obra Industrial
Número de Registro SiexBrasil: 5427
Área Temática: Trabalho
Escola de Engenharia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e Escola de Arquitetura
Contatos: fhara@cce.ufmg.br e (31) 3499-4830

desempregados mas que comprovem atuação e conhecimento na área, também são permitidos de se candidatar. Portanto, a proposta do Programa não é de formar ou ensinar a profissão, mas de melhorar e capacitar o trabalhador. As aulas acontecem no quarto andar do edifício AS da Escola de Engenharia (Centro – Belo Horizonte – MG), de segunda à sexta-feira, no horário de 19:00 h às 22:00 h. Algumas aulas são também ministradas em laboratórios da UFMG, especialmente às ligadas aos cursos de EBT e Soldagem. Aquele aluno que consegue completar o curso com freqüência mínima de 75% nas aulas e rendimento mínimo de 60%, recebe um certificado em uma cerimônia formatura, para a qual são convidados representantes da administração da Escola de Engenharia e da UFMG, além de toda a comunidade universitária. A divulgação do Programa é feita principalmente pelo Jornal do Ônibus, meio de transporte mais utilizado pelos potenciais candidatos. A adaptação do aluno com o instrutor e seus colegas de classe, além do aprendizado foram, durante muito tempo, as grandes dificuldades encontradas. Uma pesquisa feita durante a seleção dos alunos do CIPMOI, pela qual se procurou ter um conhecimento mais profundo com o futuro aluno do Programa tem auxiliado a contornar esses problemas, permitindo a adequação do plano didático ao público-alvo. O programa CIPMOI nos seus 46 anos já formou aproximadamente cinco mil pessoas.

Objetivos

Fornecer aos operários da área de construção civil uma oportunidade de adquirir conhecimento, dando a eles um diferencial para se sobressaírem no mercado; contribuir para o desenvolvimento da construção civil e das demais indústrias que utilizam esta mão-de-obra através de sua capacitação; possibilitar à UFMG oferecer à sociedade uma efetiva contribuição social, gerando oportunidades de crescimento social àqueles que não tiveram chance de ingressar na universidade; permitir que estudantes de graduação e de pós-graduação da UFMG complementem a sua experiência acadêmica com o exercício da atividade de ensinar, coordenar, treinar pessoal e trabalhar em equipe; permitir ao aluno da Escola de Engenharia e de Arquitetura, um contato com operários que são peças-chave no exercício de sua futura profissão em uma maneira diferenciada, o que possibilitará que ambas as partes possam reformular a visão tradicional que tinham de cada uma (empregador-empregado). O presente trabalho tem por objetivo apresentar alguns resultados da avaliação feita com relação à origem, escolaridade e faixa etária dos alunos do CIPMOI (Curso Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra Industrial). Esta avaliação foi feita especialmente para auxiliar nos processos de divulgação (marketing e propaganda) do Programa e na elaboração roteiros didáticos (aulas, palestras, oficinas e atividades recreativas), para que eles estivessem mais adequados ao público a que ele se propõe a atingir. Através do resultado, é possível identificar qual o público está sendo atingido por este programa de extensão da UFMG e assim, poderá auxiliar a nortear futuras ações não só do Programa, mas da própria PROEX.

Metodologia

Aqui se descreve a metodologia utilizada para a realização da pesquisa citada. Alguns resultados e conclusões sobre ela serão apresentados no item a seguir. A primeira coleta de dados foi realizada no ato da inscrição para seleção. Ao preencher a ficha de inscrição, os alunos foram convidados a fornecer dados como os mostrados no modelo apresentado na figura 1. Para a divulgação do curso, foram utilizados cartazes em formato A4, A3 e A2, faixas e outdoors, espalhados em diversos locais de Belo Horizonte e cidades circunvizinhas, nos locais de maior trânsito de pessoas. Além desses, houve divulgação em emissoras de rádio e TV, e também na Internet. Havia uma curiosidade sobre qual a forma era mais eficiente, e a pesquisa sobre o meio de comunicação pelo qual o candidato teve conhecimento esclareceu isso. A pesquisa de origem do candidato foi importante, pois orientará na divulgação do Programa nos próximos anos. Essa pesquisa pode, por exemplo, indicar onde há maior demanda de cartazes, faixas ou outdoors. Na seleção desse ano, apareceram candidatos de diversas localidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). Uma segunda coleta de dados foi necessária para revelar o perfil do candidato. Essa coleta foi feita na entrevista e com os alunos aprovados, no ato da matrícula. A entrevista é uma etapa da seleção em que são avaliadas as condições do candidato e sua disponibilidade para freqüentar o curso ao longo do ano. Se aprovado nessa etapa, sua matrícula é efetuada através do preenchimento da ficha de matrícula como mostrado na figura 2.

FICHA DE INSCRIÇÃO

DATA: / /2003

Curso:
[ ] Eletricidade de Baixa Tensão
[ ] Encarregado Geral de Obras
[ ] Soldagem Geral

CIPMOI

Nome:

Identidade:________ Data de Nascimento:________

Cidade onde mora:________ Telefone de contato:________

Endereço do trabalho atual:________

Cidade:________ Empresa:________ Tel.:________

Como ficou sabendo do curso? [ ] Jornal do Ônibus [ ] Metrô [ ] Faixas

Outros:________

Figura 1 – Modelo de ficha de inscrição.

FICHA DE MATRÍCULA

Nome:________

Curso:________

Identidade:________

Data de nascimento:________

Endereço Residencial:________

CEP:________

Cidade:________ UF:________

Telefone de contato:________

Endereço de Trabalho:________

CEP:________

Cidade:________ UF:________

Telefone de contato:________

Declaro estar ciente de que duas faltas no mês de março (sem justificativa documentada) implicam no cancelamento desta matrícula e conseqüente perda da vaga no CIPMOI, sendo imediatamente convocado o próximo candidato excedente.

____
Assinatura do aluno

____
Responsável pela matrícula

CIPMOI

Figura 2 – Modelo de ficha de matrícula.

Resultados e Discussão

As inscrições para a seleção de 2003 foram realizadas entre 20 e 31 de janeiro desse ano. A tabela I mostra como foi o número de alunos inscritos por dia ao longo desse período.

Tabela I – Diário de inscrições da seleção 2003.

DIA	Número de inscrições	DIA	Número de inscrições
20-jan-03	50	27-jan-03	78
21-jan-03	59	28-jan-03	71
22-jan-03	46	29-jan-03	111
23-jan-03	51	30-jan-03	136
24-jan-03	48	31-jan-03	348
TOTAL DE INSCRITOS	998		

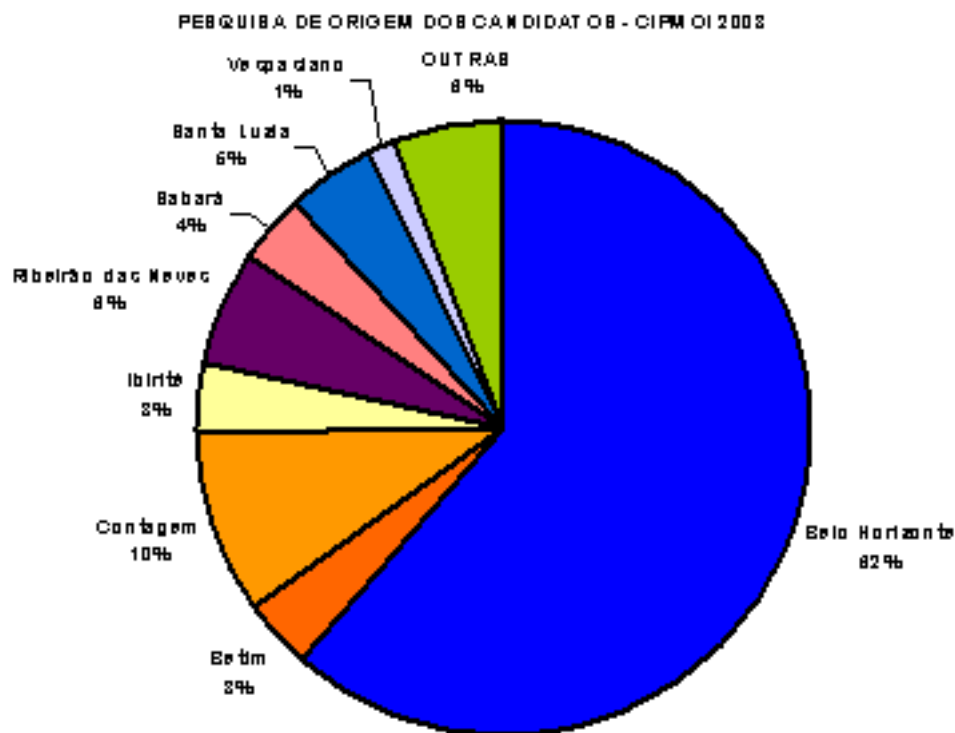
No total, contabilizaram-se 998 inscritos candidatos, distribuídos nos cursos oferecidos conforme apresentado na tabela II.

Pesquisa de meios de comunicação: a pesquisa de meio de comunicação foi importante para definir as metas de marketing e propaganda para 2004. Dos 998 candidatos, 51,9% tomaram conhecimento por indicação de amigos, 23,0% pelo Jornal do Ônibus, 13,8 % por cartazes e faixas, 4,3% por anúncio no metrô, 4,2% por outdoor, 0,7% por rádio, 0,6% por internet, 0,5% pela TV e 0,9% não informaram.

Tabela II – Distribuição de candidatos nos cursos em 2003.

CURSO	NÚMERO DE INSCRITOS
Eletricidade de Baixa Tensão	469
Encarregado Geral de Obras	337
Soldagem Geral	192
TOTAL	998

Pode-se notar que "indicação de amigos" foi o item mais eficiente. Isso deixa claro que a propaganda boca-a-boca é o melhor meio de divulgação. Surgiu, então, curiosidade em saber quantas dessas indicações foram feitas por ex-alunos e quantas foram feitas por pessoas que apenas viram ou ouviram algum tipo de anúncio e repassaram a informação para o candidato. Assim, no formulário do próximo ano será feita uma separação entre esses dois tipos de "indicadores". Pesquisa de origem: na pesquisa de origem considerou-se oito municípios da RMBH que obtiveram um número de inscritos maior ou igual a 1% (aproximadamente 10 inscritos) do total de candidatos (vide figura 3). Os demais foram agrupados no item "OUTRAS", que abrange os municípios (em ordem alfabética) de: Brumadinho, Caeté, Confins, Conselheiro Lafaiete, Esmeraldas, Igarapé, Juatuba, Lagoa Santa, Nova Lima, Pedro Leopoldo, Raposos, São José da Lapa e Sarzedo. Perfil dos alunos: para avaliar o perfil dos alunos, utilizou-se a turma de Soldagem Geral. A escolha se deu por dois motivos: (a) é uma turma compacta, de no máximo 40 alunos; (b) no ano passado foi a que apresentou maiores dificuldades de disciplina e problemas de relacionamento entre alunos e instrutores. A figura 4 mostra o nível escolar dessa turma. Um fato constatado foi o aumento do nível de escolaridade dos alunos em relação aos anos anteriores, e isso se aplica também as demais turmas dos outros cursos. A figura 5 mostra qual é a faixa etária predominante. A figura 6 apresenta o nível de experiência com algum processo de soldagem da turma. Comparando com a figura 5, pode-se notar que apesar de jovens muitos têm mais de 5 anos de experiência na área. Isso mostra como os jovens de classes sociais mais baixas são obrigados a trabalhar desde cedo, às vezes sacrificando seus estudos.

Figura 3: origem dos candidatos do Cipmoi

Além do tempo de experiência, foi questionado aos alunos o processo de soldagem que eles mais se familiarizam (figura 7). As siglas segundo as normas da AWS (American Welding Society) e os nomes usuais dos processos no Brasil são: SMAW – Soldagem com Eletrodos Revestidos; GMAW – Soldagem MIG/MAG; GTAW – Soldagem TIG; OFW – Soldagem a gás oxicombustível; SAW – Soldagem a Arco submerso. Por estes dados, apesar de

ainda apresentar diferenças, verificou-se que a turma de soldagem 2003 é mais homogênea do que a do ano anterior. Essa não homogeneidade pode ter sido uma das causas do índice de desistência que o curso apresentou no ano passado, índice este que atingiu mais de 50%. Esse ano, a desistência não passou dos 8% no primeiro semestre (período quando ocorre a maioria delas). Esse dado mostra que, na montagem de salas de aula de cursos que atendem público como o que se propõe o Programa CIPMOI, é de suma importância que as mesmas sejam constituídas por alunos de perfil semelhante não só no tocante a experiência profissional prévia, mas também em todo aspecto sócio-cultural.

Produtos Gerados

Material didático (apostilas) para os alunos, criação da Associação dos Mestres de Obras de Minas Gerais e constitução da Cooperativa Horizonte, integrada por ex-alunos da UFMG e ex-alunos do Cipmoi.

Conclusão

Este artigo apresentou um pouco da história, forma de organização e perfil dos alunos do Programa CIPMOI – Curso Intensivo de Preparação de Mão de Obra. Para a identificação do perfil dos alunos do programa foi realizada uma pesquisa simples, cuja metodologia também foi apresentada. Os resultados desta pesquisa apontaram, entre outras coisas, como e onde deve ser feita a divulgação dos cursos oferecidos e do processo seletivo realizado pelo programa. É importante ressaltar que a qualidade dos cursos é uma peça importante também para o marketing do CIPMOI, pois o meio de comunicação mais eficaz foi a propaganda boca-a-boca. E devido ao grande tempo de existência do programa, é possível que a maioria das indicações tenha partido de ex-alunos e até mesmo de seus familiares. A pesquisa revela ainda quem são os alunos: jovens que começaram a trabalhar cedo e apesar das dificuldades independentes de cada um, conseguem concluir o 2º grau (Ensino Médio). O aumento do nível de escolaridade é uma tendência que pode ser percebida na sociedade de modo geral como reflexo de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo. A pesquisa mostrou também que, na montagem de salas de aula de cursos que atendem público como o que se propõe o Programa CIPMOI, é de suma importância que as mesmas sejam constituídas por alunos de perfil semelhante não só no tocante a experiência profissional prévia, mas também em todo aspecto sócio-cultural, o que poderá contribuir para a diminuição da taxa de desistência.

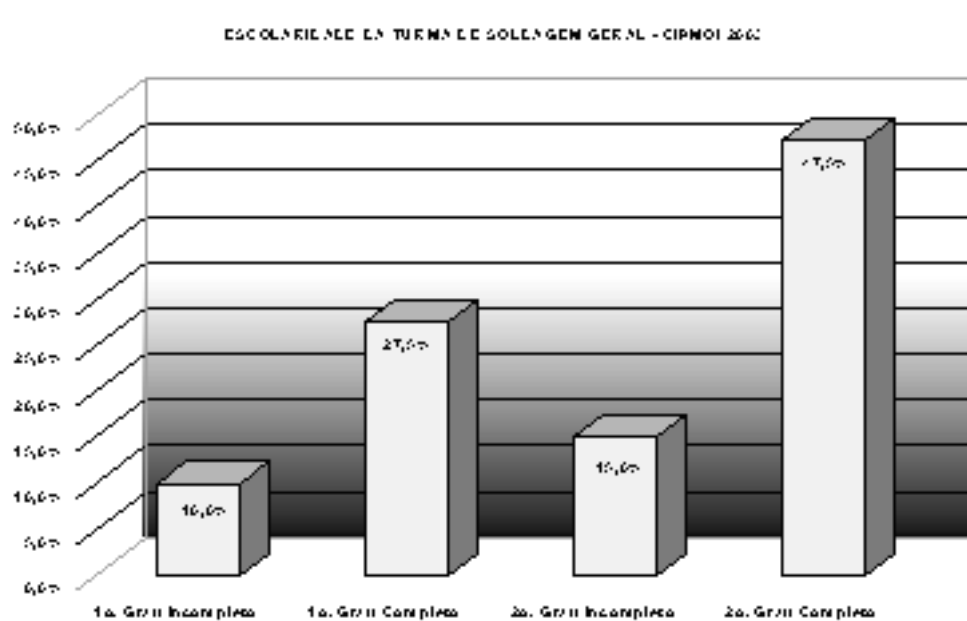
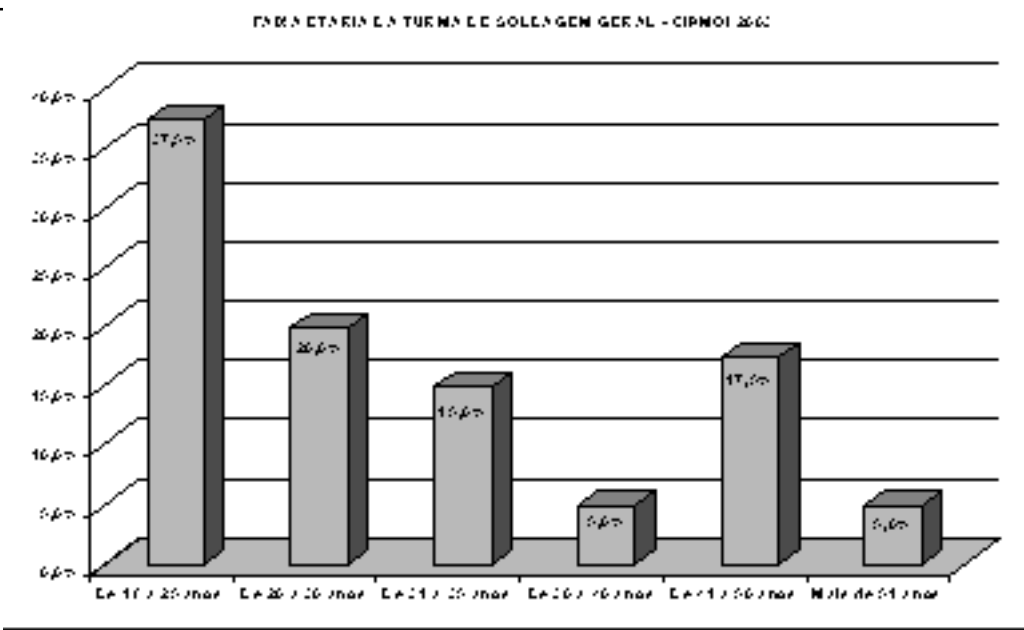
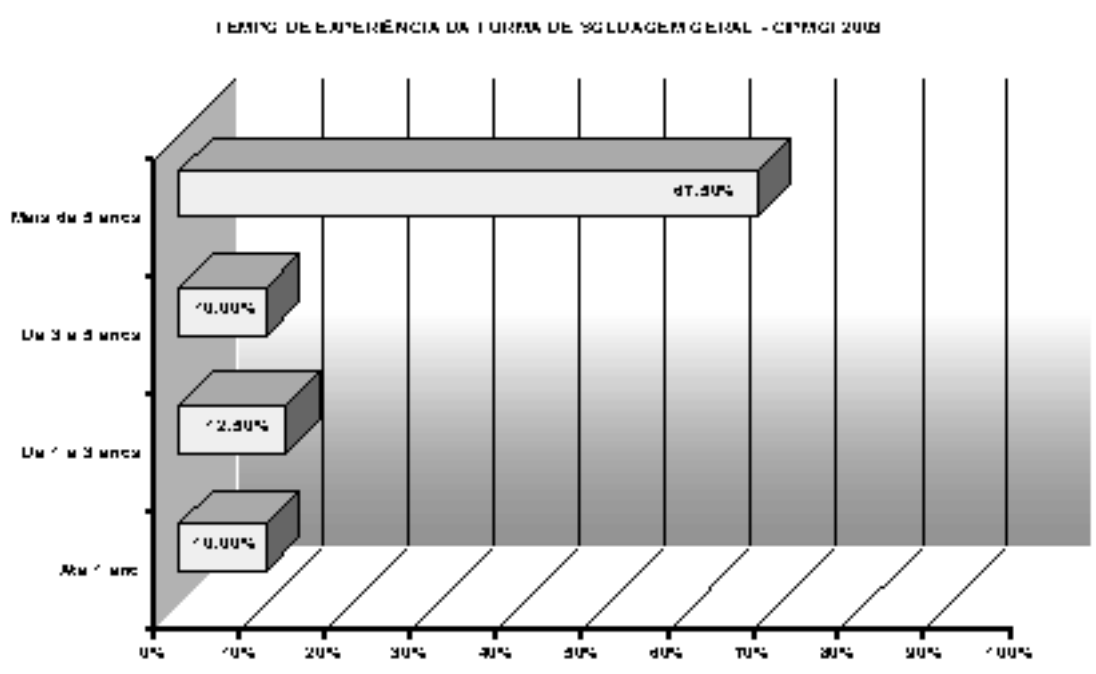
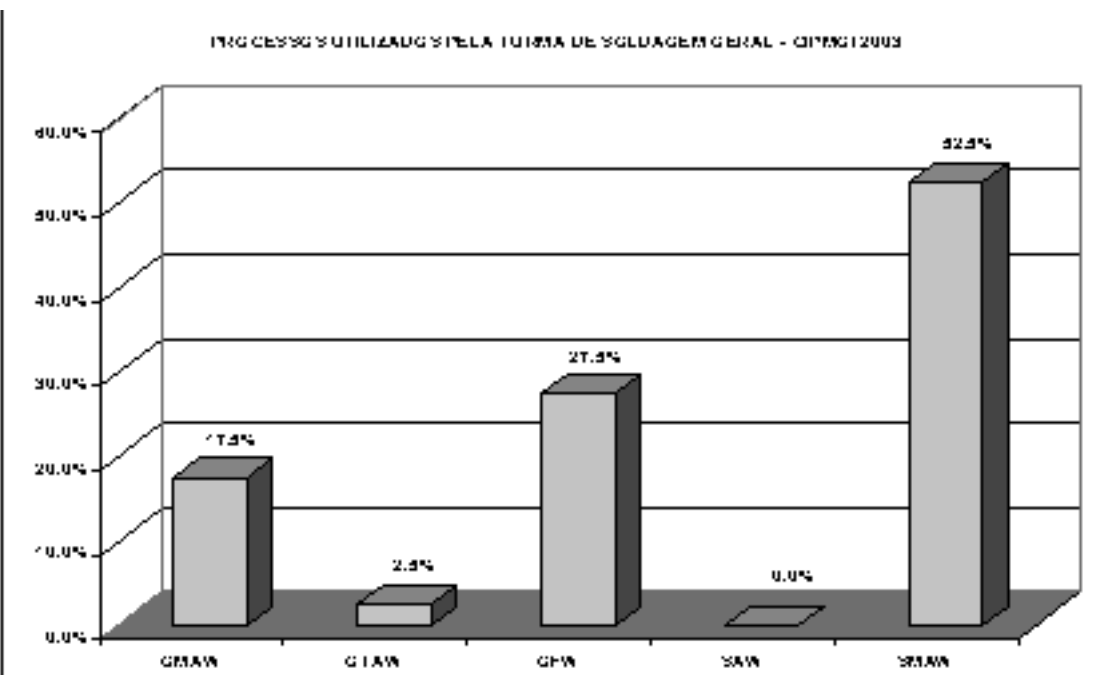



Figura 4 – Escolaridade da turma de Soldagem Geral.

LEMOS, E. A.; FRÓES, L. E.; TEIXEIRA, L. C.; SILVA, S. R.; MARTINS, S. R. A. (2003). *Dossiê do programa CIPMOI*. Disponível em http://www.cipmoi.eng.ufmg.br/document.htm. Acessado em agosto de 2003.

PARENTI, M. G. F. (1999). *Trabalhadores da construção civil e a experiência escolar: significados construídos em um curso de aperfeiçoamento profissional*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

PROJETO TRABALHO

Marcos Antonio Nicacio, Ricardo Nascimento Alves, José Eduardo Borges Moreira, Adson Eduardo Resende, Gisele Brandão Machado de Oliveira, Paulo de Oliveira, Oziel Mendes de Paiva Junior, Silésia Dias dos Santos[1]

Introdução

O Programa de Educação Ambiental em Caparaó, iniciado em 1985, obteve o apoio da Fundação W.K. Kellogg para o Projeto "Educação Ambiental em Caparaó – proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem", no período de 1999 a 2003, visando propiciar ações na Área do Trabalho, interagindo com as outras áreas do Projeto - educação, saúde, meio ambiente, cultura, comunicação - em um trabalho social.

Objetivos

Propiciar a oferta de Trabalhos Comunitários aos alunos do curso médio dos municípios de Caparaó e Alto Caparaó e dos cursos médio e profissional do COLTEC/UFMG.; propiciar a formação para o trabalho dos estagiários rurais (alunos do 4º ano do COLTEC/UFMG) neste projeto; e organizar cursos e encontros para o desenvolvimento do trabalho cooperativo nas comunidades.

Metodologia

As atividades relacionadas aos trabalhos comunitários por parte dos alunos visava oportunizar uma aprendizagem em ação, em trabalho real, sem distinção entre trabalho e estudo, na escola e na comunidade. Dentre as atividades realizadas, podemos relatar: reuniões com alunos do 2º e 3º anos do COLTEC; seleção dos alunos – 24 alunos do 3º ano em 1999 e 23 alunos do 2º e 3º anos do COLTEC em 2000; a apresentação do Projeto Fotovoltáico à Secretaria de Educação Média e Tecnológica do Ministério da Educação pelo COLTEC/UFMG e Prefeitura Municipal de Caparaó e sua aprovação; a orientação e participação dos alunos na preparação dos documentos para a área da saúde necessários à orientação dos delegados na Pré-conferência e 2ª Conferência Municipal de Saúde de Alto Caparaó; a pesquisa bibliográfica e produção caseira pelos alunos de doces, bolos, balas, pudins, sorvetes, mousses, licores, tortas, biscoitos baseados no café; a vivência em um fazenda local produtora de cana-de-açúcar, melado, puxa-puxa, rapadura e açúcar mascavo, com a presença do produtor "tacheiro" e diversos produtores rurais que queriam aprender as técnicas; a vivência em uma fazenda local da produção dos "quitutes" baseados no café, com a participação de senhoras interessadas; a reunião preparatória (em 23/10/1999) da região de Alto Caparaó com a presença de 18 pessoas, para a participação no III Encontro em Defesa do Meio Ambiente de Espera Feliz/MG em 05/11/1999; o trabalho coletivo de 18 alunos do ensino médio e de 6 professores de Caparaó e Alto Caparaó em Belo Horizonte para a 2ª Bienal de Extensão da UFMG e Dia da Amizade do COLTEC, quando apresentaram, sob a orientação de um produtor rural "tacheiro", uma exposição interativa sobre o café, o açúcar mascavo, os "quitutes" de café e o sabão; a participação em uma visita de campo à Gruta de Cerca Grande, visita à Estação Ferroviária, à Igreja da Boa Viajem, ao Museu Histórico Abílio Barreto e à exposição "Florença: tesouros do Renascimento, período de 1.450 a 1.579", ao estádio de futebol Mineirão para assistir a um jogo de futebol e a um Shopping comercial; o trabalho coletivo de 15 alunos do ensino médio e de 04 professores de Caparaó e Alto Caparaó em Belo Horizonte para a 3ª Bienal de Extensão da UFMG e Dia da Amizade do COLTEC, no período de 19 a 24/09/2000 quando apresentaram, sob a orientação de um produtor rural "tacheiro", uma exposição interativa sobre os derivados do café, da cana de açúcar, da mandioca e do milho; visita ao Museu de Ciências Morfológicas do ICB/UFMG; participação em uma visita de campo à Gruta de Cerca Grande; visita à Cordisburgo/MG; visita ao Museu Guimarães Rosa; visita à Gruta de Maquiné; acompanhamento dos trabalhos dos jovens do Grupo Contadores de Estórias Miguilim, que contam e recontam as estórias de João Guimarães Rosa: as reuniões com os

---

1Coordenadores
Programa de Educação Ambiental em Caparaó e a proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem
Número de Registro SiexBrasil: 4208
Área Temática: Trabalho
Colégio Técnico do Centro Pedagógico da UFMG
Contatos: proj-caparao@coltec.ufmg.br e (31) 3499-4962

alunos do ensino médio de Caparaó e Alto Caparaó; participaram do trabalho de campo no Parque Nacional do Caparaó, com uma percepção e vivência ambiental nos picos da Bandeira (2.890 metros), do Calçado (2.766 metros) e do Cristal (2.789 metros), entre outros lugares, num total de 19 alunos do ano de 1999 e de 29 alunos do ano 2000 do COLTEC; reuniões e atividades de recreação, física e de dinâmica de grupo com alunos do 2º e 3º anos do COLTEC; seleção dos alunos – 12 alunos do 2º ano do COLTEC em 2001; recebimento dos equipamentos do sub-projeto "Fotovoltáico" da Secretaria de Educação Média e Tecnológica do Ministério da Educação pelo COLTEC/UFMG; estudo e preparação de um grupo específico de alunos para a montagem e funcionamento do subprojeto "Fotovoltáico"; pesquisa bibliográfica e produção caseira de doces, bolos, balas, pudins, sorvetes, mousses, licores, tortas, biscoitos baseados no café; vivência em um fazenda local produtora de cana-de-açúcar, melado, puxa-puxa, rapadura e açúcar mascavo, com a presença do produtor "tacheiro"; vivência em montanha, no Parque Nacional do Caparaó no período de 04 a 07/08/2001, num total de 19 alunos do COLTEC; reuniões com os alunos do ensino médio de Caparaó e Alto Caparaó; implementação de proposta de trabalho para os alunos do ensino médio de Caparaó e Alto Caparaó; trabalho voluntário de alunos do 3º ano do curso de Instrumentação do COLTEC/UFMG na restauração da rede elétrica da Escola Municipal da Fazenda Boa Vista em Caparaó/MG, 25 a 30/08/2002; vivência em montanha, no Parque Nacional do Caparaó, num total de 19 alunos do COLTEC. São estratégias: fomentar vivências de alternativas de renda para a comunidade; favorecer o resgate de valores culturais e da memória histórica da região; registrar as ações desenvolvidas na preparação dos jovens para os trabalhos junto ao Projeto; reforçar a instituição fazenda para ser reconhecida como centro educativo; contribuir na construção de empreendimentos individuais, grupais e coletivos; desenvolver habilidades de decisão, planejamento, comunicação; rejeitar a competição e o individualismo; trabalhar participativamente; contribuir para uma formação autônoma; proporcionar um sentido de prazer, de aventura, do maravilhoso. Propiciar a formação para o trabalho dos estagiários rurais envolveu atividades nos seguintes projetos: "Avaliação dos impactos ambientais do uso de agrotóxicos na micro bacia do Córrego do 'Vai e Volta'"; "Área de Proteção Ambiental Municipal de Caparaó"; Avaliação do impacto ambiental do uso de pesticidas em lavouras nos Municípios de Caparaó e Alto Caparaó – Minas Gerais: contaminação da água"; Avaliação dos impactos ambientais do uso de agrotóxicos na micro bacia do Córrego do Vai e Volta, Determinação da presença de pesticidas em alimentos nos Municípios de Caparaó e Alto Caparaó – Minas Gerais e seu conseqüente impacto ambiental, Avaliação da presença de pesticidas em amostras de solo nos Municípios de Caparaó e Alto Caparaó – Minas Gerais, e Plantas medicinais, raizeiros e hortas medicinais; "Estudo epidemiológico da Leishmaniose Tegumentar Americana nos municípios de Alto Caparaó e Caparaó – Minas Gerais; 2ª Conferência Municipal de Saúde de Alto Caparaó. O desenvolvimento de trabalhos cooperativos nas comunidades visava ofertar oficinas nas áreas da culinária, turismo, cultura etc. A Prefeitura Municipal de Alto Caparaó organizou sua Comissão Municipal de Emprego, para a implantação do Plano Municipal de Qualificação Profissional, ofertando vários cursos como: "Quitandas caseiras", "Licores de frutas", "Artesanatos e a civilização do bambu", "Comidas mineiras", "Bordados em ponto cruz", "Eventos para turismo", "Serviços de hotelaria", "Doces caseiros", "Administração de empresas agrícolas" e "Brasil empreendedor", para um total de 200 participantes, entre homens e mulheres, com a participação ativa da Escola Municipal "Eugênio Tavares da Silva". A Associação dos Feirantes foi criada com um total de 25 participantes, com o objetivo de demonstrar e oferecer à população e aos turistas os trabalhos artesanais próprios do município e a produção caseira de alimentos, doces, licores, quitandas, farinhas, polvilhos, pó-de-café, outros. Um diagnóstico da situação do mercado de trabalho do município e região foi realizado pela Prefeitura, Diretoria Municipal de Cultura. Foi solicitado então o apoio do projeto a este Plano Municipal de Qualificação Profissional, tendo sido desenvolvidos os seguintes cursos: "Comidas Mineiras", "Licores"; "Doces Caseiros – quitandas"; "Massas Caseiras"; "Ponto de Cruz"; "Arranjos Florais"; "Corte e Costura"; "Derivados do Café"; "Vagonite"; "Crochê"; "Richiliê ou Bordado Aberto"; "Doces Cristalizados"; "Pintura em Tecido"; "Reciclagem com Arte". O projeto envolveu profissionais locais como professoras nestes cursos, na 2ª etapa da qualificação, o que não tinha ocorrido na 1ª etapa (dois cursos em 08/2000). Observamos um aumento nas inscrições e freqüência dos cursistas (após 10/2000). No total foram qualificados 184 cursistas, entre crianças, jovens, adultos e idosos da comunidade de Alto Caparaó. Foram estratégias: envolvimento ativo dos diversos segmentos das comunidades; desenvolvimento de trabalhos voltados para o encontro entre os cursistas; oportunizar e incentivar grupos locais; oferecer atividades abertas à toda comunidade; fomentar vivências de alternativas de renda para a comunidade; favorecer o resgate de valores culturais e da

memória histórica da região; contribuir na construção de empreendimentos individuais, grupais e coletivos.

Resultados e Discussão

A “descoberta” por parte dos alunos de saber poder fazer é, com certeza, a grande mola impulsionadora do desejo de construirem algo de valor em suas vidas. Os problemas relacionados aos trabalhos comunitários dos alunos foram, dentre outros: a dificuldade de integração da Escola Estadual no projeto; a dificuldade na sensibilização de alunos do ensino médio dos municípios para participarem no Projeto; o trabalho diurno e as aulas noturnas dos alunos locais; as dificuldades na limitação do número de alunos do COLTEC/UFMG participantes no projeto; o processo de seleção dos alunos do COLTEC/UFMG.. A formação para o trabalho dos estagiários rurais neste projeto, deve ser avaliada pelo conjunto de suas atividades, publicações, relatórios curriculares e outros, nos diversos trabalhos nas áreas de meio ambiente e saúde. Talvez, hoje, o COLTEC/UFMG possa discutir as bases para uma nova abordagem de ensino/aprendizagem profissional. Os trabalhos cooperativos fomentados entre pessoas das comunidades podem ser avaliados positivamente, principalmente com a abertura de espaços para divulgação e venda de produtos manufaturados pelas mesmas, numa formação crescente como artesãos. Alguns problemas relacionados ao desenvolvimento de trabalhos cooperativos nas comunidades foram: as dificuldades na organização dos eventos; interrelacionamento das ações com a proposta de construção de uma comunidade de aprendizagem; a formação de um Grupo de Mulheres de Alto Caparaó foi prejudicada pelo processo eleitoral municipal.

Produtos Gerados

Curso: “Licores”, Alto Caparaó/MG, 08 a 12/08/00, professora Maria do Carmo Dornelas de Oliveira, 30 horas/aula, 07 alunos; curso: “Quitandas”, Alto Caparaó/MG, 08 a 12/08/00, professora Valdinéia Cunha Pena, 30 horas/aula, 10 alunos; curso: “Comidas Mineiras”, Alto Caparaó/MG, 12 a 14/10/00, professora Dalva Silva de Andrade Emerich, 30 horas/aula, 15 alunos; curso: “Massas Caseiras”, Alto Caparaó/MG; 05 a 09/11/2001, professora Dalva Silva de Andrade Emerich, 30 horas/aula, 28 alunos; curso: “Ponto de Cruz”, Alto Caparaó/MG, 24/04 a 02/05/2002, professoras Mirene Vieira Verly e Eloah Dias Santos, 40 horas/aula, 17 alunos; curso. “Arranjos Florais”, Alto Caparaó/MG, 24/04 a 24/05/2002; professora Misma Oliveira Silva, 40 horas/aula, 9 alunos; curso: “Corte e Costura”, Alto Caparaó/MG, 24/04 a 24/05/2002; professora Márcia Ângelo Machado, 60 horas/aula, 10 alunos; curso: “Derivados do Café”, Alto Caparaó/MG, 20 a 24/05/2002; professora Dalva Silva de Andrade Emerich, 30 horas/aula, 02 alunos; curso: “Vagonite”, Alto Caparaó/MG, 26/06 a 19/07/2002; professora Eloah Dias Santos, 40 horas/aula, 17 alunos; curso: “Crochê”, Alto Caparaó/MG, 26/06 a 19/07/2002; professora Mirene Vieira Verly, 40 horas/aula, 18 alunos; curso: “Richiliê”, Alto Caparaó/MG, 26/06 a 19/07/2002; professora Márcia Ângelo Machado, 40 horas/aula, 19 alunos; curso: “Doces Cristalizados”, Alto Caparaó/MG, 26/06 a 19/07/2002; professora Dalva Silva de Andrade Emerich, 40 horas/aula, 12 alunos; curso: ‘Pintura em Tecido”, Alto Caparaó/MG, 09 a 18/07/2002; professora Cleuza de Souza Moreira, 40 horas/aula, 11 alunos; curso: “Reciclagem com Arte”, Alto Caparaó/MG, 26/06 a 19/07/2002; professora Misma Oliveira Silva, 40 horas/aula, 09 alunos; relatório curricular: “Relatório Técnico - Setembro 1999 a Setembro 2000”,102 páginas; CERQUEIRA, A.P.L.; MATHEUS, R.; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2000; relatório curricular: “Projeto Caparaó: proposta de construção de uma comunidade de Aprendizagem”, SARAIVA, L.; 60 páginas; COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2002; relatório curricular: “Avaliação dos impactos ambientais do uso de agrotóxicos na micro bacia do Córrego do ‘Vai e Volta’”, BRAGA, L.Z.L.; 15 páginas, COLTEC/UFMG, Belo Horizonte/MG, 2003.

Conclusão

As estagiárias rurais assim relataram: Lara Saraiva - “Escrever o porque de querer fazer estágio rural no projeto Caparaó é relativamente fácil. Durante todo o tempo de que participei do projeto, gostei muito da forma como vocês trabalhavam com os alunos. A forma como o grupo foi tratado e trabalhado me despertou para muita coisa, além de achá-las muito interessante. Durante o projeto aprendi muita coisa, aprendi a aprender, um pouco melhor.”; Rejane Mateus - “Lendo os depoimentos dos alunos, a subida ao pico da Bandeira, o pôr do sol, as lágrimas, fica muito difícil entender o que faz dessa viagem inesquecível como eles dizem. Basta dar uma volta pela universidade que sempre encontramos alunos que falam, com brilho nos olhos, sobre Caparaó. Tem coisas que não dão para

entender sem viver. Fica difícil descobrir a intensidade do sentimento sem ter sentido. Estar em Caparaó é ter a chance de acreditar que posso, que sou capaz de superar meus medos, o medo da mudança, da distância, do fracasso, das dificuldades que possam surgir.”; Ana Paula Lima Cerqueira: “Caparaó, uma cidade que significa tanto para todos nós, pois nela está a luta de um projeto que vem sendo realizado ao longo dos anos. Onde está o meu desejo de participar desse projeto, que vem ajudando essa comunidade e os estagiários a crescerem.”. A aluna do COLTEC Lidiane Rezende Pereira escreveu: “Agora fica uma questão: como continuar no projeto? É algo mais além de eu ter qualidades que sejam importantes para o projeto. (...) Tenho vontade de ajudar e de aprender. Meus planos são de passar minha vida inteira aprendendo e um dia poder fazer um trabalho social, como vocês do projeto fazem.” Os alunos do ensino médio de Alto Caparaó relataram: “Por que eu quero participar do projeto? Eu me interessei pelo trabalho, essa é mais uma oportunidade de podermos estar aprendendo mais um pouco daquilo que gostamos de fazer.” Gerusa Werner Frossard: “Hoje (18/10/99) fomos para a fazenda de José Lima, no município de Caparaó Novo. Foi fantástico, nunca imaginei que eu, algum dia, iria para um canavial cortar cana. Já havia visto fazer rapadura, mas nunca tinha arregaçado as mangas e ido à luta. Só o trabalho de cortar, limpar, moer e cozinhar é muito pouco para vender para o comércio apenas por um real o quilo. Chegando ao final da tarde estávamos todos imundos e cansados, mas ainda tínhamos força para brincar um pouco. Foi muito bom estar na fazenda durante todo o dia, é uma forma de sair do método normal para aprendermos mais. É mais gostoso aprender assim ...” Os alunos do ensino médio de Caparaó escreveram: “A intensão do projeto é envolver a comunidade em união de total parceria, para que nós, jovens, possamos mudar as coisas que não foram bem sucedidas no passado e influenciarmos de forma saudável na melhoria de um futuro melhor. Na apresentação do projeto iríamos mostrar um pouco de nossa cultura e conhecer as culturas dos demais. Não tenho palavras para expressar o quanto foi importante o intercâmbio.” Miriam Pereira Fagundes; “No dia 11, em que explicamos os trabalhos, foi muito importante pelo valor que o povo de BH. tem com o nosso trabalho, o interesse, a educação, a amizade, eu estava fazendo sabão e ajudando na garapa quando chegava alguém para perguntar alguma coisa, eu respondia e essa pessoa que perguntou ficava ali conversando e nascia uma amizade, se fizermos um trabalho igual em Caparaó não aparecia um visitante e o que aparecesse era para debochar, trabalhos como esses em Belo Horizonte que abre os olhos e nos faz dar valor a nossa cultura.” Cleudson Rodrigues Muzzy; “Fiquei muito alegre de ter conhecido coisas novas, na verdade senti até famosos, de, de tantos reportes de jornais e televisão ter nos entrevistado, eu não achava que esse trabalho ia ser tão importante assim.” Wesley Lima Donádio; “Expomos nosso trabalho, e vimos os outros, o nosso trabalho eles adoraram e os trabalhos deles nós adoramos. Nos integramos muito com as pessoas da escola e de todo o projeto. No nosso projeto teve a colaboração e a participação de todos e também dos próprios alunos do projeto de Belo Horizonte que nos ajudaram muito.” Carla Nogueira; “Tentamos mostrar nossa cultura, por que as vezes não temos interesse algum. Pensamos que é bobeira mas para eles sim uma coisa bem diferente. Fiquei admirada com os trabalhos dos alunos, ficou interessante, e deu para perceber que eles esforçaram o máximo para fazer com que seja um trabalho arrasador. E gostaria também de dizer que nós possamos aprender e transmitir para eles o que sabemos.” Alessandra Silva Pereira. A consultora municipal Terezinha Moraes Pereira Paula assim se expressou: “Esses cursos, com os instrutores da própria cidade a partir de uma reunião preparatória, com debate sobre a metodologia e a importância cultural desses eventos, trouxeram incentivo maior para os cursistas. O aprendizado foi grande por parte dos alunos, com horas de experiências entre as famílias e a busca das origens de cada trabalho executado.”. Silésia Dias dos Santos, Diretora Municipal de Educação de Alto Caparaó, relatou: “Todos os presentes debateram amplamente a questão da importância do associativismo na produção coletiva de trabalhos, serviços e lucros, como também a qualidade dessa produção para a satisfação do consumidor e a preservação das raízes culturais e históricas da região.”

Parcerias
Fundação Oswaldo Cruz, Centro de Pesquisas René Rachou, Fundação Nacional de Saúde, Prefeitura Municipal de Governador Valadares, Secretaria Municipal de Saúde, Centro de Referência em Hanseníase, Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais, Diretoria Regional de Saúde – Manhumirim; COPASA, Laboratório Metropolitano, Fundação Ezequiel Dias, CETEC, Prefeitura Municipal de Caparaó/Diretorias Municipais de Educação, da Saúde e do Meio Ambiente; Prefeitura Municipal de Alto Caparaó, Diretorias Municipais de Educação, da Saúde e do Turismo e Meio Ambiente; IBAMA, Parque Nacional do Caparaó, Fundação W.K. KELLOGG..